O Guardião dos Sete Portais

Rubens Saraceni

Editor.

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa: Equipe Técnica Madras

Revisão:

Edson Narvaes Elaine Garcia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S245º

Saraceni, Rubens, 1951- O guardião dos Sete Portais/Rubens Saraceni.

São Paulo: Madras, 2005 ISBN 85-7374-823-0 1. Romance espírita. I. Título.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da Internet sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela

MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana CEP 02403-020 — São Paulo / SP Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP Tel.: (11) 6959.1127 — Fax: (11) 6959.3090 www.madras.com.br

Índice

Uma Palavra do Autor .

Introdução

Livro 1 — Hash-Meir — O Guardião dos Sete Portais

do Templo da Deusa Dourada

Capítulo 1

O Templo da Deusa Dourada

Capítulo 2

A Iniciação de Hash-Meir

Capítulo 3

A Pitonisa .

Capítulo 4

A Consagração de Hash-Meir e de Shir

Capítulo 5

Conhecendo os Mistérios do Fogo.

Capítulo 6

A Derrota do Mago Negro.

Capítulo 7

Os Destinos de Shir e Hash-Meir.

Capítulo 8

A Morte do Grande Mago da Luz Cristalina.

Capítulo 9

Surgem Novas Preocupações.

Capítulo 10

O Fim de Ptal.

Capítulo 11

O Fim de Hash-Meir.

Final.

Livro 2

— O Guardião das Sete Portas.

Capítulo 1

Ptal.

Capítulo 2

Ptal Assume os Domínios de Gamsór.

Capítulo 3

Ptal Reina nas Trevas.

Capítulo 4

Ptal Descobre a Si Mesmo.

Capítulo 5

Sépter-Real Assume Seu Grau.

Capítulo 6

Tatimét Assume Sua Realeza.

Capítulo 7

Hash-Meir é Colocado à Prova.

Capítulo 8

Ptal-Rei Reassume Seu Grau Original.

Capítulo 9

Ptal-Rei é Aceito e Incorporado às Hierarquias da Tradição Natural.Capítulo 10

Ptal-Rei Inicia o Sentinela nos Mistérios das Trevas.

Capítulo 11

O Mensageiro da Morte Atrai o Degrau de Memon-Ghur.

Capítulo 12

O Combate Final pelo Degrau.

Capítulo 13

Memon-Ghur Reassenta-se no Trono Regente de seu Degrau.

Capítulo 14

A Tradição Absorve Ptal-Rei.

Capítulo 15

A História de Memon-Ghur yê.

Capítulo 16

Uma Cilada para os Graus de Memon-Ghur yê.

Capítulo 17

A Luta Continua.

Capítulo 18

Sépter-Real Encontra o Amor de sua Vida.

Capítulo 19

Sépter-Real Afasta-se dos Guardiões da Lei nas Trevas.

Capítulo 20

Ptal-Rei, o Guardião das Sete Portas do Inferno,

Realiza seu Primeiro Julgamento.

Capítulo 21

Ptal-Rei Torna-se um Hierarca Natural da Tradição.

Capítulo 22

Sépter-Real torna-se um Yê Natural, ou Portador de uma

Missão Sagrada.

Capítulo 23

Meiman-Shur e o Guerreiro são Executados pela

Lei Guardiã dos Mistérios.

Observações.

Capítulo 24

Alguns Comentários Acerca da História de Algumas Religiões.O que são “Guardiões?

Uma Palavra do Autor

Nos tempos atuais muito se fala em iniciações, obrigações religiosas, seitas, cultos satânicos, igrejas donas da verdade. Todos se esquecem de que a humanidade é muito mais antiga do que tudo o que, tanto a história como a arqueologia, podem comprovar. A história precisa da comprovação das descobertas arqueológicas para provar o que ela registra nos livros sobre a Antiguidade.

Muitas vezes, não podendo comprovar materialmente as versões que passaram de boca em boca por milênios, alguns as julgam mais como histórias em vez de História.

Muito do passado foi deixado de lado por causa dessa falta de provas. O passado da humanidade é ensinado como folclore ou mitologia, histórias fantásticas de povos bárbaros ou, quando não, simples superstições. Tudo isso baseado no princípio de que nossos antepassados eram povos ignorantes.

Estão errados os que assim pensam.

A Terra sempre teve centros de poder político que irradiaram a sua crença religiosa para o resto do planeta. Mas nós podemos deduzir facilmente que o homem é tão antigo que não é possível precisar a sua origem com datas, nem com provas materiais.

Muitos tentam provar que nós somos produtos da evolução de alguma espécie irracional que concluiu para a racional.

Também estão errados os que assim pensam.

Nós somos o resultado de uma emanação do Divino, o Criador de tudo e de todos, o Ser Incriado, fonte de tudo o que nós podemos comprovar com alguns dos nossos sentidos.

Algumas pessoas possuem alguns sentidos a mais do que outras. Têm a mente aberta à pesquisa do oculto e, tentam, à maneira de pesquisadores do invisível, revelar o lado oculto à humanidade.

Muitos fazem descobertas fantásticas, só não têm como comprová- las, pois faltam provas que possam ser vistas pela maioria. Ficam frustrados por não serem bem entendidos; o homem racional não aceita o que não pode tocar. Mas os místicos não descartam nenhuma dessas descobertas. Procuram entendê-las e usá-las à sua maneira para fins específicos dentro de sua crença religiosa. Adaptam os conhecimentos que conseguem absorver em sua curta passagem pela carne para sedimentar no seu subconsciente as leis que regem o Cosmos.

São leis que as religiões adaptam aos povos e às épocas em que vivem. Com o passar do tempo, muitos conceitos religiosos são superados pela evolução das ciências humanas, mas os fundamentos, estes nunca mudam. Só são adaptados às regiões e aos povos com modos de vida diferentes.

Encontramos os mesmos fundamentos religiosos ou místicos em todas as épocas e em todos os lugares, alguns muito bem explicados e adaptados aos povos que os desenvolveram melhor. Só isso, nada mais.

Por mais que nossa mente evolua nas ciências ditas racionais, sempre vamos ter uma interrogação: de onde venho? Para onde vou?

Essa resposta os místicos a possuem, pois põem como origem do ser humano uma emanação do Divino, somos mais uma de suas infinitas criações.

Não teremos todas as respostas às nossas indagações, mas podemos buscar algumas, aprendendo a interpretar os mistérios sagrados que são comuns a todas as religiões. Todas

elas os possuem. Algumas os desvendaram em parte, mas nunca na totalidade. Não pesquisam, não evoluem neste sentido. Têm medo do que poderiam descobrir mais à frente. Talvez tenham medo de que, revelando algo mais, os seus dogmas se desfaçam como pó, que é o que são realmente diante da magnitude do criador de tudo e de todos. Não conseguem sentar-se à mesma mesa e juntar os seus símbolos sagrados num símbolo maior. Não compreendem que são apenas pequenas partes do todo e que, se juntassem essas partes num símbolo maior, ainda assim não formariam um só dos sete símbolos sagrados por completo. Guerreiam, discutem e nunca um consegue se impor por completo sobre a humanidade. Não compreendem que são apenas pedaços de uma peça muito maior, são apenas partes de um símbolo perfeito. Assim, tentam se sobrepor uns aos outros quando deveriam unir-se para ver o que formariam com a união.

Um símbolo sagrado na sua totalidade traz a perfeição em si mesmo, não deixa nada de fora, contém a essência do criador, essa fonte tão procurada e tão oculta.

As partes dos sete símbolos estão espalhadas por todo o planeta Terra. Quem tem um desses fragmentos, tem o elemento necessário para fundar uma religião, como nós as vemos hoje, mas não para dizer que é a melhor nem a mais perfeita das religiões existentes. Porque perfeita seria a religião que conseguisse, no seu todo, unir os elementos espalhados por todas as religiões.

Esta história que eu escrevo de uma forma um tanto oculta tenta mostrar, aos que se interessarem em lê-la, como só o saber oculto, na sua mais perfeita harmonia, pode reunir a maioria dos fragmentos de um símbolo sagrado, transformando-os em um poder fabuloso, desconhecido pela maioria da humanidade.

Não nos é possível revelá-los no seu todo.

Não é permitida a revelação do todo sagrado, mas é possível, de uma forma velada, mostrar que aquilo que muitos tanto procuram existe e está ao alcance, basta ter paciência e perseverança para ir recolhendo os pedaços espalhados em todas as religiões. Nenhuma delas é possuidora da verdade absoluta, pois isso o próprio Criador não o permite.

Nem a nós foi dado conhecer os sete símbolos sagrados na sua totalidade, apenas partes de cada um. Mas isso é o suficiente para nos tornar mais sábios que a maioria em relação ao sagrado.

Que cada pessoa ao ler esta história comece ajuntar os pedaços dos símbolos sagrados espalhados por todas as religiões. Mas não as olhe com qualquer tipo de preconceito, pois todas, desde as mais antigas até as mais recentes, têm o amparo do Ser Incriado, em todas elas passa a Sua essência sagrada, Sua seiva divina a alimentá-las e Sua luz pura a iluminá- las.

Quando encontrar a essência de uma religião, já terá encontrado uma parte de um símbolo sagrado.

Assim é a história do misticismo, uma busca eterna do Ser Sagrado.

Todos nós somos místicos, só que alguns não o sabem e outros não o compreendem, vagam de Templo em Templo em busca do seu elo perdido.

Rubens Saraceni

Introdução

Minha mente, como por uma mágica, volta ao passado — milênios atrás — para trazer ao presente uma história que é baseada só nos princípios da magia sagrada do grande círculo do grande oriente.

Busca num tempo em que não há registros históricos, mas é aí em que se encontram todos os fundamentos de quase todas as grandes religiões atuais. Situa-se num tempo em que o que hoje tratamos pelo termo magia é apenas um fraco arremedo do passado. Os que hoje se denominam grandes magos, são apenas sombras de um passado, oculto e esquecido pela humanidade.

Talvez seja melhor que seja assim, que os magos atuais já não possuam o mesmo poder, pois era um tempo em que os homens acumulavam grandes poderes sobre o mundo sobrenatural. Era um tempo em que os guardiões dos mistérios sagrados viviam em constante combate com as poderosas forças das trevas.

Foi dessa época que nos chegaram fragmentos para compor esta obra que, com certeza, despertará o interesse dos que apreciam o ocultismo e por meio dele tentam encontrar suas origens, seu ancestral místico, suas histórias esquecidas pelo sucessivo ir e vir do espírito eterno nas suas reencarnações.

Foi assim, buscando no passado já esquecido, que encontramos Hash- Meir, um mago do grande círculo do grande oriente que desde o nascimento foi preparado para enfrentar e vencer Ptal, a encarnação do Grande Guardião das Sete Portas das Trevas.

Hash-Meir ora caminha na luz, ora nas trevas, mas sempre com um objetivo: vencer Ptal, o que vinha das trevas para destruir os Templos onde reinava a luz.

Foi uma luta de forças poderosas. Todo o poder da magia branca e negra foi usado por Hash-Meir para vencer os magos negros que amparavam Ptal, o general das trevas, que lançou os fundamentos do que seria mais tarde o grande Egito dos Faraós. Não podemos dizer com certeza se

Os Guardiões dos Sete Portais

Hash-Meir venceu ou perdeu, pois no final de todo o seu esforço viu erigir a casta dos grandes hierofantes ou sacerdotes do divino faraó em que o saber foi ocultado por sucessivas

gerações, dando o poder a homens às vezes sábios, às vezes frios carniceiros, para os quais a vida de um ser humano valia menos que a de um animal irracional.

Mas como ninguém consegue fugir ao seu destino, Hash-Meir não fugiu ao seu.

É baseada neste princípio que iniciamos nossa história, um conto que encantará a quem se interesse por seu desenrolar.

Taluiá Heniê MA..

Livro I

Hash-Meir

O Guardião dos Sete Portais do Templo da Deusa Dourada

CAPÍTULO 1

O TEMPLO DA DEUSA DOURADA

Nossa história começa pela localização do Templo da Deusa Dourada. Ficava diante do estreito de Ormuz, na Pérsia, num tempo em que ela não tinha este nome.

Os nomes usados neste livro são adaptações do som que nos vêm do passado, guardam sua essência, seu significado, mas a grafia correta já não é mais possível, pois a sua forma já se perdeu no tempo, como muitas coisas boas também se perderam com isso.

Foi nesse lugar que nasceu Hash-Lohar, filho do mago Hash-Masher.

Hash-Lohar era um mago do Templo da Deusa Dourada, era o mago da pedra verde. Naquela região imperava o culto à Deusa Dourada, senhora da Terra, das colheitas e da vida. O lado feminino ou o lado gerador do Senhor sem Face, Senhor da Luz Cristalina, criador de tudo e de todos.

O Senhor sem Face era simbolizado por uma estrela de cinco pontas, e a Deusa Dourada, deusa da Terra, por um círculo dividido em oito partes por raios que partiam do centro encimado por uma estrela, a estrela da luz divina. Trazia na parte debaixo os símbolos da magia negra. Quem se fizesse mago no seu Templo tinha que escolher um dos raios com sua cor correspondente, o raio que conduzia à estrela que encimava o círculo pertencia aos Grandes Magos da Luz Cristalina, os que dirigiam o Templo. A força que aquele Templo irradiava ultrapassava as fronteiras da nação de Hash- Lohar. Os magos eram admitidos só

após longo período de provas; se passassem por elas, então eram iniciados nos seus mistérios. Após adquirirem todo o saber eram mandados a caminhar pelo mundo levando todo o poder que o Templo irradiava. Eram homens já maduros quando saíam dele. Podiam se casar e constituir família só após encontrar um lugar que achassem apropriado para dali espalhar as suas doutrinas.

O pai de Hash-Meir partiu depois de longo aprendizado no Templo. Caminhou por muito tempo, até que chegou a uma aldeia próxima ao lugar em que atualmente se situa a cidade síria de Alepo. Gostou do lugar e aí começou a criar suas raízes. Contava com 30 anos de idade quando chegou à aldeia. O lugar era habitado por povos semitas. Alguns anos mais tarde, casou-se com uma moça nascida na aldeia, filha de pequenos agricultores.

Logo nasceu Hash-Meir. Desde os primeiros anos o pai começou a prepará-lo para seguir o mesmo caminho dele na seita da luz. Queria que o filho um dia fosse um mago também, pois ao nascer buscou o passado dele e o localizou como servidor do ainda desconhecido Oráculo de Delfos, que ficava em Terras longínquas. Tinha uma vida anterior mística, agora teria oportunidade de atingir alto grau de espiritualização. Poderia ser o mago de uma das sete cores, das sete pedras da luz. O Arco íris Sagrado.

Nos primeiros anos de vida vivia como uma criança normal, agia como tal, mas quando atingiu os 5 anos começou a demonstrar um estranho poder de premonição. Tudo o que falava acontecia. Um dia disse ao pai que tinha visto a mãe morta, caída no chão com uma lança atravessada no peito.

Hash-Lohar assustou-se com as palavras do filho e acreditou, pois ele chorava muito de tão assustado que havia ficado. Perguntou-lhe então:

— Você sabe quando isso vai acontecer, Hash-Meir?

— Não papai. Só vi o corpo dela caído. Não sei quando.

Aquilo não ajudava muito. Como seria e, principalmente, quando? Quais as medidas a tomar para evitar?

Não conseguia ver nada. Os cristais só mostravam sombras, nunca rostos. Isso era mal pois antes os cristais sempre o ajudavam, mostrando os lugares e os rostos, nunca sombras.

Melhor tomar certas precauções, pensou.

Mas de nada adiantaram as prevenções, logo viu acontecer a profecia. A aldeia em que morava foi saqueada por um bando de cavaleiros armados. À frente deles, um jovem imponente a dar ordens trazia tatuada no peito uma cobra negra. Era Ptal, o general das trevas. Contava com uns 16 ou 17 anos no máximo e já comandava uma horda de cruéis guerreiros.

Enquanto saqueavam a aldeia, a mãe de Hash-Meir o protegeu de um daqueles cruéis homens com o próprio corpo.

Foi atingida pela lança que lhe varou o corpo na altura do peito.

Os aldeões foram reunidos logo na aldeia e lhes foi dito que agora eram escravos do pai de Ptal, o grande conquistador negro que vinha do sul, cujo reino ficava às margens do grande rio que nascia no coração do continente negro. Seu avô viera do continente negro, comandando um grande exército de guerreiros. Chegava à desembocadura do Nilo, a grande serpente negra que vinha rastejando por milhares de quilômetros até o grande lago salgado.

O pai consolidara o reino e agora começava a estender os seus tentáculos em volta dele. Entre seus generais, Ptal, a cobra negra, já se destacava pelo vigor físico e também pela crueldade. Todos o temiam, pois era implacável na sua crueldade.

O pai de Hash-Meir foi levado à frente de Ptal. Este olhou para Hash- Lohar e perguntou:

— Você é o chefe desta tribo?

— Não, meu senhor, o chefe morreu, sou apenas um humilde aldeão que cuida da saúde das pessoas.

— Eu o nomeio o novo chefe. Tratem de produzir muitos cereais, pois logo voltaremos e levaremos uma parte deles. Quanto mais produzirem mais sobrará para vocês e, se nada encontrarmos quando voltarmos aqui, todos morrerão.

— Sim, meu senhor, nós nos esforçaremos ao máximo.

Ptal ainda avisou-os de que por aquela região ficariam soldados seus e a aldeia que tentasse mudar para outro lugar mais distante seria massacrada. Após falar isso, partiram.Hash-Lohar conversou com os outros moradores do lugar. Todos concordaram em ficar, não havia outro meio: não eram guerreiros, não tinham as mesmas armas para lutar e seriam vigiados. Melhor colaborar para sobreviver. Enterraram os que haviam sido mortos só para servir de amostra da crueldade dos novos senhores de pele queimada, quase negros.

A irmã de sua esposa perdera o marido. Ficaram só ela e a pequena filha, que contava com 7 anos de idade.

Algum tempo depois, chegou à aldeia um velho de longos cabelos brancos, vinha do Templo da Deusa Dourada à procura de Hash-Lohar. O Grande Mago da Pedra Cristalina o mandara. Viajava há sete meses. Vinha buscar Hash-Meir. Iam precisar dele para o futuro. Hash-Lohar tentou dizer que só tinha o filho para lhe dar alegria, que não podiam pedir aquilo a ele.

O velho mensageiro lhe contou que o Grande Mago tinha visto Ptal em um sonho e que Hash-Meir era a única pessoa que poderia com ele, pois era a reencarnação de um sacerdote dos oráculos e, se devidamente preparado, poderia, no futuro, envolver Ptal, o general das trevas, encarnação do Guardião das Sete Portas das Trevas, pois sempre saberia com sete meses de antecedência o que iria acontecer. Assim, poderia destruir os magos negros que habitavam no reino do pai de Ptal. Disse-lhe também que o Grande Mago vira o Templo da Deusa Dourada sendo destruído pelos soldados de Ptal, instigado pelos magos das trevas que o cercavam.

O objetivo deles era destruir todos os Templos da Luz. Hash-Meir tinha de ser preparado para ser o Guardião dos Sete Portais da Luz.

— Mas de que adianta prepará-lo se o Templo será destruído? — perguntou Hash-Lohar.

— No tempo certo, ele envolverá Ptal e quebrará o poder dos magos negros que o cercam. Assim, Ptal começará a perder o seu poder, do contrário ele instalará o reino das trevas sobre esta parte do mundo até o rio sagrado Ganges.

O Mago da Pedra Verde por fim concordou; melhor deixar o Grande Mago da Pedra Cristalina fazer o que tinha que ser feito. Só impôs uma condição: que a filha da irmã de sua esposa fosse levada junto com Hash- Meir. Queria afastá-la das garras daqueles homens cruéis, pois os vira levarem muitas mocinhas como escravas. Quando Shir crescesse mais um pouco seria levada também, pois era muito bonita.

O velho concordou em levar Shir. Ela poderia ser iniciada para ser uma sacerdotisa da Deusa Dourada.

Partiram à noite. Só caminhavam à noite, pois não queriam ser pegos de surpresa. Viajaram por outros sete meses até chegar ao Templo da Deusa Dourada.

Quando Hash-Meir e Shir foram levados aos magos, estes olharam e aprovaram os dois.

Hash-Meir tinha tudo para ser um bom Guardião dos Sete Portais de Luz. Logo começariam a sua preparação.

Shir também seria consagrada à Deusa Dourada.

Quando Hash-Meir atingiu os 7 anos de vida, foi iniciada a sua preparação.Teve o corpo lavado com água da fonte e foi todo incensado. Até aí o menino estava gostando. Quando foi levado à sala dos magos, ficou assustado, pois já vira aquela sala antes, numa de suas premonições, e lembrava-se de ter chorado muito.

O Grande Mago da Luz Cristalina lhe mostrou o lugar onde havia um braseiro, e em cima das brasas, umas pedras sendo aquecidas. Iam marcá- lo com os sete símbolos sagrados. Doeria muito, mas era necessário aquilo para o seu próprio bem e do seu pai também.

O menino estava assustado demais, pois conhecia a dor do fogo. Já sofrera uma queimadura e sabia como doía.

O Grande Mago lhe disse que não ia sentir a dor ao ser queimado, só depois, mas passariam uma pasta para aliviá-la.

Por alguns dias sofreria, mas logo estaria bom novamente. Disse-lhe que com isso um dia iria salvar muitas vidas e que só o faria se ele concordasse.

— E eu salvarei Shir também, Grande Mago?

— Sim, Hash-Meir, você saberá como salvá-la na hora certa, — falou o Grande Mago.

— Então eu deixo, disse o menino.

O Grande Mago hipnotizou-o e, depois de certificar-se de que Hash- Meir estava insensível à dor, iniciou a cerimônia.

CAPÍTULO 2

A INICIAÇÃO DE HASH-MEIR

Hash-Meir começava a se tornar, aos 7 anos de idade, o mais novo Guardião dos Sete Portais de Luz, o único capaz de bloquear a expansão de Ptal, o General das Trevas, encarnação do Guardião das Sete Portas das Trevas, por onde já haviam se levantado muitos demônios poderosos, que tinham os seus templos macabros erigidos em todo o reino do pai de Ptal, a serpente negra.

Logo os magos iniciaram os cantos sagrados de consagração de Hash- Meir. Após o primeiro canto, uma pequena pedra com uma estrela de cinco pontas esculpida em linhas finas e aquecida ao máximo foi passada às mãos do Grande Mago. Este a segurou pelo cabo que a sustinha e, pegando a mão direita de Hash-Meir, abriu sua palma e o marcou com a estrela. A carne da palma da mão do pequeno ardeu com o calor; o ambiente ficou com cheiro de carne queimada. Estava marcado com o símbolo da luz.

Depois uma segunda pedra foi passada às mãos do Grande Mago, após outro canto. Na palma da mão esquerda foi marcado um símbolo que continha duas cobras entrelaçadas sobre uma cruz invertida, o símbolo do domínio sobre as trevas.

Depois de mais um canto veio a terceira marca: o símbolo da Deusa Dourada sobre o peito esquerdo, sinal que carregaria em seu coração para sempre.

Depois, o quarto sinal sobre o peito direito, o símbolo da pedra da lei para guiá-lo sempre pela senda da luz.

Depois, o quinto sinal: duas espadas cruzadas sobre as costas da mão direita, símbolo de que lutaria pela luz.

Depois, o sexto sinal: uma seta atravessando uma estrela foi marcada sobre as costas da mão esquerda; símbolo que significava levar a luz onde reinassem as trevas.

Por fim, o sétimo sinal: dois raios e um sol foram-lhe marcados na testa, símbolo da luz sendo emanada do sol como raios a iluminar sua cabeça e também símbolo de que da sua mente partiriam raios para destruir os inimigos ocultos nas trevas.

Ainda hipnotizado, foi novamente lavado com a água da fonte e incensado. Estava terminada a iniciação, depois lhe passaram uma pasta verde sobre os sinais para evitar que viessem a inflamar, pois tinham de ficar perfeitos, com as linhas bem claras e a pasta verde faria isto. Eles já conheciam o seu poder, pois todos tinham uma das sete marcas, mas nenhum tinham as sete. Só os Guardiões dos Sete Portais de Luz as possuíam. Após tudo isso feito, o Grande Mago Branco tirou-o do estado hipnótico.

Quando Hash-Meir voltou a si, foi sentindo a dor das marcas cada vez mais forte. Chegou ao ponto em que os gritos de dor já não eram suficientes para acalmá-lo. Foi-lhe dada uma taça com uma poção e logo ele adormeceu sob o seu efeito sedativo.

Ele estava marcado para sempre como o Guardião dos Sete Portais de Luz, o único capaz de deter Ptal, o general das trevas, encarnação do espírito Guardião das Sete Portas das Trevas. O que tinha vindo para instaurar um reino das trevas.

Por vários dias o menino foi mantido sob o efeito das poções sedativas, só ficando acordado para se alimentar. Ao fim de sete dias, já não tomou mais as poções, conseguia resistir à dor. Quando as marcas se curaram, foi novamente levado à sala dos magos. Cada um deles examinou os símbolos e todos os aprovaram. Tinham ficado perfeitos. Para tirá-los, só cortando fora a pele onde estavam marcados.

Hash-Meir foi saudado por todos os magos como o mais novo Guardião dos Sete Portais da Luz. O menino ficou envaidecido com isto. O Grande Mago da Luz Cristalina deu um sorriso imperceptível; o menino agia como ele esperava. Não queria um ser sem vida, mas sim alguém com todos os defeitos e qualidades de um homem comum. Eles não podiam lutar com Ptal, mas ele poderia. Tinha o mesmo instinto de Ptal, mas ia direcioná-lo com equilíbrio para a luz, não para as trevas.

Alguns dias depois, o mago perguntou a Hash-Meir o que vira nos dias em que ficara sobre o efeito da droga.

— Eu vi um lugar cheio de mulheres muito bonitas, Grande Mago. Eu tentei tocá-las mas não podia, minhas mãos passavam pelos seus corpos.

— E como elas eram Hash-Meir?

— Tinham os cabelos longos, parecia que nunca haviam sido cortados. Caíam pelas costas indo até as pernas.

Ele ficou encabulado, e não falou mais nada.

— Continue, Hash-Meir.

— Eu tenho vergonha de falar.

— Eu estou aqui só para ouvir, não para censurá-lo. Não me incomodo de ouvir o que tem a dizer, só que preciso saber de tudo. Não me esconda nada, continue.

— Bem, eu as olhava porque estavam sem roupas, não eram como as mulheres daqui que cobrem o corpo.

— Conte-me como eram. Deviam ser muito bonitas, não? — Incentivou o Grande Mago com um olhar que demonstrava interesse no assunto.

— Sim, eu ficava sempre a espiá-las, todas as vezes que dormiam. Gostava de olhar os seus corpos, vê-las tomando banho, ou dormindo. Só que eu não conseguia sentir o corpo delas. Minhas mãos atravessavam os seus corpos, só isso, Grande Mago.

— Está bem, Hash-Meir, eu fiquei contente em ouvir os seus sonhos, mas lembre que foram só sonhos, nada mais. Procure esquecê-los, está bem?

— Sim, Grande Mago, eu vou esquecê-los. Não vou mais me lembrar delas.

O Grande Mago se retirou, sorria levemente. Hash-Meir voltara ao oráculo onde as mulheres eram levadas ainda meninas e consagradas para servi-lo por toda a vida. Ele já fora o seu grande sacerdote. O que vivia no meio das profetisas. Ainda guardava as lembranças do prazer que usufruíra na vida passada. Tinham que controlar isso nele, mas não destruir esse lado. Um dia isso seria muito útil. Era só ter paciência e inteligência. Hash- Meir venceria Ptal, o general das trevas. Assim estava escrito nas pedras da lei. Assim se sucederia.

O tempo foi passando e Hash-Meir aprendendo com os magos todos os mistérios sagrados, todas as magias da luz, o poder das sete pedras e das sete cores. Enfim, tudo o que alguém tinha de aprender para ser um Guardião das Sete Portas da Luz. Era sempre vigiado por alguém que depois falava o que vira ao Grande Mago.

Enquanto isso, sempre chegavam mensageiros de lugares longínquos trazendo notícias sobre o reino de Ptal. O pai morrera e este o sucedeu no poder total. Agora, Ptal era um instrumento perfeito dos magos das trevas.

Seu reino tinha crescido muito. Os cultos eram praticados com sacrifícios humanos às divindades das trevas. Os deuses sanguinários haviam voltado ao poder. E Ptal abrira todas as portas das trevas para eles por meio de seus sacerdotes cultuadores do sacrifício de seres humanos.

Seus exércitos eram poderosos, os seus generais escolhidos a dedo pelo próprio Ptal. Logo chegaria o tempo da profecia. O Templo da Deusa Dourada seria destruído para sempre. Ele que existia há tanto tempo que não era possível contar nos dedos das mãos os séculos de sua existência.

Tinham de preparar bem Hash-Meir para envolver Ptal e destruir sua força terrível.

Sempre que recebia os relatórios orais dos que vigiavam Hash-Meir, o Grande Mago ficava a meditar em como conciliar numa só pessoa os dois poderes: o positivo e o negativo. Um dia, quando Hash-Meir já contava com 12 anos, perguntou ao relator.

— Por quais sacerdotisas ele demonstra mais interesse?

— A primeira é a própria prima, Shir, e as outras são um pouco mais velhas, mas ainda jovens, e com os cabelos compridos a lhes cobrir as costas.

— Você saberia mostrar quais são elas?

— Sim, Grande Mago.

— Pois então traga-as aqui. Menos Shir, pois quero-a fora da conversa que terei com elas.

E o Grande Mago logo as tinha à sua frente.

— Vocês, a partir de hoje, vão começar a receber todos os ensinamentos para serem portadoras do saber e do poder do Templo da Deusa Dourada. Quero que comecem a atrair Hash-Meir para junto de vocês, mas de forma a não despertá-lo para o passado. Façam-no ser

escravo de vocês sem que ele perceba e procurem realçar a parte nobre de um homem, não a perversa. É hora de pensar no futuro, mas temos que agir agora.

— Mas como devemos agir, Grande Mago?

— Eu não quero só um mago em Hash-Meir, mas também um guerreiro que lute pelo que deseja. Assim forjaremos seu caráter. Vocês receberão instruções do mago que controla o portal dos desejos. Ele as instruirá sobre como agir para controlar esse lado de Hash-Meir. E hora de domar o passado antes que se perca de nosso controle.

E assim, sempre sob vigilância, Hash-Meir foi sendo levado ao convívio das moças escolhidas. Era guiado e não sabia, nem podia saber, pois senão se perderia.

Elas conviviam mais com ele, despertavam seu interesse, mas sem atiçar as recordações do passado. Hash-Meir já não voltava mais ao Oráculo de Delfos para tentar tocar nas suas sacerdotisas sem nada sentir, a não ser decepção. Agora tinha corpos reais que, sem que percebesse nada, faziam-se tocar, mostravam-se mais e mais a ele.

Chegaram a convidá-lo a tomar banho junto com elas.

— Não, se o Grande Mago souber, ele me põe para fora. Eu não posso decepcioná-lo, não depois de tanto trabalho que tiveram comigo.

— Não se preocupe, nós vigiamos e se vier alguém nós o escondemos.

— Não, eu tenho medo, não vou fazer isso.

— Mas você não gosta de nós?

— Sim, mas não me vou arriscar, vocês também podem ser expulsas.

— Bom, se você é um covarde, então nós não queremos mais sua companhia.

— Eu não sou um covarde, olhem só estas marcas, eu tive coragem.

— Só depois que o Grande Mago o hipnotizou, você foi marcado.

— Mas depois eu senti as dores do mesmo jeito.

— É, mas ficou tomando a droga do sono, e uma de nós ouviu sua conversa com o Grande Mago: você fugia do corpo para ir junto das moças do oráculo, ou pensa que não sabemos disso? Eu acho que você vai todas as noites tentar tocá-las.

Hash-Meir estava abobalhado diante daquelas moças. Chamavam-no de covarde e ainda conheciam os seus sonhos.

— Pensa que não percebemos quando fica nos olhando no banho? Provocou outra.

— Vocês já me viram espiá-las?

— Sim, e fazemos de conta que não o vemos só para ver sua cara durante o sono. Você fica sonhando e falando sozinho. Será que você prefere os corpos que não pode tocar? Ou será que não somos tão bonitas como os seus fantasmas?

— Sim. Diga-nos, nós somos mais bonitas ou mais feias que elas? — falou outra das moças.

— Bem, eu não sei dizer. Elas eu vejo de perto e vocês eu vejo de longe.

— Então olhe para nós de perto, — falou uma delas e a seguir tirou a longa veste.

Hash-Meir se assustou com o que viu. Aquilo era real, não um sonho.

Logo as outras despiram as longas vestes. Todas estavam nuas, como nos sonhos. Estava assustado, não sabia o que fazer, aquilo era real.

— Vamos, o que nos diz? Somos mais bonitas ou mais feias que elas?

— Bem, eu não sei dizer ao certo, estou muito assustado. Acho que não sei dizer quais são mais bonitas.

— Então venha aqui, falou a primeira que havia se despido.

— Eu já disse, estou assustado, — falou Hash-Meir.

— Então, eu vou até você. Quero que me toque e sinta como sou real, muito melhor que as dos seus sonhos. A seguir se aproximou e pegou a mão dele, passando-a pelo corpo.

Logo outra fez o mesmo, e outra, e mais outra.

Hash-Meir não sabia mais o que fazer. Tocava agora em corpos reais, quentes como o seu. Elas estavam também gostando da brincadeira. Logo ele as tocava sem pudor. Matava um longo desejo. Aquilo era real, quem precisava sonhar quando tinha o real à mão?

Olhou para a porta, estava trancada, não tinha ninguém a espioná-lo. Deu vazão a todo o desejo reprimido. Ficou tanto tempo junto delas que já não se lembrava mais dos horários. Quando saiu de lá, já tinha esquecido dos sonhos e ainda o haviam convidado a ir quando quisesse.

Já não precisava mais espioná-las no banho, agora podia tocá-las quando quisesse. Os dias foram passando e Hash-Meir, com quase 13 anos, já sabia como era bom estar junto de uma mulher. Sentir o seu calor. Era um homem completo, só que ainda jovem.

Mas, à medida que mais e mais foi visitando-as às escondidas, ia se enfraquecendo. Estava se esgotando. Não via a hora de poder descansar, mas logo cedo vinham acordá-lo para os deveres. Fazia tudo com desânimo. Começou a sentir-se culpado. Era errado o que vinha fazendo. E as moças a pressioná-lo. Queriam-no de qualquer jeito. Já se sentia prisioneiro delas. Achou melhor falar com o grande Mago antes que ele descobrisse tudo e então ficasse muito triste. Melhor contar tudo de uma vez e sair do Templo. Assim outro assumiria o seu

lugar. Não queria isso, mas fora o culpado de tudo. Quem mandou sentir tanto desejo por elas? Agora não podia se livrar delas sem decepcionar a quem tanto tinha confiado nele.

Foi até o Grande Mago e contou-lhe tudo, sentia vergonha, mas não ocultou nada.

O Grande Mago, após ouvi-lo, ficou pensativo por um instante, depois

falou:

— Por que você veio me contar tudo?

— Eu já não agüentava mais, elas vinham atrás de mim a todo momento, não me deixavam em paz, eram muitas e todas me queriam, eu não podia viver mais com isso. Além de não agüentar mais, eu tinha a minha consciência a me acusar. Eu estava traindo o senhor também, nunca vou ser um Grande Mago como o senhor.

— Diga-me, Hash-Meir, se fosse só uma você viria me contar? Não minta agora.

Depois de pensar um pouco, respondeu:

— Acho que não, ia ficar com a consciência a me acusar mas não viria, porque assim eu agüentaria, mas com tantas eu me esgotei.

— Então vou lhe dizer uma coisa. O homem que carrega uma carga grande se cansa logo. Já o que carrega um pequeno peso vai muito mais longe, não é mesmo?

— Sim, Grande Mago.

— E um homem que carrega algo que é seu não precisa ter o trabalho de ficar se esforçando para não ser visto com o que não lhe pertence e nem tem de se esconder para não ser descoberto, não é verdade?

— Sim, Grande Mago.

— E o que não está bem preparado não realiza um bom e grande trabalho, não é verdade?

— Sim, Grande Mago.

— Pois então ouça: quando eu lhe perguntei o que aconteceu durante o seu sono após as marcas dos símbolos, você se lembra do que me disse? Eu me lembro dos seus sonhos.

— Sim, eu me lembro, Grande Mago.

— E você não ficava a espionar as moças daqui para ver se eram iguais aos seus sonhos?

— Sim, Grande Mago.

— E você não queria tocá-las, sentir seus corpos quentes?

— Sim, Grande Mago. Eu não conseguia controlar isto.

— E você finalmente tocou-as, banhou-se com elas e ficou até altas horas da noite na companhia delas.

— Sim, eu fiz tudo isso.

— E você teve controle sobre elas?

— Não, Grande Mago.

— E você conseguiu satisfazer a todas elas?

— Não, Grande Mago.

— E você ainda quer ter todas elas para você?

— Não, Grande Mago.

— Você acha que o que não controlava antes agora já está saciado?

— Sim, Grande Mago.

— Então me diga, Hash-Meir, que lição você tirou de tudo o que aconteceu?

— Que eu não soube ver o perigo que os meus desejos me traziam e não soube controlá-los. Se eu os tivesse combatido em vez de atiçá-los, eu os teria controlado. Então, no tempo certo, eu faria tudo, mas sem ter me esgotado e nem me sentido culpado tentando ocultar algo do senhor. Não teria decepcionado o senhor nem visto como sou fraco em relação a mim mesmo, devia ter antes pesado as consequências. Acho que aprendi uma lição, pena que agora eu tenha de partir.

— Você não tem de partir. Eu deixei que isso acontecesse para que tirasse uma lição. A cobra que dá o bote antes de ter a presa à sua frente pode vir a levar uma paulada na cabeça ou errar o bote e abocanhar o vento. Seja como as cobras espertas, saiba quando dar o bote. Então apanhará sempre a presa certa e nunca aja como o ladrão, que tem de ocultar o objeto conseguido.

— Entendi a lição, Grande Mago. Perdoe-me.

— Então você está preparado para receber o símbolo final dos grandes guardiões da luz?

— Sim, Grande Mago da Luz Cristalina, eu estou.

CAPÍTULO 3

A PITONISA

Nos dias que se seguiram, Hash-Meir falou com as seis moças e contou-lhes que conversara com o Grande Mago da Luz, e que agradecia por terem-no ajudado a se livrar dos sonhos que

tanto o perseguiam, nunca iria esquecê-las. Morariam por toda a eternidade em seu coração. Não as abandonaria nunca, mas saberia como se comportar.

Logo foi providenciada a cerimônia de admissão final do mais novo Guardião dos Sete Portais da Luz do Templo da Deusa Dourada.

Hash-Meir foi levado até a sala dos magos. Ao olhar para a pedra que ardia sobre o braseiro, um arrepio percorreu-lhe o corpo de cima a baixo. Desta vez não seria hipnotizado pelo Grande Mago, sentiu um medo arrepiante. O Grande Mago mandou que trouxessem Shir à sua frente.

— Por que isso, Grande Mago? perguntou Hash-Meir.

— Shir é a reencarnação do espírito da Grande Pitonisa de Delfos. Ela o acompanhará de hoje em diante assim como as outras seis moças que o seguirão para melhor servirem à Deusa Dourada.

— Não entendi, Grande Mago, falou Hash-Meir.

— Vou lhe explicar tudo. Há anos, muitos anos, um dos magos foi até o oráculo para saber sobre a profecia que falava sobre o desaparecimento do culto à Deusa do Templo Dourado. Foi-lhe dado um oráculo, o mais longo até hoje dado a qualquer consulente. Seria no momento em que o filho do incesto da grande pitonisa com Píton, a serpente do oráculo, recebesse os sete símbolos sagrados. E novo oráculo foi pedido. Quando se daria isso? Isso se daria quando Ptal, a serpente negra, viesse à carne. Ptal voltou e você já o viu quando tinha 5 anos. Lembra-se?

— Sim, Grande Mago, foi ele o homem que matou minha mãe.

— Eu vou agora interpretar todo o simbolismo do oráculo. A grande pitonisa era muito bela. A grande serpente, que era cuidada por ela, acabou se encantando por sua beleza. Começou a encantar a pitonisa, até que um dia lhe passou um mistério. Ela, como já estava encantada, realizou o mistério. A grande píton assumiu a forma de um homem e então amou a sacerdotisa. O oráculo, que não tinha forma visível, primeiro tomou o corpo da sua simbolização, a grande píton, para encantar a grande pitonisa, a sacerdotisa que cuidava para que o culto ao oráculo fosse consultado. O oráculo conseguiu o que tanto desejava. O ser encantado que dava os oráculos aos consulentes e sua sacerdotisa se uniram no ato incestuoso e dele nasceu um filho. A sacerdotisa o criou e o tornou o grande sacerdote do Oráculo de Delfos. Os sonhos que você tinha ainda eram lembranças daquele tempo, quando era o grande sacerdote de delfos. Nós tínhamos que livrá-lo do encanto da grande píton. As seis moças conseguiram isso. Shir é o espírito reencarnado da pitonisa. Ela será por todo o sempre um espírito que o acompanhará. Você é a essência do que foi o amor da grande píton. Você traz em si a força do oráculo. Shir traz a essência do amor, sua beleza é a única coisa que o manterá forte para dominar Ptal. No dia em que Shir morrer, seu espírito voltará ao reino da grande píton. Se você continuar na senda da luz, poderá um dia libertar Shir da prisão do oráculo, ao quebrar o encanto que ele lhe lançou. Ela volta à carne, mas quando deixa o corpo, no desencarne, volta a ser prisioneira do encanto de píton. Por ela você sempre lutará.

— E quando eu poderei libertar Shir do encanto?

— Só quando você percorrer os sete raios e atingir o grau de mago da luz, for um M.L.

— Como eu posso me tornar um M.L., Grande Mago da Luz? Nesta encarnação mesmo?

— Não, Hash-Meir. Só quando você percorrer os sete raios e for levado ao oitavo pela Deusa da Coroa Estrelada. A que reina sobre as águas salgadas, será ela quem irá purificá-lo e curti-lo no seu sal. Ela é a dona da cor azul, a segunda cor. A primeira é o cristalino. Por isso ela possui as sete estrelas em sua coroa. Ela reina abaixo da estrela maior, a estrela guia, doadora da luz que traz os homens à carne.

— E como eu quebrarei o encanto? Quando conseguir ser um M.L.?

— Nós estaremos com você nesse tempo. Já terão passados sete mil anos e então você conseguirá.

— Até lá não conseguirei?

— Não, antes terá que tornar vivos os sete símbolos com que foi marcado aos 7 anos.

— É muito tempo, Grande Mago da Luz.

— Sim, é muito tempo, Hash-Meir, mas você tem toda a eternidade para lhe ajudar. Eterno é o passado e eterno é o futuro, mas não sabemos onde começamos nem quando terminaremos a caminhada rumo ao Criador de tudo e de todos. O Doador da luz que alimenta os nossos espíritos imortais!

— Entendo. Se eu falhar, Shir volta ao reino encantado do oráculo, não?

— Sim, é isso mesmo, ela será sempre sua força para a luta. Você aceita a luta?

— Sim, Grande Mago da Luz. Eu aceito ser o Guardião dos Sete Portais da Luz do Templo da Deusa Dourada.

O Grande Mago da Luz deu uma ordem e foi lhe trazida uma arca. Ao abri-la, o mago da luz fez uma saudação. Depois, retirou doze pedaços de ouro, colocou-os em fila. Formava o corpo de uma cobra dourada, mas não havia cabeça. Hash-Meir perguntou o porquê daquilo. O Grande Mago da Luz lhe explicou.

CAPÍTULO 4

A Consagração de

Hash-Meir e de Shir

— Agora é hora de começar a iniciação, falou o Grande Mago da Luz.

Hash-Meir foi purificado com a água da fonte e o mesmo foi feito

com Shir. A seguir foram incensados. Então começaram os cantos de consagração de Hash-Meir e de Shir.

Hash-Meir se ajoelhou diante do Grande Mago da Luz, este fez um gesto cruzando os braços sobre o peito. Hash-Meir cruzou os braços sobre o peito em forma de um X. Ia ser marcado com as sete cruzes. Curvou-se à frente e esperou.

O Mago da Lei veio com a pedra esculpida, aquecida no braseiro ao máximo, e a pressionou sobre as costas de Hash-Meir. Este soltou um grito de dor, mas não saiu da posição. Quando a pedra foi tirada de suas costas, o símbolo estava estampado a fogo. A carne ardia.

Logo foi a vez de Shir. Ela teve o lado esquerdo do longo vestido solto e um dos seios ficou à mostra. Foi feito um sinal sobre o seio esquerdo. Ao ser marcada com a pedra esculpida e aquecida no braseiro, soltou um grito de dor. As lágrimas caíam pelo rosto dela.

Estavam ambos marcados.

— Agora vocês vão ser picados pela serpente dourada; seu veneno os lançará num sono de morte. Você, Hash-Meir, descerá às trevas e conhecerá os guardiões das trevas, os espíritos do mal, com os quais combaterá eternamente. Conhecerá os poderes, as armas, os símbolos e as legiões deles. Só após isso o espírito voltará à carne. Quanto a Shir, subirá aos céus e conhecerá os seus encantos, suas leis e sua beleza. Só voltará após isso.

Os dois serão as duas forças, a positiva e a negativa. O macho e a fêmea, o homem e a mulher, a luz e a treva, como o símbolo em sua mão; e sobre o seio esquerdo dela, as duas cobras se entrelaçaram e ascendendo sobre o raio. Este é o corpo da serpente dourada. A serpente do Fogo Divino. Ela reviverá assim que Shir colocar a mão na sua cauda e você no outro extremo. Se ela picar os dois, a terceira picada será em sua própria cauda e novamente ela se partirá em doze elos. Ela só dá três picadas; duas são para os escolhidos e a terceira é sempre em si. Ela dá a vida e se destrói a seguir, até chegar o tempo de reviver novamente. Com isso vocês receberão a ligação do amor, a magia divina por excelência. Pois só o amor dá frutos sagrados, que são emanações do Criador. Vocês se buscarão sempre, um não viverá sem o outro, um será a força vital do outro. Sempre que reencarnarem, vocês se encontrarão. Será sempre breve, mas se reencontrarão. Nesta encarnação, Shir, assim como a própria serpente sagrada do Fogo Divino, dividir-se-á em doze pedaços, que no futuro os sábios unirão num mosaico e formarão um só. Esse mosaico por sua vez dará um que se dividirá em doze. E os doze espalharão o poder do um. E quando você conseguir ser o um de Shir, então poderá libertá-la do encanto do oráculo, pois você nesse tempo emitirá oráculos. Quanto a você, nesta encarnação engolirá os doze e os transformará em um, que no tempo certo dividir-se-á em onze, que se multiplicarão por outros sete e perdurarão por sete milênios, até que você os reúna todos em um e possa destruir o poder que sempre terá sobre você o que reina na escuridão, e aí libertará Shir do encantamento do oráculo.

— Grande Mago da Luz, é muito complicado, é um enigma, não sei decifrá-lo.

— O tempo mostrará o que significa este enigma central; o raio que conduz ao uno e indivisível. — Esqueçam a dor e toquem na serpente dourada.

Ao tocarem nas duas extremidades da serpente adormecida, esta deu sinal de vida imediatamente e de suas escamas brotaram raios dourados que inundaram a câmara sagrada. De seus olhos vermelhos brotaram dois raios de luz cor de rubi. Virou a cabeça na direção de Hash-Meir, este fez menção de se afastar com medo. O Grande Mago falou enérgico:

— Estenda a mão, rápido, à sua frente, Hash-Meir, vamos, não tema, senão morre.

Ele pensou rápido: pior que a dor que sentia impossível, melhor cair no sono da morte. E estendeu a mão esquerda à frente da serpente dourada. Foi picado imediatamente. Em seguida foi vez de Shir. Esta olhou nos olhos da serpente e recebeu uma picada sobre o seio esquerdo, no lugar em que havia sido marcada. A seguir, a serpente fez um círculo e, ao fechá-lo, picou a própria cauda. A luz que emitiu deixou a todos os magos presentes cegos por instantes. Quando recobraram a visão, Hash-Meir estava caído ao lado de Shir. A serpente dourada tinha se partido em doze pedaços novamente, doze elos da cadeia da vida, doze meses do ano, doze signos zodiacais, doze forças diferentes, unidas pela magia sagrada.

Estava terminada a cerimônia de iniciação de Hash-Meir como Guardião dos Sete Portais de Luz do Templo da Deusa Dourada.

Shir estava preparada para acompanhá-lo por toda eternidade.

Seus espíritos saíram do corpo. O de Shir ascendente. O de Hash- Meir descendente.

Quando Shir subiu ao primeiro círculo de luz, viu um portal com a inscrição: Conhecimento — quem conhece não teme, aceita.

No segundo círculo ascendente viu o segundo portal com a inscrição: Saber — quem sabe ensina.

No terceiro círculo ascendente viu a inscrição: Razão — quem conhece e sabe, age com a razão.

No quarto círculo ascendente viu a inscrição: Lei: — quem conhece e sabe, age com a razão e pratica a lei.

No quinto círculo ascendente viu a inscrição: Fé: — quem conhece e sabe, age com a razão na prática da lei, não lhe pode faltar a fé.

No sexto círculo ascendente viu a inscrição: Vida — quem conhece e sabe, age com a razão na prática da lei, com a fé doa a própria vida.

No sétimo círculo ascendente viu a inscrição: Amor — só quem conhece o que quer, sabe agir com a razão da prática da fé, pois doa a vida aos semelhantes por amor ao Criador.

Tinha atingido o ápice que uma alma poderia ver. No corpo físico os olhos derramaram lágrimas. Demorou sete dias para voltar ao corpo físico.

Quanto a Hash-Meir, logo que chegou ao primeiro círculo viu uma inscrição: Cuidado, você vai passar por sete portas em sete círculos descendentes. A nenhuma pode deixar fechada sem ver o que há em seu interior.

A primeira leva ao saber.

A segunda leva ao prazer.

A terceira leva ao ódio.

A quarta leva à loucura.

A quinta leva à cobiça.

A sexta leva ao orgulho.

A sétima leva ao amor.

Na primeira encontrou a razão que lhe disse: cuidado que o saber pode levá-lo à loucura.

Na segunda encontrou a paixão que lhe disse: cuidado que o prazer pode levá-lo à cobiça.

Na terceira encontrou a inveja que lhe disse: cuidado que ódio pode levá-lo ao orgulho.

Na quarta encontrou a morte que lhe disse: cuidado que a loucura pode levá-lo à destruição.

Na quinta encontrou a riqueza que lhe disse: cuidado que a cobiça pode levá-lo à loucura.

Na sexta encontrou a vaidade que lhe disse: cuidado que o orgulho pode levá-lo à cobiça.

Na sétima encontrou a solidão que lhe disse: cuidado que o amor pode levá-lo ao ódio.

O corpo tremia todo. Sentia o que o espírito via. Voltou após o sétimo dia.

Quando estavam despertos, o Grande Mago da Luz chamou os dois à sua sala. As marcas já estavam cicatrizadas, só restando os seus sinais. Entraram e saudaram o Grande Mago da Luz.

— Hash-Meir, agora você vai ser ensinado a combater tudo o que viu na sua descida às trevas; e você, Shir, irá aprender tudo o que viu na sua subida à luz. Um e outro quando terminarem esta parte vão começar a pôr em prática tudo o que aprenderam até hoje neste Templo.

CAPÍTULO 5

CONHECENDO OS

MISTÉRIOS DO FOGO

Hash-Meir apresentou-se aos magos do Tempo, do Fogo, da Terra, da Agua e do Ar e dos Mortos. Estes iam cuidar dele.

O primeiro que o acolheu era o Grande Mago dos Mistérios da Terra. Este perguntou:

— Meir, o que você sabe sobre a Terra?

— Como assim, Grande Mago?

— Diga-me tudo o que você aprendeu sobre a Terra, suas forças irradiantes, seu poder mágico, seus gênios ocultos, enfim, tudo.

— Bom, o que eu sei é ainda pouco, Grande Mago. Só tive alguns ensinamentos sobre seus mistérios, mas nada profundo. Gostaria que o senhor me instruísse a respeito de tudo, quero ser um bom guardião.

— Vou instruí-lo, Hash-Meir. Você não será um bom guardião, mas sim o melhor dos guardiões que a Deusa Dourada já teve. Vou começar mostrando-lhe como a Terra é forte. Tire sua túnica e deite-se com a cabeça no rumo norte.

Hash-Meir fez como o Grande Mago mandava. Ficou com o corpo na posição correta.

— Agora, espalme as mãos em cruz, Hash-Meir.

Assim fez Hash-Meir.

— Agora, leve sua mente rumo ao desconhecido que habita o reino elemental da Terra e sinta sua irradiação passar por todos os nervos do seu corpo. Vá invocando mentalmente este poder.

Hash-Meir assim fez, começou a sentir o corpo entorpecer. Os nervos recebiam descargas poderosas de uma energia agradável de se sentir. O corpo estremecia cada vez mais. Cada vez mais iam sendo paralisados os sentidos físicos. Já não podia mais mover nenhum músculo do corpo, nem os olhos ele podia abrir mais. Foi aí que ouviu uma voz:

— Hash-Meir só precisa me responder mentalmente, pois estou lhe falando mentalmente também.

— Eu o ouço, Grande Mago, o que tem para me dizer?

— Eu vou me deitar ao seu lado, tocar em sua testa, vou puxar seu espírito para fora do corpo e então você poderá ver o que se passa com ele.

— Eu tenho medo, Grande Mago. Estou todo paralisado.

— Não, você não está paralisado em espírito, é só o corpo que se tornou um condutor de energia da Terra, nada mais. Não tema, você tem de dominar o medo para ser forte como a Terra. Confie em mim, Hash- Meir.

— Sim, eu confio, Grande Mago. Pode levantar o meu espírito. Um guardião não deve temer.

— Isso é certo. Só é um grande guardião o que não teme o desconhecido, mas procura entendê-lo para usar o que aprender com pleno saber e perfeito equilíbrio. Venha comigo.

O Grande Mago da Terra deitou-se ao lado de Hash-Meir e tocou a testa dele. Hash-Meir sentiu o corpo amolecer, e como uma ave, foi se elevando.

— Abra os olhos devagar, Hash-Meir, mas não tema em momento algum, senão seu espírito volta ao corpo em choque e você poderá morrer. Aceite com confiança o seu estado atual.

Hash-Meir abriu os olhos lentamente. Só olhava para frente, sem se fixar em nada.

— Já abri os olhos, Grande Mago. O que faço agora?

— Olhe para mim, eu estou ao seu lado.

Hash-Meir voltou a cabeça para o lado direito, o Grande Mago da Terra o observava sorridente. Isso lhe deu plena confiança. Estava aprendendo a dominar o medo, isso era bom, pensou.

— Sim, Hash-Meir, isso é bom. Neste estado você não precisa falar. É só pensar e se conduzir pelo pensamento. Fora do corpo o pensamento conduz o espírito. Olhe para o seu corpo lá embaixo.

Hash-Meir olhou para baixo e viu o próprio corpo. Em espírito conseguia ver a energia que o envolvia e seguia rumo ao norte magnético. Eram correntes poderosas, tais como raios de uma grande tempestade, mas sem começo nem fim.

— Isto é o poder da irradiação, Hash-Meir. Olhe como elas têm um sentido perfeito. Aí está um grande mistério. Quem consegue dominar esta força, tem um mundo mágico e tão poderoso à sua disposição que dificilmente será derrotado nas suas lutas contra as trevas.

— E como dominar esta força, Grande Mago?

— Dê-me sua mão. Vamos nos aprofundar nos mistérios da Terra. Não se deixe iludir com nada de agora em diante, se vencer agora o poder de atração da Terra, terá para toda a eternidade poder sobre sua força mágica.

— Sim, Grande Mago, eu o seguirei.

E assim os dois foram descendo na Terra.

— Por que eu não preciso do ar, Grande Mago?

— Em espírito você não respira o ar como no corpo, só absorve energia cósmica. Vou levá-lo a um lugar em que você ficará assustado, mas mantenha a calma, pois disso depende o seu sucesso futuro.

Hash-Meir sentiu o Grande Mago puxá-lo com uma rapidez espantosa rumo ao interior da Terra. Era cada vez mais escuro e a irradiação pesava. O movimento se tornava mais lento.

— Estamos quase chegando, Hash-Meir. Quando chegarmos ao sétimo degrau, você não poderá descer mais, pois isso nem eu ousei tentar.

— Por que, Grande Mago da Terra?

— Depois do sétimo degrau já não conseguimos subir mais. Ali o espírito é absorvido pela força que impera como um absorvente magnético. Só o conhecemos pelo ensinamento que nos é dado, mas não por experiência própria. Ninguém tem coragem de ultrapassar o limite, alguns que tentaram tiveram o seu cordão de ligação com o corpo rompido e o espírito se perdeu para sempre.

— Mas qual o porquê disso, Grande Mago?

— No oitavo degrau rumo ao interior, reina o príncipe das trevas. É de lá que ele age sobre os seus comandados. Quem ousa entrar no seu reino não sai mais, torna-se seu escravo por toda a eternidade. Lá são mandados os espíritos banidos pela lei regente do Universo.

— Que lei é esta, Grande Mago?

— A lei do equilíbrio divino é que rege os que estão decaindo em suas encarnações. Vão descendo cada vez mais em suas paradas em espírito após deixar o corpo.

— Mas não ficamos vagando pela Terra como almas perdidas, Grande Mago?

— Só os tolos acreditam nisso. Os sábios lutam e, às vezes, preferem perder a vida a ter que decair um degrau que seja.

— Por isso os grandes magos às vezes são martirizados mas não desviam do caminho?

— Sim, só por isso. Se você sabe que pode subir e se tornar cada vez mais livre, por que cair e se tornar mais denso e pesado, atado aos princípios mais vis da bestialidade? Dependendo do estado de espírito e mental de cada um, ele é elevado ou subtraído do plano neutro, que é a crosta terrestre. Olhe para a sua frente, estamos chegando ao sétimo degrau.

Ali havia tudo o que um ser humano precisava para não cometer o mínimo erro em sua passagem sobre a Terra.

Hash-Meir foi absorvendo o que o Grande Mago lhe ensinava. Conheceu os gênios que dirigiam as forças que mantinham presos todos aqueles espíritos. Um a um foi vendo todos os mistérios da Terra, seus campos onde ficavam aprisionados os espíritos devedores, suas formas, suas maneiras de agir e o poder mágico de cada um.

Quando retornaram ao lado do corpo, Hash-Meir estava pensativo; um mundo desconhecido da humanidade vivia aos seus pés e ninguém sabia disso.

— Não se preocupe, Hash-Meir, pois se todos soubessem de tudo nós não seríamos necessários. A lei não permite que muitos conheçam todos os seus mistérios. Vamos retornar aos nossos corpos.

Depois de estar em seu corpo novamente, Hash-Meir saiu do transe magnético.

Nos dias seguintes o Grande Mago da Terra o iniciou nos mistérios, como invocar suas forças e usá-las em benefício dos semelhantes.

Ao fim do sétimo dia, era um mago que dominava o poder e o saber oculto da Terra. Despediu-se do Grande Mago da Terra e foi ao encontro do Mago do Fogo.

— Vejo que passou no primeiro teste, Hash-Meir. Está preparado para o segundo, não?

— Sim, estou, Grande Mago do Fogo. Venho com a mente aberta para absorver os seus ensinamentos.

— São muitos, Hash-Meir. Você terá que ser forte para absorvê-los. Vamos ver se passa pelo fogo.

— Por que o senhor fala assim?

— Porque se você passar pelo fogo, nada mais o deterá em sua caminhada.

— É tão difícil assim, Grande Mago do Fogo?

— Sim, é muito difícil. Só alguns passam por ele sem ser consumidos pelas chamas do seu poder.

E assim Hash-Meir foi se iniciando nos mistérios do fogo. Seriam 21 dias de aprendizado árduo. O fogo, além de perigoso, consome os que não o dominam.

— Grande Mago do Fogo, hoje é o último dia de minha preparação nos mistérios do fogo, e até agora não vi nada que possa me consumir.

— Este é o momento mais perigoso, Hash-Meir. Você viu o fogo, conheceu os seus habitantes e seus poderes; aprendeu a usá-lo como auxiliar, mas ainda não o domina. Hoje vai ser iniciado realmente nos mistérios do fogo. Se resistir, então terá o fogo como aliado, por toda a eternidade; do contrário, seu espírito será absorvido pelo fogo para sempre.

O Grande Mago fez uma grande fogueira no pátio interno. Riscou alguns símbolos em volta da fogueira. Alimentou o fogo com certas espécies e então mandou que Hash-Meir se sentasse ao seu lado.

Fez invocações próprias, e o fogo dava sinais de ouvi-lo.

— Olhe para o centro do fogo, Hash-Meir, e absorva o poder do espírito que habita o seu reino elemental.

— Sim, Grande Mago do Fogo. Vou absorvê-lo.

Hash-Meir pronunciou as palavras apropriadas e estendeu os braços na direção do fogo. Do seu interior vinha um calor imenso em sua direção. Seu corpo ficou todo irradiado com o poder do Fogo. Invocou o espírito do fogo. Do interior do fogo viu levantar-se uma forma próxima da humana. Não tinha feição, só forma. Hash-Meir podia ouvi-lo.

— O que você quer de mim, guardião?

— Eu quero o domínio sobre o mundo elemental do fogo, espírito do

fogo.

— Você está preparado para isso?

— Sim, eu estou. Quero penetrar no seu reino elemental.

— Você não teme ser absorvido pelo fogo?

— Não, eu não temo. Se não puder absorver o poder do Fogo, então que ele me absorva.

— Então venha comigo, guardião. Vamos ver se você volta, e aquele ser estendeu sua forma aproximada da mão humana.

Hash-Meir teve seu espírito arrancado do corpo e foi atirado no interior da fogueira. No princípio temeu ser queimado, mas lembrou-se de que já havia absorvido a irradiação do fogo. Nada tinha a temer. Lentamente foi sendo conduzido por um mundo novo. Ali existiam muitos mistérios ocultos. Lentamente foi absorvendo os mistérios que iam sendo revelados. Sentia- se cada vez mais como um dos habitantes do fogo. Via seus braços se tornarem verdadeiras tochas, os longos cabelos eram só labaredas, à medida que avançava se transformava. Já estava parecido com o espírito do fogo.

— Eu estou absorvendo todos os mistérios, Guardião do Fogo, mas por que a minha transformação?

— Nós somos o que absorvemos, Guardião dos Sete Portais de Luz. Se você quer ter poder sobre o fogo, então tem de ser como ele; senão você não pode ter poder sobre ele. Como vai querer invocar o fogo se ele olha para você e não o vê como um igual? Vamos em frente?

— Sim, tem razão. Vou em frente.

— Você vai conhecer de agora em diante todo o poder do fogo, guardião. Não intervirei em seu favor nem contra, sou neutro na sua prova.

— Compreendo.

Hash-Meir parou e começou a olhar em sua volta. Via muitas formas perfeitas agora. Ali era o centro do reino elemental do fogo. Um mundo encantador que nem a mais fértil das imaginações poderia criar.

Seu corpo astral era agora igual aos dos habitantes daquele mundo. Começou a descobrir o encanto daqueles seres elementais.

Eram belos, radiantes mesmo. Tinham algo que os humanos não possuíam. Era algo que não sabia como explicar, mas estava admirado com o que via.

Em um determinado lugar, viu formas femininas que o observavam com curiosidade. Vieram ao seu encontro e o rodearam. Observavam-no com um interesse fora do comum.

— Por que me olham assim? perguntou mentalmente Hash-Meir.

— Você é diferente dos outros que habitam nosso reino. Podemos tocá-lo?

Hash-Meir imediatamente se lembrou de sua ação com as moças do Templo. Ele deixou que elas o tocasse e o dominarassem. Tinha que tomar cuidado, pois essas entidades de formas femininas estavam se tornando muito atraentes. Podiam envolvê-lo com facilidade se fraquejasse.

— Por que querem me tocar, se podem me ver?

— Só ver não nos satisfaz, queremos sentir seu calor.

— Mas o meu calor é o mesmo que o de vocês, não há diferenças.

— Há sim. Nós observamos os humanos quando é possível e sentimos que deles emana um calor que não se apaga. É uma energia que gostaríamos de sentir.

— Pois se isso as satisfaz, então podem me tocar.

Estendeu suas mãos e aquelas formas foram se aproximando e tocando nele. À medida que o tocavam, adquiriam formas humanas. Seus olhos adquiriam formas humanas, todos os corpos delas iam se transformando. Logo eram mulheres perfeitas, tentadoras mesmo.

Hash-Meir as olhava-as com desejo. Sentia uma atração irresistível por elas.

Tinham absorvido dele este mesmo fogo do desejo. Eram seres de um outro reino, sujeitos a tirarem dos humanos o que era regido pelo signo do fogo, os desejos, paixões, ódio, inveja, o desejo da ação rápida. A ação consome um ser humano na sua totalidade.

Eis aí um perigo: como dominá-las, como ter poder sobre elas. Este era um problema para ser solucionado com a razão, não com o desejo.

Olhou na direção do seu guia. Este tinha se afastado. Não restava mais ninguém além dele e dos seres do fogo, agora tornados mulheres em sua volta.

Sentou-se e começou a pensar. Já havia visto muita coisa e aprendido muito, mas como agir?

Contou as formas femininas. No total eram 21. Um número sagrado. Tinha que haver uma resposta ao enigma. Vinte e uma são as leis que regem o fogo. Lembrou-se das palavras do Grande Mago do Fogo. Vinte e uma leis regentes de um mundo elementar, 21 formas a rodeá-lo ali. Como ter as 21 leis reveladas?

— Vocês são os gênios do fogo que guardam os 21 segredos, não?

— Sim, nós somos os 21 gênios, mas como você sabe disso?

— Digamos que eu sei disso também. Gostaria de conhecê-los todos, pois só assim eu poderei ter o domínio total sobre o fogo.

— E por que nós lhe daríamos os segredos do fogo? A troco de quê vamos torná-lo um gênio do fogo sem nada termos como recompensa?

— O que vocês querem em troca para me revelar os segredos do fogo?

— Um pouco de sua seiva, o seu calor humano a nos dar vida. Assim nós teríamos algo dos humanos também.

— Mas eu vim aqui para absorver o fogo e não para ser absorvido por ele.

— Você só absorverá o fogo se fundir-se a ele. Já tem a sua irradiação, mas não o seu poder.

— E como adquiri-lo?

— Unindo-se a nós, passando-nos sua essência e recebendo a nossa. Não há outra forma. No clímax da sua fusão, você descobre os segredos.

— Mas também posso ser absorvido nessa fusão. Isso é muito perigoso.

— Pense na qualidade que não destrói nem consome nada, só transforma os seus praticantes em aliados eternos. O fogo tem muito poder, mas só os sábios aprendem e o usam. Os tolos são consumidos.

— Sim, isso já me foi ensinado. Existe um tipo de fogo que não consome nenhum dos praticantes dele.

— E qual é esse fogo, guardião?

— O fogo do amor. Os que se unem sob o calor do amor não se anulam, só se engrandecem.

— E você nos ama?

— Sim, é claro que eu as amo. Vocês têm o saber, o segredo e o poder. Eu as amo muito por isso. Fui picado pela serpente do saber. O saber é o que eu amo, e se vocês são guardiãs do saber do fogo, eu as amo por isso, não a paixão, mas o amor. Não a inveja, mas a vontade de absorvê-las no todo, sem destruí-las. Possuí-las sem magoá-las. Ter sempre seu poder a me auxiliar, mas para fins nobres. Tê-las por companheiras, ainda que em mundos separados. Serem minha força que consome o mal onde ele existir. Ter comigo o fogo que purifica sem destruir o objeto a ser purificado. Quero que sejam parte de mim e eu parte de vocês, seremos indivisíveis. O fogo elemental pode conviver com o fogo humano em harmonia. Eu as amo por isso tudo. Somos seres viventes em reinos separados, mas criação do mesmo ser que rege o Universo. Poderia doar a vocês o meu calor, mas não o calor da paixão, pois o verdadeiro sábio não se apaixona, apenas ama. Este é o fogo do amor. Vocês absorveram todos os tipos de fogos existentes em mim, mas não posso deixar que só os conheçam pelo que absorveram de mim. Quero que sintam que o melhor fogo humano é o fogo do amor. Que ele pode superar, em prazer e qualidade, todos os outros tipos de fogo humano. O fogo do amor humano é a essência do fogo divino. Destrói todos os outros tipos de fogo. Eis que descubro o maior mistério do

fogo. Eu as amo por isso. Por onde eu caminhar sobre a Terra, eu saberei olhar o fogo com amor.

— Você é um sábio, guardião, eis que agora nós nos fundimos em uma só. Faça o que achar melhor depois disso.

Hash-Meir viu as formas se unirem e a cada união iam assumindo uma forma mais consistente, mais linda. Ao final da fusão das 21 formas, tinha à sua frente a mais linda forma feminina.

— Eis sua essência do amor, Hash-Meir. O que há de mais forte em você, nós todas formamos uma só. Eis o seu espírito do fogo do amor.

— Mas é a mais bela forma feminina que eu já vi. Nada pode ser comparado à sua beleza. Quem é realmente?

— Eu sou o gênio do fogo do amor. Por mim todos anseiam, todos os que amam me sentem dentro de si, eu sou a energia que os envolve quando se fundem com o objeto do seu amor. Neste momento sou feminina porque você é masculino, se fosse o inverso, eu seria masculino e me apresentaria na forma que encantaria qualquer mulher.

— Sim, eu compreendo. Só me contenho porque sei que é a essência do meu fogo. Do contrário eu me atiraria em seus braços e me deixaria consumir pelo seu fogo.

— Aquele que teme seu próprio fogo não está preparado para dominar o fogo.

— Eu não a temo. Só não quero maculá-la com o desejo que circula por todo o meu corpo.

— Aquele que ao tocar em algo o macula, precisa ser purificado pelo próprio fogo.

— As moças do Templo, não?

— Sim, o fogo que pode destruir e o fogo que tem de ser dominado, possuído e absorvido. Você está preparado para provar a sua própria essência e absorvê-la sem maculá-la e destruí-la?

— Só tocando, sentindo seu calor e me fundindo a você. Então saberei se estou preparado.

— Funda-se a mim numa só chama e então veremos o que restará ao final de nossa fusão.

Hash-Meir olhou para seu corpo. Não tinha forma. Era um espírito em chamas. De seu corpo brotava enorme labareda.

— Eu sou a sua forma-desejo, gênio feminino do fogo?

— Sim, é assim que eu o vejo e quero absorvê-lo, ter em mim o seu calor.

— Eu também quero absorvê-la e ter em mim todo o seu saber e calor.

A união pode ter demorado uma eternidade. Hash-Meir não saberia

dizer o quanto demorou. Só sabia que tinha sido consumido e ao mesmo tempo consumira. O fogo não tinha mais mistérios para ele quando voltou ao corpo. Parecia tudo um sonho, um sonho muito real.

Quando abriu os olhos, o fogo à sua frente crepitava alto. Ficou a observá-lo por longo tempo, conhecia todos os seus segredos. Agora não tinha sido absorvido. Apenas fizera uma permuta com o reino elemental do fogo. Ainda via o Gênio do Fogo em forma feminina sorrir-lhe. Sim, era isso mesmo, trocara sua seiva com o gênio. Possuíra e fora possuído. Olhou para o Mago do Fogo.

— Não é preciso dizer nada, Hash-Meir. Eu o acompanhei a distância. Vi o que você fez. Você se saiu melhor do que eu na minha iniciação no fogo.

— Por que diz isso, Grande Mago do Fogo?

— Eu não tive coragem de tocar no meu gênio do fogo. Poderia destruí-lo ou ser destruído. Guardo até hoje esta dúvida comigo. Nunca terei a resposta, mas você não, você ousou tocá-la. Aceitou o desafio não temendo as conseqüências. Arrancou do fogo tudo o que ele poderia oferecer. Será sempre protegido por ele, ainda que nada mais reste no Universo, o seu espírito terá uma chama que o alimentará. Poderá passar o poder sobre o reino elementar do fogo a quem quiser, sem muito ritual. Quando voltava, eu vi o seu espírito com um símbolo marcado a fogo vivo. Nenhum ente das trevas que atue com o poder do fogo para destruir poderá atingi-lo. Este símbolo impresso em seu espírito absorverá todas as magias negras feitas no fogo. Qualquer ente que se levantar do fogo o respeitará. Se tocá-lo, poderá ser destruído.

— Mas, por que isso, Grande Mago do Fogo?

— Porque você deu sentimentos humanos a um gênio do fogo. Em troca, sem que visse ou percebesse, recebeu um poder descomunal. O símbolo marcado com o fogo vivo é a prova disso. Não se apagará por toda a eternidade.

— Eu não sinto queimadura nenhuma, Grande Mago do Fogo.

— Não sente porque foi marcado com o fogo na forma de amor. Os que são marcados com as outras formas sofrem por toda a eternidade.

— Espero que tenha alguma utilidade para mim esta marca.

— Terá, não tenha dúvidas. Os que forem tocados por você jamais o esquecerão. Se for o toque da amizade, jamais será esquecido; se for o toque do amor, jamais deixarão de amá-lo. Ainda que não o saibam, como você não sabia, serão marcados com este símbolo invisível. Se um dia amar uma mulher, passe o tempo que for, e sem que o perceba, será amado. Se der o amor da amizade e depois retirá-lo, ainda assim será amado, pois sentirão a falta do seu calor.

— Então, isso é um estigma, não, Grande Mago?

— Eu não tive coragem de adquiri-lo e ainda assim também carrego um estigma.

— Qual o seu estigma, Grande Mago?

— É o de não ter experimentado o amor na forma pura do fogo. Matou os meus encantos em relação ao Fogo feminino. E o que é pior, Hash-Meir, sofrer pela ausência ou pela presença?

— Não sei a resposta, Grande Mago do Fogo.

— Então, quando você tiver esta resposta, diga-me qual é a forma pior de se sofrer.

— Eu lhe direi se achá-la, não tenha dúvidas disso. Que se passem milênios, mas um dia eu lhe direi.

— Vá agora, Hash-Meir. O Mago do Reino do Ar o aguarda.

Hash-Meir foi até o Grande Mago do Ar.

Era um homem alegre. Tudo nele tinha um ar de pureza. Ficou em sua companhia durante treze dias. O tempo necessário para conhecer os mistérios e segredos do ar. No dia de se afastar, o Grande Mago do Ar o instruiu.

— Hash-Meir, cuidado com o que vai fazer com o que aprendeu, pois tem agora o poder de tirar a alma de alguém, de sufocá-lo. Poderá usá-lo com justiça ou com maldade, mas poderá usá-lo sempre.

— Mas, como poderei saber se estou agindo certo ou errado, Grande Mago do Ar?

— Você será o juiz do seu poder. Se usá-lo mal, um dia responderá perante o tribunal do Senhor do Ar, o que alimenta a vida no nosso mundo.

— Tomarei o máximo cuidado, mas não saberei quando estiver agindo certo, mas então procurarei usá-lo com parcimônia.

— Sim, eu creio que saberá usá-lo corretamente, Hash-Meir. Muito ar esfria qualquer um, mas pouco ar deixa todos sufocados. Lembre-se disso e não errará.

— Lembrar-me-ei de tudo o que o senhor me ensinou.

— Então vá, já não tenho mais nada a ensinar-lhe. O mago do reino elemental das águas o aguarda.

Quando Hash-Meir chegou até o Mago das Águas, sentiu que ali ia ter uma prova pior que as outras.

— Por que teme, Hash-Meir?

— Grande Mago das Águas, sinto algo me alertar. Uma voz que me diz para tomar cuidado. Não sei dizer o que é.

— Vamos descobrir o que é juntos?

— Sim, vamos. Já não posso retroceder mais, apesar do medo.

— Você já conhece os mistérios do fogo e da terra, do ar e da água.

— Como eu conheço o mistério da água se ainda não me ensinou nada?

— O seu medo o diz, não percebe isso?

— Sinto o medo, mas não o compreendo.

— Logo você o compreenderá. Vamos partir até o mar, lá você terá as respostas para tudo.

Partiram. Logo chegaram à beira mar. O medo de Hash-Meir aumentou quando olhou para o mar. Ali estava a resposta. Como obtê-la? Perguntou ao Grande Mago das Águas, que lhe ordenou:

— Deite-se e liberte o espírito do corpo. Vamos mergulhar nos mistérios das águas.

Hash-Meir não conseguia libertar o seu espírito do corpo. O Grande Mago das Águas ajudou-o a libertar-se do corpo. Quando estava liberto do corpo, a visão se abriu por completo. Via tudo do reino elemental das águas. O Mago o conduzia, era um mergulho sem fim.

Ao fim de um longo tempo, chegaram a um lugar estranho para Hash- Meir, mas ao mesmo tempo havia algo que o atraía.

— Por que me trouxe até aqui, Grande Mago das Águas?

— Aqui está enterrado o seu passado, Hash-Meir. Olhe para aquela enseada. O que vê?

— Moças, muitas moças.

— Vamos até lá?

— É necessário ir até lá? perguntou Hash-Meir temeroso.

— Só assim poderá libertar-se do medo. Lá você terá a resposta ao seu temor inexplicado.

— Se é assim, eu o acompanho.

— Não, eu o acompanho. Você vai rever o seu passado, eu o assisto na sua busca ao seu medo. Vá, eu o sigo.

Hash-Meir foi ao encontro do grupo de moças. Quando se aproximou o bastante para ver os seus rostos, levou um choque.

— Eu as conheço! exclamou.

— Sim, você as conhece, Hash-Meir. Foi você quem as encantou para servi-lo um dia, não?

— Disso eu não me lembro. Só sei que as conheço. Não sei de onde, mas eu as conheço.

— Diga a elas quem você é e terá todas as respostas.

Hash-Meir se apresentou às moças. Eram espíritos tristes, suas feições estavam apagadas. Olhavam-no com um olhar angustiado e ao mesmo tempo acusativo.

— Por que me olham assim? perguntou.

— Não se lembra de nós? Há séculos estamos esperando sua volta. Por que nos deixou presas neste lugar por tanto tempo?

— Mas eu não me lembro de nada. Como vou saber o porquê?

O Grande Mago das Águas aproximou-se de Hash-Meir e falou-lhe:

— Venha até aqui, à beira da água. Você verá tudo num relance. Saberá de todo o mistério das águas e então saberá o que fez no passado.

Hash-Meir aproximou-se da água e, como num espelho, viu um homem todo paramentado, um sacerdote. Era ele próprio em sua encarnação anterior. Viu como era poderoso no uso dos encantamentos da água, como

tinha poder sobre os elementos. Sim, ali estava a resposta. Aquelas moças nada mais eram que elementos que ele encantara para servi-lo. Deixara-as atadas ao encantamento que fizera há trezentos anos.

Como fora tolo ao fazer isso. Como pudera errar tanto assim? Só porque tinha um poder, usou-o para saciar os seus desejos mais baixos com o encantamento. Virou-se para o Mago das Águas e perguntou-lhe:

— Grande Mago das Águas, como fazer para reparar um erro do passado?

— Usando razão e justiça. Com isso conseguirá a reparação do seu erro.

— Sim, tem razão. Vou reparar meu erro, custe o que custar.

— Então vamos voltar ao corpo físico, lá poderá repará-lo com mais facilidade.

Hash-Meir voltou para perto das moças e fez uma prece ao Criador, pedindo o seu perdão. Prometeu-lhes que logo as libertaria do encantamento. De volta ao corpo, sentiu que a causa do medo era o passado negro em que vivera.

— Grande Mago das Águas, eu gostaria que o senhor invocasse a Divindade das águas para mim. Tenho de me penitenciar do meu passado.

— Eu a invocarei, você agirá de acordo com sua consciência.

— Sim, farei isto.

O Mago das Águas fez a invocação. Logo surgiu à frente deles a Divindade das Águas. Como era bela aquela divindade! Sua beleza tinha o encanto dos mistérios das águas. Se muito rasas, eram transparentes; se muito profundas, escuras e misteriosas.

Hash-Meir prostrou-se diante da divindade e clamou por seu perdão.

— Por que me pede perdão, criatura?

— Por meus erros no passado. Por causa deles eu temo o seu reino, Divindade das Águas.

— Um dia, logo após você nascer, sua mãe o consagrou a mim à beira mar. Eu o protegi e passei a você os mistérios das águas. Tanto os cristalinos como os escuros. Você não soube usar os cristalinos em benefício de ninguém e usou os escuros em benefício próprio. Por que agora vem até aqui à beira-mar pedir o meu perdão?

— Hoje eu sei o quanto a ofendi, desrespeitando os seus mistérios. Peço-lhe que restitua os meus poderes para que eu possa reparar os erros do meu passado.

— E o que o faz crer que vai respeitá-los desta vez?

— O peso do passado é o equilibrio do presente, nada posso oferecer como prova do bom uso que farei com o conhecimento dos seus mistérios, mas eu sei que não vou mais usá-los da forma que um dia já o fiz.

— Eu sou generosa e, ao contrário das outras divindades que governam os reinos elementais deste planeta, dou uma oportunidade para que,

por intermédio das águas, todos possam se purificar dos seus erros. Mas se falhar desta vez, eu o tragarei como a um rodamoinhos e o levarei para o fundo por toda a eternidade. Saberá como é horrível macular as águas e seus mistérios. O preço será alto.

— Eu a ouço e quero me redimir. Dê-me a oportunidade e não a decepcionarei.

— Eu lhe darei a oportunidade que me pede.

Após dizer isso, desapareceu.

Hash-Meir virou-se para o Grande Mago das Águas, dos olhos dele corriam lágrimas.

— Por que chora, Grande Mago?

— Todas as vezes que eu a vejo me emociono. Não ligue para mim, um dia você também se emocionará, vou ensinar-lhe tudo sobre os mistérios, segredos e magias das águas.

Sete semanas se passaram até Hash-Meir saber tudo sobre os mistérios das águas. Quando tinha pleno conhecimento e total poder, fez reverter o encantamento sobre as moças na enseada. Fez-lhes oferendas, pediu o perdão delas. Após isso, elas readquiriram sua graça e alegria. Pôde ver a grande divindade das águas vir buscá-las. Partiram felizes. Tinha pago o preço por desobedecer às leis que regem o reino elemental das águas.

Hash-Meir já não temia às águas, agora as respeitava e saberia honrar sua palavra. Despediu-se do Grande Mago das Águas e foi ao encontro do Mago dos Mortos. Este o acolheu com carinho.

Era muito idoso. Tinha perto de 100 anos, mas muito lúcido. Após sete dias com ele, Hash-Meir já dominava todo o saber e poder do reino dos espíritos, o reino dos mortos.

Despediu-se do Grande Mago dos Mortos e foi ao encontro do Grande Mago do Tempo. Com ele aprendeu tudo sobre o tempo. As leis que regem o tempo, como invocá-lo e como usá-lo. Junto com o Mago viajou em espírito através do tempo, viu que ele é a lei em execução. Lá todos purgam os erros cometidos no seu tempo. Ali é uma prisão sem fim. As almas purgam os erros no tempo. Ele é implacável. Suas leis são rígidas e regidas por um princípio inalterável.

A alma que purga os erros no tempo jamais o esquece. Lá reina o nada, a escuridão, o vazio. Se todos conhecessem o tempo, não desafiariam as leis que regem o Universo.

Hash-Meir ficou assustado com o poder do tempo. Ia saber como usá-lo em sua caminhada na carne.

Após se despedir do Grande Mago do Tempo, foi até o Grande Mago da Luz Cristalina. Tinha completado sua iniciação. Estava preparado para quando se fizesse necessário opor-se a Ptal, o general das trevas, parar sua caminhada de destruição dos Templos de luz e envolvê-lo com o seu poder.

Quando ia ao encontro do Grande Mago da Luz Cristalina, encontrou

Shir.

— Aonde vai, Shir?

— Ao encontro do Grande Mago da Luz Cristalina, Hash-Meir. E você?

— Também vou ao seu encontro.

— Vamos juntos, então. Tenho tantas coisas a lhe dizer, que acho que levaria toda uma vida para serem ditas. Descobri todos os mistérios da luz e das trevas e como combatê-las para manter o meu equilíbrio interno, Hash-Meir.

— Eu também conheci muitos mistérios, Shir, e não sei se devo usá- los. Temo pelo meu futuro.

— Por que teme?

— Acho que sofrerei muito com as consequências do uso do que aprendi. Sinto muita falta de uma regra para aplicar no aprendizado, Shir.

— Você será sua regra. Terá que confiar em seu raciocínio e equilíbrio.

— Não sei se terei o equilíbrio para fazer o mais correto quando for a hora certa.

— Ora, Hash-Meir, nós estamos sendo preparados para algo que não pedimos. Ainda éramos crianças quando nos trouxeram para cá, não tivemos escolha alguma, fomos envolvidos desde então. Alguma força muito grande nos guia. Não sei que força é essa, mas sei que não somos pessoas comuns. Temos algo que os outros não têm.

— E o que nós temos de especial, Shir?

— Uma missão a cumprir, e os grandes magos esperam que a executemos bem.

Hash-Meir parou por um instante. Ficou observando as águas que corriam pela fonte. Sentiu um tremor ao ver a água.

— Por que se assustou com a água, Hash-Meir?

— Foi pelo que fiz no passado. Devo muito à água. Não tenho mais a mesma certeza e confiança de antes. O conhecimento do meu passado negro me desequilibrou, Shir.

Shir tomou as suas mãos e o envolveu num abraço carinhoso.

— Não podemos nos deter no passado, temos que avançar. Só a caminhada futura poderá nos dizer como acertar. Eu descobri todo o meu passado, o que foi possível ver, eu vi. Algumas encarnações foram boas, outras foram más, tudo depende de nós mesmos. O que erramos ontem podemos corrigir amanhã, é só não pararmos a caminhada, continue Hash-Meir eu o ajudarei em sua missão. Preciso que me ajude, agora que conheci os mistérios da luz em seu esplendor.

— É maravilhoso! Só quem conhece a beleza da luz pode julgar melhor o caminho a tomar em sua vida.

— Você conheceu os mistérios da luz, mas eu só conheci os mistérios da magia. É algo muito forte e perigoso, Shir. Sinto pavor só de pensar que

possa fazer um mau uso deste poder. Ficarei em dívida eterna perante o Criador.

— Só de você já pensar assim é sinal de que vai saber usar bem este poder que possui. Não retroceda agora. Confie nos Grandes Magos do Templo da Deusa Dourada, eles sabem o que fazem conosco.

Shir o apertou mais contra si. Hash-Meir olhou para ela, que chorava em silêncio. As lágrimas, a correrem pelo seu rosto, comoveram-no.

— Eu não retrocederei, Shir. Sei que você só terá sucesso se eu não falhar. Não a decepcionarei, tenha certeza disto. Sabe que você está a cada dia mais bela?

— Você também está muito bonito, Hash-Meir. Se não puder ser sua um dia, não serei de mais ninguém. Por todo o sempre só você me terá. Ninguém mais terá o meu amor, não me dividirei com ninguém por toda a eternidade, eu só quero você, isso eu jurei a mim mesma. Não me incomodarei em dividi-lo com outras, mas não me dividirei com ninguém.

— Por que você diz isso, Shir?

— Eu conheci todas as minhas vidas passadas, as que me foram permitidas conhecer. Descobri que o oráculo usou do seu poder de encantamento sobre mim só porque, sem eu saber, ansiava em uma saudade inexplicável por você. A minha saudade do passado tornou-me escrava do seu poder. Só você poderá me libertar deste poder, mas será pelo amor que isso acontecerá.

Hash-Meir observava-a com atenção: como ela devia estar sofrendo! Talvez muito mais que ele próprio.

— Vamos, Shir, pare de chorar, eu farei tudo o que for possível para quebrar o encanto do oráculo, dure o tempo que durar, mas eu a libertarei. Só não prometo ser fiel a você. Não está ao meu alcance ainda, vou precisar de muito tempo para vencer este impulso. Não consigo controlá-lo.

— Eu não me incomodarei com isso, já lhe disse. Você se dividirá em tantas partes, que no final só restará em você a parte que me pertence. E esta, só eu serei a possuidora dela. Ninguém poderá tirá-la de mim, não importa o tempo que for necessário para que isso aconteça.

— Qual é esta parte, Shir?

— O veneno da picada da serpente dourada. Esta, só nós dois a possuímos. Todas poderão tê-lo, mas nenhuma realmente o possuirá.

— É isso, então. Vamos, que o Mago da Luz Cristalina nos aguarda.

— Sim, faz muito tempo que não o vemos, sinto saudades dele.

Foram três meses de ensino. Agora iam ao encontro do Grande Mago

da Luz Cristalina.

Quando chegaram à sua sala, desculparam-se pela demora. Hash- Meir ia explicar a causa da demora, mas o Grande Mago da Luz Cristalina cortou suas palavras com um gesto, mandando-os sentarem-se à sua frente.

Ele os observou com interesse, mas, sem dizer nada, sorriu levemente.

Depois de longo tempo, começou a falar-lhes.

— Hash-Meir, agora você partirá. Vai a alguns locais onde reinam as trevas. Lá você usará tudo o que aprendeu aqui no Templo da Deusa Dourada. Terá que livrar esses lugares do mal que os envolve. Não será fácil, terá que agir como os sábios. Mas, diga-me, como se sente após tudo o que absorveu nestes três meses?

— Sinto-me como um jovem fisicamente, mas meu espírito sente todo o peso da responsabilidade. Creio que o físico não é o verdadeiro estado do meu espírito. Sinto como se fosse alguém com milênios de existência, Grande Mago da Luz Cristalina.

— E você, Shir, como se sente?

— Sinto-me como um jarro delicado, mas que traz em seu interior uma essência especial, algo que só os que conhessem os mistérios da luz poderiam ocultá-lo num jarro tão frágil.

— Os jarros delicados são feitos para isso mesmo; se forem tocados de forma rude por mãos ignorantes, eles se partem e a essência preciosa se perde. Assim eles não podem usufruir o seu conteúdo. Quanto a você, Hash-Meir, vai usar esses milênios de saber para vencer os adversários. Saberá o que usar e como usar quando for necessário.

— Como, Grande Mago da Luz?

— Observe sempre quem vai combater, conheça as forças que eles usam e então dê o golpe destruidor.

— Mas como vou saber a hora de lutar, Grande Mago?

— Use sua premonição. force a mente e o oráculo que há em você lhe mostrará. Use sua intuição também, pois as forças que o acompanham transmitir-lhe-ão os sinais de alerta. Só tome cuidado para não ser envolvido pelas forças que vai combater, pois os encarnados nada sabem, mas as forças ocultas já estarão à sua espera quando chegar.

— E se eu falhar, o que farei?

— Use a mente, não falhe, pois você já sabe tudo da luz e das trevas. Não pode falhar.

— E como agirei ao chegar aos locais indicados?

— Faça como os moradores do local, não seja diferente para não despertar suspeitas. Agora pegue o que está preparado para sua partida. Que as luzes do Templo da Deusa Dourada iluminem o seu caminho.

Hash-Meir partiu. Não sabia o que ia combater mas não podia demonstrar temor. Esta era a melhor forma de agir.

Quando ficou a sós com Shir, o Grande Mago da Luz lhe falou:

— Shir, você já conhece muito, mas não o bastante, pois foi criada aqui dentro. É hora de conhecer um pouco a vida lá fora. Irá acompanhada por boas pessoas. Fará uma longa viagem. Terá tempo de observar as pessoas, ouvir os seus lamentos, suas aflições e ver como os espíritos se debatem para superar os obstáculos do dia-a-dia. Você usará o saber que adquiriu aqui para aliviar essas pessoas. Aprenderá a usar sua própria iniciativa em cada caso, não falhe, pois já conhece tudo o que precisa para isso.

— Sim, Grande Mago, vou usar tudo o que sei, vou vencer porque quando a serpente dourada olhou para mim antes de me picar passou uma mensagem que dizia: “Você vencerá sempre. Meu espírito imortal a acompanhará. Você será minha força viva”.

— Então agora vá se preparar para partir. E que a força do Templo da Deusa Dourada a acompanhe.

— Obrigada, Grande Mago da Luz Cristalina, M.L.

CAPÍTULO 6

A DERROTA DO MAGO NEGRO

Hash-Meir seguiu para o norte do que hoje é a Pérsia. Caminhava sempre à noite, como era costume dos magos. Depois de muitos dias, chegou a uma aldeia à beira de um lindo lago. Era um bom lugar para ficar. Estava no lugar certo.

Procurou um lugar e se instalou. Era jovem ainda, tinha que procurar aprender a sobreviver com o próprio trabalho. Arrumou trabalho, era ajudante de um agricultor. Os dias iam passando e nada do que lhe falaram no Templo era perceptível. Onde usar o saber e o poder que possuía num lugar calmo como aquele? Acabou relaxando um pouco com os seus deveres de mago. Não tinha o que fazer ali. Os dias seguintes o surpreenderiam.

Chegou à aldeia um grupo de homens com longas vestes escuras e capuzes a lhes cobrir o rosto.

Logo o povo da aldeia começou a trazer cestos com cereais, que foram juntados e entregues a eles. Foi-lhes entregue também um casal de jovens. Pegaram tudo e partiram.

Hash-Meir assistiu a tudo sem nada entender. Mais tarde perguntou ao homem a quem ajudava o que significava aquilo.

— São os sacerdotes do Templo da montanha. A cada três luas cheias eles vêm buscar o que produzimos. Levam a maior parte, se não damos nada, lançam um feitiço contra a aldeia.

— Que tipo de feitiço?

— Eles encantam a água, e quem bebe dela fica doente.

— Interessante. Toda a água deste lago desce das montanhas, não?

— Sim, aqui tem o lago que se formou com a água que desce do alto.

— Vou até o Templo para ver o que posso fazer.

— Não vá, todos os que foram não voltaram mais. Eles os enfeitiçam e os matam.

— Vou me arriscar. Quem sabe posso ajudá-los.

Pegou alguns objetos e partiu. Não sabia o que ia encontrar. Quando estava no meio do caminho, foi barrado por um encapuzado.

— Daqui ninguém pode passar, rapaz. Volte para a aldeia.

— Eu gostaria de conhecer o Templo do seu chefe.

— Ninguém pode chegar até ele. É proibido vê-lo.

Hash-Meir não insistiu, voltou pelo mesmo caminho. Quando estava fora da vista do homem, parou. Esperou escurecer e então, contornando o caminho, foi até o Templo. Chegou ao amanhecer, preferiu se esconder e observar. Do local em que estava podia ver o pátio do Templo.

Os homens entravam e saíam, mas não via nada mais que isso.

Quando anoiteceu, aproximou-se mais para observar melhor. Foi surpreendido por dois homens encapuzados. Foi levado até o chefe do Templo. Ao estar na sua frente, foi inquirido sobre o que queria ali.

— Eu só quero servir ao Templo, senhor.

— Ótimo, então você vai servir ao Templo. Você será servido no sacrifício da deusa da montanha na lua cheia. Levem-no para junto dos outros.

— Antes me diga como consegue encantar a água, grande sacerdote.

— De que adianta você saber, tolo rapaz?

— E que me fascinam os encantamentos.

— Ah! Então lhe fascinam os encantamentos, não? Tragam-me uma taça com água.

Um encapuzado entregou-lhe a taça com água. O sacerdote apanhou uma pequena sacola e pôs uma pitada de pó dentro.

— Agora beba e vai saber como encanto a água.

— Ora, isso não é encanto nenhum, é envenenamento da água.

— E o que você achava que eu fazia? Por acaso pensa que alguém pode encantar a água? Vamos, agora beba desta taça. Ela vai aliviar a dor do sacrifício.

Hash-Meir pegou a taça e, num movimento imperceptível, passou a mão por cima dela.

Lentamente levou-a à boca. Olhava para o homem à sua frente; este o fixava com os olhos também. Era um duelo de forças. Quando Hash- Meir levou a taça à boca, o homem relaxou a guarda. Foi o suficiente para penetrar em sua mente e extrair-lhe os seus segredos. Conhecia agora como encantar as serpentes.

Ainda ia mostrar-lhe que havia alguém que podia encantar a água. Fingiu uma forte dor no estômago e caiu. Foi levado a uma cela. Foi colocado junto à moça da aldeia. Após os encapuzados se afastarem, ele parou de se contorcer. A moça se aproximou.

— Como você se chama? perguntou ela.

— Hash-Meir, e você?

— Naia. Por que está aqui?

— Eu vim para salvar você e a sua aldeia.

— Como pode salvar se está preso também?

— O que aconteceu ao rapaz que foi trazido com você?

— Ontem à noite eles o sacrificaram à deusa serpente.

— Eles sacrificam pessoas a uma serpente?

— Sim, já faz muitos anos que apareceu um homem encapuzado dizendo que as doenças que vinham atingindo a nossa aldeia eram um castigo por nós não cultuarmos a deusa serpente. Quando concordamos com sua ajuda, o preço foi este: de três em três luas nós mandamos um casal e cereais para alimentar o Templo.

— Quantas vidas sacrificadas inutilmente, falou Hash-Meir

— Não são inúteis, a aldeia voltou a ter paz com o povo saudável.

— Pois saiba, Naia, que foi ele que envenenou suas águas. O que ele usa é um pó branco que, se diluído nas águas, torna-a imprópria para beber.

— Não, Hash-Meir, é o encantamento que deixa a água assim. Ele faz oferenda à deusa serpente e ela nos livra do encantamento.

— Não vou discutir com você, Naia, mas esta noite vou lhe provar toda a verdade.

Quando a noite chegou, os dois foram levados à sala incrustada nas rochas. Os encapuzados estavam todos reunidos em um grande círculo. Sentado no meio, o sacerdote do Templo da montanha falou:

— Hoje a virgem seria sacrificada à deusa, mas como o tolo quis servir ao Templo, ele será sacrificado à deusa e ela será nossa escrava.— E deu uma gargalhada.

Hash-Meir estava um pouco tenso. “Use a sua mente”, dissera o M.L. Devia usá-la agora? Sim, aqueles homens bebiam um líquido esverdeado. Era algum alucinógeno, pois estavam todos com os olhos vermelhos e excitados, muito excitados.

Usou a mente. Olhou em volta e viu quem servia a bebida começou a dominá-lo com a mente. Logo que ele estava dominado, Hash-Meir ordenou-lhe que pusesse arsênico na bebida. Este, sob domínio de Hash-Meir, colocou uma grande quantia do pó na bebida. Logo seria servido um brinde à deusa serpente, em seguida ela seria solta e o sacerdote a encantaria e sacrificar-lhe-ia o rapaz.

— Muito esperto o homem, pensou Hash-Meir. Mantinha os outros como escravos à sua vontade somente com o poder de encantar serpentes.

Logo foi aberta uma porta grossa e de dentro veio rastejando uma enorme cobra. Seu tamanho era descomunal, rastejava no meio de duas linhas de fogo. Todos estavam sendo servidos com a bebida envenenada naquele momento. Hash-Meir olhou nos olhos da grande serpente e esta recuou, sentindo a presença invisível do grande Píton nele. Levantou sua cabeça.

Foi feito um brinde à deusa serpente. Todos viraram suas taças de uma só vez. O único que não bebeu foi o sacerdote, que se dirigiu para a grande serpente para encantá-la, quando os encapuzados começaram a cair, gritando de dor. Ficou apavorado. O que estaria acontecendo?

Quando olhou para Hash-Meir, este soltou a roupa que vestia e deixou à mostra as marcas do seu corpo. O homem ficou apavorado. Tornou a olhar para a serpente, que olhava para Hash-Meir, imóvel. Símbolos! A serpente já estava encantada. Aquele jovem era um mago branco, mas como podia ser se tinha matado todos os seus adeptos? Os magos brancos não matam. Como podia ser isso? Gritou desesperado.

— Quem é você, maldito?

— Eu sou o que veio para destruí-lo, Mago Negro.

A seguir, olhou para a grande serpente e esta cravou suas presas no homem, envenenando-o imediatamente. Depois, arrastou-o lentamente para o interior da caverna. Naia estava encolhida em um canto, apavorada. Hash- Meir fechou a pesada porta atrás dela. Foi para perto de Naia, que estava em choque com o que assistira. Trouxe-a de volta ao estado normal e pediu ajuda para amontoar pedras na porta de onde estava a grande serpente. Após fazerem um grande monte de pedras, começaram a amontoar os corpos que jaziam mortos.

Apanhou madeiras e ateou fogo sobre eles. Estava terminado. Puxou Naia pelo braço e saiu rápido daquele lugar. Antes havia apanhado uma bolsa com o veneno.

Quando chegaram à aldeia, já era de manhã. Hash-Meir, desde que saíra do Templo negro, não falara mais nada com Naia. Ia pensando na vitória que obtivera. Quantos morreram para que vencesse! Isso o atormentava. Tinha sido preparado para vencer, mas não para matar com seus poderes, isso contrariava as leis do Templo da Deusa Dourada.

Quando, na aldeia, mostrou o veneno com que o mago negro aterrorizava a todos, foi aplaudido como um libertador. Outras aldeias próximas também eram escravas do mesmo Templo. Logo diversos chefes estavam reunidos, queriam-no como sacerdote. Recusou o cargo, mas ao ver a decepção no rosto daqueles homens, falou:

— Eu tenho de partir, há outros lugares a visitar, outras aldeias a libertar.

Mas como Naia foi participante da destruição do Templo negro, ele a

faria uma sacerdotisa da terra, que era de onde eles tiravam os seus alimentos. Os aldeões aceitaram. Ele pediu uma casa para ficar com ela. Ia iniciá-la no culto à Deusa Dourada.

Muitos dias se passaram até Naia estar preparada. Após o período de instrução, Hash-Meir começou a olhar para o corpo dela. Era muito bonita, sentia desejos por ela, mas se continha. Naia celebrou a primeira festa à Deusa Dourada. Foi um dia de muita alegria. O culto consistia só de alimentos em estado natural, como oferenda, e de preces de agradecimento à fertilidade da terra. Não haveria sacrifícios nunca mais. Estes estavam proibidos no culto à Deusa Dourada, a deusa da fertilidade.

Quando terminou a festa, Hash-Meir se recolheu. Planejava partir no dia seguinte.

Naia aproximou-se dele, tristemente.

— Por que vai partir, Hash-Meir? Você pode ficar aqui conosco.

— Não posso, Naia, tenho de partir, já me demorei demais aqui.

— Mas e eu, como fico? Agora sou a sacerdotisa da fertilidade e não posso dar a vida?

— Você pode, basta querer. Una-se a alguém, a deusa não proíbe isso aos seus magos, por que iria proibir você? Ela ama a vida, não a esterilidade.

— Pois então plante sua semente em mim para que eu me sinta realmente uma sacerdotisa da fertilidade. Eu não quero outra semente da vida além da sua. Anseio por isso há muito tempo.

Não precisou insistir. Era um desejo mútuo.

Hash-Meir ainda ficou algum tempo ali. Quando Naia confirmou a fertilidade, ele partiu.

Iria ao encontro do segundo local indicado. Viajou por dois meses, sem parar em lugar nenhum.

Quando chegou ao local indicado, ficou admirado com a sua beleza. Era um grande vale, todo rodeado de altíssimas montanhas, densamente habitado.

Procurou um lugar para ficar. Encontrou uma estalagem, lá se instalando até arranjar um afazer qualquer. Encontrou serviço com um velho que trabalhava com ervas medicinais. Conhecia bem o assunto, aprendera tudo sobre elas no Templo da Deusa Dourada. O velho gostou do seu conhecimento. À medida que os dias foram passando, foi se informando sobre o culto ali praticado. Quando foi visitar o Templo, sentiu um mal-estar muito forte. Ali reinava algum ente infernal, pensou.

Procurou saber como se chamava o deus ali cultuado. Lash-Gore, disseram-lhe. Era o deus da pedra negra.

Hash-Meir ficou assustado. Aprendera que Lash-Gore é um dos Setenta e Sete guardiões das trevas, ligado ao terceiro círculo negativo ascendente ou o quinto descendente. Era um dos mais poderosos. Precisava tomar cuidado, pois o sinal de que fora descoberto já soara. Ia usar todo o poder quando fosse necessário. Tinha de ser assim.

Quando chegou a data da celebração do culto ao deus, ficou estarrecido com o que viu. Uma criança era sacrificada ao deus como oferenda. Notou que o chefe do povo que habitava o vale era também o chefe das cerimônias.

Ia salvar o menino, mesmo que precisasse matar o chefe do culto.

Lançou uma magia poderosa sobre o homem, que, na hora da imolação, ao invés de sacrificar a criança cravou o punhal em si próprio. Todos os que assistiam ficaram assustados. Alguns auxiliares tentaram salvá-lo, mas era tarde: o sacerdote chefe estava morto.

Logo que o corpo do homem foi retirado, veio outro para fazer o sacrifício. Ao levantar o punhal, uma força poderosa começou a pressionar seus braços de encontro ao peito. O homem tentava gritar, mas sua gargan- ta ficou seca. Logo o punhal estava cravado em seu coração pelas próprias mãos.

Quando caiu, a multidão começou a gritar:

— Lash-Gore está enfurecido. Os sacerdotes não o estão servindo direito.

— O deus da pedra negra nos abandonou!

Todos estavam temerosos. Aquilo tudo era sinal de que algo muito ruim se abateria sobre o vale. Nisso, Hash-Meir, que a tudo assistia impassível, interveio.

— Ouçam-me todos. Lash-Gore está insatisfeito com o modo como está sendo cultuado.

— Como pode saber disto? perguntou um dos homens que estavam fazendo o sacrifício.

— Você não vê, homem, que todos que tentarem sacrificar a criança morrerão? É um sinal de Lash-Gore. Ele não quer mais sacrifício humano na sua pedra.

— E você saberia o que ele quer então?

— Ainda não, mas se me permitirem, eu irei saber pessoalmente.

— Você não tem medo de entrar na câmara de Lash-Gore? Todos os que entram lá morrem, menos os sacerdotes oficializantes.

— Alguém tem de saber, não? Se preferir, entre você — falou Hash-Meir.

— Não, eu não. Vá você. Se estiver falando a verdade, sairá vivo, ou então, ele o matará.

Hash-Meir pediu ao menino para ir junto.

Ao entrar na câmara do deus da pedra negra, sentiu todos os seus músculos se contraírem. Ali havia uma poderosa força negativa. Ia ser difícil, mas confiava em seu poder.

O menino estava assustado. Aquilo que em Hash-Meir só fazia contrair os músculos, nele quase o sufocava.

— Não se preocupe, criança, logo estará tudo bem, falou Hash-Meir.

— Eu estou sentindo que vou morrer sufocado.

Hash-Meir pôs a mão sobre a cabeça do menino, e logo ele pôde respirar melhor.

— Está vendo, criança? Não há o que temer. Agora sente-se na minha frente. Vamos ao encontro de Lash-Gore. Ele nos espera. Você vai conhecê-lo pessoalmente. Quando voltarmos, você será o novo sacerdote.

Hipnotizou o menino. Quando este estava sob seu poder, pegou a mão dele num esforço mental e lançou-se ao espaço descendente. Levava consigo o espírito do menino. Foi parar diante do trono de Lash-Gore, o Guardião do Quinto Portal das Trevas.

— O que você vem fazer aqui, Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada?

— Venho fazer um acordo com o Guardião do Quinto Portal das Trevas, Lash-Gore.

— Eu sou Lash-Gore. Que acordo você quer?

— Eu quero que cessem os sacrifícios humanos em sua honra.

— E o que me dá em troca?

— Darei o que realmente Lash-Gore precisa. Você não usa o sangue do sacrifício humano, pois isso não serve para aplacar sua sede.

— Como sabe disso?

— Digamos que isso eu também sei, entre outras coisas.

— Continue, Guardião dos Sete Portais de Luz do Templo da Deusa Dourada.

— Aqui, eles só servem o senhor da pedra negra, e eu estou aqui agora para corrigir o erro.

— Onde está o erro e como corrigi-lo?

— O erro está em se pedir a proteção do Guardião da Pedra Negra sem antes pedir licença ao Guardião da Pedra Branca, assim como não se pode pedir a proteção do Guardião da Pedra Branca sem antes fazer oferenda ao Guardião da Pedra Negra, pois assim está escrito nas pedras da lei. Isso eu sei, como também sei que o Guardião da Pedra Negra só bebe com satisfação a água da vida preparada na lua cheia. Eis duas leis reveladas dos onze mistérios do Quinto círculo.

— Correto, Guardião dos Sete Portais de Luz. Eu o saúdo como um igual a mim, por isso eu o respeito e aceito seu acordo. Já fazia sete mil anos que ninguém tinha coragem de vir até mim sem medo. Só podia ser um Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada para fazer isto.

— Então eu lhe peço, passe os seus mistérios ao menino. Eu o tornarei um sacerdote com os onze mistérios da pedra branca. Você o torna conhecedor dos onze mistérios da pedra negra.

O guardião da pedra negra assentiu.

— Olhe para mim, menino. Eu lhe passarei todos os mistérios da pedra negra.

O menino olhou para ele e logo sentiu um choque. Conhecia os onze mistérios da pedra negra. Sorria, era um iniciado aos 7 anos de idade.

— Eu também o saúdo, Hash-Meir, Guardião dos Sete Portais de Luz do Templo da Deusa Dourada. Quando precisar da minha ajuda, é só me chamar. Eu só respeito um igual ou superior a mim. Que passem os milênios, mas eu acompanharei sua caminhada, Hash-Meir.

— Como você sabe de minha caminhada, Guardião?

— Digamos que isso eu também sei! Disse o guardião, e deu uma gargalhada.

Hash-Meir também sorriu. Era hora de voltar ao plano do equilíbrio. Isso ele também sabia.

Ao voltar ao plano do equilíbrio entre as duas forças, o menino era outro.

— Criança, agora você vai receber os onze mistérios da pedra branca. Olhou para o menino e este teve um novo choque. Ao voltar a si, sorria de novo. Era um conhecedor dos onze mistérios da pedra branca.

— Como se chama, criança? Ainda não sei o seu nome.

— Shag, mestre Hash-Meir.

— Pois então, Shag, vá lá fora e ensine-os o modo como devem agir de agora em diante perante o criador de tudo e de todos.

— Está bem, Hash-Meir, Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada. Eu lhe agradeço por ter-me feito conhecedor dos onze mistérios do quinto portal, tanto ascendente como descendente.

— Eu sei que você saberá se conduzir como um bom sacerdote. Agora vá, é a sua vez de agir.

O menino saiu da câmara e encarou todos com firmeza, falando a seguir:

— Eu sou o novo sacerdote da montanha sagrada. Eu farei o culto de hoje em diante. Respeitaremos o deus da pedra negra e também o deus da pedra branca e, acima dos dois, o criador de tudo e de todos.

— Assim foi anunciado e assim se cumprirá por todos os milênios vindouros. Só poderão praticar o ritual das pedras aqueles que obtiverem permissão de Shag, falou Hash-Meir, tirando a seguir seu manto e com ele cobrindo Shag.

Quando todos viram os símbolos gravados a fogo no corpo de Hash- Meir ficaram espantados e mais ainda quando ele tirou a faixa de tecido que cobria sua testa e prendia seu cabelo. Todos se abaixaram, em silêncio reverente.

Hash-Meir se despediu de Shag. Era hora de partir. Passou na casa do patrão para apanhar seus pertences. Nesse momento, o homem tirou o seu manto e cobriu Hash-Meir.

— Eu o saúdo, Guardião dos Sete Portais do Templo da Deusa Dourada. Eu sou um mago da pedra azul. Você atendeu às minhas preces e restabeleceu a lei para esta gente, sou um homem feliz. Leve este cajado como símbolo de minha reverência.

— Que o criador de tudo e de todos derrame sobre você sua luz, mago da pedra azul. Que ele o guarde por toda a eternidade.

— Eu lhe desejo a mesma graça, grande guardião.

Hash-Meir partiu. Era hora de caminhar rumo ao terceiro local. Partia mais feliz agora. Não deixara ninguém a chorar por ele, e o menino logo teria a ajuda do mago da pedra azul. Só não viu que Shag ficou chorando em silêncio, quando ele o deixou no Templo da pedra negra.

Ao chegar ao local marcado como o terceiro, não conseguiu ver o modo de agir. Era uma cidade à beira mar muito populosa. Que culto praticaria aquele povo?

Alguns dias depois, ficou sabendo. Adoravam a Deusa do Mar. Sempre que ia ao lugar indicado, encontrava uma coisa diferente. Por que isso?

Estava a pensar nisso quando foi interrompido nas suas indagações.

— Por que medita tão profundamente, filho? perguntou-lhe uma senhora idosa.

— Como sabe que estou meditando, minha senhora?

— Só de olhar para você, já dá para ver.

— É. Devo estar deixando transparecer. Estou há dias sem me alimentar bem.

— Venha comigo, eu lhe dou uma boa refeição.

— Eu aceito e lhe agradeço, minha senhora.

Foi junto com a boa mulher. Realmente, estava fraco e faminto. Depois de ter comido bastante, sempre observado com amor pela mulher, indagou:

— Comi demais, não?

— Não é isso que eu olho. É sua aparência, você é diferente dos moços daqui. E muito calado também. De onde você é?

— Eu nasci muito longe daqui, creio que a meses de viagem. Mas diga-me, senhora, por que eu fiquei triste quando cheguei aqui? Não vejo ninguém feliz. São todos calados, não sorriem, não têm vida alguma.

— Eu lhe conto. Como se chama? Ainda não sei seu nome.

— Hash-Meir, e a senhora?

— Larsa, Hash-Meir. Sabe o que aconteceu por aqui? Há muito tempo tudo era diferente, o povo era feliz, mas apareceram uns homens de negro, dizendo-se sacerdotes da Deusa do Mar. De vagar foram impondo seu culto estranho. O povo os temia. Têm um poder muito forte.

— E o que aconteceu, Larsa?

— Fizeram construir um santuário à beira-mar e, de tempos em tempos, ainda pegam uma das virgens do Templo e a oferecem à Deusa do Mar. Dizem que é para aplacar sua ira. Tomam as meninas ainda jovens de seus lares para que sirvam à Deusa do Mar. Todos temem por suas filhas. Às vezes trazem alguma virgem de fora para ser oferecida à deusa.

— E ninguém faz nada quanto a isso, Larsa?

— Não; todos os temem. São muito perigosos.

— Você me leva para conhecer o templo, Larsa?

— Sim, à noite vai haver outro sacrifício.

— Já? Esta noite? falou Hash-Meir, abobalhado.

— Você parece que ficou assustado com o que eu disse, Hash-Meir.

— Sim, eu fiquei, Larsa, vou até à beira-mar. Volto mais tarde.

— Eu o espero aqui mesmo, Hash-Meir.

— Até mais tarde, Larsa.

Hash-Meir saiu pensativo. Aquilo era difícil. Como agir? Sentou-se à beira-mar e ficou pensando no que fazer. Passou horas ali. Sua mente trabalhava incessantemente. Tinha de achar um meio de impedir o sacrifício. Conseguiu finalmente localizar o ponto que buscava. Era negro. Como vencer tanta escuridão sem ter preparado nada antes?

Entrou na água e orou à Deusa do Mar, a senhora da coroa estrelada. Ela tinha de ouvir suas preces. Não podia deixar de atendê-lo agora.

Afastou-se lentamente. À noite saberia se tinha sido ouvido em suas preces. Quando chegou, Larsa lhe perguntou algo que ele nem ouviu. Foi direto aos seus pertences. O cajado da pedra azul era a solução. Tinha de ser esta a alternativa.

— Vamos ao Templo, Larsa. Preciso ver algo.

Quando chegaram ao local do Templo, Hash-Meir ficou preocupado. Como as águas chegariam até aquele promontório? O lugar era alto.

— Ali é onde eles fazem as oferendas, falou Larsa.

Hash-Meir olhou o lugar. Ia dar direto num grande rochedo no fundo. As ondas eram muito fortes ali. Quem caísse morreria com a queda e seria tragado pelo mar, imediatamente.

— Larsa, você pode chamar todos para virem aqui hoje à noite?

— Não é preciso, Hash-Meir. Todos vêm aqui sempre, é uma ordem dos sacerdotes.

A noite chegou e todos os moradores vieram. Larsa cumprira o que lhe fora pedido.

Hash-Meir orou à Deusa do Mar novamente e tomou um lugar próximo ao local do sacrifício. Tinha de estar ali, caso suas preces tivessem sido ouvidas.

Logo começaram as atividades dos magos negros.

Moças seminuas surgiram de dentro do Templo e numa dança sensual começaram a encantar os homens presentes. Logo trouxeram a que seria sacrificada. Hash-Meir levou um choque. Era Shir a escolhida. Como fora parar ali?

Ela estava drogada, pois não via nada. Andava guiada por um homem com aparência satânica. Caiu de joelhos e segurando seu cajado, chorou. Por que logo Shir havia de ser a virgem escolhida?

No mesmo instante, um enorme vagalhão se aproximou. Era descomunal a sua altura. Todos começaram a gritar, apavorados. A cidade foi engolida pelo mar e num instante ficou submersa. Hash-Meir sorriu. Era hora de agir. Subiu até o local do sacrifício e gritou muito até ser ouvido.

Quando a multidão se acalmou um pouco, ele falou:

— Povo desta cidade, vocês estão sendo castigados. Mancharam o mar com sangue humano como oferenda à Deusa do Mar. Ela vem castigar todos, olhem como o mar está revolto.

— Mentira! gritou o sacerdote das trevas. —• Este rapaz não sabe o que está falando. A deusa só quer mais sacrifícios. Ela está insatisfeita com os que lhe fazemos. Vamos sacrificar o rapaz também, assim ela se acalmará.

Novo vagalhão se aproximava.

— Olhem! —- gritou Hash-Meir. — Ela diz que não quer sangue, mas sim flores. Tragam-me muitas flores e eu acalmarei o mar.

O sacerdote deu uma gargalhada e disse:

— Tragam flores para ele. Quero vê-lo acalmar a Deusa do Mar com flores — tornou a gargalhar.

Hash-Meir apanhou as flores e foi à beira do promontório. Ali começou a entoar um canto. Logo o ar se encheu com um barulho que imitava o seu canto. Começou a atirar flores vagarosamente.

Lentamente o mar foi se acalmando. Só que a cidade ainda continuava submersa.

— Como é que o mar se acalmou, rapaz? — perguntou o sacerdote.

Todos faziam silêncio. Queriam ouvir o que falavam os dois homens.

— Ela lhe pede uma oferenda, sacerdote.

— Que oferenda, rapaz? Diga bem alto para que todos ouçam que ela pede o seu sacrifício.

Hash-Meir pensou bem nas palavras que ia dizer.

— Vocês viram as ondas se acalmarem, não?

Todos juntos assentiram que sim.

— Pois a Deusa do Mar lhes diz: “Eu os castiguei por terem maculado minhas águas que dão tanta vida a vocês. Agora, para libertá-los do meu castigo, eu quero a vida dos que as macularam.”

O sacerdote se assustou. Todos olhavam para ele. Não pensou que o rapaz diria aquilo, mas enquanto pensava no que fazer, Hash-Meir agia.

Levantou o cajado e numa prece pediu um sinal à Deusa do Mar. A pedra azul começou a adquirir uma luz intensa. Ficou tão brilhante quanto uma pequena estrela.

O sacerdote assustou-se com o que via.

— Eis a confirmação da Deusa do Mar. Ela pede que vocês, que permitiram que estranhos vindos das trevas a ofendessem, purifiquem-se do pecado da conivência e da covardia, permitindo que tantas vidas inocentes fossem sacrificadas inutilmente, sacrificando no mar todos estes homens agora mesmo.

Logo a multidão investiu contra os sacerdotes, agarrando-os.

— O que fazemos com eles agora? perguntou um homem.

— O que eles faziam com as moças? indagou sério Hash-Meir.

— Atiravam-nas daqui para o mar.

— Pois então, joguem-nos também, um a um, para que eles vejam o mar ir se retirando à medida em que for sendo purificado.

E, um a um, os servos das trevas foram atirados ao mar que foi abaixando o seu nível.

— Olhem a sua cidade, já está aparecendo novamente. A Deusa do Mar está feliz. Agora só falta o maior culpado por sua profanação, falou Hash-Meir.

O sacerdote olhou-o com ódio e falou:

— Um dia nos encontraremos no inferno, estranho.

Hash-Meir tirou o manto e lhe disse:

— Olhe para estes símbolos, Mago Negro. Marque-os bem na sua alma, pois se eu descer ao inferno, você morrerá outra vez. Ore para que isso não aconteça, pois eu talvez desça só para ver se posso destruí-lo lá também.

A seguir, empurrou o homem, que caiu sobre as rochas. Não morreu com a queda. Não conseguia se mover, tinha os ossos todos quebrados. Os seus gritos eram horríveis. Estava sendo castigado.

Hash-Meir ajoelhou-se diante do mar e orou. Logo veio uma onda forte e levou o homem, ainda vivo, para o fundo.

— O mar se vinga de quem o profana, gritou Hash-Meir. — Vocês hoje pagaram por ter consentido com tudo o que houve. Também são culpados. Orem e façam uma festa anual à Deusa do Mar e ofereçam-lhe só flores. É disto que ela gosta.

Eis mais um mistério revelado, pensou Hash-Meir.

Em seguida, pegou o seu manto e cobriu Shir com ele. Ela estava nua e isso o incomodava.

— Venham comigo, falou Larsa. — Conheço alguém que mora no alto. Sei que sua casa não foi atingida. Lá poderá ajudá-la, pois da minha casa não restou nada. Foi um grande castigo para todos. O mar purificou a cidade, mas não purificou as pessoas.

— Como sabe que não purificou, Larsa? perguntou Hash-Meir.

— Digamos que isso eu também sei, meu filho

— Sim, eu acho que isso eu também sei, Larsa.

Foram para a casa da qual Larsa falara. No meio do caminho, Shir foi recobrando os sentidos. O vento fresco da noite a reanimara.

— Hash-Meir, o que faz você por aqui? falou Shir espantada ao reconhecê lo.

— Eu vim em missão do Templo da deusa. E você, por que está

aqui?

— A caravana em que eu viajava foi atacada. Os homens foram mortos e as mulheres trazidas para cá. As outras duas que vieram comigo já estão mortas. Bestializaram o corpo delas, macularam suas honras.

Shir começou a chorar ao lembrar de tudo o que havia acontecido.

— Não chore, Shir, está tudo acabado. O pesadelo acabou.

Quando chegaram a casa, o dono os recebeu contente.

—- Larsa, que bom que veio até aqui. Eu assisti à revolta do mar. Sabia que isso iria acontecer um dia. Era uma questão de tempo, falou o homem.

— Agora não é hora para falar. Eles precisam de um lugar para ficar e eu também.

Conversaram um pouco mais sobre o ocorrido. Logo, Larsa tinha preparado algo para Hash-Meir e Shir comerem. O homem arranjou-lhe um vestido.

—• Era de minha mulher, eu o guardei como lembrança dela, falou ele.

— Não se deve guardar nada dos mortos a não ser uma boa lembrança, falou Hash-Meir. — A vida continua para todos.

— Como sabe disso, sendo tão jovem? perguntou o homem.

— Digamos que isso eu também sei, falou Hash-Meir piscando um olho para Larsa.

Quando o dia amanheceu, Hash-Meir pediu alguns alimentos ao homem. Iriam partir de volta ao Templo da Deusa Dourada. Antes de partir, deu o cajado a Larsa.

— Obrigada, meu filho. Saberei usá-lo bem. E despiu o seio esquerdo mostrando uma marca. Era uns dos sete símbolos sagrados.

— Isso eu também sei, sacerdotisa, desde o momento em que a vi. Não se aproxime do mar até a deusa completar sua purificação.

— Sim, Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada.

— Como sabe quem sou?

— Digamos que isso eu também sei, piscou-lhe marota. — Eu já o esperava há tempos.

Hash-Meir e Shir partiram. Alguns anos mais tarde, ficaram sabendo que a Deusa do Mar purificara todos de uma vez só, numa noite em que, por causa de um período de pouca pesca, alguns voltaram a sacrificar outra virgem.

A Deusa do Mar só os estava testando. Não suportaram o teste e foram convidados a ir visitar o fundo do mar. A deusa não perdoa duas

vezes.

CAPÍTULO 7

Os Destinos de

Shir e Hash-Meir

Hash-Meir e Shir caminharam por muitos dias. O Templo da Deusa Dourada estava longe.

Ele a olhava a cada dia com mais interesse. Sim, Shir era bela. Como lhe fizera bem a viagem. Mesmo exposta ao sol, sua pele era aveludada. Sim, era isso: a picada da serpente dourada começava a surtir efeito.

O veneno subia pelo seu corpo e desequilibrava sua mente. Qual das duas seria? A serpente dourada ou Píton, que levantava sua cabeça para poder dar sua picada mortal?

Isso ele não sabia. A única coisa que sabia era que a serpente ia dar seu bote fatal. E tanto o de Píton como o da dourada eram mortais.

Seria a Pitonisa agora quem encantava Píton? Ou a serpente dourada encantava os dois, tendo como testemunha Píton, o oráculo? Eis algo que ele não sabia, como também não sabia que Shir, a reencarnação da Pitonisa, também estava a destilar o veneno do desejo por aquele que, no passado distante, tinha sido o fruto do incesto da sacerdotisa e do oráculo.

As duas serpentes destilavam o seu veneno por suas presas. Qual seria a que daria o primeiro bote? A picada tinha de ser mortal.

Quando caminhavam por um pequeno deserto, veio a resposta. Duas serpentes, enroladas uma na outra, uniam-se para o acasalamento. Sim, até as serpentes se amavam quando o veneno do desejo era maior que o veneno tão temido de suas presas. Não se destruíam, uniam-se e multiplicavam a vida.

Ficaram a observá-las por um longo tempo. Por fim, quando as serpentes pararam com o seu bailado amoroso, eles se olharam. Agora sabiam como agir: as serpentes não se anulam, apenas se unem e nada mais.

Quando a noite chegou, o veneno do desejo foi maior que todos os outros venenos. A Píton e a serpente dourada uniram-se, tendo por observadora a lua que, apesar de sua luz, tudo oculta.

E o veneno do desejo correu de suas presas. Um envenenando o outro, sobre a areia morna do deserto. Não havia um perdedor nesta luta, ambos saíam vencedores.

Hash-Meir fazia planos sobre o futuro deles. Tinha vencido as provas que o Grande Mago lhe dera, agora voltaria ao Templo da Deusa Dourada e lá pediria bênção para sua união com Shir. Já estava maduro, apesar da pouca idade. Fora, toda a vida, preparado para o futuro. Uma parte dele já chegara. Como era bom ter Shir ao lado, quanta harmonia sentia ao estar com ela! Não havia motivos para tristeza em sua vida. Sabia que o Grande Mago aprovaria sua união com Shir, pois fora ele mesmo quem dissera que um viveria pelo outro. Tinha certeza de que não encontraria resistência aos seus planos.

Caminharam por alguns dias até chegar a uma pequena aldeia. Era um lugar lindo. Nada se comparava em beleza. À sua volta havia bosques e muitas plantações. Ali não existia miséria. Todos trabalhavam muito, por isso as colheitas eram abundantes.

Hash-Meir e Shir encontraram um lugar para ficar. Era uma estalagem modesta, muito pouco usada. O proprietário foi gentil com eles. Tinha um leve sorriso nos lábios quando lhes servira o jantar.

Hash-Meir ficou intrigado, mas não lhe perguntou o motivo da alegria contida. Em outra hora indagaria o porquê daquela felicidade.

Ao anoitecer, Hash-Meir convidou Shir para passear pela aldeia. Caminhavam lentamente, olhando tudo à volta. O lugar era encantador. A brisa da noite era fresca. Quando chegaram a uma elevação, Hash-Meir sentou-se e convidou Shir a fazer o mesmo.

— Shir, quero lhe falar a respeito do nosso futuro.

— O que tem a me dizer? — indagou Shir sorrindo.

— Eu já não aceito mais a idéia de ter que me separar de você, nunca mais vou deixá-la.

— Você me deixa muito feliz. Eu também não vou me separar de você.

— Então está decidido: quando chegarmos ao Templo da Deusa Dourada, vamos nos unir e voltaremos a este lugar para aqui vivermos.

— A união já existe de fato, Hash-Meir, só que não será possível voltarmos para cá. Você se esqueceu de que fomos preparados para uma missão e que não somos donos do nosso destino.

— O nosso destino nos pertence, nada pode nos impedir de traçá-lo ao nosso modo.

— Você está enganado, Hash-Meir, nosso destino, não nos pertence. Estamos unidos em espírito com a Deusa Dourada. Sem esta união nada somos e nada faremos. Assim foi determinado e assim se cumprirá.

— Não seja pessimista, Shir. É claro que poderemos traçar o nosso destino ao nosso gosto.

— Não e não! Eu jurei servir à Deusa Dourada e não vou quebrar o meu voto.

— Você não precisa quebrar o seu voto, basta me acompanhar e juntos podemos servi-la onde estivermos.

— Não se esqueça de que você tem alguém a combater, e não vai ser aqui o combate, Hash-Meir.

— Sobre isso nós falaremos quando o tempo chegar, Shir. Agora é tempo para a alegria e o prazer, não para preocupações futuras.

Hash-meir abraçou Shir com carinho. A vida agora tinha um sentido, seria como seu pai. Estabeleceria um lar. Com Shir ao seu lado, o vazio que sentia não mais existiria.

Ficaram em silêncio observando o céu estrelado. Como era lindo ver as estrelas resplandecendo tão distante. Não perceberam as horas passarem. Já era tarde da noite quando o estalajadeiro aproximou-se deles.

— Boa-noite, meus amigos, foi logo saudando o homem.

— Boa-noite, senhor. Também passeando por aqui? perguntou Hash-

Meir.

— Sim e não. Eu estava preocupado com a sua demora.

— Acho que nos esquecemos de tudo quando aqui chegamos — falou Shir.

— É, às vezes nos esquecemos do fardo pesado que carregamos então começamos a sonhar, mas são só sonhos, meu jovem. A realidade à nossa volta permanece inalterada.

— Mas eu não estava sonhando, fazia planos para o nosso futuro, senhor. Isso é muito diferente dos sonhos.

— Você está enganado, meu jovem, são só sonhos, nada mais. A vida nos reserva muitas surpresas. Às vezes queremos fugir dos deveres, mas infelizmente não somos bem-sucedidos em nossos sonhos. Melhor viver uma realidade árdua do que um sonho irreal.

— E o que é para o senhor um sonho irreal?

— É justamente o que você está almejando para vocês dois. O destino não pode ser alterado. Ninguém consegue alterá-lo e ser feliz ao mesmo tempo.

— O senhor é muito fatalista.

— Não, meu jovem, só realista.

Nisso, Shir interrompeu a conversa dos dois com uma pergunta:

— Mas quem é o senhor? E como pode saber sobre o nosso destino?

— Sim, como sabe do nosso futuro? perguntou Hash-Meir.

— Eu sei muitas coisas, meus jovens. Conheço os símbolos que trazem impressos em suas mãos, e quando tirou a faixa que cobre sua cabeça, eu vi o símbolo maior. Só os guardiões trazem este símbolo impresso a fogo na testa.

— Deve ser mais cuidadoso quando for se lavar, Hash-Meir, falou

Shir.

— Mas como eu ia saber que estava sendo vigiado pelo nosso amigo?

— Ora! Assim que vi suas mãos eu o reconheci, Hash-Meir.

— E sabe o meu nome também?

— Sim, eu sei tudo sobre você. Eu sou um M.L. também.

— O senhor é um Mago da Luz? perguntou Shir espantada.

— Sim, eu sou um M.L. da pedra dourada.

— Agora eu compreendo o porquê do seu sorriso mal contido ao nos servir o jantar.

— É isso mesmo, Hash-Meir. Eu quase me denunciei quando o reconheci.

— Mas o que faz o senhor nesta aldeia, Mago da Pedra Dourada?

— Sou o sacerdote daqui. Esta é a aldeia onde nasci.

— E por que vive como um estalajadeiro?

— Assim eu observo todos os que aqui chegam. Fico sabendo o que querem, para onde vão, enfim, sei de tudo sobre os estranhos.

— Entendo. Assim agindo, evita que desconhecidos fiquem incógnitos na aldeia, não?

— É isso mesmo, meu jovem. É por isso que nossa aldeia é tão calma e alegre. Não admitimos cultos estranhos por aqui. Só cultuamos o criador de tudo e de todos, nada mais.

— Dá para sentir que este lugar tem a bênção do Criador, falou Shir.

— Bom, vamos voltar para minha casa, já é muito tarde e minha esposa pode estar preocupada.

— Vamos, Shir? falou Hash-Meir, tomando suas mãos.

Caminhavam em silêncio. Já não tinham mais o que falar. A origem

comum falava por todos. O espírito da Deusa Dourada habitava o lugar. Quando chegaram à casa do M.L. da Pedra Dourada, viram dois homens com a família, a esperá-lo. Os dois homens se apresentaram ao estalajadeiro como emissários do Templo da Deusa Dourada.

Hash-Meir reconheceu um deles como o grande M.L. da Luz Azul. Abraçou-o com afeto. Já fazia um bom tempo que partira do Templo da Deusa Dourada e ver um dos seus mestres o deixou feliz.

— Não há motivos para alegria, Hash Meir. O tempo é chegado. Ptal se aproxima.

— Mas tão cedo ele se aproxima?

— Sim, já é chegada a hora. Vim ao seu encontro a mando do Grande Mago da Luz Cristalina. O tempo agora vale ouro, Hash-Meir.

— E o que eu devo fazer?

— Ir até o Templo da Deusa Dourada. Lá receberá as instruções que faltam.

— E quais são as que o senhor me traz?

— Esperem um momento! exclamou o M.L. da Pedra Dourada.

— Vamos entrar, devem estar cansados e com fome. Enquanto conversam eu faço algo para vocês comerem.

— Nós lhe agradecemos, Meshar. Faz muitos dias que não comemos uma boa refeição.

— Não se preocupem, de agora em diante terão boa comida e descanso. Mas, e o senhor, quem é?

O homem que acompanhava o Mago da Pedra Azul falou:

— Eu sou Rashir, o Mago da Pedra Roxa, e vivia muito longe daqui. Morava em Ur, quando Ptal chegou ocultei-me até saber para onde ele ia. Quando descobri, fugi à noite e fui direto para o Templo da Deusa Dourada avisar a todos. As trevas estão cobrindo a Terra.

— Mas como, Rashir? Fale-nos a respeito, falou Hash-Meir.

— Bem, Ptal é um homem muito poderoso. Traz consigo um exército sanguinário. Não tem um objetivo certo, caminha destruindo tudo à sua volta.

— O único objetivo que pude descobrir é que vai destruir o Templo da Deusa Dourada e depois vai tentar chegar até o rio sagrado.

— Mas o porquê disso, Rashir?

— Ptal não tem domínio sobre o seu reino. Lá quem manda são os grandes magos negros. Eles fizeram de Ptal um escravo do desejo de destruição da luz. Onde há um Templo da luz, ele vai destruí-lo. Só os Templos caídos, os que fazem sacrifícios humanos aos deuses, é que serão poupados, pois estes já pertencem às trevas.

— É, quase fui sacrificada num desses Templos pouco tempo atrás, falou Shir.

— Conte-me como foi, falou o Mago da Pedra Azul.

— Bem, o senhor se lembra da caravana que eu acompanhei?

— Sim, lembro-me bem, onde está ela, agora?

— Não existe mais. Foi atacada por um grande exército de homens, todos vestidos com longas roupas negras. Eram cruéis e sanguinários, degolavam os velhos e as criancinhas. Só os que podiam caminhar e eram fortes, que eles levavam amarrados. Fui vendida para outros homens de negro que queriam uma virgem para sacrificar à Deusa do Mar.

— Como se ela aprovasse isso! Falou revoltado o Mago da Pedra

Azul.

— Os guerreiros de negro que atacaram a caravana eram os temidos cavaleiros das trevas, o mais forte grupo de soldados de Ptal, o general das trevas, falou Rashir.

— São eles que vão na frente, destruindo tudo o que encontram.

— Não poupam nenhum sacerdote da luz. Os seus comandantes são magos negros da pior espécie. Sentem prazer em torturar as pessoas com suas magias negras. Seus métodos são os piores que o inferno tem a oferecer. Terá de vencê-los primeiro. Só então dominará Ptal, falou o Mago da Pedra Azul.

Nesse momento, Meshar, o Mago da Pedra Dourada, trouxe um cajado com uma pedra dourada encravada no alto.

— Isso é para você, Hash-Meir. Este cajado tem todo o poder de que alguém precisa para vencer os magos negros. Com ele você domina o tempo e o ar. Enquanto você o tiver, será indestrutível.

— Mas como o senhor me dá o seu cajado ficando sem nada para protegê-lo?

— Eu já tenho outro preparado. Não sei como explicar, mas eu sabia que um dia ele seria útil para mais alguém, e este alguém é você, Hash- Meir.

— Eu lhe agradeço, Meshar. Saberei usar bem a força do cajado.

— Eu sei que saberá, Hash-Meir. Isso eu sei, mas agora vamos deixar que eles comam, pois estão famintos. Depois lhe falarei mais sobre o poder do cajado.

Afastaram-se enquanto os dois homens com seus familiares comiam com apetite a refeição que Meshar lhes preparara. Depois de comerem, as crianças e as mulheres foram acomodadas e os homens voltaram a se reunir. Shir se juntou a eles, tinha de estar a par de tudo.

Foi o Mago da Pedra Azul quem começou a falar primeiro:

— Hash-Meir, amanhã você partirá de volta ao Templo dourado. Espero que não chegue muito tarde.

— O senhor me deixa preocupado, Grande Mago. Será que estou realmente preparado para enfrentar Ptal, o general das trevas?

— Sim, você está preparado. É só confiar em si mesmo.

— Bem, acho que Meshar tinha razão, eram só sonhos, Shir. A realidade já se faz presente. Não há mais lugar para sonhos. A luta vai ser árdua. Teremos de ser fortes se quisermos vencer.

— Nós venceremos, Hash-Meir, mas antes de partirmos gostaria que o grande Mago da Pedra Azul nos unisse como marido e mulher pelo ritual do Templo da Deusa Dourada. O senhor faz isso por nós?

— Sim, Shir, farei com muito prazer, mas você sabe que isso não lhe dará o direito de tê-lo só para você, não?

—- Sim, eu não me esqueci do que me foi ordenado. Saberei me conter. Melhor ter o amor de Hash-Meir, mas dividi-lo com outras, do que falhar no que o Grande Mago da Luz Cristalina espera que eu cumpra. Saberei agir com cautela.

— Assim nós esperamos, Shir. Lembre-se das instruções e não se deixe dominar pelo ciúme.

Então Hash-Meir perguntou:

— Do que vocês falam, que eu não compreendo?

— No tempo certo você compreenderá, Hash-Meir, falou Shir com lágrimas nos olhos.

— Mas por que chora, Shir? Conte-me tudo, para que eu possa saber como agir quando isso se fizer necessário.

— Eu vou contar-lhe tudo. Vamos lá fora, pois não quero que me vejam chorando.

Saíram. Quando já estavam sós, o pranto brotou com força. Hash- Meir deixou que ela chorasse.

Quando se acalmou, começou a falar.

— Serei sua companheira mas vou ter que dividi-lo, Hash-Meir. Tudo já está preparado há tempos. Lembra-se das moças com as quais você se envolveu no Templo da Deusa Dourada?

— Sim, lembro-me bem delas.

— Pois será com elas que eu terei que dividir o seu amor.

— Mas por que isso, Shir?

— Elas também foram preparadas para este momento, Hash-Meir. Anularam-se como nós nos anularemos também. Tudo pela Deusa Dourada. Só quero que você as ame, não por serem bonitas ou sábias, mas porque, como nós, elas também aceitaram uma missão difícil — preservar o saber sagrado e transmiti-lo aos seus descendentes. Ainda que não as ame como esposas, pelo menos dê-lhes o prazer carnal como prova de que as aceitará como esposas.

Hash-Meir ficou em silêncio. Muitos pensamentos passavam por sua mente. Novamente a história se repetia, teria um harém à sua disposição. Se no passado a mãe lhe proporcionara isso, agora era a sua escolhida que o jogava no mesmo caminho por causa de algo que não pedira, que lhe fora imposto pelos grandes magos. Que destino teria à frente? Como conciliar o serviço bom com os hábitos ruins? Como se livrar do passado, se este insistia em se fazer presente? Jamais se livraria da marca do oráculo. Sua presença podia ser sentida, apesar de invisível. Tinha certeza mesmo de que o oráculo sorria com sua situação incômoda.

— Vamos entrar, Shir. Já sei que o meu destino não me pertence. A Deusa Dourada não morrerá no meu coração enquanto ele pulsar.

— Eu o acompanharei enquanto isso for possível, Hash-Meir.

— E eu não a deixarei por nada deste mundo. Destruirei quem tentar nos separar, Shir, isso eu juro agora.

Quando voltaram ao interior da casa, os magos estavam calados.

— Por que este silêncio amigos? perguntou Hash-Meir.

— Nós já falamos o necessário, Hash-Meir. Agora é você quem fala. Shir também tem o que dizer, não?

— Sim, eu tenho o que dizer, amigos. Ao cair da noite partiremos para o Templo da Deusa Dourada. Não há mais nada a decidir. Tudo já está resolvido. A serpente dourada vai envolver a serpente negra.

— Então, nada mais temos a dizer. Quero que saiba, Hash-Meir, que seu destino está escrito com sangue e lágrimas, e assim se cumprirá.

No dia seguinte, após a cerimônia de união, partiram. Mais quarenta dias e chegaram às proximidades do Templo da Deusa Dourada. O que viram foi só devastação.

— Ptal! exclamou Shir.

— Sim, Ptal chegou antes do tempo esperado. Vamos logo para o templo. Espero que não seja tarde, falou Hash-Meir.

À noite, chegaram ao templo. Havia milhares de soldados de Ptal à sua volta. O templo havia sido destruído.

Logo foram até um soldado, e Hash-Meir lhe pediu:

— Leve-me até Ptal, soldado.

— Quem é você rapaz?

— Eu sou quem Ptal procura. Vamos, leve-me logo até ele! Hash- Meir falou incisivo.

O soldado tremeu ao olhar nos seus olhos. Aquele rapaz tinha algo que lhe dava medo. Levou-o até Ptal.

Quando se aproximou de Ptal, Hash-Meir não acreditou no que viu. O Grande Mago da Luz Branca, Mago do Cristal, o Grande M.L., sendo torturado para que revelasse os mistérios do Templo da Deusa Dourada.

— Parem com isso, filhos das trevas, gritou Hash-Meir, aproximando-se do Grande Mago da Luz Branca.

— Quem é você, idiota? Perguntou Ptal.

—- Eu sou quem você procura, Ptal. Sou Hash-Meir, o Guardião dos Sete Portais de Luz do Templo da Deusa Dourada.

— E eu sou Ptal, o Guardião dos Sete Portais das Trevas, general que destruiu o seu templo, idiota.

— Não, você não destruiu o meu Templo, você só começou a destruir a si próprio. Agora que as luzes se apagaram, o que lhe restou?

— O poder total. Eu tenho um império aos meus pés.

— E o que sabe você de um império, se não sabe usar o que conquista?

— Como ousa falar assim com Ptal, o general das trevas? Posso mandar tirar toda a pele do seu corpo sem que o deixem morrer.

— Eis o que sabe Ptal, o conquistador. Nada mais que isso. Você sabe o que fez realmente ao destruir este Templo? Você cavou a própria sepultura.

— Como pode falar assim? Você não conhece o tamanho do meu império. Eu reino de um lado ao outro do mundo.

— Você reina ou reinam por você?

— O que quer dizer com isso, seu insolente?

— Olhe à sua volta, o que vê? Seus magos negros que só sabem lhe dizer para destruir a luz onde ela existir? A luz não se destrói, conquista-se. Tolo é aquele que pensa que, destruindo a luz, conquista alguma coisa. Quem destrói a luz, destrói a si próprio, Ptal.

— Você fala bem, Hash-Meir, continue, eu estou gostando de ouvi-lo; isso me diverte. Afinal eu também gosto de me divertir um pouco. Quem sabe depois eu mande só degolá-lo em vez de tirar sua pele.

— Eu não falo bem, eu falo a verdade. O que falam seus sacerdotes sanguinários? Bajulam-no para que você, o grande general, dê vazão aos instintos malignos deles. Quem é você, a mão ou a espada? O conquistador ou o que conquista para outros? Veja como estão assustados os seus sacerdotes. Eles me temem como às próprias luzes, pois eu digo a verdade. Olhe-os, Ptal, veja como estão assustados; têm medo de que eu o livre da influência deles e estrague os seus planos.

Ptal olhou para o grupo de magos das trevas que o acompanhavam. Realmente estavam assustados. Por quê, se antes nada temiam?

— Por que estão assustados, chacais? gritou Ptal.

Um deles se adiantou e falou:

— Olhe para ele, Ptal. Este é o homem do qual lhe falamos. Ele tem de morrer, senão o destruirá.

Quando Ptal se virou para Hash-Meir, este o encarou.

— Se eu quisesse destruí-lo, já teria feito isso há muito tempo. Não precisava vir ao seu encontro para matá-lo.

— Explique-se melhor, Hash-Meir.

— Escolha um dos seus sacerdotes e eu lhe mostro.

Ptal chamou um deles. O homem gritou que não queria se confrontar com o rapaz.

— Você o teme, por acaso?

— Sim, eu o temo, ele é muito poderoso, tem de morrer, falou o mago das trevas.

— Pois se é assim, então mate-o ou então eu mando abrir o seu ventre para as aves de rapina arrancarem suas tripas com você ainda vivo, maldito.

O homem, trêmulo de medo, foi até Hash-Meir. Tirou uma adaga e levantou o braço para apunhalá-lo. O braço subiu mas não conseguia mais movê-lo.

Hash-Meir olhava nos seus olhos. Todo o seu poder foi lançado sobre o mago das trevas. Este ficou paralisado, logo começou a brotar sangue dos seus ouvidos, narinas, olhos e boca. O homem se encharcava de sangue e não saía do lugar.

Hash-Meir arrancava sua alma com o poder de sua mente. Matava o homem aos poucos. Quando já estava morto, levantou a mão direita e falou:

— Caia agora, corpo sem vida.

O corpo caiu de uma só vez, o sangue parou de correr. Todos estavam assustados, principalmente Ptal.

— Veja, grande Ptal. Se eu quisesse, já o teria matado.

— E por que não fez isso antes?

— A luz não existe sem as trevas e o inverso também é verdadeiro. Não existiria dia se não houvesse a noite para lhe dar equilíbrio, nem o homem se não houvesse a mulher, nem a vida se não houvesse a morte. Eis um mistério da Deusa Dourada que seus magos da morte não conhecem.

— E por que então me quer vivo, se pode me matar na hora em que lhe aprouver?

— Eu não quero matá-lo e não vou matá-lo, assim como você não quer e não vai me matar. Um precisa do outro para sobreviver. Se um morrer, o outro não tem motivos para existir. Quem estiver na luz e errar tem de ir para as trevas para conhecer a extensão do seu erro. Só as trevas têm o poder de fazer isso. E quem estiver nas trevas e lutar para acertar, merece conhecer a luz para ver como valeu a pena o esforço. Eis mais um mistério revelado que seus magos desconhecem.

— Continue, Hash-Meir, eu estou ouvindo.

— O equilíbrio tem de ser restabelecido, a lei tem de imperar, tanto na luz como nas trevas, tanto na vida como na morte. Onde não há lei do equilíbrio não há nada. O homem tem de crer nisso, senão ele perde o sentido de viver. Eis mais um mistério revelado.

— Eu ainda estou ouvindo, continue.

— O que é Ptal, o general das trevas? Um homem ou um deus?

— E o que sou eu, Hash-Meir?

— Por enquanto é um homem.

— Como, se meus sacerdotes dizem que Ptal é um deus para eles?

— Você destruiria seu próprio deus, Ptal?

— Não, isso não.

— Então por que eles querem destruí-lo se é o deus deles, Ptal?

— Como pode provar que eles querem destruir Ptal?

— Não sente em seu corpo o sofrimento; não vê que o braço que você empunha a espada para ceifar vidas já não é o mesmo? Não sente sua dor durante o sono?

— Sim, isso eu sinto, mas o que tem a ver com os meus sacerdotes?

— Eles estão tentando destruí-lo para tomarem o seu lugar, pois quando já não houver mais o sol, a noite se tornará cada vez mais negra. Ela engolirá todos. Ninguém mais terá paz para poder fechar os olhos e descansar o corpo dolorido. Não terão a quem recorrer, os que não se sentirem bem na luz e também os que estão nas trevas. O equilíbrio está rompido quando chegamos a este ponto. Eis mais um mistério revelado.

— Então prove o que tão bem sabe dizer, Hash-Meir.

— Eu provo, Ptal.

— E, indo até Ptal, pôs a mão direita sobre seu ombro.

— Olhe agora, Ptal, os que tramam um modo de destruí-lo vão cair agora, é só querer ver.

E os magos começaram a cair atrás de Ptal. Caíam e não conseguiam se levantar. Ptal ficou assustado com o que via. Perguntou-lhes:

— Por que tramavam contra mim? Falem, chacais imundos, ou eu os mato da pior forma que conheço.

— Foi o Grande Mago da Serpente Negra quem nos ordenou isso, Ptal. Tenha piedade de nós, não somos culpados.

— Quem ajuda tem tanta culpa quanto quem ordena, víboras traiçoeiras.

— Eis mais um mistério revelado Ptal, falou Hash-Meir.

— Sim, eu me interesso por seus mistérios, Hash-Meir, e vou dizer mais um agora. Quem tem culpa tem de pagar, não é assim?

— Sim, é mais um mistério revelado.

— Então, que paguem agora.

E tirando sua espada avançou para os homens caídos à frente.

— Pare, Ptal, gritou Hash-Meir.

— Por quê? Quer me dar ordens agora? falou Ptal enfurecido.

— Não, eu não quero lhe dar ordens, apenas começar a torná-lo um deus, o que os seus magos negros não conseguiram.

— E como agir, então?

— Um deus não faz, manda outros fazerem por ele. Eis mais um mistério revelado.

— Pois então vamos ver se eu sou um deus.

E ordenou que alguns soldados degolassem os magos negros. Estes cumpriram as ordens imediatamente.

— Vê como é, Ptal? Você só tem de ordenar e eles só têm que cumprir, nada mais.

— Sim, isso é verdade, acho que está na hora de mudar.

— Eu posso ajudá-lo a construir o império mais sólido que já houve sobre a face da Terra. Basta que entenda que sem o portal da luz não há o portal das trevas.

— Eu o torno o meu sacerdote oficial a partir de agora. O que me aconselha, Hash-Meir?

— Mande homens de sua confiança matar os seus sacerdotes. Que não viva nenhum e eu o torno tão grande como o sol. Todos dirão: Ptal é o sol. O sol é Ptal, tão grande é o poder deles, tanto podem fazer germinar a semente como secar seu fruto. Eis um mistério revelado do qual você pode ser parte.

Assim fez Ptal. Mandou um general de sua confiança à frente de um enorme exército com ordens implacáveis. A serpente negra tinha sido envolvida pela serpente dourada. A Deusa Dourada vencia mais uma vez. Fez de sua morte a vida de muitos.

— Ptal, eu gostaria de falar com o mago que está à beira da morte.

— Vá e fale com ele. Você é o sumo sacerdote do meu reino de agora em diante.

Hash-Meir foi falar com o Grande Mago da Luz Cristalina.

CAPÍTULO 8

A MORTE DO GRANDE MAGO DA

Luz CRISTALINA

— Sinto ter chegado tarde, Grande Mago da Luz Branca.

Quase sem poder falar, o mago respondeu:

— Você chegou na hora certa, Hash-Meir, eu fico feliz e parto realizado. Você é um bom Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada. Ela o amparará por toda a eternidade. E eu também o ampararei, não importa por onde caminhe, se na luz ou nas trevas. Onde você estiver, eu o acompanharei. Chame Shir até aqui.

Quando Shir se aproximou, o mago pediu que Hash-Meir se afastasse.

— Shir, você sabe o que tem a fazer. Faça-o bem feito e os seus frutos serão cantados por toda a eternidade.

— Sim, Grande Mago, eu não falharei.

— Que o Criador lhe ampare por toda a eternidade, Shir.

Após dizer isso, o Grande Mago da Luz Cristalina morreu. Shir começou a chorar. Hash-Meir correu até eles; ao ver o Mago morto, chorou também. Uma parte deles morria ali.

Ptal se aproximou.

— Por que choram?Agora ele não sofre mais, caiu no sono eterno.

— Sim, é isso mesmo, falou Shir. — Agora eu gostaria de lhe pedir

que devolvesse as outras seis mulheres de meu marido.

— Quer dizer que Hash-Meir, o Guardião dos Sete Portais de Luz do Templo da Deusa Dourada, tem sete mulheres?

— Sim. Ele é o Guardião da Vida, não da morte. Dele só sai vida e elas são parte dele. Se quiser ser comparado ao sol, tem de deixar que as coisas sejam assim. Eu sou a primeira, as outras vêm depois de mim.

— Eu quero ser o sol. Vou mandar que tragam todas as mulheres que foram presas com vida.

Quando foram trazidas a frente de Shir, esta escolheu as seis que o Mago da Luz havia preparado.

Após separá-las, falou:

— Por que o grande Ptal não escolhe uma para si, ou quantas quiser, e não dá as outras para seus homens de confiança, os seus generais? Assim eles iriam receber um pouco de cultura e encantamento que não mais existe no Templo da Deusa Dourada.

— Sim, é uma boa idéia. Só que eu quero sete, como Hash-Meir; os outros terão só uma. Afinal, ele é o sumo sacerdote e eu sou o grande rei sol de agora em diante.

Mesmo na tristeza, Shir sorriu. A serpente era envolvente, o dourado se espalharia rapidamente.

Hash-Meir pediu de volta o grande colar do Grande Mago da Luz. Era um colar com sete discos de pedra, cada uma com um símbolo, fechado com um cristal branco. Estava feita a primeira parte. A grande serpente negra tinha sido envolvida pela dourada.

O tempo passou e Hash-Meir realizou o prometido. Ptal brilhava como o sol. Sua força alcançava os confins do mundo. Passou a se impor pela majestosidade de seus paramentos reais e o poder delegado a seus homens de confiança. O império estava consolidado ao fim de dezesseis longos anos. Os templos se multiplicaram à custa dos escravos, mas Hash-Meir espalhava os símbolos sagrados também. Havia trevas, mas também a luz para combatê-las. Ainda que adormecida, a Deusa Dourada vivia. Para isso bastava ser tocada novamente. A serpente dourada era venerada no grande império. Só estava adormecida. Um dia reviveria e novamente daria suas três picadas quando se fizesse necessário.

CAPÍTULO 9

SURGEM NOVAS PREOCUPAÇÕES

Ptal teve apenas uma filha. Era muito bonita, com 15 anos encantava todos com sua beleza. Muitos já se insinuavam a Ptal quando falavam com ele. Desejavam sua filha como esposa. Ptal nada dizia, apenas pensava em silêncio.

Reinava sobre o seu império mas não estava satisfeito. Faltava-lhe algo, queria se perpetuar no poder. Pensava e só tinha uma idéia. Um dia chamou Hash-Meir aos seus aposentos.

— O que o grande Ptal deseja de mim?

— Sente-se, Hash-Meir, quero um conselho.

— O que você quer saber?

— Não é nada fácil falar. Eu com o poder e você com a religião temos um império aos nossos pés. Todos se curvam diante de mim. O tesouro real está abarrotado, os Templos também, tudo vai muito bem, mas algo me incomoda.

Parou de falar por um longo tempo. Hash-Meir ficou calado, pressentiu o pior. Por fim, Ptal continuou.

— Você tem sete mulheres e dá muitos frutos. Eu tenho sete mulheres e uma infinidade de concubinas, mas só uma semente vingou. O fruto da semente é uma mulher.

— Mas sua filha é muito bonita. Não terá problemas em arranjar uma união vantajosa para ela, para você e para o império, quando o tempo certo chegar.

— O tempo já chegou, sumo sacerdote. Tem de ser agora. Já estou velho, não viverei muitos anos mais. Tenho de ver o fruto de minha semente frutificar. Aí então voltarei ao inferno em paz.

— Você já tem alguém em mente, grande Ptal?

— Sim, eu tenho. Só falta anunciar, mas antes quero sua opinião.

— Pois se é assim que você quer, assim será feito.

— Então, assim será feito, pois o meu sumo sacerdote concorda.

— Só acho que deve pesar os interesses do reino, pois você centralizou tudo na sua pessoa. Não pode ser alguém que, ao sucedê-lo, desfaça todo o trabalho feito por nós.

— Por isso eu o consulto. Eu conquistei, você ordenou, eu tenho o poder real e você tem o poder religioso. Juntos, todos nos respeitam, do meu palácio emana um poder, dos seus Templos emanam outros poderes. Se eu unisse os dois poderes, o resultado seria um

verdadeiro soberano divino, então o Egito seria eterno, sobreviveria a tudo. Não seria apagado por qualquer idiota que venha a ser o companheiro de minha filha.

— Deve escolher bem para que o eleito corresponda aos seus desejos, grande Ptal.

— Eu já tenho um em mente e este é você.

Hash-Meir levou um susto, sabia que vinha algo, mas não tão grave.

— Mas eu tenho muitos filhos, pode escolher um entre eles. E além do mais, sua filha é uma criança, ainda. Eu a vi crescer como você. Não posso aceitar. É uma criança que eu amo como meus filhos.

— Você não fez o coroamento dela como princesa aos 13 anos e disse que já era uma mulher completa? Seus sacerdotes não tornam um menino, ou menina, adultos, a partir dos 13 anos?

— Sim, mas é que ela é tão jovem!

— Então sua doutrina é falsa e tudo o que prega é falso; ou então não gosta de minha filha e isso é pior.

— Não é isso e você sabe.

— O que é, então? Minha filha não dará frutos, é o que quer dizer?

— Não! Ela dará muitos herdeiros para o trono, disso tenho certeza. Eu já olhei o futuro dela, é uma mulher perfeita!

— Sabe, Hash-Meir, um dia a serpente dourada envolveu a serpente do Nilo. O resultado foi bom. Agora é a serpente negra que envolve a serpente dourada. O fruto será bom e se perpetuará pela eternidade. Eu não quero um filho seu como semente, assim como você não queria minha morte e tem demonstrado isso nestes anos todos, hoje eu durmo bem. Eu quero é você. Você precisou de mim um dia e eu o ouvi. Hoje eu preciso de você e você me ouvirá.

— Pois continue, eu estou ouvindo.

— Você é jovem ainda, tem só 34 anos. Eu já o observo há algum tempo, suas esposas continuam a frutificar. O mesmo acontecerá com minha filha. O fruto da união será respeitado por todo o reino. Ninguém o contestará ou dirá que não é divino. Será o fruto do Guardião dos Sete Portais de Luz com a filha do general das trevas. Todos o amarão, respeitarão e temerão. Será um soberano incontestável e receberá minha força para a conquista e o seu saber. Será o primeiro de uma linhagem de grandes reis. Será a união da religião com o poder. Nem um nem outro o contestará em sua legitimidade. Será filho do sumo sacerdote e da princesa real.

— Posso pensar um pouco?

— Não, quando eu o ouvi, usei a razão, faça o mesmo agora. Não pense. Não tem tempo de pensar.

Hash-Meir ficou calado por um instante.

— Aceito, grande Ptal. Assim você quer e assim será feito.

— Então mande anunciar por todo o reino.

— Já falou com sua filha?

— Não, mas vou falar agora mesmo, ela concordará.

Assim quis e assim foi feito.

Hash-Meir se casou com a princesa do Nilo, Pershá. Quando ficou a sós com ela, perguntou-lhe:

— Pershá, por que você concordou com esta união? Você é como uma filha para mim.

— Você tem muitos filhos por isso também me considera mais uma, mas eu só tenho um pai e não o considero como tal. Além do mais, desde o dia em que você tocou em minha cabeça e disse que eu já era uma mulher completa, eu o venho desejando. Pensava em todas as noites, com qual das mulheres você estaria. Qual seria a escolhida. As vezes só conseguia dormir muito tarde da noite. De tanto pensar, perdia o sono.

— Vejo que é realmente uma mulher.

— Sim, sou uma mulher. Prove-me isso agora, disse-lhe, despindo o fino vestido real.

A serpente negra envolvia a serpente dourada mais uma vez. Pershá era linda. Hash-Meir mergulhou num sonho que logo se tornaria o pior pesadelo de sua vida.

Foi em um desses dias que nasceu o 12º filho de Shir. Era uma mulher muito fértil, as outras seis também tinham muitos filhos. Quando as crianças atingiam a idade de 7 anos, Hash-Meir começava a iniciação delas. Aos 13 anos já escolhiam o caminho e a cor a seguir. Eram marcadas com o símbolo correspondente.

Foi um tempo de muito trabalho para ele, estava construindo uma casta religiosa baseada no que aprendera no Templo da Deusa Dourada.

Quando Shir se restabeleceu, Hash-Meir a procurou mais que às outras. Só não se descuidava de Pershá, pois isso era perigoso. Era muito ciumenta a jovem princesa. Queria exclusividade do marido, e Shir era a rival a ser aniquilada.

Apesar do seu frescor juvenil, não possuía o encanto de Shir e isso ela não conseguia tirar da rival.

Hash-Meir olhava tudo o que fazia Pershá. Conhecia o seu gênio possessivo. Não era bem isso que queria e conversou com Shir sobre o assunto.

— Shir, você tem notado o ciúme de Pershá?

— Sim, Hash-Meir. Ela convida as outras aos seus aposentos, mas não a mim. Evita todo o contato comigo, bajula os filhos das suas outras esposas, mas discrimina os meus.

— Não sei bem o que fazer. Tenho poder maior que o próprio Ptal, mas sua filha é mais poderosa que nós dois juntos. Eu mato os mais poderosos magos negros com minhas magias como se mata uma mosca, mas não sei o que fazer com ela. Se agir contra ela resolvesse, eu a tiraria do meu caminho, mas isso só deixaria Ptal contra mim e ainda não criei toda a estrutura do culto. Ela só estará completa quando todos os sacerdotes forem totalmente egípcios. Até lá poderá se romper.

— Não se preocupe, logo ela terá com o que se preocupar. Quando nascer o filho, ela se dividirá e então não vai mais incomodá-lo.

— Penso que não. É hora de tomar certas providências. Já localizei meu pai e, em caso de perigo, você vai para junto dele. Lá não correrá nenhum perigo.

— Será que vamos ter de nos separar?

— Temo por isso. Já não consigo ter a paz que tinha antes só de pensar nisso.

— Vamos, não se preocupe, logo tudo ficará bem.

— Espero que isso aconteça, oro por isso todos os dias durante o

culto.

Hash-Meir passou a noite com Shir. Só ela conseguia acalmar seus temores com seu encanto.

Logo nasceu o primeiro filho de Pershá, era um belo menino. Ptal decretou festas oficiais pelo nascimento do herdeiro do trono. Era agora um homem realizado. Pershá começou a exigir mais assiduamente as atenções de Hash-Meir, para o filho e para si, mas este objetava contra os seus desejos.

— Pershá, eu sou o sumo sacerdote, tenho muitos deveres a cumprir, não posso viver ao seu lado o dia todo e à noite também.

— Mas ao menos deveria demonstrar mais carinho comigo.

— Mais do que eu já demonstro é impossível, você é egoísta. Você sabia que eu tinha sete esposas quando me uni a você. Por que quer ser a única, agora?

— Eu o amo muito para dividir o seu amor com outras mulheres. Quero-o só para mim,

— Cuidado, Pershá, pois eu não vou abdicar do meu modo de ser só por um capricho seu. Se você me quer, e me ama como diz, então me aceite como sou, ou então pode perder tudo. Já estou farto de suas observações a respeito de Shir.

— Lógico que eu tenho ciúmes, você com ela é só amores, comigo é mais companhia do que marido.

— Não a satisfaço como às outras, Pershá?

— Sim e não.

— Explique-se melhor.

— Você me dá o prazer, mas não o amor. Este você dá a Shir também quero o seu amor, não só o prazer.

— Você sente ciúmes daquela que, quando sua mãe morreu, amamentou-a em seu lugar? Ela a criou como uma filha e agora você a discrimina.

— Eu não posso aceitar que os mesmos seios que me amamentar um dia, sejam, hoje, o local onde meu marido encontra o prazer. Só isso.

— Entendo, são só ciúmes. E por que não sente ciúmes das outras, então?

— Por que você dá às outras o que dá a mim, só o prazer.

— Mas eu as amo também.

— Não, você só gosta delas, mas amar, só Shir é amada.

— Venha cá, Pershá, não desafie um dos maiores mistérios que ela

tem.

— E qual é este mistério, Hash-Meir?

— Se você possui alguma coisa, tire dela só o que ela possa lhe oferecer, pois se tentar tirar mais você a destrói. Eis o mistério e digo mais o ciúme é o mais curto caminho para o ódio; e mais um: o ódio é o caminho para a morte.

Pershá conhecia o poder e o saber de Hash-Meir e ficou assustada; com suas palavras.

— Você pretende me matar, Hash-Meir?

— Longe de mim tal idéia. Já tenho muitos erros no meu livro, e nenhum comparado a este. Isso eu nunca farei e nem me passa pela cabeça, tirar a vida da mãe de meu próprio filho. Alguém a quem eu protegi e creio ainda me ama. Não, Pershá, não é de mim que estou falando, é de você

— Eu nunca pensaria em prejudicar Shir. Juro-lhe isso, só me dê um pouco do seu amor. E só isso o que eu preciso, nada mais.

Hash-Meir abraçou-a carinhosamente. Ainda era uma criança, mudaria com o tempo e, além do mais, era bela, como era bela Pershá. amá-la mais, talvez isso fosse a melhor solução.

Os tempos foram passando e o primeiro filho de Shir já era um homem completo. Tinha o mesmo jeito do pai. Sábio e frio. Ia ser um Grande mago.Hash-Meir lhe ensinou tudo o que sabia. Ele ia precisar disso.

Preparava todos os outros também. Exigia deles a aplicação na formação religiosa. Queria um clã religioso.

Logo nasceu o segundo filho de Pershá.

Ptal ficou radiante, tinha garantido a perpetuação do poder.

O tempo ia passando e Hash-Meir multiplicando cada vez mais Seu poder estava consolidado por todo o império, suas ordens eram cumpridas sem discussão. Ninguém contestava o seu poder religioso.

Ptal mandava degolar todos que não se curvassem aos deuses egípcios, religião e o estado se confundiam, os sacerdotes formavam os filhos em generais e da nobreza, que por sua vez forneciam os sacerdotes para o culto.

O caduceu da mão de Hash-Meir estava formado. Era o símbolo do Egito naquele tempo. As duas serpentes.

Hash-Meir pegou os filhos da segunda esposa e os enviou à Pérsia, com grande riqueza e poder, para refazer a tradição oculta do Templo da Deusa Dourada, só que com outro nome. A mãe quis ir junto com os filhos.

— Mas por que você vai junto? Não há necessidade, Harla, fique comigo, eu a amo muito.

— Hash-Meir, você tinha algo a fazer e está fazendo bem feito. Formou meus filhos nos 77 mistérios. Estão preparados para difundir novamente os ensinamentos do Templo da Deusa Dourada, mas eles precisam de alguém que saiba como guiá-los nesta missão, e eu fui preparada pelo Grande Mago da Luz Branca para este momento. O que eles ainda não têm, eu lhes darei, que é o equilíbrio feminino.

— Eu vou sentir sua falta, Harla. Não vou esquecê-la nunca. Por toda a eternidade terá um lugar no meu coração. Não fui um bom companheiro mas a amarei por todo o sempre.

— Eu sei disso, Hash-Meir. Também o amarei para sempre, só não fui melhor esposa porque tive que dividi-lo com outras.

— Isso eu sei, Harla. Sou feliz só por tê-la junto comigo. Além do mais, você foi a primeira mulher que me ensinou como é bom o prazer.

Sorriram do passado de que já não se lembravam mais. Sim, tinha sido bom o tempo em que viveram juntos.

Quando Harla partiu, Pershá lhe presenteou com um grande tesouro e pediu ao pai que enviasse soldados para protegê-la durante a viagem até estabelecer o Templo que ela queria erigir. Ficariam juntos a ela até que consolidasse seu sonho. Demorasse o tempo que fosse necessário. Nunca voltaram. Harla transformou-os em servidores do Templo que fundou.

Hash-Meir foi agradecer a Pershá pela ajuda que deu a Harla.

— Eu só fiz o que achei correto, Hash-Meir, nada mais. Eu amava Harla. Ela tinha algo que me encantava. Não sei dizer o que era, mas ela possuía um encanto especial.

— Sim, isso eu sempre vi nela. Talvez fosse sua paciência e tolerância o que mais me atraía nela, vou sentir sua falta.

— Não se preocupe, eu preencherei este vazio em você, Hash-Meir. Não vou deixá-lo triste. — E abraçou-o.

Hash-Meir sorriu, Pershá era a mulher mais faceira que conhecia, não perdia uma oportunidade de envolvê-lo.

Algum tempo depois foi a vez de mais uma partir, ia para Chipre. O poder de Ptal chegava até lá, onde já existia um Templo consagrado à deusa ísis. Ela ia dirigi-lo e levou os filhos com ela. Novo presente de Pershá. Outro agradecimento de Hash-Meir, novo envolvimento.

Quando nasceu o quarto filho de Pershá, só restavam ela e Shir ao lado de Hash-Meir.

Todas haviam partido. Cada uma levou os filhos e grandes riquezas dadas por Pershá. Iam multiplicar a escola da Deusa Dourada, pois antes de tudo eram suas servas fiéis. Hash-Meir distribuía o ensinamento e elas o espalhavam à sua maneira.

Um dia, Shir disse a Hash-Meir:

— Querido, acho que chegou a hora de eu partir. Já cumpri o pedido do Grande Mago da Luz Branca. Cada uma foi para um lugar onde brotará uma religião com os mistérios que levam consigo. Saberão adaptá-los aos costumes locais.

— Elas, eu aceitei que partissem, mas você não. Lembre-se de que você é a outra parte de mim. Fomos picados pela serpente dourada para nos mantermos unidos.

— Sim, e nós nos manteremos unidos por toda a eternidade. Você já consolidou a sua tarefa, falta eu fazer a minha agora. Sua mãe era semita, meus pais também o eram. Eu irei para o meu povo. Os doze pedaços da serpente dourada já vieram à luz. Agora tenho que espalhá-los até que sejam unidos pelos sábios no futuro. Lembre-se de que sou consagrada à estrela, o maior dos símbolos. Você deu a eles o ensino sagrado. Eu os ensinarei a usá- los, em benefício dos que nada têm neste momento e estão dispersos.

— Não vá, Shir. Pershá já não se incomoda mais com sua presença

aqui.

— Eu sei, mas quero fazer o que prometi ao Grande Mago Branco também. Nós temos a eternidade à frente. O Criador não negará para nós outros encontros, creio que nos auxiliará nisso também.

Hash-Meir abaixou a cabeça. Dos olhos corriam lágrimas sentidas. Ficaria sozinho. Os filhos que tanto amava iam embora, e sempre em grandes levas, com as mães. O pranto cresceu à medida em que a solidão tomava conta dele.

— Não chore, meu querido, não torne a minha partida tão dolorosa. Já sofro em deixá-lo, sofrerei muito mais se souber que sofre tanto quanto eu.

— E como você fará sozinha por lá?

— Eu não vou sozinha, nossos filhos irão comigo, lembre-se disso. E lá encontrarei os meus parentes, se ainda existirem. Então começaremos tudo como eu planejei.

— Espero que consiga realizar sua missão, Shir.

— Conseguirei, isso eu sei, e você também sabe.

— Sim, não vou desviá-la do seu caminho.

Nisso entrou Pershá no aposento em que os dois conversavam. Ao vê- los tristes, perguntou:

— Shir, você também vai partir?

—• Sim, Pershá, eu sou a última das sete a partir, deixando vazio o coração de Hash-Meir, assim como fui a primeira a chegar para ocupar o meu lugar.

— Mas o palácio já está vazio, já não tem mais a alegria de antes. Lutávamos para possuí-lo e isso dava vida às nossas vidas. Agora não haverá mais luta e então não haverá mais vida. O sol terá sua luz enfraquecida.

—• Vejo que você procurou aprender os mistérios, Pershá, isso a torna digna aos olhos do Criador e para ocupar o coração de Hash-Meir. Quando sete símbolos somem da vida de um homem é porque é hora do número um tomar o seu lugar. Seja o um da vida dele, agora que as sete partiram.

Pershá ficou calada, o que mais ansiava era seu agora, mas, por ser todo seu, já não sentia o mesmo ímpeto de tê-lo ao lado como um servo.

Hash-Meir nada falava, nem pensava. O Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada se via privado das sete portas de alegria dadas a ele pela Deusa Dourada. Servira à deusa com tanta perseverança e esta lhe deixava solitário.

Shir partiu, ia levar todo o seu saber a um povo que ainda vivia de forma tribal, matando-se uns aos outros. No futuro os sábios do seu povo juntariam os seus doze filhos e lançariam a lei mosaica, que formaria o um indivisível.

Após a partida de Shir, Hash-Meir entrou em profunda depressão. O encanto havia sumido de sua vida. Como conviver com tão grande ausência?

Pershá ficou com Hash-Meir, mas a solidão tomara conta do coração dele. Era o mesmo que não tê-lo.

O tempo corria e mais e mais Hash-Meir se abatia. Ptal, notando o que acontecia com o seu mais fiel aliado, procurou ajudá-lo. Fez vir das províncias as mais belas mulheres e chamou Hash-Meir.

— Como tem passado o meu sumo sacerdote? Já faz tempo que não vem me visitar. Por acaso Ptal não é mais boa companhia para Hash-Meir?

— Não é nada disso, grande Ptal. Eu é que estou solitário. Não tem nada a ver com você. Preciso me refazer da ausência de Shir. Não sei como conseguir superar esta fase de minha

vida. Sempre soube que um dia isso ia acontecer, mas não pensava que ia ficar tão desequilibrado.

— Hash-Meir, você é como eu, precisa de ação quando fica assim.

— Como pode dizer isso, um homem frio como você, Ptal?

— E o que é ser um homem frio, Hash-Meir?

— É ser como você, Ptal, mata e não sente, possui uma mulher, mas não a ama. Isso é que é ser frio.

— Então até nisto somos iguais, Hash-Meir. Eu possuo, mas quem disse que não amo o que é meu? Qual a diferença entre quem mata pela conquista da Terra e quem mata pelo domínio das mentes?

— Como, domínio das mentes?

— Ora, ter o povo submetido aos desígnios dos seus sacerdotes não é domínio das mentes?

— Isso é diferente. Eu só tenho que direcioná-las num caminho que as conduza ao encontro do Criador após a morte e para isso têm de ser instruídas aqui, pois após a morte não terão mais oportunidade.

— Mas você também mata para atingir o seu objetivo, não?

— Isso é diferente, Ptal. Eu tenho destruído só os que pregam os cultos negros, não pessoas inocentes.

— E eu só mato os que dominam outros povos. Após destruí-los, eu domino os seus súditos. Você mata os seus sacerdotes e domina as suas mentes com os seus ensinamentos. Só há diferença no método, o objetivo é o mesmo: o domínio puro sobre eles.

— Mas eu almejo para eles uma vida após a morte e você, não. Esta é uma grande diferença, Ptal.

— Só porque eu quero que desfrutem a vida aqui e agora? Eu lhes dou uma proteção que não tinham antes.

— E eu lhes dou uma proteção para o futuro que não têm agora.

— Justamente por isso é que meu reino cresce de uma forma sólida, Hash-Meir, nós lhes damos tudo o que precisam, prosperidade e fartura aqui e agora e paz no futuro. Nosso império é perfeito e será o mais duradouro do mundo, sacerdote! Só que eu tenho visto você morto ainda em vida.

— Eu não estou morto, Ptal.

— Eu não penso assim, Hash-Meir. Minha filha me contou que após a partida de Shir você se anulou como homem. Ela já não o reconhece mais como o homem vibrante de antes. O que houve com você?

— É a ausência de Shir que me deixa neste estado deprimente.

— O que você precisa é de algo que o faça reviver, Hash-Meir. Eu não quero que os filhos de Pershá venham a ficar sem os seus ensinamentos. Eu os adestrarei na arte da guerra, mas você, como pai, tem o dever de adestrá-los na arte de dominar as mentes das pessoas.

— Mas não ensino ninguém a dominar as mentes, mas sim os corações.

— Seja como você quiser, mas, sem você, eles não serão bons dirigentes. Não conhecerão os dois lados que fazem bons governantes.

— Eu cuidarei bem deles, não se preocupe, Ptal.

— Olhe, Hash-Meir, quando você me conteve com suas palavras eu confiei em você como em um sábio. Quero que aqueles que ficarem após nossa morte também sejam sábios. Só assim meu império atravessará o tempo. Muitos já caíram ante minhas forças porque eu tenho um sábio ao meu lado. Se você se anular agora, eles não terão um sábio ao lado, e então qualquer ignorante poderá assumir o seu lugar. Aí é que está o problema, Hash-Meir, não terão como comparar um sábio e um mero aproveitador, tudo pode se perder.

— Nada se perderá, Ptal. Eu não estou morto, ainda não.

— Eu sei que não está morto, Hash-Meir. E por isso eu lhe preparei uma homenagem.

— Que tipo de homenagem, Ptal?

— Vamos ao salão de recepções, lá você saberá.

Foram até o grande salão de recepções onde havia muitos convidados participando de uma festa. Quando Ptal entrou, seguido por Hash-Meir, todos ficaram em silêncio reverente. Ptal impunha o respeito pelo poder.

Hash-Meir também impunha medo, só que pelo saber. Ambos eram temidos, cada um pela sua arte de ofício.

Logo, Ptal deu um sinal e todos se acomodaram em seus lugares. Foi nesse momento que Hash-Meir viu um grupo de moças, todas jovens e belas, entrar no grande salão. Vinham acompanhadas pelos sacerdotes do grande Templo.

— Quem são aquelas jovens, grande Ptal? perguntou Hash-Meir.

— Você não as conhece?

— Algumas sim, outras não. Quem são as que não conheço?

— As que você conhece não preciso apresentá-las, mas as outras logo as conhecerá.

Ptal fez um sinal e o salão ficou em silêncio total.

O arauto da corte começou a anunciar as jovens. Cada vez que um nome era pronunciado, a jovem vinha à frente e saudava Ptal, depois Pershá, que chegara há pouco, e por fim Hash-Meir, o grande sumo sacerdote do império de Ptal.

Quando chegavam diante de Hash-Meir, faziam uma saudação e ao mesmo tempo se mostravam sorridentes. Ele tinha a impressão que elas procuravam cativar sua atenção.

As vezes sorria levemente para elas também. Eram todas filhas de homens importantes do império, filhas de generais, governadores, sacerdotes; enfim, dos homens sobre os quais ele, Hash-Meir, tinha uma ascendência forte.

Pershá perguntou ao pai o que significava tudo aquilo.

— Logo você saberá. Tenha paciência, filha.

Hash-Meir também estava curioso mas conteve novas indagações. Na frente dos súditos, o sumo sacerdote não indagava nada ao rei.

Após a apresentação das moças, Ptal deu uma ordem e logo entraram músicos para alegrar o momento tão solene. Todos os presentes se descontraíram com a música. As jovens dançavam no meio do salão.

Como já não podiam ser ouvidos, Ptal perguntou a Hash-Meir.

— O que você acha destas jovens, sacerdote?

— São muito bonitas, grande Ptal.

— Você as acha bonitas mesmo? Não está sendo falso comigo?

— Não, eu não faria isto. Elas têm todo o encanto para aquecer o coração de um homem.

— Hash-Meir ficou imaginando se Ptal queria sua aprovação para novas esposas.

— Como acha que deveria ser a escolha, sacerdote?

— Eu acho que todas são belas, então a escolha teria de ser política. Agradar aos homens que estão nos cargos mais importantes, assim teria assegurada sua lealdade para com o reino.

— Por que acha isso?

— Simples, grande Ptal. sendo escolhida qualquer uma delas, a sua família não iria nunca conspirar contra o reino.

— Mas e quanto às outras, o que aconteceria, pois não é possível escolher todas, logo, não é possível agradar todos ao mesmo tempo.

— Novamente é simples, grande Ptal, quantas há e quantas serão escolhidas?

— Há quarenta e nove; sete serão escolhidas.

— E todos os pais concordaram em aceitar que suas filhas fiquem na corte?

— Para eles foi uma honra terem suas filhas escolhidas. Fui muito cuidadoso nisso.

— Bem, se todos se sentiram honrados com o convite e serão só sete as escolhidas, então que cada uma das sete tenha as outras como damas a servi-las; assim ninguém terá sua filha fora da corte e, caso a escolha tenha que recair sobre alguma menos bela, devido aos problemas políticos, ainda assim terá as outras ao alcance da mão, não?

— Eu sempre achei você um sábio, Hash-Meir. E mais uma vez me surpreende com seus conselhos. Não sei o que seria de mim sem você ao meu lado.

— Meu dever é dar sempre o melhor conselho ao grande Ptal.

— Quando terminar a música, as sete serão escolhidas.

— Você é sábio, só espero que saiba o que está fazendo. Já tem muitas esposas.

— Eu sei, Hash-Meir. Os destinos do reino estão no seu conselho, eu o seguirei.

— Assim disse Ptal, assim será, falou, por fim, Hash-Meir.

Quando parou a música, as moças vieram novamente saudar o grande Ptal.

Hash-Meir piscou para Pershá, dando um leve sorriso. Ela também pensava que as escolhidas iriam para o pai, por isso sorriu também. “Velho assanhado”, pensou.

Ptal começou a falar.

—- Senhores, como todos sabem, eu procuro sempre agir para fortalecer o reino e nada mais me importa além disso. Todos já me conhecem. Se houver sete moças que agradem aos olhos de um homem, as outras as servirão. Assim, como não é possível escolher mais de sete, as outras terão a honra de receber as honras das escolhidas. Desse modo nenhuma será diminuída. E como é do conhecimento de todos que o sumo sacerdote anda muito solitário, eu quero que ele tenha novas esposas no lugar das que partiram, pois se eram elas que lhe davam o prazer da vida, então acho que no meio de tantas jovens ele achará pelo menos sete que possam aquecer o coração de um homem. Espero que ele possa achar as sete, pois, se só achar uma, é porque as outras não são dignas dele e serão sacrificadas; caso ache só seis, então só sete serão sacrificadas, mas se encontrar no meio delas sete, então todas terão o prazer de servir ao sumo sacerdote, Hash-Meir, e com ele aprenderão os mistérios sagrados, consolidando os laços do reino com a religião oficial. Creio que isso lhes agradará muito. Só espero que haja entre elas sete que agradem ao sumo sacerdote, e assim terão entre sua descendência netos e netas que um dia possam cooperar com a administração do reino. Agora, que elas dancem para o sumo sacerdote e, ao final, veremos quais foram as escolhidas.

A um sinal seu a música recomeçou.

Pershá estava pálida, não conseguia falar nada. Quanto a Hash-Meir, seu rosto estava sombrio. Tinha sido iludido por Ptal. Virou-se para ele e perguntou:

— Por que fez isso, serpente negra?

— Deixei de ser o grande Ptal, Hash-Meir?

— Você é mais venenoso que todas as serpentes juntas.

— Eu só pensei em sua felicidade, Hash-Meir.

— Como pode dizer isso? Não vê que não posso fazer isto?

— Pode, sim. Você só está tornando difíceis as coisas para mim. Eu só quero o bem do reino. E se você se anula, o reino perde o maior sábio que possui. Ainda não é hora de você parar.

— Como pode você saber quando é a hora?

— Falando como você costuma falar, eu digo: isso eu sei, Hash-Meir.

— Está pedindo muito de mim, Ptal. Isso não é possível.

— Por que não? Você mesmo disse que qualquer uma delas aqueceria o coração de um homem. Escolha as que mais lhe agradarem e ainda assim terá as outras à mão quando as desejar. Quer melhor presente que este que estou lhe dando, Hash-Meir?

— Mulheres há às centenas nos Templos, Ptal. E se este fosse o caso, eu as teria no momento em que desejasse. Minha tristeza é por outro motivo.

— Eu sei qual é o motivo, Hash-Meir. O que eu quero é que não tenha tempo de pensar nele até esquecê-lo por completo. Então Pershá o terá novamente e o príncipe terá tudo o que precisa para ser grande também.

— Mas se eu não escolher você as mata, e se eu escolher terei que dar a elas descendência, ainda que contra a minha vontade. Acaso acha isso justo?

— Ora, você já teve sete esposas e todas tiveram numerosa descendência. Por que iria negar isso a estas belas jovens?

— As outras não fui eu quem escolhi, foram preparadas para isso, tanto que já partiram, algumas com filhos ainda pequenos.

— Todas partiram bem, não partiram? O tesouro real as compensou, não? Pois agora está na hora de você escolher ou o reino não merece a sua ajuda para se consolidar?

— Você me pede o impossível, Ptal.

— Só quero que escolha, Hash-Meir, tudo o que você fez até hoje foi porque lhe mandaram fazer. Hoje terá a oportunidade de consolidar sua : descendência ou destruí-la.

— Como assim?

— Acaso acha que os pais destas jovens vão ficar felizes de ver suas filhas degoladas pelos seus cavaleiros das trevas, e olhe que entre elas está a filha do seu comandante. O que acha de o pai ter de ordenar a morte da própria filha, Hash-Meir?

— Isso é um crime, Ptal. Como pode engendrar um plano tão perverso?

— Foi seu conselho que segui, Hash-Meir. Ter todos unidos pelo sangue familiar e assegurar a lealdade de todos. Você mesmo o disse.

— Mas eu pensava que fossem para você e não para mim.

— Que diferença faz para quem sejam? Se eu pudesse, eu as tomaria para mim e faria surgir a maior família do reino e assim saberia que, ainda que eu morresse, eu reinaria, mas só tive Pershá. Dependi de você para ter um herdeiro. Agora que o tenho, quero que ele reine, e ninguém melhor do que você para ajudá-lo nesta tarefa.

— Mas eu faria isso de qualquer forma.

— Não era isso que estava acontecendo desde a partida de Shir, não é mesmo?

— Sim e não. Sim, porque eu fiquei triste com a partida dela, e não porque eu me recuperaria logo.

Pershá ficou só depois que ela partiu. Acaso não se lembrou de que tinha uma esposa que o ama e que estava sofrendo também? Ou não sabe que ela o ama?

— Sim, eu sei que ela me ama.

— Então a escolha agora é sua. Não escolha nenhuma e assim terá muitos problemas para conter os pais delas e verá sua obra ser destruída logo, ou escolhe as sete e lhes dá a descendência que os pais delas esperam e consolida o reino de uma vez por todas. Pershá saberá como tornar os filhos delas leais servidores do príncipe, quando você morrer.

Foi neste momento que Pershá, saindo do espanto, conseguiu falar. Estava chorando.

— Pai, não foi isso que eu lhe pedi. Só quis que me ajudasse a reconquistá-lo, tê-lo ao meu lado, nada mais. Por que fez isso?

— Pershá, um dia Hash-Meir me fez ver que se eu quisesse ter um reino de verdade eu tinha de ter algo mais do que a força. Tinha que ter também o saber. Agora é hora de eu mostrar a ele que se alguém quer conservar um império, é preciso ter algo mais do que o saber, tem de ter a força ao seu lado.

— Mas assim eu o perco para sempre, pai.

— Engano seu, Pershá. Shir foi amada porque o dividiu com outras, divida-o também e o terá por inteiro.

Nisso a música terminou. Ptal falou:

— Agora vamos ver se há entre elas pelo menos sete que agradem ao sumo sacerdote.

Hash-Meir não sabia o que falar, Ptal o ajudou a decidir.

— Se por acaso não houver, todas serão mortas ao amanhecer pelos cavaleiros das trevas. Assim falou Ptal, assim se cumprirá.

Foi nesse momento que Hash-Meir se levantou.

— Senhores eu conheço a todos, são leais servidores do império. Querem vê-lo cada vez mais forte. Eu também quero isso por honra e glória a Ptal, o soberano. Não sabia desta surpresa que o grande Ptal me preparou e não sei se vossas filhas serão felizes ao meu lado, mas quanto a mim eu me esforçarei para torná-las felizes. Este é o desejo de Ptal, o grande faraó do império. Eu, como sumo sacerdote, obedeço a Ptal, o grande. O que Ptal desejar ou ordenar que se cumpra, assim como será com seus sucessores. Assim é hoje e assim será para todo o sempre. E como só sete serão escolhidas, vou começar pela filha do meu comandante. Nashir é a primeira; Lechar, a filha do comandante real, é a segunda; Mená, a filha do sacerdote Menóse, é a terceira; Ranesh, a filha do chefe do porto, é a quarta; Haiê, a filha do comandante da província do norte, é a quinta; Moresh, a filha do tesoureiro real, é a sexta, e Laish, a filha do sacerdote Nagor, é a sétima, mas quero que saibam que todas honrariam qualquer homem. A elas eu ensinarei os mistérios sagrados. E as consagrarei à Deusa Dourada também.

Pershá chorava.

Ptal levantou-se e disse, mostrando a filha:

— Todos conhecem Pershá, todos a respeitam, assim será com as novas esposas de Hash-Meir. Todas serão respeitadas porque se anulam pelo império, assim como minha filha divide a partir de hoje o homem que ama pela grandeza da nação, ainda que chore por isso. Que assim seja por todo o sempre; que cada súdito se anule pela grandeza do império e este será o mais longo dos impérios sobre a face da Terra.

Todos o reverenciaram e disseram:

— Assim foi dito, assim se cumprirá.

Quando ficou a sós com Pershá, ainda aos prantos, esta tentou se justificar:

— Eu não pedi nada ao meu pai, ele é quem armou tudo isso, querido meu.

— Não precisa se desculpar, Pershá. Eu entendo suas lágrimas. Eu falhei e pago o preço; você não esperou eu me recuperar da minha dor e também sofre. Não chore mais. Não é hora para o pranto, vamos, abrace- me forte, pois estou mais só do que nunca. Já não sou o jovem de antes, vou precisar de sua ajuda, pois, se falhar, toda minha vida não terá servido à causa que tomei como uma missão a cumprir.

— Eu também sou culpada, eu auxiliarei você, não se preocupe. Só que, hoje, ame-me como a primeira de suas esposas, como uma mulher que sou.

— Eu a amarei por isso e por algo mais Pershá.

Olhando-o nos olhos, perguntou:

— O que é este algo mais, Hash-Meir?

— O destino, Pershá. Eu a vi nascer, eu a eduquei e a tornei uma mulher, dando-lhe a descendência. Há coisas em nossas vidas que não entendemos. Só o destino explica. Não adianta lutar contra ele, pois do contrário nos destruímos. Ninguém muda o seu destino, Pershá. Talvez os nossos já tenham se cruzado no passado. Quem sabe agora, que estamos unidos, não seja obra do destino?

— Assim espero, querido meu, não me olhe como uma filha, mas como mulher. Mulher esta que o ama, que daria tudo para vê-lo sorrir com amor. Isso é o que mais desejo.

— Você tem razão, Pershá, podemos ter tudo na vida, mas, se não tivermos alguém que nos ame, nada temos. Isso eu aprendi como um dos mistérios sagrados, eu ainda a amarei muito, tenha certeza disso. Shir será a primeira, mas você também terá um lugar no meu coração. Deixe o tempo agir, pois só ele nos dá o que tanto desejamos.

Pershá sorriu. Ia tê-lo, sabia disso, agora. Se Shir o dividira e assim mesmo o possuíra por inteiro, ela também o dividiria e o teria só para si.

— Hash-Meir, quando algo é muito grande, acho que temos de ter só sua parte mais valiosa para sermos os verdadeiros donos, não?

— Sim, você tem razão, Pershá, minha querida Pershá!

E ela começou a chorar novamente.

— Por que chora agora, se sorria há pouco?

Entre soluços, ela falou:

— É a primeira vez que me chama de querida Pershá, só por isso eu choro.

— Pois então, de hoje em diante, eu só a chamarei de Pershá, minha querida.

Nada mais disseram, nada precisava ser dito entre eles.

A sombra do oráculo envolvia Hash-Meir, a Píton mostrava sua força na sua descendência.

O Guardião dos Sete Portais de Luz do Templo da Deusa Dourada buscava na serpente dourada a sua essência amorosa, era hora de lutar novamente. Melhor aproveitar o que a vida oferecia de bom, já que não podia modificar o seu destino. Hash-Meir não morreria no coração de quem o amasse.

CAPÍTULO 10

O FIM DE PTAL

Hash-Meir continuou com seus afazeres, cada dia mais fechado. Só lhe restaram Pershá e seus filhos.

Quando nasceu o sétimo filho, o reino foi abalado pelo falecimento de Ptal. Este, antes da morte, ainda conversou com Hash-Meir.

— Veja, Guardião dos Sete Portais de Luz! Você fica e o Guardião dos Sete Portais das Trevas vai embora. Acho que você venceu a nossa luta.

— Não, Ptal, eu não venci luta alguma, também sou um derrotado. Os meus portais de alegria já se fecharam há muito tempo, sou mais negro que a pedra negra dos deuses das trevas.

— Errado, Hash-Meir, agora que eu vou embora é que você brilhará.

— Como posso brilhar se o objeto de minha luta some, Ptal?

— Eu desapareço, mas a descendência fica, e se você não cuidar bem dela, terá perdido o seu tempo por aqui.

— É, tem razão, general das trevas, é hora de tomar as rédeas e conduzir a luta até que outro esteja preparado para isto.

— Ouça, Hash-Meir, eu vou descer ao inferno. Pode demorar, mas eu conquistarei novamente o posto de Guardião das Sete Portas das Trevas. Se por acaso você tiver falhado em sua missão como Guardião dos Sete Portais de Luz, eu o aceitarei como meu conselheiro e aí dominaremos o inferno. Juntos seremos imbatíveis!

— Você brinca com coisa sagrada, Ptal.

— Não, eu não brinco, Hash-Meir. Eu sou o seu lado negro e você é meu lado branco. Juntos somos as únicas coisas que produzem algo. Branco e negro, luz e trevas, vida e morte, alto e baixo, acima e abaixo, o cume e o vale, o tudo e o nada. É isso que somos quando unidos.

— Eu sei, por isso somos os dois guardiões encarnados ao mesmo tempo, Ptal, a serpente negra e a dourada.

— Só que eu vim e vou primeiro.

— A luz só pode vir depois das trevas, se não há trevas então não há motivo para haver luz. Assim como se não houvesse a noite não haveria o

dia e se não houvesse o caos não haveria necessidade de ordem, e se não houvesse o senhor das trevas não precisaria haver o senhor da luz. Eis. Ptal, o primeiro mistério revelado a todos os que ingressam no Templo da Deusa Dourada. Se ele, ao recebê-lo, não conseguir o equilíbrio e não caminhar em sua tênue linha divisória, com certeza não pertencerá a nenhum dos dois, e quem não pertence a nenhum dos dois não é dono de si mesmo. Eis o segundo mistério revelado, Ptal.

— Quantos mistérios você possui, Hash-Meir?

— Eu também não sei ao certo. O que sei é que são sete, que se multiplicam por onze, que se multiplicam num só número por mil, dando setenta e sete mil mistérios e que só o um conhece a todos. Nem em mil gerações a humanidade conseguirá uni-los em uma só religião. Se conseguisse isso, igualar-se-ia ao criador de tudo e de todos. E isso ele não permite. Quando alguém pensa que sabe tudo é porque nesse instante nada sabe. Eis o maior de todos os mistérios, Ptal.

— Creio, Hash-Meir, que só com os mistérios que você me ensinou eu abalarei as trevas com a minha chegada lá. E logo conquistarei o posto de Guardião dos Sete Portais da Lei das Trevas.

— Disso eu não duvido, Ptal. Se isso realmente acontecer, eu descerei ao inferno ainda que seja só para visitá-lo de vez em quando, disse dando uma gargalhada.

— Eu o aguardo lá, Hash-Meir. Eu o aguardo, exclamou Ptal, dando uma longa gargalhada até lhe faltar ar.

Desencarnou Ptal, o general das trevas, a cobra negra do Nilo, o Grande Guardião dos Sete Portais das Trevas.

Hash-Meir fez um funeral digno de Ptal, o grande general das trevas. Apresentou sua alma aos Sete Guardiões das Sete Portas da Luz e das Sete Portas das Trevas. Codificou esse ritual num papiro que foi usado por milênios e hoje é conhecido como o Livro dos Mortos, ainda que hoje esteja incompleto, porque o tempo tirou sua essência mágica, quebrou seu elo com o sagrado com o passar do tempo.

Fez uma tumba digna dele. Sua formação tinha sete portas em arco, cada uma marcada com um símbolo. Ptal construiu seu reino na Terra, mas voltou às trevas. Reinaria ali de novo. Se não podia subir, então não encontraria obstáculos embaixo.

CAPÍTULO 11

O FIM DE HASH-MEIR

Após os funerais, Hash-Meir aproximou-se mais de Pershá. Com o tempo amou-a tanto quanto a Shir.

Não tinha tempo para a solidão.

No dia da posse do herdeiro, Hash-Meir mostrou todo o poder que junto com Ptal havia acumulado.

Vieram representações de todas as regiões controladas pelos egípcios. Muitos impérios longínquos mandaram suas comitivas com ricos presentes. Ali começava o esplendor do antigo Egito.

Hash-Meir fez com o Estado uma extensão da religião, e a religião comandava a vida do novo faraó, um iniciado também. Assim seria por milênios.

Os faraós seriam desde jovens iniciados na religião. As dinastias se suscederiam mas, o princípio seria mantido por gerações infinitas.

O tempo corria a favor de Hash-Meir. Estabelecera um culto limpo. Não haveria sacrifícios humanos naquele império. O sol era um deus generoso.

Um dia, quando olhava a capital que se expandia, Hash-Meir recebeu a visita do faraó, seu filho.

— O que olha, sumo sacerdote?

— Tem de ser agora. Quando Ptal morreu, muitos disseram que eu devia assumir o trono real. Não concordei. Ninguém é eterno, temos que estar preparados para isto. Você foi preparado para assumir quando Ptal morresse, mas seus irmãos também estão sendo educados e iniciados para tal função. Em caso de você morrer e não ser o tempo de seu filho assumir, qualquer um deles pode fazer o que você faz sem quebrar a continuidade da administração. Este é o princípio. Sua obra tem de ter continuidade. Não deixe nada ao acaso e não terá problemas nunca.

— Eu vou fazer isso, mas o senhor não pode se afastar do seu cargo.

— Posso e vou fazer isso enquanto é tempo. No templo há uma hierarquia. O que está abaixo de mim pode fazer o que eu faço.

Nisso chegou Pershá.

— De que falam os dois? Interrompo algum assunto importante?

— Importante? Muito pior que isso. O pai vai renunciar ao seu posto de sumo sacerdote, convença-o a não fazer isso. Vou voltar ao palácio real.

— Deixe-me falar com ele, depois eu lhe procuro. Por que isso agora, Hash-Meir?

— É hora de me afastar, Pershá. Não vou me eternizar no cargo. Quero ver à distância como funcionam os cultos sem a minha presença.

— Você é o maior dos sacerdotes, não pode sair agora.

— Eu tenho que fazer isso agora, senão nunca saberei se o que criei é bom. Como posso saber se não me afastar?

—Vá visitar alguma província e deixe alguém no seu lugar. Quando voltar, saberá se está tudo bem.

— Não é a mesma coisa, Pershá. Quem assumir tem de ser em definitivo, não temporariamente.

— É esta é sua decisão final?

— Sim, é uma decisão que venho deixando de tomar há tempos, não vou adiá-la mais.

— Eu respeito a sua decisão. Ainda é o mais sábio dos homens do mundo.

— Não me bajule agora que tomo a maior decisão de minha vida.

— Eu não o bajulo quando digo isso. Você faz parte de minha vida. Viu-me nascer, criou-me e me tomou por sua mulher. Acho que, como criação, eu conheço o meu criador, não?

— É, acho que fui tudo para você. Não teve escolha em sua vida.

— Tive e acho que fiz a melhor de todas ao aceitar ser sua mulher. Tive o que a maioria das mulheres nunca terão.

— E o que é que teve de tanta importância assim?

— Tenho um pouco do seu amor. O que era de sete foi dividido por oito. Espero não ter sido um peso em sua vida.

— Não diga isso. Eu a amo muito, não faria tudo o que fiz sem você. E abraçou-a.

— Verdade? Não guarda nenhuma mágoa de mim?

— Não, só tenho boas recordações para levar ao meu túmulo quando partir.

— Saiba, Hash-Meir, que quando partir, e se partir antes que eu, sofrerei muito.

— Não sofrerá. Logo me esquecerá e então vai arrumar outro em sua vida.

— Isso nunca. E quando eu partir, vou disputá-lo com Shir. Ela não vai ser a única a querê-lo.

— Bom, pelo menos eu não vou ficar na solidão na outra vida por muito tempo.

— Acho melhor pararmos de falar em morte, é muito ruim chamá-la quando está tão distante ainda.

— Não muito para mim, mas o bastante para você.

— Você não vai morrer nunca, Hash-Meir.

— Daqui a nove meses eu parto para o reino dos mortos.

Pershá deu um grito de espanto.

— Calma, querida, não foi para assustá-la que lhe contei, mas para prepará-la para o momento que se aproxima.

— Não diga mais isso, não quero falar sobre a morte, nunca mais!

E saiu chorando. Hash-Meir ficou pensativo olhando o horizonte. Como

era lindo o pôr-do-sol. Pena que ele ia fazer como o sol, mergulhar nas trevas do sono eterno.

Um mês mais tarde, em uma cerimônia, Hash-Meir passou o cargo ao seu filho. Era o sumo sacerdote. Tinha sido preparado para isso desde que nascera, ia agora provar o seu valor.

Alguns dias mais tarde chegou um mensageiro procurando pelo sumo sacerdote, Hash-Meir. Vinha de muito longe com a mensagem. Foi levado até Hash-Meir. Antes lhe disseram que ele já não era mais o sumo sacerdote. Ao ler a mensagem, Hash-Meir ficou pálido. Havia sido descoberto o Templo da Serpente Negra.

Agora poderia completar a sua missão.

Após refletir por um longo tempo, resolveu ir falar com Pershá.

— Não vá, Hash-Meir, é muito perigoso. Você já não é mais o jovem de outrora, falou ela.

— Eu tenho de ir. Fui preparado para isso, tenho que fazê-lo. Se eu não conseguir acabar com eles, no futuro virão destruir tudo de novo.

— Tenho medo de que lhe aconteça algo de ruim, não vá, implorava Pershá, mas sabia que a decisão já havia sido tomada.

— Partirei em alguns dias. Vou começar os preparativos. A noite, falaremos.

Dias mais tarde, Hash-Meir partiu. Levava consigo os cavaleiros das trevas. Era assim que ele os chamava. Eram os encarregados de degolar os praticantes dos cultos das trevas. Eram homens treinados para matar. Esta era a sua função. Limpar o reino dos cultos impuros.

Pershá ficou a olhar a partida do marido. Chorava, pois sentia que não o veria mais. O tempo diria que estava certa em seus pressentimentos.

Alguns meses mais tarde, Hash-Meir chegou ao local indicado pelo mensageiro. Este partiu de volta ao Egito.

O local era ainda um vilarejo. No futuro todos a conheceriam por Cartago, um centro de magia negra e de muitos sacrifícios humanos em honra aos deuses bestiais.

Quando já estavam bem próximos do Templo, chegou um enviado do mago do Templo ao encontro de Hash-Meir.

— Meu mestre o convida a conversar com ele, grande Hash-Meir.

O que saberia aquele homem sobre Hash-Meir? pensou este. Chamou o comandante a um canto e deu uma ordem. Iria acompanhado de alguns soldados — mas queria que eles o seguissem a distância e se vissem

que demorava em sair do Templo, precisariam agir como sempre. Deveriam ser implacáveis, que não deixassem ninguém com vida.

Acompanhou o enviado. Logo adentrou o Templo. Foi levado até um homem barbudo todo vestido de negro com um turbante vermelho.

— Salve, Hash-Meir, Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada, grande sumo sacerdote do grande Egito, eu o saúdo.

— E quem é o senhor, que sabe tanto sobre mim?

— Eu sou Lamahoom, o sacerdote maior do príncipe das trevas. E aqui ao meu lado estão os outros sacerdotes dele: Hemofer, La-basher, Hafgor, Habaal, Bengalór, Lamishor e Lushmér.

— Então, finalmente, eu encontro o Setenário das Trevas e o seu mestre, não?

— Sim, nós já o esperávamos há muito tempo.

— E eu os procurava há muito tempo.

— Você tem nos prejudicado muito nos últimos anos.

— E vocês têm prejudicado milhares de pessoas. Acho que o seu prejuízo é menor.

— Não se trata só disso, mago branco, você tem degolado os nossos adeptos e já nos cansamos de você.

— Acho que não foi para se lamentar que me convidou a vê-lo antes de ser degolado, falou incisivo Hash-Meir.

— Não, não foi para isso que o convidamos. Você não está lutando só contra nós. Você tem o próprio príncipe das trevas contra você. E ninguém pode desafiá-lo impunemente. Você terá de pagar o preço do desafio.

— E qual é o preço?

— Sua própria vida, se é que a estima.

— Minha vida não me pertence. Eu já não sou dono dela há muito tempo. Por que iria querer ser agora?

— Você ainda pode mudar de idéia e se juntar a nós. Então restabeleceremos os nossos Templos por todo o reino do Egito.

— Dou a minha vida para impedir isso e não peço nada em troca ao meu criador.

— Vamos, Hash-Meir, você não pode nos vencer, não aos oito juntos em nosso próprio Templo.

— Não sei, só vendo quem fica em pé no final.

— Você é um tolo! Vem de encontro ao próprio príncipe das trevas e ainda pensa que sai com vida do seu Templo?

Os magos negros atrás de Lamahoom começaram a mover suas forças contra Hash-Meir. Este encarou um deles nos olhos e concentrou todo o seu poder e num só golpe o homem teve os olhos arrancados e sangrava todo. Logo estava caído no chão. Um a menos.

Logo sentiu como se tentáculos gigantescos o envolvessem. Localizou a força, vinha de Hemofer.

Levantou a mão direita e lançou o símbolo sobre sua testa. Viu sua cabeça explodir. Dois a menos. A força invisível o afrouxou.

Logo a seguir, começou a sentir picadas invisíveis por todo o corpo, eram serpentes encantadas. Sentia dores em todo o corpo, começou a sangrar. Concentrou todo o poder de sua mente em Labasher. Lançou seu espírito de encontro a ele. Num instante o mago negro estava morto. Fora picado pela serpente dourada.

Voltou imediatamente ao corpo, a luta ainda não estava ganha. O corpo sangrava por todos os lugares.

Três já haviam caído. Tirou o manto e deixou à vista o grande colar com as pedras e os símbolos. Tinha de agir rápido. Segurou no cristal branco com a mão direita e levantou a esquerda à altura dos olhos. Lançou seu mais forte golpe. Os outros quatro homens caíram desfalecidos. Era o poder cortante dos cristais que os atingira. A luta agora estava equilibrada. Só restava Lamahoom, o mais poderoso de todos. Lamahoom tirou seu manto negro. No peito tinha o símbolo da serpente negra.

Hash-Meir, numa fração de segundo, viu qual era a magia que iria usar. Enquanto Lamahoom concentrava seu poder sobre o símbolo negro, Hash-Meir concentrou o seu na serpente dourada. Duas monstruosas serpentes ganharam vida lentamente.

Primeiro foi só uma fumaça negra e outra dourada que iam se envolvendo. Logo, no meio dos dois homens havia uma luta mortal.

A que matasse a outra mataria o seu possuidor também.

Os homens não abriam os olhos. Suas mentes e seus espíritos guiavam a luta. Era uma luta de titãs.

O comandante dos cavaleiros das trevas entrou naquele instante. Ao ver a luta das duas serpentes, ficou parado em silêncio.

Sabia que Hash-Meir, ao trazer à vida a serpente dourada, sacrificava-se para derrotar a serpente negra. Se perdesse, seria picado pela negra e morreria, porque seu espírito estaria ferido de morte. E se vencesse, morreria do mesmo jeito, pois seu espírito animava a serpente dourada.

A primeira picada mortal seria na serpente negra, a segunda no mago negro e a terceira em si própria. Hash-Meir seria picado do mesmo jeito.

A luta entre as duas serpentes durou um pouco mais.

O comandante apontou uma flecha para o coração do mago negro. Nesse instante, a serpente dourada acertou o bote mortal no papo da serpente negra. Quando a viu cair morta, lançou-se de encontro à jugular do mago negro, que imediatamente caiu. Voltou ao meio e, formando um círculo, picou a sua cauda.

O corpo de Hash-Meir estremeceu. O espírito e a mente voltaram. Só teve tempo de olhar para o comandante e ordenar, com um sinal, que todos fossem degolados. Caiu para o lado.

Hash-Meir, o Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada, morria atingido pelo símbolo da Deusa Dourada, por quem ele dera tudo na vida. Agora se sacrificava por ela.

As duas serpentes desapareceram, esfumaçaram-se no ar, desaparecendo.

Logo, os oito magos já mortos foram decapitados e todos os servidores do Templo também. Depois queimaram tudo. Quando só restavam cinzas, mandou que as colocassem em cântaros e as jogou no mar.

Num funeral simples, queimou o corpo de Hash-Meir e lançou suas cinzas ao mar.

Esta fora uma ordem sua.

Foi até o vilarejo e todos os que tinham a serpente negra tatuada ou pintada foram decapitados e queimados.

Estava cumprida a sua missão. Voltou ao Egito, triste. Era o portador da notícia da morte de Hash-Meir. Passaria o resto de sua vida à procura de quem tinha uma serpente negra tatuada. Encontrou muitos com o símbolo. Nenhum ficou com vida, degolava todos. Cumpriu o que jurou sobre o corpo de Hash-Meir. Um dia foi picado por uma serpente negra. O príncipe das trevas se vingou do homem que destruiu o seu culto, matando todos os seus magos negros.

FINAL

Hash-Meir figurou entre os maiores magos do círculo do grande Oriente. Seu nome está inscrito tanto no livro branco como no livro negro.

Nasceu com uma finalidade, foi formado para combater as trevas e morreu em combate com elas.

Algumas vezes caminhou na luz, outras nas trevas, mas nunca se desviou do seu caminho.

Esta é a vida de todo Guardião dos Sete Símbolos Sagrados do Templo da Deusa Dourada. Viver por eles e morrer por ela. Com Hash-Meir não seria diferente.

O grande Egito sobreviveu a Hash-Meir e Ptal, os dois lançaram a pedra fundamental. Outros o construiriam e o defenderiam por milênios.

O Egito foi um dos maiores esplendores do mundo antigo. Da doutrina religiosa trazida à antiga Pérsia, que ainda não era Pérsia, deixou uma religião luminosa para o seu tempo, pois no resto do mundo sacrificavam seres humanos em honra dos deuses.

Hash-Meir lutou contra isso a vida toda. Mas sua morte desafiou o próprio príncipe das trevas. Não o venceu, mas não foi vencido, a luta continuaria por milênios. Ali era só o primeiro combate, ainda travaria mais sete combates. No último venceria o príncipe das trevas subjugando-o ao símbolo das três cruzes. Aí terminaria uma luta iniciada há sete mil anos. Viveu sempre pela Deusa Dourada.

Perpetuou os seus símbolos por intermédio de suas sete esposas, dos onze filhos de Pershá e de uma religião que tinha o sol como símbolo maior, representando o criador de tudo e de todos.

O símbolo do círculo com os oito raios e o do sol. Sete são os degraus para se atingir o oitavo por uma estrela.

Todas as grandes religiões têm os seus símbolos próprios. Mas todas têm alguns símbolos tirados da religião egípcia, que veio da antiga Pérsia.

Shir levou os doze filhos, todos iniciados, que formaram doze linhas de seguidores, as doze tribos de Israel. Moisés, o Hash-Meir de seu tempo,

uniu com seu saber adquirido no Egito os fundamentos de uma religião que perdura até hoje por meio de seus fiéis. Da lei mosaica saiu um, o Cristo Jesus, que se dividiu em doze apóstolos, que espalharam o saber de um símbolo persa, as três cruzes encimadas por uma estrela. O símbolo da estrela da guia que diz isso a quem sabe interpretá-lo: “Sacrifique-se pela minha luz que eu o guiarei.”

A Bíblia tem todos os símbolos ocultos por nomes e números. Os sábios juntaram os doze elos da serpente dourada na sua arca da aliança e criaram um código baseado nos setenta e sete mistérios, que são os múltiplos dos sete símbolos sagrados, simbolizados por eles no castiçal de sete braços.

Salomão foi um Grande Mago e David também. Eles tomaram dois dos sete símbolos sagrados e desses criaram suas forças e sua grandeza no mundo material com o seu poder. Quem souber interpretar o cântico dos cânticos, ou os salmos, achará os setenta e sete mistérios ocultos. Estão dissimulados por nomes e números. Só os grandes iniciados, os ungidos pelos símbolos sagrados, conseguem isso.

Muita coisa já foi escrita ou ensinada, mas pouca verdade foi passada para o mundo profano.

Com um milionésimo de tudo o que foi escrito ou falado, Hash-Meir criou uma religião que está à vista de todos, mas ao mesmo tempo oculta para todos.

Todos os grandes movimentos iniciáticos buscam interpretar o enigma da pirâmide ou da esfinge que o guarda, mas quem consegue é engolido pela grandeza dos mistérios e se recusa a revelá-los.

Assim é a lei que diz: “O primeiro mistério é guardar segredo do mistério”.

E o segundo diz: “Guarde segredo sobre o primeiro mistério”.

E o terceiro diz: “Guarde segredo sobre os dois primeiros”.

Eis os mistérios revelados. Eis a lei que está gravada tanto no livro branco como no negro.

Quanto a Hash-Meir, a reencarnação do filho da Pitonisa de Delfos e de Píton, já tem gravado os sete símbolos vivos, não mais na carne, mas na alma.

Lutou sete milênios para conseguir isso. Hoje já não anseia por mais lutas. Tornou-se um Mago da Luz Cristalina. Procura o descanso para um espírito cansado de lutar. Já não procura mais o poder. Integrou-se a um poder maior. Hoje é Taluiá Heniê, o filho que caminha na luz da justiça divina. Anulou a si próprio. Esgotou todo o poder que tinha concentrado como Hash-Meir, o Guardião dos Sete Portais de Luz da Deusa Dourada.

Todos interpretaram, no decorrer dos séculos, que os egípcios adoravam a serpente. Eis um símbolo revelado agora aos falsos sábios e cegos magos, com a permissão dos vinte e um Guardiões da Lei. A Deusa Dourada, adorada no Egito, nada mais é do que o saber, o conhecimento sobre os mistérios. O saber era e é para os magos da luz como a serpente dourada, a quem ela pica; ou dá a vida ou morre envenenado.

Eis o seu mistério. Conhecimento: “Quem conhece, não teme e quem sabe, ensina, no ascendente.

No descendente, diz: “O saber pode levar à loucura.”

Quem souber achar os setenta e sete mistérios contidos neste livro adquire o direito de ser picado pela serpente dourada do saber. Quando Eva foi tentada pela serpente no paraíso, deu a vida a um povo. Foi por amor que ela foi picada. Os sábios puseram uma maçã no meio para simbolizá-la. Aquele que for tentado pelo amor aos símbolos sagrados viverá. Os que forem tentados pelo ódio à Deusa Dourada, a sabedoria, não frutificarão. Resta a cada um ver se será picado para viver ou para morrer.

Quando a humanidade caminha rapidamente para o fim de um ciclo de sua existência, sofre modificações profundas; é bom que todos nós reflitamos sobre a essência dos símbolos sagrados.

As revelações deste livro são permitidas pelo mérito de Taluiá Heniê, o filho que caminha na luz da justiça divina ante os vinte e um Guardiões da Lei que permitiram sua publicação.

Taluiá Heniê, M.L. é a oitava reencarnação do filho da Pitonisa. Hash- Meir conseguiu libertar Shir do encantamento do oráculo e ter paz no espírito.

Eis um ciclo terminado.

Que o grande círculo do oriente consiga orientar aos que se interessarem em ler e decifrar os setenta e sete mistérios da Deusa Dourada, o saber sagrado.

Grande Mago da Luz Cristalina, M.L.

Ogum Beira Mar, Guardião do Portal de Luz da Senhora da Coroa Estrelada.

CAPÍTULO I

PTAL

Ptal, o poderoso guerreiro negro, que havia conduzido seus exércitos desde o norte da África até a região onde atualmente está o Iraque, fazia- se acompanhar por um numeroso “grupo” de cruéis sacerdotes adoradores da serpente negra, o qual realizava sacrifícios humanos e que, após destruir o último dos Templos da Deusa Dourada (a sabedoria), foi subjugado pelo poder mental e mágico de Hash-Meir. Acabara de morrer, causando grande consternação no palácio-Templo, onde por muito tempo ele reinou e compartilhou com seu sumo sacerdote o comando de um domínio que abrangia todo o delta do Nilo, a região mais rica do árido norte da África.

Seu neto, filho de sua filha Pershá e de Hash-Meir, seu sumo sacerdote foi, ainda menino, elevado à condição de senhor do império por ele formado à custa das armas e de uma doutrina religiosa que impunha obediência total aos seus preceitos e submissão também total aos sacerdotes, os olhos do senhor do trono da serpente da luz, Ptal.

Ptal, após dar seu último suspiro, já em espírito sentiu que era lançado num rodamoinho luminoso e que ia sendo tragado por um túnel escuro e interminável, sua “descida” não parava mais.

Em dado momento, como que despertando de um pesadelo para entrar em outro pior já vislumbrado nas noites de sono atormentado, sentiu-se cair num solo pedregoso, e coalhado de sibilantes serpentes negras, às quais tanto temera quando encarnado.

Entre uma e outra dolorida picada, vislumbrou uma enorme pedra e, num salto, alçou-se ao topo dela, livrando-se parcialmente do que tanto temia: as serpentes negras.

Alucinado pelo medo, urrou alto, clamando auxílio de seu sumo sacerdote:

— Hash-Meir! Onde está você, maldito mago? Venha me tirar deste horror, mago desgraçado que me convenceu a renunciar ao deus serpente negra!

Entre urros de medo e de revolta por se encontrar naquele lugar e por não entender por que estava ali, o tempo foi passando para Ptal, o outrora

poderoso senhor da vida de súditos obedientes. E aquelas malditas cobras negras que sibilavam e se lançavam contra a enorme pedra, tentando escalá- la e picá-lo.

Vendo que as encostas das pedras eram íngremes o suficiente para impedi-las de chegarem até onde se encontrava, aquietou-se um pouco, e pareceu ouvir a voz de seu sumo sacerdote Hash-Meir a ordenar-lhe:

“Ptal, esteja você onde estiver, até você irei, irmão meu. Portanto, acalme sua alma imortal, confie e aguarde-me!”

Não foram poucas as vezes que Ptal ouviu aquela exortação. Aos poucos, foi aquietando sua alma imortal, chegando mesmo a conseguir detectar no sibilar daquelas cobras a expressão dos sentimentos de ódio, raiva, revolta, etc.. Até “conversar” com algumas ele já conseguia, quando deixou de ouvir as exortações de Hash-Meir.

Ele sentiu uma sensação de que algo havia acontecido ao seu sumo sacerdote. Percebeu que tudo à sua volta se tornou mais escuro que antes. Viu também como começaram a aparecer por ali serpentes negras cada vez maiores, mais raivosas e assustadoras. E o medo voltou a incomodá-lo.

Afinal, se uma daquelas gigantescas cobras quisesse, certamente poderia alcançá-lo com um bote. Mas alguma coisa, ou alguém, as estava detendo.

Quem seria?

Ptal começou a lembrar-se das muitas conversas que tivera com Hash- Meir, e uma delas o despertou do pesadelo que estava vivendo tão realisticamente. Ei-la:

— Ptal, poderoso senhor por obra e graça das divindades sagradas, ainda que muitos digam que as trevas são habitadas por gênios do mal nunca acredite nisso, pois a verdade é bem outra.

— Que outra verdade é esta, sumo sacerdote da serpente dourada?

— A verdade verdadeira é que nas faixas escuras, onde a ignorância a tudo obscurece, espíritos humanos são induzidos a se acreditar monstros, répteis e outras figuras assustadoras.

Mas no íntimo de todos aqueles seres horrorosos, uma alma humana luta para se libertar do jugo inclemente dos vícios do espírito, todos adquiridos nesta Terra onde vivemos todos nós.

— Quem disse isso, mago?

— Primeiro, aprendi com os magos do Templo da sabedoria. Depois, bem, eu possuo a visão ampla do mundo dos mortos e isso comprovei pessoalmente. E tanto comprovei que, de vez em quando, quando algum desses “gênios do mal” tentam atingir-me, eu o aprisiono no círculo mágico e o liberto desse estranho encantamento que o torna tão assustador. Não é algo fácil de ser conseguido, mas com certos recursos conseguimos despertá- los desse estado hipnótico que, naquelas estranhas formas, os mantém prisioneiros de outros espíritos humanos mentalmente poderosíssimos.

— E quanto às suas exortações, nas quais assusta o povo dizendo que se não orarem e cultuarem as divindades naturais da luz, aos monstros das trevas estarão se entregando?

— Quais são os maiores monstros das trevas, poderoso Ptal?

— Você é meu sumo sacerdote... Em vez de perguntar isso a mim, trate de ir revelando-os para mim, mago!

— Tem razão. Eles são: o ódio, a ira, a inveja, a soberba, a deslealdade, a ambição, a sensualidade,...

— Espere um pouco!... Você disse a sensualidade?

— Isso mesmo.

— Então você traz em si um monstro das trevas, mago.

— Eu? De jeito nenhum, poderoso Ptal.

— Não? E como explica esta sua compulsão a acercar-se o tempo todo de belas sacerdotisas?

— Isso nada tem a ver com sensualidade. Elas são minhas esposas e auxiliares nos cultos.

— Sei!

— Elas têm filhos meus, aos quais educo para virem a ser, eles também, sacerdotes e magos. Ou já se esqueceu que recebi uma missão e que a cumpro?

— Está certo... mas acho que só lhe deram esta missão, isso de ter tantas esposas, porque outro jeito não havia para deter seu sensualismo. Concorda?

— Talvez. Afinal, quem despertou isso em mim foram os mesmos que me confiaram esta missão.

— Então, trate de retirar o sensualismo da relação dos tais monstros, senão começarei a acreditar que você e eu estamos possuídos por um monstro das trevas, certo?

— Bem, deixemos o sensualismo de lado e coloquemos em seu lugar a perversão sexual, que retira do ser humano suas qualidades e o torna uma expressão viva das aberrações mais escabrosas possíveis. Concorda?

— Assim está melhor. Afinal, mandei decapitar um maldito guerreiro que se comprazia em fazer sofrer a escrava que eu havia dado a ele como recompensa por ter salvo minha vida durante uma batalha. Que desgraçado! Imagine só! Sentir prazer enquanto fazia aquela infeliz sofrer o flagelo do açoite.

— Ótima punição, poderoso Ptal.

— Eu sou sempre perfeito quando se trata de punir os excessos, mago. Implacável, mas perfeito!

— E nas compensações também, não?

— Claro. Afinal, tendo confiado aquela pobre escrava aos seus cuidados, eu a tenho visto muito feliz e...satisfeita, certo?

— É, ela não tem reclamado de maus tratos, tem?

— Não tem mesmo, sumo sacerdote que sabe confortar as “aflitas”.

Recordando-se deste diálogo com seu sumo sacerdote, Ptal pensou:

“Se consigo ouvir no ciciar dessas cobras malditas ofensas contra mim, então elas não são realmente cobras, porque até onde sei, cobras não falam!”

Ptal começou a prestar maior atenção aos ciciares, e logo conseguia “ouvir” perfeitamente o que diziam:

“Maldito Ptal! assassino cruel! traidor covarde!”, e muitas outras ofensas “pesadas”.

— Inimigos! exclamou ele. — Estou cercado de inimigos que matei ou que ordenei a morte! É isso, mago desgraçado! Você tinha razão! O inferno é tão humano quanto o mais desumano dos homens o é, e isso sem deixar de ser um homem! Que malditos! Já não bastou eu tê-los punido uma vez? Será que vou ser obrigado a ter que escolher entre ficar aqui para sempre ou lançar-me contra esta horda rastejante?

As palavras de Ptal, ditas espontaneamente, pareceram arrefecer um pouco a fúria vingativa daqueles espíritos humanos, aprisionados por algum mental muito poderoso em “corpos de cobras”.

Um misto de satisfação e coragem, eivadas por uma ponta de orgulho por suas “descobertas”, deu a Ptal a iniciativa da ação, que imediatamente perguntou:

— Então é assim, não é? Vocês não puderam comigo em vida e agora desejam acertar suas contas na morte, não é mesmo?

— Maldito Ptal! sibilou uma das enormes cobras negras. — Vou acabar com você antes de reduzi-lo a meu escravo!

— Desde quando escravos possuem escravos, réptil traiçoeiro? O único senhor por aqui sou eu, Ptal, o poderoso guerreiro que os enviou ao inferno livrando a Terra de seres que se julgavam humanos, mas que na verdade eram víboras traiçoeiras. Vocês todos são meus escravos. E tanto são que nem ousam atacar-me, e nem conseguem afastar-se de mim. Malditos escravos! Curvem suas cabeças para Ptal ou as esmagarei com meu calcanhar e com minha fúria! Curvem suas cabeças, malditos! Curvem-nas, pois vocês existem para serem meus escravos, ou na Terra ou no inferno!

Ptal foi sendo possuído por uma ira poderosa, muito comum quando era um jovem destemido, forte e ágil que se lançava sobre seus oponentes e os esmagava com seu corpo musculoso.

Aquela ira, ele não percebia, fazia com que ficasse rubro como uma brasa, e de seus olhos chispas faiscavam em todas as direções, assustando e fazendo com que as cobras recuassem ainda mais.

Vendo que as estava dominando, Ptal ousou ainda mais, e ordenou:

— Você aí, a maior das malditas! Rasteje até aqui e reverencie o poderoso Ptal colocando sua cabeça aos meus pés! Apresse-se ou a fulminarei imediatamente, escrava insolente!

A fúria daquela “escrava” cedeu e um misto de medo e respeito dela se apossou, fazendo com que obedecesse às ordens do poderoso Ptal.

E quando ele viu que a cabeça da serpente estava ali, bem diante de seus pés para ser esmagada, falou:

— Vou poupá-la em sinal de generosidade, minha escrava. Assim nunca irá dizer que Ptal não é magnânimo para com seus escravos! Sou ou não sou Ptal, o magnânimo?

— Ptal é magnânimo!!! sibilou aquela horda formada por milhares de espíritos humanos aprisionados em “formas” de cobras negras. Ao que ele, Ptal, ordenou:

— Levante sua maldita cabeça até a altura dos meus olhos que vou libertá-la desta prisão, escrava!

— Irá me matar novamente, meu senhor? sibilou a escrava, ainda na aparência plasmada de uma cobra negra.

— Não, escrava idiota. Vou devolver-lhe sua forma humana, aquela que perdeu por servir aos magos negros, e por trair a mim, seu único senhor. Ou você não é aquela maldita escrava que tentou me envenenar?

— Sou ela sim, meu senhor Ptal. Clemência, magnânimo.

— Faça o que ordeno e a pouparei, escrava maldita!

Ela obedeceu, e quando seus olhos se fixavam nos olhos de Ptal, emitiu um grito de pavor e caiu no solo pedregoso, já em sua antiga aparência humana de mulher, e pôs-se a chorar. Isso não agradou a ele, que, irritado, ordenou:

— Cale-se escrava! E trate de ir revelando quem foi o maldito que pagou para que me envenenasse!

— Eu não posso, poderoso Ptal, gemeu a escrava.

— Podendo ou não, você irá me dizer, traidora.

— Ele acabará comigo, se eu delatá-lo.

— Vamos por partes: primeiro, você é “minha” escrava; segundo, eu sou seu dono; terceiro, por aqui, se há alguém com vontade de acabar com você, sou eu. E isso farei caso não revele o nome do canalha. Ouviu?

— Sim, meu senhor, assentiu a escrava, muito trêmula diante de um Ptal irado além de seus limites. Ela revelou:

— Eu era uma serva do poderoso mago negro Gamsór, senhor do Templo que seus guerreiros incendiaram.

— Isso eu sei, pois poupei sua vida devido à sua beleza. Ou já esqueceu disso, escrava?

—- Não me esqueci, poderoso Ptal. Mas Gamsór, ante a sua aproximação, instruiu alguém para assumir seu lugar e afastou-se pouco antes de iniciar o ataque contra o grande Templo do deus serpente negra...

— E você, instruída por ele, chorando muito, clamou a mim pela sua vida pensando que iria dar um fim na minha, correto?

— Eu...

— Cale-se, escrava! Eu devia ter ouvido o meu mago Hash-Meir quando me avisou dizendo que eu devia degolar todos os malditos que encontrasse dentro daquele Templo do mal. Que mago desgraçado! Nunca se enganava sobre vocês, os traiçoeiros cobras negras! Onde está você agora, mago desgraçado de certeiro?

— Ele... ele... balbuciou a escrava.

— Fale logo, escrava! ordenou Ptal. - Onde está meu mago?

— Vagando em algum lugar do inferno porque o Grande Mago da Serpente Negra o matou, sussurrou ela, muito assustada.

— O quê?

— É isso mesmo, poderoso e magnânimo Ptal, confirmou uma das grandes cobras negras bem próxima a eles.

— Tem certeza, vil rastejante?

— Absoluta. Mas não foi bem assim que tudo ocorreu...

— Conte-me tudo, escrava! ordenou Ptal.

— Depois, em sua magnânima generosidade, irá me libertar deste corpo prisão, poderoso Ptal?

— Ousa duvidar de minha generosidade, escrava?

— Não, não, magnânimo Ptal. Tenho certeza que irá me devolver à minha condição humana.

— Fale logo, e nada de ocultar algum fato importante, correto?

— Sim, meu senhor. Bem, o fato principal é que seu mago sacerdote descobriu o Templo sede do deus serpente negra, e à frente de um poderoso exército, cercou-o. Numa luta onde a serpente negra e a serpente dourada se enfrentaram, ambas animadas pelos espíritos imortais

dos dois grandes magos, seu mago serpente derrotou o mago negro, mas morreu também, vítima da própria serpente dourada que o animava.

— Você viu isto?

— Sim, senhor. Eu estava lá e assisti ao combate final entre eles. Mas eu já não pertencia ao mundo dos encarnados.

— Quando foi isso?

— Há pouco tempo, poderoso Ptal.

— Então... foi por isso que não mais ouvi as exortações de meu sumo sacerdote. Que desgraçado! Ele conseguiu afinal!

— Conseguiu sim, meu senhor. Eu mesma vi quando ele, animado pelo espírito imortal da serpente dourada, derrotou o espírito imortal da grande serpente negra. Foi uma luta entre dois gênios fortes e poderosos!

— Não estou falando disso, escrava idiota!

— Não?

— E certo que não. Eu me referia ao fato de meu mago sacerdote ter absorvido em seu espírito imortal, no final de sua vida na carne, a seiva vital da serpente dourada mágica. Há, há, há...

— O que isso significa, meu senhor?

— Você não entenderia, escrava. Mas, resumindo, aquele mago desgraçado finalmente absorveu em seu espírito imortal o antídoto do veneno mortal da mágica serpente negra. Há, há, há... Que mago desgraçado! O maldito, até na hora da morte, soube extrair uma vantagem! Há, há, há...

E Ptal gargalhou, satisfeito com o que acabara de ouvir. E quando parou de gargalhar, voltou seus olhos inflamados para a escrava, ainda deitada no solo pedregoso.

Vendo-a enrugada e envelhecida, pensou: “O mago devia mesmo saber de tudo aquilo que me dizia. Logo, posso, pois sou um ser mentalmente poderoso, dominar as pessoas, ou melhor, os espíritos, e fazer com eles o que minha vontade e desejo quiser.”

Ptal fixou seus olhos faiscantes nos olhos da escrava e a dominou mentalmente, hipnotizando-a. Aos poucos, todo seu corpo envelhecido foi assumindo a aparência de uma jovem muito bonita, bonita até demais, mesmo para ele, que possuíra um “harém” formado por beldades escolhidas a dedo e... olhos. Quando viu a “transformação” completada, falou:

— Escrava, eu poupei sua vida naquele tempo porque você muito me agradou. Mas agora, bem... agora você está parecida com a mulher dos meus desejos. E, como não sei por que, estou muito excitado, vou tomar posse de você em todos os sentidos e torná-la minha amante número um, correto?

A escrava, tremendo muito, apenas encolheu-se toda. Mas Ptal, que aprendia rápido a colocar em prática tudo o que seu mago sacerdote lhe revelara e ensinara, subjugou-a mentalmente e deu plena vazão a seus “desejos”, só a deixando quando estava saciado. E aí, voltando sua atenção e seu olhar para a horda de silenciosas rastejantes, falou:

— Quem está com Ptal, o magnânimo?

O silêncio foi a resposta. Então, ele completou:

— Quem comigo estiver, protegido por mim será. Mas quem comigo não estiver, terá a cabeça esmagada!

Aí, todas sibilaram ao mesmo tempo, aclamando-o como chefe. E a todas Ptal libertou daquela forma/prisão, devolvendo-lhes suas antigas aparências humanas. Às mulheres, ou melhor, aos espíritos femininos, ele dotou de aparências ímpares quanto à beleza e sensualidade, não se contendo apenas nisso, pois, possuído por uma excitação incomum, provou demoradamente as suas “obras” sedutoras.

O tempo que ali Ptal permaneceu não importa, mas que dali não sairia, isso é certo, caso um perigo não o tivesse ameaçado.

CAPÍTULO 2

PTAL ASSUME OS

DOMÍNIOS DE GAMSÓR

Ptal, recostado à enorme pedra onde há muito tempo descobrira-se um senhor também nas trevas, acariciava o belo corpo de sua escrava preferida e não notou a aproximação de alguém mentalmente tão poderoso quanto ele, e que até ali estava com o objetivo de acabar com seu “retiro em espírito”.

Ao ouvir um sibilar cortante, deu um salto e posicionou-se no topo da sua pedra refúgio. A gigantesca cabeça reptícia que pairou na sua frente fixou nele seus rubros olhos, mas não foi dominada mentalmente. Muito pelo contrário, pois sibilou:

— Lembra-se de mim, escravo da serpente dourada?

— Eu não sou escravo de ninguém, cobra imbecil!

— Você, um covarde traidor da irmandade da serpente negra, foi dominado por Hash-Meir e o serviu como o mais reles dos escravos que um mago pode possuir.

— Eu fiz apenas o que desejava, Gamsór.

— Ah, já me identificou?

— Correto. E, ou você curva sua cabeça diante de Ptal, o seu novo senhor, tal como fizeram até agora todas as rastejantes que aqui apareceram, ou o esmagarei como um verme, que é o que você é!

— Ptal, o magnânimo, não?

— Isso mesmo Gamsór, meu mais novo escravo. Curve-se ou irá se arrepender.

— Estúpido! Não percebe o quanto é ridículo, Ptal? Não achou que eu iria deixar você fazer o que fez, se outros planos eu não tivesse para você, não é mesmo? Todos estes escravos aí são meus!

— Você não tem esse poder, Gamsór. Eles agora são meus, e de ninguém mais.

— Idiota. Minha escrava envenenadora falhou na carne, mas aqui, guiada por mim o tempo todo, iludiu-o completamente. Olhe-se, Ptal! Você é sexo da cabeça aos pés, e se assim está, ela assim o deixou, porque sabíamos que você não resistiria aos seus apelos sexuais. Você é um fraco, Ptal. E os fracos servem apenas para serem escravos.

Ptal titubeou por um instante ante aquela acusação que o lançou no vazio de sua maior fraqueza: o sexo feminino. Mas nesse vazio ouviu mais uma vez um dos muitos diálogos travados com seu sumo sacerdote, Hash-Meir:

— É assim mesmo, Ptal. Os caídos nas trevas alimentam-se justamente no ódio aquilo que mais desejam.

— Explique melhor esse aspecto dos caídos. Tenho a estranha sensação de que ainda acabarei meus dias, ou melhor, minhas noites, entre esta escória humana esquecida nas sombras dos vícios humanos.

— O fato é este, Ptal: por que outro soberano gostaria de vê-lo morto?

— Para assumir meus domínios, não?

—Isso mesmo. Mas afinal, se não fosse por isso, que outra razão ele poderia ter?

— Impedir que eu venha a assumir os domínios dele, correto?

— Corretíssimo, sábio Ptal. Ou alguém deseja acabar com você para apossar-se do seu reino, ou então porque identifica em você e seu reinado uma ameaça para ele e seu reinado. Logo, é preciso estar atento às verdades ocultadas pelas movimentações dissimuladoras dos reais objetivos de seus inimigos ou adversários.

— Compreendo isso, mago.

— Você compreende também por que seus inimigos o presenteiam?

— Por que eles me temem, não?

— Errado, Ptal. Se um inimigo envia um presente que o agrada, saiba que, com isso, ele está tentando criar em você um laço de dependência muito forte e, quando se fizer necessário,

ele puxará a ponta do laço e o amarrará. Você não terá como justificar o bom uso que deu ao presente recebido do seu inimigo, que numa situação desta, estará acima de você.

— Como anular um inimigo do qual sou devedor por ter aceito dele um presente?

— Muito fácil, Ptal. Humilhe-o justamente a partir do presente que ele enviou.

— Como?

— Medite um pouco. Se você recebeu uma ótima montaria, diga que somente a aceitou porque viu nela melhores qualidades que nele, seu inimigo, ou que afinal a aceitou porque se devolvesse aquela ótima montaria, inutilizada ela seria, porque ele, o seu inimigo, não saberia fazer bom uso dela, a montaria.

Ptal lembrou-se de muitos outros exemplos, mas o da montaria achou ótimo para derrotar Gamsór, também muito poderoso mentalmente. E, acariciando o próprio sexo, Ptal voltou a encará-lo, dizendo:

— Você está enganado, escravo. Você veio até mim porque tenho de sobra o que falta a você, que é justamente o que mais deseja, não?

— Eu não preciso disso, Ptal.

— Não? perguntou Ptal, que captou uma alteração no sibilar de Gamsór.

— Se não precisa, então por que o ciúme que sente por esta escrava obter comigo o que você nunca poderá lhe dar? Você, além de ser um fraco, precisa de minha magnanimidade, Gamsór. Afinal, você sabe... e eu sei que você sabe, que só eu posso devolver-lhe aquilo que, se aqui no inferno você não tem, é porque na Terra já havia perdido. Curve-se ante Ptal, o generoso, e talvez eu lhe devolva aquilo que, por não possuir, mais o atormentou na Terra e que o alucina no inferno, meu escravo! ordenou Ptal, que continuava a acariciar seu sexo.

— Você é um devasso imundo, Ptal. Tão imundo quanto a maldita serpente dourada que o escravizou!

— Há, há, há... Gamsór, Gamsór! acalme-se, senão acabarei me cansando de sua insolência, fato inadmissível num escravo tão “deficiente” quanto você, e o punirei implacavelmente!

— Olhe-se, Ptal! Você está rubro como só os sensualistas ficam.

— Isso é potência, Gamsór. E potência é poder.

— Isso é fraqueza, Ptal.

— Fraqueza? Tenho centenas de belas e agradáveis escravas que muito me agradam e tudo fazem para me satisfazer porque sabem que sou poderoso. Só de olharem para mim, na minha cor rubra, já vêem que tenho de sobra aquilo que a elas você nunca poderá dar, Gamsór! Imbecil! Fraco e impotente presunçoso!

— Cale-se escra...

— Cale-se você, imbecil! O senhor por aqui sou eu. E se você me enviou sua “escrava”, foi porque sabia que só eu poderia dar a ela o que ela mais desejava: isso Gamsór! berrou Ptal, obrigando-o a desviar seus rubros olhos para o sexo excitado que fazia questão de exibir despudoradamente. Ao sentir que Gamsór havia se enfraquecido, ordenou:

— Curve sua cabeça, escravo. Ou faz isso imediatamente ou nunca mais terá outra oportunidade de ter de volta sua potência sexual!

Gamsór recuou e, sibilando, atirou-se contra Ptal, que só escapou do bote porque desviou-se com a mesma rapidez. Na volta, seu corpo foi tolhido, e Gamsór enrolou-se nele, apertando-o e sibilando:

— Vou esmagá-lo, Ptal! Vou triturá-lo antes de cravar em seu mental estas minhas presas afiadas e inocular-lhe o negro veneno gerado a partir do meu ódio!

Ptal nunca sentira tanta dor quanto sentia naquele momento. E no desespero, lembrou-se de outro diálogo com seu mago sacerdote:

— Ptal, todos nós, no nosso negativo, possuímos uma centelha elemental que nos liga a algum ser da natureza.

— Por que, mago?

— Bem, em verdade não somos humanos perfeitamente acabados. Por enquanto estamos vivenciando apenas um estágio evolutivo que nos predispõe de tal forma, que começamos a adquirir qualidades que denominamos de humanas. A medida que vamos evoluindo, mais e mais destas qualidades vamos incorporando ao nosso todo, por meio de uma faculdade muito importante para todos os seres lançados na grande corrente reencarnatória: a consciência! Aos poucos nossa consciência que é, ela sim, humana, vai aprendendo a diferenciar as coisas boas das ruins, as certas das erradas, as positivas das negativas. Somente quando nossa consciência tiver absorvido todas as qualidades e anulado todos os vícios, é que realmente poderemos dizer que somos humanos. Enquanto isso...

— Não pare agora mago, isso é interessante!

— É sim, Ptal. Enquanto isso, aquela centelha elemental pode ser despertada em nosso negativo, e aí, bem, aí algum ser atormentado brotará chamado de espírito humano, com elas se “vestirá”, e dará vazão ao nosso pior inimigo: nosso instinto de sobrevivência!

— Por que, mago?

— Bem, podemos não gostar da vida que a nós foi dada, e até podemos odiá-la, ou a ela renunciar por intermédio do suicídio, mas uma outra vida, e de natureza imortal, quando se sente ameaçada, esta sim, busca em nosso negativo pela centelha mágica que, ativada em nosso negativo, nos transforma totalmente. Nela, a nossa centelha cósmica, estão os recursos usados pelo nosso instinto básico: a sobrevivência!

— Se isso acontecer, o inimaginável poderá surgir das energias plasmadoras daquilo que chama de espírito, certo?

— Correto, Ptal.

— E se isso ocorrer, nós nos transformaremos naquilo que em nossa centelha cósmica assentada em nosso negativo for ativado pelo nosso instinto básico, certo?

— Isso mesmo.

— Você consegue identificar a centelha de alguém, mago?

— Eu não seria um mago de verdade se isso não conseguisse, Ptal. Afinal, se derroto os magos negativos, é porque antes de enfrentá-los, eu identifico suas centelhas cósmicas, e conhecendo-as, crio em mim mesmo o "antídoto" ideal para o veneno mental que meu oponente tentará inocular em meu mental.

— Identifique minha centelha elemental, mago.

— Já a identifiquei assim que o vi pela primeira vez, Ptal.

— Foi o que imaginei. Você sempre soube como me atingir, caso eu viesse a me tornar uma ameaça à sua missão, não?

— Isso mesmo, Ptal. Nós não somos crianças inocentes brincando de "mandar" em nossos semelhantes. Ambos temos que lançar os fundamentos sólidos e materiais de uma religião. E uma missão assim não é confiada a espíritos emocionais ou inconseqüentes. Estabelecê-los exige determinação, ousadia, conhecimento e bom senso. E o meu bom senso me

diz que devo vigiar os movimentos dos meus adversários e precaver-me contra as fraquezas de meus aliados.

— Como ativar esta centelha do instinto básico, mago desgraçado de astuto?

— Criando em seu mental o "antídoto" para o veneno mental que seu inimigo deseja inocular-lhe. Criando-o, você está habilitando-se não só a reagir à altura, como também irá ser a ameaça da ameaça à sua "vida". Isso é o que nós, os magos, denominamos de instinto básico, ou instinto de sobrevivência.

— Mago desgraçado de astuto!!! urrou Ptal, esmagado pelas voltas de Gamsór ao redor de seu troncudo corpo.

No instante seguinte, o "antídoto" que ele criou fez brotar do fundo de seu negativo uma bocarra de serpente, e cravando suas enormes presas no corpo de Gamsór, sibilou: "o antídoto para o veneno de uma serpente negra é o veneno da serpente-rei de todas elas: a coral"!

(É certo que outro era o nome da cobra coral, e Ptah era o nome dela naquele momento crucial para a sobrevivência dele, Ptal.)

Gamsór urrou sibilando e sibilou urrando ao sentir as afiadas presas inocularem em seu reptício corpo, plasmado a partir, também, da ativação de seu instinto básico: sua energia

espiritual, em dado momento de sua existência, havia assumido a aparência de uma serpente negra!

Todo o seu gigantesco corpo espiritual, plasmado na forma de uma serpente, desabou sobre a rocha. Enquanto se debatia e urrava de dor, era consumido pelo mortífero veneno da coral Ptah, a serpente-rei das serpentes.

Aos poucos, o enorme corpo plasmado foi desaparecendo, e após algum tempo, apenas um ovóide restou do, até há pouco, temível Gamsór.

E Ptal sibilou seu canto de vitória!

— Mago desgraçado de astuto! Bem que você falou!!! Há, há, há .... Gamsór é nada frente a mim. Há, há,há...

Mas repentinamente, Ptal calou-se, e com os olhos faiscando de ódio, virou-se na direção em que estava sua escrava preferida e fulminou-a com a acusação: Traidora! Maldita traidora! Vou acabar com você de uma vez por todas!

— Magnânimo Ptal! exclamou o escravo que havia lhe revelado sobre a morte de seu mago sacerdote.

— Nós, todos nós, os agora seus escravos, éramos escravos de Gamsór. Não deve descarregar sua fúria contra nós, seus míseros escravos! Nós o temos servido bem, poderoso Ptal!

— Ela veio até aqui para trair-me, Tatimét!

— Não foi isso que aconteceu, meu senhor. Gamsór nos lançou contra o senhor. Apenas isto!

— Eu odeio traidores, Tatimét.

— Desde que assumiu nossos destinos, nenhum de nós o traiu. Gamsór tentou enfraquecê-lo para derrotá-lo. Mas ele já não existe mais. E nós, os seus escravos, não sentimos pena por isso!

— Vou pensar um pouco, Tatimét. Gamsór deixou-me muito furioso.

— Medite, majestoso Ptal. Depois assuma o trono que Gamsór ocupava e tome-se senhor de muitos milhares de escravos, que naquele domínio estão à espera de seu verdadeiro senhor: Ptal, a coral invencível!

— Ptal passou as mãos sobre a sua, agora reptícia, cabeça e murmurou num ciciar: “o mago desgraçado só não me ensinou como fazer para recolher este venenoso antídoto extraído do meu negativo. Espero que este veneno mental recolha-se sozinho... senão, como irei beijar os carnudos lábios das minhas encantadoras escravas! Que mago desgraçado de esperto! Eu bem que devia tê-lo ouvido mais e prestado menos atenção àquelas tentadoras escravas! Devo estar horrível, e logo eu, que era tão “bonito” aos olhos das mulheres.”

— Tatimét! sibilou Ptal. — Vamos assumir o domínio conquistado de Gamsór imediatamente!

— Imediatamente, poderoso Ptal-coral.

Tatimét conduziu Ptal e todos os escravos até onde ficavam os domínios de Gamsór, e ao ver o que ali havia, exclamou:

— Magnânimo Ptal, tudo agora lhe pertence!

— Que droga! Só rastejantes negras!

— O que Gamsór poderia ter deixado, poderoso Ptal? Afinal, ele era um rastejante, não?

— Tem razão, Tatimét. Mas eu vou dar um jeito nisso depois de assentar-me naquele trono. Meus escravos não serão míseros rastejantes.

— Tenho certeza que sim, poderoso e magnânimo Ptal-coral.

Ptal, furioso e impaciente, chutou umas cobras negras que estavam sibilando para ele, e avançou até o trono, e antes de nele assentar-se, mais uma vez lembrou-se de seu mago sacerdote a ensiná-lo:

— Pois eu lhe digo, Ptal: os domínios das trevas possuem tronos poderosíssimos, energeticamente falando. E quando um espírito humano, vivenciando com intensidade sua centelha negativa, vem a ocupar um deles, ele é possuído pelo poder mágico que tais tronos negativos possuem em si mesmos.

— Por que eles são assim, mago sacerdote?

— Bem, eles não pertenciam às esferas cósmicas, mas sim aos lados negativos dos pontos de força da natureza, e nela, na natureza, possuíam atribuições muito diferentes daquelas que os espíritos humanos têm-lhes dado, desde que um cisma ocorrido na Tradição da natureza os afastou, e para as esferas cósmicas os levou, lá os assentando. Ali, ocupados por espíritos humanos desvirtuados, deram início àquilo que nós, os magos, chamamos de trevas da ignorância.

— Qual era a função desses tronos negativos, mago sacerdote?

— Bem, eu já lhe ensinei muitas coisas sobre os nossos regentes naturais, correto?

— Sim, você já comentou que na natureza há toda uma hierarquia que rege a evolução das criaturas, de todas as criaturas.

— Justamente! São divindades naturais responsáveis pela ordem das muitas evoluções que, lado a lado com a humana, neste planeta se processam. E como não podia deixar de ser, todas as criaturas possuem dois aspectos: positivo e negativo. Assim, as divindades regem pontos de força cujos magnetismos são de dupla polaridade. Por isso cada ponto de força tem seu lado positivo e seu lado negativo. No positivo, a luz é constante, mas no lado negativo, constante é a escuridão.

— Lembro-me de tê-lo ouvido comentar que os pontos de forças planetárias se dividem em dois pólos. Também lembro de tê-lo ouvido dizer que os pólos negativos esgotam o negativismo dos seres, e que o pólo positivo supre suas deficiências energéticas e evolucionistas.

— Sim, é isso mesmo, Ptal. Todos nós somos seres em evolução, e por isso estamos sujeitos a cometer excessos, ou a sofrer deficiências devido à nossa dupla polaridade energética, que tanto nos torna positivos ou negativos, magneticamente falando, certo?

— Isso eu compreendo, mago desgraçado de sábio. Mas... por que os tais tronos ocupados por espíritos humanos são assim, tão poderosos e perigosos?

— Bem, antes do grande cisma nas hierarquias da Tradição, todos eles estavam assentados no lado negativo dos pontos de forças. Mas com o cisma, aqueles que das hierarquias naturais se afastaram, começaram a ser atraídos para as esferas negativas, e quanto mais delas se afastavam, mais e mais foram desaparecendo das vistas dos grandes hierarcas regentes do lado humano das hierarquias naturais, regidas por divindades celestiais. E, dizem os sábios magos instrutores, seres humanos portadores de poderosos mentais lutam contra a hierarquia natural pela posse dos degraus regentes dos pontos de forças da natureza. E sempre que derrubam um grau natural desses degraus, estes são atraídos para as esferas negativas, perdendo sua luminosidade e atribuições positivas. Aí, quem em um desses tronos ou degraus se assentar, assumirá todas as atribuições negativas a ele inerentes, mas será atormentado porque lhe faltarão as energias equilibradoras irradiadas pelos seus pólos positivos.

— Isso é parecido com o sujeito que só possui o braço ou a perna esquerda, não?

— Correto. Sempre estará faltando o lado oposto que daria o perfeito equilíbrio.

— Quem foi o imbecil que incentivou este cisma, mago sacerdote?

— Dizem os sábios magos instrutores que foi Lúcifer yê, um demiurgo natural regente da hierarquia humana e auxiliar da hierarquia natural regida pelo regente planetário. Mas eles dizem também que Lucifer yê apenas foi o condensador de todo um magnetismo tipicamente humano, de natureza negativa, que estava desequilibrando os pontos de forças regentes da natureza. Dizem eles que o negativismo era tanto, que ou o regente planetário o afastava dos pontos de forças naturais, ou todas as outras evoluções que

neste planeta se processam seriam perturbadas. Os Templos são uma resultante dessa ação do “regente” planetário, Ptal. Num Templo humano, dedicado unicamente aos humanos, todo o magnetismo negativo lá descarregado flui naturalmente para as esferas negativas. E assim os pontos de forças, livres desse magnetismo nocivo à evolução das outras espécies, cumprem melhor suas atribuições.

— Então... todas aquelas divindades que você assentou no grande Templo, em verdade pertencem aos pontos de forças da natureza!

— Isso mesmo, Ptal. De cada ponto de força eu colhi um fundamento, lembra-se?

— Sim, eu me lembro. Você realizava todo um ritual e depois colhia um fundamento positivo e outro negativo, ali os consagrava e depois voltava ao grande Templo, onde os assentavam. Com cada um deles assumia a condição de potencializador das energias afins circulantes no ponto de forças, certo?

— Correto, Ptal. Esta é a essência e o fundamento mágico energético existente na natureza: a dupla polaridade. Sem a posse das duas, você não as manipulará, mas tão-somente se tornará escravo de uma delas. E é isso o que ocorre com os tronos negativos e os graus dos degraus atraídos para as esferas negativas: quem vier a ocupá-los, tornar-se-á um escravo do poder natural neles potencializado.

Após lembrar-se deste diálogo travado com Hash-Meir, a serpente dourada, Ptal exclamou:

— Desgraçado de mago sábio, esperto e astuto! Eu quase ia me tornando escravo, se não tivesse me lembrado de seus ensinamentos!

— O que o detém, poderoso Ptal-coral? perguntou Tatimét.

— Idiota! Que conselheiro real é você que quase me torna escravo do meu negativo?

— Mas... aí está o real poder, poderoso Ptal!

— É certo que aí esta “um” poder, Tatimét. Mas o poder que aí está, não me interessa.

— Não é possível!!!

— Surpreso?

—- Não acredito que tenha dúvidas em assumir este trono das trevas, poderoso Ptal.

— Qualquer idiota já teria se assenhoreado dele, não?

— Isso mesmo.

— Pois eu, Ptal, o menos idiota que por aqui já apareceu, auto-invisto da função de guardião deste trono negativo, e o guardarei até que seu verdadeiro senhor venha reclamá-lo, de fato, e por seus direitos naturais!

Ptal fixou seus faiscantes olhos nos rubros olhos da serpente que encimava o trono e, mentalmente, com o poder mágico natural que ela simbolizava, comunicou: “a partir deste momento eu me autonomeio guardião dos poderes mágicos em ti condensados, trono regente, e grau de um degrau da hierarquia natural regente da evolução natural de todas as criaturas. E, por agora ser seu guardião e guardião dos seus mistérios negativos, saiba que a mim todos eles revelarás, pois só assim poderei defendê- los dos falsos senhores dos seus poderes naturais. E só depois de todos eu conhecer e dominar é que me assentarei e te guardarei, até o momento em que seu verdadeiro senhor até aqui venha reclamar-te, por direito e por dever para com a hierarquia natural que rege a evolução natural de todos os seres. Assim falou Ptal-coral, e assim será!”

Imediatamente, dos olhos rubros daquela serpente, que apesar de ser constituída de pedra negra, parecia possuir uma essência mágica a animá- la, dois faixos rubros projetaram-se diretamente aos olhos de Ptal, e todo um processo mágico acompanhado de todos os seus conhecimentos foi a ele transmitido. E tudo foi tão rápido que Ptal tremulou um pouco antes de soltar mais uma sibilante gargalhada e dizer:

— Mago desgraçado de astuto, esperto, sábio e verdadeiro conhecedor dos procedimentos! Agora já posso reinar sobre estes vermes rastejantes sem realmente me tornar escravo do poder natural que nesta parte do inferno os mantém prisioneiros de seus próprios negativos.

Ptal olhou para o que restara de Gamsór, seu ovóide ou célula mental, e falou:

— Maldito imbecil, vou virá-lo do avesso a partir do tormento da dor que de você se apossou. E a partir do que já sei e do que na sua dor descobrirei, colocarei em prática a frase preferida de Hash-Meir: “Na luz, sejamos luminosos como as divindades; na Terra, sejamos naturais como os homens; mas nas trevas, sejamos sombrios como as divindades infernais!”. Há. há. há...

CAPÍTULO 3

PTAL REINA NAS TREVAS

Ptal, ainda gargalhando, finalmente assentou-se no trono encimado por uma cobra negra, e só então recolheu o cetro de poder cravado no “braço” esquerdo dele, dizendo:

— Gamsór, que azar o seu, companheiro! Você assentou-se aqui, e numa serpente sem braços se tornou. Logo, como poderia ser duradouro seu reinado, se nem mãos para segurar o cetro de poder deste trono você possuía? Há, há, há...

— Poderoso e magnânimo Ptal, és o mais sábio dos senhores dos domínios das trevas!

— Sou sim, Tatimét. E aviso-o mais uma vez: odeio os traidores e os punirei com toda a força e poder a mim conferidos pela divindade negativa natural que rege este trono, porque o guardião dele agora sou eu.

— Todo o poder a Ptal-coral! saudou Tatimét, ao que Ptal falou:

— Tatimét, eu o nomeio meu conselheiro para que melhor venha a me servir. Se alguma destas malditas cobras negras vierem a desobedecê-lo, fulmine-as; se alguma me trair, esmague a cabeça dela, certo?

— Assim ordenou e assim procederei, poderoso Ptal. Mas... como farei isso, se não sei como?

Ptal passou o cetro para a mão direita e fixou seus faiscantes olhos nele. Imediatamente surgiu em sua mão esquerda uma longa e rija cobra negra, semelhante a um grosso e negro cajado. No alto dele havia uma cabeça de serpente negra com dois olhos vermelhos.

— Aí tem seu símbolo de poder, Tatimét. Olhe nos meus olhos e transmitirei a você todos os poderes nele condensados, potencializados e prontos para fluir, certo?

Após receber de Ptal o seu símbolo de poder e os conhecimentos relativos a ele, Tatimét ergueu-o acima de sua cabeça e exclamou:

— Ptal-coral, o mais sábio dos senhores das trevas, reina! Viva Ptal, e que pereçam todos os seus inimigos!

— Tatimét, observou Ptal. — Você nasceu para servir os poderosos, sabia? Só você sabe dizer exatamente o que desejo ouvir! Há, há, há... Eu

voltei a reinar! E como sou magnânimo e generoso e odeio cobras negras, vou quebrar o encanto do mental poderoso que a cobras negras reduziu estes meus “escravos”.

Recorrendo ao seu poderoso mental, Ptal quebrou o encanto que aprisionava aqueles espíritos caídos nas trevas em formas plasmadas de serpentes negras, e ordenou a Tatimét que desse início a formação de um exército.

Tatimét, cumprindo a ordem recebida, formou o mais terrível exército que se possa imaginar, somente com espíritos cruéis, perversos, “sanguinários” e assustadores. Ptal, recorrendo ao seu poderoso mental, escravizou-os aos seus desejos de poder, e recorrendo ao mistério do trono que ocupava enquanto o “guardava” até que seu verdadeiro senhor aparecesse, armou-os e deu início à conquista de outros “domínios” existentes nas trevas.

Quando, com sua horda infernal, invadia esses domínios, a primeira coisa que fazia era fixar seus olhos faiscantes na insígnia ou símbolo negativo que encimava ou identificava o trono regente do domínio invadido. E assim que, autonomeando-se seu guardião, absorvia os conhecimentos mágicos do mistério regente do trono a ser guardado, perguntava ao ocupante dele:

— Quem o autorizou a ocupar este trono das trevas, companheiro?

— Eu o ocupei porque o desejei! era a resposta mais frequente. Ao que Ptal retrucava:

— Você sabia que sou o guardião deste trono negativo, companheiro?

— Eu sou o senhor deste trono. E se um guardião ele possui, este sou eu, imbecil! era a resposta, invariavelmente.

Ptal, já conhecendo todos os poderes mágicos do trono, então assentava seu golpe final:

— Eu vim até aqui para assumir a guarda deste trono, companheiro. E como você não é seu ocupante natural, vou ser obrigado a ordenar-lhe que o desocupe imediatamente, ou será reduzido à sua semente original (ovóide). E veja que, se a isso for reduzido, na sua dor final será lançado!

Essa ameaça já predispunha o ocupante do trono visado a uma derrota, pelo medo da dor.

E logo à sua semente original estava reduzido o infeliz ocupante daquele trono negativo desalojado da natureza e atraído para as faixas negativas, coalhadas de espíritos humanos sofrendo dos mais variados desequilíbrios mentais, psicológicos, emocionais, sentimentais, religiosos, etc. todos transformados em servos de Ptal-coral, o poderoso e magnânimo senhor guardião dos tronos dos domínios das trevas.

Após recolher o símbolo ou cetro de poder daqueles tronos para si mesmo, Ptal-coral nomeava um de seus escravos de confiança, e dando- lhe uma arma ou cetro de poder parcial, assentava-o no trono para que, no domínio conquistado, ele, em nome de Ptal-coral, guardasse-o e defendesse o dos falsos senhores naturais.

Muitos domínios e seus respectivos tronos negativos Ptal-coral já havia conquistado. E a muitos outros seus "leais" guerreiros e guerreiras já vigiavam e espionavam, preparando-os para futuras conquistas, quando nos sombrios horizontes das trevas da ignorância uma ameaça real, poderosa e "mortal" começou a se insinuar contra ele, o poderoso e magnânimo senhor guardião dos tronos negativos.

Alguém, que Ptal não descobria quem era, mesmo recorrendo a todo o seu poder mental, começou a invadir seus domínios e a "raptar" seus escravos e escravas, deixando-os completamente vazios e abandonados.

— Tatimét, quem será o maldito verme que está dizimando meus domínios? sibilava Ptal.

— Majestoso Ptal-coral, temos nossos sentidos alertas o tempo todo, e não conseguimos descobrir quem é este ser invisível aos nossos poderes mágicos.

— Alguém muito poderoso está nos ameaçando, Tatimét. Quero todos os guardas dos tronos alertas e prontos para o combate final que, pressinto, logo ocorrerá. Se ao menos eu tivesse ao meu lado meu mago sacerdote .... Sim, onde estará você agora, Hash-Meir?

Depois de muito tempo, Ptal voltava a recordar-se de seu mago protetor e instrutor. E lembrou-se de um diálogo travado certa vez:

— Mago sacerdote, você tem certeza que uma coisa dessas é possível?

— Tenho, Ptal. Isso não me é possível agora porque estou numa dimensão e eles estão em outra. Mas quando estivermos no outro plano, bastará pegarmos a semente original (ovóide) de um ser para podermos descobrir tudo sobre ele. Há uma memória imortal e subconsciente, que guarda tudo o que vivenciamos em nossas múltiplas encarnações. Lá, em algum lugar impossível de se dizer como é ou onde fica, tudo está gravado como se não pudesse ser esquecido. Os grandes magos instrutores dizem que esta memória imortal é a senda da vida já trilhada por todos nós.

— Compreendo.

— É isso, Ptal. Se encontrarmos a senda da vida de um ser, descobriremos tudo sobre ele num piscar de olhos. É fascinante, e o tão misterioso hipnotismo não é nada quando

comparado a esta memória. Segundo dizem os magos instrutores, no estado de hipnose dependemos da vontade de quem nos hipnotiza, e estamos sujeitos a bloqueios emocionais. Mas através da memória subconsciente tudo flui tão natural e rapidamente, que temos a sensação de que tudo se passa diante dos nossos olhos, ainda que o que realmente esteja ocorrendo é a transferência da memória subconsciente do ser estudado para a nossa, hiperconsciente. E porque essa transferência se processa por impulsos eletro-magnéticos, nós a recebemos na forma de imagens que fluem numa velocidade supra-humana, mas que compreendemos porque, a partir do momento em que ela é transmitida, passa a fazer parte da nossa memória consciente, que é onde a memória hiperconsciente armazena tudo o que absorve nesses processos.

— A semente original espionada tem noção de que está sendo bisbilhotada, mago desgraçado de instruído por outros magos desgraçados de sábios?

— Não, Ptal. Se um ser está reduzido à sua semente original, com certeza está mergulhado nos tormentos da dor, e sua fonte de consciência o isola de todos os seus sentidos, conscientes, subconscientes e hiperconscientes.

— O que são esses três níveis de sentidos, mago sacerdote?

— Esses níveis têm por função nos preservar de possíveis falhas que venhamos cometer em nossa evolução, Ptal. Quando, num desses níveis, alcançamos limites ou obstáculos intransponíveis, nossos sentidos paralisam a evolução e estacionamos até adquirirmos condições de superarmos o obstáculo que nos bloqueou.

— O nível subconsciente já foi o nosso nível consciente em outro estágio da evolução, anterior ao estágio atual, o humano. Nele, tudo o que fazíamos, fazíamos mais ou menos como fazem os pássaros, os cães, os animais de uma maneira geral: comíamos, bebíamos, cantávamos, chorávamos ou dormíamos segundo as necessidades básicas do ser e segundo seus sentimentos ou desejos. Entenda que este comer, beber, cantar, chorar ou dormir é somente uma forma de figurar coisas das quais não temos conhecimentos, e nem uma outra forma de nomeá-las, certo?

— Eu entendo, mago sacerdote. Eu, se tenho fome, ordeno que me sirvam algum alimento. Mas um recém-nascido, por ainda não falar ou ter uma noção de que o que está sentindo é apenas fome, chora, tal como quando sente dor. É isso, não?

— Correto, Ptal. A criança sente fome e chora porque não possui outra maneira de externar o que está sentindo. Assim, como, neste outro e anterior estágio da evolução, também não se é possível dissimular o que se está sentindo.

— E, dissimular é o que melhor nos caracteriza ou distingue, não é mesmo?

— É sim, Ptal. A dissimulação é uma característica tipicamente humana. Graças a ela, nós conseguimos enganar a todos... mas por causa deste nível consciente, não enganamos a nós mesmos, dizendo: não, eu não estou doente!

— A consciência do que está ocorrendo em nós ou à nossa volta alerta nossos sentidos e nossa consciência procura identificar a origem do incômodo, das falhas, dos desejos, etc. Essas vivenciações do que estamos sentindo realmente são gravadas em nossa memória imortal, assim como tudo o que já vivenciamos inconscientemente foi gravado através do nível subconsciente.

— E quanto ao nível hiperconsciente? Como ele funciona, mago sacerdote?

— Bem, aí já é um tanto difícil de se explicar. Mas se entendi corretamente, numa outra visão ou ponto de vista, ela nos indicaria um meio ou senda, que, se trilhada por nós, nos daria uma consciência tão abrangente à tudo que nos cerca, que encontraríamos todas as respostas a partir de vibrações emitidas a todo instante por todas as criaturas, toda a natureza, todas as divindades e também as emitidas pelo nosso próprio Criador.

— Até do nosso Criador?

— Claro. Se somos, em espírito, imortais, é porque fomos gerados nEle, e a partir dEle nossa geração se processou. Logo, em um dado momento de nossa existência, nós estivemos dentro dEle, tal como um feto no útero da mãe. E naquele momento, e somente nele, vibramos e pulsamos no mesmo ritmo que Ele, o nosso Criador, vibra e pulsa, Ptal. Uma mãe e seu filho ainda em gestação vibram e pulsam num mesmo ritmo. E se assim não fosse, a gestação não ocorreria. E quando, por razões as mais diversas possíveis, acontece um desnivelamento nas vibrações e pulsares, advém o aborto ou o pré-nascimento, pois enquanto durar a gestação, mãe e filho são dois espíritos, mas um só ser, vibratoriamente falando, compreende?

— Compreendo, mago sacerdote.

— Pois é isso, Ptal! Para, segundo me ensinaram os magos instrutores, adentrarmos na memória imortal de uma semente original (ovóide mental) basta colocarmo-nos em um nível vibratório e pulsátil semelhante ao do ser em questão, que tudo flui rápido e naturalmente.

— Tendo este domínio, poderemos descobrir tudo o que quisermos, não?

— Poderemos sim, mas desde que adentremos numa memória imortal em seus três níveis conscienciais, porque se penetrarmos apenas no nível consciente pouca coisa descobriremos.

— Compreendo.

CAPÍTULO 4

PTAL DESCOBRE A SI MESMO

Pensando em seu mago sacerdote, Ptal apanhou um dos muitos ovóides que guardava debaixo de seu trono. Aquele que iria tentar penetrar pertencia, ou melhor, era o que havia restado de Gamsór, escravo do culto à serpente negra.

Ptal apanhou uma pedra, e colocando-o em cima dela, fixou nele sua visão faiscante, dando início à auscultação mental dos pulsares e vibrações que Gamsór emitia.

A primeira vibração era de pura dor e sofrimento.

Fixando-se num nível mais profundo, ele captou a pulsação e a seguiu conforme seu mago sacerdote havia ensinado.

Aos poucos foi seguindo as vibrações, sempre em acordo com aquele nível de pulsação, e murmurou para si mesmo:

— Estou penetrando no nível consciente de Gamsór. Vou seguir em frente e descobrir tudo o que me for possível neste nível.

Ptal, algum tempo depois, já senhor da auscultação mental da memória de Gamsór no seu nível consciente, mergulhou-a fundo nele e, surpreso com o que “assistia”, foi alterando seu próprio nível consciencial. Em certos momentos, exclamava:

— Isso não é possível!! Pela grande coral mágica, não é possível! Incrível! Fantástico! — e muitas outras exclamações ele emitiu antes de, com uma sacudida de cabeça, “desligar-se” da memória de Gamsór.

Depois, procurando recordar-se de tudo o que seu mago sacerdote havia lhe ensinado sobre os três níveis da consciência e de como proceder para penetrar na memória de alguém por meio deles, deu início à localização do nível subconsciente.

A localização desse nível foi demorada, mas quando finalmente conseguiu a surpresa das surpresas mostrou-se a Ptal.

Fascinado com tudo o que ia descobrindo, nem percebeu que aquela sua “cabeça de serpente” simplesmente cedeu lugar ao rosto taciturno do outrora senhor da “Terra das águas”, como era chamado seu império assentado no delta do rio, que atualmente é conhecido como Nilo.

“Nef-Bateh” era como se chamava o reino de Ptal, e isso numa língua extinta, mas falada por ele quando reinava no delta do Nilo, numa época anterior à que na história é chamada de “império antigo”, ou algo similar.

Ptal, quando se desligou de Gamsór, era outro, e só tomou consciência disso quando, num hábito seu, passou a mão na cabeça. Ao apalpar-se e sentir que voltara a ter seu rosto humano, lembrou-se de outro diálogo travado com seu mago sacerdote Hash-Meir:

— É isso, Ptal. Um ser humano, quando, por alguma razão superior à sua capacidade de compreender tudo o que acontece consigo mesmo ou à sua volta, sofre uma alteração em seu magnetismo que o predispõe a criar "defesas naturais” que o protegerão enquanto não for capaz de abarcar com sua consciência as novas condições de vida. Esse processo, num encarnado, nós o notamos observando o seu comportamento dentro da sociedade, de seu

grupo de pessoas ou de sua família, pois existe um padrão que consideramos a norma comportamental em cada um desses três níveis . Vivenciais. O familiar é o mais simples e o da sociedade, o mais complexo. No fundo, os três são iguais porque o indivíduo, em todos eles, apenas procura delimitar o seu espaço pessoal num espaço maior compartilhado por muitos. Então, quando encontra dificuldades em demarcar seu espaço e em conter-se dentro do que a ele foi reservado, as alterações começam a ocorrer. E se algo não for feito a tempo, um ser altera todo o seu magnetismo e nível consciencial, tornando-se agressivo, aguerrido, taciturno, introvertido, apático, revoltado, etc.

— Como você me vê, mago sacerdote?

— Você é taciturno, Ptal. Esta é a sua defesa natural diante de tudo o que ocorre à sua volta e com sua vida, tão agitada nas aparências, mas monótona na forma de ser.

— Explique isso de outra forma, está bem?

— Claro. Afinal, você, assentado no trono deste reino, decreta invasões, distribui penas ou recompensas, etc. mas está prisioneiro de seu posto de soberano, ao qual precisa manter a qualquer preço. Você não pode comportar-se como seus servos, senão perde a aura de respeitabilidade que se espera encontrar num soberano. E mesmo não entendendo de tudo e por tudo tendo que se preocupar e responder, então assumiu este “ar” taciturno. Assim consegue preservar- se em sua intimidade. Por isso, e só por isso, e sem nada mais precisar, todos o respeitam, temem e obedecem.

— Você, que de tudo isso sabe e consegue ver o verdadeiro Ptal que há por trás dessa aparência taciturna, me respeita por qual razão, Hash-Meir?

— Se outras razões para respeitá-lo eu não tivesse, e as tenho, só esta já me bastaria, Ptal. Nós somos muito parecidos!

— Eu me oculto atrás de minha taciturnidade e você atrás da aura de seus imensos conhecimentos, certo?

— Isso mesmo, Ptal. Mas se nos despirmos dessas nossas auras, frágeis como todos os mortais nós nos tornamos. Logo, ou preservamos nossa aura, ou não nos destacamos entre os nossos semelhantes.

— Estes são os nossos escudos protetores.

— Correto. Ninguém ousa se aproximar muito de nós porque nos temem a partir desses escudos que mentalmente plasmamos, mesmo não tendo consciência de que estamos fazendo-o. Também não consentimos que de nosso íntimo os outros se aproximem, pois senão eles descobrirão que não lhes somos superiores.

Ptal, acariciando o rosto, lembrou-se de Hash-Meir com saudades e de seus faiscantes olhos duas lágrimas rubras correram. E o único meio que encontrou para deter um pranto dolorido foi berrar:

— Mago desgraçado de encantador! Por que você tinha de ser tão sincero, correto e verdadeiro? Você não podia ter mentido para mim... ao menos um pouco?

Tatimét, sempre atento às necessidades de Ptal, dele se aproximou solícito e perguntou:

— Algo o incomoda, poderoso Ptal-coral.

— Idiota! berrou Ptal. - Por que você, apesar de servir-me muito bem, não é como meu antigo mago sacerdote?

— Eu... eu... Ptal-coral... eu.

— Cale-se, idiota! Não está vendo que já não sou a coral mas tão- somente Ptal, o seu amo e senhor? Até quando vou ter que conviver com idiotas que insistem em rastejar diante de mim, mesmo que eu tenha lhes devolvido suas aparências humanas? Reaja, Tatimét! Diga a Ptal algo que Ptal não gostaria de ouvir!

— Poderoso Ptal... eu não sei o que dizer.

— Reaja, Tatimét! Deixe cair esta sua máscara de submissão, atrás da qual você se oculta, e diga a Ptal ao menos uma coisa digna de ser ouvida!

— Inferno maldito! berrou Tatimét. — Este inferno maldito me assusta e me paralisa, Ptal! Não pode ver que, na minha submissão, eu oculto um medo terrível? É tão difícil de se ver isso?

— Não, Tatimét, não é difícil. O difícil é reconhecer isso, não é mesmo? falou Ptal, já calmo, muito calmo.

Tatimét caiu de joelhos e começou a soluçar convulsivamente. Ptal, à guisa de consolo, falou:

— Não se envergonhe de sentir medo, meu amigo. Eu também tenho um grande medo que tenho ocultado, dando vazão a uma fúria e ira infernais. Mas a verdade é que esta escuridão eterna me assusta. E muito!

Tatimét olhou para Ptal e falou:

— Até ao poderoso Ptal esta escuridão assusta?

— Assusta sim, Tatimét. Nós vivemos uma vida miserável, e num meio maldito, onde não podemos confiar em ninguém... nem nos nossos conselheiros.

— Eu não penso em traí-lo, poderoso Ptal. Isso nunca passou pela minha mente! exclamou Tatimét, muito ofendido.

— Seu medo não permite isso a você, não é mesmo? Seu medo desta escuridão é maior que seu desejo de acabar comigo, — Ptal, o homem que incendiou sua aldeia, matou seus servos, escravizou suas mulheres, apossou-se das suas riquezas e terras e depois de tudo isso ter feito diante dos seus olhos e sua impotência, ainda ordenou sua degola.

— Ptal!!!

— Reconheça, Tatimét! Ao menos isso, em nome dos deuses infernais, reconheça! Reconheça o que no seu íntimo você alimenta, mas que não dá vazão porque é melhor estar ao lado de Ptal do que contra ele, não é verdade?

— O que quer que eu diga?

— Não precisa dizer nada, Tatimét. Seu silêncio é tão eloqüente, que ecoa por toda esta escuridão maldita.

— Ptal, eu vou-me embora, se é isso que deseja.

— Nada disso, Tatimét. Quem vai embora sou eu. Já me cansei de ter à minha volta seres que me odeiam mas ocultam seus ódios atrás de uma falsa submissão, se é que existe alguma submissão que não seja falsa.

— Não pode nos deixar aqui, poderoso Ptal.

— A partir de agora, todos vocês estão livres do jugo de Ptal. Recolhi a temida coral que certa vez despertei de seu sono em meu negativo apenas para derrotar Gamsór, um ser igual a mim em tudo, mas que não descobriu isso a tempo de evitar que eu o reduzisse à sua semente original. Você sabe quem realmente era Gamsór, Tatimét?

— Não, poderoso Ptal.

— Saiba que, numa encarnação anterior à minha última encarnação, Gamsór foi meu filho. E por razões que desconheço, um mental superior a tudo que possamos imaginar, mas que meu mago sacerdote Hash-Meir nominava de “a lei”, colocou-o num campo oposto ao campo em que eu iria atuar, e sob a influência negativa de um mental poderoso, muito poderoso.

— Eu não sabia de outra coisa que não fosse o ódio que ele nutria por você, poderoso Ptal.

— É, Gamsór estava sob a influência e irradiação cósmica de uma religião que, se me amparou até certa idade, dali em diante foi por mim combatida em todos os sentidos. E você bem sabe disso, correto?

— Isso eu sei, poderoso Ptal. Também caí sob a sua luta contra o culto à serpente negra.

— Você sabe qual o poder que realmente a serpente negra simboliza, Tatimét?

—- Uma divindade muito poderosa, não?

— Certamente que sim. Mas... que divindade é esta? Isso você sabe, Tatimét?

— Não sei, poderoso Ptal.

— Meu mago sacerdote sabia, ou acreditava que sabia, Tatimét.

— Eu não sou tão sábio como ele era, poderoso Ptal.

— Sei disso, Tatimét. Mas não ser tão sábio quanto ele não é desculpa para justificar sua inapetência ou falta de vontade de aprender. Aprenda, e aí talvez pare de me odiar, ou se decida a consumar a sua vingança, Tatimét!

— Neste meio maldito, onde todos odeiam todos, dar vazão aos nossos ódios é o pior que podemos fazer, poderoso Ptal. Isso aprendi ao ver um Gamsór muito poderoso ser reduzido à sua semente original, justamente quando acreditou que o tinha ao alcance das afiadas presas que usava para aterrorizar até nós, as cobras negras, com uma carga de ódio menor que a dele.

— Sim, isso é verdade. Dar vazão às nossas vinganças por aqui pode ser muito arriscado. E por isso dissimulamos o que lateja em nosso íntimo. Mas a verdade é que estamos num momento de nossas míseras existências, em que quanto mais dissimulamos, mais revelamos o que lateja em nosso íntimo. Vou me embora, Tatimét!

— Eu o acompanho, poderoso Ptal.

— Acaso pensa em realizar sua vingança mais tarde?

— Não.

— Então...

— Eu não quero ficar aqui sem a sua proteção. Sua presença me ajuda a suportar o medo que sinto desta escuridão infernal. Afinal, já aprendi que para estar de bem com você, só preciso bajulá-lo. Mas... e quanto a um novo e desconhecido “Ptal” que certamente virá apossar-se deste domínio? Será que só bajulando-o estarei de bem com ele, ou para estar terei que renunciar a alguma coisa de humano que talvez ainda me reste?

— Esta aparência, Tatimét?

— E, talvez seja só esta aparência humana, que você, o magnânimo e generoso Ptal, me devolveu. E acredite-me: se com ela, neste meio maldito já é terrível se sustentar, sem ela é impossível. Acredite-me, Ptal!

— Eu acredito, Tatimét. Eu também sinto-me melhor por ter conseguido recolher ao meu negativo minha “cabeça” de coral-rei.

— Então, olhe para o rosto de todos os seus escravos. Olhe como estão assustados com a perspectiva de perderem a sua proteção poderosa. Por acaso não lhe ocorre que todos eles recolheram em seus negativos, possíveis e até justificáveis, desejos de vingança, pois sob seu domínio, ao menos a aparência de seres humanos eles ainda podem ostentar? Não lhe ocorre que, se o amor aqui não viceja, no entanto sob a forma de respeito, todos nós o estamos amando? O imenso poder de que é portador o torna um líder nato, Ptal. E mesmo que o odiemos, nós o respeitamos porque seu apego às vistosas aparências humanas dadas a seres tão deformados quanto nós, torna-o mais humano dos senhores dos domínios das trevas. Olhe para as suas escravas preferidas, Ptal! Olhe no íntimo delas e verá que, se elas se entregam a você, e até sentem um certo prazer, isso só é possível porque você as resgata de seus negativos, que em monstros as havia transformado, e faz com que se sintam humanas

novamente, ainda que em muitos sentidos tenham deixado de sê-lo quando se entregam aos seus desejos de vingança. Muitas delas odiavam outros “Ptals”, poderoso, magnânimo e generoso Ptal ! E se não o odeiam tanto ao ponto de não intentarem contra você quando está totalmente desprotegido ao possuí-las sexualmente, é porque, com você, ao menos como humanas são tratadas. Ou pensa que não o vi totalmente ao meu alcance quando, mergulhado no sexo delas, você se ausenta de tudo à sua volta? Mas Tatimét, seu escravo leal, vigia tudo à sua volta quando isso ocorre, poderoso Ptal! E sabe por quê? Sabe, Ptal?

— Não, Tatimét... e não desejo saber.

— Você precisa saber, poderoso, magnânimo e generoso Ptal!!!

— Eu não quero saber, Tatimét. Vou-me embora!

— Vá depois, Ptal. Agora deve me ouvir porque isso exigiu de mim, não foi?

— O que eu exigi de você, Tatimét?

— A verdade, certo? Você não desejou que eu agisse como seu antigo mago sacerdote? Pois estou agindo, Ptal!

— Infernos malditos!!! Cale-se, Tatimét!

— Não me calo, Ptal. E digo mais: se eu vigiava as suas fugas desta escuridão enquanto mergulhava em todos os sentidos no sexo de suas escravas, é porque se aqui, com você a nos escravizar, é ruim, muito pior seria sem você, já que daqui não sairemos porque aqui “a lei” nos aprisionou, Ptal! Todos nós somos prisioneiros do nosso próprio negativo, Ptal. E não há pior ou mais sólida prisão do que a que erigimos para nós mesmos! E se esta prisão que erigimos em nós, e para nós mesmos, tem de ter um senhor sombrio a vigiá-la, então que seja Ptal, o poderoso, o magnânimo e generoso humano, senhor de vários domínios das trevas. Afinal, aqui não há nenhum inocente, Ptal!

— Tem razão, Tatimét. Nenhum de nós é um inocente ou um inconsequente; todos tínhamos consciência de que, ao cometermos nossos erros, estávamos apenas alimentando nossos negativos, não é mesmo?

— É isso mesmo, Ptal. Nós temos alimentado nossos negativos com a vida e o humanismo de nossos semelhantes, ainda que o preço a ser pago seja nos desumanizarmos cada vez mais. E o que temos feito por nós mesmos, não é?

— E sim, Tatimét. De grau em grau, vamos nos afundando cada vez mais, e sempre atraídos por nossos negativos.

— Pois saiba que tendo-o como senhor dos nossos destinos, alguma coisa conseguimos, Ptal. Finalmente conseguimos interromper nossas quedas neste inferno maldito onde, se a subida é íngreme demais, as quedas são livres e os abismos não estão debaixo dos nossos pés, mas sim, em nosso íntimo!

— É isso mesmo, Tatimét. O abismo existente em nosso negativo é profundo, muito profundo! Tão profundo que podemos cair por toda a eternidade e ao seu fundo jamais

chegarmos. Nosso negativo, em tudo, é o oposto do nosso positivo. Nele, por mais que subamos, jamais alcançaremos seu pico, onde está assentado o Senhor da Luz.

— É isso mesmo, Ptal. E nós, os não-inocentes, estamos nos domínios do Senhor das Trevas, que também nunca será alcançado por nós em nossas quedas, uma vez que ela não se processa no "corpo" dele, que nos é exterior. Nossa queda se processa em nosso corpo, dentro de nós mesmos, em nossos íntimos.

— Tatimét, você é um sábio e está apto a assumir o trono deste domínio. Logo, creio que sob seu jugo estes escravos do negativismo estarão bem protegidos de outros mentais poderosos.

— Não estarão, Ptal. Eles depositaram seus destinos junto ao seu, e se você recolher o seu e se for, eles ficarão sem um destino porque você levará consigo o único que agora eles possuem: o seu destino, Ptal-coral!

— Não sou mais Ptal-coral, Tatimét.

— É sim, poderoso Ptal-coral. Apenas ocultou esta sua natureza cobrindo-a com uma aparência humana. Mas nós o compreendemos porque também apreciamos as aparências humanas que ocultam as nossas naturezas, atualmente em nossos pólos negativos. Ou para alguém desumanizado, e vivendo num meio desumano e entre outros seres desumanizados, parecer humanos não é positivo?

— Talvez você tenha razão, Tatimét.

— Tenho sim, Ptal-coral. Rastejei muito por esta escuridão sem fim, antes de ganhar de volta minha antiga aparência humana. E creia-me: fui tê-la de volta justamente com quem, num ato desumano, enviou-me a este meio infernal, onde uma forma desumana de mim se apossou, assim que para cá fui atraído devido a minha desumanidade. Você a havia retirado, e você veio até aqui para devolvê-la a mim. Só assim eu deixaria de agir como uma cobra negra. Não sei quem é você nem quem foi o seu mago sacerdote. Mas, agora, refletindo um pouco, começo a crer que você é a própria divindade coral, Ptal-coral. E se meus conhecimentos não forem falsos, a coral imortal é um dos recursos da "lei". Estou certo, Ptal-coral?

— Quanto a mim, não sei. Mas quanto à coral encantada, ela é um dos recursos da lei pois é a única cobra que se alimenta da serpente negra sem morrer envenenada. Nem a serpente dourada encantada de Hash- Meir pode devorar a serpente negra sem morrer envenenada, ainda que não pereça caso venha a ser picada por ela. Compreende isso, Tatimét?

— Compreendo sim, Ptal-coral. A serpente dourada encantada é o saber. E se ele absorver a ignorância perece, porque fica contaminado e deixa de ser o que é: o saber! Caso a ignorância venha a picar o saber, morrerá pois não resistirá ao contato com sua luminosidade. Mas a coral encantada tem entre suas cores simbólicas a cor negra, ou a ignorância como uma de suas características. E num raciocínio mais sutil, podemos deduzir que, em se tratando da "lei", a faixa preta simboliza os processos duros, violentos, em que ela se realiza, certo?

— É, está correto, Tatimét.

— Por isso os falsos senhores dos tronos, agora sob sua guarda, caíram tão facilmente: por trás das cores da coral da lei estava Ptal-coral, um guardião dos símbolos da lei no lado negativo.

— Cale-se, Tatimét! Você está se excedendo em suas deduções.

— Pediu a verdade, Ptal-coral. Eu, num meio onde ela tem curta duração, ao meu modo, que não é o da força bruta, mas sim das palavras, estou sendo ousado. Pela primeira vez em minha desgraçada existência ouso dizer a verdade, Ptal-coral! E olha que não ousei tanto nem quando um maldito mago sacerdote da serpente negra, desejando minha filha ainda criança, alegou que era o deus serpente que desejava possuí-la e depois lançou-a no poço das execuções. Eu poderia ter dito que era ele, o maldito voluptuoso, quem a desejava e recorria à divindade para isso realizar, mas calei-me porque temia seu poder, suas magias e seus venenos. Compreende isso, Ptal-coral?

— Sim, Tatimét. Eu compreendo.

—Eu me acovardei, e como um covarde agi mais tarde pois eu, Tatimét, envenenei o maldito mago negro, vingando minha pobre filhinha, morta de forma tão brutal nas mãos de um canalha.

Tatimét caiu de joelhos diante de Ptal, e do mais íntimo de seu ser brotou um pranto convulsivo. E Tatimét deu vazão ao remorso por não ter defendido com “palavras” a vida de sua filha ainda impúbere, estuprada com brutalidade por um ser humano degenerado, que recorreu à desculpa de que era a divindade quem assim desejava.

E em meio ao pranto dolorido, Tatimét falou:

— Eu odiei quando você completou minha desgraça e arrancou de mim minha família, meus bens e minha vida. E só não o ataquei porque temi o espírito imortal da coral encantada que vi enrodilhada naquela pedra, Ptal- coral. E se Gamsór não a viu, é porque ele o odiava tanto, que nem isso conseguiu ver. Mas eu, Tatimét, um covarde por natureza, a vi, e não consumei minha vingança contra você. E logo tratei de colocar-me sob sua proteção pois vislumbrei a oportunidade única de, por seu intermédio, destruir Lague-Fér, o mago negro maldito que matou minha filha tão querida.

— E conseguiu seu intento, Tatimét! Eu já odeio esse maldito sem ao menos saber quem ele é. Levante-se e vamos até a “minha” pedra, quero ver se lá ainda está o espírito encantado da coral da lei: a coral imortal!

— O que pretende fazer, Ptal-coral?

— Consumar sua vingança, Tatimét. Você é um instrumento da palavra, mas eu, Ptal, sou um instrumento da lei. E isso, meu mago sacerdote já havia me revelado há muito tempo. Como não vejo outra forma de reparar o dano que causei à sua mísera e covarde existência na matéria, posso compensá-lo reduzindo Lague-Fér a uma mísera semente original, mergulhado em sua dor final.

— Isso quem deve fazer sou eu, Ptal-coral.

— Ou concorda ou vou-me embora, Tatimét.

— Este é o preço que cobrará para continuar a amparar-nos em nossas quedas?

— Sim, este é o preço.

— É muito alto, Ptal-coral. Lague-Fér reina atualmente onde só os grandes das trevas sobrevivem.

— Onde fica isso, Tatimét?

— Sei como chegar lá, mas não sei dizer onde realmente fica. Lá é o verdadeiro inferno, Ptal-coral.

— Então é para lá que iremos, Tatimét.

— Por que, Ptal-coral?

— Estou cansado deste lugar, e isso é o bastante para mim. Além do mais, Lague-Fér realizava rituais de sacrifícios humanos, não realizava?

— Sim, ele realizava.

— Eu quero a semente original dele em minhas mãos, Tatimét! urrou Ptal, possuído por uma fúria nunca antes vista por Tatimét.

— O espírito da lei que anima a imortal coral encantada está silvando, Ptal-coral. Eu posso ouvi-lo daqui. E isso pode ser perigoso!

— Nesta escuridão, onde reinam as ignorâncias humanas, o que não é perigoso, Tatimét?

— Tudo, mas algumas atitudes ou ações o são mais.

— Aos infernos a covardia, Tatimét. Sigamos o canto de guerra e de morte emitido pela imortal coral encantada da lei. Hash-Meir sempre dizia que quando ouvia um canto encantado a chamá-lo, é porque alguma divindade o estava colocando em ação.

— Não sei como esse seu sacerdote chegou ao grau de mago.

— Por que a dúvida?

— Bom, os magos, se não me engano, são os seres mais precavidos que existem. E esse seu mago, pelo que dele tem comentado, não era nem um pouco, não é mesmo?

— Está enganado, Tatimét. Hash-Meir sempre dizia que quando uma divindade pousa seus olhos em alguém, o melhor é não resistir a ela. E quando somos estimulados por uma a executar uma missão, tudo elas já fizeram; e a nós, os humanos, só resta sacramentarmos o desfecho final, ou elevando alguém ao paraíso ou empurrando-o aos abismos dos infernos. Mas...

— Mas...? Vamos, não faça pausa nas partes mais interessantes.

— Bem, mas... se não dermos ouvidos ao canto de uma divindade, que não restem dúvidas quanto ao nosso destino final, que é perdermos todos os nossos encantos!

— O que isso significa?

— Significa que deixaremos de ser o que somos: seres humanos.

— Mas, este silvo da coral encantada irá empurrá-lo mais para baixo ainda, Ptal-coral.

— Ouça mais uma coisa que Hash-Meir dizia, Tatimét: “É melhor descer aos infernos guiado e protegido por uma divindade do que tentar subir aos céus por conta própria”.

— Explique-me isso, Ptal-coral.

— Que droga, Tatimét. Afinal de contas, quem é o mestre das palavras por aqui?

— Eu não tive um mestre como ele, Ptal-coral. Logo, nada como ser ensinado por quem com ele falava de igual para igual.

— Bom. Vou ensinar-lhe, mas só desta vez. O caso é que se você descer amparado e protegido por uma divindade, você estará realizando um desígnio divino. Mas se tentar subir por conta própria, estará contrariando uma lei humana.

— Lei humana? Que lei é essa?

— A lei da evolução, Tatimét. Ninguém sobe realmente se bater nas portas do céu e dizer: “Deixem-me entrar!” Não é assim que as coisas funcionam no alto, sabia? Afinal, as únicas portas que se abrem por completo para quem nelas bater desejando entrar são as do inferno. E quanto mais sozinho e por conta própria nelas chegarmos, melhor será a acolhida. Compreende?

— Pelo que posso deduzir, nas portas do céu só devemos bater caso seja para aos céus confiarmos nossos semelhantes. É isso, Ptal- coral?

— Você não é tão idiota quanto deseja parecer, Tatimét. E caso queira uma vida longa ao meu lado, é melhor ir demonstrando que não estou enganado a seu respeito.

— Qual o conceito que tem sobre mim, Ptal-coral? Por acaso me julga um sábio?

— Não, não. Aos meus olhos você parece ser um idiota de uma espécie muito especial.

— Que espécie é esta?

— A dos que ainda são curáveis, e em verdadeiros sábios acabarão se tornando.

— Sinto-me lisonjeado com tão animador conceito, Ptal-coral! - exclamou Tatimét, rindo das palavras de Ptal.

— Não ria, Tatimét. Apenas para o seu bem, prove-me que não me enganei a seu respeito.

— Vou provar-lhe agora mesmo, Ptal-coral.

— Como provará algo que só com o tempo terei provas?

— Bem... aí vai uma prova irrefutável: eu o detive, com palavras, aqui mesmo, até que você, descontraindo-se com minha ignorância, recolhesse novamente o seu negativo. Caso não tenha percebido, sua cabeça de coral- rei havia sido plasmada pelo seu ódio a Lague-Fér. Ia apresentar-se, conscientemente, diante de uma divindade imortal dando mostras de inconsciência, irracionalidade e inconsequência, certo?

— Certíssimo, Tatimét. Afinal, não somos tolos ou inocentes. E se vou ao encontro do espírito encantado da coral imortal, é porque não desejo descer até onde está Lague-Fér apenas para destroná-lo e assumir o domínio sob o jugo dele.

— Não? Tem certeza que não é só por isso?

— Tenho. Eu também quero lançá-lo em sua dor final, na qual finalmente irá provar um pouco do que tem semeado nos espíritos humanos: o tormento.

— Este é o mais puro sentido da lei, não?

— É, sim. Que cada um colha o que semeou!

— E, se Lague-Fér sentia prazer ao semear a dor, não devemos negar-lhe, não agora, o prazer da dor, não é mesmo?

— Você aprende rápido, Tatimét. Só não entendo porque você recusou nossa oferta de integrar-se a nós no combate ao culto da serpente negra.

— Bem, quando vi na cabeça de seu mago sacerdote aquela serpente dourada, achei que trocar uma cobra já conhecida por outra desconhecida, não seria uma sábia escolha.

— Mas nós não cultuávamos as cobras. Aquela serpente feita de ouro puro simbolizava a pureza do saber.

— Vocês não faziam sacrifícios à serpente dourada?

— É claro que não. Afinal, o que você acha que significam estes símbolos que encimam os tronos negativos que conquistamos com tanta facilidade?

— Eles mostram de uma forma oculta que uma divindade negativa é responsável pelos espíritos humanos que até eles são atraídos pelos seus magnetismos. As afinidades existem em todos os níveis, certo?

— Correto. A serpente negra simboliza uma divindade negativa responsável pela execução dos espíritos caídos nos mais profundos negativismos que em si mesmos alimentavam. E segundo dizem os magos da luz, um idiota qualquer chamado Lúcifer yê fez o que um idiota chamado Ptal ia fazer, caso não tivesse um sábio chamado Tatimét a aconselhá-lo, compreende?

— O temido Lúcifer yê absorveu o espírito encantado da imortal serpente negra?

— Assim dizem os magos da luz. E quem sou eu para duvidar do que eles dizem?

— E nunca mais a serpente negra encantada irá desencantá-lo?

— Isso eu não sei. Mas que tentamos ajudá-lo, ah, isso tentamos!

Tatimét passou as mãos no pescoço e murmurou:

— E, eu tenho certeza que tentaram, Ptal-coral. Em meu corpo espiritual ainda restou uma marca do fio da lâmina incandescente que me decapitou.

— E, você traz a marca dos que foram salvos do jugo mental de Lúcifer yê.

— Por que seu mago sacerdote aquecia aquela espada até que ficasse rubra, se fria ela cortaria do mesmo jeito?

— Você não sabe?

— Se soubesse não estaria retendo-o aqui quando há uma divindade a espera para ungi-lo com um poder mágico da lei.

— Está certo, Tatimét. Vamos ao encontro dela!

— De jeito nenhum. Só saio daqui se você me revelar o mistério que há por trás do aquecimento daquela lâmina que me decapitou.

— Nada mais justo. Afinal, você foi um beneficiário do mistério que ela oculta. Aí vai o mais puro e profundo dos conhecimentos, Tatimét: um mago precisa, para romper uma cadeia mágica negativa estabelecida ou assentada no plano material, de alguns objetos de fundo mágico, certo?

— Isso eu entendo.

— Pois é isso. A lâmina é um desses objetos e os magos a usam. Mas só os verdadeiros magos a utilizam corretamente, pois antes de usá-la, aquecem-na, para que o alcance da sua ação ultrapasse o plano material. Com ela aquecida, a direção para onde ele a apontar até lá a ação ativada, chegará e consumirá a fonte ou assentamento irradiador do encantamento ou obsessão, mesmo que essa fonte esteja em outra dimensão ou esfera espiritual.

— Isso significa que, se eu, daqui, ativar os poderes negativos deste meu cajado contra um encarnado, e você sabe que isso tenho feito, um mago conhecedor deste mistério da lâmina aquecida poderá, sem sair do seu ponto material, atingir-me?

— Claro. E não será só a você que ele atingirá.

— Não?

— Não mesmo. Tanto você quanto este seu poderoso cetro mágico negativo explodirão, e o cetro virará pó cósmico, enquanto você será lançado ao encontro da sua dor final com todo o seu mental desmagnetizado.

— O que significa ter o mental desmagnetizado, Ptal-coral?

— Tatimét! Que droga! Vou ter de ensinar-lhe tudo? Há uma divindade à minha espera.

— À sua espera, não, à nossa espera. E não vou sair deste inferno que já conheço e entrar num outro, muito pior e desconhecido, sem alguns conhecimentos básicos para nele sobreviver algum tempo mais.

— Ter um mental desmagnetizado significa que um corpo elemental básico que nos é invisível, mas que possuímos, é destruído. Com sua destruição, também se vai nossa última defesa elemental básica que nos tem sustentado desde um estágio da evolução muito anterior ao estágio atual, o humano. Portanto, quando o meu mago sacerdote o decapitou, também, por meio de um ritual que só ele conhecia, também decapitou o maldito mago negro que, por intermédio de você, lá conseguia atuar. Ele destruiu todos os fundamentos mágicos assentados no Templo que você dirigia, e ao ser espírito que o "inspirava", certo?

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Portanto, se um dia você cruzar com um mago portando uma lâmina, curve esta sua cabeça diante dele e coloque-se sob a sua guia, ou então...

— Ou então... o quê?

— Recolha todo o seu negativismo e fuja para bem longe, caso ele esteja à sua procura, porque seu fim estará muito próximo.

— E se ele desconhecer o mistério da lâmina quente, já que eu vi uns magos do Templo realizando toda uma ritualística com lâminas frias?

— Bem, aí então monte nas costas dele e o escravize, pois ele é só mais um magista idiota.

— As lâminas frias são inofensivas...

— Espere aí. Eu disse que só as lâminas aquecidas ultrapassam as barreiras naturais que existem entre as dimensões ou as esferas espirituais, correto?

— Sim.

— As lâminas frias só atuam e tem seus alcances limitados ao plano material, correto?

— Sim.

—- Logo, caso você vá até o plano material, não vá se portar como um idiota e desafiar um mago que usa uma lâmina fria porque ele certamente irá atingi-lo com tanta força que você terá um tormento terrível. Preste atenção no que digo, senão logo perderei um discípulo promissor.

— Vou atentar para isto. E subir nas costas dele não significa sair daqui e ir assentar-se em cima dele, certo?

— Isso mesmo. Atente para o real sentido do que estou dizendo, senão você nunca entenderá nada do que há por trás de uma frase figurada ou alegórica, assim como não entende ou entendia o que há por trás da simbólica serpente negra. Afinal, estas que rastejam aqui no inferno não tem nada a ver com as cobras negras que são o terror dos habitantes dos campos e florestas onde eu "nasci" para a carne. Estas aqui são espíritos humanos colhidos por um poder, eu disse poder! cósmico negativo que, atuando no psiquismo deles, os predispuseram a assumir em seus corpos espirituais plasmáveis a forma de uma cobra muito temida por ser muito venenosa.

Afinal, mesmo no inferno, a lei atua por analogia com o que existe no plano material. E, se uma serpente é perigosa, traiçoeira, e só se mostra ou se torna visível quando já é uma ameaça real, os espíritos caídos ostentam nas mais assustadoras formas aquilo que realmente são: uma ameaça aos seus semelhantes!

— Não foi Gamsór quem nos deu aquela forma, Ptal-coral?

— Aparentemente foi. Mas se ele fez isso, foi porque havia absorvido muito deste mistério que atua por meio do psiquismo e das energias plasmáveis que formam o corpo espiritual dos seres humanos. Mas há um outro poder, de natureza psíquica que, se usado por um mental poderoso, pode amoldar esta energia plasmável em torno do corpo de um espírito, e dar-lhe uma aparência humana.

— Você o domina facilmente, certo?

— Isso mesmo. Você continua o mesmo espírito deformado que sempre foi, por baixo desta aparência que o oculta. Mas, você só o oculta de quem não consegue ver além das aparências, pois para quem tem uma visão apurada, esta sua aparência é apenas um finíssimo véu de energia, facilmente penetrável. E para que não se ache tão útil, vou revelar-lhe uma

coisa: se eu fecho os olhos quando possuo minhas escravas, é para não ver como são desagradáveis, aos meus olhos, seus corpos femininos todos deformados pela vivenciação de sentimentos negativos e viciantes. E não como você acreditou, que eu estivesse me ausentado de tudo à minha volta. Afinal, não preciso destes olhos para ver o que está ocorrendo à minha volta. Esta minha outra forma de "ver" é muito mais útil do que a que você usa, porque me permite ver alguém sem precisar voltar meus olhos para ele. E se quer saber de uma coisa mais, eu lhe digo: você é o mais idiota dos idiotas que já vi, Tatimét!

— Por quê?!

— Oras! Deixe de se portar como um imbecil porque posso "ver" como você fica excitado quando está "vigiando" as minhas costas enquanto mergulho no sexo de minhas escravas. Trate de apanhar algumas para você e possuí-las imaginando que está nos braços da mais bela das mulheres, pois além disso não ser pecado aos olhos das divindades negativas, lembre-se de que isso aqui é o inferno. E nele, o mínimo que se espera de alguém é que se porte como se na luz estivesse!

— Eu... eu... você....

— E claro que eu “via” sua excitação!

— Incrível!!!

— A única coisa incrível por aqui é você continuar a ser um covarde diante do sexo oposto, Tatimét! Aos infernos os pudores, pois estamos no inferno. E com seres humanos infernais nós temos que conviver e nos satisfazer, ainda que prazer real não venhamos a obter. Pelo menos esta maldita excitação que tanto me incomoda, consigo manter sob controle mental, descarregando no sexo de minhas escravas o excesso de energias que no meu esta excitação gera e acumula. Isso também é sobreviver, Tatimét. Se não podemos ter o bom e o melhor, resta apenas nos contentarmos com o ruim e o pior, ainda que um preço tenhamos que pagar. Você o pagará?

— Pagarei, Ptal-coral.

— Muito bem! Então vamos ao encontro da coral encantada para sabermos porque ela está silvando seu “piado encantador”.

No instante seguinte os dois estavam postados bem próximos da pedra onde Ptal permanecera tanto tempo. Aos poucos ela, a coral encantada da lei, foi se tornando visível, terrível e assustadoramente visível!

Dos seus olhos multicoloridos, dois fachos rubros se projetavam e alcançaram os olhos de Ptal, que imediatamente começou a metamorfosear- se até se transformar totalmente numa outra coral-rei, mas de menores dimensões, ainda que não menos assustadora.

Ptal também emitiu seu “piado encantado” antes da gigantesca coral encantada desaparecer, pois havia cumprido sua missão de protegê-lo até que estivesse apto a assumir suas qualidades de executor da lei nas trevas. E assim que se viu a sós com Tatimét, ele projetou dois fachos rubros que

penetraram em seus olhos e o transformaram numa coral-rei, mas de dimensões menores.

No instante seguinte, Ptal voltou à sua antiga aparência humana e o mesmo fez Tatimét.

— Pronto para descer mais um pouco, Tatimét, meu irmão de sina?

— Estou, poderoso Ptal-Rei! O preço a ser pago, em verdade, é servir à lei que atua nas esferas negativas. E não me parece mais elevado do que o que eu já estava pagando aqui sem ao menos ter consciência disso.

— É isso, Tatimét. Sempre há um preço a ser pago. Mas nós podemos muito bem pagá-lo conscientemente.

— Lague-Fér é meu, Ptal-Rei !

— Grande Tatimét! Finalmente volto a ter como conselheiro um sábio guerreiro.

— Seu mago sacerdote era um?

— Ele era. E como era!

— Não sei por que, mas estou começando a gostar dele, Ptal-Rei.

— Quando você vier a conhecê-lo pessoalmente, ele o encantará tanto, que nunca mais conseguirá esquecê-lo, Tatimét-real.

— Eu sou isso, Tatimét-real?

— É sim.

— Portanto, honre sua realeza, meu conselheiro.

— Meu destino foi depositado em suas mãos, Ptal-Rei. Caso eu venha a decepcioná-lo, esmague-me como faria com Lague-Fér.

— Nem tenha dúvidas que o esmagarei se isso acontecer, Tatimét. Nunca duvide disso!

— Eu o convido a assistir à execução daquele maldito estuprador de crianças, poderoso Ptal-Rei.

— Isso não perco, Tatimét-real. Vamos convidar todos os meus reais escravos e escravas para assistirem ao suplício final de Lague-Fér.

— O rei é você, Ptal-Rei!

— Então vamos!

CAPÍTULO 5

SÉPTER-REAL ASSUME SEU GRAU

No instante seguinte, os dois surgiram onde haviam ficado os “escravos reais” e ambos plasmaram suas aparências de coral-rei, assustando a todos. Dos olhos de Ptal, muitos duplos fachos rubros se projetaram ao mesmo tempo, e, alcançando a todos com seu poderosíssimo mental, plasmou-os em forma de corais-reais.

Mentalmente instruídos por Ptal, todos o acompanharam.

Com isso feito, no instante seguinte Ptal projetou um facho enorme bem no meio da escuridão e “abriu” uma passagem para uma esfera negativa inferior àquela onde estavam, e sibilou:

— Vamos, todos nós, participativamente, assistir Tatimét-real executar Lague-Fér. Vamos ao seu ninho de serpentes, pois agora também somos serpentes!

Milhares incontáveis de corais-reais sibilaram e saíram assustadoramente, e de suas presas afiadas e mortíferas um líquido rubro correu. Todos estavam prontos para, participativamente, assistirem Tatimét executar Lague-Fér.

Aquela horda infernal, comandada por Ptal, avançou pela fenda aberta no espaço e entrou nos domínios de Lague-Fér, localizados na sexta esfera descendente ou negativa.

E, participativamente, saltaram sobre os escravos dele, também eles, todos recolhidos à forma plasmada de cobras negras.

A um assalto daqueles e naquela dimensão, se houve reação, as corais-reais não poderiam dizer, porque eram infensas ao mortífero veneno (ódio) dos escravos de Lague-Fér que, vendo uma coral silvando bem diante de seus rubros olhos, tentou reagir, mas recuou quando viu nos olhos daquela serpente, que crescia e crescia seguidamente, que era Tatimét cobrando a morte da própria filha, estuprada e executada por ele, Lague-Fér. Mas ainda conseguiu sibilar:

— Piedade, poderoso Tatimét!

— A mesma piedade que teve para com minha filha, terei para com você, verme rastejante.

— Eu fui obrigado a sacrificá-la, Tatimét.

— Isso acontece, Lague-Fér. E tanto acontece, que eu também, agora, sou obrigado a executá-lo injetando em você todo o veneno do ódio que em meu negativo sua ação maldita despertou. Até nunca mais, Lague-Fér! sibilou Tatimét, lançando-se num bote fatal sobre Lague-Fér, que ao sentir- se trespassado pelas enormes e afiadas presas da imensa coral-real emitiu, num sibilo altíssimo, um urro de dor e desespero, para logo em seguida desabar no solo negro e começar a desaparecer, até que só seu ovóide restou.

Ptal recolheu-o rapidamente e guardou-o junto com todos os outros que já havia executado na quinta esfera negativa.

Como Ptal havia retomado à sua aparência humana, Tatimét, ainda como uma coral-real gigantesca, elevou-se diante dele e ficou a mover-se de forma ameaçadora, prestes a lançar-se em mais um bote mortífero.

— Faça isso, Tatimét. Vamos, não se detenha agora que tem a grande oportunidade de realizar sua vingança final contra o maldito que ordenou sua degola, possuiu seus bens e sua esposa! Vamos, faça isso imediatamente, Tatimét! Não seja covarde!

Aos poucos Tatimét-real foi diminuindo de tamanho, até voltar ao seu normal, quando plasmou sua aparência humana, mas totalmente rubra, e falou:

— Perdoe-me, Ptal-Rei! Ao dar vazão total ao meu negativo, muitos ódios reprimidos afloravam ao mesmo tempo. Eu estava semi-inconsciente e se me voltei contra você, foi por instinto. Isso não acontecerá novamente. Perdoe-me!

— Eu o perdoo porque entendo que estas reações instintivas acontecem. Mas nunca se esqueça que, se vier a “picar” uma coral, você não a lançará na dor final. A única coisa que conseguirá será perder as suas listras vermelhas e brancas, transformando-se imediatamente em uma cobra negra, as odiadas inimigas das corais-reais, fato este que, na reação imediata de

quem você picar, o lançará na sua dor final, porque será picado por ela. Compreende isso, Tatimét-real? berrou Ptal.

— Sim, poderoso Ptal-Rei.

— Isso é lei, Tatimét-real! Um semelhante nunca ataca o outro, ainda que possua razões justificáveis. É por causa deste princípio da Lei Imutável que ao inferno fomos enviados: nós matamos nossos semelhantes!

— Eu compreendo, Ptal-Rei. Perdoe-me!

— Nunca, mas nunca mesmo, escancare sua bocarra contra um semelhante seu, uma coral-real, pois estará lançando a si próprio na sua dor final.

E voltando seus olhos faiscantes para seus escravos, Ptal berrou muito irritado:

— Vocês ouviram isso, corja rastejante?

— Sssiiimmm! foi a resposta uníssona.

— O quê?!

— Sssiimmm, poderoso Ptal-Rei!!!

— Assim está melhor, bando de escravos insolentes e ingratos. Eu os torno poderosos e somente recebo ingratidões como recompensa!

— Não é bem assim, poderoso Ptal-Rei! justificou-se uma das corais-reais bem próxima a ele. — Eu estou com você e neste combate ofereci o que tenho de melhor aos seus inimigos.

— Sépter, o que você tem de melhor a oferecer aos meus inimigos?

— Meu ódio e seu respectivo veneno mortal para os que ousam desafiar a lei, ou a se voltar contra seus próprios semelhantes.

— Eu já venho observando-o há tempos, Sépter.

— E...??

— Acho que você é o escravo ideal para assumir a guarda deste trono, que se até há pouco pertencia aos domínios da serpente negra encantada, a partir de agora passou para os domínios da serpente coral encantada.

— Ptal-Rei! exclamou Tatimét, muito preocupado. — Nunca fez isso antes. Não pode assumir um trono pertencente a outra hierarquia negativa.

— O negro puro não é uma das cores da coral encantada?

— É.

— A coral encantada não é lei?

— Ela é.

— Então, se o conquistei, vou assumir sua guarda e colocá-lo sob a irradiação negativa e mágica dela, a poderosa coral encantada. E quem não gostar, que vá reclamar diretamente com ela, a nova senhora deste domínio e deste trono.

Ptal projetou de seus olhos dois fachos rubros diretamente nos olhos rubros da serpente simbólica que encimava aquele trono e absorveu os mistérios e conhecimentos que por trás dele haviam e se encontravam ocultos. Depois, fechou os olhos e quando os abriu, projetou um duplo facho tricolor (branco, vermelho e preto) e todo o trono e a serpente simbólica que o encimava assumiram essas cores.

— Aí tem, Sépter! Eu o nomeio meu preposto na guarda deste trono da lei nas trevas. Assuma a guarda dele em nome da sagrada coral da lei e caso algum idiota apareça por aqui para reclamá-lo, desocupe-o e não discuta, porque a própria coral simbólica que o encima executará o idiota. Depois, recolha o que dele restar e entregue-o para mim. Entendido?

— Ptal-Rei ordena, Sépter-Real guardião dos mistérios sagrados da coral da lei obedece, cumpre e executa.

Então, posicione-se diante do trono e se ofereça como guardião deste trono da coral da lei. Caso ela o aceite, dos olhos da coral simbólica sairão

dois fachos multicoloridos que passarão a você poderes, deveres e obrigações. Caso não venha a ser aceito... bem, guardarei seu ovóide daqui a instantes. Teme isso, Sépter?

— Não temo, Ptal-Rei! Uma coral real não teme e nem recusa um posto de guardião de um dos seus mistérios guardados por nós, a verdadeira e imortal Ptal-Rei!

— Grande Sépter! Os devedores da lei ainda haverão de se arrepiar da cabeça aos pés quando ouvirem você sibilar o piado da coral encantada da lei.

— Ptal-Rei distinguiu-me entre tantos servos leais, e a Ptal-Rei honrarei com minha lealdade total e fidelidade ímpar à lei que nos rege, as corais-reais.

— Em frente, Guardião Sépter!

Sépter posicionou-se conforme Ptal havia ordenado e pronunciou as palavras que, ou o consagrariam como guardião daquele trono, ou o fulminariam. No instante seguinte, dois poderosos fachos contendo muitas, mas muitas cores, se projetaram não só contra seus olhos, já que todo o seu corpo reptício fora envolvido. Logo depois todos viram um espírito humano vistoso, belo e dotado de um magnetismo impressionante.

Os trajes que cobriram o corpo de Sépter-Real eram (e são até hoje) deslumbrantes porque não se parecem com nada do que existe ou existirá no plano material.

Sobre a cabeça de Sépter-Real, uma coroa encimada por um símbolo sagrado, toda ornamentada de pedras preciosas da cor do fogo, espargia uma luz mil vezes mais intensa que qualquer rubi conseguiria fazê-lo. Na cintura de Sépter-Real, uma longa espada, simbolizando

a lei, estava pendendo. E em seu braço, uma cobra-coral portando uma coroa repousava toda enrolada.

Sépter-Real ajoelhou-se diante do trono e, levando a mão direita ao peito, emitiu um brado de saudação semelhante ao piado encantado da coral-rei. Depois voltou-se para Ptal e, com os olhos a verter lágrimas, com a voz embargada pela emoção, falou:

— Obrigado, Guardião dos Sete Símbolos da Lei nas Trevas. Eu o saúdo e agradeço por ter, finalmente, me conduzido de volta ao grau em que, um dia, num passado longínquo, na hierarquia natural, servi à lei. Que a lei o ampare por onde caminhar, poderoso Ptal-Rei. E por onde caminhar, lá estará o espírito imortal da coral encantada a vigiar os passos dos seus inimigos e adversários da lei.

— Sépter-Real, eu o saúdo e me sinto honrado com sua ascensão ao seu grau natural. Mas agora permita que eu emita meu pranto de dor por encontrar-me tão distante do meu grau na hierarquia natural!

— Dê vazão aos seus mais íntimos sentimentos, Guardião dos Sete Símbolos da Lei nas Trevas. Eu o entendo e o compreendo, agora que descobri porque tive que descer até aqui. Por seu intermédio, a coral encantada até aqui me conduziu para que de volta à lei este trono executor de seus ditames fosse reconduzido.

Ptal caiu de joelhos diante de Sépter-Real e chorou convulsivamente após bradar: “Mago desgraçado de sábio e conhecedor dos mistérios da lei!”

Quando Ptal parou de chorar, Sépter-Real perguntou:

— Quem é este mago, poderoso Guardião dos Sete Símbolos da Lei nas Trevas?

— Ele se chama Hash-Meir, Sépter-Real. Ele, em vida na carne, havia dito a mim que eu era portador deste grau que você concedeu-me em sua generosidade.

— Eu não lhe concedi nada, Ptal-Rei. Eu posso ver seu grau, agora que retornei ao meu. E creio que poderei ver o grau de Hash-Meir, caso me dê um pouco de tempo.

— Faça isso por mim, Sépter-Real. Afinal, ele sempre dizia que era só um servo da Lei, e nada mais.

Sépter-Real puxou sua espada simbólica da bainha e, elevando-a acima da cabeça, projetou sua visão rumo a algum lugar distante dali, para, a seguir, recolhendo a espada em sua bainha, dizer:

— Hash-Meir é o senhor do degrau em que meu grau e o seu estão assentados, Ptal-Rei. Mas...

E Sépter-Real calou-se, enquanto de seus brilhantes olhos duas lágrimas caíram face abaixo.

— Mas... o quê, Sépter-Rei?

— Ele está distante, está muito distante do majestoso trono que neste momento os Sete Sentidos do Mal ocupam, Ptal-Rei.

— O que isso significa, Sépter-Real?

— Significa que longa, sanguinária, tenebrosa e dolorida será a jornada que Hash-Meir terá de percorrer, caso queira, um dia, reaver o degrau natural que um dia ocupou na hierarquia natural regente do nosso planeta.

— Pior que a minha, Sépter-Real?

— Você está próximo da sua busca ancestral, pois ele renunciou à dele para auxiliá-lo na sua, Ptal-Rei.

— O que significa isso, Sépter-Real?

— Olhe para sua direita, um pouco acima de sua cabeça, Ptal-Rei!

Ptal olhou, e com espanto viu que, longe, muito longe, uma serpente

dourada projetava diretamente sobre sua cabeça um facho de luz dourada, invisível sem o auxílio de Sépter-Real. E invisível ela voltou a se tornar, assim que ele abaixou sua mão direita.

— Compreende agora, meu irmão de destino?

— Sim. Ele jamais deixou de se preocupar comigo, e até direcionou sua encantada serpente dourada para instruir-me e guiar-me. É isso, não?

— Sim, é isso, Ptal-Rei. Eu também vou dirigir na direção dele um mistério da coral encantada para guiá-lo na escuridão onde ele atualmente serve à lei.

— Isso lhe é possível, Sépter-Real?

— Sim. E é possível porque um servo da Lei sempre deve auxiliar ou socorrer a outros servos dela, quando grande é o desafio a ser vencido.

— Hash-Meir! Que toda a força e poder da coral encantada o auxilie e o proteja em sua longa jornada!

— Assim será, Ptal-Rei., falou Sépter-Real, para dizer á seguir:

— A coral encantada está ordenando que eu leve este trono de volta ao seu ponto de força original, Ptal-Rei.

— Vamos ficar sem a sua luminosa e radiante presença, Sépter-Real?

— Não. Onde quer que vocês estejam, em pensamento com vocês sempre estarei. Apenas terei de permanecer ao lado do regente natural do ponto de forças da lei ao qual este trono pertenceu e a partir de agora, por todo o sempre, pertencerá. Honre seu grau e logo estaremos reunidos mais uma vez, Ptal-Rei.

— Eu tentarei honrá-lo, Sépter-Real.

— Não tente, honre-o!

— Honrarei, Sépter-Real.

— Eu sinto que honrará, Ptal-Rei. Até nossa reunião!

— Até...

Sépter-Real assentou-se no trono e, num clarão ofuscante, desapareceu. No instante seguinte, um tremendo piado emitido pela coral encantada ecoou por toda aquela medonha escuridão.

Aqui, um parênteses: “Sépter está assentado à direita do regente planetário que na Umbanda Sagrada é conhecido e cultuado pelo nome de Xangô. Ele também é um orixá intermediário para as linhas do Orixá Ogum que atuam no astral negativo, e líder natural da linha de ação e trabalho dentro do Ritual de Umbanda Sagrada conhecida por “Caboclos Cobra-Coral”. Isso à sua direita, porque à sua esquerda é o chefe natural da linha de ação e trabalho conhecido por Exus Cobra-Coral.

Salihed, Sépter-Real! Niho Mahe Ni!”

Bem, assim que Sépter-Real partiu, Tatimét pediu:

— Poderoso Ptal-Rei, revele-me o que não sei, estou tão confuso!

— Aqui não é possível. Vamos procurar um lugar menos escuro que este.

— Talvez esta escuridão seja natural desta esfera, Ptal-Real. A retirada daquele trono deste lugar o deixou mais escuro do que já era.

— Vamos tentar encontrar outro onde possamos ao menos nos ver, Tatimét.

— Sua poderosa visão nada consegue localizar?

— Você quer dizer se a minha “outra” visão não vê, certo? Pois estes olhos aqui só vêem escuridão total, e nada mais, e não estou gostando do que a outra visão está me mostrando, Tatimét.

— Por quê?

— Ou estou enganado, ou estamos cercados e...

Ptal não conseguiu dizer mais nada. Um laço poderoso foi passado em seu pescoço e alguém muito forte o arrastou através do espaço escuro. O mesmo aconteceu com Tatimét e todos os escravos e escravas de Ptal.

No instante seguinte, todos estavam diante de um trono negativo colossal e assustador, mesmo para eles já acostumados às coisas assustadoras.

E quanto ao “sujeito” sentado naquele trono? Era uma figura aberrante, se aberração servir para descrever alguém indescritível. Ptal, quase sufocado devido ao laço apertado demais, só se debatia, tendo perdido toda a condição de reagir.

— O que caiu em meus domínios, Lague-Shér? perguntou o senhor daquele trono infernal.

— São só uns humanos idiotas, poderoso Lami-Shór. Estavam mais perdidos que os últimos que capturei.

— Estes estão em bom estado de conservação. Acho que teremos energias humanas por um bom tempo, Lague-Shér.

— Teremos sim, poderoso Lami-Shór. Faz tempo que não capturo umas fêmeas humanas com tantas energias acumuladas em seus sentidos. Posso retirar algumas para mim?

— Escolha as que mais lhe agradarem. Quanto às outras, recolha-as às masmorras. Mais tarde irei absorver suas energias. Quanto aos machos, deixe-os aqui, pois desejo absorver as energias sexuais de alguns deles para, mais tarde, poder me divertir com essas fêmeas tão conservadas.

— São todos seus, poderoso Lami-Shór.

Ptal, na posição que estava, apenas conseguia ver assustadores seres dotados de longos, tortuosos e pontiagudos chifres. Mas devido ao laço que o sufocava, não conseguia fixar-se em nenhum deles. Já Tatimét, não tendo oposto nenhuma resistência, não estava tão sufocado. E lembrando-se do que vira Ptal fazer, fixou sua visão coral real no símbolo que encimava aquele trono colossal e assustador.

Recorreu a tudo que com Ptal havia aprendido e, aos poucos, foi se apossando do mistério que estava oculto por trás daquela figura simbolizadora de um poderoso mistério negativo. E quanto mais foi absorvendo, mais forte e poderoso foi se sentindo. Chegou a um ponto em que, tendo esgotado os conhecimentos e poderes do mistério, incorporou-os aos da coral encantada que havia recebido de Ptal por transmissão direta de poderes, conseguiu fazer sair de seu corpo gigantescas corais que atacaram com fúria inaudita aquelas figuras assustadoras, causando uma debandada geral no imenso e sombrio salão do trono.

Ptal, vendo-se livre da pressão do laço, explodiu numa furiosa e gigantesca coral-real, distribuindo tantas picadas quanto sua ira lhe permitia.

Outros escravos, livres dos laços sufocantes, também assumiram suas formas de corais-reais e partiram para o ataque, espalhando o terror

entre aquelas criaturas aberrantes, que após o susto inicial, também reagiram. E usando armas dotadas de lâminas ou pontas afiadas, começaram a desferir golpes contra aquelas serpentes que, à medida que picavam alguém, maiores iam se tornando.

Tatimét abriu um vazio à sua volta, pois com sete gigantescas cabeças de corais-reais, todas sincronizadas pelo seu mental, era invencível. E Tatimét, senhor delas, era implacável com aquelas criaturas aberrantes.

Quando sentiu-se senhor do mistério daquele trono, avançou sobre ele, cravando, ao mesmo tempo, os sete pares de presas na criatura chamada Lami-Shór que, desesperado, urrava de dor.

De algum lugar mais infernal ainda, começou a chegar socorro a Lami- Shór. Criaturas poderosíssimas entravam na luta de vida ou morte.

Ptal, tendo recebido golpes profundos em seu enorme corpo plasmado, sibilou:

— Desgraçado mago Hash-Meir! Onde está você que não me envia socorro nesta hora tão difícil?

A luta continuou desfavorável às corais por um bom tempo. Mas quando Ptal já estava acuado e Tatimét, sem soltar Lami-Shór, começou a receber alguns golpes profundos, uma horda de assustadoras caveiras montando furiosos cavalos negros dotados de um longo e pontiagudo chifre na testa começou a atacar as criaturas de Lami-Shór.

As caveiras empunhavam largos e recurvados alfanjes afíadíssimos que, ao tocarem naquelas criaturas, faziam com que explodissem em mil pedaços.

Mas, o mais assustador daqueles cavaleiros, portando uma espada rubra como ferro em brasa, explodiu aqueles que atacavam Tatimét, e gargalhando exclamou:

— O que é que há com você, mago idiota? Já se esqueceu que seus poderes maiores estão em seu mental?

— Tem certeza disso, cavaleiro amigo?

— Foi isso que Hash-Meir ordenou-me que lhe dissesse. O resto é com você, mago maldito e idiota.

Tatimét reagiu de imediato e, concentrando em seu mental todos os poderes dos mistérios já absorvidos, começou a esgotar Lami-Shór rapidamente.

Quando viu que Tatimét voltava a reequilibrar o combate, o cavaleiro cavalgou até onde estava Ptal e, às gargalhadas, berrou:

— O que está acontecendo com você, poderoso guerreiro? Já esqueceu do que seu mago sacerdote lhe ensinava?

— O que é que ele me ensinava, caveira da morte? sibilou Ptal, esquivando-se de vários golpes.

— Ora, eu mesmo o ouvi dizer a você que um verdadeiro soberano derrota seus piores adversários apenas com um olhar fulminante.

— Com um olhar, é?

— Isso mesmo, soberano da “Terra das águas”! Há, há, há, há,há .... Seu antigo comandante Meiman o saúda, Ptal-Rei! Há, há, há...

E o cavaleiro lançou sua infernal cavalgadura sobre um bando de criaturas, explodindo-as com golpes de sua longa espada rubra.

Quanto a Ptal, elevou sua cabeça ao máximo e começou a irradiar sua ira através dos dois rubros olhos. Onde os focos atingiam, uma explosão acontecia. Pouco depois, ele já conseguia explodir criaturas que, dotadas de imensas asas, o atacavam pelo alto.

Algum tempo mais e Tatimét conseguiu reduzir Lami-Shór a um ovóide inútil. Mas antes que pudesse recolhê-lo, uma imensa criatura voadora pousou e o recolheu, fugindo em seguida. Ptal ainda tentou atingir suas imensas asas de morcego, mas somente lhe causou uma leve queimadura.

— Por que este maldito morcego não explodiu? sibilou ele ao cavaleiro, que apenas observava a estranha criatura.

— Creio que este aí é o senhor de Lami-Shór.

— Quem é o senhor dele, comandante Meiman?

— O mais terrível ser das trevas que possa imaginar, Ptal-Rei. Só não tenho certeza se é o próprio, ou uma de suas criaturas infernais.

— Você o conhece?

— Ouvi Hash-Meir comentar sobre ele. Quanto a vê-los, é a primeira vez, mas não creio que seja a última. Olhe, o maldito está de volta, e não vem só! exclamou Meiman, lançando seu cavalo ao “ar” e indo ao encontro das terríveis criaturas voadoras dotadas de imensas e cortantes garras.

E como guerreiro que era, brandiu sua longa espada rubra, explodindo a que estava mais próxima.

Seus cavaleiros seguiam-no e explosões terríveis começaram a acontecer no alto, bem acima de onde estavam as gigantescas corais que, quando uma daquelas criaturas voava mais baixo, eram alcançadas por suas presas afiadas.

De vez em quando, era uma coral que era despedaçada pelas afiadas garras, ou algum cavaleiro-caveira quem era partido em muitos pedaços.

— Tatimét,-assuma este trono maldito ou logo vamos encontrar nosso fim! ordenou Ptal.

— Estou me tornando senhor de todos os mistérios que ele oculta, Ptal-Rei. Isso aqui transcende a todos os tronos que já tomamos antes.

— Por que ele é assim?

— Ainda não tenho certeza, mas creio que isso aqui é um domínio dos sete sentidos do mal!

— Em que inferno maldito Sépter-Real nos deixou quando levou consigo aquele trono da Lei?

— Penso que, com aquele trono, a Lei também se foi. Olhe! Portais tenebrosos estão se abrindo e soltando criaturas inacreditáveis contra nós.

— Com mil divindades negativas! Isso é o inferno dos infernos, Tatimét! Continue tentando encontrar a chave do mistério deste trono que eu o protejo.

— Faça isso, Ptal-Rei! Faça isso ou Lúcifer yê irá apossar-se de nossos destinos finais.

— Você viu isso neste trono?

— Sim. Estamos dentro dos domínios dele. E se seu mago sacerdote tiver mais algum socorro para nós, é bom que ele o envie logo!

— Mago desgraçado de poderoso, onde está seu poder? sibilou Ptal, projetando para o alto sua visão rubra.

No instante seguinte, o inferno dos infernos ali se formou. Sem saber de onde, Ptal viu surgirem enormes cães negros como piche, de olhos rubros como brasas, com enormes presas, tão terríveis quanto as presas das corais. Surgiam do nada e lançavam-se contra as criaturas que saíam daquelas portas escuras. Mas não foram só aqueles cães que vieram em auxílio. Gigantescas cascavéis voadoras também começaram a surgir do nada, e atacaram as criaturas.

Ao ver que o auxílio chegava, o comandante das caveiras aproximou- se de Ptal e falou:

— Pode descansar, Ptal-Rei. A morte está assumindo este domínio em nome da Lei. Logo um mensageiro do Senhor dos Mortos por aqui surgirá e a paz voltará a reinar nestas bandas do inferno. Celebremos a morte, poderoso Ptal-Rei!

O cavaleiro estendeu a mão esquerda em direção a um ovóide caído no solo negro, recolhendo-o. A seguir apanhou uma taça em forma de caveira e, segurando o ovóide um pouco acima dela, fez correr para dentro da abertura um caldo grosso e rubro como sangue pisado, dizendo:

— Você, desgraçado e infeliz servo do mal, tem a honra de transbordar a taça da morte!

Quando a taça-caveira transbordou, Meiman elevou-a acima de sua cabeça e bradou:

— Lúcifer yê! Em nome do Senhor das Trevas eu brindo ao Senhor dos Mortos! E em nome dele tomo posse deste domínio das trevas da morte!

Imediatamente, aquelas portas escuras se fecharam, deixando as criaturas que por elas haviam saído à mercê dos cães infernais, das cascavéis voadoras e dos cavaleiros-esqueletos. Pouco depois, em meio a gemidos e silvos de dor, a paz voltou a reinar naquele domínio infernal. Ptal virou-se para Tatimét e perguntou:

— Já conseguiu a chave deste mistério, Tatimét?

— Falta pouco, Ptal-Rei.

— Pode parar, mago Tatimét, - ordenou o cavaleiro Meiman. — Pare enquanto ainda é senhor dos seus sentidos!

— Por que devo parar agora que estou muito próximo de dominá-lo?

— Primeiro porque este trono agora está nos domínios da morte. Segundo, se você se assentar neste trono sem a permissão do Senhor dos

Mortos, explodirá e virará poeira cósmica. Minha lâmina fará isso com você.

— Por quê?

— Você não viu que Lúcifer yê só recuou porque eu assumi este domínio em nome do Senhor dos Mortos?

— Aquele brinde que você fez trancou as portas do inferno, Meiman? perguntou Ptal.

— Fechou sim, Ptal-Rei. Todos vocês estão sob a generosa proteção do Senhor dos Mortos. E quem ousar recusá-la, à morte será consagrado.

— Na sua taça, eu presumo! exclamou Ptal, já voltando à sua aparência humana.

— Na ponta do alfanje da morte, Ptal-Rei.

CAPÍTULO 6

TATIMÉT ASSUME SUA REALEZA

Um clima tenso começou a se cristalizar naquele lugar. Ptal estava irado porque descobriu que seres muito mais poderosos que ele reinavam nos domínios da sexta esfera negativa. E Tatimét porque um desejo imenso de assenhorear-se daquele trono havia se apossado de seu, agora, vigoroso mental. Meiman, o cavaleiro da morte, porque via neles uma ameaça real a um domínio das trevas já consagrado ao Senhor dos Mortos. Afinal, de que adiantava ajudá-los a derrotar Lami-Shór se um ser fora de controle desejava com tanta ardência aquele trono.

Para descontrair, Meiman perguntou:

— Ptal-Rei, por onde tem vagado esse tempo todo?

— Rastejando pelo inferno, Meiman-Shur. E você?

— Eu, depois que desencarnei, não tive muita sorte, e caí num meio tão hostil e infernal que fui lançado à minha dor infernal — lançado em quase todos os sentidos.

— Mas sobreviveu.

— Ainda conservo alguns vestígios do meu humanismo, Ptal-Rei.

— Quais?

— Estes ossos, meu ódio, minha fibra aguerrida e guerreira, meu desejo de punir os malditos, e um desejo imenso de beber um pouco de água bem fresca, pois sou seco.

— Sinto pelo seu destino, Meiman-Shur.

— Não lamente minha sina, pois a sua não é melhor, Ptal-Rei. Eu, que cobri a Terra com o sangue daqueles que minha lâmina matou, fui esgotado tanto, mas tanto, que tudo em mim secou. E agora padeço de uma sede infernal, que só deixa de me incomodar quando brindo à morte nesta taça que recebi dela própria. Mas e você, qual é o seu tormento final, Ptal-Rei?

— Acho que é estar nesta escuridão sem fim, Meiman-Shur.

— Ptal-Rei, algum dia, quando o servi, demonstrei ser um idiota?

— Não.

— Então não venha com esta justificativa. A escuridão é somente um estado exterior, e eu estou falando de estado interior.

— Ah!

— Há, há, há,... você continua o mesmo, Ptal-Rei!

— E você, Meiman-Shur? Mudou em algum aspecto?

— Só se foi para pior, Ptal-Rei! exclamou o cavaleiro da morte, voltando a gargalhar do estado em que se encontrava.

Ptal cedeu à tensão e riu um pouco também, descontraindo o ambiente tenso, prestes a explodir já que Tatimét continuava com os olhos fixos no trono vazio. Meiman então, mostrando-o a Ptal, pediu:

— Ptal-Rei, em nome de nossa amizade e lealdade, diga a seu escravo Tatimét para tomar cuidado. Este trono não é o que parece, e o que ele acredita ser o mistério oculto por trás do símbolo que ele vê, é apenas uma ilusão criada pelo mais poderoso mental que circula livremente por estes domínios infernais.

— Ilusão? Tem certeza? perguntou Tatimét.

— Isso mesmo, mago negro. Você foi hipnotizado por Lúcifer yê e está sendo atraído pelo poderoso mental dele, que o subjugou ao imenso desejo que ele vibra em sua direção tentando realizar seus mais ocultos desejos.

— Que desejos, caveira da morte?

— Há, há, há... você deseja recuperar algo que há muito perdeu, Tatimét: sua realeza!

— Eu nunca a perdi, caveira da morte. Mesmo quando fui decapitado por aquele mago maldito, portei-me como um rei.

Ao ouvir Tatimét chamar Hash-Meir de mago maldito, Meiman-Shur sacou sua espada rubra e ordenou:

— Tatimét-Camdór, retire esta ofensa ao meu irmão Hash-Meir ou vou explodi-lo imediatamente!

— Eu não retiro nada, Meiman-Shur! Estou cansado de me calar e colocar minha cabeça aos pés de tantos “poderosos”.

— É, Lúcifer yê já assumiu seu mental, Tatimét-Camdór. É hora de lançá-lo na sua dor final!

Meiman-Shur elevou sua espada para golpear Tatimét, mas uma voz rouca, vinda do fundo da alma, ordenou-lhe:

— Recolha sua espada simbólica, irmão de destino!

— Irmão! exclamou Meiman, voltando-se para onde partira a ordem. — Você é o mensageiro escolhido pelo Senhor dos Mortos para reconduzir aos seus domínios este trono caído?

— Eu pedi a ele, Meiman-Shur. Há um mental negativo muito poderoso atuando sobre todos esses nossos irmãos de sina e de destino.

— Eu já o identifiquei, mensageiro da morte. É Lúcifer yê. Sabe que esta minha sede infernal não permite que eu me engane.

— Eu já estou sentindo a presença dele, irmão meu — confirmou o mensageiro, enquanto seus dedos esqueléticos, mas dourados, acariciavam a cabeça de um enorme cão negro, cujos olhos emitiam fagulhas rubras em todas as direções.

Ptal olhou por um instante para aqueles olhos, mas não podendo sustentar o olhar, desviou seus olhos para a impressionante caveira dourada coberta com uma veste encapuzada totalmente negra, tão negra quanto os pêlos do enorme cão que, parado ao lado dele, vigiava todos os movimentos. Para complementar aquela estranha figura, uma enorme espada simbólica pendia no lado esquerdo da cintura, e um cajado com uma lâmina dourada recurvada no alto, símbolo dos mensageiros do senhor dos Mortos.

O mensageiro, “olhando” para Tatimét-Camdór, falou:

— Muito bem, mago negro! Pode assentar-se neste trono, agora sob a regência do Senhor dos Mortos!

— Eu sabia que ele me pertencia, mensageiro da morte! Há, há, há... finalmente consegui o meu trono!

— Espere! exclamou Meiman-Shur. — Isso é loucura, mensageiro!

— Meiman-Shur, eu sou o mensageiro e portador desta vontade do Senhor dos Mortos. Portanto, cale-se e atenha-se à sua função de portador do alfanje da morte.

— Perdoe-me, poderoso mensageiro. Isso não acontecerá novamente.

— Assim espero! exclamou com sua voz gutural o mensageiro da morte, que ordenou a Tatimét-Camdór:

— Realize seu desejo, real mago negro de Lúcifer yê!

— O que disse?

— O que ouviu, Tatimét-Camdór. Assuma este trono da morte. E caso ele seja seu por um direito natural, coroado você será. Mas caso ele não lhe pertença, fulminado pelo seu símbolo identificador você será, e daqui a instantes recolherei sua semente original e a entregarei a Meiman- Shur para que toda a sua perfídia, sua dissimulação e toda sua inveja e covardia sejam extraídas, e num brinde amargo, pela morte sejam servidas.

— Esta outra opção eu não esperava, mensageiro!

— Por que não? As duas são ótimas, Tatimét-Camdór. Se você é o senhor natural deste trono da morte, isso é bom. Mas se não for, será ótimo, porque finalmente você ficará livre de todo o negativismo que tem impedido seu retorno à hierarquia natural à qual pertencia antes de ter sido dominado pelo poderoso mental de Lúcifer yê! Nas duas opções você só tem a ganhar, Tatimét-Camdór. Afinal, a morte só entra na vida de alguém para recolocá-lo no seu devido lugar, ou para devolvê-lo à vida.

— Assim eu não quero assumir este trono, mensageiro.

— Só há uma outra opção, Tatimét-Camdór.

— Que alternativa é essa, mensageiro?

— Ser decapitado mais uma vez, e agora em espírito, pela incandescente lâmina de Meiman-Shur. Da outra vez foi a lâmina de Hash-Meir, agora é a do executor da morte, que é só um entre os muitos que a servem levando-a à morte em todos os sentidos para os que vivem a alimentar desejos mortais.

— Também não acho esta opção a melhor, mensageiro.

— Qual seria, para você, a melhor, Tatimét Camdór?

— Assumir este trono e reinar nos infernos.

— Tem certeza de que esta é a melhor?

— Absoluta!

— Então, que este seu desejo se realize. E se esta opção for realmente a melhor para você, que nenhuma outra aqui se realize. Mas, se aos olhos do Senhor das Trevas ela não for, então eu tomarei conta do que restar de você. Está bem assim?

— Por que tanta generosidade, mensageiro?

— A morte é um manto negro que envolve todos os desejos. Após absorvê-los, permite a quem os vibra sua realização, Tatimét-Camdór.

— Se assim é a morte, então minha opção é a melhor.

— Então, assente-se no seu trono final, Tatimét-Camdór, ordenou o mensageiro do Senhor dos Mortos.

Assim que Tatimét-Camdór sentou-se no trono colossal, o enorme símbolo que o encimava começou a explodir e um outro, totalmente diferente, foi ficando visível aos olhos dos que assistiam à “coroação” dele, o real mago negro de Lúcifer yê.

Assim que o símbolo ficou totalmente visível, uma poderosa descarga de energias ocorreu sobre Tatimét-Camdór e o reduziu à sua semente original. No mesmo instante, uma voz tonitruante bradou:

— Maldito mago do Arco-íris Sagrado! Eu ainda o tornarei meu escravo, Hash-Meir!

— Vem tentando isso há milênios, Lúcifer yê.

— Eu o escravizarei aos meus desejos, serpente da luz!

— Isso agora é impossível, serpente negra. Eu a absorvi em minha alma imortal para todo o sempre. E por mais que venha a me tentar, ao final sua luz ainda animará minha alma imortal, que sempre, do meio da mais escura treva da ignorância, brotará como a celestial estrela da vida, e a escuridão à minha volta sua irradiação sombria ela desvanecerá. Agora estamos em pólos opostos, Lúcifer yê. E quanto mais para perto de você eu for atraído pelo seu magnetismo, maior será a sua anulação em minha vida, e em meus sentidos humanos.

— Maldita serpente da luz. Você, com sua astúcia e saber, lançou seu último grau na sua dor final, Hash-Meir.

— Eu sei disso, Lúcifer yê. Mas, convenhamos, Tatimét-Camdór já não me servia mais há muitos milênios, correto?

— Você cortou o último elo que nos unia, mago maldito!

— Isso é bom para nós dois, não? Agora, cada um pode trilhar seu destino em separado. E quero que saiba que não me importo nem um pouco com o seu, prefiro cuidar do meu.

— O seu destino final está em meus domínios, Mago da Luz. Olhe isto!

— Aos poucos, as sombras foram se afastando e ao redor do trono onde jazia a semente original de Tatimét-Camdór, que já era colossal, interligado a ele havia todo um degrau completo, mil vezes mais colossal.

— Olhe, tolo Hash-Meir! Este é o degrau, em cujo trono regente, um dia, numa era longínqua, você estava assentado!

— Por que ele, com exceção deste trono da morte que agora está nos domínios da morte, está em seus domínios, Lúcifer yê?

— Você não sabe?

— Como eu haveria de saber, se nem sei por que estou dando “ouvidos” ao senhor do mundo das ilusões?

— Eu sou real, Hash-Meir!!!

— Se você acha que é, então acredite quem quiser. Mas eu, no meu íntimo, o tenho como o negativo do abstracionismo religioso: o ilusionismo.

— Eu sou tão real quanto você, Hash-Meir!

— Não é não, Lúcifer yê. Mas acho ótimo que me use como ponto de referência para manter o que restou de você. Honra-me com esta distinção, senhor dos iludidos!

— Você está invertendo a lógica das coisas, Hash-Meir.

— Não estou invertendo lógica alguma. A lógica da ilusão é não possuir uma lógica. Cada um a adapta aos seus conceitos invertidos. Mas não se preocupe com isso, Lúcifer yê, você é o próprio sentido da vida invertido, não é mesmo?

— Maldito Hash-Meir!!! — tonitroou Lúcifer yê. — Vou provar-lhe que sou lógico e real!

CAPÍTULO 7

HASH-MEIR É COLOCADO À PROVA

— Quando você proceder de modo real e com lógica, o inferno deixará de ser o que é: o reino da ilusão, dos iludidos pela inversão dos conceitos, dos valores e da razão!

— Eis o seu degrau, Hash-Meir. Ele é tão real quanto nós dois. As- sente-se em seu trono regente e reassuma seu grau celestial.

— Eu não quero trono algum. Consagrei-me à morte, e isso me basta. Portanto, pode ficar com este degrau, e com as atribuições dele.

— Você é o senhor dele. Portanto, assuma-o, Hash-Meir.

— Perde seu tempo comigo, Lúcifer yê. Prefiro servir aos regentes naturais a servir você. E além do mais, um dia, no futuro, você irá oferecer, este degrau a mim e até irá implorar para que eu o aceite de volta.

— Quem lhe disse isto? Foi o seu Senhor dos Mortos?

— Não, Lúcifer yê.

— Quem foi, maldito mago?

— Isso não importa. Agora... caso não se importe, vou enviar este trono pertencente ao Senhor dos Mortos. Foi para isso que vim até aqui como seu mensageiro.

O mensageiro virou-se para Meiman-Shur e ordenou:

— Recolha a semente original de Tatimét-Camdór e retire dele todo o negativismo.

— Assim ordena, assim farei, mensageiro da morte.

— Meiman-Shur apanhou o ovóide e, colocando-o acima de sua taça- caveira, fez correr para dentro dela um caldo vermelho como sangue. Quando transbordou, ele a elevou acima da cabeça e exclamou:

—- Nós, os mortos em vida, mas vivos na morte, brindamos à morte da ilusão de vida de Tatimét-Camdór!

Após todo o conteúdo desaparecer, o mensageiro pediu:

— Sagrado Regente dos sombrios domínios da morte, envia o teu ungido para assumir a guarda deste trono conquistado por nós para os teus domínios!

No instante seguinte, bem diante do mensageiro, surgiu um Grande Mago da Luz que, ajoelhado diante dele, saudou-o e falou:

— Eu sou o ungido para guardar os mistérios deste trono, mensageiro da morte.

— Eu o saúdo, Grande Mago. Está preparado para assumir este trono, ainda que nele tenha que permanecer assentado por todo o sempre?

— Sim. E outra não é a minha vontade ou desejo, mensageiro da morte.

— Meiman-Shur, como guardião deste trono até seu retorno ao seu degrau original, proceda à entronação do Grande Mago da Luz Azul como senhor guardião dos mistérios deste trono.

— Assim ordena, assim farei, mensageiro da morte!

Meiman-Shur dirigiu-se ao Grande Mago e falou:

— Grande Mago da Luz Azul, eu, Meiman-Shur, executor da morte e guardião deste trono, nomeio-o guardião dos mistérios ocultos que ele simboliza. Está preparado para ser aceito por ele, ou, caso não seja de sua confiança, de ser punido pelo poder do símbolo vivo e atuante que o distingue?

— Estou, executor da morte Meiman-Shur.

— Então, assente-se nele e assuma-o, ou por ele seja punido!

O Grande Mago da Luz Azul ajoelhou-se diante do trono e pronunciou algumas palavras. Imediatamente, de cada um dos sete símbolos que encimavam o trono, fachos multicoloridos projetaram-se diretamente em seus olhos. Quando cessaram, ele assentou-se no trono. Dos símbolos que o encimavam, fachos multicoloridos cobriram-no por completo. Quando eles se recolheram, uma majestosa veste negra e um manto dourado cobriam o corpo do Grande

Mago da Luz Azul. Em sua cabeça havia uma coroa com sete caveiras e em sua mão esquerda, um cetro simbólico dos reais poderes dos mistérios simbolizados naquele trono.

O enorme cão negro que estava prostrado ao lado do mensageiro emitiu um aterrador uivo e, a seguir, caminhou até o trono, lambendo os pés do Grande Mago da Luz Azul. A seguir fixou seus olhos faiscantes nos olhos reluzentes do Grande Mago e uivou mais uma vez, enquanto de seus olhos duas lágrimas de sangue correram.

O Grande Mago então falou:

— E claro que o perdoo por ter me atingido por tanto tempo e tão profundamente. Mas nós dois sabemos que, de agora em diante, a paz reinará entre nós. E o que a Lei a mim permitir, tudo farei para que um dia seja reconduzido ao seu real grau, irmão de destino e de sina. E como sinal de respeito pelos esforços com que tem redimido seus erros, eu assumo setenta e sete dos que você derrubou e que tem por dever e obrigação devolver aos seus graus originais, custe o que custar e demore o tempo que demorar.

Aquele ser assustador emitiu um uivo feliz para, a seguir fazer surgir diante do trono setenta e sete cães tão assustadores quanto ele, que, após olharem, voltaram seus olhos para o Grande Mago e uivaram felizes, reverenciando-o. A seguir, o Grande Mago voltou-se para o líder das cascavéis voadoras e falou:

— Irmão de destino e de sina, eu tenho acompanhado seus esforços para redimir seus erros, e em sinal de respeito, também assumo setenta e sete das suas cascavéis. Eu as devolverei aos seus graus, ainda que dure a eternidade!

A gigantesca cascavel chacoalhou seu guizo e imediatamente setenta e sete cascavéis ali surgiram. Após serem atingidas por fachos rubros projetados por seu líder, para o Grande Mago elas voltaram suas cabeças e guizaram, saudando-o como o novo senhor delas. A seguir, o Grande Mago voltou seus olhos para Meiman-Shur e falou:

— Irmão de sina e destino, tenho acompanhado seus esforços na remissão dos seus erros. Em sinal de gratidão, assumo setenta e sete daqueles que você derrubou, e serei responsável pela recondução de cada um deles aos seus graus, a partir de agora, serei.

Após receber os setenta e sete cavaleiros da morte de Meiman-Shur, o Grande Mago voltou seus olhos para Ptal e falou:

— Irmão de destino e sina, em respeito ao respeito que tem dedicado aos tronos simbólicos dos mistérios naturais, e em sinal de gratidão por ter arriscado sua vida para que este trono fosse reconduzido aos domínios do sagrado e divino Senhor dos Mortos, eu assumo Setenta e Sete das suas corais que afastou dos respectivos graus em sua descida e serei responsável pela recondução de cada uma delas aos seus graus originais a partir de agora!

— Poderoso mago, ainda que mais confuso que nunca eu esteja me sentindo agora, e que de tudo isso ainda nada saiba ou entenda, quero crer que está assumindo parte dos meus erros, falhas e pecados. É isso o que por nós, os caídos, está fazendo?

— Sim, é isso, Ptal-Real. Só assim estarei honrando as reais atribuições deste trono natural. Ele as possui, e uma delas é recolher os caídos e ampará-los até que venham a estar aptos a retornarem à senda luminosa da evolução. Ao contrário do que muitos pensam, a função dos tronos negativos não é punir seres humanos caídos, mas, tão-somente, ungi-los ao magnetismo que possuem e impedir que continuem a trilhar a senda que conduz aos abismos conscienciais mais profundos. Cada trono localizado numa faixa eletro-magnética tem, entre outras atribuições, a de amparar todos os que, por uma razão ou outra, todas razões humanas, tornaram-se deficientes energeticamente e desequilibrados magneticamente.

— Eu compreendo, Grande Mago da Luz Azul!

Após Ptal irradiar fachos rubros em setenta e sete de seus escravos, e de o Grande Mago tê-los recebido, este se levantou do trono e, dirigindo- se até o mensageiro, pediu:

— Grande Mago da Serpente Dourada, faça por mim o que só você pode fazer!

— O que me pede irá desfigurá-lo, Grande Mago da Luz Azul.

— Eu não desejo outra coisa neste momento, irmão de destino e sina.

— Talvez eu nunca venha a conseguir alcançar meu verdadeiro mistério, grau e degrau, irmão meu!

— Eu não me preocupo com isso. Apenas faça com que eu nunca me esqueça de que você renunciou à conquista do seu degrau para auxiliar- me na reconquista do meu. Assim, nunca me esquecerei que deverei ajudá- lo a reconquistar o seu.

— Se este é o seu desejo, que seu desejo eu realize. Estenda sua mão direita, Grande Mago da Luz Azul!

O Grande Mago estendeu a mão e o emissário tocou-a com a ponta de seu alfanje dourado. Imediatamente um clarão “líquido” espalhou-se por todo seu corpo, que emitiu um longo e rouco gemido. Quando o clarão desapareceu, uma caveira branca, muito branca, havia restado dentro daquela majestosa veste negra e dourada. Depois, o Grande Mago reassumiu seu trono e falou:

— Vou reconduzir este trono até seu lugar de origem, que é à esquerda do sagrado e divino Senhor dos Mortos. Mas antes quero perguntar-lhe algo, Ptal-Rei: Por que, depois de estar por tanto tempo junto ao seu trono natural, dele se afastou?

— Eu estive próximo, Grande Mago?

— Não foi isso que perguntei?

— Foi. Não sei em que momento estive próximo dele.

— Descubra isso, e Lúcifer yê nunca mais conseguirá assumir seu poderoso mental.

— Ele vinha assumindo meu mental?

— Claro. E só não o assumiu por completo porque Sépter-Real, enviado por nós em seu auxílio, protegeu-o até que ele reassumisse seu grau. Mas antes de partir, ele lhe disse que bem próximo de seu trono você estava, não disse?

— É, ele disse.

— Então, por que dele se afastou?

— Como vou saber, se vasculhei todos os tronos existentes na quinta esfera?

— Medite, Ptal-Real! exclamou o senhor do trono das Sete caveiras da morte. Em seguida partiu, levando consigo aquele trono natural.

Imediatamente uma escuridão infernal ali se fez. E só não era total devido ao brilho do alfanje dourado do mensageiro... e dos olhos rubros daqueles espíritos caídos.

— Fixem-se na lâmina dourada do meu alfanje que eu os reconduzo para fora deste domínio infernal, irmãos de sina e destino! ordenou o emissário. — Façam isso imediatamente e aproximem-se de mim, que estes raios dourados são uma proteção contra as investidas dos escravos de Lúcifer yê. Eles não podem olhar para a luz dourada porque ficam cegos imediatamente!

No mesmo instante ocorreu ao redor do mensageiro um ajuntamento de seres de formas plasmadas tão díspares, todos protegidos pelo clarão irradiado pelo alfanje dourado. Meiman-Shur exclamou:

— Eu havia prometido para mim mesmo nunca mais retornar aos domínios de Lúcifer yê. Mas parece que para nós, os caídos aos olhos da Lei, nem nossas promessas conseguimos cumprir. Ainda bem que não jurei por nenhuma divindade negativa! Há, há, há...

A tonitruante voz de Lúcifer yê, o senhor dos domínios dos sete sentidos do mal, calou a gargalhada de Meiman-Shur.

— O que deseja agora, Lúcifer yê? perguntou o mensageiro da morte.

— Apenas fazer uma pergunta.

— Faça-a.

— Você avisou a Ptal-Rei que tanto você, quanto Sépter-Real, assim como o Grande Mago da Luz Azul e agora senhor do trono das sete caveiras, o usaram e o conduziram aos meus domínios para apossarem-se daquele meu trono?

— Você quer dizer: apossarmo-nos de um trono natural que um dia, num passado longínquo, você afastou de sua localização natural, não?

— Isso é o que você diz, mensageiro. Mas não é isso que eu desejo saber. Vocês avisaram que o estavam enviando ao encontro de sua dor final?

— Você captou isso, Lúcifer yê?

— Captei, sim. Bastou-me um instante para ver nos olhos de Ptal- Real a sensação de que esteve o tempo todo sendo usado por vocês, possuidores de um mental superior ao dele.

— Você captou isso dele, e agora deseja estimular a desunião para retê-lo em seus domínios, certo?

— Errado, mensageiro! Vocês enviaram um dos seus magos para iludi-lo e obrigá-lo a fazer todo o trabalho mais arriscado, tal como o usaram no plano material, não é mesmo?

— Lá vem você e sua lógica invertida.

— Invertida? Então você pode negar que Sépter-Real sabia que o trono ocupado por Lague-Fér pertencia a ele?

— Não, pois isso Sépter-Real sempre soube. Mas não possuía meios naturais para chegar até ele, assim como eu não tinha um para subtrair o trono das sete caveiras dos seus domínios.

— Ptal-Rei, você, que tanto odeia a traição e os traidores, fique sabendo que seus "leais" irmãos o traíram o tempo todo, e que você veio até aqui porque eles, em vez de alertá-lo, até o instigaram a descer mais um degrau em sua queda.

— Não acredite nele, Ptal-Rei! exclamou Meiman-Shur. — Este maldito caído só deseja que toda a humanidade caia também.

— Você sabia que os Magos da Luz estavam me usando, Meiman-Shur?

— Não. Só recebi ordens de vigiar sua "estada" na quinta esfera. Mas quanto a ser usado, bem, isso estamos sendo a todo instante, não é mesmo?

— Está vendo, Ptal-Rei! exclamou Lúcifer yê. — O próprio Meiman- Shur confirmou de imediato que você foi traído pelo seu mago sacerdote e agora mensageiro da morte.

— Cale-se! bradou Ptal. — Você está me distraindo porque não foi isso que o captou em mim, ainda que também isso tenha captado. A verdadeira razão de procurar lançar a discórdia entre os magos da luz e eu é que você sabe que estou prestes a descobrir onde está o meu trono natural, não é mesmo? Mas se esquece que a luz que este alfanje dourado irradia é a luz imortal da serpente dourada encantada da luz do saber, que Hash-Meir absorveu. Esta luz está aclarando minha mente e começo a perceber que o tempo todo você atuou em mim por intermédio de Tatimét-Camdór. O que desejava realmente não era que ele se assentasse neste trono. A vítima deveria ser eu. Mas, por Tatimét-Camdór ter desobedecido ao seu mental e atingido Lami-Shór mortalmente, alguma coisa saiu errada, não é mesmo? Há, há, há... Olhe para esta lâmina dourada e descobrirá o que falhou em seu plano tão perfeito, Lúcifer yê!

— Você sabe que não posso olhar para esta lâmina, Ptal-Rei.

— Azar o seu, Lúcifer yê. Mas devia dar uma "olhadinha", sabe? Suas idéias iriam se aclarar num instante. As minhas estão tão brilhantes, que já sei onde está meu trono natural! Há, há, há. Você dá um azar danado com meu mago sacerdote! Toda vez que pensa que irá derrotá-lo, mais um trono natural você perde. Há, há, há...

— Cale-se, rastejante idiota! bradou Lúcifer yê.

— Por que, se esta luta eterna me diverte? Aprendi mais desde que aqui cheguei do que em toda a minha vida na carne. Há, há, há...

— Cale-se!. Tenho que mostrar a Hash-Meir minha última conquista antes que ele saia de meus domínios. Há, há, há.... Enquanto ele entronava o Grande Mago da Luz Azul como senhor do trono das sete caveiras da morte, conquistei e entronei sua estrela encantada. Há, há, há...

— Shir?! perguntou e exclamou o mensageiro.

— Ela mesma. Você a deixou desprotegida para conquistar um trono natural para o seu Senhor dos Mortos, e sua Estrela caiu em meus domínios.

— Isso é mentira, seu canalha maldito! bradou o mensageiro.

— Não é não. Ptal-Rei disse que eu perco. Mas será que sou eu quem estou perdendo, mago? Você perdeu Tatimét-Camdór e agora acaba de perder Shir, sua Estrela encantada. Há, há, há...

— Não dê ouvidos a ele, mensageiro! A luz dourada está perdendo seu brilho! exclamou Meiman-Shur.

— Eu não consigo localizar Shir, Meiman. O maldito está dizendo a verdade...

— Não está, Hash-Meir. Este é o domínio dele, a ilusão humana. Ele não quer que você se afaste dos seus domínios, e só o está tentando. Shir está sob o amparo da divindade Ishtar yê, e não é um idiota como Lúcifer yê quem desta divindade iria tirá-la. Não ele!

Eu a estou ouvindo clamar por mim, Meiman.

— Isso aqui é o domínio das ilusões. E não sei como, mas ele encontrou um meio de retê-lo recorrendo à possível queda de Shir.

— Tem razão, Meiman-Shur. Acho que foi quando me lembrei dela enquanto ordenava a vocês que se colocassem sob a proteção da luz dourada do meu alfanje.

— Só pode ser isso, Hash-Meir. Agora, trate de nos tirar daqui, senão este canalha irá nos envolver com os recursos da ilusão.

— Estou tentando, mas os clamores... eles tiram todo o meu poder de concentração.

— Se ela realmente caiu, você pode ir socorrê-la?

— Não. Mas...

— Então, trate de nos tirar daqui... e logo, pois pressinto que este canalha está tramando algo de ruim contra nós. Afinal, ele nunca teve tantos de nós reunidos num só grupo, dependendo unicamente de você, e tão próximos de suas presas afiadas. Reaja, mensageiro do senhor dos mortos!

— Estou tentando, Meiman-Shur! ! !

— Não está, não. Você está traindo seu senhor dando ouvidos a uma ilusão e se esquecendo de um dos seus princípios: deve amparar e proteger os que querem subir e nunca impedir a queda dos que desejam cair. E todos nós, aqui reunidos, desejamos apenas subir! Opte mensageiro! Shir ou o Senhor dos Mortos! Se ela caiu, você não poderá resgatá-la se o Senhor dos Mortos não ampará-lo. Mas com o amparo dele, você poderá resgatá- la. Tudo é uma questão de tempo.

O cão negro uivou, uivou e uivou. E só parou quando o mensageiro começou a readquirir sua plena capacidade mental, intensificando cada vez mais o brilho do alfanje. E tão intenso o brilho se tornou, que o solo se tornou dourado como ouro.

— Bravo! Mensageiro da morte! tonitroou Lúcifer yê! Optou pelo Senhor dos Mortos e sacrificou sua Estrela encantada.

— Ho, ho, ho... - gargalhou o mensageiro.

Sua gargalhada gutural irritou seu poderoso adversário que, furioso, tornou a abrir o manto escuro que cobria o degrau.

— Olhe, Mago da Luz! Terá tudo isso de volta, caso aceite assentar- se no trono regente deste degrau natural.

— Eu não o quero, Lúcifer yê. Se perdi Shir ao optar pelo Senhor dos Mortos, conquistei o amor imortal dele, que viu na minha renúncia um amor natural, uma demonstração única de fidelidade a ele, o divino Senhor dos Mortos! No amor dele, agora eu vivo, Lúcifer yê! Ho, ho, ho... O Senhor dos Mortos não é só a morte. Ele é o próprio amor divino pelos que só a morte ousam acolher! Ho, ho, ho...

— Pare de gargalhar, mago maldito!

— Mago maldito? Foi isso que ouvi, Lúcifer yê?

— Sim, mago maldito.

— Ótimo! Vindo do invertido, significa que me chamou de mago bendito. Ho, ho, ho...

— Cale-se, desgraçado!!!

— Olhe, Lúcifer yê! Todo o seu domínio de ilusões está ficando dourado. Você cometeu uma ofensa a Om-lu yê... e irá pagar por tê-lo desafiado, obrigando-me a optar entre dois dos amores da minha vida.

— Eu não fiz isso. Quem fez isso foi Meiman-Shur.

— Você o obrigou a colocar-me diante desta opção, e bem sabe qual é o castigo que a morte reserva a quem impõe a alguém a opção entre um bem humano e um bem divino.

— Meiman-Shur fez isso, mensageiro da morte! Pare de derramar esta luz líquida dentro dos meus domínios.

— Ho, ho, ho... Om-lu yê, ao seu modo o está punindo, Lúcifer yê. Olhe quantos caídos estão adentrando ou sendo alcançados pela luz do alfanje dourado. E aqui permanecerei até que Shir permaneça em seus domínios. Ho, ho, ho...

— Eu menti, mago. Sua Estrela encantada continua nos domínios de Ishtar, a estrela da lei da vida.

— Eu não acredito, Lúcifer yê. Agora você mente para me enganar! Ho, ho, ho...

— Mago maldito! Vou-me embora daqui.

— Não adiantará nada, Lúcifer yê. Mesmo que aqui eu permaneça, e para todo o sempre, aonde você for esta luz o perseguirá. Afinal, você quis possuir um mensageiro de Om-lu yê, e conseguiu!

— Não, não e não! Eu queria você, não um mensageiro dele.

— Como dissociar um servo de seu senhor? E eu consagrei-me como servo de Om-lu yê, Lúcifer yê!

— Quando foi que fez isso, mago maldito?

— Isso nunca saberá. Agora tem um mensageiro de Om-lu yê só para você! Ho, ho, ho... E como mensageiro dele a seu serviço, declaro este domínio dourado como pertencente a Om-lu yê. E também, que todo o espírito humano que aqui adentrar, que perca todas as ilusões e que desperte para a razão! Ho, ho, ho...

— Você não pode fazer isso com este domínio.

— Já fiz.

— Há, há, há...., riu Ptal, que a seguir falou: — Eu não disse que esta luta é agradável? Mais uma vez você perdeu, Lúcifer yê! Já o ouço longe, muito longe. Uma hora qualquer você terá de olhar para este lado, e aí, suas idéias aclarar-se-ão, companheiro de destino e sina. Há, há, há....

— Nunca, Ptal-Rei! Pare de rir e vá assumir seu trono maldito que um dia desloquei do seu lugar natural junto ao ponto de forças regido por Om-lu yê; Afinal, você já sabe onde ele está!

— É, eu sei sim. E tanto sei que já ouço a coral encantada piar seu canto de vitória sobre a serpente negra. Há, há, há..., mas não foi só isso que aqui você perdeu, Lúcifer yê!

— Não?

— Não mesmo. Pelo piado dela, creio que você perdeu o direito de acolher em seus domínios os espíritos humanos que, não seguindo os preceitos religiosos da religião que foi criada para combater a ignorância religiosa, vierem a cair. Que luta! Das trevas da religião que criamos, você não participará, Lúcifer yê. Há, há, há... Tatimét-Camdór seria seu representante

nela, e aqui neste domínio, os adeptos da ilusão cairiam. Agora, nos sombrios domínios do Senhor dos Mortos, todos eles ficarão retidos.

— Que azar! gemeu Lúcifer yê. — Eu tinha tantos planos para os que viessem a cair na religião que vocês fundamentaram!

— Era por isso que você tanto nos queria?

— Era. Quem melhor para executá-los que os próprios responsáveis pela sua reeducação religiosa? Vocês são uns loucos. Retiraram de mãos humanas o direito de punir os caídos. Que idiotas! Agora quem irá puni-los será Om-lu yê, o Senhor dos Mortos!

— É, acho que por aqui a serpente negra das ilusões humanas não terá muita utilidade. Mas...

— Mas., o quê, Ptal-Rei?

— Por que você não dá uma olhadinha para a lâmina deste alfanje, Lúcifer yê? Agora, já com meus olhos acostumados a este brilho dourado, percebo que aquilo não é uma lâmina.

— Se não é uma lâmina, mas é dourada, então só pode ser... — e Lúcifer yê não concluiu sua frase.

— Isso mesmo, grande sacerdote do culto à serpente negra simbólica. É uma serpente dourada disfarçada de lâmina dourada do saber. E esta luz líquida que está se espalhando pelo solo, dourando-o todo, jorra das afiadas presas dela, Lúcifer yê! Há, há, há...

Ptal ainda ria, quando um estrondo fez com que todo o colossal degrau desaparecesse, assim como toda a escuridão ao redor deles. O mensageiro da morte murmurou:

— Missão concluída. A religião que semeamos no plano material já possui um plano negativo apenas dela para punir os faltosos em um sexto grau negativo. Lúcifer yê se foi.

— E livres das malditas rastejantes negras, irmão mensageiro! exclamou Meiman-Shur. — Prefiro ver um caído reduzido ao que ele é: um monte de ossos vagando pelas sombras!

— Por quê? perguntou o mensageiro.

—- Oras, caveiras assustam menos que cobras, não concorda?

— É, caveiras não são realmente tão assustadoras, concordou o mensageiro da morte, ele também, uma caveira.

— Mas cães pretos de olhos rubros são, não são?

— São sim. Não sei como você aprecia acariciar este aí, que aos meus olhos é um verdadeiro cão dos infernos! Há, há, há...

— Você o acha assustador, cavaleiro da morte?

— Acho sim. E se já não o abandonei, é porque sei que ele é seu amigo de outras eras e de outra religião, Hash-Meir.

— E, nós dois temos outra religião em comum. Mas ela já há muito cumpriu sua missão na face da Terra.

— Quando foi isso, Hash-Meir?

— Não sei muito a respeito, mas acho que deve ter sido uma religião mais “emocionante” do que esta que andamos semeando nos últimos tempos.

— Você está brincando, não é mesmo? perguntou Ptal.

— Não estou não, Ptal-Rei. Eu acho aqueles rituais muito monótonos.

— Não estou falando dos rituais. Eu me referia à semeadura. Afinal, passei metade de minha vida na carne destruindo outras religiões, e a outra metade perseguindo a cobra negra. Que inferno! E você vem dizer que isso não é emocionante?

— Bem, não foi ....

— Ao que me parece, o idiota do Lúcifer yê não o conhece realmente, conhece? Sim, porque se ele o conhecesse realmente, a última coisa que iria desejar era ter você ao lado dele.

— Por que diz isso com tanta certeza?

— Ora, Hash-Meir! Você logo o transformaria em mais um auxiliar seu.

— Escravo, não foi isso que pensou?

— E, foi sim.

— Você se sente um escravo meu, Ptal-Rei?

— E claro que não. Mas, de certa forma, eu sou um escravo seu.

— Por quê? Eu nunca o obriguei a fazer nada que não fosse do seu agrado ou que o desagradasse.

— Por isso mesmo, oras! Existe outro amo mais escravizador que aquele que só exige de nós que façamos somente aquilo que nos agrada, ou que nos confia missões que quase pagamos com nossas próprias vidas apenas para poder delas participar?

— É isso mesmo! exclamou Meiman-Shur. — Já estou começando a achar que esta história de que você foi picado pela serpente dourada é só conversa sua para ocultar que ela é você por inteiro, e que você é ela em parte. Cada vez encontramos em você uma parte dela.

— Deixemos isso para outra ocasião. Agora quero saber por que, mesmo sabendo que em parte Lúcifer yê dizia a verdade, você ainda ficou ao meu lado.

— Está certo que fui usado por você, mas traído eu sei que não fui. E há aí uma grande diferença, certo? Além do mais, ele vinha me atraindo para conquistar você, não é certo?

— É sim. E nós vínhamos usando você para recuperar este trono.

— Então, fiz o que devia fazer, Hash-Meir. Entregar você a ele não me salvaria. Logo, eu tinha que salvar você, caso também quisesse me ver a salvo das ilusões dele.

— Muito sábio, Ptal-Rei. Honre seu grau de guardião dos mistérios da coral sagrada. Só não entendo por que você, já portador de muitos conhecimentos, não recorreu a eles para, num só golpe, derrotar Lami-Shór.

— Se eu tivesse feito isso, você continuaria me usando a distância. Logo, foi o único jeito que encontrei de atraí-lo para perto de mim novamente. Foi ou não foi uma boa tática, digna do gênio guerreiro de Ptal-Rei? Há, há, há...

— Grande Ptal-Rei! Bem-vindo ao nosso grupo de iniciados na origem, mas perdidos no meio humano! exclamou Meiman-Shur.

— É bom estar de volta ao convívio com companheiros tão afins. Ptal-coral, eu o saúdo e coloco-me novamente ao seu lado, Guardião dos Sete Símbolos Sagrados! falou Hash-Meir.

— Nós, os seus irmãos de sina e destino o saudamos, guardião dos Sete Símbolos das “trevas”, falou Meiman-Shur.

Obs.: Dentro do Ritual de Umbanda Sagrada, uma das linhas de ação e trabalhos de “esquerda” são os Exus Sete Caveiras. O senhor do ponto de força e trono regente deste mistério natural de Om-lu yê continua sendo o Grande Mago da Luz Azul, G.M.L.A.

CAPÍTULO 8

PTAL-REI REASSUME SEU GRAU ORIGINAL

Após algum tempo ali conversando sobre coisas passadas, o mensageiro da morte virou-se para Meiman-Shur, o cavaleiro da morte, e perguntou:

— Meiman-Shur, você tem mesmo certeza de que cães assustam mais do que caveiras?

— Tenho. Só não sei por que você tem dúvidas.

— Então, está decidido! exclamou o mensageiro, como se finalmente tivesse optado em um assunto de difícil escolha.

— O que está decidido? perguntaram todos aqueles iniciados na origem, mas perdidos no meio humano.

— Memon-Ghur assumirá este plano negativo retomado de Lúcifer yê e incorporado ao astral negativo da religião que ajudamos a semear. O senhor Om-lu yê concedeu-me a missão de ativá-lo e incorporá-lo ao negativo religioso da religião que semeamos.

— Memon-Ghur! Eu já ouvi este nome antes. Quem é este maldito, Hash-Meir? perguntou Meiman-Shur, espantado e irado.

— Acalme-se irmão, e cuidado como se refere a Memon-Ghur, pois este aqui é ele! exclamou Hash-Meir, acariciando a cabeça do enorme cão negro, que babava e rosnava ameaçadoramente para Meiman-Shur, que prudentemente recuou uns passos.

— Infernos! justificou-se ele. — Já morri mil vezes, e a última foi nos domínios de Memon-Ghur, e só agora você vem me dizer que este cão do inferno é o próprio? Por que não disse isso logo na primeira vez que você me apareceu acompanhado por ele, que eu o teria lançado em sua dor final?

— Acalme-se cavaleiro da morte! ordenou o mensageiro. — Por aqui, ninguém é inocente de coisa alguma. Mas Memon-Ghur não executou você. Não desta vez!

— Já houve outra ou outras?

— Claro! Nós, ou estamos executando ordens ou estamos sendo executados. Você já devia ter se acostumado com isso, não?

— É, eu já devia! concordou Meiman-Shur, já mais calmo. — Mas nunca vou esquecer o que passei nos domínios de Memon-Ghur. Que inferno! Por que cães gostam de roer os nossos ossos, os caveiras?

— Ho, ho, ho... riu o mensageiro. — Você já perdeu quase tudo o que de humano possuía, mas acho que nunca perderá este seu hábito de ironizar os gostos alheios, Meiman-Shur.

— E além do mais, esses pêlos grossos estragam o fio desta minha lâmina. Há, há, há... — Memon-Ghur, minhas desculpas por ter reagido como uma caveira principiante. Você sabe como somos emocionais e como é difícil esquecer os que dão sua contribuição às nossas desgraças particulares, não sabe?

— Meiman-Shur, falou o mensageiro — Memon-Ghur atuou durante toda a minha vida na carne à minha esquerda, protegendo-me das investidas de Lúcifer yê e outros caídos. Ele, há muito tempo, era o guardião natural de um trono, ao qual renunciou após várias reencarnações porque acreditou na promessa dos grandes Magos da Luz integrados à hierarquia natural regente da evolução.

— O que a ele foi prometido, mensageiro?

— Reintegrar seu trono natural ao seu ponto de forças na natureza!

— Ótimo! E nós, os servos de Om-lu yê, fomos incumbidos disso há pouco, certo?

— Isso mesmo. Memon-Ghur tem servido à lei há muito tempo, combatendo os excessos cometidos pelos grandes senhores de domínios nas trevas entronados a partir do lado negativo das religiões abstratas. E você sabe como eles são independentes, certo?

— É, eles acham que tudo podem fazer que nunca serão punidos. Esta espada incandescente já explodiu o mental petrificado de muitos desses canalhas.

— Eu sei disso. Mas acontece que a religião que Memon-Ghur ajudou a semear já deixou o plano material há muitos milênios. E adivinhe quem se apossou do trono negativo que punia os excessos cometidos pelos que, por meio dela, encarnavam?

— Não quero adivinhar, Hash-Meir. Melhor, nem quero saber!

— Vamos, Meiman-Shur! Fomos incumbidos de resgatar aquele trono ao seu local de origem pelo sagrado Om-lu yê!

— O que iremos combater?

— Cães negros... ho, ho, ho...

— Com cabeças de... não!...cobras? É isso que estes meus rubros olhos estão começando a ver?

— E adivinha quem está por trás daquele trono negativo?

— É... Lúcifer yê, não?

— Isso mesmo, Meiman-Shur. O próprio!

— Que inferno! Isso não muda nunca? Só ele, sempre ele... esse canalha não tinha outra coisa para incomodá-lo além das religiões naturais? Já não lhe bastam os infernos das religiões abstratas?

— Meiman-Shur! exclamou Ptal-Rei. — Acho que a Lei só deixou seu esqueleto para que não venha a morrer de uma picada de cobra novamente. E quanto aos seus ossos, bom, se eles possuem formas plasmadas de cães, mas com cabeça de cobra-negra, ao menos você nenhuma irá querer “roer”. Há, há, há...

— Para você, que pode plasmar a coral, isso pode ser divertido. Quanto a mim, não vejo graça nenhuma em combater cães-cobras. Junte a raiva dos cães e o veneno das cobras e verá que não será muito divertido recuperar aquele trono, Ptal-Rei

— E, pensando melhor, acho que estas longas “unhas” de Memon- Ghur devem fazer um bom estrago no corpo plasmado de uma serpente...

— Viu só como eu estava certo? Por acaso você acha que os Magos da Luz ou mesmo o sagrado Om-lu yê iriam confiar-nos alguma missão menos emocionante?

— Você quer dizer, perigosa?

— Sim.

— Não sei, não. Mas acho que eles confiam estas missões a nós porque somos seus perigos a ameaçar os negativos das religiões abstratas, falou o mensageiro da morte.

— Nós, perigosos? Eu não ameaço ninguém que não esteja fora de seus limites ou dos limites da lei, afirmou Meiman-Shur.

— Ótimo, pois agora vamos desferir mais um golpe em Lúcifer yê. Afinal, ele não devia ter se apossado do astral negativo de uma religião natural somente porque ela já havia cumprido sua missão no plano material. Ptal-Rei, vamos até onde está seu trono e seu grau natural no seu negativo, porque não o quero tendo que plasmar a coral toda vez que tiver que impor a lei dos símbolos negativos.

— Acho bom mesmo. Já ando meio cansado de toda vez que entro em combate ficar mordendo uns e outros!

— Todos aqueles iniciados na origem, mas caídos no meio, riram do que Ptal-Rei disse. E pouco depois, de volta à pedra onde salvara sua "pele", o mensageiro apontou seu alfanje dourado em direção a ela, e um raio a explodiu, deixando visível um trono natural regente dos sete símbolos negativos.

Depois de assumi-lo e já estar assentado nele, o mensageiro ordenou:

— Agora, absorva-o em seu todo mental.

— Como?

— Olhe nos meus olhos, Ptal-Rei!

— Que olhos? Só vejo dois buracos onde um dia você possuía olhos, mago sacerdote!

— Isso é sério demais, Ptal-Rei.

— Infernos! Eu sei que é. Mas, por mais que eu já tenha tentado desde que o vi pela primeira vez, só vejo uma caveira dourada e nada mais. Desculpe-me, mensageiro da morte!

— Está tudo bem, Ptal-Rei. Vou abaixar minha vibração mental até seu nível. Mas quando conseguir ver meus olhos, pois esta também é uma forma plasmada, trate de não opor bloqueios emocionais e acompanhar através dos meus olhos como deverá proceder. Se em algum momento você titubear, aí... bom, aí o inverso irá acontecer.

— O que é este inverso, mago sacerdote?

— Ao invés de você absorver em si tanto este trono magnético como seus mistérios energéticos, você será absorvido pelo magnetismo dele!

— E daqui a pouco você recolherá minha semente original, certo?

— Errado.

— Errado? Então o que restará de mim?

— Nada. Tudo, ou melhor, você será absorvido pelo mistério regente deste trono e será enviado a alguma esfera fora das faixas humanas.

— Que loucura! Hash-Meir, não acha que está exigindo muito deste seu servo tão leal? Que absurdo! Imagine, eu deixar o que, se não é o melhor dos mundos, já conheço, por algo desconhecido. E tem mais: se aqui, onde apenas caídos humanos encontramos, já é muito emocionante, imagine como não me emocionarei indo parar em algum lugar fora das faixas humanas. E negativo! O que é pior.

— Por que tanto medo, Ptal-Rei? perguntou Meiman-Shur.

— Você quer mesmo saber?

— Claro. Vai que mais adiante Hash-Meir venha me propor algo assim, recusarei antes dele “oferecer-me”. Temos de aprender com alguém, não?

— Mas logo comigo?

— Quem melhor que um amigo para nos ensinar tudo o que não devemos fazer? Os inimigos recorrem a métodos que considero, no mínimo, indelicados!

— É, você tem razão. São indelicados mesmo.

— E então vai ou não vai revelar-me o que você sabe dessas tais faixas extra-humanas?

— Bem, ele como mago sacerdote sempre me dizia que na luz, acima das faixas habitadas pelos espíritos humanos que subiam, existem outras faixas extra-humanas, onde só os seres celestiais conseguem habitar. Daí..., calou-se Ptal.

— Não deixe de concluir, Ptal-Rei. Acabe de expor o que ia dizer mas se calou. Vamos!

— Bem, isso aqui é para quem está subindo?

— De jeito nenhum.

— Este trono é positivo?

— Com estes chifres no lugar dos raios da luz?

— Então que tipo de criaturas acha que me recepcionarão caso eu falhe e venha a ser enviado para as tais faixas “negativas”?

— Nem quero imaginar. Se Lúcifer yê, que ao que tudo indica ainda é humano, já é como é, os que lá o recepcionarão, no mínimo...

— Vamos, Meiman-Shur! Como você imagina que eles sejam? Conclua logo sua descrição, vamos!

— De jeito nenhum. Se já tenho dificuldades em aceitar como sou ou como são os que encontro por aqui, então é melhor não imaginar nada, Ptal-Rei.

— É, devem ser horríveis, não?

— Bem, desejo-lhe uma boa sorte, Ptal-Rei.

— Só isso?

— O que mais posso fazer? Você não acha que eu vou prometer sentar-me aí depois e pedir ao regente deste trono negativo que também me envie para onde você foi enviado, não é?

— Você não faria isso por mim, Meiman-Shur. Mas também, não precisa colocar suas afirmações como se eu já estivesse condenado, certo?

— Desculpe-me, Ptal-Rei. Não tinha a intenção de desestimulá-lo na conquista final do seu grau. Prometo, caso algo saia errado, fazer tudo o que estiver ao meu alcance para resgatá-lo.

— Mesmo que, para conseguir me ajudar, tivesse de ser absorvido por este mistério?

— Aí você já está exigindo demais, Ptal-Rei. Ou você não sabe que Lúcifer yê é como é porque tentou absorver o mistério maior dos sete sentidos negativos, algo saiu errado, e ele foi absorvido, transformando-se naquilo que você mais ou menos já conhece?

— Isso é verdade, mago sacerdote?

— Sim, Ptal-Rei. Lúcifer yê é só a ilusão de alguém que quis ser, mas não conseguiu. Apenas se tornou.

— O que isso significa?

— Após você absorver este trono magnético e todos os seus mistérios energéticos você saberá.

— Você acha que conseguirei?

— Claro. Eu tenho certeza! Afinal, você é o senhor deste trono. E Lúcifer yê não era o senhor daquilo que tentou absorver, pois “aquilo” pertencia à Lei maior.

— Por que a Lei permitiu isso?

— Alguém tinha de servir de exemplo. E se ele, o que mais desejava era servir de exemplo para a humanidade, a Lei dele se serviu permitindo-

lhe até isso. Afinal, na luz só as vontades se realizam. Mas nas trevas, só os que desejam conseguem se realizar.

—- O que isso significa, mensageiro da morte?

— Depois que absorver este trono magnético e seus mistérios energéticos, isso também você saberá, Ptal-Rei.

— Que brilho estranho é este em seus olhos, mago sacerdote?

— É a satisfação que estou sentindo. Você já consegue ver o que está fora do alcance dos mentais comuns, Ptal-Rei. Deixe que eu o conduza visualmente de agora em diante, está bem? Afinal, eu confiei em alguém e absorvi tanto o trono como seus mistérios, que, recolhidos em meu mental, nunca mais correrão o risco de ser usados erroneamente por inocentes ou inconseqüentes. E quem melhor que nós para preservá-los da ação deles, Ptal-Rei?

— Ninguém, Hash-Meir. Afinal, nós somos os guardiões naturais deles, certo?

— Isso mesmo, Ptal-Rei. Foi a nós que os regentes sagrados confiaram a guarda deles, certo?

— Certo. Eu estou pronto, mensageiro!

— Sinto que você, finalmente, está pronto, Ptal-Rei.

E Ptal-Rei absorveu tanto o trono magnético como todos os seus mistérios energéticos, tornando-se portador de poderes em si mesmo ocultados.

Ao final, exaltando de satisfação, exclamou:

— Sinto-me forte, poderoso mesmo, Hash-Meir!

— Contenha sua euforia. Agora você se tornou desejável a todo o inferno.

— O quê?!?

— O que ouviu, Ptal-Rei. Antes o desejavam por causa do seu mental poderoso, mas, agora, é por você ser um “mistério em si mesmo”.

— Ouvindo-o dizer isso, começo a ter a sensação de que caí numa armadilha.

— Não é isso, Ptal-Rei.

— Então o que é?

— Bom, onde houver um símbolo negativo natural regente da lei nas trevas, você é guardião dele. E isso o torna importante para os grandes já assentados nos domínios negativos.

— Importante ou perigoso?

— Isso também, Ptal-Rei. Mas você tem que entender que agora você traz em si mesmo defesas naturais contra eles em todos os seus sentidos. E para atingir um fora-da-lei, você não mais terá que “matá-lo”. Sua mente fará isso, desde que você domine a euforia ou este sentimento negativo que está vibrando.

— Eu pensava que comigo ocorreria da mesma forma que ocorreu com Sépter-Real, ou com o Grande Mago da Luz Azul.

— O que você acha que com eles ocorreu?

— Bom, neste momento devem estar bem tranqüilos, assentados em seus tronos naturais e dentro de seus domínios, não?

— Aí é que você se engana. Está vendo aquela coral lá à sua direita?

— Sim. Ela já estava ali desde que chegamos.

— E à sua esquerda, lá também já estava aquela caveira toda coberta por um capuz e manto negros, não?

— Isso mesmo.

— Preciso instruí-lo mais ainda, ou vai começar a recorrer ao que agora possui?

Após olhá-los novamente, Ptal exclamou:

— Sépter-Real! Grande Mago da Luz Azul! São vocês mesmos?

— Claro que somos nós, Ptal-Rei! exclamaram os dois, saudando-o pela reconquista de um trono, um grau e seus mistérios afins deixados para trás quando foi lançado no ciclo reencarnatório do estágio humano da evolução.

— Bem-vindo aos seus, Ptal-Rei! saudou-o o mensageiro da morte.

— Não importam as razões, de agora em diante, nós, os seus irmãos de origem, supriremos suas deficiências e retiraremos seus excessos!

— O que isso quer dizer?

— Mais perguntas, Ptal-Rei?

— Claro, eu ainda estou tentando entender as coisas que aconteceram, mensageiro.

— Isso, os excessos ou as deficiências, quer dizer que caso você venha a se exceder nas suas atribuições, nós seremos encarregados de puni-lo. E caso você venha a furtar-se de seus deveres, nós assumiremos suas funções, porque assim ordena a lei dos mistérios.

— Compreendo.

— Venha conosco que o conscientizaremos, irmão de destino e de sina! falou Sépter-Real.

— Isso mesmo, Ptal-Rei. Enquanto não se sentir apto a cumprir com suas atribuições, nós o auxiliaremos, pois na natureza todas as hierarquias atuam de forma coordenada. Um jamais interfere nos domínios do outro, nem em seus campos de atuação, ou mesmo em suas atribuições.

— Eu pensei que poderia acompanhar o mensageiro da morte até os domínios onde está o trono natural de Memon-Ghur.

— Isso fica para mais tarde, Ptal-Rei. Agora é o momento de incorporá- lo à hierarquia responsável pela religião que ajudou a semear no plano material.

— Eu... isto...

— Ptal-Rei, acompanhe-os, meu irmão, ordenou o mensageiro da morte. — Sua hora é chegada e seu retorno às hierarquias da “Tradição” não deve ser protelado. Nós esperaremos o seu retorno para irmos, todos juntos, auxiliar Memon-Ghur a recuperar seu trono e grau.

— Promete?

— Tem a minha palavra. Prometer, estando nas trevas, é o mesmo que jurar estando na luz. Nos dois casos, prometer ou jurar não é sinal de confiança, mas sim, de desconfiança, não acha?

— Eu confio em você, Hash-Meir.

— Só empenho minha palavra para aqueles em que confio, Ptal-Rei. Vá em paz, pois o que irá descobrir daqui a pouco mudará toda a sua vida.

CAPÍTULO 9

PTAL-REI É ACEITO

E INCORPORADO ÀS HIERARQUIAS

DA TRADIÇÃO NATURAL

Ptal seguiu com Sépter-Real e o Grande Mago da Luz Azul, que o levaram direto à sede base da Tradição Natural assentada na faixa celestial.

No portal de entrada, o Sentinela ordenou:

— Identifiquem-se, irmãos de sina e destino.

— Eu sou Napher-Lem, o Grande Mago da Luz Azul em terceiro grau na Tradição Natural.

— Provas, tem alguma?

— Isso prova o meu grau, Sentinela guardião do “acesso”?

E o Grande Mago da Luz Azul fez surgir sua mão direita, saindo do nada, pois suas “mãos” eram só ossos, o magnífico cetro de poder dos Magos da Luz Azul em terceiro grau na Tradição Natural.

— Isso me basta, Grande Mago da Luz Azul. Pode ingressar no grande Templo da Tradição Natural.

Aí foi a vez de Sépter-Real identificar-se.

— Sou Sépter-Real, iniciado na origem, membro da Tradição Natural, e mago da coral encantada em sétimo grau dentro do terceiro grau ascendente na Tradição Natural.

— Provas, tem alguma?

— Isso prova o meu grau, Sentinela guardião do “acesso”?

E Sépter-Real fez sair das palmas de suas mãos duas corais encantadas, uma em cada mão.

— O “acesso” está aberto à sua passagem, Sépter-Real.

Aí foi a vez de Ptal-Rei identificar-se:

— Sou Ptal-Rei. E provas de que eu sou quem digo que sou, nenhuma vou lhe dar, a não ser que eles me digam como fazer para que essas coisas surjam assim, num piscar de olhos, na palma das suas mãos. Eu apenas tenho algum sucesso caso recorra ao uso da visão.

— Então, recorra a sua visão, Ptal-Rei. Provas, tem alguma?

— Estenda sua mão esquerda, Sentinela.

— O que fará surgir nela, Ptal-Rei?

— Estenda-a e terá sua prova, Sentinela. Afinal, não sei qual é o meu grau e nem o que é esta tal de “Tradição Natural”. Mas sei que sou o senhor do trono, Guardião dos Sete Símbolos da Lei nas Trevas. E se para você isso não é o bastante, vou dar-lhe uma prova do que sou, Sentinela guardião do acesso.

— Estenda-a, Sentinela, ordenou um mago que surgira atrás de Ptal- Rei, naquele momento.

— Não tenho permissão para isso, Grande Mago Guardião do Templo.

— Agora tem, pois eu a estou dando e ordenando: estenda a sua mão esquerda, Sentinela guardião do acesso.

— Sim, senhor, aquiesceu o Sentinela, tenso e preocupado com o que iria surgir na sua mão esquerda, que estendeu a contragosto. Afinal, como guardião do acesso ele já vira surgir fogo, água, cobras, pedras e muitos outros símbolos de poder dos que por ali passavam.

— Olhe nos meus olhos, Sentinela! ordenou Ptal-Rei.

Quando ele fez isso, sentiu-se mergulhando num abismo escuro. E viu um trono todo recoberto pelo lodo e por miasmas devoradores de energias humanas. Também viu nele uma espada simbólica, toda suja de lodo. Então, Ptal-Rei trouxe-o de volta à vibração de antes e falou:

— Aí na sua mão esquerda tem de volta sua espada simbólica, que devolvi a você para que possa parar de exigir provas aos que ousaram e ousam retornar à quinta esfera negativa. E nela que seu grau, trono e honra de iniciado na origem estão neste momento. E não adianta ficar aqui, acreditando que um dia deixará de ser apenas um Sentinela, olhando os graus

alheios e exigindo deles provas que poderia muito bem obter sem outros recursos que sua visão. Trate de abrir os olhos, ver como é, sentir o odor fétido do lodo, e assumir o destino de todos aqueles caídos que deixou para trás nesta sua vã tentativa de subir “sozinho”. Isso, de subir sozinho, ou por vontade própria, não existe, guardião do trono da espada da lei. Pendure esta espada conspurcada pela sua queda no lado esquerdo de seu cinturão, renuncie a qualquer grau que imagine possuir e mergulhe até a quinta esfera negativa em busca dos que o acompanharam em sua queda, guardião. E não ouse sacá-la com a sua direita enquanto na sua esquerda ela não irradiar o brilho puro da Lei nos dois extremos da vida.

— Eu... eu..., gaguejou o Sentinela.

— Sim, eu sei como é terrível o medo e horrível ter de olhar para trás. Veremos apenas as faces do ódio, das mágoas, da desilusão e do desespero daqueles que um dia confiaram em nós, quando lhes dizíamos que podiam matar à vontade que não seriam punidos.

— Mas a verdade é que, ou você volta lá e recolhe todos os seus, ou um dia aquele abismo escuro e pantanoso surgirá aqui, bem embaixo dos seus pés, e o arrastará para dentro dele com tanta violência, que nem agarrando-se com todas as suas forças ao cabo desta espada simbólica, conseguirá sobreviver. Compreende isso, guardião?

— Sim, senhor, eu compreendo, e irei atrás dos meus!

— Ótimo! Fique aqui até eu ver o que os magos reservaram para mim desta vez. Quando sair, eu o acompanho até aquele abismo pantanoso.

— Fará isso por mim?

— Claro. Afinal, eu sou o Guardião dos Sete Símbolos da Lei nas Trevas, não?

— É sim, senhor Ptal-Rei.

— Saiba que uma de minhas atribuições é devolver cada símbolo ao seu devido lugar, ou recolocar no seu devido lugar o guardião de um símbolo. Como no seu caso tudo está invertido, já que quem deveria estar aqui é aquele símbolo da Lei, e quem deveria estar lá no lodo é você, que aqui no lugar do símbolo está, eu o acompanho até lá. E caso não consiga reconduzir até aqui aquele símbolo, pelo menos quando aqui outra vez eu retornar, não o verei novamente. Seu lugar é lá, junto com os que caíram porque confiaram em você. Compreende isso também?

— Sim, senhor. Eu compreendo.

— Ótimo! Saiba que gostei de você, e acho que vamos nos dar muito bem lá embaixo... nas trevas! Há, há, há...

— Ptal-Rei, se eu não o tivesse acompanhado em vida, não acreditaria no que acabo de ouvir. Grandes transformações têm ocorrido com você desde nosso último encontro.

Só então Ptal voltou-se para o Grande Mago às suas costas e, ajoelhando-se diante dele, pediu:

— Perdoe-me, Grande Mago. Eu, possuído pela ilusão, tirei sua vida na carne, e disso nunca me perdoei. Perdoe-me, se isso for possível.

— É claro que é. Tanto que o perdoei mesmo antes de você se aproximar daquele Templo do saÈfer.

— Sabia?

— Sim, eu sabia.

— E mesmo assim não fugiu?

— Eu não podia abandonar ao relento as sementes de uma nova religião que você ajudaria a semear. Afinal, se eu não soubesse como a entrega iria se processar, no entanto a ela eu não podia me furtar. Mas... sempre que a Lei envia como semeador um de seus guardiões nas trevas, devemos estar preparados para transmissões “imprevisíveis”, certo?

— É, acho que a imprevisibilidade faz parte de minha natureza.

— Faz sim. Mas é nosso dever assumir compromissos inquebráveis. Somente assim, mesmo esta imprevisibilidade, pode vir a assumir nuanças de previsibilidade.

— Se me perdoar mais uma vez, colocar-me-ei sob sua regência para que isso, estas nuanças, incorpore à minha imprevisibilidade, Grande Mago.

— Este meu perdão é tão importante assim para você?

— É o fantasma que mais remorsos tem despertado em mim, Grande Mago.

— Está bem: eu o perdoo, Ptal-Rei! Mas... e quanto aos outros fantasmas? Eles não despertam o remorso em sua alma imortal?

— Despertam sim. Mas acho que consigo suportá-los.

— Até quando, Ptal-Rei?

— Bem, acho que só até eles se tornarem grandes magos como o senhor. Até lá, se um daqueles imbecis que executei vier perturbar-me com meus remorsos, bom, aí...

— Você os reduzirá a sementes originais, certo?

— Errado, Grande Mago. Aprendi um novo processo de saneamento

de remorsos.

— Qual é este novo processo, Ptal-Rei?

— Primeiro eu assusto os vermes. Depois eu os escravizo, e depois, bem, depois me torno aos olhos deles o mal menor... e defensor dos seus destinos, já que, sem mim, um destino pior eles terão.

— Típico de um guardião negativo. Com quem aprendeu este processo novo?

— Foi Tatimét-Camdór quem, tentando iludir-me, fez com que nisto eu acreditasse, e todo um bando de escravos caídos que dariam tudo para acabar comigo. E se eles acreditaram, mesmo tendo sido eu quem os enviou ao inferno, eu o adotei como um ótimo processo transformador de sentimentos desumanos em respeito humano.

— Será que este processo funciona?

— Não tenha dúvidas. Escravos que antes não se moveriam caso pressentissem que eu estava próximo de minha dor final, agora são os primeiros a afastarem para bem longe o meu destino final na dor. Há, há, há...

— Tem certeza que foi Tatimét-Camdór quem lhe “ensinou” isso, Ptal-Rei?

— Tem dúvidas, Grande Mago?

— Não sei não. Mas acho que conheço um outro guardião que consegue convencer-me de que é melhor chorar com ele do que sorrir ao lado dos outros.

— Posso saber quem é este guardião desgraçado de astuto?

— Você acha que ele é tão astuto assim?

— Claro! Nem Tatimét-Camdór poderia me convencer disso. Já imaginou? Ser melhor chorar ao lado dele do que sorrir ao lado dos outros! Eu nunca vou querer conhecer este sujeito pessoalmente.

— Você já o conhece, Ptal-Rei.

— Conheço?

— É Hash-Meir, oras!

— Que mago desgraçado de safado! Então não foi Lúcifer yê que atuou mentalmente em Tatimét para que eu assumisse o destino daqueles escravos que tanto me odiavam. E pensando melhor, Tatimét é um dos escravos dele, certo?

— É sim. E se fosse Lúcifer yê que estivesse atuando em Tatimét, não tenho dúvidas que ao invés de tê-lo feito ser amado pelos “seus caídos”, ele o teria convencido a abandoná-los para trás, tal como fez ao Sentinela guardião, tentando-o a subir sozinho. Há outro meio mais fácil de se derrubar alguém que estimulá-lo a afastar-se dos seus só porque, ao invés de ser amado por eles, é odiado?

— Tem razão. Refletindo um pouco, acho que Lúcifer yê não tem consciência de com quem ele realmente está lidando, sabe?

— Você acha que ele não conhece realmente Hash-Meir?

— Certeza mesmo, eu não tenho. Mas acho que não é só Lúcifer yê que está invertido.

— O que o leva a esta hipótese?

— Siga meu raciocínio: Lúcifer yê atuou em Tatimét, que atuou em mim, para atrair Hash-Meir até os domínios dele, onde tinha a intenção de “assentá-lo”. Já Hash-Meir atuou em Sépter-Real, que atuou em Tatimét, que atuou em mim para levar-me até Lami-Shór, atacando-o, pois só assim poderia chegar impunemente a um domínio fora dos domínios do senhor Om-lu yê, e ainda contar com a proteção da divindade que o rege, que vendo seu “desprotegido” emissário ser colocado numa escolha ofensiva a ela, a divindade Om-lu yê, não só o sustentou como afastou daquele domínio Lúcifer yê. E quem é que Hash-Meir, o emissário da morte e guardião daquele domínio por concessão de seu regente, escolheu para ser o guardião daquele domínio?

— Quem ele escolheu, Ptal-Rei?

— Memon-Ghur, um caído expulso por Lúcifer yê para longe dos domínios sob sua influência. Daí, deduz-se o seguinte: Hash-Meir induziu Sépter-Real a acompanhar-me para assim, com meu auxílio, recuperar seu trono e grau. Induziu Tatimét a levar-me até Lami-Shór para que eu, o Guardião dos Sete Símbolos, viesse a confiar a guarda daquele trono a ele, Tatimét. Mas, e este é o único ponto obscuro, induziu Tatimét a precipitar sua ascensão àquele trono, desencadeando assim a intervenção a meu pedido, dele, Hash-Meir, o emissário da morte. E não me diga que era só para confiá-lo ao Grande Mago da Luz, já que Hash-Meir bem poderia confiar aquele trono a Memon-Ghur. Mas não, ele reteve seu protegido ao alcance de sua “mão que acaricia”, acariciando-o o tempo todo, enquanto atraía mais e mais a Lúcifer yê para um domínio já antevisto como vigiado por Om-lu yê. E Lúcifer yê caiu como um idiota. Agora a morte afia seus alfanjes mortíferos para ceifarem a vida invertida do preposto dele, que está reinando há milênios num outro domínio fora dos domínios de Om-lu yê. E quem é o encarregado de mais uma vez ir “mexer” com-Lúcifer yê? Ele mesmo, Hash-Meir! o inimigo mortal da serpente negra. Correto?

— Interessante, Ptal-Rei.

— Claro que sim. Aquele mago desgraçado de astuto criou todas as condições necessárias para devolver a Memon-Ghur seu trono perdido.

— Eu diria que Lúcifer yê não conhece muito bem quem está atuando contra ou a favor dele por intermédio de Hash-Meir, Ptal-Rei. Mas, se conhece, sabe dissimular muito bem, induzindo todos nós a acreditarmos que é a nós que ele deseja, quando, na verdade, ele só deseja devolver-nos aquilo que nós abandonamos nos domínios dele.

— Depois do que enfrentei lá embaixo para reassumir meu grau, não creio nesta última hipótese, Grande Mago.

— Não?

— Não mesmo.

— Você sabe como ele atua?

— Não, senhor.

— Ao contrário de nós, ele não estimula alguém numa direção recorrendo a palavras duras, tal como você estimulou este Sentinela a voltar seus olhos para o trono que deixou nas esferas negativas quando “caiu”.

— Olhe para ele. Está ausente de tudo por aqui, o que até antes de você chegar, era a vida dele e sua razão de viver, pois acreditava estar servindo à Lei. Bastou você mostrar a ele que o grau dele está lá “embaixo”, que para lá ele voltou seus olhos, sua visão e a coisa que mais desejava, seu grau, irá fazê-lo retornar até aquele lodo “humano” e resgatar todos aqueles caídos, certo? O objeto dos desejos dele é seu grau. E por isso, tudo fará para tê-lo de volta. Mesmo que venha a permanecer naquele lodo por séculos, não reclamará. Mas se fosse para ir até lá só pelos caídos, duvido que aceitaria retornar àquele abismo.

— Lúcifer yê, agora tenho certeza, atua ao contrário na aparência, mas correto na forma de estimular-nos a ir lutar pelos objetos dos nossos desejos.

— Sou grato por mais esta lição correta, Ptal-Rei. Honro seu grau e aceito incorporar certas nuanças à sua “imprevisibilidade”. Só não espere que eu a desfigure, porque ela tem característica muito especial. Ensina- me a ver como as ações negativas são tão corretas e aceitáveis à luz das razões da Lei quanto as ações positivas.

— O senhor no plano material foi o mestre de Hash-Meir, certo?

— Fui sim.

— Pois então já sei com quem ele aprendeu a convencer alguém que é melhor chorar ao lado dele do que sorrir ao lado dos outros.

— Será que está achando que fui eu?

— Eu, achando?

— Tive esta impressão.

— Está enganado. Eu tenho certeza que ele aprendeu com o senhor! Há, há, há... que mago da luz cristalina desgraçado de esperto e astuto! Vou aprender tanto com o senhor que meus escravos nas trevas vão implorar pela minha proteção! Há, há, há...

— Bem, então eu não quero ser seu mago mestre, Ptal-Rei. Talvez você venha a fazer mau uso do que aprenderia, e aí eu seria o responsável direto pelas suas “falhas”.

— Grande Mago, que droga! foi só um modo de externar a satisfação que sinto em tê-lo como meu mago mestre! Prometo conter-me de agora em diante.

— Dê-me sua palavra de que honrará seu grau, seu trono e seu mago mestre, de outra forma não aceito discípulos.

— Eu prometo Grande Mago.

— Só quero sua palavra, Ptal-Rei. Promessas podemos quebrar alegando que não conseguimos sustentá-las. Mas quanto às palavras empenhadas, quem as quebrar, despe-se de toda a sua honra e realeza.

— Nós temos mais coisas em comum que à primeira vista possa parecer, Grande Mago. Eu não tolero traição. Odeio traidores!

— E, somos muito parecidos sim, Ptal-Rei. Só diferimos nas palavras que usamos para expressar nossos sentimentos ou nossas observações e colocações.

— Ainda sou um aprendiz, e isso o senhor tem que levar em conta, certo?

— Isso mesmo, Ptal-Rei. Um aprendiz!. E assim que vou aceitá-lo.

— Ótimo! Afinal, no meio de tantas "cobras criadas" que pressinto ocultarem-se por trás das aparências de soturnos grandes magos, o que eu sou? Apenas uma coral-rei, ainda muito "inocente e inconseqüente", não é mesmo?

— Eu nunca vi uma coral-rei inocente ou inconseqüente, Ptal-Rei. Elas, mal saídas do ovo, já podem picar um "burro"... e matá-lo!

— Há, há, há... esta foi a melhor definição para uma coràl-rei. Há, há,

há...

— Mas aos burros, elas apenas picam, matam, e se vão. — Agora, quanto às tais cobras criadas, as corais esperam elas crescer um pouco mais e depois as engolem ainda vivas, digerindo-as pouco a pouco.

— Bom, esta já não me agrada muito, sabe?

— E, eu sei. Mas é a verdade, Ptal-Rei. E as corais-rei, cientes de que são capazes disso, são as piores e mais temíveis.

— O senhor não está com medo de mim, está?

— Claro que não. Mas já sou uma cobra velha e ando evitando envolvimentos emocionais com certas cobras jovens e muito agitadas. Estas gostam de correr os campos, escalam as pedreiras ou metem-se em valas

profundas. Nós, as cobras velhas, preferimos uma toca quente, isolada e oculta. E dela só saímos quando buscamos os alimentos necessários à nossa subsistência. Até o que "caçamos", já é mais refinado, sabe?

— É, tenho muito o que aprender por aqui. Com certeza se eu aprender a usar meu vigor de cobra jovem como o saber das cobras velhas, não tenho dúvidas de que refinadas serão minhas caças, e nunca exporei minha cabeça às presas mais ariscas, e assim não correrei o risco de tê-la esmagada por algum pedaço de "pau".

— Tem também que aprender a não atacar presas indigestas, sabe? Gasta-se muito tempo e veneno com elas, e no final, terá que abandoná-las para que os abutres esfomeados saciem-se com elas.

—- É, tenho que aprender isso também. Afinal, os abutres alimentam- se das presas indigestas, mesmo de nós, as corais-rei, certo?

— Certíssimo, Ptal-Rei. Logo, para que fornecer sobrevida a um abutre dando-lhe carnes frescas. Que se contentem com as carnes podres!

— Acho que andei fugindo das cobras criadas à toa. Elas não são tão desagradáveis como podem parecer à primeira vista. E além do mais, são muito crescidas para serem engolidas pelas corais-rei jovens. E já que não dá para engoli-las e digeri-las lentamente, o melhor é acomodar- se por perto e aprender com elas o segredo de sua longevidade, de seus refinados e certeiros botes, e da astúcia que possuem, pelo que conseguem engolir presas muito maiores que elas com uma paciência que às vezes as tornam irritantes. Mas a forma como trituram os ossos de suas gigantescas presas não deixa dúvidas de que sabem o que querem: alimento farto!

— Bravo, Ptal-Rei. Eu o aceito como aprendiz!

— Será honrado por esta coral-rei, Grande Mago.

— Tenho certeza que sim, Ptal-Rei. Vamos entrar?

— O senhor não precisa dar provas de quem é ao Sentinela?

— Tenho sim. Isso é uma norma para impedir a entrada de falsas corais, ou de cobras não venenosas.

— Então vou retirar o Sentinela da contemplação do objeto dos seus desejos, para descobrir o que há logo além desta passagem.

— Ptal “despertou” o Sentinela e falou:

— Como posso arriscar-me a descer até aquele lodo se você só pensa naquele trono? Por acaso acha que é só chegar lá, apanhá-lo e cair fora?

— O que teremos de fazer?

— Teremos? Você disse “teremos”?

— Eu disse.

— Pois saiba que eu só o ajudarei a chegar lá e assumir aquele domínio desgraçado de movediço. Quanto ao “que fazer”, é você quem fará. Afinal, foi você quem meteu-os, e a si mesmo, naquele lugar, certo? E se não tivesse se alheado do que eu ouvia o Grande Mago ensinar, teria aprendido alguma coisa. Portanto, se quer mesmo a minha ajuda “discreta”, terá que aprender a usar outros sentidos além da sua visão.

— Puxa, perdi algo importante, não?

— Trate de ver o que deseja sem ter de usar sua visão, senão será facilmente fascinado ou hipnotizado, e aí ....

— E aí... o quê?

— Será lançado na sua dor final e a mim, seu irmão de sina e destino, só restará recolher seus restos imortais.

— Quais restos, Ptal-Rei?

— Sua semente original, oras!

—• O Sentinela levou as mãos à cabeça e perguntou:

— Só ela restará?

— Você não é um idiota, é?

— Claro que não, Ptal-Rei.

— Pois a mim está parecendo. Eu acho que dou azar nas minhas escolhas. Aceitei Tatimét como conselheiro e ele durou tão pouco que até sinto certa pena dele quando me lembro do cavaleiro da morte espremendo o que dele restou para elevar um brinde à morte. Sabe, pior que o remorso por não ter feito melhor uma coisa, é sentir pena de um idiota que, mesmo tendo uma segunda chance, não conseguiu aproveitá-la.

— Eu não sou um idiota, senhor.

— Então prove que é capaz de vigiar este posto de olhos fechados, Sentinela.

— Como provar isso?

— Não sei. Você que é especializado em exigir provas, deve saber ou deve aprender, certo?

— Vou aprender até que conclua o que aí dentro o aguarda, senhor.

— Quando eu sair, e se eu sair, vou exigir que me prove, guardião da espada. Até a volta, Sentinela.

— Até, senhor Ptal-Rei. Pode passar, pois o acesso lhe foi concedido.

Ptal juntou-se ao Mago da Luz Azul e a Sépter-Real, entrando. Sem

voltar sua cabeça, “viu” quando o Grande Mago da Luz Cristalina fez surgir na mão esquerda sete cobras-corais-rei e na direita o mais cortante dos cristais, o cristal transparente. Quando o Grande Mago os alcançou, Ptal falou:

— Quer uma prova do que exigi do Sentinela?

— Você sabe que quero.

— Se uma coral-rei jovem e tola já é perigosa, como classificar uma coisa que traz em si sete corais-rei na esquerda, todas sábias e bem crescidas, e na direita o antídoto ideal para não só anular o veneno mortífero das sete juntas, como também para matá-las?

— Como classificar algo assim, não sei! Não gostaria de me revelar como, em tão pouco tempo, desenvolveu uma percepção extra-humana tão apurada?

— O senhor, um Mago da Luz, não iria gostar de saber como. Logo, é melhor eu não comentar nada do que andei fazendo por lá durante meu estágio básico de sobrevivência.

— É, acho melhor não saber mesmo.

Ptal-Rei foi "testado" pelos mestres examinadores, e depois de aprovado, foi aceito no grau de "aprendiz", sendo conduzido ao recinto mais oculto do grande Templo básico, onde, após rituais não reveláveis, dele saiu como mais um de seus membros iniciados nos mistérios sagrados dos senhores regentes da natureza, responsáveis pela evolução de todas as espécies. Muito tempo depois, saiu daquele Templo básico da "Tradição Natural". Na saída, encontrou o Sentinela e perguntou:

— Pronto para dar-me uma prova, irmão de destino e de sina?

— Estou sim, Ptal-Rei. Descobri que você é um espírito caído, e que apesar de ser portador de um grau, um trono e seus mistérios afins, não possui luz alguma.

— Foi isso que você descobriu?

— Sim.

— E precisou de todo este tempo para descobrir o que à primeira vista todos podem ver?

— Bem, aqui aparecem uns magos disfarçados que ocultam tão bem seus graus e luz, que somos obrigados a exigir uma prova.

— Ocultar a luz é fácil. Quero ver é irradiá-la!

— O que está insinuando, guardião?

— Por que você não dá uma prova irradiando sua "luz", Sentinela?

— Ela não lhe é visível?

— Quando o vi pela primeira vez, sua aura até que era bem luminosa. Mas assim que mostrei o seu passado sombrio, ela não só se apagou como uma outra, cinza, tornou-se visível.

— Isso ocorreu porque despertou em meu íntimo um passado adormecido, Ptal-Rei. Eu me desequilibrei emocionalmente.

— Isso é ótimo, Sentinela. A hora do seu retorno ao seu passado é esta. Vamos?

— Sinto muito, mas não estou pronto para uma prova tão dura. Prefiro preparar-me um pouco mais antes de lançar-me numa prova desta envergadura.

— Bem, não diga que não tentei ajudá-lo, certo?

— Eu agradeço sua preocupação, Ptal-Rei.

— Então, dê-me esta espada simbólica, porque tenho que devolvê-la àquele trono e repor cada coisa em seu devido lugar.

— Não posso guardá-la comigo até que eu venha a estar preparado?

— Eu, no meu afã de ajudá-lo, cometi uma falha. Mas agora que aprendi que certas coisas tem um modo próprio de se realizar, vou reparar esta minha falha antes que esta espada o puxe para aquele trono, irmão de sina e destino.

— Ela pode fazer isso?

— Pode sim. Dê-me enquanto é tempo, Sentinela!

O Sentinela entregou-a e, no instante seguinte, Ptal devolveu-a ao seu devido lugar, reparando uma falha grave num Guardião dos Símbolos da Lei nas Trevas. O Sentinela então pediu:

— Ptal-Rei, eu refleti muito depois que entrou no Templo, e concluí que, ficando aqui, nunca estarei apto o suficiente para retornar àquele abismo...

— Poderia auxiliar-me preparando-me?

— Como eu poderia? Sou apenas um aprendiz na hierarquia deste Templo, Sentinela.

— Permita que eu o acompanhe e vá me habituando com o lado negativo, e com as coisas como são por lá.

— Tem certeza de que é isso o que deseja?

— Sim, senhor.

Ptal virou-se para seus dois acompanhantes e perguntou:

— Irmãos de sina e destino, acham que devo fazer isso por este nosso irmão ainda inseguro quanto ao seu verdadeiro grau?

— Claro que deve! incentivou-o Sépter-Real.

— Sim, faça isso por ele! também incentivou-o o Grande Mago da Luz Azul e Guardião do Trono das Sete Caveiras. — Conduzindo-o gradativamente ao contato com as esferas negativas, logo ele perceberá que o mais assustador nelas somos nós mesmos.

— Bem, se é assim que pensam, então eu aceito a preparação deste nosso irmão!

— Obrigado, Ptal-Rei! Nunca o esquecerei!

— Tenho certeza de que não me esquecerá. Mas antes de assumir

enquanto aqui estivermos, vamos respeitar as regras, certo?

— Pedir meu destino de volta? Ele me pertence, Ptal-Rei.

— Isso é o que você pensa. Saiba que ele está nas mãos do seu mestre, pois só assim aqui você tem permanecido. Se não fosse pelo seu mestre, você já estaria naquele lodo há muito tempo.

— Vá logo, Sentinela! Temos muito o que fazer e você está nos atrasando.

— Meu destino... é isso, certo?

— Ele mesmo. Só aceito prepará-lo caso você o entregue a mim.

O Sentinela foi, e quando voltou, disse:

— Ele me disse que não havia assumido o meu destino, pois a mim ele pertence, Ptal-Rei.

— Bom, se é assim, então confie-o a mim e sua preparação terá início, Sentinela.

— Por que eu deveria entregar-lhe algo que me pertence?

— Você viu aquele pântano, não?

— Sim.

— Pois lá, bem no fundo dele, está depositado o seu destino. E caso eu não o assuma, assim que você adentrar numa esfera negativa, para lá, onde ele está, você será atraído.

— Não está sendo sincero, está?

— Eu nunca fui tão sincero como estou sendo neste momento, Sentinela. Mas isso passará assim que para junto dos meus eu voltar. Acho que é este lugar que faz isso com a gente, sabe?

— Se é assim, então eu deposito em suas mãos o meu destino, Ptal- Rei, concordou o Sentinela.

— Eu o assumo a partir de agora, Sentinela. Mas lembre-se: exijo submissão total e astúcia em todos os sentidos, pois só assim eu o sustentarei. E caso você venha a se tornar um incômodo, jogo seu destino nas mãos de outro preparador, certo?

— Sim senhor, Ptal-Rei.

— E não quero que pronuncie meu nome em vão. Para você, eu sou só isto: o chefe!

— Não pronunciar seu nome em vão? Por acaso é uma divindade?

—• Logo você descobrirá porque ninguém gosta de ter seu nome pronunciado nas esferas negativas. Vamos?

CAPÍTULO 10

PTAL-REI INICIA O SENTINELA NOS MISTÉRIOS DAS TREVAS

Ptal-Rei e seus três acompanhantes mergulharam até o local onde o mensageiro da morte havia marcado para se encontrarem.

Assustaram-se quando viram a concentração de um grande número de executores da Lei, guardiões armados e várias legiões tipicamente infernais ali reunidos.

— Parece que metade das trevas está reunida à volta do mensageiro, Sépter-Real, comentou Ptal.

— É, parece sim.

— Se metade está aqui, isso significa que a outra metade está à espera dele, falou o Guardião das Sete Caveiras.

— E por isso que eu aprecio este mago! exclamou Ptal-Rei. — Até aqui, no pólo negativo, ele tem o dom de polarizar tudo!

— Não estou gostando do que meus sentidos me alertam, murmurou

Sépter-Real. — Vou saber qual a razão desta concentração incomum. Ao aproximar-se do mensageiro, este o saudou:

— Irmão de sina e destino, ainda bem que chegou a tempo de assumir um dos lados da pirâmide de Memon-Ghur.

— Pirâmide? Do que você está falando, mensageiro.

— Descobri uma coisa interessante durante sua ausência: o trono de Memon-Ghur está no ápice de um degrau completo afundado num domínio sob a influência direta de Lúcifer yê. Mas o rei das ilusões é bem mais astuto do que imaginávamos.

— Tem certeza?

— Absoluta. O que vemos em cima é um trono real simbólico apenas. Todos os outros são criações mentais dele ocupados por escravos das ilusões.

— O que isso significa?

— Que lá tudo está invertido. Aquilo que vemos à primeira vista é somente um reflexo da verdadeira pirâmide de Memon-Ghur. O verdadeiro degrau, por estar invertido, está “no embaixo” do local onde o falso se mostra.

— Então não temos como reavê-lo. Como lutar contra o que não existe? A ilusão nos induzirá a absorvê-lo e intensificá-lo, não?

— Isso mesmo. Por causa disso é que Memon-Ghur vem de um longo processo de quedas, cada uma mais tormentosa que a outra. Sempre que ele tentou alguma ação, a reação que ocorreu, em verdade não ocorreu, apenas o estimulou a descer ainda mais.

— Por que isso, mensageiro?

— O objetivo verdadeiro, presumo eu, é levá-lo a um grau negativo tão profundo que para ele não haja mais retorno aos domínios da razão e da lei. Lúcifer yê tem tentado induzi-lo a assumir aquele falso ápice. Assim ele seria absorvido pelo mistério daquele degrau ao invés de absorvê lo.

— Por quê? Mais um a compartilhar com ele o mundo das ilusões? Isso não me parece lógico.

— Ouça, até onde sabemos, a "ilusão" humana surgiu com o advento de Lúcifer yê no meio material e intensificou-se ainda mais quando ele, iludido pela própria ilusão, foi absorvido pelo mistério negativo de um degrau cósmico, certo?

— Isso é o que nos ensinam os mestres da Tradição.

— Qual era o positivo de Lúcifer yê?

— Lucidez, verdade, luz, etc.

— Pelas quedas sucessivas de Memon-Ghur, acredito que o oposto da razão seja a loucura, certo?

— Pelo simbolismo da forma plasmada assumida por ele?

— Isso mesmo. Um cão raivoso é sinônimo de loucura, não?

— Aonde você deseja chegar, mensageiro da morte?

— Grande é o poder de Lúcifer yê devido à ilusão humana. Por meio da ilusão, ele retém nas esferas negativas espíritos que deveriam estar no lado negativo dos pontos de forças naturais planetários, certo?

— Isso é certo. Ele atua por meio dos sentidos negativos e é muito fácil iludir espíritos devedores da lei com a promessa de falsa impunidade. Em verdade, a punição está na própria cadeia mental que todo devedor da lei erige, mentalmente e emocionalmente, para si, acorrentando-se em algum campo magnético negativo nas esferas negativas.

— Agora, imagine como tudo seria mais fácil para ele se lhe fosse possível contar com o concurso da loucura da mesma forma que manipula a ilusão.

— Pare, mensageiro da morte. Isso que está supondo é pura loucura!

— Desculpe-me, irmão. Mas o que acabei de vislumbrar é por demais inconcebível para ser compreendido assim, sem estar preparado mentalmente para compreender o alcance do plano arquitetado por ele com este degrau da razão.

— Deixe as elucubrações para depois. Diga-me o plano que você arquitetou.

— Você já viu um degrau completo?

— Não.

— Então, libere a sua coral encantada para que ela percorra o aparentemente verdadeiro degrau pertencente a Memon-Ghur. Apesar de ser ilusão pura, é uma forma plasmada a partir do verdadeiro, que se encontra invertido no embaixo dela.

— Por que a coral encantada?

— Ela é infensa ao poder mental de Lúcifer yê. Logo, pelos olhos dela, daqui mesmo você verá a real extensão e o alcance de um degrau completo, ainda que tudo, com exceção do trono, seja apenas um reflexo.

— Como você descobriu isso?

— Liberei a serpente dourada encantada e não vi nada além do único trono verdadeiro. Então recorri ao grande cristal e vi todo um degrau. Mas. em verdade, eu sei que lá não há nada mais que um trono da Lei. Como o grande cristal mostra todo um degrau, então deduzi que é só o reflexo o que ele capta.

— Isso é possível?

— Sim. Assentados em falsos graus estão seres verdadeiros, alimentados mentalmente por outros seres assentados nos verdadeiros graus daquela falsa pirâmide.

— O que tem em mente?

— Reuni aqui todos os irmãos de sina por mim já reconduzidos aos seus pontos de forças originais. Cada um deles é portador de um grau e dos mistérios ocultados por trás dele. E cada um, no momento certo, irá recorrer ao poder que traz em si mesmo para pulverizar os graus ilusórios ali estabelecidos por Lúcifer yê.

— Como saberão quando recorrer aos seus poderes?

— Sua coral encantada lhe transmitirá, porque você comandará o ataque e coordenará a ação de cada um destes nossos irmãos de sina e destino.

— Não seria melhor convidarmos alguns dos grandes magos para nos auxiliar nesta reconquista do degrau de Memon-Ghur?

— Eles estarão sustentando mentalmente cada um destes irmãos reconduzidos aos seus graus originais nos pontos de forças.

O mensageiro da morte olhou para Ptal e perguntou:

— Por que trouxe este irmão não preparado para sua dor final?'

— Eu assumi o destino dele, mensageiro.

— Ele, assustado como está, não servirá para nada além de desviar sua atenção na hora que chegar a sua vez de explodir com seus recursos um degrau ilusório.

— Vou armá-lo novamente porque assim ele poderá ser-me útil quando minha vez de agir chegar.

Mais uma vibração mental e Ptal rompeu a forma plasmada de coral

no meio do lodo o deixou, já em sua forma humana. Aí ordenou novamente que apanhasse sua espada. E quando viu que ele a havia apanhado, começou a liberar o consciente dele, preparando-o mentalmente para a realidade ilusória à sua volta.

— Lodo, muito lodo! exclamou o Sentinela.

— Ele é todo seu, Sentinela!

— Estou me sentindo sufocado, Ptal-Rei.

— Você precisa superar isso se quiser honrar seu grau e a espada que empunha, iniciado na origem e caído no meio. Afinal, você está no meio da sua falta de honra, e se bem me recordo, você depositou seu destino em minhas mãos, não?

— Sim, eu fiz isso há pouco.

— Ótimo! Agora, ou você conscientemente assume o destino de todos os seus aí caídos e busca forças no seu pólo positivo onde abandonada está sua honra de guardião deste trono, ou jogo seu destino aí mesmo, no meio deste lodo.

— Estou sufocando, Ptal-Rei. O lodo está entrando por todo o meu corpo espiritual.

— Vá assumindo-o, Sentinela. Busque na Lei forças para assumir o destino de todos eles. Mas não tente isso por intermédio do lado positivo ou luminoso desta sua espada, senão você falhará. Lembre-se que isso aí não é nenhum jardim do paraíso, que aí não existem inocentes, correto?

Ptal precisou recorrer a todo o seu poder mental de líder inconteste do negativo daquele Sentinela.

Mas algum tempo depois os primeiros sinais de reações positivas no Sentinela começaram a surgir. E quando, instado por Ptal, ele ousou desembainhar sua espada simbólica para, por meio dela, absorver o seu lodo pessoal, daí em diante tudo foi mais fácil. Algum tempo depois, transformado por completo, o Sentinela ressurgiu na frente de Ptal e falou:

— Eu assumi minha podridão, meus erros, minhas deficiências e meus excessos, Ptal-Rei. Mas também assumi o destino de todos aqueles malditos escravos de suas ilusões.

— Grande Sentinela! Lembre-se de que está nas trevas. E aqui não caem inocentes. Logo, ou estas podridões humanas o obedecem, ou você os reduz a nada, certo?

— Assim será, Ptal-Rei. Ou eu os corrijo, ou acabo com eles, pois afundar mais ainda é que não vou.

— Então, fixe seus olhos nos meus, que num piscar de olhos passarei a você alguns conhecimentos e formas de usá-los “visualmente” que muito ajudarão na recondução dos “seus” aos seus devidos lugares.

Não demorou exatamente uma piscadela a transmissão de conhecimentos ao Sentinela. Mas quando terminou, ele era, ou se sentia, outro, pois plasmou sua antiga aparência humana, ainda que sem o menor traço de luz. ao que Ptal observou:

— Pelo menos esta forma humana plasmada sempre lembrará a você que nem tudo está perdido ou irreparável. Muitos caídos já nem isso conseguem mais. Depois que eu terminar com alguns canalhas no nosso próximo combate, revelarei algumas coisas que andei aprendendo nos últimos tempos. Mas... agora já sabe como usar esta espada simbólica, não?

— Sei sim, Ptal-Rei.

— Ótimo, pois se for preciso, vai travar seu primeiro combate a serviço da Lei nas trevas. Lembre-se que, se ela é poderosa, no entanto o real poder dela está em você mesmo, em seu mental. E nada de medos, covardia ou deserção, certo?

— Certo, chefe.

— Grande Sentinela! Finalmente tenho um soldado digno do meu grau negativo. Se obedecer e for fiel, logo será tão temido quanto eu. E olhe que sou novo nas trevas.

— Isso me agrada, Ptal-Rei, meu chefe!

— Claro que lhe agrada. Não sei por que retiveram-no lá por tanto tempo, Sentinela. Mas não tem nada não! Logo, logo você terá recuperado todo o tempo que perdeu. E se não estou enganado a seu respeito, as caídas ainda implorarão para que assuma o destino delas.

— Será?

— E, eu estou captando em seu negativo uma qualidade tão poderosa que, se a ela dedicar a devida atenção e cuidado, até as grandes das trevas vão desejar se colocar sob o poder desta sua espada e abrir seus domínios às suas investidas mais profundas, se é que me entende.

— Entendi sim. Como isso pode ser feito sem que sejamos deformados pelas energias delas?

— Depois de seu primeiro combate eu o ensinarei.

— Por que não agora?

— Bom, se eu ensinar tudo agora, caso o combate venha a ser muito “violento”, você pode achar que evadir seja uma boa opção à dàr final. Assim, deixo os conhecimentos principais para depois, para que não só não venha a desertar, como também para que lute por mim, porque sem mim aquele trono o arrastará para o fundo daquele abismo.

— Compreendo.

— Sinto que entende minha preocupação com seu futuro... e o meu também. Agora, assuma seu lugar à minha direita e silêncio total. Vou assumir meu lugar à direita de Sépter-Real.

— Grande Ptal-Rei! exclamou o mensageiro. — Você já tem tudo para ser um ótimo guardião dos símbolos negativos da lei e uma ameaça real aos grandes das trevas. A coral-rei já começa a assustar novamente os caídos “fora” das leis regentes dos mistérios negativos.

— Este elogio, vindo do mensageiro da morte, só fortalece ainda mais minha alma guerreira.

— Só lhe falta uma coisa para que eu o tenha na conta de um grande guardião, Ptal-Rei.

— Qual é esta minha deficiência, mensageiro?

— Assentar em seu íntimo um princípio básico dos verdadeiros Guardiões da Lei nas trevas.

— Que princípio é esse?

— Tudo o que sobe, desce. Mas nem sempre as descidas são quedas, mas tão-somente retornos reparadores. Portanto, ao que caiu, as penas da Lei; mas ao que retornou, o amparo da lei!

— Entendi, mensageiro da morte.

— É, espero que sim, pois senão logo, logo, ao invés de ter leais auxiliares e poderosos aliados, terá... terríveis inimigos e indestrutíveis adversários.

— Vou refletir sobre isso depois da luta que se avizinha.

— Você já captou sua aproximação, Ptal-Rei?

— Sim. Mas, por quê?

— Eu estou atraindo aquele degrau para cá.

—• Por quê? Isso é muito perigoso, mensageiro.

— Aqui neste plano ela apenas será perigosa. Mas se a travarmos no “campo” onde ele está, ela será mortal para nós.

— Isso é o que mais admiro em Hash-Meir. As lutas que escolhe só têm duas definições: perigosas ou mortais! Os termos “difícil” ou “renhido” não se aplicam às lutas por ele travadas. Qual é o seu problema com as trevas, mensageiro?

— Eu não tenho problemas com elas, Ptal-Rei.

— Não?! Como não, se tem tudo para assentar-se naquele colegiado de Magos da Luz, mas opta por mergulhar profundamente nas trevas?

— Bom, é que eu sou o problema! E enquanto elas, as trevas, não me equacionam, um problema para elas continuarei a ser. Logo, como um problema das trevas poderia se assentar na luz?

CAPÍTULO 11

O MENSAGEIRO DA MORTE ATRAI O DEGRAU DE MEMON-GHUR

Sépter-Real recolheu a sua coral encantada, e voltando sua atenção para o mensageiro, falou:

— Irmão de sina e destino, você está certo. Aquela pirâmide é tão falsa quanto uma miragem.

— É, ela é apenas a densificação das energias de uma ilusão em torno de um único trono negativo.

— Como isso é possível?

— Lúcifer yê é um mistério em si mesmo. Logo, ele usou de um reflexo para iludir todos os membros naturais daquela hierarquia e destruí- los sempre que se aproximavam do degrau verdadeiro. Como eles não combatiam pelos seus verdadeiros tronos, eram facilmente subjugados e reduzidos a escravos dele.

— Você está insinuando que enquanto eles direcionavam seus mentais e poderes contra tronos ilusórios, Lúcifer yê subjugava-os mentalmente é isto?

— Quase. O que deduzi é que, centrando seus mentais e poderes contra uma miragem, eles tornavam-se vulneráveis ao poderoso mental de Lúcifer yê, que astutamente apossava-se das chaves dos mistérios dos tronos, ocultas no mental deles. E de posse das chaves, ele as passava a seres caídos em todos os sentidos, que, aí sim, assentavam-se nos verdadeiros tronos, já invertidos. E, a partir da manipulação mental dos mistérios dos tronos, voltavam-nos contra seus senhores naturais seus próprios poderes.

— Então, é por isso que sempre falhávamos quando tentávamos devolver um grau natural ao seu trono e degrau originais. Quando descobriu isso, mensageiro?

— Descobri quando Tatimét assentou-se naquele trono. Oras, se todos nós sabíamos que Tatimét era o senhor natural daquele trono, ele não deveria ter sido reduzido à sua semente original.

— Mas ele foi.

— Sim. Mas o que realmente ocorreu é que Lúcifer yê prolongou o quanto pode aquela luta para ter tempo de apossar-se das chaves dos mistérios ocultos por trás daquele trono simbólico. E sustentou Lami-Shór até que, inconscientemente, Tatimét abrisse o acesso às

chaves. Quando as conseguiu, Lúcifer yê ativou os mistérios contra o próprio Lami-Shór, pois Tatimét ainda lutava contra ele. Assim, Tatimét, esgotando Lami-Shór e absorvendo os seus mistérios, foi, ao assentar-se no trono, identificado como mais um intruso a ser anulado.

— Tatimét absorveu as energias de Lami-Shór quando o mistério o atingiu de dentro para fora, é isso?

— Correto. Quando Tatimét assentou-se, foi ativado contra ele o poder que atua do exterior para o interior. E seu mental não explodiu porque, quando restava apenas sua semente original, o mistério o reconheceu como seu senhor natural.

— Inacreditável!

— Mas verdadeiro.

— Contra quem estamos lutando, mensageiro da morte?

— Não sei. Mas sinto que temos sido atraídos por "ele" cada vez com mais intensidade. As vezes chego a pensar que ele, usando de sinais invertidos, está nos dando, quando a nós parece que de nós ele está tirando.

— Você está invertendo as coisas que têm acontecido conosco, mensageiro. Nós sabemos que se não recorrermos a todo o nosso poder, recursos e mistérios seremos destruídos por "ele".

— Aí é que está o "nosso" problema, Sépter-Real. Nós o temos analisado sob nossas concepções a respeito de como a "lei" se processa. Mas, se ele atua a partir de sinais invertidos, aquilo que a nós parece que está desejando nos tirar, na verdade ele está querendo nos devolver. Em nós, os "normais", o desejo tem uma definição e a vontade tem outra; a vontade está no "alto" e o desejo no "embaixo". Nele, onde tudo está invertido, a vontade está no lugar do desejo e este no lugar da vontade.

— Partindo desse seu raciocínio, "ele", seja lá o que ele for, está tentando nos devolver o degrau de Memon-Ghur, que nós sabemos que a Memon-Ghur pertenceu, e sempre pertencerá.

— Exatamente, Sépter-Real.

— Se assim é, então por que tudo é tão difícil? Por que tudo não ocorre naturalmente?

— Lúcifer yê, em vez de absorver, foi absorvido. Logo, o mistério que "ele" simboliza atua de forma invertida e dualisticamente.

— Como?

— O mistério atrai naturalmente cada grau ao seu trono natural porque atua unicamente através da afinidade magnética, certo?

— Isso é certo.

— Então, é um dos pólos do dualismo "dele", certo?

— Continue, por favor.

— Mas Lúcifer yê foi absorvido por ele, o mistério negativo em si mesmo e passou a ter um componente humano: o próprio Lúcifer yê!

— O outro pólo do dualismo. É isto?

— Sim. Logo, enquanto o mistério atrai, Lúcifer yê repele. E quando o mistério deseja devolver cada um ao seu degrau, grau ou trono, o componente humano absorvido por ele tenta destruir quem dele se aproxima, pois não pode aceitar que um caído assuma naturalmente um grau, trono ou degrau caído em seus domínios.

— Isso é a inversão da própria Lei, mensageiro.

— Lúcifer yê é a Lei, Sépter-Real. Mas invertida, compreende?

— Tem certeza?

— Absoluta. Afinal, a Lei, como a entendemos, afasta de um trono, grau ou degrau o seu ocupante natural não apto a assumi-lo, certo?

— É o que sabemos e vemos acontecer a todo instante. Se alguém se torna indigno do grau que ostenta, perde seus símbolos de poder e é afastado do seu grau, trono ou degrau até que novamente torne-se apto a ocupá- lo torne-se.

— Mas os graus, tronos ou degraus negativos, caso seu ocupante natural venha a exceder-se em seu "negativismo", é dele afastado, indo instalar-se numa esfera negativa afim, certo?

— Correto. O magnetismo do negativo do ocupante, por ele ser em "si mesmo" o mistério simbolizado no seu grau, trono ou degrau, "empurra-o" para as esferas negativas afins, deslocando-se de seus lugares originais nos pontos de forças da natureza.

— Claro! Como não percebi isso antes!

— Isso mesmo, Sépter-Real. Se um trono, ao ser desocupado para encarnarmos, está em seu devido lugar no ponto de força afim, lá continuaria caso nossas ações não o sobrecarregassem de energias negativas, densificando seu magnetismo, que, por afinidade magnética, começa a ser deslocado para as esferas negativas. E mesmo que nós, após o desencarne, nos sustentemos numa esfera positiva, nosso grau, degrau ou trono, já foi "enviado" a uma esfera negativa afim com as energias que durante "nossa vida" na carne lhe enviamos, sobrecarregando-o e densificando-o magneticamente.

— Daí, para nos "reassentarmos" nele, somente indo até onde ele se encontra. E quando o assumimos, absorvemos todas as energias negativas nele acumuladas, que será anulada ou não por nosso magnetismo humano. Seu poderoso mental positivo as anulou e alterou o magnetismo do seu trono, assim que por você ele foi absorvido. Mas... o que aconteceria ao nosso irmão Sentinela, caso ele tentasse absorver seu trono atraído para aquele domínio "pantanoso"?

— Entendi. Ele, por ainda não possuir um mental poderoso, e mesmo positivo, mas afim com os princípios das leis que regem os símbolos negativos, seria facilmente absorvido pelo mistério oculto por trás daquele trono simbólico “caído” no lodo. E numa expressão dele, viria a se “transformar”.

— Isso mesmo! O que temos visto são domínios das trevas cujos tronos regentes estão ocupados por espíritos humanos magneticamente afins, mas energeticamente incompatíveis. E, por isso mesmo, completamente “desfigurados”, certo?

— E o que temos encontrado.

— Então, partindo desta constatação é que cheguei a outra, fantástica, Sépter-Real: o trono que você assumiu e absorveu em si mesmo, e o mesmo fez Ptal, é parte de degraus completos, cujos ápices são estes que vocês absorveram.

— Se isso for verdade, é a mais fantástica descoberta já realizada, mensageiro!

— Eu sei que estou certo. E por isso Memon-Ghur irá centrar seu mental diretamente no trono verdadeiro, mas ocupado por um espírito não portador do grau ou degrau dele. Memon-Ghur não poderá desviar seu mental naquele trono, custe o que nos custar. E tenho outra surpresa para as falsas e ilusórias criações mentais que dão a impressão de que o ápice não passa de um grau.

— Que surpresa é esta, mensageiro?

— E surpresa, Sépter-Real. Eu a reservei para o final!

— Detesto surpresas, mensageiro.

— Lúcifer yê também as detesta, irmão de sina e destino. E porque sei que ele está atento a todos os nossos “movimentos”, quero que ele concentre em mim seu sentido principal, enquanto tenta descobrir qual é esta surpresa final! Ho, ho, ho..., gargalhou o mensageiro.

— Se não fosse um mensageiro da morte, eu diria que esta sua gargalhada é meio... sinistra, sabe?

— Mortal a define melhor, Sépter-Real. Eu o nomeio guardião de Memon-Ghur. Defenderá a concentração mental dele contra o trono com todos, repito, todos os recursos do seu grau, degrau e trono regente de uma hierarquia em você restabelecida, ainda que incompleta. Lembre-se de que, se eu estiver certo, recuperaremos todo um degrau atualmente invertido.

— E se você não estiver certo?

— Pagará com sua dor final por ter confiado seu destino a um mensageiro da morte.

— Há, há, há..., gargalhou até não mais poder, Meiman-Shur, o cavaleiro da morte, que quando percebeu que Sépter-Real não achara graça alguma naquela solução, desculpou-se rapidamente e justificou-se:

— Olhe para mim, Sépter-Real! Eu acreditei que ele estava certo, mas se ele realmente estava, algo saiu errado, e não consegui sustentar-me no meu "pós-morte". Mas no erro, acabei conquistando a taça da morte. E sempre que com ela elevo um brinde à morte, algumas das ilusões de Lúcifer yê desaparecem para sempre dos domínios das trevas. Há, há, há...

— Seu senso de "humor" arrepia tanto quanto a própria morte, Meiman- Shur! exclamou Ptal-Rei. — Se eu vier a ter uma segunda "morte" eu vier a ter, espero que não seja brindado nesta sua taça "mortal", certo?

— Tudo bem, Ptal-Rei! A morte ouviu seu pedido acerca de seu "final", caso seu mensageiro esteja errado. Mas acredite-me, é melhor servi: de brinde à morte do que à ilusão humana. E se não fosse esta "secura" em minha garganta quando se aproximam aqueles que fornecerão o brinde, eu não teria muito do que reclamar.

— Já pressente a aproximação, Meiman? perguntou o mensageiro.

— Sim. E, ou estou enganado, ou o inferno inteiro está concentrado neste domínio infernal.

— Eu estou certo. Nada sairá errado.

— Em que fundamenta esta sua certeza? quis saber um dos guardiões ali reunidos.

—Guardião dos Sete Chifres, você comprovou que lá só há um trono verdadeiro, certo?

— Comprovei.

— Então, a taça de Meiman-Shur não deveria estar "sedenta", deveria?

— Então...

— Isso mesmo. A causa da "secura" de sua garganta não está aqui, no mesmo nível em que estamos. Ela está embaixo de nós.

— Pelos sete infernos! Se é assim, então, caso não sustentemos Memon-Ghur, todos nós seremos absorvidos por aquele trono real e nos domínios da ilusão total iremos encontrar nossos finais!

— Isso mesmo.

— Que droga, mensageiro! Eu estava muito bem nos meus domínios, e não precisava de mais estas "emoções" mortíferas.

— Tolice. Você já estava se petrificando naqueles seus domínios, irmão de sina e destino. No final deste combate entre a morte e a ilusão, ganhará novas e revitalizantes energias para conquistar outros domínios para seu trono dos sete chifres.

— Eu gosto da luta que se aproxima! exclamou o guerreiro encouraçado postado como uma estátua ao lado do Guardião do Trono dos Sete Chifres.

— De quais lutas você não gostou até hoje? perguntou-lhe Sépter-Real.

— Daquelas que não pude participar ou não fui convidado.

— Honra seu nome, “guerreiro dos infernos”! exclamou Sépter-Real. Acho até que, se Meiman-Shur for saciar a sede de sua taça da morte, a própria morte não conseguirá sorver todo o “sangue” acumulado na sua lâmina infernal. Há, há, há...

— Eu quero um dos lados ilusórios só para mim, mensageiro! pediu aquele que era conhecido como “guerreiro dos infernos”. Minha lâmina há muito não recebe tantas energias “humanas” como as que agora estão próximas.

— Um lado só para você? Não seja ganancioso, guerreiro. Os outros irmãos de sina aqui reunidos também têm seus “amuletos” que precisam ser reenergizados com as energias vitais dos canalhas assentados em ilusórios tronos erigidos a partir de suas próprias e ilusórias ambições.

— Nunca antes minha lâmina vibrou como vibra neste momento, mensageiro! Ou absorvo o que ela já pressentiu, ou terei que “descer” para reenergizá-la.

— Você ficará aqui mesmo até eu retornar a este nível, cuidando do trono que indiquei a você. Caso eu não retorne, aí proceda como sua lâmina exigir.

— Está certo. Mas aviso-o de que o que encontrará no embaixo é por demais poderoso, mesmo para um mensageiro da morte. Olhe a bainha da minha lâmina e confirmará meu alerta.

O mensageiro olhou-a e após meditar um pouco, voltou seus “olhos” vazios para Memon-Ghur e ordenou:

— Coloque todos os seus sentidos sob as ordens do meu mental, irmão de sina e destino. Eu o sustentarei até que reassente naquele trono regente de “sua” hierarquia natural. Em momento algum mova-se daqui. Entendido?

Com um uivo infernal, Memon-Ghur confirmou que havia entendido. Mas recuou um passo quando o mensageiro falou:

—• Mesmo que uma gigantesca serpente dourada “voe” diretamente para sua garganta, entendido?

Com um uivo não tão seguro, Memon-Ghur confirmou que dali não se moveria. Mas Meiman-Shur, como sempre, saiu com uma de suas observações ferinas:

— Cão do inferno e irmão de destino, caso você venha a sustentar-se até o momento que o mensageiro ordenou, prometo nunca mais atacar, só por diversão, seus cães espalhados pelos infernos!

Diante do rosnar de Memon-Ghur, ele acrescentou:

— Só agirei em legítima defesa dos meus ressequidos ossos, que já não servem nem para seus cães! Há, há, há...

— Chega de conversa, ordenou o mensageiro.

— Minha sede infernal está se tornando insuportável. E, ou eu me distraio um pouco, ou vou ter que descer com você, mensageiro!

— Minha lâmina também está clamando por energias, mensageiro, confirmou o guerreiro.

— Acalme-se e comecem a assumir suas posições e a posicionarem- se para o combate final. De um instante para outro surgirá a falsa pirâmide. Posicionem seus comandados, chefes de legiões!

Cada um daqueles guardiões ali reunidos assumiu seu lugar e posicionou-se para um combate incomum.

E aos poucos, em meio à escuridão ali reinante, começou a surgir o falso degrau de Memon-Ghur. O mensageiro ordenou:

— Memon-Ghur, concentre sua visão nos olhos do ocupante daquele trono ali! Eu o sustentarei mentalmente e Sépter-Real o defenderá até que aqui eu retorne. Guardiões, a hora final de todos vocês chegou! Todas as discórdias pessoais cessam aqui. E, ou saímos vencedores, ou vamos todos para o sétimo dos infernos viver na ilusão de Lúcifer yê!

CAPÍTULO 12

O COMBATE FINAL PELO DEGRAU

Aquele degrau falso impressionou devido às formas plasmadas que ocupavam seus graus. E mesmo para eles, acostumados às mais aberrantes figuras infernais, aquilo tudo reunido num só local impressionava.

Bem em frente a Memon-Ghur, ficou o trono verdadeiro. Mentalmente guiado pelo mensageiro, ele centrou sua visão nos olhos da “cabeça” central da hidra que o ocupava.

Sépter-Real murmurou para si mesmo:

— Ver uma serpente com sete cabeças é até aceitável, mas ver um corpo humano com sete cabeças de cobra, aí já é demais. Que ilusão criativa esse danado do Lúcifer yê possui!

— Isso não é nada! respondeu-lhe mentalmente Meiman-Shur, postado no lado daquele degrau.

— O que tem aí, ilusão?

— Imagine só o que o mensageiro reservou para mim: um maldito cão do inferno... com sete cabeças reptícias. Duas espécies animais incompatíveis com minha coragem, Sépter-Real.

— Acho que essas criaturas têm algo em comum com os nossos “medos” íntimos, Meiman-Shur.

— Se soubessem o que estou vendo, vocês iriam achar sem razão seus medos, irmãos! exclamou Ptal-Rei.

— O que há aí para vocês? perguntou Sépter-Real.

— Este lado da pirâmide de Memon-Ghur está todo ocupado por criaturas dotadas de deslumbrantes corpos femininos. São tão perfeitos que já estou achando os corpos de minhas escravas repugnantes.

— Então, qual é o problema, Ptal-Rei?

— Infernos, Meiman! Você precisa ver como elas são do pescoço para cima!

— São fascinantes?

— Você está brincando! Nunca vi caras tão medonhas, terríveis e apavorantes quanto estas durante todo o meu “estágio” nas trevas. Lúcifer yê merece um prêmio pela sua tenebrosa criatividade!

— É, ele sabe como chamar a atenção! tonitroou o poderoso mental do mensageiro da morte. — Mas lembrem-se de que tudo isso não passa de ilusão vinda do mental dos muito reais ocupantes dos tronos deste degrau invertido. Isso que aí vocês estão vendo não é nada se comparado com o que nos aguarda no lado de baixo. Portanto, fixem suas visões nos seus medos e fiquem no aguardo das ordens que passarei daqui a pouco. Agora quero o silêncio mental absoluto em todos os sentidos, porque preciso centrar meus recursos mentais numa só direção.

Após captar o silêncio absoluto no mental e na mente de todos os seus comandados, o mensageiro iniciou um canto “mantrânico” ativador do poder divino conhecido como Om-lu yê.

A voz rouca do mensageiro foi assumindo um timbre cada vez mais penetrante e profundo, e aquelas “criaturas” assentadas nos tronos ilusórios começaram a explodir em mil pedaços, deixando-os “vazios”.

Quando, com seu canto da morte, o mensageiro destruiu as imagens ilusórias, iniciou outro canto “mantrânico” para “lá-or-r-i fim a yê”, e o repetiu por sete vezes. Foi o tempo de fazer explodir e desaparecer todos aqueles falsos tronos, restando apenas aquele verdadeiro, onde Memon- Ghur centrara sua poderosa visão.

Aí o mensageiro ordenou:

— Que cada um agora faça o que eu ordenar: quem porta armas simbólicas ou cetros de poder na esquerda, passe-os para a direita. E quem os porta na direita, que os passem para suas esquerdas! Façam isso já!

Todos inverteram as posições de suas armas simbólicas e cetros de poder. Então o mensageiro deu uma outra ordem:

— Quem portar mistérios irradiantes, inverta suas polaridades e os tornem absorventes de energias. E quem portar os absorventes, alterem suas polaridades para se tornarem irradiantes. E quem portar armas, cetros, graus e tronos de duplas polaridades, invertam-nas passando para a direita a negativa e para a esquerda a positiva. Façam isso agora!

Aquelas inversões criaram um magnetismo em torno do escuro vazio que agora existia no lugar do degrau. E era denso, muito denso, quase palpável, devido à estática energo-magnética criada no seu perímetro.

— Sustentem este campo com suas próprias vidas, pois quando eu retornar trazendo o verdadeiro degrau, aí vocês lutarão contra tronos verdadeiros, contra criaturas verdadeiras e contra as mais assustadoras aparências, resultantes da degeneração em todos os sentidos de seres humanos que um dia se entregaram às ilusões! No final, ou em cada trono dominado haverão ovóides para recolhermos, ou diante deles estarão nossas sementes originais, que por eles serão recolhidas! Daqui ninguém sairá antes do combate acabar. E só depende de vocês, sermos nós os que daqui sairão. Sustentem-se, pois vou descer!

O mensageiro da morte iniciou um canto mantrânico para “Iá-hor-is- ra yê” que, de tão poderoso, criou em torno daquele lugar um microcosmos energo-magnético. E aí falou:

— Não se assustem, pois vou ativar meu alfanje da morte e minha espada da Lei. E depois de ativá-los, inverterei a polaridade energo-magné- tica delas, assim como suas posições. Descerei com a morte à minha direita e a Lei à minha esquerda. Não se assustem com o que verão, ouvirão ou sentirão, pois a tudo estarei controlando mentalmente. Preparem-se! Se metade das trevas aqui está reunida, agora vocês as verão, ouvirão e sentirão, até que a outra metade eu recolha dentro deste degrau vazio. Aí vocês verão, ouvirão, sentirão e combaterão ao inferno completo! Preparem-se!

O mensageiro puxou com a direita sua espada da Lei e, apontando-a para o alto, ativou-a juntamente com seu alfanje dourado. E quando inverteu suas polaridades, aquele microcosmos caótico que pairava em torno do lugar foi absorvido pelas duas lâminas, que se tornaram incandescentes.

Mas quando ele passou a espada da Lei para a esquerda e o alfanje da morte para a direita, as duas ficaram rubras como se estivessem em brasa. E quando ele bradou:

— Agora!

Daquelas lâminas, jatos poderosíssimos de energias irradiantes foram projetados e liberaram as fúrias da Lei e os horrores da morte.

Todos naquele lugar se assustaram devido aos poderes que o mensageiro liberou. E não houve um só dos seus comandados que não tremeu de pavor diante do que via, ouvia e sentia.

— “Infernos!” pensou Ptal-Rei. — “Se esta metade controlada mentalmente por este mensageiro da morte desgraçado de poderoso já está difícil de ser suportado, como isso aqui não ficará quando ele subir com a outra metade totalmente fora de controle?”

— Com mil infernos juntos! exclamou Meiman-Shur. — Se eu sobreviver a isso, vou achar que esta sede infernal é uma dádiva divina!

— Valei-nos poderoso Iá-hor-is-ra yê! clamou Sépter-Real.

— Com todos os gênios do mal! exclamou o guerreiro dos infernos. — Ou eu sacio a fome de energias dos humanos caídos desta vez, ou então nunca mais terei uma oportunidade tão única como esta de dar vazão total a esta minha sede de lutas!

— É isso mesmo, corja de fracos! bradou o Guardião do Trono dos Sete Chifres. — Se a morte esta à nossa direita e a Lei à nossa esquerda, nada temos a temer dos escravos das ilusões. Nós agora somos enviados da Lei para acabar com o domínio das ilusões, e mensageiros da morte para acabar com os fora-da-lei. Morte aos iludidos e lei aos devedores, iniciados caídos no meio das ilusões humanas!

— Eu vou descer! bradou o mensageiro da morte.

Aos poucos, a impressionante figura que ele formava começou a afundar no solo negro. E com ele iam afundando tanto as fúrias da Lei quanto os horrores da morte. E quando ele passou daquele plano para o inferior por completo, o solo parou de tremer e o mais absoluto silêncio se fez.

Memon-Ghur, sustentado por Sépter-Real, continuava a dominar mentalmente o ocupante daquele único trono verdadeiro, impedindo-o de afundar e dali fugir.

De repente, do embaixo, como se fosse um vulcão de horrores, começaram a chegar gritos, urros, blasfêmias e todas as maldições e amaldiçoamentos infernais. E o perímetro do degrau abriu-se, criando uma imensa passagem por onde deveria subir o degrau de Memon-Ghur. Daquele imenso perímetro quadrado “subiam” estranhas figuras que imediatamente eram envolvidas pelas fúrias da Lei ou pelos horrores da morte, e eram puxadas para baixo, onde, emitindo urros de pavor indescritíveis, eram anuladas.

Explosões gigantescas que liberavam labaredas rubras e raios incandescentes eclodiam dentro daquele perímetro como se fosse um vulcão, abalando o solo daquele domínio escuro.

Aquela luta travada no embaixo parecia não terminar mais. E a ansiedade, o medo e a angústia iam paralisando a todos aqueles guardiões ali postados, à espera da “subida” da outra metade do inferno.

Sépter-Real sentiu uma mão suave pousar em seu ombro e voltou o rosto para ver quem era. E quando viu, exclamou:

— Grande Mago Regente! É o senhor mesmo ou já estou tendo alucinações?

— Sou eu mesmo, meu filho amado. Desdobre seu trono que eu sustento Memon-Ghur na paralisação daquele ápice de degrau. E ordene a todos os portadores de tronos que os desdobrem, porque só assim o pavor do horror que está acontecendo no embaixo não paralisará a todos até a subida do mensageiro da morte. Ele precisará do auxílio de todos vocês quando subir!

— Sim senhor, Grande Mago Regente.

No instante seguinte, após o Grande Mago Regente ter assumido o auxílio mental a Memon-Ghur, Sépter-Real desdobrou seu trono e ordenou que todos os portadores de tronos fizessem o mesmo.

Devido à inversão feita por seus guardiões, um caos assustador se formou em torno daquele perímetro que demarcava um outro caos no embaixo. Então, o Grande Mago Regente falou:

— Ordene que eles assumam seus poderes, forças e mistérios, porque assim estarão prontos para quando o mensageiro conseguir recolocar o degrau na sua posição correta e enviá-lo para este plano. Transmita a eles confiança.

— Sim senhor., assentiu Sépter-Real.

— Estimule neles seus instintos de sobrevivência, filho meu!

Sépter-Real não só estimulou como ousou atingir algumas daquelas

criaturas que tentavam fugir da luta que estava sendo travada no embaixo.

E quando viu um ovóide cair diante de seu trono simbólico, bradou:

— Malditos e infernais caídos! Vocês não são mais poderosos que nós!

— É! exclamou Ptal-Rei. — Só são um pouco mais feios!

— Meu guerreiro dos infernos! ordenou o Guardião do Trono dos Sete chifres. — Não vamos deixar de recolher para nosso trono o máximo de ovóides que pudermos!

— Sim, meu chefe. O máximo que nos for possível. Esses caídos aí embaixo haverão de alimentar a fome da minha lâmina por muito tempo! Há, há, há...

— Infernos! Tenho que conseguir alguns deles também! exclamou Meiman-Shur. — Um desgraçado desses deve saciar a sede desta minha taça-caveira por muitos séculos! Vou recolher o máximo que puder de sementes originais! Há, há, há...

De um momento para outro o ânimo em torno do perímetro sofreu uma alteração total.

Logo aqueles guardiões, totalmente possuídos pelas suas almas guerreiras, lançavam imprecações contra as fúrias da Lei e contra os horrores da morte, enquanto “subiam” para arrastar para baixo aqueles que tentavam fugir do embaixo.

A todo instante, alguém, tendo “abatido” uma daquelas “criaturas”, gritava:

— Mais uma semente original! Consegui mais uma!

O Grande Mago Regente falou a Sépter-Real

— É um líder nato, meu filho. Honra seu grau, trono e degrau, que um dia haveremos de reconquistar e reconduzir ao seu lugar dentro da hierarquia natural regente das múltiplas dimensões da Lei e da Vida.

— Sim, um dia isso faremos, Grande Mago Regente.

— Agora, vou, mentalmente, reconduzir este ápice ao seu lugar natural no degrau. Sinto que, com a mudança de ânimo aqui, o mensageiro logo subirá e recolocará no seu devido lugar o restante dele. Concentre todo o poder do seu trono e mistérios contra as seis cabeças ainda fora de controle mental. E lembre-se de que cada uma nada mais é que a expressão de mistérios negativos. Portanto, cuidado ao lhes dar o combate. Não se deixe influenciar pelo que elas aparentam. Tem de combater o que elas simbolizam, certo?

— A ilusão dos sentidos, não?

— Isso mesmo. Agora direcione contra elas todos os seus poderes e mistérios da Lei, pois só assim conseguirei deslocar mentalmente o ápice até seu devido lugar.

Sépter-Real direcionou seus poderes mentalmente e começou a atacar as seis cabeças restantes.

Aquele ápice era poderoso, muito poderoso, e reagiu com uma fúria incomum contra Sépter-Real, que foi desdobrando todos os mistérios ocultados por trás do seu trono, também ápice de outro degrau, isso segundo a teoria do mensageiro da morte.

Mas a ajuda maior chegou quando Ptal, assentado em seu trono no lado oposto, atingiu uma daquelas cabeças por trás com um dos recursos de seu trono. Ao vê-la tombar derrotada, gargalhou feliz. Outro que também acudiu Sépter foi o Guardião do Trono dos Sete Chifres, que às gargalhadas exclamou:

— Se aquele cão maldito tem sete cabeças, meu trono tem sete chifres. Logo, é melhor eu destruir mais uma daquelas cabeças, aí sobrarão chifres e faltarão cabeças no confronto final!

E ele realmente conseguiu explodir mais uma daquelas cabeças. Outros também atacavam as cabeças restantes, e logo somente uma, dominada por Memon-Ghur, ainda restava.

Então o Grande Mago Regente começou a elevar aquele ápice ao seu devido lugar. Quando ele pairou nas alturas, do embaixo chegou a voz rouca do mensageiro da morte:

— Consegui recolocar em sua posição correta o degrau de Memon- Ghur! Preparem-se, pois vou subir e comigo subirá a outra metade do inferno que lhes falei!

O solo começou a tremer e uma série de explosões abalaram todo o embaixo, libertando o degrau para que ele pudesse ser elevado.

Quando o degrau começou a subir, o mensageiro falou:

— Sustentem a luta, pois só poderei voltar ao combate após recolocá- lo em seu devido lugar. Lutem!!!

Realmente, meio inferno subiu junto com aquele degrau caído. E à medida que ele ia subindo, ia ficando visível o poder negativo que seus tronos possuíam. Com eles subiam hordas de seres infernais, que atacavam com uma fúria indescritível os guardiões e suas legiões de auxiliares. Impossível descrever o combate que ali estava sendo travado. As mais "dantescas" batalhas já travadas no plano material não servem de parâmetros para o que ali acontecia.

Eram seres poderosos mentalmente, dotados de armas simbólicas e recorrendo aos poderes mágicos de mistérios negativos ou de duplas polaridades magnéticas invertidas, fato este que tornava todas as energias ali irradiadas altamente destrutivas.

De ambos os lados, seres eram partidos ao meio, em pedaços ou explodidos, restando deles apenas suas sementes originais.

Quando finalmente o degrau, uma gigantesca pirâmide hierárquica, pairou acima daquele vazio, o solo negro fechou embaixo dele e com um estrondo, ali ele se assentou.

No embaixo, um urro furioso bradou:

— Maldito mensageiro da morte! Você ainda me pagará por isso!

— Quando você pagará o que me deve, irmão caído? perguntou o mensageiro.

— Nunca!!! respondeu aquela voz furiosa.

— Então não devolverei a espada da Lei à minha direita nem o alfanje da morte à minha esquerda. E assim, quando você atacar a minha esquerda, estará ativando contra si mesmo as fúrias da Lei, e quando atacar a minha direita ativará os horrores da morte. E nos dois casos, sempre perderá para os meus os domínios que atacar! Ho, ho, ho...

— Você não pode fazer isso, maldito mensageiro da morte!

— Esta é a minha surpresa final, Lúcifer yê! Ho, ho, ho... ou você acreditou mesmo que eu tinha a intenção de tomar o trono regente deste degrau para mim? Ho, ho, ho... nas inversões ainda sou mais astuto que você. Com as ilusões que crio, consigo iludir as suas ilusões! Ho, ho, ho... suba comigo, irmão caído!

Nunca!

— Então fique aqui, tenho mais com o que me preocupar além dos que não querem subir.

— O que mais pode preocupá-lo depois de inverter a polaridade dos seus poderes, mensageiro da morte?

— Preocupo-me com os que querem subir, irmão caído. Até nosso próximo encontro!

O mensageiro subiu, e com ele também subiram as fúrias da Lei e os horrores da morte, que foram atingindo os tronos do degrau pelos quatro lados, assim como as suas hordas auxiliares, deixando o solo negro coalhado de ovóides humanos.

E à medida que subia, subia também a destruição dos ocupantes dos tronos, limpando o degrau de baixo para cima. E quando só o ser com cabeça de serpente restou, o mensageiro ordenou:

— Guardiões, recolham seus mistérios, poderes e tronos simbólicos!

Quando todos os haviam recolhido, deu outra ordem:

— Devolvam o que pertence à direita, à direita e o que pertence à esquerda, à esquerda, e depois invertam as polaridades, para que o que era irradiante volte a irradiar. E o que era absorvente volte a absorver.

Quando todos fizeram isso, o mensageiro voltou a assumir seu lugar ao lado de Memon-Ghur e falou:

— Irmão, agora é hora de quebrarmos o encanto do mistério que o aprisionou nesta aparência de cão infernal quando, sozinho, tentou reconquistar seu degrau.

Memon-Ghur virou assentindo que estava pronto. Ao que o mensageiro pediu:

— Não tema um único instante a picada dela, pois ela tem o dom da vida no mistério que a tornou uma serpente dourada encantada, certo?

Novo uivo positivo, e o mensageiro cravou no solo negro seu alfanje e sua espada, para, a seguir, ir dourando-se de tal forma, que todos, com exceção de Memon-Ghur, tiveram que fechar os olhos ou virar o rosto.

E do íntimo do mensageiro, começou a renascer a encantada serpente dourada. Mas um dos que ali estavam pôde vê-la e observar tudo o que

acontecia: a serpente projetou-se para o ápice do degrau e cravou duas enormes presas na cabeça reptícia do cão assentado no seu trono regente; a seguir, voltou-se diretamente para Memon-Ghur e cravou em seus dois rubros olhos suas longas e afiadíssimas presas. A seguir, cravou-as no próprio rabo, que pendia no meio dos fêmures do mensageiro da morte, arrancando dele um gemido longo, rouco e profundo. E ali, onde ela cravou suas presas, ela se recolheu, pois havia saído pelo alto de sua cabeça.

Imediatamente, ele caiu no solo e começou a verter um sangue rubro, que foi empapando o longo manto encapuzado com que se cobria.

O Grande Mago Regente acudia Memon-Ghur, que a princípio uivou de dor devido à picada nos olhos, mas logo chorava, como que despertando de um longo, dolorido e angustiante pesadelo.

Abraçado ao Grande Mago Regente, e entre soluços, ele só conseguia dizer: — Pai... pai... pai...

Sépter-Real abraçou-se ao manto empapado de sangue e puxou para junto de seu peito aquele esqueleto que vertia sangue através dos ossos, e aos prantos também dizia: — Pai... meu pai ...pai amado...

Esforçando-se ao máximo e recorrendo às suas últimas forças, o mensageiro pediu a Sépter-Real que o colocasse de pé entre suas armas simbólicas. Tendo conseguido, apoiou-se nelas e galgou o degrau até atingir seu trono regente.

Então, diante dele, ajoelhou-se e falou:

— Sagrado Iá-or-ri fim a yê, como mensageiro da morte do divino Om-lu yê, consagro-o a vós com a bênção de lá- or-is-ra yê!

A seguir ele guardou sua espada da Lei em sua bainha, e apoiando-se no cabo do alfanje, estendeu a mão direita e recolheu a pedra preta que encimava o trono. Segurando-a contra o peito esquelético, iniciou a descida do degrau, e só não caiu porque tanto Sépter-Real como o Grande Mago Regente o ampararam até que voltasse à base da enorme pirâmide, onde assentou, chamou Meiman-Shur e mandou:

— Estenda sua taça-caveira e brindemos à morte pedindo a Om-lu yê que purifique a pedra fundamental do degrau de Memon-Ghur. Só com ela purificada de todo o “sangue” humano nela acumulado desde que este degrau foi enviado ao meio humano ele poderá reassentar-se em seu trono regente.

CAPÍTULO 13

MEMON-GHUR REASSENTA-SE NO TRONO REGENTE DE SEU DEGRAU

Meiman-Shur colocou sua taça-caveira da morte debaixo da pedra negra e dela, em abundância, correu um grosso caldo rubro.

O Grande Mago Regente murmurou:

— Sagrado lá yê, meu criador e Senhor da Luz da Lei e da Vida! Quantos milhões de espíritos humanos verteram suas seivas vitais ou a de seus semelhantes por este degrau da Lei e da Vida? Uns tentando defendê- lo, outros tentando impô-lo aos servos de outros degraus, outros tentando possuí-lo e outros tentando destruí-lo!

— A minha sede infernal já começa a suavizar, Grande Mago Regente, sussurrou Meiman-Shur, ainda rouco.

— Aquilo que o homem derrubar, ao homem caberá a responsabilidade de reerguer. Aquilo que os humanos mancharem com sangue humano, no sangue humano deverá ser purificado. Aquilo que cair com o homem, somente se reerguerá quando o homem reerguido voltar atrás e recolhê-lo! Assim diz a Lei, assim exige a Vida! falou o mensageiro, com os “olhos” perdidos no infinito. E continuou:

— O homem credita suas vitórias a si mesmo e lança a culpa pelos seus fracassos em seus semelhantes; a culpa pelas suas derrotas em seus inimigos e a culpa de seus pecados são debitadas ao sagrado lá yê, Senhor da Luz da Lei e da Vida, sem, com raras excessões, procederem em contrário, pois deveria creditar ao sagrado lá yê suas vitórias, e, conscientemente assumir sua culpa pelos seus erros, falhas e pecados. Se isso fizesse conscientemente, aqui não teríamos travado uma luta de vida ou morte justamente em nome da Lei e da Vida, aumentando ainda mais o "sangue humano" aqui derramado sobre nossas "pedras fundamentais". Mas se sempre tem de ser assim, então que assim seja, e não lancemos a culpa em Lúcifer yê, pois ele é apenas mais um que não procedeu naturalmente e optou por inverter tudo.

— Se assim são as coisas, é porque assim somos nós, os humanos, mensageiro da morte, confirmou o Grande Mago Regente. — Agora já pode devolver esta pedra simbólica ao trono, pois ela já foi purificada.

— Ainda não, Grande Mago Regente. A morte está brindando à vida no ápice deste degrau da Lei e da Vida.

Todos os guardiões ali, ao redor dele reunidos, voltaram suas vistas para o ápice do degrau e viram o trono vertendo sangue humano aos borbotões. Mas ele não corria, pois ali mesmo era diluído numa fumaça rubra e era absorvido por um buraco escuro que pairava acima da pirâmide simbólica. E à medida que o trono ia sendo purificado, sua coroa simbólica ia se tornando visível, encantando a todos que a viam.

Seu primeiro símbolo era o triângulo sagrado, o simbólico fixador de uma religião já extinta na face da Terra, mas que foi semeada por Memon- Ghur há muitos e muitos milênios. Outros símbolos sagrados foram se tornando visíveis e identificáveis aos olhos daqueles espíritos tão antigos quanto Memon-Ghur.

E quando todo o trono foi purificado, o mensageiro ordenou:

— Memon-Ghur, enxugue suas lágrimas, recolha das mãos deste mensageiro de Om-lu yê sua pedra fundamental, a pedra negra, suba seu degrau galgando os graus dele com sua mente, seus olhos, sua fé e sua confiança centrados no ápice do seu triângulo sagrado. E quando chegar lá no alto, eleve tanto com sua direita quanto com sua esquerda a pedra negra fundamental daquele trono regente, e então deposite-a em seu devido lugar, consagrando a ao sagrado lá yê, à Lei, à Vida, e a Iá-or-ri-in a yê, o Senhor dos Mortos, pois foi dele que recebi a ordem de recuperar para "ele" este degrau da Lei e da Vida. Suba, Memon-Ghur!

Memon-Ghur recolheu sua pedra negra fundamental das esqueléticas mãos do mensageiro de Om-lu yê e galgou os graus de seu degrau, alcançando rapidamente o topo dele.

Após fazer como lhe havia sido ordenado, depositou a pedra em seu devido lugar, bem no meio do triângulo equilátero, onde, como um "olho", ela permaneceu a vigiar o ato dos espíritos humanos.

Imediatamente, todos os símbolos começaram a adquirir brilho e a irradiar uma luz tão intensa que iluminou todo o degrau, reascendendo os símbolos de todos os tronos que formavam aquela magnífica pirâmide hierárquica.

Depois Memon-Ghur retornou diante do mensageiro e perguntou:

— Mensageiro de Om-lu yê, como proceder agora?

— Assente-se no seu trono regente e aquiete todo o seu ser, pois lá- hor-is-ra yê começará a atuar a partir de você, e quando todos os graus de seu degrau estiverem ocupados por espíritos humanos com um mínimo de boa vontade, para assumirem seus erros, falhas e pecados diante dEle, o nosso Criador. Então recolherá o seu trono regente e todos os mistérios ocultos nele simbolizados. E o mesmo farão todos os espíritos que se assentarem nos degraus, recolhendo este degrau da Lei e da Vida. E porque esta é a vontade do sagrado Iá-or-ri-om a yê, assentará seu trono regente à direita da pedra fundamental da religião semeada na Terra das Aguas e lá o desdobrará. E à direita do sagrado lá-shan-rá-iim-ghor-re-em yê se assentará para todo o sempre.

— E quanto aos graus? perguntou o Grande Mago Regente.

— Os que os assumirem poderão, se positivas forem as suas energias, magnetismo e símbolos, assentarem-se à direita de Memon-Ghur, porque assim ordena Iá-shan-ghor yê. E os que forem de energias, magnetismo e símbolos negativos, assentar-se-ão à esquerda de Memon-Ghur. Tanto os à direita, quanto os à esquerda, pois serão guardiões dos graus, atuarão na irradiação divina do sagrado Iá-shan-rá-iim-ghor-re em yê, o Senhor da Justiça Divina.

Memon-Ghur subiu até o topo do degrau e após consagrar-se à Lei e à Vida, saudou Iá-hor-is-ra yê, Iá-or-ri-iim-á yê, Om-lu yê, e Iá-shan-rá- iim-ghor-re-em yê. A seguir, assentou-se em seu trono de regente daquele degrau da Lei e da Vida consagrado à justiça divina.

No instante seguinte, todos os símbolos da sua coroa irradiaram encobrindo todo o trono. E quando cessou a irradiação luminosa e multicolorida, Memon-Ghur voltou a ser visto.

A coroa estava assentada em sua cabeça. O cetro de poder daquele trono regente estava em sua mão direita e a pedra negra estava em sua mão esquerda.

Uma veste dourada cobria seu corpo e um reluzente manto púrpura caía de seus largos ombros.

Foi uma visão que a todos encantou, e o Grande Mago Regente, dirigindo-se a Memon-Ghur, pediu:

— Irmão de origem, meio e fim, permita a mim, um homem de boa vontade, ocupar um trono e um grau do seu degrau, onde poderei servir à Lei e à Vida até que o original ocupante dele tenha condições de assumir a culpa pelos seus atos e habilitar-se a reassumir seu grau, trono e mistérios, e ao seu lado sustentar este degrau para todo o sempre.

— O senhor já possui muitas atribuições, Grande Mago Regente. Tornar-se guardião de mais um destes graus só irá assoberbá-lo ainda mais.

— Auxiliar um irmão de origem que deseja ascender não assoberba a nenhum servo da Lei e da Vida, irmão meu. E eu sou testemunha do quanto se esforçou para conter a fúria das trevas que o havia possuído quando sozinho e iludido pelas ilusões humanas tentou reassumi-lo. Em reconhecimento aos seus esforços sobre-humanos, eu desejo assentar-me num dos seus graus e aí permanecerei até quando todos eles estiverem ocupados e possamos absorvê-los em nós mesmos. Aí assentaremos esta hierarquia no ponto de força do Regente da Justiça Divina em todo o planeta: lá-shan-ghor yê!

— Quero, então, à minha direita, Grande Mago Regente. Assuma o trono do triângulo sagrado, e guarde seus mistérios até que seu original ocupante, apto a assumi-lo, venha a estar.

— Sinto-me honrado, Memon-Ghur yê! agradeceu o Grande Mago Regente, assumindo a seguir, no grau de guardião, o trono do triângulo sagrado.

O Grande Mago da Luz Azul então pediu para que Memon-Ghur yê concedesse a ele a honra de guardar um daqueles graus até que seu original ocupante viesse a estar apto a reassumi-lo para todo o sempre.

— Eu vi o senhor assumir há pouco outro trono da Lei, Grande Mago da Luz Azul. Assumir mais este só irá tornar sua vida mais assoberbada!

— Isso não acontecerá Memon-Ghur yê. Apenas, se isso me conceder, mais “rica” a tornará. Afinal, não são os deveres que nos assoberbam, mas sim, a falta de vontade de cumpri-los.

— Assuma o trono à minha esquerda, Grande Mago da Luz Azul!

Aos poucos, um a um, aqueles espíritos que haviam lutado pela reconquista do degrau de Memon-Ghur yê foram assumindo a guarda dos tronos de seus graus.

Havia os graus positivos e os negativos, e em cada lado da pirâmide simbólica, um elemento predominava, tanto em seu lado positivo (direita do trono regente) como em seu lado negativo (esquerda do trono regente).

Cada lado tinha, no ápice da hierarquia, o trono regente ocupado por Memon-Ghur yê. No primeiro degrau descendente tinha um trono à direita e outro à esquerda. No segundo degrau tinha dois tronos à direita e dois à esquerda. No terceiro, três de cada lado, e assim sempre com mais um trono à medida que descia um degrau, até que cada um dos quatro lados ficou, na sua base, com setenta e sete tronos ocupados pelos seus guardiões à direita e outro tanto à esquerda. Some-se a quantidade de tronos de cada lado e multiplique-os por quatro, e terão o total de tronos simbólicos que um degrau completo possui.

Quando Sépter-Real foi assumir o sétimo grau à direita de Memon- Ghur yê, Ptal-Rei encarregou-se de amparar o mensageiro. E quando o grau das sete portas, o 33° à esquerda de

Memon-Ghur, estava para ser ocupado, Ptal confiou-o ao guerreiro dos infernos e assumiu sua guarda.

Quando todos os graus foram ocupados, dos guardiões ali presentes só aquele guerreiro não ocupou um, preferindo ceder o trono da espada ao Sentinela, que ocupou o septuagésimo sétimo grau à direita de Memon- Ghur yê. O mensageiro olhou-o longamente e por fim perguntou:

— Por que, irmão de origem caído no meio? Por que renunciou a esta oportunidade única de subir novamente?

— Deseja saber realmente, mensageiro da morte?

— Sim, eu quero. Afinal, perdi minha capacidade de ouvir o íntimo de meus irmãos.

O guerreiro dos infernos deixou correr dos seus olhos rubros duas lágrimas de sangue, que mancharam suas faces rudes e calcinadas por incontáveis combates já travados nos domínios das trevas da ignorância.

— Por que, irmão meu? insistiu o mensageiro.

— Você está fraco demais, irmão de sina. Poupe-se de mais uma tristeza além daquela que sinto que lateja em seu íntimo por ter invertido a

posição de suas armas simbólicas apenas para devolver a Memon-Ghur yê seu degrau invertido.

— Não se preocupe com minha fraqueza, irmão guerreiro.

— Poupe-me de me tornar mais uma de suas tristezas, irmão que não honrei porque falhei, errei e pequei!

— Por quê, irmão? Grande é a sua tristeza e quero que a partilhe comigo a partir de agora.

O guerreiro tentou desviar a atenção do mensageiro, dizendo:

— Olhe! Memon-Ghur yê e todos os graus do degrau dele estão absorvendo os tronos simbólicos e seus mistérios, mensageiro.

— Por que, irmão?

— Que maravilha, mensageiro. Devia ver como é poderoso o degrau de Memon-Ghur yê!

— Por quê, irmão?

— Veja! uma pirâmide dourada assentada sobre uma base tão negra quanto o ônix surgiu após a absorção de todos os tronos do degrau! Que pirâmide encantadora!

— Por quê? insistiu o mensageiro, esvaindo-se em sangue.

Memon-Ghur yê, aproximando-se deles, quis saber o que falavam, e o

guerreiro respondeu que era sobre a bela pirâmide dourada assentada sobre a base ônix. Mas o mensageiro insistiu:

— Por quê, irmão meu?

Memon-Ghur yê também perguntou:

— Por quê, irmão nosso?

A contragosto, o guerreiro retirou sua grossa couraça e em seu peito ficou visível uma estrela de cinco pontas invertida que vertia um sangue vivo.

— Meu Criador! gemeu o mensageiro, caindo no solo. — O meu degrau está invertido! sussurrou, muito triste.

O guerreiro ajoelhou-se ao lado dele e, abraçando-o, apertou-o contra o peito que sangrava, e chorou seu dolorido pranto de dor, tristeza e remorso. De seus olhos corriam dois grossos filetes de sangue. Eram suas lágrimas doloridas.

O mensageiro olhou para Meiman-Shur e perguntou:

— Sabia disso, irmão meu?

— Sim, eu sabia, mensageiro da morte. A minha também está invertida e disso você já sabia, não?

— Dê-me por um instante sua taça-caveira, Meiman-Shur.

— Não posso, mensageiro. A mim Om-lu yê a confiou para que eu esgotasse os malditos que atentam contra a vida.

— Como mensageiro da morte posso solicitar a você o direito de elevar um brinde à morte com a minha mão direita, certo?

— É, como mensageiro pode fazer isso.

— Então, coloque-a em minha mão direita, cavaleiro da morte!

Meiman-Shur apanhou sua taça e a depositou nas mãos do mensageiro, que a encostou na face calcinada do guerreiro e colheu as lágrimas de sangue que corriam de seus olhos rubros. Depois a encostou na ponta invertida a estrela em seu peito e colheu dela sangue o suficiente para que transbordasse. E aí, elevando-a, falou:

— Sagrado Om-lu yê!

— Não!!! bradou uma voz tonitroante.

— Sagrado Om-lu yê! repetiu o mensageiro.

— Não faça isso, guardião!!! bradou novamente aquela voz assustadora.

— Sagrado Om-lu yê, eu...

— Não faça isso, Guardião dos Sete Símbolos Sagrados! Não faça isso que eu devolvo a você todo o seu degrau e quantos mais você agora desejar!

— Sagrado...

— Não ouse fazer este brinde, Guardião dos Sete Símbolos Sagrados. Olhe o seu degrau caído nas trevas, mago malditoooo! ! !

No mesmo instante uma explosão infernal dissipou toda a escuridão daquele domínio, e diante do mensageiro e de todos ali reunidos surgiu o degrau cujo símbolo principal era a estrela de cinco pontas, a estrela da guia!

— Sagrado Om-lu yê, eu...

— Não, mago maldito! Não faça isso! gemeu aquela voz tonitroante, mas já não tanto. — Se isso fizer, cortará o cordão que nos une e romperá o elo da cadeia que sustenta nossas vidas malditas! Olhe, veja o seu degrau aí, na sua frente! Receba-o, assuma-o, e cessarão suas dores, tristezas, lutas, mágoas, ódios, desejos não realizados e vontades não concretizadas!

— Om-lu yê! bradou o mensageiro, lá do fundo de seu ser imortal. — Elevo a ti este brinde, cujo conteúdo desta taça sorverei, para ter o direito de pedir-te algo que serás obrigado a cumprir, assim que eu a esvaziar!

— Não faça isso, Mago da Lei e da Vida! Você não tem o direito de pedir isso! Ninguém antes ousou fazê-lo! Todos os outros aceitaram pacificamente seus destinos finais.

— Se o meu destino final tiver que ser igual ao seu, prefiro ser dissolvido numa esfera extra-humana, Lúcifer yê!

— Você não ousará desafiar o código celestial, Niye hê!

— Quem está dizendo que há um código celestial é você, Lúcifer yê. Eu nunca ouvi nada sobre ele.

— Mas ele existe. E você o infringiu ao sacrificar-se por Memon- Ghur yê. E está prestes a infringi-lo mais uma vez, mesmo eu tendo devolvido o seu degrau caído nos meus domínios. Olhe para ele antes de cometer esta loucura, Niye hê!!!

O pavor havia se apossado daquela voz tonitroante. O mensageiro deu uma olhada no degrau e conteve a custo um pranto de tristeza, para então dizer:

— Vá ao inferno, Lúcifer yê! A tentação é grande, mas eu ainda resisto a ela!

— Não se preocupa com o destino dos seus, Niye hê?

— Justamente porque me preocupo é que elevei este brinde à morte, Lúcifer yê. E agora, cale-se para que eu o conclua. Só volte a falar comigo quando tudo o que o oráculo predisse acontecer, ou...

— Ou... o quê? Mago maldito!

— Ou cale-se para sempre em mim!

— Nãoooo ! ! !

— Sagrado Om-lu yê! Sorvo todo o conteúdo desta tua taça da morte!

E o mensageiro entornou a taça e sorveu todo o conteúdo dela. Devolvendo-a, a seguir, a Meiman-Shur, ele disse:

— Sagrado Om-lu yê! meu pedido é este: caso, em algum momento de minha sofrida mas profícua existência imortal, eu venha a ter minha fé minada, e tenha, para continuar a existir, que optar pela inversão do sentido de minha vida, solicito que antes que isso eu faça, tu, o meu amado senhor, voltes a lâmina de teu alfanje punidor e exploda minha semente original em tantos pedaços, que jamais possa ser refeito ou rejuntado, e espalhe as suas moléculas pelas faixas extra-humanas, dando assim, um fim digno a um ser prestes a se tornar indigno diante do sagrado Yáyê!

— Salihed, Om-lu yê! Mehi mehe, Ia yê lache!

Lentamente o degrau do mensageiro afundou e a escuridão voltou a reinar naquele plano.

— Por que fez isso, mensageiro? perguntaram Meiman-Shur e o guerreiro ao mesmo tempo.

— Porque eu amo vocês, irmãos meus.

— Ele ofereceu o seu degrau completo! Foi uma loucura recusá-lo!

— De que me adiantaria aquele degrau, se eu os perderia para sempre?

— Nós fraquejamos um dia num passado remoto, irmão de sina e destino. Nossa estrela foi invertida e nossos tronos se perderam para todo o sempre.

— Abra minha veste simbólica de mensageiro da morte, Meiman- Shur. Abra-a e verá que nem tudo está perdido. Não por enquanto!

Assim que abriu o manto simbólico, sobre o tórax do esqueleto pairava uma estrela de cinco pontas dourada e... viva.

— Ela continua viva, e em sua posição original, irmãos meus. E enquanto aí ela brilhar, restará uma esperança de resgatar as suas e reinverter as posições. Logo, por que trocar as vidas de vocês por um degrau?

— Isso é loucura, irmão de estrela, falou o guerreiro.

— Talvez. Mas prefiro acreditar que isso é amor, meus irmãos. Porque eu os amo... e os abençoo. E porque os abençoo, os amo! E porque os amo e os abençoo, imortal é a estrela em meu peito, que se alimenta no meu amor e vive na minha fé. E porque sou Niye hê, Lúcifer não pode me tocar senão perderá todo o encanto da ilusão que dele se apossou... ho, ho, ho...

— Mago desgraçado de esperto e astuto, corajoso e ousado! exclamou Ptal-Rei. — É capaz de enfiar sua mão dentro da bocarra da serpente negra só para matá-la!

— Cuidado com a língua, Ptal-Rei! advertiu-o o Grande Mago Regente. — Niye hê é nome sagrado. Logo, ele não é mago mas sim...

— O que ele é, Grande Mago Regente?

— Um regente celestial que desceu à carne para devolver a razão onde a ilusão está muito intensa, Ptal-Rei.

— É por isso que Iá-or-ri-iim-a yê o escolheu para retirar este degrau dos domínios da ilusão e reconduzi-lo ao seu ponto de forças natural? perguntou Sépter-Real.

— Sim. Mas se isso não lhe bastar, então deve saber que ele, no momento, era o único que podia anular a fúria infernal que, apossando-se de Memon-Ghur yê, o lançou numa queda tão profunda quanto dolorida.

Olhando para as órbitas vazias do mensageiro, o Grande Mago Regente perguntou:

— O que foi que o oráculo predisse, filho meu?

— Já não me lembro de tudo, estou entrando num adormecimento balsâmico.

— Quem estava com você quando a ele invocou, mensageiro?

— Memon-Ghur yê estava comigo. Mas não creio que consiga se lembrar.

— Não de tudo. Mas ainda me lembro de grande parte do que ele lhe falou, irmão meu.

— Então repita a ele o que se lembrar, porque talvez isso me ajude depois que eu mergulhar no sono profundo.

— Sim, faça isso agora mesmo, Memon-Ghur yê, pediu o Grande Mago Regente.

— Bem, acho que foi isto:

— Quando tudo parecer perdido,

— Quando tudo parecer sem sentido,

— Quando tudo parecer sem razões,

— Quando o que está em cima tiver descido ao embaixo,

— Quando o que estiver embaixo elevar,

— Quando o que está oculto se tornar visível,

— Quando o que mata devolver a vida,

— Quando o que aparentar ilusão for a realidade,

— Quando a realidade parecer uma ilusão,

— Quando o que desceu desejar subir,

— Quando descer será elevar,

— Quando deitar será estar de pé,

— Quando o gemido de dor se transformar em gemido de prazer,

— Quando a luz vier do embaixo,

— Quando o espírito devolver a carne,

— Quando as aparências se transformarem em formas,

— Quando as formas forem apenas aparências,

— Quando os mistérios negativos se abrirem para recebê-lo,

— Quando, recebendo-o estarão lhe dando.

— Quando tudo isso acontecer, o alto descerá e o embaixo subirá, e no meio seu degrau reassumirá.

— Quando o reassumir, então a serpente negra deixará de ser uma fonte de dor e numa fonte de prazeres se transformará, pois à sua esquerda se recolherá, e lá, enrolada, finalmente repousará.

Como Memon-Ghur se calou, o Grande Mago Regente perguntou:

— Só isso foi dito?

— Isso é do que me lembro. Apenas usei de palavras minhas, e como entendi, Grande Mago Regente.

Já adormecido, e começando a recuperar sua antiga aparência humana, o mensageiro murmurou:

“Quando o arco-íris, que só é visível no alto, mostrar-se no embaixo, e quando a serpente dourada verter seu néctar da vida por todo o sempre, o retorno terá se iniciado;

Quando o que a todos leva a quedas, em mim elevar, o retorno terá se iniciado;

Quando fendas gigantescas se abrirem na minha frente, e fendas minúsculas eu fechar, o retorno terá se iniciado;

Quando eu unir o fogo e a água, a terra e o ar, a morte e a vida, o alto e o embaixo, a direita e a esquerda, a lei e a vida, em mim mesmo, o retorno terá se iniciado;

Quando a vontade se manifestar nos desejos e a manifestação de desejos for a realização de uma vontade, o retorno terá sido iniciado;

Quando os que derrubam caírem diante de mim, e quando os que caíram diante de mim se levantarem, o retorno terá se iniciado;

Quando, na carne, a lança simbólica de luta pela vida for usada para abrir fendas em espíritos mortos na carne, o retorno terá sido iniciado.

Quando o alfanje voltar à sua posição original, quando a espada voltar à sua posição original, quando a lança voltar à sua posição original, e quando os portais não resistirem aos olhos, então o retorno terá sido iniciado".

E o mensageiro se calou. Vendo que aos poucos a forma plasmada do espírito ia rejuvenescendo continuamente, o Grande Mago Regente percebeu que logo a Lei e a Vida o recolheriam e o devolveriam à carne, então perguntou:

— Cumpriu sua missão semeadora, mensageiro?

— Sim. Mas outras vou iniciar em outro lugar. Cuidem bem das sementes semeadas, pois esta nova religião fecundará nos corações humanos e cumprirá sua missão divina no meio dos homens de bem.

— O que são as religiões, mensageiro?

— Elas, Grande Mago Regente, são a sobrevivência do sagrado lá yê. Elas surgem de uma reação natural do instinto de sobrevivência dEle quando sente que está perecendo no coração dos homens. Iá yê é eterno e imortal, mas tende a perecer no coração dos homens. Por isso ele se renova de tempos em tempos, e sob novas feições, e em acordo com novas e renovadas concepções humanas a respeito de seu Criador. Ele renasce a partir dos restos imortais das religiões precedentes. Ou não é verdade que a menor partícula contém todo o código genético do Universo?

— Interprete isso, intérprete do oráculo sagrado! pediu o Grande Mago Regente àquele espírito já reduzido a um "bebê".

— De um símbolo pode-se chegar a todos os outros. Da parte de um símbolo, ao seu todo pode-se chegar. Portanto, de um dos fundamentos de uma religião, aos fundamentos de todas elas pode-se chegar.

— Qual é o fundamento de todas elas, mensageiro?

— Iá yê, Grande Mago Regente.

Após dizer isso, o pequenino espírito levou seu minúsculo polegar direito à boca e adormeceu por completo. E no mesmo instante, ali surgiram alguns seres celestiais que se acercaram dele, recolhendo-o daquele manto simbólico empapado de sangue. A seguir recolheram o manto, o alfanje e a espada. E sem nada dizer, foram-se!

CAPÍTULO 14

A TRADIÇÃO ABSORVE PTAL-REI

O Grande Mago Regente conduziu todos os “graus” do degrau de Memon-Ghur yê, inclusive o próprio ao Templo base da Tradição. Quando dele saíam, foram direto para o ponto de forças planetário regido pelo “Senhor da Justiça” Iá-shan- rá-iim-ghor-re-em yê, onde, já assentada, estava a pirâmide simbólica.

Após o reassentamento do trono regente e de todos os graus do seu degrau, Memon-Ghur yê consagrou-se ao regente planetário, que o aceitou, absorveu e assentou-o à sua direita, como Senhor Guardião dos Mistérios da Pedra Negra Simbólica.

Cada um dos graus do degrau de Memon-Ghur yê recebeu um domínio na luz ou nas trevas, no qual assentavam seus tronos, e por ele se tornavam responsáveis.

Cada um deles, em seu domínio, seria responsável pelo destino dos espíritos que a Lei lhes enviasse.

Teriam por dever retirar os excessos ou suprir as deficiências dos espíritos a eles confiados pelo “Senhor da Justiça Divina”. E a ele responderiam pelos excessos que viessem a cometer e por ele teriam suas deficiências corrigidas e “supridas”.

Todos receberam um manto simbólico de seus graus e atribuições, assim como uma “arma simbólica” simbolizadora do regente planetário a que serviam, fato este que lhes proporcionava uma certa “imunidade no cumprimento de suas atribuições” ou os protegeriam quando, estivessem cumprindo com seus “compromissos assumidos”.

Uma hierarquia completa retornou às hierarquias humanas erigidas em paralelo com as hierarquias naturais dos regentes planetários responsáveis por todos os “aspectos” da vida no planeta. A “vida no planeta” significa muitas dimensões onde a evolução das “espécies” se processa. E cada uma destas dimensões possui seu regente natural responsável por todos os seres que nela evoluem.

Os regentes planetários são responsáveis, também, pela evolução espiritual e material dos seres “humanos” e regulam o ciclo reencarnatório

segundo princípios análogos aos que regem as evoluções em todas as outras dimensões. E por assim ser, desde o “princípio dos tempos humanos”, uma hierarquia formada por espíritos humanos foi formada para responder pela evolução dos seres humanos.

Essa hierarquia possui atribuições específicas atinentes aos múltiplos estágios da evolução humana, e dentro dos seus limites pode interferir, até certo ponto, no decorrer dos acontecimentos que norteiam a humanidade.

Mas onde terminam seus limites, dali em diante somente as hierarquias naturais podem atuar, no sentido de manter a evolução humana dentro de limites mais ou menos definidos como “humanos” ou “reencarnacionistas”.

Essas hierarquias naturais possuem quatro vertentes ou lados, que se voltam, cada um, para um dos reinos elementais básicos. E os degraus dentro dessa hierarquia natural são responsáveis por múltiplos aspectos das evoluções que nos reinos elementais se processam.

Periodicamente, e segundo manifestações de vontades do Lógos planetário, uma dessas hierarquias naturais é “lançada” no grande ciclo reencarnacionista da “espécie” humana, no qual atuará para dar um novo rumo à “evolução”, ou de criar uma nova opção de evolução para os espíritos humanos.

Dar um novo rumo significa criar uma nova corrente de pensamento onde uma antiga esteja fenecendo. E criar uma nova opção significa criar uma nova religião a partir dos restos imortais de outra(as) religiões.

Quando isso acontece, a hierarquia não encarna toda ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

Seus membros vão sendo incorporados às muitas correntes já existentes, em que absorverão os “valores” humanos e se prepararão para um encontro final num local pré-estabelecido, no qual então, e só então, o regente dela, ou senhor do degrau, irá encarnar e criar uma nova corrente de pensamento ou de religiosidade.

Mas como nem sempre isso é possível devido às disparidades existentes entre as correntes em que encarnaram os graus do degrau do regente e seus “desníveis” evolutivos, então as religiões ou correntes de pensamento formam-se com deficiências em alguns aspectos e excessos em outros.

Mas mesmo isso já é previsto pelos regentes planetários, pois a evolução humana se processa a partir das contradições, do dualismo e do despertar da consciência. Caso permitissem a reunião completa de uma hierarquia, seu trono regente, seus graus com seus tronos, e todas as suas qualidades (mistérios), atributos e atribuições, haveria uma paralisação na evolução da humanidade, pois o contraditor, o opositor, o contestador, o divisor de correntes e os inconformados não surgiriam.

E Memon-Ghur yê, por ordem do regente planetário que o absorveu, assentou seu degrau “completo” sobre a pedra fundamental que sustentava a incipiente religião do reino da Terra das Aguas, que no futuro seria a religião egípcia.

Essa religião, ao lado de outra que foi semeada mil anos depois (a hindu), foi a mais completa quanto aos seus aspectos religiosos. E mesmo tendo sido dizimada pelos invasores gregos e romanos, e depois pelos cristãos e islâmicos, que a “fecharam” no meio material, ainda conserva até hoje seu encanto natural. Encanto este que tem atraído os curiosos de todos os tempos que tentam desvendar seus mistérios. Mas somente a partir de uma leitura sob a visão dos degraus é possível abrir seus mistérios ocultados nas figuras simbólicas, tronos simbólicos ou chaves ocultadoras.

Na coroa dos faraós há sempre uma serpente (Ptha) a distingui-lo. E isso é visto pelos estudiosos como se absorvessem o deus serpente, quando, na verdade, aquelas serpentes de ouro (dourado) simbolizam que em sua coroa (cabeça) está a sede do saber (mistérios).

Mas isso nunca ocorreu aos estudiosos, porque estudam-na a partir de suas próprias concepções religiosas eivadas de preconceitos contra o “naturalismo”.

O fato é que se ela não atingiu a “perfeição religiosa”, no entanto não se partiu em várias correntes de pensamento ou de religiosidade, mantendo-se, ora sob a influência de um “deus” (degrau ou grau), ora sob a influência de outro “deus”.

Por “deus” entendam divindade ou regente planetário, e nada mais. Por isso o colocamos entre aspas e com letras minúsculas.

O fato é que, quer acreditem ou não, o “fator” Lúcifer yê ficou fora dela e a “ilusão” nela não teve um lugar de destaque, pois foi a religião mais “racional” que já existiu nos últimos milênios. E se ela assim foi, isso se deve ao que até aqui já relatamos com o consentimento do Grande Mago Regente da “Tradição”, ou hierarquias humanas erigidas em paralelo às hierarquias naturais, que assumiu seu trono regente no princípio do século XIX, e a regerá por sete séculos consecutivos. Seu nome sagrado: “Li mahi am seri yê”.

Li mahi am seri yê é o Grande Mago da Luz Cristalina, que coordena o Magno Colégio dos Magos da Luz Dourada, ou luz do saber, e que por indicação do demiurgo planetário assumiu o trono regente da Tradição Natural, guardiã dos mistérios sagrados regentes da evolução da espécie humana.

Se isso estamos revelando, ele nos autorizou a tanto, pois senão o lado “material” continuaria a conviver com esdrúxulas elucubrações sobre o que é “realmente” a tão falada “Tradição”, à qual Ptal-Rei integrou-se desde que recebeu seu cetro de servo de Iá-shan-rá-iim-ghor-re-em yê, e nunca mais o “largou”.

Ptal-Rei, ao assumir o 33° grau negativo do degrau de Memon-Ghur yê, passou a ser responsável pelas Sete Portas ou Sete Passagens à “disposição” dos espíritos “caídos” nas trevas, pois negativo é o seu grau, trono e mistérios ocultos.

Não nos é permitido revelar totalmente o mistério “Sete Portas”, mas até onde podemos, é isto:

Toda vez que um espírito humano, encarnado ou não, comete um erro, falha ou pecado, desperta em seu subconsciente uma vibração não perceptível pelo consciente, mas que gera energias negativas que vão se acumulando em seu mental, tornando-o magneticamente negativo. E por causa da “lei das afinidades magnéticas”, imediatamente é ligado por fios ou cordões negativos (escuros) a um trono negativo, cujo magnetismo absorvente (atrativo) é de igual padrão vibratório ou pulsante. E se o espírito não reparar seu erro, falha ou pecado, não romperá este cordão que o liga ao trono responsável por um “plano” da Lei e da Vida reservado exclusivamente para espíritos com afinidades emocionais entre si, e com magnetismos afins com o do trono responsável pelo plano a ele reservado pela “lei das afinidades magnéticas”, ao qual está ligado, e para onde será “puxado” devido à afinidade magnética.

Com isso explicado, esperamos que fique claro que ninguém vai para o “inferno” porque o “diabo” assim o quer.

Não, somente vai para “baixo” quem possuir um magnetismo afim com as faixas vibratórias cujos magnetismos lhe são afins.

E, porque alguém só erra, falha ou “peca” porque possui deficiências em sua “consciência” ou comete excessos emocionais, para essas faixas é atraído e nelas descarregará ou passará por descargas magnéticas “doloridas” que anularão a geração de energias negativas em seu mental devido às vibrações negativas de seu subconsciente.

Existem os planos de magnetismo positivo opostos aos negativos, e cuja “atratividade” atrai os espíritos magneticamente positivos (luminosos).

Então, voltando a Ptal-Rei, o fato é que à esquerda de Memon-Ghur yê, e tendo assumido o trono responsável pelas Sete Portas ou passagens, ele veio a se tornar o responsável pela “descida” dos espíritos magneticamente negativos ou devedores da Lei. Sua atribuição é puxar para baixo quem está muito “pesado”, ou liberar para cima quem já está descarregado, ou “leve”.

Ainda que muitas outras atribuições existam, esta é uma delas. E é a partir dessa atribuição que relataremos o resto da sua “história”: a história do Guardião das Sete Portas!

Um grupo de “graus” já afins por causa da convivência próxima formou-se, reunindo Sépter-Real, Ptal-Rei, Meiman-Shur, o Grande Mago da Pedra Azul, o Sentinela, o Senhor do Trono dos Sete chifres e seu guerreiro dos infernos, e mais alguns que no decorrer desta história serão apresentados, todos assumidos pelo Grande Mago da Luz Cristalina.

O Grande Mago reuniu-os e começou a prepará-los segundo os princípios da Tradição, visando a preservá-los de um fim não positivo devido ao poder que haviam adquirido como guardiões dos tronos do degrau de Memon-Ghur.

O domínio em que Ptal-Rei assentara o trono sob sua guarda foi o escolhido para os encontros periódicos nos quais discutiam as dificuldades

surgidas no decorrer de suas atribuições. E no domínio de Sépter-Real, por ser positivo, seria onde o Grande Mago da Luz Cristalina dirigente do Templo base da Tradição os instruiria sobre os mais diversos aspectos e atribuições daqueles tronos assumidos por eles.

Em um salão “criado” pelo Grande Mago, como o chamaremos a partir de agora, toda uma vertente do degrau de Memon-Ghur yê estava reunida à espera da chegada dele, que daria uma instrução geral a todos, e outra particular e pessoal a cada um deles em separado, visando a estabelecer limites para a atuação coordenada de todos no mesmo propósito: sustentar no astral a religião nascente!

A instrução geral abordou os aspectos que deveriam predominar na religião, e a pessoal fez com que cada um tomasse consciência plena dos mistérios que passava a guardar, porque incorporara ao seu próprio grau, trono ou degrau.

— Vocês responderão perante os sagrados Guardiões da Lei pelo mau uso que venham a dar aos poderes que absorverem, falou-lhes o Grande Mago.

— Também, a partir do momento em que absorveram aqueles graus e tronos simbólicos do degrau de Memon-Ghur, vocês passaram a ser duplamente desejados pelos poderosíssimos senhores do astral negativo das religiões abstratas. Para eles, vocês são troféus disputadíssimos, e não tenham dúvidas que tentarão reduzi-los às suas sementes originais sem outro objetivo que o de extrair de suas memórias imortais os mistérios que já portavam desde suas origens, assim como os que acabaram de absorver e incorporar aos seus próprios graus naturais. E isso só será possível após eles reduzirem vocês às suas sementes originais. Portanto, todo cuidado é pouco e precisarão contar, em sua retaguarda, com o amparo mental dos sete Guardiões da Lei nas Trevas. Sem isso, vocês não resistirão por muito tempo às investidas ou ao assédio dos enviados deles.

A uma indagação de Ptal-Rei, o Grande Mago respondeu:

— No seu caso, como é desde sua origem um guardião dos sete símbolos da lei nas trevas, ou dos sete símbolos negativos, só a proteção do sagrado Iá-shan-ghor-yê não lhe bastará, porque há outras atribuições pertinentes a este seu grau natural.

— Quem pode fornecer-me este amparo mental, Grande Mago?

— Só o guardião natural e regente planetário responsável pelas coisas sagradas ocultadas atrás dos símbolos sagrados.

— Quem é ele?

— Ele é o sagrado e divino regente natural Iá-or-rá-sha-iim-la-hi-em yê. Caso você deseje, eu o conduzo até o ponto de forças da natureza regido por ele, onde será absorvido e depois incorporado à hierarquia humana paralela à natural, regida por ele. A partir daí, ele dará a você sustentação mental por ser um portador desse grau natural. Mas, em contrapartida, a hierarquia que o receberá irá recorrer a você, porque é portador natural

de muitos poderes relativos ao mistério responsável pelos símbolos sagrados da Lei nas trevas.

— Eles sabem que, como Guardião das Sete Portas, você tem deveres e obrigações e a emoção não cabe em momento algum, mas como guardião dos símbolos sagrados da lei nas trevas, a razão terá que prevalecer o tempo todo. Mesmo quanto tiver que podar os excessos de algum de seus companheiros no degrau de Memon-Ghur, pois, se tudo se interliga num nível mais elevado ou sutil, no entanto ali, como servidores do sagrado Lá shan-ghor yê, são espíritos servindo unicamente à nascente religião natural da qual você também participou, como o fundador no plano material e fundamentador no plano espiritual. Percebe como, num nível muito superior, tudo vinha conduzindo-o àquele grau no degrau de Memon-Ghur yê?

— Sim, senhor.

— Você terá que refletir muito sobre todos os acontecimentos ocorridos desde sua última encarnação, Ptal-Rei.

— Eu tenho, senhor. E tanto tenho que depositei em suas mãos o meu destino, assim que aquele mago desgra... digo, maravilhoso de astuto, leal e corajoso nos deixou órfãos de um líder único.

— Tem razão. Ele é único como líder, ou como mago, Ptal-Rei. Outro igual, nunca vi.

— Por que ele cortou sua jornada no mundo dos espíritos quando tinha tudo para tomar o degrau de Memon-Ghur yê sem ter de sacrificar- se? Ele poderia vencer Lúcifer yê só com sua astúcia!

— Claro que podia. Mas ele não desceu para lutar contra Lúcifer yê. Ptal-Rei.

— Não?!

— E claro que não. Ele combateu e derrotou uma fúria negativa responsável pelo lado negativo do degrau de Memon-Ghur yê, sabia?

— Eu não sabia, Grande Mago. Mas sinto que preciso saber isso agora mesmo, exclamou Ptal-Rei, inconformado.

— Acalme-se, Ptal-Rei. É uma longa história a ser contada.

— Só saio daqui depois que entender tudo o que aconteceu.

— Vou lhe contar tudo.

CAPÍTULO 15

A HISTÓRIA DE MEMON-GHUR YÊ

Resumindo, foi isso que o Grande Mago revelou a Ptal-Rei:

Memon-Ghur yê, num tempo impossível de ser demarcado na ordem cronológica porque pertenceu a uma era anterior à que estamos vivendo, era uma divindade natural assentada no trono regente de uma hierarquia celestial responsável por todo um plano da Lei e da Vida.

Enquanto responsável pela evolução natural, ele era um ótimo regente de todo um estágio evolutivo. Mas, e não me pergunte por que, em dado momento a ele foi ordenado que começasse a enviar os membros de seu degrau para o ciclo reencarnacionista humano.

Quando restou apenas ele, então também encarnou e deu início a uma maravilhosa religião regida pelo sagrado Iá-or-ri-iim-a yê.

Com o passar dos tempos, muitos dos graus dele foram caindo no negativo do lado negativo, atraídos por falsas promessas de que recuperariam seus tronos naturais.

Memon-Ghur yê também deu início à recuperação de seu degrau, amparado pelo Grande Mago Regente atual, mas que ainda não era regente naquela época.

E por razões que não nos importam, ele começou a cair, cair e cair, sempre tentando chegar àquele trono, ápice de seu degrau, deixado visível somente para atraí-lo cada vez para mais “embaixo”.

Mas, não sabemos como nem quando, ele, intuído por um mental poderosíssimo, tentou apossar-se do ápice de sua pirâmide, foi atraído, ou melhor, puxado para o embaixo daquela pirâmide energética, e acabou possuído por uma fúria negativa que o aprisionou dentro daquela aparência canina assustadora.

Dizem aqueles que me são anteriores e superiores, que o negativo da religião iniciada por ele o possuiu.

Memon-Ghur vagou por milênios nas mais profundas trevas da ignorância como um cão danado, atacando outros seres caídos tão danados quanto ele, destruindo-os. Uns dizem que ele havia absorvido uma das fúrias

da morte de Om-lu yê. E possuído, levava a morte final aos possuídos por fúrias infernais, que ele odiava, pois haviam perseguido seus graus além de seus limites humanos e naturais, com o único propósito de inverter aquela pirâmide energética sustentadora do seu degrau.

O Grande Mago Regente, que havia sido o pai carnal dele, tentou de tudo para livrá-lo daquele encanto, mas sem sucesso.

Então, quando Hash-Meir, em outra encarnação, desceu até a sétima esfera negativa, por razões que desconhecemos, adquiriu a "simpatia" de Memon-Ghur e prometeu que um dia, não importando quando esse dia viesse a ser, haveria de libertá-lo, e o conduziu aos domínios mais profundos de Om-lu yê, proporcionando um certo alívio em seu tormento infernal.

O Grande Mago Regente, menos preocupado com o destino final de seu filho, passou a auxiliar o "mago" que havia assumido o compromisso de libertar Memon-Ghur da posse da fúria. Passou a ampará-lo mentalmente em várias encarnações, impedindo que ele viesse a sofrer alguma queda muito acentuada e escapasse dos limites de hierarquia humana da Tradição.

Memon-Ghur por sua vez, orientado por um mensageiro da morte, defendia-o com toda a sua fúria mortal dos ataques vindos do embaixo visando a derrubá-lo, pois era um semeador de religiões naturais.

O fato, resumindo, é que o nosso "mago" não é um mago. Ele é uma divindade lançada no meio reencarnacionista oriundo diretamente do sétimo degrau do sétimo dos regentes planetários. E por isso que ele pode descer até o sétimo, oitavo ou nono degraus negativos e não sofrer deformações em seu corpo energético, ou mesmo espiritual. Ele traz em sua semente original fontes geradoras de energias d

elementais puras, que, quando num meio adverso, simplesmente o tornam insensível às energias degeneradoras das esferas densamente negativas, e delas imediatamente ele passa a "alimentar-se".

Lúcifer yê deseja o mistério oculto dentro do mental dele, porque, dominando-o, criará seu reino perfeito nos abismos das trevas da ignorância. Mas outros grandes das trevas, possuídos pelos seus negativos, também o desejam. E aí está o mistério dos mistérios: Lúcifer yê não o quer inconsciente e os outros não o querem consciente.

Não foi contra Lúcifer yê que ele combateu lá embaixo. Lá ele lutou contra os membros da hierarquia de Memon-Ghur caídos na sétima esfera negativa. E porque inverteu a posição de suas armas, também inverteu sua polaridade e os derrotou usando contra eles seus próprios mistérios negativos, assim como as fúrias da Lei e da morte que ativou para que nenhum deles escapasse.

Ele, tendo tido sua memória imortal reavivada, apenas cumpriu o que havia prometido tanto a Memon-Ghur quanto ao pai dele, o Grande Mago Regente do Magno Colégio dos Magos e regente atual da Tradição Natural conservadora dos princípios naturais da evolução das "espécies", a humana entre elas.

Quanto a Lúcifer yê, esteve próximo, mais uma vez, de atrair para seu domínio natural, mas abstrato, o único ser que realmente poderá libertá- lo de algumas fúrias que dele se apossaram. Ele se apossou de tantos mistérios negativos, que num mistério em si mesmo se tornou.

Foi por isso que ele, ao mesmo tempo que estava furioso com a inversão das armas realizadas pelo nosso "mago", também tudo a ele oferecia sem outra exigência que não a de que por pouco ele se mantivesse.

Saiba que quando um ser celestial, e o nosso mago é um, inverte a posição de suas armas, dá início a um novo ciclo reencarnatório se já estiver liberto do ciclo estiver. E ele já estava!

— Logo, ele lançou para muito à frente uma nova oportunidade de estar tão próximo de Lúcifer yê, e ser convencido para que o liberte daquelas fúrias que o atormentam.

Como o Grande Mago se calou, Ptal indagou:

— Por quê? Já que podia, era só libertá-lo e acabar com tudo de uma vez, não?

— Não é bem assim, Ptal-Rei. Ele, ao libertar Memon-Ghur yê, perante o Setenário regente, tornou-se "senhor" e responsável por todos os mistérios, atributos e atribuições pertencentes ao lado negativo do degrau de Memon-Ghur, que quando atua nos espíritos humanos caídos nos planos negativos magneticamente afins com o negativo daquela pirâmide energética, assumem, se espíritos masculinos, a aparência de cães e, se femininos, a de cadelas. Isso é um mistério que um dia revelarei, caso digno dele venha a se tornar. Mas adianto que, aquilo que você, por ser senhor de uma hierarquia e portador de mistérios naturais, conseguiu fazer com seus "escravos e escravas" devolvendo-lhes suas aparências humanas ou aprisionando-os na forma plasmada de corais que podem ser anulados por outro mental poderoso, o negativo do degrau de Memon-Ghur faz naturalmente, e nenhum mental humano pode desfazer.

— Incrível!

— É sim. Portanto, cuidado quando recorrer a seu poder. Poderá estar revelando seu mistério a algum outro mental poderosíssimo disfarçado em escravo, ou caído.

— Como fazem isso?

— Usam a sua própria visão para penetrar em sua memória imortal e adquirir as chaves de seus mistérios naturais.

— Só eles podem fazer isso?

— Não. Eu já vasculhei o seu consciente, sua memória imortal e todos os seus mistérios, Ptal-Rei. Se eu fosse um inimigo seu, eu os ativaria dentro do seu mental contra você e o lançaria num tormento único, igual ao que se apossou de Memon-Ghur. Acredito que foi isso que algum mental poderoso fez com ele. Portanto, mantenha-se sempre dentro dos seus limites que os regentes naturais, cujos mentais são planetários e abarcam todas

as dimensões da vida e todos os níveis conscienciais, o preservarão desses poderosíssimos mentais negativos atuando nos abismos ou no abrigo das sombras.

— Era isso que Hash-Meir fazia para derrotar os magos adversários ou inimigos?

— Mais ou menos. Outros recursos também eram ativados naqueles casos. Mas não nos desviemos do que tenho a dizer agora: o mensageiro, porque lutou contra o lado negativo do degrau de Memon-Ghur e o derrotou, automaticamente passou a ser o "senhor", o responsável pelo que lá embaixo existia. Libertou Memon-Ghur mas a um preço altíssimo, que terá de ser pago.

— Como?

— Não sei ainda. Mas desde o momento em que ele "subiu" com aquele degrau, o negativo dele já havia assumido o negativo do degrau, pois o havia subjugado. O tempo nos dirá como o negativo daquele degrau irá cobrá-lo.

— Sempre que assumimos um trono, grau ou degrau isso acontece?

— Sim. E aí reside o maior dos perigos: muitos espíritos caídos, atormentados pelos seus negativos, buscam a libertação de sua fúria apossando-se do trono, grau, degrau e mistérios alheios. Mas nós sabemos que não é bem isso que acontece, porque, ao apossarem-se de um trono, colocam- se ao alcance do negativo de alguém ou de algum mistério que nunca dominarão completamente. O preço é acrescentar mais negativismo ao próprio negativo. Logo, não saia por aí apossando-se de tudo quanto for trono ou domínio das trevas que se mostrem atraentes ou atrativos, senão em pouco tempo estará tão negativamente magnetizado que será arrastado para alguma esfera tão densa que dela não mais conseguirá se afastar.

— Os temidos senhores dos domínios trevosos são escravos deles. É isso?

— Exatamente. Se eles abandonarem por um só instante os tronos que ocupam, serão puxados para mais baixo ainda pelo negativo dos tronos e mistérios que vinham usando.

— Entendi. Há um preço a ser pago, caso assumamos algo que não nos pertence: pagamos com a nossa própria vida, certo?

— Certíssimo. Portanto, atenha-se às suas atribuições atuais ou às que os regentes naturais vierem acrescentar-lhe e jamais será incomodado por negativos poderosíssimos, pois

eles, os regentes, é quem os estarão absorvendo ou dominando mentalmente, mantendo-os neutros ou paralisados. Nesse caso, não há perigo algum em assumir como guardião um grau, degrau, trono ou mistério natural.

— Entendi.

— Ótimo! Em nosso próximo encontro abordaremos outros aspectos tão importantes quanto este, para que num ótimo guardião venha a se tornar.

— Sim, senhor. E obrigado por ter aceito o meu destino, Grande Mago.

— O seu destino pertence a você, Ptal-Rei. Pode fazer com ele aquilo que seu íntimo pedir ou exigir. Eu só assumi sua instrução para que um ótimo servidor dos sagrados regentes naturais venha a ser. E caso pense que ele está em minhas mãos, digo que assim que a mim você o confiou, depositei-o aos pés do meu regente, bem ao lado do meu.

— Por quê?

— Bem, caso você venha a agir de forma racional e equilibrada, o seu regente sagrado irá irradiar luz em sua "vida". Mas se assim não proceder, luz ele dela tirará. E aí apenas você ficará prisioneiro dos seus erros, nunca nós dois ao mesmo tempo. Afinal, eu aprecio um sábio, astuto, esperto e poderoso "auxiliar". Quanto aos escravos ignorantes, idiotas e tolos, estes que sejam assumidos pelos ambiciosos grandes das trevas. Entendidos?

— Isso significa que, agindo dentro dos meus limites e atribuições, irá me amparar. Mas caso eu extrapole, aí...

— Dentro dos seus limites contará com meu auxílio e com a proteção mental do regente sagrado. Fora deles, eu não poderei auxiliá-lo, e ele o punirá automaticamente.

— Que bom! Já não tenho mais com que me preocupar, não é mesmo?

— É, a não ser com os que vagam na escuridão, com o resto já não tem com o que se preocupar, Ptal-Rei.

— Qual é a porcentagem de espíritos que caem ou vagam pela escuridão, Grande Mago?

— Uns setenta por cento, Ptal-Rei.

— Só uns setenta por cento? Só com eles?

— Bem, existem os caídos das hierarquias naturais que, por desespero, aceitam abandonar os lados negativos dos pontos de forças e colocam- se a serviço dos grandes das trevas. Com eles deve se preocupar um pouco mais, pois em princípio odeiam os seres humanos ou deles se alimentam emocionalmente.

— Puxa! Então estou assumindo compromissos que me colocarão em contato com setenta por cento dos espíritos humanos e uns poucos seres dementais devoradores de energias humanas.

— É, eles são só uns poucos.

— Posso saber quantos são eles?

— Ah! creio que os trinta por cento que faltam para completar os cem por cento que tornam as trevas um lugar nada recomendável para alguém que não aprecie muito a agitação intensa, certo?

— Por “agitação intensa” entenda-se viver à beira dos abismos conscienciais, certo?

— Ou sob o fio da lâmina da espada da Lei.

— Que animador! Acho que vou gostar deste meu novo trono negativo.

— Tenho certeza que sim. Afinal, você não é Ptal-Rei por acaso, não é mesmo?

— E, estou bem encaminhado na vida. Coloquei meu destino ao lado do destino de um mago que aprecia tanto as trevas, que até envia seus auxiliares para elas. Há, há, há...

— Eles vão, é certo. Mas felizes, Ptal-Rei!

— Muito felizes, Grande Mago. Muito mesmo!

CAPÍTULO 16

UMA CILADA PARA OS GRAUS DE

MEMON-GHUR YÊ

Ptal-Rei assumiu suas atribuições no lado negativo da religião que ajudara a semear, e porque o contato com outros guardiões à esquerda dela era constante, acabou por “enturmar-se” com eles que também, “todos felizes”, viviam no meio da escuridão e em choques constantes com espíritos caídos nos lados negativos de outras religiões (os setenta por cento), ou esquivando-se dos caídos dos reinos elementais (os restantes trinta por cento das trevas).

Freqüentemente, reuniam-se nos domínios do trono dos Sete Chifres, o mais “organizado” no negativo da religião nascente, pois ele, o senhor daquele domínio das trevas, era “muito antigo” e remanescente de uma religião já extinta, juntamente com a era onde ela predominara.

Aquelas reuniões aconteciam no grande salão de recepção de uma imensa construção, uma cidadela, cópia exata de outra que havia existido no plano material.

O Guardião dos Sete Chifres era generoso com os que ali se reuniam, e por ser o mais “velho” do grupo e o mais bem instalado e estruturado, assumiu liderança naturalmente.

Estavam reunidos, e às gargalhadas, quando o guerreiro retornou de uma de suas investidas contra domínios alheios. E pelo seu estado, a luta tinha sido renhida, já que seu corpo estava

aberto em vários lugares. Cortes profundos à mostra, e o “caldo” escuro que deles corriam eram a mostra eloqüente de como as coisas haviam acontecido.

— O que aconteceu que demorou tanto, guerreiro?

— Meu senhor, aquela desgraçada era bem protegida! justificou-se ele com o Senhor do Trono dos Sete Chifres.

— Quem a protegia?

— Era um maldito gênio caído no inferno, chefe. Mas acabei com ele e trouxe a semente original do canalha. Acho que ainda dá para descobrir o mistério que o tornava tão poderoso.

— Dê-me o que restou dele, guerreiro. Depois darei uma olhada nele. O que mais tem para mim?

— Estão trazendo aquela maldita senhora das trevas e uns elementos caídos, que, creio eu, lhe serão muito úteis.

— Infernos, guerreiro! Você sabe que não aprecio a presença dessa canalha.

— Destes aí irá gostar, meu chefe. São todos fêmeas!

— Pior ainda. Elas são incontroláveis, e você sabe disso tão bem quanto eu!

— Garanto que essas que consegui serão mais dóceis que as escravas do seu jardim das delícias, meu chefe.

— O que lhe dá esta certeza, guerreiro?

— Isso, meu chefe! exclamou ele, despejando diante do trono um monte de “ovóides”.

— De quem são?

— Das que destruí, meu chefe.

— Tem certeza? Como conseguiu reduzi-las às suas sementes originais, se isso é impossível?

— Prefiro não revelar isso agora, meu chefe. Afinal, essa descoberta custou-me estes cortes profundos.

Todos os guardiões ali reunidos haviam silenciado desde a chegada do guerreiro, e curiosos ouviam o relato. Mas quando o guerreiro calou-se sobre como havia reduzido elementos caídos a míseras sementes originais. Ptal-Rei exclamou:

— Guerreiro desgraçado de esperto! Isso não se faz com um companheiro de sina! Não se faz mesmo!

— É, isso não se faz! concordou Meiman-Shur.

— Mas do que vocês estão reclamando? perguntou o Guardião dos Sete Chifres. — Isso é entre meu guerreiro dos infernos e eu.

— Não é não, Sem-Pher-ri-im! respondeu de pronto Sépter-Real. Você sabe muito bem que nós sabemos que você e este seu guerreiro se falam mentalmente mesmo estando em faixas vibratórias diferentes. Logo, se ele falou que descobriu um meio de acabar com os elementos caídos na nossa presença, é porque você já sabia disso antes e ordenou-lhe que falasse só isso para atiçar nossa curiosidade.

— Não é nada disso, Sépter-Real!

— Sem-Pher-ri-im, o que tem em mente? perguntou Ptal-Rei.

— Absolutamente nada, Ptal-Rei! exclamou o Guardião do Trono dos Sete Chifres. Mas não convenceu a nenhum deles, pois todos ficaram a olhá-lo com desconfiança.

Sépter-Real, sempre direto, foi logo ao ponto da questão:

— O que deseja de nós em troca desta descoberta. Afinal, o nosso maior problema em defender os domínios naturais sob nossas guardas tem sido os constantes ataques desses elementos caídos.

— É o que deseja em troca do segredo da anulação dos elementos caídos e dos gênios, Sem-Pher-ri-im? perguntou Ptal-Rei.

— Quem falou em segredo de como anular gênios caídos?

— Você falou! exclamou, irritado, Sépter-Real.

— Esperem um pouco, pediu Sem-Pher-ri-im. — Eu só estou negociando o segredo dos elementos caídos!

— Nada disso! Ou tudo ou nada! exigiu Ptal-Rei. — Afinal, de que adianta saber como anular os elementos caídos se não ficarmos sabendo como acabar com os malditos chefes deles, os gênios caídos?

— É tudo ou nada, Sem-Pher-ri-im! também exigiram todos os outros guardiões ali reunidos.

— Droga! Não sei por que negocio com vocês.

— Você só negocia conosco porque deve ter algo grande em vista, e não conseguirá obtê-lo sem que arrisquemos nossos pescoços por você, certo? Logo, ou tudo ou nada! impôs como condição Seph-Man-shi-ni-im, o Grande Mago da Pedra Azul e Guardião dos Tronos das Sete Caveiras e da Pedra Negra.

— Vocês todos são uns chantagistas inescrupulosos que além de tudo se aproveitam da minha hospitalidade e dos confortos desta minha cidadela. Como posso ser tão inconseqüente em franqueá-la a um bando de aves de rapina como vocês? defendeu-se o Sete Chifres.

— Não tente se passar por um pobre inocente. Descobri que você tem nos usado como ameaça contra os imbecis que deseja manter fora dos seus domínios, atacou Ptal-Rei.

— O quê?! Como pode acreditar nas intrigas dos meus inimigos? Logo você, um dos nossos, Ptal-Rei?

—- É, eu também já soube disso, Sem-Pher-ri-im, falou Sépter-Real. Logo, o que tem em mente?

—• Droga, como posso servir à Lei e manter meus domínios se aqueles em quem mais confio já começam a acreditar em intrigas que visam a minar nossas sólidas amizades?

—- O que tem em mente? insistiu Sépter-Real.

— Como vocês podem acreditar em tão falsas intrigas? Vocês não percebem que isso é pura invenção deles para isolar-me e tomar meus domínios?

— Sem-Pher-ri-im! Que droga! Vamos logo ao ponto da questão, pois já descobri o mistério daqueles elementos caídos e acho que já sei como é o dos gênios que deles se servem. E se você não parar com esta sua "cândida inocência", não vou arriscar meu pescoço por um domínio seu que

você irá abrir para nós e nossas necessidades mais imediatas, falou Meiman-Shur.

— Quem falou em abrir um domínio meu às suas necessidades? Estão vendo? Vocês são um bando de ingratos e chantagistas. Logo, logo, vão exigir que eu empreste meu guerreiro dos infernos a vocês, e até... se cuidados eu não tomar, alguns dos mistérios do trono dos Sete Chifres, o mais poderoso das trevas.

— Mantenha longe dos meus domínios este seu guerreiro desgraçado de astuto e cruel, exclamou Ptal-Rei, percebendo a ameaça lançada por Sem-Pher-ri-im.

— Ptal-Rei tem razão, Sem-Pher-ri-im! Você está ultrapassando os limites do bom senso que deve prevalecer entre nós, atacou Sépter-Real. Vá logo ao ponto e não recorra a ameaças invertidas, certo?

— Não posso acreditar no que estou ouvindo! Meus fiéis e confiáveis companheiros de sina, além de darem crédito às intrigas dos meus inimigos, ainda acusam-me de ameaçá-los com meu guerreiro dos infernos ou os poderosos mistérios ocultos do trono dos Sete Chifres. Só pode ser aquela maldita da... — e Sem-Pher-ri-im calou-se.

— Até que enfim você está chegando ao ponto, falou Seph-Man-shi- ni im, rindo da negociação que ali acontecia.

Ao contrário do que imagina quem desconhece os procedimentos nas trevas, ali ainda se negociava algo grande, muito grande. Era algo que só o trono dos Sete Chifres não conseguiria conquistar. E o segredo de como destruir um gênio rebelado ou os elementos caídos, assim como a abertura de seus domínios aos seus "aliados", era o preço a ser pago, assim como a ameaça de recorrer aos mistérios do seu trono e ao seu guerreiro dos infernos, temido por todos, era a sinalização codificada de que se não fosse ajudado, iriam ter encrencas. E assim

que, as coisas funcionam nas trevas, e isso, entre aliados jungidos pela lei para guardar os domínios negativos de uma religião.

— Finalmente você chegou ao ponto, Sem-Pher! exclamou Ptal-Rei. Quem é a maldita que colocou em seu pescoço uma lâmina?

— Eu disse que havia alguma lâmina na minha garganta? Eu disse isto? Sépter-Real, você que é o mais sensato e racional dos meus aliados, eu disse isso?

— Como será a partilha dos domínios dela? respondeu Sépter-Real com uma pergunta. — Afinal, a partir do momento que colocarmos nossas lâminas contra esta em seu pescoço, os nossos também estarão correndo risco. E pelo estado em que está seu guerreiro, deve ser uma lâmina bem afiada, não?

— Mais isso terei que conceder a vocês? Eu não disse! Vocês são mais rapinantes que os abutres dos infernos! exclamou Sem-Pher-ri-im,

encenando uma contrariedade que não sentia, pois o que tinha em mente nunca poderia tomar sozinho, nem manter, caso conquistasse. Era melhor partilhar os domínios que desejava do que vir a perdê-los logo depois devido à cobiça que despertavam. Então, com gestos de desagrado que ocultavam seu contentamento íntimo, por fim exclamou:

— Está bem! Vocês me venceram e... bem... depois nós discutiremos sobre os domínios da rainha dos... e o nome dela aqui não revelamos.

— Desgraçado ambicioso! exclamou Meiman-Shur. Isso é coisa que se faça com um aliado?

— Seu filho de uma cadela! exclamou Ptal-Rei, já preocupado com seu pescoço.

— Eu sabia que devia ter me retirado assim que vi seu guerreiro chegar todo retalhado, falou Sépter-Real.

— Droga! Sou tão novo nestas coisas e acho que não vou envelhecer se ela for como dizem! exclamou o Sentinela.

— Pode encomendar sua semente original, recomendou Ptal-Rei. Ela é mil vezes pior!

— Desta vez você ultrapassou seus limites, Sem-Pher! exclamou o Mago da Pedra Azul.

— Ela não é nada do que dizem, companheiros, falou o Guardião do Trono dos Sete Chifres. — Tenho certeza de que a derrotaremos facilmente, caso articulemos um ataque cerrado em todas as frentes, invadindo todos os domínios dela.

— Um ataque simultâneo? Foi isso que ouvi?

— Isso mesmo, Ptal-Rei. E... imagine só os mistérios que descobriremos quando finalmente tivermos em nossas mãos a semente original dela! Dizem que ela já reina nas trevas há tanto tempo, que nem da própria origem se lembra.

— Que droga. A desgraçada está assentada no topo de um degrau negativo, Sem-Pher! Você está louco ou foi possuído pela fúria infernal da ambição?

— Não é nada disso, Sépter-Real, justificou-se Sem-Pher. — Apenas não acho justo deixar que ela derrote o mensageiro da morte que derrotou o negativo de Memon-Ghur yê.

— Espere aí, pediu Ptal-Rei. — O que você sabe sobre ele? Onde anda ele?

— Sim, onde ele está atuando? Desde que aqueles seres da luz o recolheram, não soubemos mais nada sobre ele.

— Bem... a situação é esta: ele reencarnou há algum tempo e parece que está tendo problemas em realizar uma vontade do sagrado Iá-fer-ag- om-ior-hesh yê.

— Quem lhe pediu isso, Sem-Pher? quis saber Sépter-Real.

— Bem, foi o senhor do meu destino na luz. Vocês sabem como são esses pedidos, não?

— É, sabemos sim. E você, muito ambicioso, tentou ficar sozinho com o negativo da religião que ele deve estar tentando semear, certo? perguntou o Grande Mago da Luz Azul.

— Só pode ter sido isso, concordou Ptal-Rei.

— Agora que está ameaçado de morte final por ela, aí sim, vem solicitar nosso auxílio, falou Sépter-Real.

— Com um aliado como você, os nossos inimigos não passam de mero passatempo para desocupados, Sem-Pher, sentenciou Meiman-Shur — Acho mesmo que muito breve vou deixar de ser incomodado por esu “secura” na minha garganta!

— Por quê? perguntou o Sentinela.

— Oras, logo não terei mais garganta!

O Sentinela passou a mão na própria garganta e a seguir falou:

— Droga, eu estava muito bem como Sentinela do Templo base. Por que tive que dar ouvidos a Ptal-Rei quanto àquele mísero lodo, se para anulá-lo de meu passado tive que assumir todo o inferno?

— Droga de infernos! Já estou sentindo uma lâmina incandescente e afíadíssima encostada nesta minha ressequida garganta, reclamou Meiman- Shur, que ameaçou o Guardião do Trono dos Sete chifres:

— Sem-Pher-ri-im, caso eu me safe desta enrascada infernal em que você, astutamente, nos envolveu, saiba que estará em débito comigo!

— Que inferno! O que pode fazer uma coral-rei contra a senhora do Fogo dos infernos, que voltou-se contra nós e já está à nossa espera? reclamou Ptal-Rei, muito furioso.

— Sim, ela já está gargalhando à nossa espera. Que estupidez, Sem- Pher! exclamou Sépter-Real. —- Nem minha coral encantada posso enviar para descobrir algum ponto fraco, caso algum ela possua, para livrar o meu pescoço de sua lâmina incandescente.

— Acho até que você armou com seu guerreiro esta coisa de gênio fora-da-lei e elementos caídos só para nos enganar e atrair, para não ir sozinho ao encontro do seu destino final, não é mesmo? falou o Grande Mago da Luz Azul. — O que você acha se eu o atraísse e o atirasse contra o sagrado Om-lu yê, Sem-Pher?

— Bem... você sabe, não é mesmo?

— A verdade, Sete Chifres! Quero toda a verdade, senão reduzirei, agora mesmo, tanto você quanto seu guerreiro, a ovóides e os oferecerei pessoalmente à sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê, em sinal de reparação pela estupidez que cometi por não ter atentado para a armadilha que você havia nos preparado.

— Eu ...companheiros ....

— A verdade, Sem-Pher-ri-im! Toda ela, ou sua semente final por nos ter colocado contra uma divindade negativa. Afinal, Kali Mahesh-mi-iim-yê é o negativo feminino do sagrado Iá-fer-ag-iim-ió r-hesh yê.

— Grande Mago, ela não é tão cruel como dizem aqui no inferno.

— Não? Então por que o senhor das ilusões Lúcifer yê não se mete nos domínios dela? Você sabe por quê?

— Bem, ele não é o que aparenta ser, certo?

— Certíssimo, Sem-Pher! Ele pode ser tudo o que queiramos imaginá- lo, menos maluco ou idiota. E se nem ele, que odeia as divindades naturais, ousa invadir os domínios da sagrada Kali yê, ou mesmo incomodá-la, porque sabe que será fulminado por aquele fogo elemental, por que você nos induziu a isso?

— Vocês... sabem quem é o meu senhor na luz, certo?

— Sabemos! responderam todos ao mesmo tempo.

— O fato é que recebi dele a incumbência de proteger o mensageiro de Ag iim yê, que vocês já sabem quem é, que reencarnou com a missão de purificar aquele solo, cujas trevas está sob a guarda direta de Kali Mahesh- mi-iim-yê, que é justamente a sagrada regente do fogo da destruição. Vocês sabem como é o fogo dela, não?

— Isso todos nós sabemos. Continue! exigiu Sépter-Real.

— Bem, eu estava tendo problemas com uns malditos tronos dela, e resolvi investir contra eles para defender-me e preservar o mensageiro do sagrado Ia-fer-ag-fim yê.

— Mandou seu guerreiro dos infernos contra ela?

— Ele e mais alguns outros, Sépter-Real. Mas não diretamente contra ela. Só atacamos uma guardiã de um dos tronos da hierarquia dela.

— O que dá no mesmo, certo? falou o Grande Mago da Luz Azul. — Todos nós sabemos que investir contra um degrau completo ou um de seus tronos é a mesma coisa, a reação virá diretamente do trono regente, que ativará toda a hierarquia contra quem investiu contra um de seus graus ou tronos.

Meiman-Shur, entre o sarcasmo e a tensão, ainda encontrou humor suficiente para perguntar:

— Guerreiro, como é que você foi retalhado deste jeito? Por acaso foram as unhas afiadas de alguma daquelas encantadoras de “serpentes” da sagrada Kali Mahesh-mi-iin-yê que resistiu ao encanto de sua flauta mágica? Há, há, há...

—- Meiman-Shur, vê se não tem com que se preocupar antes de me humilhar! exclamou o guerreiro, irritado.

— Não foi você mesmo quem disse que não havia uma só rainha das trevas que pudesse resistir aos encantos da sua flauta mágica?

— Eu consegui descobrir como destruir os temidos gênios fora-da-lei, não consegui? Pelo menos isso nenhum outro antes sabia como fazê-lo, certo?

— É, mas acho que este segredo “morrerá” conosco, murmurou Ptal- Rei, muito tenso. — E nem podemos contar com o amparo dos Magos da Luz. Que encrenca!

— Reflitamos um pouco, sugeriu o Grande Mago da Luz Azul. — Se o mensageiro da morte agora é mensageiro do fogo sagrado, e Sem-Pher foi encarregado pelo Grande Mago Regente da Luz Cristalina, então estava no seu direito revidar ao que considerou uma ameaça ao seu protegido na carne.

— Foi isso que aconteceu, justificou-se Sem-Pher.

— Então, temos que nos colocar sob a proteção do Senhor do Fogo Sagrado antes de mais nada.

— Como? perguntou Sépter-Real, já antevendo a saída encontrada pelo Grande Mago da Luz Azul.

— Memon-Ghur yê pode conseguir isso para nós, pois sendo o regente de um degrau, tem acesso direto aos regentes planetários e poderá invocar a presença do Sagrado Guardião do Fogo Divino, que nos integrará às suas hierarquias de graus guardiões. Com isso conseguido, aí sim poderemos auxiliar Sem-Pher a defender seu protegido sem colocar em risco os nossos graus e tronos da Lei.

— Espere um pouco, Grande Mago! exclamou Ptal-Rei. — O senhor já atentou para um detalhe importante desta alternativa?

— Qual, Ptal-Rei?

— Oras, os graus das hierarquias do Sagrado Guardião do Fogo Sagrado têm um campo tão vasto de atuação nos infernos das religiões que se formos incorporados a alguma das hierarquias dele, nosso trabalho dobrará!

— Por mim, tudo bem, falou Sépter-Real.

— Eu quero isso! exclamou o guerreiro de Sem-Pher.

— Não me incomodo de acrescentar mais atribuições às que já aceitei desde que concordei em servir o sagrado lá yê, em seu lado cósmico, falou o Grande Mago da Luz Azul.

— Se isso livrar minha ressequida garganta da lâmina incandescente da sagrada Kali-Maheshimi-iim-yê, menos mal. Estou com o senhor, Grande Mago da Luz Azul. Afinal, da última vez que fui canalhamente induzido a voltar-me contra o sagrado Om-lu yê, fui possuído por esta fúria da morte que só se alimenta das energias vitais dos malditos que atentam contra a vida e o sagrado lá yê. Logo, imaginem se mais uma fúria, e agora a do fogo da destruição, me possuir. Além de "morrer" de sede, caso não esgote as energias dos malditos espíritos humanos que atentam contra a vida, serei calcinado pelo calor de alguma fúria negativa da sagrada Kali-Mahesh-mi- iim-yê.

— É, Meiman-Shur tem razão. De fúrias negativas já nos bastam as que despertamos contra nós em nossos negativos, concordou Ptal-Rei.

— Todos de acordo? perguntou o Grande Mago da Luz Azul, Guardião do Trono das Sete Caveiras nos domínios do sagrado Om-lu yê e Guardião do Trono da Pedra Negra na hierarquia do degrau de Memon-Ghur yê.

— Devemos salientar que, naquele salão do trono dos Sete Chifres, um trono negativo de um degrau natural da Lei e da Vida, não estavam somente os que aqui se manifestaram. Havia muitos outros graus, todos ocupantes de tronos na pirâmide de Memon-Ghur yê, e outras hierarquias ou degraus. Todos eram guardiões executores com as mais variadas atribuições, mas nenhum deles ainda estava ligado às hierarquias do Guardião do Fogo Sagrado, a divindade natural cujo nome mantrâmico e sagrado é: lá-fer-ag-iim ior-hesh yê.

CAPÍTULO 17

A LUTA CONTINUA

Após todos concordarem, um dos presentes perguntou:

— Como iremos enganar Memon-Ghur yê para que ele nos apresente ao Sagrado Guardião do Fogo Divino?

— Retire o que acaba de dizer, guardião! bradou o Grande Mago da Luz Azul, muito furioso.

— Eu só coloquei uma questão, Seph-Man!

— Retire imediatamente, estúpido imbecil! ordenou novamente o Grande Mago. Agora mesmo!

— Eu... — e mais o infeliz grau do degrau de Memon-Ghur yê não conseguiu dizer, pois caiu no solo e foi consumido pelo poder do mistério que tinha por missão guardar.

— Que idiota! exclamou Sépter-Real. — Como pode ter pensado algo desta natureza, se havia sido bem esclarecido e advertido que tudo o que fazemos ou pensamos chega à memória mágica do mistério maior localizado no ápice da pirâmide que nos sustenta energeticamente?

— Que estúpido! Eu até gostava dele, sabem? murmurou o Grande Mago da Luz Azul. — Bem, vou recolher sua semente original e entregá-la ao Grande Mago Regente do Templo base. Ele saberá o que fazer com o resto imortal desse nosso irmão de sina.

— Posso dar uma olhadinha na memória imortal dele antes, Seph- Man? pediu Ptal-Rei.

— Por quê? perguntou o Grande Mago, irritado.

— Bom, o senhor sabe como é, não?

— Não sei não, Ptal-Rei. O que deseja com esta “olhadinha”?

— E se o estúpido trazia em si mesmo algum grau que desconhecíamos? Afinal, poderá nos ser útil mais tarde, caso o encontremos por aí, no meio de algum abismo, certo? Sabia?

— Ptal-Rei, Lúcifer caiu justamente por proceder assim,

— Não, não! exclamou Meiman-Shur. — Eu soube que ele caiu porque absorveu tantos mistérios, graus e degraus negativos em si mesmo que acabou se transformando no que é. Agora... acho justo todos nós darmos uma olhadinha rápida no que restou deste nosso companheiro de sina e descobrir algo que nos seja útil.

— E, nós não vamos absorver nenhum mistério dele. Apenas conhecê- lo, certo? falou Ptal-Rei.

— Esta sua obsessão por conhecer os mistérios alheios ainda os conduzirá em definitivo aos infernos mais profundos, sabiam?

— Que droga, Seph-Man! Estar sendo atraído por Kali-Maheshi-mi- iim-yê já não é isto? irritou-se Meiman-Shur. — O senhor pode ter optado pela via cósmica da evolução, mas ao que nos consta, é o único por aqui que pode optar, pois o restante, todos nós, opção alguma tivemos. E se, de alguma forma, este nosso irmão de sina e destino puder nos fornecer alguns segredos agora que já não precisa mais deles, melhor para nós, certo?

Diante da “pressão” daqueles guardiões, o Grande Mago da Luz Azul acabou cedendo. E quando deu sua “olhadinha”, do seu íntimo brotou um gemido de dor e uma exclamação de ira:

— Infernos traiçoeiros!

— O que descobriu, Seph-Man? perguntou Sépter-Real.

— Este infeliz irmão nosso é o senhor do degrau das Sete Espadas da Lei.

— O meu líder natural! exclamou o Sentinela.

— Não é possível! lamentou Ptal-Rei.

— O infeliz nem sabia disso, pois seu degrau está perdido em algum lugar das trevas da ignorância.

— É, e o único trono restante ainda visível é aquele lá no lodo, Sentinela. Acho melhor nós, antes de mais nada, lhe auxiliarmos na absorção dele para que o degrau das Sete Espadas não se perca para todo o sempre. Se o ápice não está com seu verdadeiro e natural senhor, então você corre um risco terrível ficando distante do seu trono natural.

— Vamos ao lodo, Sentinela! ordenou Sépter-Real.

— Agora? perguntou o Grande Mago da Luz Azul.

— Imediatamente, Seph-Man. Acho que este nosso irmão de sina foi induzido a “pensar” contra o trono maior que o sustentaria. E até imagino por quê.

— Por quê? - indagaram todos os guardiões ali reunidos.

— O trono das Sete Espadas é um dos degraus à direita do trono natural planetário do sagrado Iá-fer-ag-iim-ior-hesh yê. Logo, a divina Kali yê o induziu a irradiar um pensamento de traição a Memon-Ghur yê para anulá-lo, porque ela sabe que o degrau das Sete Espadas da Lei serve justamente a quem nós iremos pedir amparo. E caso este nosso irmão chegasse diante do Sagrado Guardião do Fogo Divino, tudo poderia acontecer, certo?

— Claro!!! Na certa foi ela quem afastou o degrau das Sete Espadas da Lei do seu ponto de forças naturais, exclamou o guerreiro dos infernos.

— Eu sou um dos graus deste degrau. E aquela escrava dela, ao atrair-me, na certa queria anular-me.

— Sim, é isto! exclamou o senhor do trono dos Sete Chifres. — Ela começou a destruir minhas legiões de escravos somente para me irritar e induzir-me a enviar contra aquela maldita Rainha do Fogo o meu melhor guerreiro, assim destruiria mais um grau do degrau das Sete Espadas!

— Malditos infernos! exclamou Meiman-Shur. —- Como sobreviver em paz num meio onde a dissimulação e a traição é a regra? Como recorrer à razão, se atiçam nosso emocional o tempo todo, tomando nossa mente com as ondas distorcidas desses poderosos mentais invertidos ou dissimu- ladores?

— Tenho uma proposta a fazer, falou Ptal-Rei.

— Qual é a pergunta? perguntou Meiman-Shur.

— Vocês sabem como odeio traições, certo? Logo, proponho que. pela preservação do degrau das Sete Espadas da Lei, todos empenhemos nossas palavras perante o degrau de Memon-Ghur yê, de que absorveremos os mistérios ocultos do degrau deste nosso irmão de sina, e que tudo faremos para auxiliar o Sentinela a recuperar os graus dele. até que esteja apto novamente a lançar-se na reconquista e recondução dele ao seu lugar no ponto de forças natural, agora que ele está reduzido à sua semente original.

— Apoiado! exclamou Sépter-Real. — A sagrada Kali Mahesh-mi- iim-yê saiu fora-da-lei dos mistérios regentes, pois atingiu um grau de uma hierarquia natural completa assentada pelo sagrado Iá-shan-rá-im-ghor-re em yê na pedra fundamental de uma religião natural aberta ao meio material humano. Agora a coral encantada que em mim vive, já está emitindo seu piado sibilino de luta!

— E isso mesmo! exclamou Ptal-Rei. — A coral-rei já começou a desenrolar-se lá no fundo do meu negativo. E o sibilar dela me diz que as afiadas presas dela estão sobrecarregadas do seu mortífero veneno e deseja injetá-lo nas serpentes rubras que servem à sagrada Kali yê!

— Minha garganta está ressecando demais. Minha taça-caveira está sedenta, pois sentiu que nos domínios regidos por Kali yê existem muitos mentais que atentaram contra a vida e o divino lá yê. À luta, guardiões da Lei no reino da morte! bradou Meiman-Shur, o cavaleiro da morte, inundando aquele salão e os domínios do trono dos Sete Chifres com seus cavaleiros-caveiras da morte.

Todos aqueles guardiões, ligados às mais diversas hierarquias dos regentes planetários naturais, começaram, mentalmente, a movimentar suas legiões de espíritos afins e a ativar seus poderes e mistérios.

E todos, irados, bradaram:

— Pelo degrau de Memon-Ghur yê, empenhamos nossa palavra que tudo faremos para restituir o degrau das Sete Espadas da Lei ao seu local de origem, ainda que isso nos custe a própria vida!

— Agora, acalmem-se. Pressinto que uma fúria incandescente do Fogo Divino paira sobre nós à procura de um líder para nos conduzir na

invasão dos domínios regidos pela sagrada Kali yê. Não devemos ceder à emoção, certo? pediu Seph-Man.

— É isso o que nos tem instruído nossos magos na luz, concordou Sépter-Real.

— Ótimo. Lembrem-se de como nosso irmão de destino e sina mensageiro da morte se portava nos momentos de maior tensão: anulava seu emocional e ativava seu racional em todos os sentidos!

— Kali yê atua a partir das emoções, certo? falou Sem-Pher, o Guardião dos Sete Chifres. — Logo, nós, atuando por meio da razão, nos colocamos fora do alcance de sua lâmina aquecida no fogo destruidor das emoções.

— É isso. Vamos nos guiar unicamente pela razão. Assim esta fúria do Fogo Divino, caso queira juntar-se a nós na invasão dos domínios regidos pela sagrada Kali-Mahesh-mi-iim-yê, então que o faça segundo os ditames da Lei: que ela seja incorporada às armas simbólicas dos hierarcas do Sagrado Guardião do Fogo Divino. Sigamos o processo natural das ações da Lei que os mentais planetários nos conduzirão segundo suas vontades naturais, anulando os nossos emocionais aguerridos, ordenou o Grande Mago da Luz Azul, já despontando como o líder natural daquela invasão que mobilizaria "meio inferno".

— Qual o primeiro procedimento, Grande Mago? perguntou Ptal-Rei.

— A primeira coisa a ser feita é olharmos demoradamente a memória ancestral deste nosso irmão reduzido à sua semente original, e pela nossa palavra empenhada, assumirmos a guarda do mistério natural do degrau das Sete Espadas. Aí dominamos, por meio da memória ancestral dele, os mistérios regentes do degrau desaparecido, e nunca mais eles se perderão ou serão apagados da memória humana, pois sinto que este é o objetivo oculto na investida dos tronos negativos de Kali yê contra o novo mensageiro e semeador do Fogo Divino. Acho até que o mistério maior que anima a alma imortal do mensageiro do Fogo Divino está nos guiando para junto dele para que o auxiliemos na sua nova semeadura sobre a face da Terra, e justo em cima dos domínios ígneos da sagrada Kali Maheshi-mi-iim-yê. Se tivermos que assumir compromissos e mais atribuições, que os que já possuímos, que sejam pelo Sagrado Guardião do Fogo Divino.

— Honra seu grau, Grande Mago da Luz Azul, falou Sépter-Real.

— Coloco meu destino ao lado do seu nesta ação natural regida pelos ditames da Lei. Só liberarei meus tronos e todos os poderes e mistérios neles concentrados caso assim a Lei ordene, pois aí estarei imune ao fogo destruidor das lâminas incandescentes dos servos da sagrada Kali Mahesh- mi-iim-yê.

— É isso o que desejo de todos, pediu o Grande Mago. — Por alguma razão, Kali yê conseguiu atingir um grau do degrau de Memon-Ghur yê. Com esta ação, ela pode ter, aparentemente, saído da Lei. Mas... E se razões ela tinha para reduzir este nosso irmão à sua semente original?

— Pode ser que ela tenha deixado algum acerto de contas do passado para quando muito ele tivesse a perder, respondeu Sépter-Real. — E o

Grande Mago Regente do Templo base sempre insiste conosco para que resgatemos as manchas escuras do nosso passado, para que não tenhamos que ser submetidos às ações devastadoras da Lei, certo?

— É isso que temos ouvido, confirmou o Sentinela. — Eu vou assumir aquele trono no lodo, que é uma mancha do meu passado, e preservarei o degrau das Sete Espadas da Lei para

que nunca se perca na memória da humanidade. Sinto que já amadureci e já estou apto a absorvê-lo.

— Também sinto isso, Sentinela, concordou Ptal-Rei que disse mais:

— Recolha de volta seu destino que a mim confiou, irmão de sina e destino. É hora de você assumi-lo por inteiro e em todos os sentidos!

— Em mim terá uma gratidão eterna, Ptal-Rei. Honrou seu grau de Guardião dos Sete Símbolos da Lei nas trevas ao assumir meu destino pantanoso e movediço. Por todo o sempre contará com minha espada, minha honra e minha lealdade, desde que dela precise para suas ações guiadas pela Lei e seus ditames nas trevas da ignorância!

— Grande Sentinela! Honra seu grau, seu degrau, e os mistérios ocultados por trás das sete espadas simbólicas.

— O trono dos Sete Chifres já lutou contra os caídos que haviam se assentado em tronos graus do degrau das Sete Espadas, falou Sem-Pher.

— Mas no decorrer dos tempos os perdemos, Sentinela. Eu tentei juntá-los ao lado do meu guerreiro dos infernos, mas forças desconhecidas, mas não tanto, os ocultaram em abismos impenetráveis, onde até agora permanecem. Estão fora do nosso alcance!

— Em um dia, ou em uma noite, todo o degrau haveremos de devolver à direita do Sagrado Guardião do Fogo Divino.

Após todos se assenhorearem dos mistérios do degrau das Sete Espadas, acompanharam o Sentinela até o lodo onde estava submerso seu degrau e trono. Ptal-Rei auxiliou-o mentalmente a assumi-lo e absorvê-lo, após ele ter assumido diante da Lei e da Vida sua culpa pela existência daquele lodo humano, assim como o compromisso de reintegrar à Lei e à Vida todos os espíritos humanos ali jungidos pela Lei, pois haviam atentado contra a vida.

Após assentar seu trono no domínio pantanoso que havia assumido, o Sentinela seguiu com seus companheiros de destino e sina para o encontro com Memon-Ghur yê. Este recebeu a todos, mas foi ao Sentinela que se dirigiu em primeiro lugar:

— Honra seu grau, seu degrau e o mistério maior que se manifesta por intermédio das Sete Espadas da Lei, Sentinela! É um grande bem para si mesmo e para o meu degrau e o trono natural da pedra negra o que acabou de realizar, pois aquele lodo do seu passado estava escurecendo um dos graus do meu degrau e paralisando você no tempo. Mas agora, em sua vida e ações, tudo voltará a fluir naturalmente.

— Por que nosso irmão de sina e destino foi reduzido à sua semente original, Memon-Ghur yê? quis saber o sentinela.

— Ele, num dia ou numa noite de seu passado imemorável, caiu diante da Lei e da Vida e por afinidade magnética seu trono regente saiu dos domínios do Guardião do Fogo Divino e deslocou-se até os domínios do fogo da destruição, onde a sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê é a regente natural. Como ele não atendeu aos chamados mentais dela para que até lá fosse e

assumisse o domínio onde está o trono regente dele, ela o fulminou por meio do mistério deste degrau, induzindo-o a voltar contra mim um pensamento negativo.

— Eu também tenho contas pendentes com ela, Memon-Ghur yê? perguntou o guerreiro.

— Não, irmão de destino e sina. Era com ele que ela tinha contas a acertar. Mas poderá auxiliar o senhor natural do seu degrau, caso assuma em meu degrau o grau e o trono por ele assumido, pois você estava a amparar meu libertador. Aceita, guerreiro dos infernos?

— Honra um caído em todos os sentidos, Memon-Ghur yê. Isso talvez venha a trazer perturbações ao seu degrau.

— Certa vez um irmão de destino e sina honrou um cão dos infernos com sua palavra e o auxiliou a libertar-se da possessão de uma fúria da morte, assim como sacrificou-se pela recuperação completa de um degrau da Lei e da Vida caído nas trevas da ilusão. Ele ousou honrar um caído, guerreiro!

— Memon-Ghur yê, sinto-me honrado. E empenho a única coisa que ainda me resta: minha palavra de que honrarei seu degrau, assumindo este grau, com todas as minhas forças, poderes negativos e minha imensa vontade de um dia reinverter esta estrela simbólica que marca meu ser imortal desde minha origem. Nas atribuições deste seu grau, use-me com intensidade. Mas caso isso ainda não venha a ser o bastante diante de seu tão nobre gesto para com um caído em todos os sentidos, então também coloco à disposição de seu trono regente a minha lâmina imantada com uma fúria da Lei nas trevas, que se alimenta das energias humanas e espirituais dos caídos por blasfemarem contra o sagrado lá yê.

— Assim foi comigo, assim será com você. Assim é a Tradição, guerreiro. Incorporarei ao meu degrau o seu negativo e assumo o embaixo do trono natural que um dia ocupou, mas que está perdido nos inalcançáveis domínios da ilusão, e lá permanecerá até que o oráculo dado ao mensageiro se realize.

O guerreiro assentou-se no trono deixado vazio, e pouco tempo depois era o guardião dele, até que seu ocupante natural voltasse a se tornar apto a ocupá-lo. Memon-Ghur yê então falou:

— Mais um dos graus de Memon-Ghur agora você é, guerreiro dos infernos e destruidor dos blasfemadores!

CAPÍTULO 18

SÉPTER-REAL ENCONTRA

o AMOR DE SUA VIDA

Memon-Ghur yê conduziu seus graus e tronos até o ponto de forças naturais, e recorrendo ao seu grau de trono regente de um degrau assentado em paralelo às hierarquias naturais sustentadoras da evolução natural dos seres, invocou o Sagrado Guardião do Fogo Divino.

Aos poucos, o sagrado Iá-fer-ag-iim-ior-hesh yê foi se condensando até que ele, uma divindade celestial, planetária, e mental responsável pela sustentação dos princípios purificadores da Lei, plasmou-se e se tornou visível.

O esplendor do Sagrado Guardião do Fogo Divino impressionou profundamente a todos aqueles iniciados guardiões dos mistérios naturais.

Se Iá-shan-rá-iim-ghor-re-em yê os impressionara pela sua majestosidade divina, Iá-fer-ag-iim impressionava pelo esplendor.

É certo que todos eles foram contemplados com as espadas simbólicas do sagrado guardião que iria distingui-los como membros de uma de suas hierarquias cósmicas ou negativas, e atuariam no lodo escuro da espiritualidade. Mas é certo também que receberam pesados encargos “trabalhistas”, pois iriam operar diretamente como executores da Lei nas trevas. E enquanto se mantivessem dentro de seus limites e seguissem os ditames da Lei, o mental planetário Ag-iim-hesh os sustentaria e defenderia dos poderosos mentais negativos dos “grandes das trevas”, já assentados nos infernos há milênios incontáveis.

Ao saírem do ponto de forças naturais onde o Sagrado Guardião do Fogo Divino Ag-iim-hesh se plasmara, outras eram as concepções de todos eles, assim como novas atribuições e poderes já haviam incorporado aos que já possuíam.

Mas o mais importante é que a fúria ígnea da Lei, que estivera prestes a possuir um deles no momento em que seus negativos se voltaram contra o fogo da destruição, foi por uma vontade manifesta de Ag-iim-hesh yê, incorporado às suas espadas simbólicas. E dali em diante àquela fúria da Lei, ceifadora de excessos religiosos, eles recorreriam naturalmente caso em seus negativos a célula básica do instinto de sobrevivência das leis e dos princípios religiosos viessem a ser ativadas.

Cada um, portador de poderes e graus naturais, tinha uma maneira própria de dar vazão àquela fúria ígnea da Lei. Meiman-Shur sentiu-a em seu alfanje da morte; Ptal-Rei sentiu-a em sua poderosa visão; o guerreiro e o Sentinela sentiram-na em suas lâminas ancestrais; o Grande Mago da Luz Azul e o senhor do trono dos Sete Chifres sentiram-na em seus cetros simbólicos, etc.

Cada um a incorporou ao seu grau e mistério ancestral e a adormeceu na célula básica de seu instinto de sobrevivência. Sépter-Real a incorporou à sua coral encantada, em repouso no seu hiperconsciente, e sentiu um calor abrasador espalhar-se por todos os seus sentidos, fato este que no futuro iria torná-lo um punidor por excelência dos excessos religiosos praticados por sacerdotes dominados pelas ilusões dos poderes terrenos.

Aqui abrimos um parêntese para explicar o mistério das espadas simbólicas usadas por espíritos membros de hierarquias atuantes no astral dirigidas por grandes magos da Tradição Natural.

Se isso aqui fazemos, e com a permissão do Grande Mago Regente da Tradição e do magno colégio dos magos assentado na sexta esfera ascendente, é porque no Ritual de Umbanda Sagrada, assim como nos rituais iniciáticos fechados, a espada simbólica é um instrumento mágico por excelência, ainda que todos os que a ela recorrem desconheçam seu verdadeiro mistério.

Se afirmamos que os magistas que a manipulam desconhecem o mistério da espada simbólica, é porque este conhecimento, trazido ao lado material da vida quando da "descida" do degrau das Sete Espadas da Lei ao plano material, se recolheu e foi ocultado pela Tradição Natural assim que ele, o degrau, cumpriu sua missão como religião no plano material.

Mas, por que agora, dentro do Ritual de Umbanda Sagrada, o degrau das Sete espadas da Lei e da Vida voltou a ser ativado? Porque foram aqueles membros das hierarquias regidas por Memon-Ghur yê, o Senhor Xangô da Pedra Negra, que, guiados por um cavaleiro da Lei e da Vida, o recuperaram por completo e de "alto a baixo", incorporando-o ao Ritual de Umbanda Sagrada no ano de 1916, quando a religião umbandista estava "nascendo" para a "luz" da matéria. Não por acaso, o cavaleiro da Lei e da Vida era o mesmo mensageiro da morte que auxiliara Memon-Ghur yê a recuperar o seu degrau e sua pirâmide energética que, assentados na pedra fundamental do ritual religioso egípcio, sustentou a religião mais racional já surgida na história recente da humanidade.

Muitos acreditam que seja a religião judaica a mais racional, mas estão enganados. No negativo desta religião, o senhor das ilusões, um ser emocional por excelência, conseguiu assentar um dos sete sentidos negativos. E além do mais, a "tradição" sustentadora da cabala hebraica é

mentalista, e não natural como era, e ainda é, a "cabala" egípcia. Mas isso se deve ao fato de a terem adaptado a partir do ritual egípcio.

Bem, quanto ao mistério da espada simbólica, existem sete mistérios da Lei que, por meio dela, se manifestam. Cada um assume uma cor e um símbolo parcial. O símbolo fica na ponta da empunhadura (cabo) e a cor está simbolizada numa pedra mágica incrustada na ponta da empunhadura. onde o símbolo está afixado. Na lâmina existem outros símbolos irradiadores das energias dos mistérios ocultados por trás da espada simbólica. A verdadeira consagração é esta:

1- A lâmina deve ter setenta e sete centímetros de comprimento por sete de largura;

2- O símbolo na empunhadura deve corresponder ao ancestral místico do magista que irá manipular a lâmina (espada);

3- A pedra simbolizadora da cor deve possuir correspondência magnética, energética e irradiante com o "orixá de frente" do médium magista;

4- A consagração terá que ocorrer nessas horas, e em seqüência, por sete semanas, sempre às quintas-feiras:

1ª consagração — 6 horas da manhã

2ª consagração — 9 horas da manhã

3ª consagração — 12 horas (meio-dia)

4ª consagração — 15 horas

5ª consagração — 18 horas

6ª consagração — 21 horas

7ª consagração — 24 horas

5- Em todas as consagrações, a lâmina deverá estar aquecida até que fique rubra (incandescente).

6- Em todas as consagrações, todo um ritual de firmeza dos quatro elementos originais ancestrais deverá ser realizado.

7- O nome sagrado, aqui incompleto, de Iá-fer-ag-iim-ior-hesh yê, o Senhor Ogum do Ritual de Umbanda Sagrada, que não permite a sua grafia mantrânica completa, deverá ser "cantado" repetidamente por sete vezes durante os sete minutos que antecedem a hora ritual, e nos sete posteriores pelo mago iniciador, enquanto o médium que manipulará a lâmina mágica irá consagrando a si e à sua espada, à Lei e à Vida. Assim ele irá assumindo os mistérios do símbolo sagrado que irá regê-lo, suas qualidades, atributos e atribuições, que, se não cumpridos ou respeitados em seus limites humanos, voltar-se-ão contra ele quando vier a manipulá-la.

O "som" do nome sagrado de "Ogum yê" não passamos adiante, assim como sua grafia completa, todo ele formado de palavras silábicas cujos significados também não revelamos. O mistério das horas, também

não revelamos, nem as pedras simbolizadoras das cores, que são sete, não em acordo com as cores do arco-íris, mas sim em acordo com as cores irradiantes dos sete reinos elementais sustentadores da evolução dos seres: Água, Ar, Terra, Fogo, Vegetal, Mineral e Cristalino.

São necessários muitos outros procedimentos, tais como: abstinência total de alimentos de origem animal, sexo, bebidas, contatos públicos, etc.

E mais aqui, num livro aberto, não descrevemos porque se isso ousamos, foi para deixar registrado que muitos supostos magos magistas andam manipulando lâminas frias como se fossem grandes magos da espada.

Vasculhamos suas memórias atuais e as ancestrais, e não descobrimos vestígios de mistérios afins com os do degrau das Sete Espadas da Lei. Observamos seus rituais, e o que assistimos foram pantomimas para impressionar aos incautos ou animizarem-se a si mesmos. Enfim, pura perda de tempo!

Chegamos mesmo a assistir a um suposto portador do poder da espada, que tem a sua afixada numa "tronqueira" de Exu e que a manipula com tanta convicção, que até sentimos pena dele, porque ele realmente acredita que esteja ativando os poderes mágicos de uma espada

simbólica dotada do poder de mover energias “cósmicas”. Pura ilusão! Uma espada mágica deve ser envolta num manto púrpura e guardada em um local consagrado ao Senhor Guardião dos Mistérios do Fogo da Purificação.

Pobre médium umbandista, perdeu toda a noção das coisas divinas e consagra uma espada, guardando-a na tronqueira de seu Exu.

Mas existem outros magistas de outros rituais que fazem outros absurdos semelhantes, riscando símbolos cujo significado desconhecem e invocando entidades cujos nomes simbólicos ocultam mistérios que, mais dias menos dias (ou noites), acabarão por absorvê-los ou imantá-los com algumas das mais absurdas fúrias infernais.

Portanto, se você é um médium no Ritual de Umbanda Sagrada, mantenha-se nos seus limites humanos, confie no seu Caboclo, Preto-velho e Exu, porque eles sabem a quem devem recorrer, caso seja necessário. Não saia por aí riscando símbolos cujo significado desconhece. Deixe isso para seu mentor que, quando muito, riscará apenas alguns traços incompreensíveis a você, mas que ele saberá muito bem para que servem. Se aquilo que ele riscou forem apenas traços alegóricos ou simbólicos, ao menos ao ego de alguém ele estará satisfazendo, ou se ocultando dos “curiosos”.

Fechamos o parêntese aqui.

Após retornarem à pirâmide de Memon-Ghur yê, e por ele serem dispensados, partiram direto para onde estava encarnado o mensageiro de Iá-fer-ag-iim-ior-hesh yê.

No instante seguinte se depararam com uma cena que os paralisou: o mensageiro se deleitava nos braços de uma belíssima mulher!

— Que mago desgraçado de sortudo! exclamou Ptal-Rei! — Olhem só que absurdo de beleza feminina! Acho que vou dar a aparência dela às minhas escravas preferidas.

— Sem-Pher, ele não me parece em perigo, observou Seph-Man, o Grande Mago da Luz Azul.

— É, não parece mesmo! exclamou Meiman-Shur, que ainda murmurou: — É vendo estas coisas que sinto por ter restado de humano em mim apenas estes meus ossos calcinados.

— Bom, pelo menos você não corre o risco de cair em tentação, certo? — observou o Sentinela.

— Quer saber de um segredo, Sentinela?

— Diga, Meiman-Shur.

— Eu daria uma destas falanges da minha mão esquerda em troco de meu antigo...

— Parem com isso, seus devassos! — ordenou Seph-Man.

— Desculpe-nos, Grande Mago... mas o senhor sabe como estas coisas incomodam nossos emocionais, justificou-se Meiman-Shur, afastando-se do leito onde o mensageiro e sua bela amante se deliciavam com o calor da carne.

Meiman-Shur andou por algum tempo à procura de algum indício de perigo, até que se deparou com uma assustadora criatura que portava uma lâmina incandescente.

— Quem é você, companheira de sina e destino? perguntou de chofre, o cavaleiro da morte.

— Guarde sua espada, caveira da morte! Não sou sua inimiga.

— Não estou certo disso ainda, companheira. O que faz por aqui?

— Vigio o “embaixo” do mensageiro do sagrado Iá-fer-ag-iim yê. E você, que porta uma espada simbólica dele, o que faz por aqui?

— Recordações do passado me trouxeram até aqui, companheira. Mas... se vigia o “embaixo” dele, por que está aqui no “meio”?

— Alguns entes infernais foram trazidos por poderosos magos das trevas até o meio e foram direcionados contra o mensageiro visando a destruí-lo emocionalmente.

— Quem é aquela mulher com que ele... você sabe, não?

— Ela é uma serva encarnada da minha senhora.

— Aquela encarnada é uma serva da sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê?

— Sim, ela é.

— Que droga! estão solicitando minha presença junto ao mensageiro. Até mais, companheira!

— Quer minha companhia? Talvez eu possa ajudar a esclarecer algumas dúvidas de seus companheiros de sina e destino.

— Pode vir, companheira.

— Estou sob sua proteção?

— É, está sim. Vamos logo!

No instante seguinte, Meiman-Shur surgia ao lado de Ptal-Rei e dos outros guardiões que, admirados, assistiam a uma cena incomum: a amante do mensageiro, mal ele a havia deixado no leito, era toda envolvida por uma

gigantesca serpente rubra, que absorvia todas as energias sexuais dela, deixando-a prostrada.

— Isso aí é um ser infernal, Grande Mago! — dizia Sem-Pher.

— Tenho certeza que é, guardião, respondeu o Grande Mago. — E acredito que esta mulher é uma escrava carnal da sagrada Kali yê, pois estas serpentes elementais são oriundas de um reino elemental original regido por ela.

— Conhece bem a minha senhora, caveira da morte! exclamou a acompanhante de Meiman-Shur.

Só então o grupo de guardiões notou a presença daquela guardiã dos domínios negativos da Senhora do Fogo da Destruição. O guerreiro puxou sua lâmina e teria desferido um golpe certeiro contra ela, caso Meiman- Shur não a tivesse protegido e ordenado a ele que guardasse sua lâmina mortífera.

— Foi esta maldita que abriu meu corpo em vários lugares, Meiman- Shur. Tenho contas a acertar com ela!

— Depois, guerreiro! Agora ela está sob minha proteção e ninguém irá tocá-la até que algumas coisas por aqui sejam esclarecidas, certo?

— A senhora dela deve algo a mim, cavaleiro da morte, falou o Guardião do Trono dos Sete Chifres.

— Depois, irmão de sina e destino! Depois, está bem?

— Você está cometendo um erro Meiman-Shur! exclamou o guerreiro.

— Talvez não, observou o Grande Mago da pedra azul. — Ouçamos o que Meiman-Shur tem a nos dizer e depois veremos se está procedendo certo ou não. Fale, Meiman!

— Ouçam, ela me revelou que sua senhora a enviou aqui para proteger o mensageiro, pois alguns magos das trevas estão libertando, ou melhor, abrindo passagem para que entes infernais venham para o meio, onde atacam o mensageiro. Se isso for verdade, está havendo uma confusão terrível por aqui.

— É claro que está, caveira da morte. Este estúpido Sete Chifres acredita que minha senhora é responsável pelo desaparecimento dos escravos que ele havia colocado à esquerda do mensageiro de Iá-fer-ag-iim yê. E isso não é verdade, porque ele cumpre na carne um acordo selado entre o Guardião do Fogo Sagrado e a Senhora do Fogo da Destruição: limpar todo um plano da matéria pronto para a semeadura de uma nova religião, no qual o Fogo Divino em suas duas manifestações irá predominar e abrir caminho para que todas as outras divindades naturais possam estabelecer, no lado material, pontos de forças para que as hierarquias naturais possam auxiliar os espíritos encarnados nos seus mais variados estágios de evolução.

— Como sabe de tudo isso, companheira? perguntou Ptal-Rei, impressionado com a comprida e incandescente lâmina daquela figura feminina, que tinha chamas onde deveriam haver pêlos, e seus cabelos pareciam ser fios de fogo caindo em cascata até a altura das nádegas. A cor rubra do corpo também impressionava muito.

— Minha senhora, a rainha do terceiro trono do fogo da destruição.

— Terceiro trono do fogo da destruição? O que isso significa? perguntou o Sentinela, muito curioso quanto àquela figura impressionante, que estendeu uma das mãos e recolheu aquela enorme serpente elemental, enrodilhando-a no próprio corpo.

— Explicar, não posso. Mas caso queiram conhecê-la, os conduzirei até ela, a rainha do terceiro trono do fogo da destruição.

— Isso me parece uma cilada armada por aquela astuta rainha do fogo, falou Sépter-Real.

— Não confia em sua espada da Lei, guardião do trono da coral encantada? desafiou-o a impressionante guardiã.

— Nela, eu confio. Mas quanto a você e sua ígnea senhora, já não posso afirmar nada. Nem ao menos sei quem é ela. E o que vi você fazer no corpo do guerreiro é o bastante para não desejar conhecê-la de muito perto, não acha?

— Se ele não tivesse atacado meus escravos auxiliares, nada disso teria acontecido, guardião da coral encantada. Mas caso queiram uma prova de que estamos lutando do mesmo lado, posso fechar todos os cortes abertos no corpo dele e retirar o fogo da destruição que o está atormentando.

— Como faria isso? perguntou Meiman-Shur.

— Eu encostaria minha lâmina no corpo dele e no mesmo instante os cortes se fechariam e o fogo invisível que o está consumindo seria reabsorvido por ela.

— Quem nos garante que, ao puxar esta lâmina incandescente, você não a usará contra nós todos?

— Eu garanto, caveira da morte. Não confia em mim?

— Bem... você sabe como são essas lâminas...

— Eu confiei em sua proteção, mesmo sabendo que os seus companheiros portam lâminas que podem reduzir-me à minha semente original, caso as voltem contra mim.

— Você é corajosa, guardiã.

— Nem tanto, caveira da morte. Apenas confiei em sua palavra, e nada mais.

— Se Meiman-Shur empenhou sua palavra, nada tem a temer de nossa parte, guardiã, falou Ptal-Rei. — Detesto quem falta com a palavra empenhada.

— Eu também, Guardião dos Símbolos da Lei nas Trevas.

— Eu confio nela, falou Meiman-Shur.

— Eu também, assentiu o Grande Mago.

— Então, puxe sua lâmina, mas advirto-a de que já sei como destruí- la, companheira! exclamou Sem-Pher.

— Também já sei como destruí-lo, Sete Chifres. Não são só vocês quem estão descobrindo o segredo de mistérios alheios. E tanto sei, que já ordenei às minhas auxiliares que não os destruam, pois em verdade somos aliados na proteção ao mensageiro.

— Suas escravas? perguntou Sépter-Real.

— Isso mesmo. Elas estão bem debaixo de vocês!

Sépter-Real olhou para baixo, e assustado exclamou:

— Infernos traiçoeiros!

— Este inferno aí não é traiçoeiro, guardião. Ele subirá até aqui caso eu venha a estar em perigo, o que não é o caso, é?

— Não, claro que não, respondeu rapidamente Sépter-Real. — Mas que as coisas por aqui acontecem de forma incomum, este é um caso, sabe?

Aquela guardiã sorriu para ele, que, encabulado, murmurou:

— Que absurdo! Você está tentando me encantar e não estou conseguindo reagir ao seu encantamento.

— Não o estou encantando, guardião da coral encantada. Apenas estou, com meu fogo da destruição, anulando em seu emocional certos acúmulos de energias negativas surgidas a partir de tristes recordações de coisas acontecidas em sua vivência no plano material, que despertavam em seu íntimo sentimentos que reprimiam sua capacidade de amar o elemento feminino, e ainda mais fizeram, porque o afastou da convivência pacífica com o sexo oposto. Apenas isso está acontecendo com você.

— Como sabe de tudo isso, guardiã?

— Esta é uma de minhas atribuições, guardião. O fogo da destruição não faz só o que vocês sabem ou pensam saber. Ele, ao consumir as energias humanas negativas, desobstrui os sentidos, e as energias positivas voltam a fluir novamente.

— Por que fez isso por mim, guardiã?

— Seus méritos perante a Lei superam em muito os seus débitos, guardião. E, ao desobstruir seus sentidos, sinto que estará mais apto a retornar ao seu passado e resgatar das trevas das ilusões aquelas que despertaram em seu emocional sentimentos tão negativos em relação ao elemento do sexo oposto.

— E esta atração que estou sentindo por você? Isso não é um encantamento terrível?

—- Talvez isso esteja acontecendo porque sou o primeiro elemento do sexo oposto que você olha após ter seu emocional purificado dos acúmulos negativos que despertavam a antipatia quanto às “mulheres”, guardião. Mas... sinto-me encantada e lisonjeada por ouvi-lo dizer que se sente atraído por mim. É mútua esta atração, sabe?

— Infernos! exclamou Ptal-Rei. — O que está acontecendo com você, Sépter-Real? Não percebe que esta guardiã o está subjugando mentalmente e dominando-o emocionalmente, despertando em seu subconsciente o latejar do desejo por ela?

— Cale-se, Ptal-Rei! Eu nunca interferi ou o censurei por manter toda uma legião de escravas dos seus desejos, certo?

—- Não, nunca fez isso, Sépter-Real. Mas advirto-o de que ela o está encantando. Logo a você, o portador natural da coral encantada!

Sépter-Real sacudiu a cabeça, fechou os olhos por um instante, e quando os abriu, pediu:

— Por favor, irmã de sina e destino, retire do corpo deste nosso irmão seu fogo da destruição e feche estes cortes horríveis que o estão desfigurando, sim?

— Faço isso num instante, meu senhor.

— Seu senhor? Foi isso que ouvi? perguntou Sépter-Real espantado.

— É sim. Agora é meu senhor.

— Por quê?

— Minha regente, a sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê, há muito tempo me disse que, quando meu tempo tivesse chegado, em minha vida surgiria um ser encantado humanizado que inundaria meu ser com suas humanas vibrações de amor e energizaria meu íntimo incandescente com suas energias humanas, proporcionando-me sensações de prazer tão intensas, que ao êxtase eu finalmente seria conduzida. E você, o portador da coral encantada, está inundando meu ser com as irradiações do seu amor. Logo, é o encantado humano que tanto tenho procurado, meu senhor. A partir de agora, pertenço a você em todos os sentidos, e em todos os sentidos o servirei!

— Espere um pouco. Eu não estou desejando assumir o seu destino, guardiã! exclamou Sépter-Real.

— Já o depositei junto ao seu, meu senhor.

— Então, recolha-o novamente, sim?

— Não posso fazer isso. Não agora que realmente posso sentir como são agradáveis as suas irradiações de amor.

— Infernos, Sépter-Real! exclamou Meiman-Shur. — Você está tremendo mais diante de uma fêmea que daquela vez que lutamos contra o embaixo do degrau de Memon-Ghur yê! Há, há, há...

— Cale-se, Meiman-Shur! Não vê o que ela está fazendo?

— Oras, assuma o destino dela e terá uma fêmea ígnea para todo o sempre, Sépter-Real. Afinal, ela é uma guardiã elemental, ou não percebeu isso assim que pousou seus olhos neste corpo incandescente? perguntou Ptal-Rei, caindo a seguir na gargalhada.

— Droga! exclamou Sépter-Real, muito contrariado com aqueles sentimentos tão confusos. — Trate de curar logo o corpo espiritual do guerreiro. Depois conversaremos sobre o seu destino, está bem?

— Suas ordens são minhas vontades, meu senhor! aquiesceu a guardiã de Kali Mahesh-mi-iim-yê.

Realmente, num piscar de olhos o corpo do guerreiro teve seus profundos cortes fechados, e ele emitiu um longo gemido de alívio quando o invisível fogo da destruição ela retirou de seu "interior". Vendo-o bem, ela pediu de volta as sementes originais de seus auxiliares.

Após recebê-lo de Sem-Pher, convidou Sépter-Real a acompanhá-la até os domínios mais fechados da sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê. Alí, as

sementes seriam recolhidas a uma célula energizadora que lhes devolveria seus corpos elementais destruídos pela lâmina do guerreiro dos infernos.

— Não vá, Sépter-Real, pediu Ptal-Rei. — Ela o aprisionará nos domínios do fogo, irmão de sina e destino.

— Cada um tem a sua hora da verdade e da decisão final, Ptal-Rei. Você desencarnou há pouco tempo e não tem noção disso. Mas eu já vago pelo meio ou pelas trevas há milênios incontáveis. Até a noção de tempo já perdi.

— Aonde você quer chegar com esta conversa tola, Sépter-Real?

— Um dia você entenderá do que estou falando, irmão de sina e destino. Mas digo a você que minha hora da verdade chegou e vou pacificamente, sem mágoas ou remorsos, ao encontro do meu destino final. O que encontrarei, não sei. Mas seja o que for que me aguarda, não relutarei mais em seguir o canto encantador da listra vermelha da coral encantada. Eu subi e vasculhei tudo o que havia na listra branca, e não encontrei o que tanto procurava, ainda que não soubesse o que era. Aí desisti de procurar no alto e mergulhei nas trevas para ver se era lá que encontraria aquilo que me faltava para que eu me sentisse completo. Vaguei, ou melhor, rastejei por todos os abismos que pude alcançar, e neles também não encontrei o que procurava. Afinal, se no alto eu havia encontrado a alegria e nos abismos a tristeza, em nenhum destes dois lados do mundo dos espíritos estava aquilo que eu tanto procurava. Elá pouco, quando estávamos nos domínios do sagrado Iá-fer-ag-iim yê, ele falou comigo, Ptal-Rei. E disse-me que, quando subi, não levei comigo o que me completaria, e que quando desci, havia levado para o embaixo a única coisa que me ajudaria a assentar-me, e completo, eu serviria à Lei e à Vida. Pensei que era meu degrau. Mas agora sei que não era ele e sim Lahima yê, esta nossa irmã de sina e destino e guardiã da sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê. Encontrei nela o amor, Ptal- Rei. Você compreende isso? Nela, e com o auxílio dela, recuperei minha capacidade de amar, pois, em verdade, este era o vazio que existia em minha vida, e que me atormentava.

— Você está nos deixando, Sépter-Real? perguntaram o Sentinela e Meiman-Shur, ao mesmo tempo.

— Não, isso não. Apenas não posso deixar de mergulhar na listra vermelha da coral encantada e descobrir se é nela que está o que não encontrei, nem em sua listra branca nem em sua listra negra. E saibam que procurei, irmãos de sina e destino!

— Você voltará mesmo, Sépter-Real? perguntou o Guardião do Trono dos Sete Chifres, meio triste.

— Pode contar com isso, meu irmão.

— Primeiro Memon-Ghur yê, depois o mensageiro, depois aquele companheiro reduzido à sua semente original, e agora você. Que droga! O inferno está perdendo seus encantos, Sépter-Real! exclamou Meiman-Shur.

— Não é bem assim, irmão. O mensageiro, em nova roupagem, está de volta. Memon-Ghur yê nos tem amparado do alto de seu degrau da Lei

e da Vida. Quanto ao nosso irmão punido, talvez logo o tenhamos de volta também ele, numa nova roupagem carnal. Portanto, sempre estaremos juntos.

— Eu sinto que o perdemos, Sépter-Real, murmurou Meiman-Shur.

— Você é o culpado pelo que está acontecendo com Sépter-Real! acusou-o Ptal-Rei. — Por que não puxou sua espada ou seu alfanje e não reduziu esta elemental à sua semente original?

— Como fazê-lo se a presença dela fez com que minha sede infernal deixasse de me incomodar?

— Infernos, Sépter-Real! Eu seria capaz de sacrificar-me no seu lugar caso você estivesse em risco, e agora você nos diz isso: “Vou deixá- los, irmãos de sina e destino!”, reclamou Ptal-Rei, muito triste.

— Eu juro pelo sagrado lá yê que não estou abandonando-os, irmão; meus. Apenas vou ao encontro do meu destino final. É só isso! Mas voltarei!

— Sépter-Real, vá e descubra na listra vermelha o que tanto lhe tem faltado, irmão nosso! ordenou o Grande Mago da pedra azul. — Eu sei o que é isto. E tanto sei que é justamente por isso que deixei o magno colégio dos magos e mergulhei nas trevas à procura do que não encontrei no lado luminoso da vida. Nenhum ser é, ou se sentirá completo, se não viver no amor de sua amada. E nossa irmã Lahima yê, não tenho dúvidas, é a sua tão procurada amada. Honre-a com toda a sua honra, pois ela, na pureza do amor que vibra por você, ousou depositar o destino dela junto ao seu. E isso é raro, sabia?

— Sim senhor, eu a honrarei.

— Sinto que honrará, Sépter-Real. Até consigo ouvir o sibilante piado da coral encantada, feliz porque você renasceu para o amor. E não tenho dúvidas que será este amor que irá trazê-lo de volta para junto de todos nós. os seus irmãos de sina e destino.

— Eu sei quando perdi, murmurou o guerreiro, muito contrariado e a muito custo, quase sussurrando, falou: — Guardiã, eu sinto muito ter atingido suas auxiliares. Em milhares de anos combatendo a tudo e contra todos, nunca parei para desculpar-me com ninguém. Mas... aceite minhas desculpas pelo nosso mal-entendido, está bem?

— Sinto que é com muito esforço que pede desculpas, guerreiro. Mas mesmo assim as aceito.

Então o Guardião do Trono dos Sete Chifres falou:

— Guardiã do Fogo da Destruição, pode fazer um favor por mim?

— Qual é, Guardião dos Sete Raios da Lei nas Trevas?

— Diga a sua senhora, a rainha do tal terceiro trono do fogo da destruição, que aceite minhas desculpas pelo mal-entendido.

— E quanto ao que descobriram, o que tem a dizer, guardião?

— Refere-se ao segredo de como reduzir os elementos e gênios às suas sementes originais?

— Este mesmo.

— O sagrado Iá-fer-ag-iim yê proibiu-nos de usar este recurso, caso venhamos a ser atacados ou atingidos por seres elementais.

— Ao que recorrerão, guardião?

— As nossas espadas simbólicas de hierarcas dele, guardiã. Diga à sua rainha, e também à sagrada Kali Maheshimi yê que sinto muito pelo mal-entendido. Acho que agora, com tudo esclarecido, talvez ela aceite minhas desculpas, e a dos meus irmãos de sina e destino, não?

— Ela já aceitou, Guardião dos Sete Raios nas Trevas... ou... Sete Raios Cósmicos. Você está muito longe do seu ponto de forças naturais original, certo?

— É, estou sim. Mas... você disse que ela já aceitou?

— Sim.

— E a sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê?

— Também, guardião. Ela só não entende porque vocês a temem tanto, se ela não os odeia.

— Como pode ter certeza que não seremos atacados pela tal rainha do 3º trono do fogo da destruição ou por Kali yê?

— Eu sou a tal rainha, guardião. E só estou aqui porque ela me ordenou que subisse ao meio humano para proteger o mensageiro de Iá-fer- ag- iim yê até que você retornasse, e melhor guardasse sua esquerda, pois do embaixo dele ela mesma está tomando conta, e do alto, o Guardião do Fogo Divino é quem cuida. Como a guarda da esquerda dele pertence a você, cuide dela, e ele cumprirá a missão que lhe foi confiada.

— Não é você quem cuida do embaixo dele?

— Era. Mas quando subi, ela pousou seus olhos nele, e o que nele ela viu a agradou tanto, que ela própria assumiu a guarda do embaixo dele.

— O que foi que ela viu nele de tão especial, Lahimá yê?

— Amor, guardião. Muito amor!

— Você está dizendo ou insinuando que a própria Kali yê, uma divindade elemental, absorveu as irradiações de amor dele, e teve despertado o amor por ele?

— Divindades também amam, guardião! exclamou Lahimá yê, com um sorriso nos lábios.

Ptal-Rei, como de hábito, exclamou:

— Mago desgraçado de sortudo! Já não lhe bastava uma amante tão bela como esta, e ainda é amado por uma divindade do fogo!

Imediatamente, a serpente enrolada no campo de Lahimá yê cresceu imensuravelmente e voltou suas presas ígneas contra Ptal-Rei. O Grande Mago da Luz Azul ordenou:

— Peça perdão imediatamente, Ptal-Rei! Já!

— Perdão, perdão, perdão, sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê. Eu sou um verme humano que não sei me calar, e quando falo, sempre falto com o respeito. Perdão, perdão, perdão! clamou Ptal-Rei, caído de joelhos.

— Não é à minha senhora que deve pedir perdão, guardião, falou Lahimá yê.

Vendo Ptal-Rei já sob o domínio visual e mental daquela criatura, o Grande Mago, muito rápido, perguntou:

— A quem ele deve pedir desculpas, guardiã?

— Ao mensageiro de lá-fer-ag-iim yê, mago. Ninguém chama um mensageiro celestial da Lei e da Vida de desgraçado. Ou ele retira o que disse e pede perdão, ou será punido por ofender uma divindade adormecida pela Lei e pela Vida.

O Grande Mago, demonstrando uma coragem única, interpôs-se entre Ptal-Rei e aquela criatura, e falou:

— Em nome da Lei, peço que releve as palavras de Ptal-Rei, porque ele ama este mensageiro tanto quanto a senhora, sagrada Kali yê. Os dois viveram um longo período, tanto na carne quanto em espírito, muito próximos, e ambos acostumaram-se a tratar-se assim, como os mais íntimos humanos. Portanto, em nome da Lei, peço que releve isso, pois por este mensageiro Ptal-Rei é capaz de doar a própria vida para preservá-lo de seus inimigos.

Aos poucos, a gigantesca serpente de fogo foi encolhendo até retornar ao seu tamanho anterior, e voltou a se enrolar no corpo de Lahimá yê. Mas continuou com seus ígneos olhos fixados em Ptal-Rei, que aos poucos foi recuperando a consciência e o controle sobre seu emocional. E quando pôde falar, pediu perdão ao mensageiro por tê-lo chamado de desgraçado.

— Irmã guardiã, posso perguntar uma coisa sobre esta serpente encantada?

— Por que deseja perguntar algo sobre ela, mago?

— Sou um eterno aprendiz. E gostaria de confirmar algo, se permitido me for, certo?

— É digno do seu grau de mago iniciado em sua origem. O que deseja saber?

— Esta serpente encantada, ela não é Kali yê, é?

— Não, ela é só o que é: uma serpente encantada. E Kali Mahesh- mi-iim-yê, ao ouvir o mensageiro ser chamado de desgraçado, imediatamente atuou contra o ofensor a partir desta sua serva.

— Então...

— Não diga mais nada, mago. Já entendeu o que tanto o instigou. E peço que se cale ou...

— Entendi. Não precisa ameaçar-me, Guardiã do Fogo da Destruição. Entenda que eu precisava entender, porque creio que isso presenciarei mais vezes, já que o sagrado Iá-fer-ag-iim yê ordenou-nos que auxiliássemos seu mensageiro a partir da esquerda. E não quero cometer erro algum, caso eu ainda venha a assistir esta serpente encantada... você me entende, não?

— Perfeitamente, mago. Refere-se a isso, não? falou a guardiã, mostrando algo na serpente ao mago.

— Exatamente.

— Eu já lhe disse que as divindades também amam, não?

— É, disse.

— Quando não fazem isso diretamente, podem muito facilmente fazê- lo indiretamente. Entende?

— Sim, senhora. Obrigado... E até a vista. Lembre-se de que Sépter- Real tem deveres, obrigações e atribuições junto ao degrau de Memon- Ghur yê, irmã de Lei.

— Ele é o senhor do próprio destino, mago. Apenas coloquei o meu ao lado do dele, e como senhor do meu destino e de minha vida, seguirei-o aonde ele desejar ou precisar ir. Compreende?

— Compreendo. Obrigado, irmã de Lei.

— Vocês não querem acompanhar-nos até os domínios naturais regidos por Kali Mahesh-mi-iim-yê?

— É perigoso, irmã de Lei.

— Eu empenho minha palavra de que ninguém os atacará ou os submeterá ao abrasador fogo purificador.

— Não, obrigado.

CAPÍTULO 19

SÉPTER-REAL AFASTA-SE DOS

GUARDIÕES DA LEI NAS TREVAS

Vendo que eles não a acompanhariam, Lahimá yê estendeu as mãos e irradiou uma chama que abriu uma passagem para os domínios do terceiro trono do fogo da destruição, e o que ficou visível fez com que todos recuassem assustados. Um verdadeiro oceano ígneo estava ali, bem à frente deles, sem se derramar para o lado espiritual.

Meiman-Shur comentou para o resto do grupo:

— Vamos perder Sépter-Real. Olhem só aquele fogo! Até parece o centro das lavas incandescentes de um vulcão!

— É, acho que até a semente original dele vai desaparecer desta vez, concordou Ptal-Rei.

— Este Sépter-Real é mais maluco do que parecia. Por uma fêmea de corpo incandescente ele larga seus melhores amigos para trás, e este emocionante inferno onde vivemos nossas maravilhosas vidas de espíritos caídos! Há, há, há..., gargalhou Meiman-Shur, recuperando seu “bom humor” tradicional.

— Será que Sépter-Real viu nela algum mistério que desconhecemos? perguntou o Sentinela.

— Quer entrar naquele inferno ígneo? Vá antes que se feche a passagem! falou Meiman-Shur.

— Não, não. Este meu lodo e aquele fogo acho que não se combinam, não é mesmo? Vai que aquele fogo cisme de desobstruir meus sentidos e aí...

— Nada restará, pois em todos eles só há lodo! Há, há, há... vai lá, Sentinela! exclamou Ptal-Rei.

— Vá para o inferno, Ptal-Rei, respondeu o Sentinela. — Você não sabe que o trono das Sete Espadas está lá dentro?

— Ir para o inferno? E onde você acha que estamos? Ou será que você pensa que isso aqui é o paraíso, Sentinela? Há, há, há...

— Por falar em inferno, olhem os seres infernais que estão surgindo por aqui! alertou o guerreiro, já puxando sua lâmina possuída por uma fúria da Lei nas trevas.

— Infernos, minha sede voltou e tudo por culpa desses desgraçados dos infernos.

— É, sejam quem forem, terão que acalmar esta minha lâmina voraz, Meiman-Shur.

— O mesmo digo eu em relação à minha taça-caveira. A morte voltou a sentir sede de energias negativas de humanos caídos!

— Esperem! ordenou o Mago da Pedra Azul.

— Por que, se minha sede está infernal, Grande Mago? quis saber Meiman-Shur.

— Meus sentidos me dizem que já conhecemos o safado responsável por toda esta confusão.

— Lúcifer yê? perguntou Ptal-Rei.

— Quem mais agiria por meio da dissimulação?

— É isso! exclamou Sem-Pher. — O safado engoliu todos os meus escravos que guardavam a esquerda do mensageiro. Kali yê enviou Lahimá yê para protegê-lo, e eu acreditei que era a responsável pelo sumiço dos meus. Daí...

— Agora tudo está claro, ou melhor, escuro, certo?

— Isso mesmo, mago. Por falar em mago, o senhor é mesmo um mago de origem como Lahimá yê disse?

— Sou sim. E você, é realmente o Guardião dos Sete Raios Negativos?

— Sou sim, mago.

— Agora estamos nos entendendo melhor, não?

— E, estamos sim.

— Como ela consegue ver tudo isso, mesmo que tenhamos nos ocultado por trás de outros mistérios?

— Ela é uma divindade menor do mistério planetário negativo Kali Mahesh-mi-iim-yê, Sem-Pher.

— Tem certeza disso, Seph-Man?

— Absoluta.

— Então, ou Sépter-Real encontrará seu fim, ou um novo começo, certo?

— Isso mesmo. Mas se foi o amor que o uniu àquela divindade menor, com certeza para eles dois será um novo começo, Sem-Pher.

— Acredita que um dia, ou uma noite, o nosso destino nos proporcionará algo parecido?

— Não sei. Mas sem querer ser repetitivo, estou repetindo a jornada de Sépter-Real, sabe?

— Então, nada encontrou no alto que despertasse seu amor perdido, mago?

— Encontrei muitos tipos de amor, Sem-Pher. Mas não o amor da mulher amada.

— Aí decidiu procurá-la nos infernos, Talvez ela esteja caída em algum abismo. É isso?

— Sim, é isso.

— Eu nunca encontrei a “minha” mulher amada nos infernos, mago. Mas, acredite-me, já encontrei muitas que me odeiam, e muito!

— Eu acredito, Sem-Pher. Afinal, já faz um bom tempo que o Guardião dos Sete Raios Negativos está desaparecido do seu posto original, não?

— Muito tempo mesmo, sabe.

— E, eu sei. Sou da mesma era que você, Sem-Pher.

— Verdade?

— Claro. Eu sou o guardião do trono da serpente do arco-íris sagrado. Do terceiro degrau da hierarquia natural dela, para ser mais preciso.

— Então, temos algo mais em comum, além do que imaginávamos, certo "

— Temos mais uma razão para nos sustentarmos um ao outro no lado negativo da espiritualidade, Sem-Pher.

— Onde será que andam os nossos, hein?

— Sei lá. Já cansei de vasculhar ovóides humanos abandonados nos infernos e não encontrei nem o de minha amada e nem um, ao menos, dos meus graus.

— Não acha que as divindades naturais estão brincando conosco, lançando-nos no meio desta confusão humana?

— Acho que sim. Mas só um pouco.

— Por que só um pouco?

— Você está vendo aquele safado assentado naquele trono, o sétimo dos sete sentidos do mal, e que está a nos observar, todo zombeteiro?

— Já o identifiquei. É Lami-Shór.

— Exatamente. Mas eu, com estes meus olhos, vi o safado ser reduzido a um mísero ovóide. E pelo que sei, ele não reencarnou para adquirir novo corpo espiritual, e até melhor que o anterior.

— Tem certeza, mago?

— Ptal-Rei, Meiman-Shur e Sépter-Real, além de Memon-Ghur yê e o mensageiro, presenciaram isso, Sem-Pher.

— Então... Lahimá yê nos disse que levaria aqueles ovóides a uma célula regeneradora, em que teriam de volta seus corpos elementais, certo?

— O que é que estamos descobrindo, guardião?

— Recuso-me a pensar, mago. Isso é o que menos desejo acreditar, principalmente tendo que lutar contra ele.

— Se isso for verdade, então Lúcifer yê é uma divindade negativa que tem nos enganado... e brincado conosco há milhares e milhares de anos.

— Acho que terei de refazer todas as minhas concepções, caso queira encontrar o sentido para estar neste inferno há tanto tempo, mesmo odiando sua escuridão, mago.

— Começo a acreditar que não desci por vontade própria, sabe.

— E eu, se não consigo subir, ainda que já tenha enviado para a Lei da Vida milhões de espíritos já esgotados em seus negativos nos meus domínios. Como posso entender esta falta de “créditos” pelo Senhor da Luz?

— Olhe o riso zombeteiro de Lami-Shór. Ele está se divertindo com nossas descobertas! exclamou Ptal-Rei.

— Está sim. Que safado! exclamou Meiman-Shur. — E pensar que a semente original dele estava ao alcance de minha taça-caveira. E Lúcifer yê o afastou de sua execução final pela morte.

— Vocês já notaram uma coisa? perguntou o mago.

— O que deveríamos ter notado?

— O sagrado Iá-fer-ag-iim yê levou consigo a semente do senhor do degrau das Sete Espadas. Aquelas divindades celestiais levaram o mensageiro assim que se reduziu a um feto espiritual. Lúcifer yê levou a semente original de Lami-Shór. O Grande Mago do Templo base recolheu a semente de Tatimét-Camdor.

— Está insinuando que, de algum lugar, as divindades maiores nos vigiam, e quando esgotamos uma missão ou somos esgotados no cumprimento de uma, elas, as divindades, recolhem nossos restos mortais e...

— É isso mesmo, Ptal-Rei. Você concluiu o meu raciocínio.

— Mas... e se este seu raciocínio for apenas mais uma ilusão lançada por Lúcifer yê para nos confundir mais um pouco?

— Vocês estão vendo um Lami-Shór todo feliz, pois aprecia o que faz. E viram o mensageiro todo feliz nos braços de sua nova amada, pois também aprecia o que faz. Logo, estão em seus elementos.

— Nós apreciamos o que fazemos, não?

— Sépter-Real cansou-se, Ptal-Rei.

— Acredite que um dia nós também esgotaremos este nosso desejo de ação e emoções infernais?

— O tempo responderá a isso, Ptal-Rei. Agora acho melhor nos entendermos com Lami-Shór e dar um fim aceitável às nossas inimizades, pois o safado parece ser imortal.

— Ele apossou-se de toda uma legião de escravas minhas! exclamou Sem-Pher.

— É, e também nos induziu a lutar contra Lahimá yê, que é uma divindade menor, e quase acabou comigo, falou o guerreiro.

— Acho que ela só não acabou com você porque sabia que estava sendo iludido por Lúcifer yê, guerreiro.

— Esperem! pediu o Sentinela. — Se Lúcifer yê não pode e não ousa confrontar Kali Mahesh-mi-iim-yê, pois ela é uma divindade negativa, então iludiu Sem-Pher a lutar contra ela por alguma razão, certo?

— É isso mesmo, Sentinela! concordou Soph-Mahar, outro dos guardiões do grupo. — Reajamos tal como quando aquela fúria da Lei

pairava sobre nós somente porque a ilusão de destruirmos Kali yê estava se apossando de nosso emocional.

— Honra seu degrau, Soph-Mahar! elogiou-o o mago Seph-Man.- Olhe como o sorriso zombeteiro de Lami-Shór desapareceu. Na certa o safado veio aqui com todo um plano maldito já pronto para nos induzir a puxarmos nossas lâminas de hierarcas de lá-fer-ag-iim yê e cairmos em algum abismo dos mistérios da Lei.

— Que desgraçado! exclamou Meiman-Shur. Ainda esgoto o ovóide desse safado na taça da morte. E nesse dia, ou nessa noite, deixará de gargalhar da nossa ignorância e chorará a perda desse maldito ilusionista chamado Lami-Shór. Acho até que vou apontar meu alfanje diretamente contra o mental dele e parti-lo em mil pedaços, pois um bem para a humanidade estarei fazendo.

— Neste caso, estará servindo a outro plano, e este, de Lúcifer yê, que não se incomoda em sacrificar seus escravos, se isso ajudá-lo a escravizar os servos das divindades naturais.

— Tem razão, mago. Afinal, Lúcifer yê sabe que nossas lâminas da Lei podem reduzir Lami-Shór a poeira cósmica. Mas se o induziu a desafi- ar-nos, é porque sabe que aquele que "escravizar" um de seus tronos naturais caídos, terá de ocupá-lo. Logo, aquele de nós que primeiro acertar Lami-Shór, automaticamente será absorvido pelo trono que ele agora ocupa. E aí, possuído pela ilusão que é o mistério desse trono, imediatamente o desejo de se tornar seu senhor, de um de nós se apossará, e um de nós terá chegado ao seu fim, falou Soph-Mahar.

— E, o infeliz tornar-se-á um escravo das ilusões para todo o sempre, concordou Ptal-Rei.

— Será que Tatimét-Camdór, possuído por algum tormento dos infernos, destruiu o ocupante natural de algum dos tronos caídos de Lúcifer yê? perguntou Meiman-Shur. Pois eu, possuído por um tormento da morte, fiz isso e o resultado foi o mistério daquele trono liberar uma das suas fúrias contra mim, e quase me “matar” de sede sempre que estou diante dos idiotas possuídos pelas ilusões, já que eu estava iludido de que poderia vencer a morte.

— Não sei não, mas pela cara de Lami-Shór, estamos enfraquecendo seu mental. Olhem como o safado está furioso. Há, há, há..., riu-se Ptal- Rei.

— É isso! exclamou o mago. — Lúcifer yê deseja introduzir a ilusão na semeadura religiosa do Fogo Divino!

— Que safado! Primeiro, induziu Sem-Pher a lutar contra uma divindade natural. E quando viu seu plano ir arder no fogo destruidor de Kali yê, então nos envia seu mestre das ilusões com o único intuito de nos vingarmos dele, e acertarmos nossas contas pendentes com este idiota iludido, falou Soph-Mahar. E Lami-Shór é um dos desgraçados que arrastou meu degrau para os domínios de Lúcifer yê!

— Sim, Soph-Mahar, é isso mesmo. O safado do Lúcifer yê, que atua por meio do emocional humano, deve estar precisando de algum guardião natural para ocupar um lugar na nova religião que o mensageiro está ajudando a semear. Logo, qual o melhor meio de conseguir um senão entre nós, os designados por Iá-fer-ag-iim yê para cuidar da esquerda do seu mensageiro?

— O enigma foi desvendado! exclamou Sem-Pher, dando uma gargalhada.

— Puxa, é mesmo! exclamou o Sentinela. — Se um de nós, os da esquerda do mensageiro, for absorvido por este trono das ilusões, automaticamente a ilusão, que agora está no embaixo, subirá, e assentar-se-á à esquerda da nova religião natural que no futuro surgirá aqui!

— Grande Sentinela! Honra o degrau das Sete Espadas da Lei e da Vida com seus raciocínios precisos, confirmou o mago.

— Como proceder num caso destes? perguntou Meiman-Shur.

— Muito fácil., falou Ptal-Rei, já desdobrando seu grau de Guardião das Sete Portas. — Vou assentar meu trono à esquerda do mensageiro, e o canalha que ousar subir, será fulminado pelo seu mistério, que não permite que o de baixo suba se no embaixo é seu lugar.

— Honra seu grau, degrau e mistério, Ptal-Rei! — exclamaram todos aqueles Guardiões da Lei e da Vida servindo as divindades naturais.

Lami-Shór tentou volitar e descer, mas o mistério do trono da Lei e da Vida de Ptal-Rei o paralisou, assim como a toda a horda infernal que formava seu séquito de aberrações. Meiman-Shur então bradou:

— Julgue-o, Ptal-Rei e Guardião das Sete Portas dos infernos!

— Julgá-lo? perguntou Ptal-Rei.

— Claro. Temos uma oportunidade única de livrar a humanidade da presença da ilusão!

— Como, Meiman-Shur?

— Nós sabemos quem enviou Lami-Shór até aqui. Então, bastará que ele confirme que foi Lúcifer yê, que o Guardião do Fogo Divino incendiará todos os domínios infernais da ilusão, já que um de baixo não pode intrometer-se nos domínios de um de cima. E Lúcifer yê, caso Lami-Shór, admita isso, ousou invadir este domínio do Guardião do Fogo divino. Entendeu agora? Há, há, há...

A gargalhada foi geral entre os guardiões da esquerda do mensageiro do guardião daquele domínio da Lei e da Vida, que no futuro seria conhecido como solo hindu. Meiman-Shur foi o primeiro a parar de rir e pediu:

— Apresse o seu julgamento, Senhor das Sete Portas dos infernos! Preciso saciar a sede que está me atormentando com os restos mortais de boa parte desta canalha de iludidos que acreditavam que poderiam iludir Kali yê e Iá-fer-ag-iim yê. A morte quer ser brindada pelos iludidos! exclamou ele, já convocando mentalmente sua legião de cavaleiros da morte,

enquanto empunhava com a mão esquerda seu alfanje da morte e com a direita, sua lâmina rubra como sangue humano. E ainda falou:

— Isso me faz lembrar quando o mago olhava para todo um povo caído nos domínios da ilusão e ordenava: “Ceifem as cabeças da hidra do mal!”, há, há, há... E você, Ptal-Rei, dizia: “Que não viva um só dos servos do mal absoluto!”, há, há, há...

— Controle sua fúria da morte, Meiman-Shur. Preciso de toda a calma para realizar um bom julgamento. Afinal, é o meu primeiro caso como juiz humano em disputas entre divindades naturais, certo?

— É isso mesmo, Ptal-Rei. Todos os membros do Setenário o estão observando neste momento crucial. Tenho certeza de que, se se sair bem. daí em diante o elegerão como árbitro natural em questões semelhantes, falou o Grande Mago Regente do Templo base, que acabara de surgir à sua direita.

— O senhor por aqui?

— Claro. Afinal, eu estou na direita do mensageiro de Iá-fer-ag-iim yê.

— Isso significa que, de um jeito ou de outro, sempre acabaremos nos reunindo em torno do mensageiro, certo?

— Acho que a Lei e a Vida aprovaram nosso desempenho na semeadura anterior, Ptal-Rei, Guardião das Sete Portas dos infernos. Inicie seu primeiro julgamento envolvendo os domínios das divindades naturais, irmão de destino e de sina. Que a razão seja o senhor dos arbítrios!

CAPÍTULO 20

PTAL-REI, O GUARDIÃO DAS SETE

PORTAS DO INFERNO, REALIZA SEU

PRIMEIRO JULGAMENTO

— A lei e a razão caminham lado a lado, Grande Mago da Luz Cristalina, falou o Grande Mago Regente da hierarquia dos magos naturais assentados nos graus da Tradição Natural, guardiã dos mistérios divinos.

Ptal-Rei voltou seus olhos para ele e antes que pudesse perguntar algo, o regente disse:

— O próprio demiurgo planetário e regente natural de todas as hierarquias humanas erigidas em paralelo às hierarquias naturais me enviou para assistir pessoalmente ao seu primeiro arbítrio entre os limites das divindades naturais, Guardião das Sete Portas dos infernos!

— Este aprendiz das atribuições humanas da Tradição se sente honrado com sua presença, Grande Mago Regente da hierarquia humana dos magos naturais guardiões dos mistérios religiosos!

— Honre seu grau, degrau e mistérios naturais, Ptal-Rei, e honrados serão todos os seus irmãos de destino e de sina, hierarcas da Lei e da Vida!

— Honrarei meus irmãos, assim como às divindades regentes planetárias, mago regente.

E Ptal-Rei fez surgir em sua coroa a coral-rei viva e imortal da Lei com suas três cores simbólicas: o branco, o vermelho e o preto. O julgamento ia começar!

Lami-Shór estava assustado com o que via acontecer e paralisado pelo mistério do trono das Sete Portas, dali não conseguia fugir. Ptal-Rei fez a primeira pergunta:

— Quem o enviou aos domínios do meio humano, Lami-Shór?

— Isso não lhe interessa, Ptal-Rei. Não pertenço às hierarquias naturais e não vou submeter-me aos ditames dos Guardiões da Lei nas trevas.

— Foi Lúcifer yê quem o instigou a invadir domínios alheios, Lami-Shór'

— Por que você não pergunta a ele, guardião?

— Quais eram seus objetivos reais ao induzir um guardião à esquerda do mensageiro a atacar o embaixo dele?

— Se a esquerda dele é formada por idiotas, que culpa eu tenho?

— Você sabe qual é a pena para quem infringe as regras dos processos naturais de formação das religiões?

— Quem ditou essas regras, guardião?

— Você sabe qual a punição a quem induz o conflito entre as diversas hierarquias humanas, entre si ou entre elas, e as naturais, responsáveis pela evolução harmoniosa dos seres?

— Só reconheço a hierarquia do meu trono, guardião.

— O seu trono é o sétimo do degrau de Lúcifer yê. Logo, você é membro de uma hierarquia, Lami-Shór.

— Só reconheço o meu trono e a minha hierarquia, que, como bem pode ver, não é nada natural.

— Então, nega que pertença à hierarquia de Lúcifer yê, certo?

— Você está me induzindo à autonegação, guardião.

— Você pertence ou não à hierarquia dele, Lami-Shór?

— Está me induzindo à autonegação, Ptal-Rei! respondeu Lami-Shór, irritado com tudo o que acontecia.

— Responda ou o enviarei às esferas extra-humanas imediatamente, Lami-Shór.

— Você já deduziu tudo, Ptal-Rei. Logo, para que toda esta encenação descabida?

— Só vou perguntar mais uma vez, Lami-Shór: pertence ou não à hierarquia de Lúcifer yê?

— Sim, eu pertenço, guardião. E vou lançar seu trono contra ele. Continue com esta farsa!

— Veremos, Lami-Shór! Você recebeu ordens diretas ou indiretas para vir até o meio?

— Sou senhor deste trono e faço o que quero, guardião.

— Você recebeu ordens diretas ou indiretas de Lúcifer yê para invadir o meio, Lami-Shór?

— Agora vou lançá-lo diretamente contra Lúcifer yê, guardião.

— Responda à pergunta, ou o envio às esferas extra-humanas, Lami-

Shór.

— Você enviará ele também, guardião?

— Responda apenas sim ou não, Lami-Shór!

— Sim, Ptal-Rei. Eu recebi ordens diretas de Lúcifer yê para invadir o meio. Agora... irá punir a ele também?

— Como ousa afirmar que recebeu ordens diretas de Lúcifer yê, se sabemos que ele não fala diretamente a ninguém?

— Você está negando minha afirmação, Ptal-Rei.

— Não estou não, Lami-Shór. Lúcifer yê, para falar diretamente com você, teria que lhe falar por meio do racional. E os domínios dele não são os da razão, mas tão-somente os da emoção. Logo, ele só fala aos seus indiretamente, por intermédio de seus emocionais.

— Então, como ele fala indiretamente, eu respondo que ele me ordenou indiretamente que invadisse o meio onde o mensageiro agora está.

— Tem certeza que foi ele quem ordenou tal coisa, Lami-Shór?

— Absoluta, guardião. Puna Lúcifer yê!

— Como pode ter certeza que foi ele, se o seu emocional também está sujeito a ressonar seus desejos mais íntimos?

— O que insinua, guardião?

— Nós dois sabemos que você tem mágoas profundas contra o mensageiro desde eras passadas. Logo, acredito que você, sabendo que Lúcifer yê atua por meio do emocional humano, armou toda esta confusão com o único desejo de lançar as hierarquias humanas erigidas em paralelo com as hierarquias naturais, umas contra as outras. Assim enfraqueceria os sustentadores do mensageiro e instalaria o culto às ilusões em vez do culto às divindades naturais. Terei que sentenciá-lo, Lami-Shór.

— Não! Você sabe que foi Lúcifer yê que ordenou a mim que invadisse a esquerda do mensageiro.

— Como ousa afirmar que eu sei que foi ele, se não ouvi ele ordenar isso a você?

— Você mesmo, discutindo com os outros membros da esquerda do mensageiro chegou a esta conclusão, não chegou?

— Nós apenas estávamos dando asas à nossa imaginação, Lami- Shór. Assim como chegamos àquela conclusão, poderíamos ter chegado a outra, pois jamais chegaríamos à verdadeira, uma vez que você está, como disse há pouco, apenas fazendo o que acha que seu trono permite que faça. E também tentou envolver Lúcifer yê, pois nós sabemos, e todas as divindade sabem, que tem mágoas profundas contra o mensageiro. Mas, porque ele está adormecido no campo carnal, e se encontra indefeso às suas ações, então tentou aproveitar-se de ocorrências antigas, e anteriores à atual missão dele a serviço da Lei e da Vida, para armar toda esta confusão.

— Não foi isso o que aconteceu, guardião.

— Na dúvida, prefiro sentenciá-lo, porque foi a partir do seu emocional que tudo começou, e inocentar Lúcifer yê.

— Você irá punir o instrumento em vez de punir quem o manipulou, guardião. E eu sou apenas um instrumento de Lúcifer yê, certo?

— Tem certeza disso, Lami-Shór?

— Absoluta, guardião.

— Você tem consciência do que acaba de reconhecer?

— Tenho sim. Lúcifer yê, por atuar por meio do emocional humano, ativa meu emocional e me induz a cometer essas ações confusas. Ele é o culpado por tudo, guardião. Puna-o!

— Incrível! O que acabei de ouvir não deixa dúvidas de que você é realmente o culpado, Lami-Shór. Você, e mais ninguém.

— Eu sou inocente, guardião. Você sabe que foi ele quem me induziu a esta invasão do meio.

— Mas... se você acabou de afirmar que tem consciência de que Lúcifer yê manipula a partir do emocional, é porque você tem domínio do seu racional. Logo, não estava sendo manipulado. Aí, nada mais fácil que dar vazão aos seus desejos de vingar-se do mensageiro, lançando a culpa em Lúcifer yê. Se ele atua por intermédio do emocional, e seus desejos são apenas emocionais, você se sente livre para culpá-lo. Você mesmo afirmou no início deste julgamento que estava fazendo o que desejava.

— Eu não disse isso, guardião.

— Você não disse que só reconhece a hierarquia do seu trono, que não é nada natural?

— Você está confundindo tudo guardião.

— Não estou não, Lami-Shór. O único confuso por aqui é você, que manipulou Lúcifer yê tentando criar a ilusão de que ele desejava que você afrontasse a Lei, para, em caso de algo sair errado, culpá-lo e eximir a si próprio de quaisquer responsabilidades diante da Lei nas trevas, que tem em Lúcifer yê um de seus meios para punir os caídos justamente por negarem suas culpas e preferir culpar os princípios negativos a que recorrem para alcançarem seus fins no meio. É culpado por tudo, Lami-Shór!

— Você sabe que não sou. Apenas fui induzido a agir no meio.

— Se tem noção ou ciência de que foi induzido, também poderia ter recusado esta indução, porque sabe que os domínios de Lúcifer yê ficam no embaixo. E como no embaixo ele não é o único mental poderosíssimo que atua por meio do emocional, então outro ente das trevas poderia estar induzindo-o a pensar que era Lúcifer yê quem desejava invadir o meio onde o mensageiro está cumprindo sua missão na carne. E como pertence à hierarquia abstrata de Lúcifer yê, deveria, antes de qualquer coisa, ter confirmado se realmente era ele quem estava ativando seu emocional ou se era outro mental poderoso que o estava manipulando para intrigar Lúcifer yê contra as divindades naturais, ou se era o seu próprio emocional que, fugindo ao controle do seu racional, induziu-o por conta própria. É culpado em qualquer desses casos, pois não se deu ao trabalho de verificar nada disso antes de invadir um meio sob a guarda das divindades naturais.

— Assim, condena-me em todos os sentidos, guardião.

— Condeno sim, Lami-Shór. Afinal, eu poderia ter acreditado no meu raciocínio primário, sacado de minha Espada da Lei, reduzido você a pó e depois descido ao embaixo, nos domínios de Lúcifer yê e iniciado um choque terrível, acreditando que esta era a vontade do sagrado Guardião do Fogo Divino. Mas será que era isso que ele desejava que eu fizesse? É certo que não, pois os domínios de Lúcifer yê a ele pertencem. E Lúcifer yê tem seus próprios meios de punir quem invade seus domínios possuído pelo desejo de vingança. Eu, caso agisse assim, estaria negando minha espada da Lei e meu grau, que exigem de mim o uso da razão quando me deparo com alguém fora de seus domínios, pois tenho ciência de que a Lei só atua por meio da razão.

— Qual a sentença, guardião? Irá me entregar ao seu companheiro executor da morte para que ele extraia de minha semente original seu brinde maldito?

— Você está dizendo que uma purificação por meio de uma fúria da morte é um brinde maldito, Lami-Shór?

— Não, é claro que não, guardião. Você quer intrigar-me com o sagrado Om-lu yê?

— Você chamou de maldita a purificação realizada por um executor da morte, Lami-Shór. E acredito que o sagrado Om-lu yê já anotou isso no seu livro dos condenados pela Lei nos domínios dele.

— Guardião, você acabou de me condenar à execução final, caso para lá me envie, pois, de uma observação tola, você voltou o alfanje do sagrado Om-lu yê contra mim.

— Você chamou de maldito um processo de purificação de negativos humanos instituído por ele, Lami-Shór. Eu apenas observei isso a você.

— Fato este que me colocou ao alcance de todos os executores do sagrado Om-lu yê, certo?

— Você está se colocando, Lami-Shór. Eu não disse nada disso.

— Então, execute-me você mesmo, guardião. Puxe sua espada da Lei e me transforme em poeira cósmica. Este sempre foi seu maior desejo, não?

— Eu consigo reprimir meus desejos Lami-Shór. Um Guardião das Sete Portas não pode colocar seus desejos pessoais ao lado ou acima da Lei, da razão e da justiça. Apenas ouve quem saiu de seus domínios para invadir domínios alheios. Porque você agiu por conta própria, eu o sentencio a ser, juntamente com todos os que, como você, se deixaram induzir por seus emocionais e invadiram este domínio do meio, a serem enviados pelo mistério das Sete portas das esferas negativas para o embaixo do mensageiro, do Sagrado Guardião do Fogo Divino, que é a quem ele agora serve na carne!

— Que o mistério das Sete portas se manifeste neste meio, porque eu estou assentado à esquerda do mensageiro, e que se cumpra a sentença proferida em acordo com os ditames da Lei nas trevas: se deseja confundir, confundido será; se deseja intrigar, intrigado será; se deseja possuir, possuído será; se deseja dominar, dominado será; e se deseja executar, executado será!

— No embaixo dele não! clamou Lami-Shór. — Prefiro ser purificado na taça-brinde do executor da morte!

— Isso fica para depois, Lami-Shór. Primeiro tem de cumprir com o que o Guardião das Sete Portas do inferno julgou e "concedeu" a você. Quanto a este seu novo desejo, não tenho dúvidas de que o sagrado Om-lu yê, numa noite qualquer mais adiante, lhe concederá a realização dele!

— Agora! ordenou Ptal-Rei, e um poderoso fluxo de energias arrancou Lami-Shór do trono que ele ocupava e o envolveu, assim como a toda aquela horda de aberrações que o acompanhava, e os arrastou para o embaixo do mensageiro, onde os aguardavam os executores de Kali Mahesh- mi-iim-yê, pois ela era a guardiã do embaixo do mensageiro.

— Julgamento encerrado! exclamou Ptal-Rei.

— Honrou seu grau, degrau, mistérios e a todas as divindades, sejam elas naturais ou abstratas, Guardião das Sete Portas dos infernos humanos. O demiurgo o saúda, Ptal-Rei, falou o mago regente assentado à sua direita.

— Apenas procedi segundo os ditames da Lei, Grande Mago Regente da hierarquia dos magos naturais. Minha consciência, a razão, a Lei e a justiça, e nada mais.

— É preciso algo mais para ser um juiz neutro em todos os sentidos, Ptal-Rei?

— Não, senhor. Apenas isso me basta para emitir juízos imparciais. Agora preciso enviar este trono de volta aos domínios de Lúcifer yê, porque ele pertence à hierarquia invertida dele.

— Não se dê a este trabalho, Guardião das Sete Portas! falou uma voz tonitroante. — Estou enviando uma de minhas escravas preferidas para assumi-lo, já que um idiota a menos agora meus domínios possui.

— Lúcifer yê?!

— Eu mesmo, Ptal-Rei. Apreciei seu primeiro juízo, e não tenho dúvidas que todo o inferno também apreciou seu senso de justiça. Bem-vindo ao seu destino final, Ptal-Rei yê! Há, há, há...

— Infernos, Ptal-Rei! exclamou Meiman-Shur. — O safado acabou de eleger você como árbitro das intrigas que ele e todos os outros caídos armam no embaixo para confundir a nós, os hierarcas.

— Será que foi isso mesmo que ele fez, Meiman-Shur?

— Tenho certeza, Ptal-Rei. Você agradou tanto ao safado ao eximi-lo de qualquer culpa, que isso ele fez com você. Sabia?

— Não acredito. Afinal, ele não é o único mental negativo invertido ou caído que alcançou níveis planetários e assentou-se em definitivo nas esferas negativas, Meiman-Shur. Outros também existem por lá.

— E todos o elegemos como árbitro natural, inamovível e irremovível, para solução de nossas desavenças, Guardião das Sete Portas do inferno! voltou a se manifestar Lúcifer yê. — Eu estou enviando meu cetro de poder a você, Ptal-Rei. Receba-o de minha escrava preferida, e a partir daí, afixe-o à esquerda do seu trono em sinal “concreto” do que acabei de aceitar. Você é o melhor guardião que as portas do infernos já tiveram até hoje. Há, há, há...

No mesmo instante, surgiu diante do trono do Guardião das Sete Portas a mais deslumbrante aparência feminina que se possa imaginar, e após saudar Ptal-Rei, depositou o cetro de poder simbólico dos domínios da ilusão de Lúcifer yê, dizendo:

— O meu senhor envia-lhe uma prova concreta para que a afixe à esquerda do seu trono, Guardião das Sete Portas dos infernos. Ele também me pediu para reconduzir este trono de volta aos domínios dele. Tenho sua permissão?

— Reconduza-o, rainha do trono das ilusões do sétimo sentido da vida. A ilusão de beleza humana que ostenta certamente honrará este trono, tão abstrato quanto sua beleza ilusória.

— Está insinuando que sou uma ilusão, Ptal-Rei?

— Assentado neste trono eu não insinuo nada, rainha. Apenas julgo aquilo que é, e não o que aparenta ser. Agora, assuma este trono e reconduza- o aos domínios da ilusão... e não diga mais nada, porque senão começarei a crer que ele a enviou até mim para que fosse julgada.

— Já estou indo, Ptal-Rei. Mas aviso-o que acaba de perder uma aliada importante.

— Um guardião juiz não pode possuir aliados, rainha. Ou é totalmente neutro, ou não é juiz, muito menos um Guardião da Lei nas trevas ou na luz. Retire-se imediatamente, ou...

— Já estou indo, Ptal-Rei! Já estou indo! exclamou a rainha das ilusões, desaparecendo de sua frente, levando consigo aquele trono das ilusões.

A partir daquela ação de Ptal-Rei, imediatamente todos os outros mentais negativos reinantes nas esferas negativas enviaram provas concretas de que o haviam elegido como juiz das desavenças que viessem a ocorrer nas trevas humanas.

— Quando viu diante de seu trono, setenta e sete símbolos “concretos” de poder simbólico dos domínios das trevas, Ptal-Rei apanhou o cetro de poder de seu trono e grau de guardião dos sete símbolos negativos e com ele absorveu a todos, dizendo a seguir:

— Como Guardião dos Sete símbolos negativos, eu os recolhi, porque estavam espalhados. Como Guardião da Lei os usarei, e como Guardião das Sete Portas dos infernos a eles recorrerei sempre que a minha consciência, a razão ou a Lei assim exigirem.

— Grande, Ptal-Rei! Honra o degrau de Memon-Ghur yê, que também é seu, pois um grau dele, o das Sete Portas, a você foi confiada a guarda.

— Memon-Ghur yê! exclamou Ptal-Rei.

— Eu mesmo, irmão de destino e sina. Ao recolher ao seu grau todos os cetros de poder simbólico sobre os domínios das trevas como juiz, já não

preciso ficar o tempo todo assentado no trono regente do meu degrau para sustentá-lo contra as investidas dos fora-da-lei. Automaticamente, o seu grau os punirá e os enviará de encontro aos seus “desejos” finais. Meu trigésimo terceiro grau, você acabou de me devolver a liberdade de movimentos, irmão amado!

— Eu não sabia disso, Memon-Ghur yê. Por que ninguém me avisou disso antes?

— Ninguém poderia fazer isso, Ptal-Rei, falou o mago regente da hierarquia dos magos guardiões dos mistérios religiosos. —- Cada um, conscientemente, deve ir assumindo seus deveres e obrigações à medida que seus mentais se tornem aptos. E o seu, após o choque que sofreu ao chamar o mensageiro de mago desgraçado, tornou-se apto a reconhecer de imediato a ilusão e a verdade, a partir daquele momento.

— Eu não tinha intenção de ofender o mensageiro, mago regente.

— Geralmente, ninguém pensa antes de agir ou proferir uma ofensa ou blasfêmia. Agem movidos por seus emocionais, e só atentam para o erro que cometeram quando tudo já fizeram de errado. Recolha seu trono e acompanhe-nos até o grande Templo dos hierarcas da razão, da Lei, da justiça e das consciências humanas, porque já está apto a ser incorporado como mais um dos graus humanos dela.

— Eu sei tão pouco, Grande Mago Regente. O que me oferece é algo que não estou preparado para assumir.

— Você não irá assumir nada, Ptal-Rei.

— Não?

— E claro que não. Apenas será assumido pelo degrau dos hierarcas, e a partir daí dará início à formação da sua própria hierarquia: a hierarquia dos Guardiões das Sete Portas das trevas da ignorância humana.

Assim que Ptal-Rei partiu para o grande Templo dos hierarcas, Meiman-Shur murmurou:

— Droga de infernos. Mais um que se afasta de nosso grupo. Daqui a pouco o inferno não terá a menor graça, atração ou sentido.

— Algum dia ele teve essas coisas, Meiman-Shur? perguntou o mago.

— E claro que teve, mago. Mas se Lúcifer yê continuar a nos dividir, logo logo vou me sentir meio inútil. E o senhor sabe como sou um apreciador das ações ousadas, emocionantes mesmo.

— Os humanos não mudam mesmo! observou o Grande Mago da Pedra Azul. Quanto mais encrencados estão, mais encrencas procuram, apenas para não terem tempo de sair de encrencas, e encrencados continuarem o tempo todo.

— Ih! Lá vem o senhor com essas conversas dos Magos da Luz. Vou dar uma volta por aí. Talvez eu encontre algum caído à procura de seu destino final, ou ao menos desejoso de encontrar em seu caminho um executor da morte, sabe?

— É, eu sei, Meiraan-Shur, respondeu o mago.

— Deseja a companhia de um guerreiro dos infernos, cavaleiro da morte?

— Você sabe como controlar um cavalo preto, guerreiro?

— Acho melhor aprender antes que o inferno acabe para nós, irmão de sina e destino.

— Você acha que isso poderá acontecer? - perguntou Meiman-Shur, preocupado.

— Acredito que não. Mas nunca se sabe, não é mesmo?

— É, e caso venha acontecer, vamos extrair dele tudo o que tiver a nos oferecer. Há, há, há...

CAPÍTULO 21

PTAL-REI TORNA-SE UM HIERARCA NATURAL DA TRADIÇÃO

Ptal-Rei entrou no colégio dos hierarcas da Tradição Natural, responsável pelas coisas divinas nas hierarquias humanas erigidas em paralelo com as hierarquias naturais, e admirou-se com a grandiosidade da construção.

Após percorrer todo um vasto corredor, passou por um portal que acessava um magnífico jardim. Cruzaram-no e logo alcançaram o colégio dos hierarcas propriamente dito. Já dentro dele, entravam num imenso salão cuja volta toda era formada por fileiras sobrepostas de confortáveis assentos.

Após dar uma olhada, o mago regente conduziu-o até um daqueles assentos e disse:

— Este é o seu assento natural dentro da hierarquia dos hierarcas, Ptal-Rei. Aguarde aqui que logo começarão a chegar todos os outros membros deste colégio.

Realmente, não demorou para que começassem a surgir nos assentos espíritos cobertos, todos eles, com mantos negros, púrpuras, dourados, verdes, roxos, azuis, vermelhos, rosas, brancos, prateados e amarelos. Eram onze cores diferentes, cujos membros de uma cor assentavam-se numa fila daquelas cadeiras, formando um círculo em torno do enorme salão. Em todas existiam assentos vagos, e muitas estavam ocupadas por alguns poucos membros. Com todos os hierarcas ali, o mago regente abriu a reunião:

— Irmãos de destino e sina, convoquei esta reunião porque finalmente nosso irmão ancestral, que hoje responde pelo nome de Ptal-Rei, conquistou o direito de incorporar a ele a distinção yê (senhor), concedida por “Lúcifer yê” e não anulada pelo demiurgo e nem por nenhuma divindade natural. Nosso dever e obrigação é acolhê-lo em nossa hierarquia e auxiliá- lo em todos os sentidos, já que por ele também seremos auxiliados. Bem- vindo de

volta aos seus, Ptal-Rei yê! saudou-o o mago regente, seguido por todos os hierarcas ali presentes.

Um a um, todos se apresentaram a Ptal-Rei yê, que a eles se apresentou. E quando foi pedido que dissesse algo, ele simplesmente falou:

— Não sei por que, mas estou me sentindo mais ignorante que de hábito sabem, e calou-se.

— Por que, hierarca Ptal-Rei? perguntou o mago regente.

— Olhando para todos estes irmãos hierarcas, tenho a sensação de que nada sei. Entendem isso, não?

— Entendemos sim, hierarca Ptal-Rei yê. Nós, até determinado tempo, também nos sentimos assim. Mas com o auxílio total e em todos os níveis dos hierarcas aqui já assentados, começamos a adquirir a sensação de que já sabemos algumas coisas, e de que temos condições de aprender muitas outras. Mas para isso, temos oferecido o melhor de nós mesmos: nossa fidelidade à Lei e vontade de servir à vida conscientemente, com o uso da razão e amparados pela Justiça Divina. E você, ainda que não tenha esta consciência totalmente assentada, já deu provas de sua maturidade emocional e aptidão para distinguir a razão da emoção, a justiça da vingança, a lei do acerto de contas, e o respeito da insolência. Razão, justiça, Lei e respeito, eis as coisas que prezamos, amamos e auxiliamos sua imposição no consciente de nossos irmãos menos evoluídos.

Ptal-Rei yê ouvia com atenção as palavras do Grande Mago Regente dos Hierarcas.

E quando foi perguntado a ele se aceitava ser incorporado por aquele colégio, disse sim. E se aceitava submeter-se aos princípios que o regiam, também “sim” foi a resposta. Mas quando lhe foi perguntado se aceitava submeter-se àqueles hierarcas ali presentes, respondeu que não.

— Por que não, Ptal-Rei yê?

— O senhor presenciou meu primeiro julgamento, certo?

— Isso mesmo.

—- E viu como reagi às insinuações sutis da enviada de Lúcifer yê, certo?

— Sim.

— Então, não vou trair minha consciência ou o trono que guardo, caso venha a ser alvo de algum pedido desses hierarcas para que seja parcial em um julgamento em que algum membro das hierarquias por eles sustentadas esteja sendo julgado. Curvar-me-ei diante do grau, degrau e mistérios de todos os membros deste colégio. Mas não diante de algum pedido que tira meu senso de justiça, Lei, razão, e mesmo, minha consciência.

— Por que esta inflexibilidade para com seus irmãos hierarcas, Ptal- Rei yê?

— Talvez não me compreendam, mas quando descobri o grau das Sete Portas e olhei para quem eu iria julgar, e talvez punir, lembrei-me de muitas coisas numa fração de tempo insignificante, mas que me mostrou o quanto tenho errado somente porque tenho atendido a pedidos de irmãos de sina e destino. E ali, vendo seres humanos semelhantes a mim, uns desejando executar os outros, uns desejando ver os outros lançados na dor, uns desejando ser os algozes dos outros, perguntei-me: “Ptal-Rei, é para conviver com tudo isso o tempo todo que você vive? Se é, então sua vida não tem sentido, e o próprio mundo deixa de ter um sentido. E meu íntimo lembrou-se de que um dia, diante de toda uma aldeia cercada por meus guerreiros sedentos de sangue e de escravas para seus vícios sexuais, um mago ordenou-me:

— Ptal-Rei, contenha sua horda de assassinos até que eu retorne. Vou conversar com os líderes desta gente, e somente quando aqui eu voltar dará início ao massacre, ou recuará seus guerreiros, porque não é justo que esta gente toda pague pela ignorância de alguns religiosos desvirtuados.

Longa foi a espera. Mas quando ele retornou, vinha acompanhado pelos líderes e por toda aquela gente amedrontada com o cerco da morte iminente.

O mago elevou seu cajado e apontando para toda aquela gente assustada, falou-me:

— Ptal-Rei, a razão e o bom senso, amparados pela força e o poder, convenceram os líderes desse povo que há uma forma mais humana de vivenciarem seus dons de religiosidade.

— Meus guerreiros estão impacientes e desejam ação, mago, respondi já irritado com toda aquela demora.

— Eles desejam ação? Ótimo, pois esta gente está faminta e eles bem que podem ir até os seus depósitos e trazer um pouco de cereais para que a aldeia não pereça após tantas atribulações, desde que invadimos esta região. Para seus guerreiros será um ótimo exercício de descarga do ódio que os tem alimentado nos últimos meses. E para esta gente, será uma ótima prova de que você é um soberano, e não um frio assassino.

— Já perdi muitos homens desde que invadimos esta região, mago.

— Melhor ainda, Ptal-Rei. Alimente esta gente e terá muitos homens para suas fileiras de guerreiros. Mas mate os homens e tome para si suas mulheres e filhos, e suas fileiras continuarão desfalcadas e seus domínios diminuídos, pois aceitaram ser integrados ao seu reino.

— Você aceitou isso tudo sem atentar para as necessidades mais imediatas dos meus guerreiros?

— Matar é a necessidade imediata deles, Ptal-Rei, mas viver é a desse povo. Entre a morte e a vida, por esta eu optei. Como sumo sacerdote exijo que a vida prevaleça sobre a morte.

— Infernos, mago! Eu o respeito o bastante para entender suas razões e a necessidade imediata deste povo. Mas e quanto aos meus guerreiros? Os líderes comandantes das legiões desejam partilhar os bens e escravos que estão bem aí, ao alcance de suas mãos.

— Você entende que tenho por missão reconduzir este povo a uma religiosidade aceitável aos olhos das divindades às quais servimos. Então, faça com que eles entendam que você optou pela vida, e que a morte foi descartada. Afinal, você tem de entender que, se a vida é superior à morte, pois é um bem eterno, deve prezar a ela, e não aos desejos de seus comandados.

— Vou tentar convencê-los, mago.

— Não tem de convencê-los. Você é Ptal-Rei, o soberano, e soberanos decidem qual é a melhor opção, a assumem e todos os seus comandados devem, não só respeitar a opção, como assumi-la também. Compreende isso, Ptal-Rei?

— E, eu compreendi.

Ptal-Rei yê calou-se por um instante, e a seguir disse:

— Eu estava ali, cercado de companheiros sedentos pela luta, ansiosos para se apossarem de tudo o que aquele trono abstrato e seus mistérios e escravos caídos pudesse lhes oferecer, mas fiz a opção pela vida, Lei, justiça e bom senso. Sei que eles não entenderam por que deixei escapar uma oportunidade única de esgotar um inimigo multimilenar e destruir um trono abstrato. Mas se o trono existe, a Lei tem suas razões para permitir sua existência nos domínios da ilusão. Eu, pessoalmente, percebi que sem a proteção daquele trono, os espíritos iludidos ficariam à mercê da sanha assassina de hordas infernais, as minhas entre elas. Optei por desocupar aquele trono e devolvê-lo ao seu "soberano natural", ainda que abstrato. Mas optei e não me incomodei com o que pensavam meus companheiros desejosos de vingança. Eu assumi realmente o trono das Sete Portas, e não as abrirei para quem não merece e não as fecharei aos merecedores, nos dois sentidos. Tenho plena consciência de que o mistério das Sete Portas é muito maior que minha capacidade de compreendê-lo, e muito mais poderoso que os caídos possam imaginar. Mas se em mim agora ele está, tudo farei para honrá-lo. Assim, não me submeterei, enquanto for seu senhor, senão à Lei, à justiça e à razão, mesmo que tenha que dizer não ao meu mais fiel e leal irmão de sina e destino. "O imortal espírito da justiça apossou-se de mim naquela reflexão." E das Sete Portas negativas, Ptal-Rei yê é seu incorruptível guardião. Subirá quem o mistério puxar para cima, e descerá quem ele puxar para baixo. E assim que serão as coisas, pois o regente planetário Iá-shan-ghor yê é o senhor do mistério das Sete Portas, e eu, Ptal-Rei yê, seu fiel e leal guardião.

Ao mistério eu guardarei com minha própria vida, e minha vida o meu regente sustentará enquanto eu for incorruptível, consciente estiver e humanamente eu agir! Por isso, e só por isso, não me submeterei aos hierarcas deste colégio. Apenas posso dizer que ouvirei suas razões, e se forem semelhantes às daquele mago que optou pela vida, as Sete Portas lhes serão franqueadas para que possam usá-las, elevando ou rebaixando quem quer que seja, mesmo que venha ser um companheiro de sina e destino.

Ptal-Rei yê calou-se e imediatamente foi honrado com a saudação do Grande Mago Regente!

— Salve Ptal-Rei! Honra o Senhor da Justiça, o Senhor da Lei, o Senhor das Consciências Humanas, e honra seus irmãos hierarcas, também eles, portadores dos imortais espíritos da

justiça, da Lei, da razão e das consciências humanas. A partir deste momento você é um igual entre estes

seus irmãos hierarcas, e terá neles aqueles que entenderão as suas atribuições, porque reconhecem-no como um digno portador de um dos muitos mistérios do senhor da justiça, da Lei, da razão e das consciências humanas, senhor este que outro não é senão o sagrado lá yê, nosso Criador.

— Salihed lá fer Ptal-Rei yê!, saudaram todos os hierarcas ali presentes.

— Salihed Ptal-Rei yê, guardião da justiça!, saudou-o o Grande Mago Regente da Tradição, surgindo no meio do círculo formado pelas fileiras dos hierarcas assentados naquele colégio. E ordenou:

— Venha até aqui, Ptal-Rei yê. E chegado o momento do Senhor da Justiça cobrir seu espírito humano com o manto da Justiça Divina.

Ptal-Rei yê foi até a frente do Grande Mago Regente da Tradição, ajoelhou-se e saudou-o, permanecendo ajoelhado enquanto ele fazia uma prece de consagração da coroa de Ptal-Rei yê à justiça, à Lei, à razão e às consciências humanas. Quando a prece terminou, do alto e do altíssimo jorrou um facho luminoso e multicolorido que ocultou Ptal-Rei yê por algum tempo, mas quando o deixou visível, todos puderam ver um espírito humano novo, belo, altivo e de olhar penetrante, aguçado mesmo, que ostentava na cabeça uma coroa com os sete símbolos sagrados da Lei nas trevas. Estava coberto com um manto púrpura de rendas brancas, preso à cintura por uma faixa preta, vermelha e branca.

— A coral da Lei, murmurou ele.

— Ela mesma, Ptal-Rei yê, confirmou o regente, abraçando-o.

Todos os hierarcas ali reunidos vieram abraçá-lo. Depois, Ptal-Rei yê,

acompanhado por todos eles, foi conduzido até uma câmara oculta, onde havia um mistério que o recebeu e o acolheu como hierarca apto a dar início a hierarquias de trabalho e ação no mundo espiritual. Do mistério Ptal-Rei recebeu nove livros, todos em branco, mas cada um com a capa de uma cor. Neles seriam anotados mentalmente o nome de todos os espíritos que Ptal-Rei distinguisse como membros de sua hierarquia: três para o embaixo, três para o meio e três para o alto. Um outro livro, todo dourado, foi-lhe dado pelo mistério: era o livro dos mistérios naturais positivos. Mais outro, todo negro, ele também recebeu: era o livro dos mistérios naturais negativos.

Ptal-Rei yê estendeu as mãos e os absorveu num piscar de olhos, assentando-os em sua memória consciente, subconsciente e hiperconsciente, pois aqueles livros eram mistérios em si mesmos.

Do mistério também recebeu sua espada simbólica de Hierarca Guardião da Lei e da Vida pela Justiça Divina.

Mais algumas coisas, não reveláveis, Ptal-Rei yê ainda ali recebeu, antes de ser completamente absorvido pelo colégio dos hierarcas guardiões dos mistérios sagrados.

Devemos salientar que também haviam espíritos femininos nas hierarquias daquele colégio. Muitos dos hierarcas eram “mulheres”.

Encerrada a consagração de Ptal-Rei yê, o regente o conduziu a uma ala residencial e, entre várias construções existentes, uma a ele reservou, dizendo:

— Irmão hierarca, coloque suas mãos sobre esta placa cristalina ao lado do portal de entrada.

— Eu não preciso disso, irmão regente. Vivo no tempo e uma residência suntuosa como esta não faz parte das minhas necessidades ou desejos íntimos.

— Apenas faça o que pedi, Ptal-Rei yê. Depois nós falaremos sobre suas necessidades.

Ptal-Rei yê colocou as mãos sobre a placa cristalina. Imediatamente, um fluxo energético fluiu delas e foi absorvido, para logo a seguir o interior da construção se iluminar, a porta principal se abrir, e diante da residência, em meio a um jardim encantador, surgir uma placa cristalina de uns dois metros de altura, em cuja face estavam estampados, vivos mesmo, os símbolos da coroa que Ptal havia recebido do altíssimo, assim como o nome simbólico da sua hierarquia, a das Sete Portas, bem como seu número: 33ª.

— Por que tudo isso, regente?

— Um hierarca tem de ter sua morada íntima, mas também um local condizente com seu grau, onde possa receber a visita de seus irmãos de hierarquia, ou de outros, assim como preparar seus futuros auxiliares, porque destes irá precisar, e muito. Terá que, com o tempo, ter na luz suas hierarquias afins com aquelas que formará nas trevas, entre seus atuais ou futuros “escravos”. E assim que os chama, não?

— É.

— Estas hierarquias na luz receberão aqueles que já estiverem cansados das ações negativas. Nas hierarquias das trevas ou nas do meio, pois você porta as três cores. Eles serão recebidos, instruídos e auxiliados em suas evoluções naturais.

Nesta sua morada celestial luminosa, seus hierarcas positivos com você se reunirão e daqui sairão para realizar suas ações. Mas também estabelecerá uma morada celestial no lado negativo, e a partir dela suas hierarquias negativas iniciarão suas ações, não importando onde você venha a estar, pois seus mistérios estão ativos em você mesmo, por causa da atuação daquele mistério oculto na câmara, que rege todos os hierarcas assentados. Portanto, só conceda grau a quem realmente puder honrá-lo dentro dos limites de seus mistérios, porque quando um grau seu falhar, você assumirá automaticamente tudo o que vier a acontecer em decorrência da falha dele. Um grau deve ter ciência de que, se vier a se exceder nas suas ações, estará sujeito à reação automática de outros mistérios e da punição dos seus, que irá enfraquecê-lo e desampará-lo no caso de estar sendo atingido pela reação.

— Por que olho para os outros hierarcas, ou mesmo para o senhor, e identifico de imediato todos os seus mistérios, graus, degraus, qualidades, atributos e atribuições?

— Isso começou a acontecer porque o altíssimo o transformou num mistério em si mesmo, Ptal-Rei yê. Um mistério em si mesmo tem esta faculdade, assim não entrará em choque com portadores de mistérios naturais. E quando for confrontado, saberá como neutralizá-lo, evitando choques que não levam a nada, senão ao desgaste dos próprios portadores.

— Mas... e quanto aos portadores caídos? Como proceder quando confrontado por eles?

— Nenhum caído conhece realmente qual é o seu mistério original, porque o mistério se fecha em seus subconscientes. Mas, se ele o desconhece, você o reconhecerá de imediato, e terá meios de ativá-lo em sentido inverso, enfraquecendo quem o está confrontando.

— Até onde devo usar contra um caído seu próprio mistério?

— Só até o ponto em que você possa dominá-lo mentalmente e subjugá- lo ao seu mistério, grau, degrau e hierarquia, onde o absorverá e dará a ele condições de, aos poucos, evoluir no sentido de um dia ser reintegrado ao mistério responsável pelo mistério que ele porta inconscientemente. A função de um hierarca não é apossar-se de mistérios alheios, pois os que porta já lhe bastam. E todo aquele que um hierarca reconduzir conscientemente ao mistério maior que o sustenta, ao próprio mistério terá acrescido. Todo mistério apropriado indebitamente traz em contrapartida a ligação automática ao seu negativo, ou embaixo, mas todo aquele incorporado pelo mérito de ter reconduzido seu portador natural ao seu mistério maior, apenas irá torná-lo apto a recorrer a ele, caso venha a precisar, ou melhor possa cumprir com suas atribuições. A função dos mistérios é facilitar nossas ações humanas, nunca perturbá-las. E isso só agindo em conformidade com os princípios regentes deles. Nunca incorra nos erros cometidos pelos apropriadores indébitos, porque todos eles estão sendo lentamente atraídos pelos negativos daquilo que não lhes pertence, já que não são portadores naturais nem são sustentados pelo mistério geral ao qual todos os portadores afins estão ligados. Saiba que o fim de todos os portadores indébitos é serem atraídos pelos negativos e, mais tempo ou menos tempo, serem possuídos por eles, os negativos, que se transformarão em tormentos desumanos e desumanizadores.

— Isso mesmo. Muitas dessas aberrações são espíritos caídos possuídos por elas, as aberrações!

Isso explica certos horrores que encontramos quando investimos contra domínios das trevas fora-da-lei.

— Os afins se atraem, Ptal-Rei yê. A nós compete interferir onde a Lei e a justiça nos exigir. E amparados por ela, nossos mistérios sempre serão superiores aos dos fora-da-lei. A Tradição existe para isto: sustentar a ordem, a Lei, a justiça, a fé, a razão, o conhecimento das coisas sagradas e a vida, onde estejam perecendo ou sendo substituídas por criações abstracionistas da imaginação humana. A isso, e dentro de suas atribuições e seus limites, combaterá usando dos recursos dos mistérios de que é portador, e que o induzirão a anular.

— Será automática esta indução, certo?

— Será sim. Mas você não irá pessoalmente. Apenas enviará um dos graus de suas hierarquias com afinidades magnéticas com quem está se excedendo, para anulá-lo ou aos excessos que esteja cometendo, e que certamente irá atrasá-lo em sua evolução ou colocá-lo num magnetismo afim com algum caído portador de mistérios por apropriação indébita, ou não. E nunca reconduza a um trono caído seu verdadeiro ocupante, sem que ele esteja mentalmente preparado para assumi-lo, ou você possa sustentá-lo no trono com seu poder mental. Com Memon-Ghur yê aconteceu que alguém o induziu a assumir o negativo de seu degrau, garantindo- lhe que, assim, senhor do próprio negativo, devolveria todo o degrau ao seu local original na natureza. O resultado você já viu pessoalmente.

— Por que me diz isso sobre Memon-Ghur yê?

— Caso você descubra algum portador natural de algum mistério que tenha caído e esteja tentando absorver o negativo de seu grau, degrau ou mistério, seja rápido e preciso em sua ação e reduza-o à sua semente original, recolha-a e traga-a até aqui, pois a encaminharemos ao seu ponto de forças natural. Ali, o regente do ponto de forças a encaminhará a um dos reinos elementais, onde uma nova evolução irá guiá-lo, ou ao ciclo reencarnatório. Após ter seu corpo elemental puro reconstituído, será devolvido para que dê início a um novo despertar da consciência humana.

— Por que tudo isso aconteceu comigo, regente?

— Ptal-Rei, o soberano, foi sua última encarnação. Outra não terá. Então, tudo em sua vida foi precipitado para que pudesse ser reconduzido conscientemente ao seu mistério original que só no recinto mais oculto deste Templo, e onde reside seu mistério maior, viesse a conhecer e a assumir. Faça da recondução consciente dos portadores naturais de mistérios aos seus mistérios originais, uma de suas atribuições, Ptal-Rei yê.

— Farei, mago regente. Muitos assentos do salão de reunião dos hierarcas estão à espera de seus ocupantes originais, não?

— Alguns estão caídos, outros encarnados, e alguns outros não puderam comparecer porque estão dando sustentação a algum caído, mas próximo de ser reconduzido naturalmente ao seu assento de Lei.

— Compreendo.

Quando apareceu em seus domínios algum grau de outros hierarcas com este sinal (e o regente mostrou o sinal a Ptal-Rei yê), a você ele se apresentará. Receba-o bem e proporcione a ele recursos para que realize suas missões ou ações dentro de seus domínios no menor tempo possível, e forneça total proteção, porque estarão confiando em seu grau de hierarca, ainda que diferenças pessoais mútuas existam.

Um grau das hierarquias naturais é intocável, enquanto estiver no cumprimento de uma missão a ele confiada pelo regente da hierarquia que o assumiu. Quaisquer acertos de contas

pessoais ficam para outro reencontro, senão estará faltando com seus deveres de nunca interferir ou interromper uma ação iniciada a partir de algum hierarca natural membro

deste colegiado, ou de outros ligados a outros Templos sustentadores das hierarquias da Tradição.

Um grau, no cumprimento de suas missões, é intocável. E se ele estiver dentro dos seus domínios, é seu dever protegê-lo da sanha vingativa dos seus. ou mesmo da sua, pois débitos todos nós possuímos. Mas, se formos impedidos de conquistar créditos, nunca teremos condições de saldá-los naturalmente ou segundo os ditames da Lei que rege a Tradição: contas podem até ser pagas com a dor, mas se puderem ser reparadas com o amor, então, no alto, uma estrela brilhará em nosso céu pessoal, que será acendida pelo senhor de todos os céus, o sagrado lá yê, o nosso Senhor da Luz e Criador!

Agora, quanto aos espíritos de luz ligados às religiões abstratas, são intocáveis. E caso algum desça até seus domínios, não os hostilize ou permita que sejam hostilizados pelos seus graus. Divindades planetárias regem o lado luminoso e positivo das religiões abstratas. Logo, os servos destas divindades devem ser respeitados quando dentro dos domínios sob a proteção dos hierarcas naturais. E caso em algum deles venha a ver o portador natural de um grau, degrau ou mistério, então tente atraí-lo para suas hierarquias positivas, nas quais, aos poucos, irá conduzindo-o naturalmente ao reencontro com seu mistério original. Quando levá-lo a este reencontro com sabedoria, fácil será o religamento dele com seu mistério.

Assim, isso sendo feito com sabedoria, a divindade regente responsável por ele facultará a você o acesso ao seu lado negativo, e a partir daí, suas missões serão realizadas naturalmente, pois o negativo delas o reconhecerão como um instrumento digno de respeito e de apoio, pois terá dado provas de que é um protetor do “todo” e um harmonizador do meio humano.

— Tenho tanto a aprender, Mago Regente.

— Tem sim, Ptal-Rei yê. Mas tem muito tempo, tem toda a eternidade. E digo que, quanto mais aprender, mais a ser aprendido se mostrará. Agora vamos conhecer essa sua residência na luz.

— Sinto-me um tanto deslocado por aqui.

— O tempo irá tornar tudo tão natural em sua vida, que daqui virá a gostar muito, porque aqui residem somente espíritos afins, Ptal-Rei. Você apreciará de conhecê-los, e também gostará da companhia deles, tanto quanto dos seus companheiros das esferas negativas.

— Tenho certeza de que assim será, Mago Regente.

— Só não poderá agir aqui como age no lado negativo. Cada lado tem suas regras, e bastará respeitá-las para que a harmonia nunca seja quebrada. Nós temos uma definição para os comportamentos dos duais: no alto, como a luz; no meio, como a carne; no embaixo, como as trevas. Agindo assim nunca desarmonizará qualquer coisa ou alguém.

— Entendi, Mago Regente.

— Espero que sim, senão logo esta residência estará cheia de espíritos femininos, Ptal-Rei yê.

— Isso é proibido por aqui?

— Proibido não é, mas não é recomendável.

— Tenho muitas escravas que dariam tudo para deixar as trevas. E acredite-me, estou sentindo uma grande vontade de auxiliá-las e libertá-las dos tormentos a que estão submetidas naqueles domínios negativos.

— Recorra à sua cor vermelha: forme hierarquias para atuar a partir do meio, onde matéria e espírito vivem lado a lado. Este é o primeiro estágio para os espíritos já esgotados de suas energias negativas e livres dos sentimentos viciados que os conduziram às trevas por afinidades magnéticas negativas. Se fizer isso, um grande bem à vida estará prestando, porque muitas delas, ou deles, poderão retornar um dia à carne em melhores condições do que quando a deixaram..., e foram atraídos para o lado escuro da vida. A vida costuma ser generosa com aqueles que a preservam ou a devolvem aos que dela haviam se afastado, Ptal-Rei yê. A vida é a própria generosidade do sagrado lá yê, seu Doador.

A justiça nos proporciona a satisfação de nos sentirmos equilibradores da vida. A Lei nos proporciona a satisfação de reequilibrarmos aqueles que em vida caíram no desequilíbrio. E a vida nos proporciona a satisfação de nos sentirmos parte do Criador. Compreende isso, não?

— Compreendo sim. Afinal, foi naquela aldeia que poupei da fúria assassina de meus comandados, ou assentei o trono regente do meu reino, e lá desencarnei.

— É isso, Ptal-Rei yê. Tenho absoluta certeza de que sua vida na carne foi apenas uma preparação emocional para o verdadeiro império da Lei e reinado da razão que em você acabaram de ser assentados, para que em breve venha a tornar-se um genuíno protetor das vidas alheias. E quando isso for uma constante em sua vida, não tenho dúvidas de que a vida o honrará com uma vida constante. Se é que me entende.

— Entendi sim, Grande Mago Regente. Agora, mostre-me esta residência tão estranha aos meus olhos, mas que tem alguma coisa que me atrai.

— Estou esperando que me convide a entrar.

— Por que eu deveria convidá-lo, se o senhor é o regente desta cidadela?

— Não é porque sou o regente que tenho o direito de entrar em sua morada sem ter sido convidado.

— Mas...

— Este é o seu domínio mais íntimo e pessoal, Ptal-Rei yê, assuma-o

logo!

Ptal-Rei yê “assumiu” aquele seu novo domínio e convidou o regente a instruí-lo sobre tantas coisas desconhecidas que ali dentro existiam. Quando tudo viu e entendeu, falou:

— Nunca imaginei que tudo isso existisse.

— São tantos os que desconhecem, não?

— É, são sim.

— O tempo, com nossa ajuda, um dia isso tudo a eles facultará também, Ptal-Rei yê.

— Tudo é apenas uma questão de tempo, não?

— Tudo.

— Então, por falar em tempo, preciso voltar ao meio e participar da guarda da esquerda do mensageiro.

— Não tenha pressa. Afinal, lá há outro hierarca que também assentou-se à esquerda dele.

— Quem?

— Você o verá, e será um teste para seu novo grau, porque fora deste grande Templo, os hierarcas, quando se encontram, só se comunicam por sinais.

— Um hierarca! Como eu não vi isso antes?

— Você não podia, não havia sido reconduzido naturalmente ao seu mistério original. Mas agora, recorrendo à sua visão mais ampla e profunda, que adquiriu com o “religamento”, verá por trás da aparência simbólica dele, um hierarca vestido pelo alto. E a você, mesmo estando com a aparência plasmada do Ptal-Rei que todos os seus companheiros estão habituados a ver, esta sua aparência, e vestido pelo alto, ele verá também. Mas só ele, entende?

— Sim senhor.

— Esta aparência, que é o seu natural, e esta vestimenta simbólica, somente aqui ostentará, ou em outros domínios da luz sob a guarda da Tradição Natural, ou no lado positivo dos pontos de forças dos regentes naturais. Entende?

— Sim senhor. Nas trevas serei o Ptal-Rei de sempre.

— Isso mesmo. Nas trevas, seja sombrio, no meio, seja humano, e na luz seja luminoso. Aí reside o segredo que tornou a Tradição a guardiã natural dos mistérios divinos e dos processos religiosos. Ninguém ostenta o que não possui, mas ninguém deve ficar ostentando um grau apenas porque o possui. O exibicionismo não combina com um membro das hierarquias humanas erigidas em paralelo com as hierarquias naturais, sustentadoras dos setenta e sete graus formadores da Tradição Natural regida pelo demiurgo planetário, que é o responsável natural pelo estágio humano da evolução dos seres “espiritualizados”.

— Entendi.

— Sinto que entendeu, e quando se deparar com um hierarca, faça este sinal, conhecido somente dos hierarcas. A ninguém, a não ser a um hierarca, ele é revelado.

— Entendi. Se ele não responder com um sinal idêntico, algo o estará perturbando, não?

— Ou estará sendo punido pelo próprio mistério, que não perdoa excessos ou deficiências em um hierarca!

— Uma necessidade do próprio mistério maior para preservar-se de nossas deficiências humanas.

— É isso mesmo, Ptal-Rei yê. Um mistério, por ser algo impessoal e não sujeito às vicissitudes humanas, não comporta procedimentos que possam alterar seu processo natural. E, a bem da verdade, o mistério não pune a quem quer que seja, pois, desde que nós nos portemos segundo seus processos naturais de manifestação em nossas vidas, jamais ele deixará de nos sustentar ou de fluir naturalmente sempre que a ele recorrermos. Por ser impessoal, ele pode acolher portadores dignos e equilibrados, mas nunca se manifestará por meio dos portadores indignos ou desequilibrados. É por isso, por ser impessoal, que mesmo em seus portadores naturais, eles se manifestam apenas se estiverem aptos, harmonizados e equilibrados e se mostrarem dignos de ostentá-los quando for necessário.

— Aptidão, harmonia, equilíbrio e dignidade: os mistérios que todo portador de um mistério deve cultivar o tempo todo, certo?

— Certíssimo, Ptal-Rei yê. Cultive essas quatro qualidades e tantos serão os mistérios que o procurarão mentalmente para fluírem através de você, que chegará um momento em sua vida que num mistério maior, e doador de mistérios, você terá se tornado.

— Os mistérios procuram quem cultiva o tempo todo estas qualidades básicas, Mago Regente?

— O tempo todo, Ptal-Rei yê. Quando um mistério começa a surgir repetidas vezes na vida de um ser humano que fundamenta sua vida em, pelo menos, essas qualidades básicas, começa a atrair a “atenção” dos mistérios maiores, unicamente porque, mentalmente, seu magnetismo está apto ou está se habilitando a absorver as energias irradiadas pelos mistérios o tempo todo. E um mental apto a captá-las só precisa ser habilitado a movimentá-las segundo seus próprios ditames, para tornar-se um portador natural dessas energias, por concessão do próprio senhor dos mistérios, que outro não é senão o nosso sagrado lá yê, o Senhor da Luz.

— Interessante!

— Muito! Quanto mais dignos, equilibrados, harmonizados e aptos nós formos, mais mistérios sagrados fluirão através de nós, tornando-nos mistérios humanos do sagrado Senhor da Luz, da Lei e da Vida.

—Se disso tivéssemos consciência o tempo todo, muitas dificuldades que criamos para nós mesmos seriam anuladas facilmente, não?

— Com o tempo, todos, e cada um ao seu tempo, chegaremos a essa consciência.

— Assim espero, Mago Regente.

CAPÍTULO 22

SÉPTER-REAL TORNA-SE UM YÊ

NATURAL, OU PORTADOR DE

UMA MISSÃO SAGRADA

Distante dali, mas não na mesma dimensão, Sépter-Real estava conhecendo um outro "mundo" da evolução processada em paralelo com a do mundo dos humanos.

No começo, quando entrou naquele oceano ígneo sustentado por Lahimá yê, sentia um abrasão penetrá-lo por todo o seu corpo espiritual, mas aos poucos foi se acostumando, e, algum tempo mais, já havia se acostumado com o elemento Fogo.

— Já consegue locomover-se mentalmente, meu senhor. Vamos?

— Para onde?

— Ao reino onde vivo quando não estou combatendo os invasores do embaixo do mensageiro.

— Um reino? Aqui não é tudo igual?

— Não é não. Cada estágio da evolução tem um reino todo somente dele. Não é como acontece com a evolução no estágio humano, onde espíritos nos mais diversos níveis conscienciais convivem lado a lado, sem nenhuma proteção contra os menos evoluídos.

— Isso eu quero ver, conhecer e entender, Lahimá yê.

Dê-me suas mãos que o conduzirei, até que tenha condições de mover-se sem riscos de se perder num dos muitos reinos ígneos, todos em paralelo.

Sépter seguia Lahimá yê e se deslumbrava com o que ia vendo e conhecendo, assim como com a beleza e alegria "fulgurantes" daquele elemento feminino que havia despertado nele o sentimento de amor pelos seres de sexo oposto.

Em meio a tantos deslumbramentos, chegou um momento que tudo entre eles aconteceu naturalmente, e aí houve a fusão natural de dois seres incandescentes, incendiados pelo "calor" do amor.

Se para Sépter-Real tudo aquilo parecia irreal, de tão bom que era, para Lahimá yê o êxtase da realização parecia não ter mais um fim.

Muito tempo depois, quando a temperatura deles havia diminuído e conseguiram separar-se, ela falou:

— Amor meu, já me sinto humana, tão humana quanto minhas irmãs conduzidas ao ciclo reencarnatório.

— Quanto a mim, sinto-me tão ígneo quanto os seres que conheci nos reinos que visitei.

— Suas energias humanas alteraram toda a minha vibração e formação íntima. Já sou igual aos espíritos femininos. Olhe!

Sépter-Real olhou... e notou que realmente algo havia se alterado em Lahimá yê. Um misto de humana e elemental tornaram-na ainda mais atraente aos seus olhos, e ele falou:

— Por que não a conheci antes, Lahimá yê?

— Você já me conheceu antes, amado meu. Apenas não se recorda devido ao auto-esquecimento do ciclo reencarnatório. Eu, daqui, tenho acompanhado sua longa jornada desde o momento em que teve que se separar de mim.

— Tem certeza disso, amada Lahimá yê?

— Venha comigo e provarei, amado Sépter-Real.

Eles volitaram no meio ígneo e, no instante seguinte, Sépter-Real se viu diante de uma imensa abóbada alaranjada guardada por muitos “elementais” portadores daquelas espadas flamejantes. Lahimá yê o conduziu por uma passagem, e logo estavam dentro de uma estrutura cristalina impressionante aos olhos dele.

— Sagrado lá yê! O que é isso, amada?

— Aqui é um dos muitos pontos de forças existentes nesta dimensão, onde os seres elementais aptos a ingressar no ciclo reencarnatório começam a absorver as energias circulantes nos dois planos onde a evolução no seu estágio humano se processa, amado.

— Preciso conhecer isso.

— Eu o trouxe justamente para que conheça, Sépter-Real yê.

— Não sou um yê, Lahimá yê.

— É um, sim. Não se recorda devido aos muitos adormecimentos a que sua memória imortal foi submetida no plano material da evolução dos seres em seus estágios humanos. Mas tenho certeza de que logo todas as barreiras serão anuladas, e todo um passado ancestral será rememorado na ordem dos acontecimentos que mais marcaram esta sua personalidade humana, que o individualizou. Agora, tendo retornado ao seu reino de origem, ainda a sustenta assim, individualizada. As energias humanas de seu espírito o individualizam, tal como acontece com os humanos na carne ou em espírito: todos são semelhantes, mas nenhum é igual ao outro na aparência, porque possuem traços pessoais que os individualizam, amado.

— É, isso é verdade. Uns são mais altos ou mais baixos, outros são de compleição robusta ou delgadas; outros têm olhos com cores distintas de seus irmãos sangüíneos, etc. E mesmo em espírito, podemos distinguir um espírito em meio a uma multidão deles. Já por aqui, pelo menos aos meus olhos, todos são iguais. Como vocês distinguem um em meio a tantos, se todos são tão parecidos?

— Nossa visão elemental não observa os seres a partir de suas aparências.

— Não? Se não, então como vêem?

— Nossa visão capta as energias, a cor, o magnetismo e os sentimentos, amado. Para nós, este seu corpo espiritual é como uma membrana a envolver seu corpo energético, formado dentro do seu corpo elemental básico. Esta aura, para a nossa visão, é como um invólucro transparente, ou não. Para muitos espíritos, este invólucro é opacizante por não terem cor. mas sim ausência de cor.

— Incrível. Nunca alguém me falou algo sobre isso.

— Como poderiam ter lhe falado, se isso antes nunca foi revelado? Não até onde eu saiba, porque sei apenas das coisas dos domínios de minha amada Kali Mahesh-mi-iim-yê. Talvez noutras dimensões, regidas por outras divindades, isso tenha sido revelado a algum espírito humano. Mas, eu desconheço.

— Por que está revelando a mim?

— Minha regente natural, Kali yê, ordenou-me que isso, e muitas outras coisas, eu lhe revelasse.

— Por quê?

— Ela tem uma missão para nós dois, e antes de assumi-la, você precisa conhecer tudo o que é básico, para que melhor possamos realizá-la no plano dos espíritos.

— Uma missão!

— Sim, respondeu Lahimá yê, abraçando-o e beijando-o demoradamente... nos lábios.

— Contenha seus impulsos, não estamos sozinhos amada.

— Seus lábios são deliciosos, amado. Como resistir aos intensos impulsos que “afloram” por intermédio dos meus sentidos do amor.

— Essas chamas a crepitar aí embaixo também fazem parte do seu amor?

— Os sentimentos de amor fluem por meio de todos os sentidos, sabia? E se meu sexo, agora tão parecido com o das humanas, irradia estas labaredas de cor própria, é porque o meu sentimento de amor por você é muito intenso. Estas irradiações são um desdobramento natural, porque meu amor flui também por este meu sentido, amado. Aqui, quando vibramos algum sentimento, ele se torna visível, pois flui por um, vários ou todos os nossos sentidos.

— Não dá para você recolher estas chamas?

— Eu não sei como interromper algo tão natural em meu ser, no meio onde vivo, e em todos os seres elementais. Nós somos naturais, amados. Não passamos pelo estágio humano da evolução, no qual a consciência humana consegue bloquear os sentimentos, bloqueando os sentidos, que é por onde fluem as energias naturalmente geradas pelos mais diversos sentimentos. As suas, ainda muito fortes, noções humanas do pecado por aqui não se sustentam, porque tudo em nós é natural, e o oposto da consciência humana, que é a dissimulação do que se está sentindo ou pensando, somente no meio humano pode ser sustentado. Olhe seu sexo. Veja como ele está todo irradiante!

— Não preciso olhá-lo para ter noção do que está ocorrendo com ele. Mas sei que se assim ele ficou, foi por causa desta sua irradiação tão “abrasadora”.

— Ela não é agradável, amado?, perguntou Lahimá yê, um tanto triste.

— É claro que é. Mas...

— Se é, então por que tentar dissimulá-la? Deixe-a fluir naturalmente amado, pediu ela, olhando-o de uma maneira que não havia como resistir.

— Aqui? Com todos estes elementos nos observando?

— Agora que nos viram juntos, onde quer que venhamos a estar juntos, eles nos verão.

— Tem certeza disso?

—Sim.

— Então estivemos sendo observados o tempo todo?

— Sim.

— E só agora você me revela isso?

— Se tivesse revelado antes, não teria deixado todo o seu amor fluir tão naturalmente, e com tanta intensidade como ele fluiu. E foi bom, não foi?

— É, foi sim. Só não sei por que não fico bravo com você por não ter me revelado isso antes.

— Eu já lhe disse: suas noções de pecado são vistas por nós como procedimentos antinaturais. Mas suas tentativas de dissimular o que está sentindo são considerados por nós como “pecados”, compreende?

— Lahimá yê, entenda que trago em minha consciência toda uma formação humana baseada em outros conceitos, certo?

— Eu compreendo, amado meu. Os conceitos abstratos do que seja a religiosidade também são procedimentos antinaturais que, ao invés de aproximar as criaturas do Criador, afastam-nas ainda mais. Você percebe isso?

— Fale-me mais sobre a religiosidade, amada.

— Olhe para mim e diga o que vê quanto aos sentimentos de amor que vibro por você.

— Bem, eu vejo uma criatura enlevada, vibrando intensamente e irradiando “fogo” pelos olhos, lábios, seios, ventre, mãos, sexo, enfim, por todo o corpo, certo?

— É isso mesmo, pois o amor, ao ser irradiado, flui por todo o nosso ser. Não nos é possível irradiá-lo somente por meio dos olhos, das palavras de amor, ou do sexo, ou dos gestos de ternura como os seres em seus estágios humanos da evolução conseguem fazer. Mas se assim comigo acontece, é porque “você” é o amor de minha vida. Eu não consigo amá-lo

por partes. Ou o amo por inteiro e em todos os sentidos, ou não o amo. E aí irradiações do meu amor são de cor alaranjada, e são visíveis por todos que aqui vivem, e o tempo todo.

— E quanto à religiosidade?

— Acontece do mesmo jeito, amado. Assim que temos nossa fé despertada, ela flui naturalmente o tempo todo, e quando nossos sentimentos são intensificados porque nos aproximamos de um ativador natural dela. imediatamente ela flui com muita intensidade por meio de todos os nossos sentidos, e a cor da nossa irradiação assume um tom violeta ígneo.

— Isso eu preciso ver, Lahimá yê!

— Isso também eu mostrarei, mas só depois que você, naturalmente, trocar comigo as energias de amor que estamos irradiando, e depois de você conhecer como um ser no estágio elemental é preparado para ser incorporado ao ciclo encarnatório do estágio humano da evolução.

— Primeiro a troca de energias do nosso amor, certo?

— Isso mesmo, amado meu, confirmou Lahimá yê, fundindo-se com Sépter-Real, que se limitou apenas a fechar os olhos para nada ver, uma vez que era visto por todos ali, o tempo todo, onde quer que viessem a realizar aquelas trocas de energias, tão naturais para ela.

E Sépter-Real incorporou mais um comportamento ao que já havia absorvido com os magos e hierarcas: nos reinos dos elementais, como um elemento... a mais!

— Agora desejo conhecer como os seres elementais aptos começam a absorver energias para poder ingressar no ciclo reencarnatório.

— Seus olhos já estão aptos a ver as energias, amado?

— Estão sim. Estas trocas de energias estão me sutilizando de tal maneira, que logo, logo serei apenas mais um elemento ígneo.

— Nós dizemos: “seres naturais”, amado. Os naturais não reencarnam. os humanos sim.

— Vamos aos conhecimentos, Lahimá yê!

Ela o conduziu ao interior da gigantesca estrutura cristalina, onde muitos “naturais” cuidavam dos que deveriam ser conduzidos ao plano espiritual, no qual ingressariam no ciclo

reencarnatório. Estruturas cristalinas semelhantes a colméias, todas formadas por compartimentos ou células energizadoras, de grandes alturas, todas ocupadas por naturais, impressionaram Sépter- Real.

Aquelas células energizadoras eram, e são, semelhantes a incubadoras onde os recém-nascidos ficam até estarem aptos a ir para os berçários. Em cada uma daquelas células havia vários “tubos”, se assim podemos chamar aqueles cordões energéticos, que soltavam, ou irradiavam, energias na forma de fumaça, que iam sendo absorvidas lentamente pelos seres deitados e adormecidos dentro das incubadoras.

Lahimá yê mostrou a Sépter-Real um ser natural recém-incubado. E ele viu como aquelas energias eram absorvidas e iam se acumulando no corpo energético dele.

Depois foi levado até um outro, já em avançado estágio de preparação. E viu como, tanto o corpo energético já estava totalmente imantado com aquelas energias irradiadas dentro da incubadora, quanto já era visível uma sutil aura ao seu redor.

E por fim, foi conduzido até um ser natural já apto a ser conduzido ao ciclo reencarnatório. Ele só aguardava o momento da concepção por um casal de espíritos humanos encarnados, pois, segundo Lahimá yê, ele só despertaria no momento que nascesse para a carne.

Como era um “natural”, Sépter-Real viu como ele já apresentava feições bem definidas, tendo-se individualizado em todos os sentidos.

Mais, aqui não vamos detalhar. O fato é que, quando a concepção já se realizou, um ser ainda não-reencarnado é ligado imediatamente às duas células-mater que irão gerar um novo ser. Assim que o espermatozóide fecunda o óvulo, uma aura em torno deste se forma, e vai se expandindo à medida que vai acontecendo a multiplicação ativada pela genética geradora de um novo ser. A esta aura é ligado o ser natural que irá encarnar pela primeira vez.

Quando o feto está formado, o ser já tem seu “corpo espiritual” todo energizado por energias, tanto da mãe que o está gerando, como pelas energias geradas por ele. Por volta do quinto ou sexto mês de gestação, o novo espírito é conduzido por responsáveis pela “concepção” até a mãe, onde é reduzido ao tamanho do feto, e sobreposto a ele, envolvendo-o todo e ocupando com seu corpo energético, o seu “novo” corpo carnal.

Seres naturais responsáveis pela concepção cuidam disso com tanta perícia, amor e dedicação, que o feto é coberto de cuidados até que o recém-encarnado tenha atingido o despertar da consciência, que acontece por volta dos 7 anos de idade.

Quando conheceu tudo o que dizia respeito ao estágio preparatório para que um ser natural pudesse encarnar e iniciar seu estágio humano da evolução, Lahimá yê o conduziu até um lugar extremamente encantador, onde uma divindade natural ígnea emitia vibrações magnéticas, energéticas e sonoras que tornavam aqueles naturais meio azulados.

Sim, o “fogo” irradiado por eles assumia um tom azulado “celestial”. E como não podia deixar de acontecer, Sépter-Real também absorveu as vibrações daquela divindade natural, e sua aura tornou-se azulada. Mas à medida que foi sendo envolvido pelas irradiações daquela

divindade, começou a sentir que bloqueios antigos, erigidos durante seu ciclo reencarnatório, eram dissolvidos, e a partir do seu íntimo um sentimento novo, puro e muito natural em relação ao sagrado lá yê, fluía através de seus sentidos, e ele sentiu-se vibrando intensamente, enquanto de “dentro para fora” energias irradiantes de tom azul-celestial inundavam tudo à sua volta.

Sépter-Real reconheceu o verdadeiro êxtase da fé: sentia o Senhor da Luz, lá yê, fluir por todos os seus sentidos. Em seu íntimo, a luz da fé havia sido reacendida.

Aos poucos, e naturalmente, foi sendo atraído pela divindade, até ficar frente a frente com ela, que estendeu seus braços irradiantes e o abraçou ternamente. E quando o soltou, Sépter-Real sentia-se outro. Tudo havia mudado em suas concepções religiosas. O Criador voltara a fluir naturalmente por ele, assim como o amor também já fluía.

— Agora está pronto para se religar à divindade natural responsável por você, amado Sépter-Real yê. Venha, vou conduzi-lo até o ponto de forças regido por ela e que transcende este reino e chega até os planos espiritual e material.

Tudo o que ali ocorreu, não podemos revelar. Mas quando ele teve sua memória ancestral desbloqueada, sua visão também alterou-se por completo, e ele passou a ver tudo e todos segundo uma nova “ótica”. Orientado por Lahimá yê, Sépter-Real yê foi conduzido a um lugar onde todo um degrau completo, tanto com o lado positivo como com o negativo, com a direita e a esquerda, mas completamente vazio, aguardava-o.

— Por que ele está aqui, amada Lahimá yê?

— Um dia, seu trono central foi ocupado por você, Sépter-Real. Mas você, e todos os graus dele, foram levados a uma estrutura cristalina igual àquela que lhe mostrei, e foram conduzidos ao ciclo reencarnatório da evolução em seu estágio humano. Mas, após muitos milênios, muitos dos seus graus, e você também, foram se tornando antinaturais envolvidos pelo abstracionista religioso reinante no plano material e mesmo no espiritual. Com isso, este degrau, que tinha seu ápice positivo nos domínios de lá- shan-ghor yê e o negativo nos domínios de Kali yê, sofreu um deslocamento natural, porque o negativismo humano se apossou de todos vocês. Mas agora você, já humanizado e totalmente conscientizado, poderá absorvê-lo por completo, e retornar ao meio humano, onde dará início ao resgate de todos os graus do seu degrau.

— É um trabalho imenso, amada.

— Tem toda a eternidade para fazer isso. E poderá ir formando hierarquias humanas afins com os graus deste seu degrau puro, pois ele é todo ígneo.

— O de Memon-Ghur yê é ligado aos quatro elementos originais.

— Aqueles são degraus mistos, amado. Vamos, assuma-o, e você estará apto a retornar ao meio humano, mas com novas e naturais concepções sobre a vida, a fé, a Lei e o conhecimento.

— Eu, agora que me uni a você, não quero mais viver longe.

— Amado, eu tenho todo um degrau negativo que depende de mim para que os graus dele possam auxiliar os seres naturais ígneos saídos daqui e enviados ao ciclo reencarnatório. Não posso abandoná-lo somente para acompanhá-lo.

— “Suas” graus têm que encarnar?

— Não. Quem encarnou foram os pares delas, os seus graus. A elas compete enviar irradiações mentais até onde eles se encontram, para que tenham renovados seus sentimentos de amor, fé, confiança e esperança. E caso você venha a desdobrar seu degrau no meio, Kali yê permitirá que, ao lado do seu, eu conduza o meu e todas as ocupantes dos graus do meu degrau. Lá você as assumirá e suas elas serão até que cada uma tenha de volta seus pares do sexo oposto.

— O que isso significa, Lahimá yê?

— Você não me assumiu, tornando-se meu senhor?

— Sim, mas isso é diferente. Eu a amei assim que a vi.

— Tenho certeza de que irá amá-las tanto quanto me ama, assim que as vir.

— O que propõe é inacreditável, amada. Eu não posso dividir o amor que sinto por você com outras naturais.

— O amor, não dividimos, amado. Isso é uma colocação antinatural criada pelos religiosos abstracionistas, que acham que amar ou servir a mais de uma divindade é uma afronta ao sagrado lá yê. Mas a verdade é bem outra, porque se Ele, o Criador, ama a todos e flui naturalmente por meio de todas as divindades naturais, quando só conseguimos amar a uma, nosso amor é parcial. A partir do momento que conseguimos amar a todas as divindades naturais, nosso amor está se multiplicando. E aí começamos a nos tornar canais nos quais o amor particular de todas as divindades flui por nós naturalmente.

— Puxa, você tem umas colocações que não consigo contra-argumentar.

— Isso significa que irá assumir o destino delas?

— Tem de ser em todos os sentidos?

— Se assumirmos apenas parcialmente um dos que de nós depende, estaremos agindo de forma antinatural. Não ampararemos alguém nos responsabilizando apenas por um dos seus sentidos. Ou o assumimos por inteiro, e em todos os sentidos, ou seremos um mal na vida dele. Se forte e equilibrado se tornará nos sentidos que assumimos, frágil será naqueles que não assumimos.

— E quanto ao... você sabe...

—- O ciúme é uma concepção antinatural surgida a partir do desejo de posse, e eu sou uma natural, amado!

— É, você é até muito natural, Lahimá yê. Fico a imaginar como não se comportarão as suas, caso venham a conviver entre os espíritos humanos.

— Acredita que elas o trocarão por outros espíritos?

— Talvez venham a se sentir atraídas por eles.

— Isso não acontecerá, amado.

— Por que não?

— Elas têm uma visão pura dos seres. Somente vibrarão sentimentos nesse sentido que tanto o preocupa, caso reencontrem seus pares ancestrais. E só se reunirão a eles após você romper os cordões que mantêm todas elas ligadas a você.

— Que cordões?

— Olhe com sua nova visão que os verá, amado.

— Onde devo olhar para vê-los?

— Bem aqui! Olhe quantos. Todas elas o aceitaram como senhor.

Sépter-Real olhou. E realmente viu os tais cordões energéticos. Eram

tantos que ele se assustou, mas não pela quantidade e sim pelo lugar por onde elas a ele estavam “ligadas”: ao seu sentido da vida, a geração.

— Inacreditável! Incrível! Como isso aconteceu?

— Tudo aconteceu naturalmente, amado. Desde nossa primeira união energética, elas já se ligaram a você por meio desses cordões.

— Por que não me falou sobre isso?

— Foi tão natural que não havia razões para avisá-lo. Você precisa alertar alguém porque está sorrindo, feliz, etc?

— É, mas eu não sabia de nada disso.

— Agora já sabe. Isto é sinal de que é um ótimo gerador de energias nesse sentido, amado. Por uma atração magnética natural, logo, logo todo este seu ponto de irradiação de energias terá estabelecido tantas ligações quanto for sua capacidade natural de gerá-las.

— Quer dizer que ainda surgirão mais destes cordões?

— Surgirão sim. O seu magnetismo é muito forte, e enquanto não atingir um equilíbrio, irá estabelecer ligações.

— Posso rompê-los, não?

— Este seria um procedimento antinatural. Você estaria negando às suas irmãs naturais uma oportunidade única de se realizarem como seres femininos, e impedindo que a consciência delas despertasse em harmonia energética e equilíbrio emocional. Este não é um comportamento natural, amado.

— Como sustentar tantas “naturais”?

— O seu magnetismo é poderoso e você as sustentará facilmente. Afinal, você é Sépter-Real yê, um gerador natural de energias. Deixe de pensar como os antinaturais que tudo fluirá naturalmente.

— Sagrado lá yê! Olhe! O que está acontecendo? Quase não estou conseguindo ver meu sentido!

— A medida que você o está assumindo, as ligações estão acontecendo naturalmente.

— Preciso de tempo para entender tudo isso, Lahimá yê.

— Por que não assume seu degrau conscientemente e recolhe todos os tronos ígneos ao seu, já que é seu regente? Assim que fizer isso, todo o seu magnetismo atrativo, em todos os sentidos, atingirá seu potencial natural, e todas as ligações neste reino se completarão, enquanto as no lado humano também se estabelecerão. Aí você terá uma noção exata do que a sagrada Kali Mahesh-mi-iim-yê espera de você?

— Ela espera algo de mim?

— Ela espera muito de você, amado Sépter-Real yê. Vamos, assuma conscientemente o seu degrau, amado. Afinal, ela o preservou das investidas emocionais dos antinaturais durante todo o tempo que você permaneceu no lado humano, cumprindo todo o seu ciclo reencarnatório. Já chega de fugir do seu dever sagrado.

— Dever sagrado? Que dever é este?

— Todos os que recebem na sua origem a distinção “yê” tem um dever sagrado a cumprir. E você, desde sua origem, é um yê.

— Neste sentido também?

— Claro. Se assim não fosse, somente eu teria me ligado a você. Mas como pode ver, agora é o senhor de muitas naturais, que estão só aguardando você assumir seu trono regente para, em seus domínios, se reunirem. Apresse-se amado! O momento de assumi-lo por inteiro e em todos os sentidos é este.

— Lahimá yê, por que não consigo resistir às suas ordens?

— Eu não estou ordenando nada, pois ordenar a você pertence, Sépter- Real yê. Apenas estou auxiliando-o a assumir naturalmente o que aqueles seus irmãos que estão guardando o mensageiro estão assumindo de forma antinatural. Não percebe que eles têm sido absorvidos pelos mistérios negativos de outros yê, tendo perdido o direito ancestral de voltar a ostentar, assim como de realizar seus deveres sagrados.

Estes, dos quais o sagrado lá yê retirou o grau de yê, vivem atormentados pelas energias de seus negativos, e a todo custo tentam passar seus negativos a outros portadores do grau yê. Quando conseguem, os tormentos das energias desequilibradoras geradas em si mesmos a partir das vibrações de seus sentimentos negativos cessam, e eles obtém um alívio temporário. Mas logo um outro, muito maior, começa a incomodá-los: o embaixo deles entra em desarmonia e começa a desequilibrá-los, atingindo seus emocionais com tanta intensidade, que deixam de pensar e agir como espíritos humanos, e nem como tal conseguem se ver.

Sépter-Real, cuja mente raciocinava a uma velocidade espantosa, exclamou:

—- Então é isso! Sagrado lá yê, descobri o mistério dos abstracionistas! Eles quebraram a hierarquia natural e interromperam todo um processo humano de evolução natural. Agora vivem atormentados devido àqueles que a eles naturalmente se ligam, e despertam neles incômodos energéticos insuportáveis.

— Com você só não aconteceu isso porque a sagrada Kali yê recolheu seu degrau natural nos domínios dela, que é o embaixo dos domínios do sagrado Iá-fer-ag-iim-ior-hesh yê, Guardião do Fogo Divino. Com ela, os abstracionistas obtiveram apenas um sucesso parcial. Arrastaram para as esferas negativas “humanas” os ocupantes dos graus do seu degrau. Assuma seu degrau e absorva-o por completo em seu grau de yê. Depois, paciente e naturalmente, comece a recuperar dos domínios humanos seus auxiliares. E quando sentir que um já está totalmente recuperado, aí sim, devolva a ele o trono a que tem direito, porque se fizer isso antes de uma

recuperação total, facilmente os abstracionistas ligarão ao pólo negativo dos tronos do seu degrau os pólos negativos deles, ou dos tronos naturais que um dia eles ocuparam, e isso se não o ligarem ao pólo negativo de um trono regente, tal como já fizeram com o mensageiro.

— O negativo do degrau de Memon-Ghur yê!, exclamou Sépter-Real yê. — Então, o astuto Lúcifer yê ou outro abstracionista qualquer armou tudo aquilo para se livrar dos tormentos que eles próprios haviam atraído para si. Que loucura!

— Agora que descobriu a principal razão que tornou difícil a evolução processada no ciclo reencarnacionista, creio que não irá mais acusar-me de estar lhe dando ordens.

— Perdoe, Lahimá yê. Tantas são as coisas que estou descobrindo ultimamente, que sinto dificuldades em distinguir quando estão me auxiliando e quando estão apenas me confundindo.

— Eu compreendo-o, amado! Tenho acompanhado sua longa jornada, e se agora tudo está começando a ser ordenado racional e naturalmente, tudo também parece difícil. Mas a fé e o amor voltaram a fluir naturalmente em você, e movido pela fé no sagrado Senhor da Luz, e amando todas as criaturas, certamente conduzirá sua jornada naturalmente, e sem dores, sofrimentos ou tormentos humanos.

— Assim espero.

— Assim será, amado!

— Com você ao meu lado para suprir minhas deficiências ou podar meus excessos, num dia muito luminoso haverei de reassentar este degrau em seu ponto de forças original.

Sépter-Real yê assumiu seu trono de regente do degrau e, depois de ter recolhido todos os tronos graus nele, absorveu-o em si mesmo, ocultando-o da "vista" humana, até que aquele dia radiante e luminoso viesse a chegar.

Uma manifestação da "própria" Kali Mahesh-mi-iim-yê aconteceu: assim que ele acabou de absorver o trono regente, recebeu dela toda uma vestimenta sagrada e uma espada portadora do fogo da purificação, que os humanos caídos chamam de fogo da destruição, pois não podem ser atingidos por ele senão todos os seus negativismos serão "queimados".

Sépter-Real yê adquiriu uma visão divina do Criador, da criação e de todas as criaturas, inclusive as "humanas".

Em seguida foi a vez de Lahimá yê assentar-se em seu trono regente, juntamente com todas as "suas", cada uma em seu grau, e assim que todas elas absorveram seus tronos, ela absorveu em si mesma a "estrela energética" que dava sustentação aos mistérios que fluem por meio daqueles tronos.

Quem fornecia a sustentação do degrau de Memon-Ghur yê era a pirâmide equilátera, cujo símbolo maior é o triângulo equilátero. Em Lahimá yê, a sustentação provinha da sua estrela regente.

Sépter-Real yê ainda permaneceu por algum tempo conhecendo os reinos ígneos regidos pela sagrada Kali Mahesh-mi-iim- yê, divindade feminina do fogo, e pólo oposto, feminino de Iá-fer-ag-iim-ior-hesh yê, que no Ritual de Umbanda Sagrada é o senhor Ogum, ou Iá-ag-iim yê (Ogum yê).

Quando dali partiam, rumo ao plano espiritual, foram naturalmente assentar-se no ponto de forças naturais regido pelo sagrado Iá-shan-ra-iim- ghor-re-em yê, que no Ritual de Umbanda Sagrada é o senhor Xangô, ou Iá-shan-ghor yê.

Todo um ponto de forças naturais lhes foi designado pelo regente planetário Iá-shan-ghor yê, onde assentaram seus degraus completos, e todo um reino elemental misto foi passado aos seus domínios.

Na Umbanda Sagrada, os domínios de Sépter-Real yê e Lahimá yê são as "Sete Pedreiras".

Já assentados, e tendo "povoado" aquele reino com todos os seres naturais afins, Lahimá yê desdobrou seu trono regente, assim como todos os graus dele, que dariam sustentação a ela enquanto estivesse fora de seus domínios auxiliando Sépter-Real yê a recuperar seus graus desequilibrados e desarmonizados desde que adentraram nos seus estágios humanos da evolução.

Longa haveria de ser a jornada em busca de seus graus, mas ele tinha em Lahimá yê sua alma gêmea ancestral, que a ele se religara depois de milênios separados, para que ela evoluísse por intermédio da natureza planetária e ele por meio do ciclo reencarnatório.

O tão discutido mistério das almas gêmeas, sobre o qual muito já foi escrito, mas tudo de forma abstracionista, é este: os seres evoluem até um ponto em que, um dos dois, o macho ou a fêmea, é separado e vai evoluir em outra dimensão. Aquele que fica na dimensão original dará sustentação natural ao que foi afastado. O reencontro, ou religamento, só ocorrerá muito tempo depois, quando o que está em outra dimensão ou plano da vida estiver apto a retornar à sua dimensão original e reunir-se aos seus "irmãos ancestrais".

No caso de Lahimá yê e Sépter-Real yê, ela ficou como sustentadora e ele seguiu para o estágio da evolução processado no que chamamos "meio humano". Sutilmente abordamos como se processa a preparação de um ser elemental ou "natural" para que ingresse no estágio humano da evolução.

Muitos que escrevem sobre o mistério "alma gêmea", por desconhecerem-no, entregam-se à maneira abstrata (o criacionismo humano) para explicar a incansável busca que os espíritos humanos realizam tentando encontrar seu par perfeito. Não será no "meio humano" (material e espiritual) que encontrarão o "amor de suas vidas", porque o Criador, que em tudo é perfeito, mantém um numa dimensão natural, enquanto o outro vai "aprimorar-se" em outra, e quando ele estiver apto retorna à sua dimensão original e religa-se à sua outra parte, para que um novo estágio da evolução possam vivenciar, no qual um suprirá as carências e deficiências do outro, ou anulará seus excessos.

Em tudo, há a perfeição. E neste mistério das almas gêmeas a perfeição também está presente, pois os espíritos humanos, buscando sempre seu par perfeito, vão estabelecendo ligações com o sexo oposto que vão fornecendo estímulos emocionais para que avancem sempre. E, avançando sempre (evoluindo), um dia todos nós, espíritos machos ou fêmeas, reencontraremos nossas almas gêmeas e a elas nos religaremos, tornando-nos habilitados aos olhos do nosso Criador a ingressar num novo estágio da evolução, que se processará em um outro nível da vida e em um outro nível consciencial, em que ódio, inveja, ciúme, mágoas, etc, são vistos como coisas antinaturais, geradas a partir do criacionismo abstrato do racional humano e incompatíveis com as concepções de vida natural.

O abstracionismo criacionista humano é uma forma que temos de suprir-nos emocionalmente do afastamento ocorrido em determinado momento de nossas existências. O retorno ocorrerá racionalmente quando retornarmos conscientemente e "conscientizados" ao meio, plano ou dimensão da vida, do qual um dia partimos.

Muitos mistérios da vida foram transformados em mitos que se espalharam por toda a face da Terra, dando origem, a partir de seus surgimentos, a muitas "obras-primas da literatura universal", que, com o passar dos tempos, e por puro abstracionismo humano, assumiram formas alegóricas, passando a ser vistas como verdades cujos fundamentos se perderam no tempo.

Isso é pura abstração!

Na abstração o Criador tem permitido que toda uma cosmogonia divina seja criada pelos povos para suprir, a partir do seu exterior, uma vez que falta ao espírito humano esta religação com Ele, o que só ocorrerá através do fluir natural de toda uma natureza divina que flui

naturalmente quando somos absorvidos pelo nosso “meio original” (a repetição de termos iguais, mas com significados diferentes, aqui se faz necessário).

Mas o fato é que Sépter-Real yê, acompanhado de Lahimá yê, dirigiu-se para junto do mensageiro e, por ordem do Sagrado Guardião do Fogo Divino assentou-se à sua esquerda. Quando os dois surgiram ao lado dele, que vivia no plano material, todos aqueles guardiões negativos recuaram assustados com a aparição de dois seres da luz extremamente luminosos.

O Mago da Pedra Azul, sabedor de quem eram aqueles seres, ajoelhou- se e cruzou o solo diante deles em sinal de reverência. E Ptal-Rei yê, que chegou no instante seguinte, do mesmo modo procedeu, não se levantando, até que Sépter-Real yê ordenou:

— Levante-se, Ptal-Rei yê!

Ptal-Rei yê levantou-se, e só então ousou olhar para aqueles dois seres da luz, que pouco a pouco foram recolhendo suas irradiações luminosas, até que um Sépter-Real yê extremamente belo fica visível. E o mesmo aconteceu com Lahimá yê cuja beleza feminina, devido à singeleza dos traços naturais e à pureza irradiada, impressionava os olhos humanos deles.

Ptal-Rei yê olhou para o Grande Mago da Pedra Azul e também viu, por trás daquela aparência esquelética, um hierarca natural extremamente belo. Tentou dizer algo, mas o próprio “mago” falou:

— Momentos há em que o silêncio absoluto é mais eloqüente que mil palavras, Ptal-Rei yê.

— Por não saber o que dizer, acho que vale mesmo, Seph-Man yê. Coisas “inexplicáveis” costumam acontecer da forma que menos esperamos, não?

— Acontecem sim, Ptal-Rei yê. A esquerda do mensageiro está assumindo uma característica tal, que algo muito luminoso será semeado neste meio dominado pelo sagrado Iá-fer-ag-iim yê.

— Acredito que o regente planetário está semeando aqui alguns mistérios da criação, Seph-Man yê.

— Também acredito que seja mesmo esta a missão atual do mensageiro. Sementes imortais ele está portando desta vez. E vendo Sépter-Real yê e Lahimá yê ao nosso lado e à esquerda dele, como não será formada sua direita?

— Ou o alto ou o embaixo, não?

—- Desta vez os quatro pontos cardeais estão assumindo uma característica tal, que a religião que por aqui vier a surgir, possivelmente se tornará imortal, Ptal-Rei yê.

— Será?

— O tempo dirá, irmã destino e sina.

CAPÍTULO 23

MEIMAN-SHUR E O GUERREIRO

SÃO EXECUTADOS PELA LEI

GUARDIÃ DOS MISTÉRIOS

Sépter-Real yê, com uma vibração mental, reuniu à sua volta todos aqueles guardiões da esquerda do mensageiro, e após dar uma olhada em todos, ver o que estava oculto por trás de cada um e o quanto eles estavam distantes de seus reinos originais, sentiu uma tristeza tão profunda, que se não fosse Lahimá yê para sustentá-lo mentalmente, teria chorado, tanta era a sua tristeza.

E tanta era a tristeza que ele irradiava, que dos olhos daqueles guardiões petrificados na dor humana, lágrimas começaram a correr em profusão.

O Sentinela, não resistindo à tristeza que dele se apossou, caiu de joelhos e perguntou:

— Onde nós erramos, irmão de destino e sina?

— Em quase tudo, irmão do meu coração, respondeu Sépter-Real yê, abraçando-o e soluçando, pois não conseguia conter a vontade de chorar, ainda que Lahimá yê o estivesse sustentando mentalmente.

Sépter-Real yê acariciou o rosto lodoso do Sentinela com delicadeza, ternura e amor. Depois, beijou-lhe as faces demoradamente, para, a seguir e aos soluços, dizer:

— O tempo corrigirá nossos erros, irmão amado.

— Vendo-o tão lindo, limpo e puro, sinto-me indigno da vida, Sépter- Real yê. Não sei se devo abraçá-lo, pois posso maculá-lo, ou se devo fugir de vergonha devido ao meu estado atual.

— Fugir irá ajudá-lo a purificar-se, Sentinela?

— Fugindo para algum abismo dos infernos ao menos posso ocultá-la.

— Ainda que a oculte de todos os seres viventes, nunca a ocultará de si mesmo, irmão meu. Dê tempo ao tempo que a todos os erros corrigirá.

— Como corrigi-los, se a cada instante novos erros venho cometendo? E o último foi não ter aceito adentrar naquela dimensão ígnea, onde purificado eu teria sido.

— O tempo lhe proporcionará outra oportunidade, irmão.

— Nós o perdemos, não?

— Muito pelo contrário, Sentinela. Nunca me senti tão próximo a vocês como agora sinto que estou. E se antes eu não entendia o que comigo acontecia, agora compreendo tudo o que

conosco vinha acontecendo. E voltei para, junto de vocês, ajudá-los a compreenderem a si mesmos, e a todos os nossos irmãos de destino e sina, de origens as mais diversas, pois de reinos elementais distintos nós viemos.

— Quer dizer que você deixou os domínios da luz e optou pelos das trevas?

— Não, não. Eu assumi domínios de dupla polaridade, mas optei por auxiliar meus irmãos ainda distantes da verdadeira religação com nossos ancestrais e com nosso Criador.

— Grande Sépter-Real yê! Honra seu Criador com gesto tão nobre. Somente um ser movido por razões divinas assume compromissos iguais aos que até aqui o reconduziram, era o mago regente da Tradição Natural quem o saudava e elogiava.

E assim que Sépter-Real yê olhou para ele, abaixou-se e cruzou o solo diante dele, pois viu nele o portador de uma missão sagrada.

Para não nos alongarmos e tornarmo-nos repetitivos nos procedimentos da Tradição, guardiã dos mistérios originais e naturais, tanto Lahimá yê, já fortemente "humanizada", como Sépter-Real yê, fortemente "naturalizado", foram absorvidos num nível muito elevado por uma hierarquia toda ela formada por portadores de missões sagradas.

Quando todo o processo de absorção terminou, aí sim, eles deram início ao auxílio aos irmãos ainda distantes do ponto onde poderiam se reunir com seus irmãos ancestrais.

Mas, retornando um pouco, havíamos visto Meiman-Shur e o guerreiro dos infernos saírem para "aproveitar" o que as trevas tinham a oferecer- lhes antes que o inferno se acabasse, certo? Pois tentava Meiman-Shur convencer o guerreiro a montar um dos seus cavalos negros.

— Onde você consegue estes cavalos, Meiman-Shur?

— Isso é um mistério, guerreiro. Logo, nada vou revelar sobre ele. É pegar ou largar!

— De jeito nenhum! Não vou assumir um cavalo destes sem antes saber algo sobre eles, certo? Eles me parecem mais ferozes que cães ou serpentes das trevas.

— Bem, já que insiste, vou revelar-lhe o maior segredo destes ferozes cavalos negros. Saiba que eles são os "espíritos" revoltados dos pobres cavalos que, montados no plano material por cavaleiros insensíveis e torturadores, após desencarnarem foram possuídos pelos seus negativos, e tornaram-se uma ameaça aos caídos, quase todos péssimos cavaleiros e insensíveis tratadores de cavalos. É isso guerreiro. Satisfeito?

— Que incrível! Cavalos possuídos por seus negativos, que odeiam espíritos humanos. Tive que viver milhares de anos nos infernos tomando cuidado com os cavaleiros, porque seus cavalos resistem à fúria de minha lâmina, agora descubro isto!

Diante do espanto do guerreiro, Meiman-Shur não agüentou e emitiu uma sonora gargalhada, levando o outro a exclamar irritado:

— Meiman-Shur, seu desgraçado! Você fez pilhéria com minha curiosidade?

— Foi só uma brincadeira, guerreiro!

— Brincadeira? Já imaginou o papel de idiota que eu faria caso revelasse isso para alguém? Só não passo minha lâmina no seu pescoço por duas razões!

— Duas? Quais são, guerreiro?

— A primeira é que caveiras não têm pescoço, e a segunda você sabe muito bem qual é, certo?

— Só porque, ao lançar-me em minha dor final, terá que assumir a fúria da morte que se apossou de minha garganta? Há, há, há...

— É. Só por isso também. Mas a segunda é porque você é uma estrela invertida igual a mim... e temos muito a perder se um lançar o outro na sua dor final.

— Temos sim. É melhor nos preservarmos e nos auxiliarmos, porque podemos até ter sido invertidos pelo safado do Lúcifer yê, mas ainda não nos vingamos dele, certo?, perguntou Meiman-Shur.

— Eu não me incomodarei de encontrar meu fim na dor. Mas espero que isso ocorra depois de ter acertado minhas contas com ele, concordou o guerreiro. — O safado inverteu minha estrela, mas um dia pagará por isto!

— Se o safado se plasmasse para poder ser lançado em sua dor final, não tenha dúvidas!, eu o lançaria com tanto prazer, que nem dor ele sentiria.

— Eu já... espere.... minha lâmina está captando a aproximação de caídos aptos a alimentá-la.

— E, minha garganta “secou” muito rápido. Acho que estamos cercados por um número suficiente para alimentar sua lâmina e saciar esta sede da morte dos infernos. Veja! Que droga de inferno é esse aí?

— Fujamos, Meiman! Isso aí é o embaixo de algum mago caído.

— Como sabe?

— Eu já vi isso aí antes. O embaixo dos magos é formado por seres elementais. E se o mago cai, cai também o embaixo dele. Esses elementos caídos se transformam em fúrias puras, Meiman-Shur. Fujamos enquanto podemos.

— Nada disso, guerreiro. Esta minha sede exige que a morte seja brindada com o suculento caldo desses malditos elementos caídos!

— Você está louco? Nós somos, apesar de não parecermos, seres humanos, Meiman-Shur!

— E daí? Nós sabemos como reduzi-los às suas sementes originais, certo?

— Mas, além deles serem muitos, são fúrias. E aí, nós é quem iremos assumi-los, sabia?

— Ouça, não sei quanto a você, mas eu tenho minha espada simbólica original. E será com ela que darei uma lição nesses elementos caídos... e no safado do mago caído, falou o cavaleiro da morte, já puxando de algum lugar invisível aos “olhos” comuns uma longa espada simbólica ancestral.

— Droga Meiman, exclamou o guerreiro, já sacando a dele também.

— Nós somos proibidos de recorrer às nossas lâminas ancestrais.

— Ao inferno com a proibição, irmão. Uma estrela, mesmo invertida, não foge de um bando de elementos caídos!

— E além do mais, se são fúrias, acrescidas ao negativo de nossas lâminas ancestrais certamente serão.

— E aí, em executores de elementos caídos nos tornaremos. Ou não pensa nisso?

— Já somos executores dos blasfemos, dos antinaturais, dos assassinos, dos malditos, etc, uma execução a mais não será notada.

— Você já viu no que se transformam esses elementos? São uma ameaça constante até para os grandes das trevas!

— Bem, se é assim, então está na hora de os infernos se defenderem dessa terrível ameaça, certo? Imagine só o quanto os grandes não nos temerão, assim que descobrirem que aquilo que mais temem passaram a ser fúrias elementais em nossas lâminas ancestrais. Só de nos ver, cairão de joelhos diante de nós e clamarão por nossa piedade. Há, há, há...

— Que piedade? Você ainda tem esse resquício de humanismo?

— Eu não. Mas... você também não tem?

— Nem um pouco.

— Infernos! O que restou de humano em você?

— Acho que só esta aparência, Meiman-Shur.

— Então, não precisamos temer esses elementos caídos, porque se vivemos como humanos apenas devido às nossas aparências, eles devem pensar que irão esgotar humanos, mas na verdade estarão diante de uma fúria da morte e outra da Lei. Ao inferno com os elementos caídos, guerreiro! Vamos atacá-las!, bradou o cavaleiro da morte. Minha lâmina ancestral vai fortalecer-se mais um pouco com esses imbecis! Há, há, há..., gargalhou ele, já atirando sua montaria contra a horda de elementos caídos, que também atiraram-se contra ele... e o guerreiro, que só teve tempo de exclamar:

— É isso que dá juntar uma fúria da morte e outra da Lei!

Realmente, os dois, possuídos por suas fúrias infernais, transformaram o lugar onde se encontravam num verdadeiro horror. Suas lâminas simbólicas ancestrais, proibidas pela Lei de

ser empunhadas aleatoriamente, explodiram num caos energético, já que haviam se tornado negativas quando tiveram suas estrelas simbólicas ancestrais invertidas.

Espadas semelhantes às deles, mas positivas, só os orixás manifestadores do ancestral Ogum portam no Ritual de Umbanda Sagrada. Mas as espadas dos orixás não estão no pólo negativo, portanto, não são irradiadoras do caos energético que consome tudo... e todos à sua volta.

Elementos caídos iam explodindo ao serem atingidos pelas energias irradiantes altamente destruidoras, pois elas consomem e alimentam-se dos elementos originais, das energias dementais, das energias minerais, cristalinas humanas, etc.

Até o mago caído nas trevas, que havia enviado seu embaixo formado por elementos, foi consumido pelas lâminas ancestrais que, quando ativadas, envolveram a todos de uma só vez.

Os dois ainda gargalhavam, quando diante deles surgiu um cavaleiro da luz acompanhado por um porta-estandarte da Lei, que perguntou de chofre:

— Quem os autorizou a empunhar suas lâminas simbólicas ancestrais, cadentes irmãos de estrela?

— Por que deseja saber, se já sabe, ascendente irmão de estrela?, perguntou Meiman-Shur.

— Vim executar a Lei que rege o mistério das lâminas simbólicas ancestrais, estrelas cadentes.

— Nós as empunhamos porque fomos cercados por um bando de elementos caídos, estrela da Lei.

— Eles poderiam ter sido reconduzidos aos seus reinos de origem, caso vocês tivessem conversado e argumentado que, caso não os obedessessem, seriam punidos por estas lâminas ancestrais. Por quê, se portam o símbolo do sagrado Iá-shan-ghor yê e a espada da Lei do sagrado Iá-fer- ag-iim yê, não cumpriram com seus deveres de Guardiões da Lei?

— Pensei que aqueles elementos caídos comandados por um mago caído fossem mais perigosos, cavaleiro da Lei.

— Devolvam-me o símbolo do sagrado Iá-shan-ghor yê e a espada simbólica do sagrado Iá-fer-ag-iim yê, guardiões caídos!, ordenou o cavaleiro da Lei.

Meiman-Shur e o guerreiro devolveram o que foi exigido pensando que a punição seria somente aquela. Mas o cavaleiro da Lei também ordenou:

— Sigam-me até os domínios de Memon-Ghur yê, pois se tornaram indignos do grau de guardiões de tronos graus do degrau sustentado por ele.

— Até isso perdemos, cavaleiro da Lei?

— Isso é só o que menos perderam, estrelas cadentes.

— Se isso é o menos, o mais que perdemos é o quê?, perguntou o guerreiro.

— Vocês também perderam o direito ao meio humano, estrelas sem luz.

— Infernos!, exclamou Meiman-Shur. — Por todos os infernos, o que realmente nos aguarda, cavaleiro executor da Lei?

— Primeiro, devolvam a Memon-Ghur yê os graus do degrau dele. Depois saberão, estrelas sombrias.

Dali se dirigiram à pirâmide energética de Memon-Ghur yê, que já os aguardava.

— Por quê, irmãos?, perguntou ele, muito triste.

— São coisas que acontecem, Memon-Ghur yê. Mas eu sou o culpado de tudo, assumiu Meiman-Shur. — O guerreiro foi induzido por mim. E pela Lei, o inocente não deve pagar, pelo culpado, certo?

— Irmão de estrela!, exclamou o guerreiro. — Eu o induzi, irmão. Eu assumo toda a culpa perante a Lei.

— Não aceito isso, Meiman-Shur. Você havia me perguntado se algo de humano ainda me restava.

— Claro! E restou, a lealdade nos momentos de perigo, certo?

— Errado. Ainda me restava a estupidez humana, cavaleiro da morte. Sou grato a você por tê-la feito aflorar em mim.

— Não, não. Seu gesto foi de lealdade, guerreiro!

— Meiman-Shur, se eu tivesse sido leal, teria-o agarrado e tirado dali, porque meus sentidos me diziam que aquilo tudo era uma cilada como aquela que Lami-Shór havia nos preparado. Mas não agi com lealdade. Fui estúpido como todos os humanos idiotas. Mesmo pressentindo que o correto seria fugirmos dali, preferi acompanhá-lo em uma ação que percebi ser uma afronta ao mistério de nossas lâminas ancestrais. Assim, ainda me restava de humano a estupidez. E por ser um estúpido idiota que não soube proteger um amigo leal em perigo, devo e quero ser punido junto com você.

— Eu... desculpe-me, guerreiro. Sinto muito se a essa fúria da Lei, acrescentei um tormento da Lei.

— Não se lamente por mim, irmão de estrela. Os caídos não devem alimentar estes tolos sentimentos humanos. E você sabe quem os despertou em nós, não sabe?

— Você acredita que foi ela?

— Claro, foi depois que ela me curou daquele tormento do fogo da destruição que estes estúpidos e inconseqüentes sentimentos humanos se apossaram de nós. Mas agora já nos livramos deles, certo?

— Certo, guerreiro. Ao inferno com os estúpidos sentimentos humanos! Há, há, há...

— Ao inferno com eles, Meiman-Shur! — respondeu o guerreiro, gargalhando a seguir.

— Como vocês são inconseqüentes, estrelas das trevas!, repreendeu-os o cavaleiro da Lei. — Deixam dois importantíssimos tronos deste degrau assentado vazios, não mais poderão auxiliar as hirarquias dos sagrados Iá-sham ghor yê e Iá-fer-ag-iim yê, e ainda se riem. Como foram inconseqüentes!

Os dois calaram-se, e após se desculparem com Memon-Ghur yê, devolveram à pirâmide energética sustentadora de seu degrau os dois tronos graus. E para surpresa maior, viram surgir ali Sépter-Real yê, Lahimá yê e todos os guardiões dos outros graus.

— Droga, Meiman-Shur!, murmurou o guerreiro. — Mais que a estupidez me restava.

— Em mim também. A vergonha dos arrependidos ainda me incomoda.

— A mim também.

— O que aconteceu com eles?, perguntou Sépter-Real yê.

Após ouvir o cavaleiro da Lei, Ptal-Rei yê, irritado, falou:

— Meiman-Shur, seu maldito idiota! Agora que conquistamos recursos para sustentar toda a esquerda do mensageiro, vocês se suicidam?

— Ainda não estamos mortos, Ptal-Rei yê. Estrelas nunca morrem realmente. Apenas se apagam um pouco mais, mas é só!

— Não é só não, senhores das trevas, falou o cavaleiro da Lei. — É hora de executar os ditames do mistério do símbolo sagrado da estrela.

Os dois caídos se olharam, depois se abraçaram demoradamente e, por fim, disseram:

— Execute seu dever, irmão estrela ascendente. Qual é a pena?

— A você, cavaleiro da morte, foi ordenado que seja confinado no “meio”.

— Já não estou nele?

— O meio a que me refiro não é o meio humano, irmão estrela das trevas.

— Se não é o meio humano... então... não... não e não!, exclamou Meiman-Shur, muito angustiado.

— E lá mesmo, cavaleiro da morte. E lá permanecerá até que o senhor do trono responsável pelo seu degrau tenha condições de resgatá-lo.

— Quem é o senhor do meu degrau... disse, meu degrau? Eu não sou só um grau, cavaleiro da Lei?

— É regente do trono da estrela do ar, cavaleiro da morte.

— Infernos! Mil infernos juntos no meio! Por que só agora isso me é revelado? Infernos malditos! Enlouquecem-nos, cegam, desnorteiam e confundem o tempo todo e todo o tempo. E não satisfeitos, enviam-nos ao meio da própria morte: o “tempo”, onde o caos fez sua devastadora morada!

— Qual é minha pena?, perguntou o guerreiro.

— Será enviado ao embaixo do senhor do degrau no qual um degrau auxiliar você rege, irmão caído nos infernos mais profundos.

— Droga de infernos! Quando pensamos que estamos nos humanizando, estamos apenas conquistando um pouco mais de tormento em nossas vidas malditas!

— Isso não vale a pena, sabe, falou Meiman-Shur.

— Não vale mesmo, concordou o guerreiro. — Já enviei para os “embaixo” todos os grandes das trevas, que hoje, no embaixo, voltaram a ser grandes malditos novamente. Isso não acaba nunca, Meiman-Shur!

— Não mesmo. Lá, naquele caos do tempo, estão todos os malditos, os blasfemos, os pervertidos e toda a escória humana que para lá tenho enviado nestes séculos de executor da morte nas trevas. Lá, à minha espera, os malditos gargalham!

— Prefiro a execução final cavaleiro da Lei!, pediu o guerreiro, ajoelhando-se.

— Eu também, pediu Meiman-Shur, ajoelhando-se ao lado do guerreiro. Execute os ditames dos mistérios aos que se recusam a obedecê-los.

— Idiotas!, exclamou Soph-Mahar. — Vocês serão reduzidos a poeira cósmica!

— Melhor o destino final numa lâmina luminosa da Lei, que nas garras dos que por nós foram punidos, Soph-Mahar.

— Não, seus idiotas dos infernos. Vocês ainda não perderam suas lâminas simbólicas ancestrais. Sigam os ditames de seus mistérios, que as aparências enganam!, exclamou Ptal-Rei yê. — Com elas empunhadas, vocês derrotarão todos os canalhas e os tornarão seus escravos. Ou não percebem que o chamado a vocês emitido pelas trevas, ou pelo tempo, é este: “Venham assumir o destino destes malditos caídos, porque outros com a sua competência não há por aqui.”

Os dois se levantaram, entreolharam-se por um momento e exclamaram:

— Então é isso! Um líder forte e à altura de seus reais desejos. Se o embaixo está um caos, só um guerreiro dos infernos para pôr um pouco de ordem por lá!, exclamou o guerreiro.

— Sim, é isso! Enviei tantos malditos ao caos do tempo, que a sagrada guardiã daquele meio está me “chamando” para levar a morte até aqueles idiotas! Há, há, há... Sagrada lá sem-m’ iim bi li yê!, Meiman-Shur, a fúria da morte do sagrado Om-lu yê ouviu, por meio de Ptal-Rei yê, seu sagrado chamado. Ao caos, cavaleiro executor da Lei! Abra-o para que eu adentre com minha horda de cavaleiros da morte!

Imediatamente uma ampla passagem para um “meio” caótico se abriu, e todos, menos Meiman-Shur, recuaram diante do que se lhes mostrou: um caos energético que parecia um redemoinho, onde espíritos totalmente deformados e dementados fluíam de um lado para outro, como espectros do mal que um dia haviam espalhado pela face da Terra.

Meiman-Shur puxou sua lâmina simbólica ancestral e bradou ao seu imenso exército de cavaleiros-caveiras:

— Adentremos nos domínios da Sagrada Guardiã do Tempo lá sem m’ iim bi li yê, cavaleiros da morte aos caídos! Sigam-me os que, apesar de não se parecerem com humanos, ao menos homens valentes ainda não deixaram de ser!

Ptal-Rei yê olhou para Meiman-Shur e viu que nas suas, há pouco, órbitas vazias, dois olhos rubros como brasas irradiavam sua fúria da morte. E os olhos opacos de sua montaria, assim como os cascos e o chifre na testa, estavam rubros em brasa.

Meiman-Shur, a fúria da morte, sacou sua lâmina simbólica ancestral e a empunhou com a mão esquerda, provocando uma explosão energética caótica. Depois, com a direita empunhou seu alfanje da morte, que de tão rubro que estava, tornou-se incandescente, e suas chamas espalharam-se na direção da abertura. Cavaleiro, armas e montaria formavam um terror que se lançava por aquela abertura, e foram destruindo tudo o que ela deixava visível. E sua horda o seguiu, toda ela possuída pela fúria da morte aos caídos.

Soph-Mahar, ainda mentalmente, gritou:

— Meiman-Shur, irmão de estrela! Nos meus domínios e na minha hora poderá informar-se de como andam as coisas por aqui!

— Lá estarei, Guardião da Meia-Noite!

— Após a entrada do último cavaleiro da morte, a passagem se fechou, abafando os gritos de horror que começaram a ser emitidos assim que Meiman-Shur e sua montaria, possuídos pela fúria da morte, entraram no meio, o caos do tempo.

Ptal-Rei yê murmurou:

— Ainda bem que Meiman-Shur é meu irmão de sina e destino. Já pensou cruzar com ele assim, numa das noites de minha vida?

— Não quero sequer imaginar isso, Ptal-Rei yê!, concordou Soph- Mahar, o Guardião do Trono da Meia-Noite. — Os caídos punidos por ele tanto o amaldiçoaram, que o transformaram numa maldição em suas vidas... ou mortes, talvez!

— Droga de infernos!, exclamou o guerreiro. — O safado do Meiman- Shur não me revelou o mistério daqueles cavalos negros. Mas alguém pagará caro, já que eu estava prestes a extrair dele o segredo desse mistério. Pode abrir o embaixo que está precisando de um líder único, cavaleiro da Lei!

— Assim que se abriu o embaixo, o guerreiro sacou sua espada simbólica ancestral com a mão esquerda e aquela possuída por uma fúria da Lei com a direita, dizendo a seguir:

— No ponto da Meia-Noite, se quiserem notícias dos infernos mais profundos, lá estará um guerreiro infernal a lhes fornecer, porque dos humanos, comigo é que não terão. Há, há, há... — gargalhou aquele estrela invertida e... cadente.

Antes de a abertura abismal ser fechada, ainda ouviram-no perguntar:

— Por que depositou seu destino aos meus pés, eu o assumo, servo das ilusões!

— Maldito guerreiro dos infernos, o seu destino é que agora me pertence.

— Não, não. Você está enganado. Todos vocês aqui embaixo viviam clamando por mim, e finalmente resolvi atender a seus clamores desesperados. Seus lamentos terminaram, escravos do trono dos Sete Chifres!

— Maldito guerreiro! Cadê aquele covarde do seu senhor?

— Ele não pôde vir. Mas como vocês desejaram tanto o trono dele, vim até aqui para realizar seus desejos. Depositem logo seus destinos aos meus pés, ou os punirei por não se curvarem diante do seu senhor.

— Maldi....

E quem ia amaldiçoá-lo, nada mais disse, pois uma explosão o silenciou para sempre. Antes da abertura ser fechada, ainda ouviram ele perguntar:

— Mais algum idiota por aqui ainda alimenta a ilusão de que é senhor do próprio destino?

Um alarido de revolta e o desencadear de uma luta infernal foram abafados pelo fechamento daquela abertura abismal.

— Satisfeitos?, perguntou o cavaleiro da Lei.

— Meu guerreiro infernal honra meu trono, falou Sem-Pher, o Guardião do Trono dos Sete Chifres. — Tenho certeza de que ele já enviou a semente original de algum idiota que se julgava um dos grandes dos infernos. Vou até meu trono assentado nos meus domínios, porque pareceu-me que aquele canalha cujo destino ele assumiu em nome do meu trono é...

Sem-Pher calou-se, deixando todos curiosos.

— Você não vai compartilhar o mistério deste canalha conosco?, perguntou Soph-Mahar.

— Não, não. É só um idiota iludido, Soph-Mahar. Não vale a pena vocês perderem tempo com a semente original dele.

— Você ia revelando o nome do idiota, mas calou-se. Não é preciso ser um gênio para saber que o tal idiota é o portador natural de algum poderoso mistério negativo, Sem-Pher. Portanto, ou você o partilha comigo, ou não abrirei os domínios da Meia-Noite para que seu guerreiro lhe dê notícias dos infernos do embaixo.

— É só um idiota iludido pelo abstracionismo, Soph-Mahar! Quando for a semente de alguém interessante, você tomará conhecimento.

— Tudo bem, Sem-Pher. Mas não precisa ir se encontrar com seu guerreiro em meus domínios, porque acabei de fechá-los a você, e só os abrirei quando seu guerreiro tiver alguma informação sobre algum plano dos grandes do embaixo para derrubá-lo, certo?

— Soph-Mahar, não dá para negociar com você, sabia?

— Não é nada pessoal, Sem-Pher. Apenas não vou abrir os domínios da Meia-Noite só para você ouvir notícias sem o valor de alerta aos domínios do trono dos Sete Chifres. Afinal, para que deslocar-se até meus domínios se irá receber os ovóides que seu guerreiro irá enviar. Mas não se preocupe, pois se após ouvi-lo eu julgar que sua vida corre perigo, avisá-lo-ei imediatamente, certo?

— Tudo bem! Você não passa de um falso amigo e um exímio chantagista, Soph-Mahar. Eu devia saber disso!

— Quem é aquele idiota, Sem-Pher?

— Bom, ninguém importante. Apenas ele é, ou melhor, era, o desaparecido guardião natural do trono negativo das Sete Lanças.

— Safado, Sem-Pher!, exclamou Soph-Mahar. — Você é o mais desleal dos meus irmãos de sina e destino, sabia?

— Não desconverse, Soph-Mahar. Quero uma permissão sem limites para adentrar em seus domínios à meia-noite, e com toda a proteção necessária tanto para dele sair como para entrar.

— Tudo isso pelo mísero mistério do trono das Sete Lanças negativas? Acha que, tendo todo o embaixo desejando-o, vou aceitar somente este mísero mistério? Pode ficar com ele para você. Imaginem só! E ainda terei que lhe dar garantias de vida.

— Soph-Mahar, você venceu mais uma vez. Poderá vasculhar todas as sementes que meu guerreiro enviar. Mas exijo o direito de descobrir o

lugar onde alguns inimigos necessitados de uma punição se ocultam lá embaixo. E isso só é possível a partir dos seus domínios.

— Desde que você concorde em enviá-lo contra uns caídos que me devem um acerto de contas, acordo selado.

— Assim não, Soph-Mahar. Até onde eu sei, lá embaixo você é muito mais desejado do que eu. Se for assim, pelos próximos mil anos, meu guerreiro ficará ocupado só com seus inimigos!

— Eu prometo partilhar com você o mistério dos canalhas, certo?

— Tem algum que valha a pena?

— Você já ouviu falar do desaparecido trono das Sete Porteiras do campo-santo?

— Não!!!

— E, eu sei onde o canalha está escondido. Só não tenho um guerreiro à altura para reduzir o canalha à sua dor final e apossar-me daquele trono arrastado para longe dos domínios do sagrado Iá-or-ri-iim-a yê. Mas, caso consigamos recuperá-lo e devolvê-lo, com certeza seremos premiados por ele com algum grau da Lei no campo-santo.

— Um grau da Lei no campo-santo? Foi isso que ouvi?, perguntou o Sentinela.

— Fique fora disso, Sentinela!, exclamou Soph-Mahar.

— De jeito nenhum. Vocês sabem que o trono das Sete Espadas tem uma delas assentadas no campo-santo. Logo, caso eu também venha a receber este grau da Lei nos domínios do sagrado Iá-or-ri-iim-a yê, terei condições de lutar para recuperar o grau caído no pólo negativo de algum deles. E além do mais, vocês empenharam suas palavras junto ao mistério do trono das Sete Espadas.

Após se olharem por um instante, concordaram em aceitar o Sentinela no acordo. Imediatamente Seph-Man, o “mago”, falou:

— E, todos nós empenhamos nossas palavras junto ao mistério do trono das Sete Espadas. Logo, nada mais lógico que partilharmos dos mistérios negativos das sementes originais que seu guerreiro irá enviar-lhe, assim recuperaremos mais facilmente o trono das Sete Espadas da Lei.

— Espere um pouco!, exclamou Sem-Pher. — Quem disse que, para ajudar a recuperar aquele degrau, precisam partilhar dos mistérios dos idiotas que serão reduzidos a ovóides?

— Está negando a nós, seus mais leais irmãos de sina e destino, os meios de melhor atuarmos para resgatarmos o degrau das Sete Espadas da Lei? Foi isso que ouvi, Sem-Pher? Será que Soph-Mahar concordará com esta deslealdade?

— Quem está sendo desleal por aqui são vocês. Daqui a pouco vão querer que meu guerreiro infernal e imbatível em qualquer inferno humano também lance na dor final os seus inimigos no embaixo!

— Está certo. Concordo que você ordene a ele que lance na dor final uns canalhas caídos que arrastaram para longe dos domínios do sagrado

Om-lu yê alguns tronos naturais a ele pertencentes. E concordo em partilhar com você os mistérios negativos dos idiotas.

— Acordo fechado!, responderam ao mesmo tempo Sem-Pher e Soph- Mahar, ao que o primeiro exclamou:

— Um momento, Soph-Mahar! O guerreiro infernal é meu, não seu, certo?

— É, mas os domínios da Meia-Noite são meus, não seus, certo? E neste acordo somos sócios iguais!

— Sócios? Isso significa que terei de abrir os domínios do trono dos Sete Chifres a você?

— Não, não. Isso você já empenhou sua palavra quando aceitamos ajudá-lo com o problema que tinha com o trono do fogo da destruição. Agora somos sócios no destino do seu guerreiro infernal.

— Soph-Mahar, você está louco? Do meu guerreiro, eu cuido!

A discussão ainda continuaria por muito tempo entre aqueles guardiões, pois todos haviam notado a inversão de armas feita, tanto por Meiman-Shur como pelo guerreiro. E se numa visão simplista parecia que eles haviam sido punidos pelo mistério das espadas simbólicas ancestrais, ou pelo símbolo sagrado da estrela, no entanto todos sabiam que, tal como há muito tempo o mensageiro havia invertido suas armas para levar a destruição ao embaixo de Memon-Ghur yê, eles também haviam sido, inconscientemente, induzidos a levar a destruição ao meio caótico ou ao embaixo infernal, e indestrutíveis seriam.

O fato é que o cavaleiro da Lei, vendo tudo aquilo ser discutido às avessas, percebeu que, o que todos aqueles guardiões à esquerda do mensageiro estavam fazendo era envolverem-se todos.., e caso um viesse a “cair”, todos os outros o sustentariam a partir do meio até que tivesse condições de retornar ao meio humano.

— Nunca vou entender por que não assumem logo todo o inferno. Meios para tanto, sinto que têm!

— Se isso fizerem, deixarão de ser desejados e passarão a ser odiados, irmão de Lei e de Vida, respondeu Sépter-Real yê. — E convenhamos, ser desejado não é tão perigoso quanto ser odiado, certo?

— Tem razão, irmão de Lei e de Vida. Até a vista, pois dentro em breve o mensageiro iniciará a purificação deste meio humano material, assim como a semeadura de princípios religiosos naturais.

— Purificação? Então...

— Isso mesmo. Este é um meio onde a superstição apossou-se das religiões e os magos negativos são os mais poderosos governantes. O sangue humano purificará o solo, e o Fogo Divino purificará os corações, as mentes e as consciências humanas lançadas nas ilusões abstracionistas.

— Mais sangue a ser derramado?, perguntou Lahimá yê. — Quando isso terá fim, irmão na Lei e na Vida?

— Só quando os homens deixarem de se julgar deuses e aceitarem o único Deus, o sagrado lá yê , o Senhor da Luz.

OBSERVAÇÕES

O mensageiro, de fato, logo começou a purificar o solo do que hoje conhecemos como índia, e a semear uma nova religião menos ilusionista.

Milhares de espíritos já encarnados aderiram a ela de imediato, todos ativados por afinidades ancestrais. Todo o continente hindu foi varrido por um dos maiores exércitos já formados na face da Terra, se guardadas as proporções populacionais. Não houve um só homem que dela não tivesse participado.

O mensageiro portava o Fogo Divino, “Ag iim” na língua ancestral dos povos, que no decorrer dos tempos seria “Agni yê”, ou o Senhor do Fogo, que também é “Agni dei”, ou outros nomes com finalidade de identificar o fogo primordial, ou ancestral místico ígneo.

Kali Mahesh-mi-iim-yê, a Senhora do Fogo da Purificação, no decorrer dos tempos, e por puro ilusionismo humano, transformou-se na deusa Kali, Senhora do Fogo da Paixão, do Ódio e da Morte. Mas isso é puro ilusionismo daqueles que, um dia, melhor identificaram a ilusão (maia) como pura fuga da realidade, ou da naturalidade, como queiram.

Muitas lendas ou cantos do grande combate foram compostos posteriormente, relatando a semeadura realizada naquele solo há cerca de seis milênios atrás.

O fato é que todo um conhecimento natural acerca da evolução, dos degraus naturais pelos quais o ser humano evolui, e toda uma cosmogonia natural, afixou-se no solo hindu e permanece até os dias de hoje, irradiando seus mistérios sagrados. Se a religião egípcia realmente durou sete mil anos, confirmando o seu ciclo natural, a védica, já com quase seis mil, ainda tem muito a oferecer à humanidade, à Lei e à Vida. E se a população hindu perfaz um quinto da população global, então não há como negar o quão ampla foi a semeadura, nem como não reconhecer a qualidade das sementes ali plantadas.

Os vedas são uma prova mais que eloqüente da riqueza natural da semeadura, e todas as divindades naturais fizeram questão de confiar as

suas sementes àquele solo e meio humano. E tão rica é a religião, que todas as religiões abstratas ou mentais buscam nela seus mistérios.

A ordem védica ancestral, criada pela Tradição Sagrada, é uma das maiores que atuam em todo o meio humano, a partir de seus degraus assentados nos pontos de forças naturais.

Para que se tenha uma noção do que estamos dizendo, só foi possível iniciar o “espiritismo kardecista” porque a “ordem védica” empenhou-se em seus sete níveis, orientada pelo demiurgo natural regente de todas as hierarquias humanas em paralelo com as hierarquias naturais ancestrais, estas regidas pelo lógos planetário, para que, no solo do conquistador europeu, semeasse os conhecimentos sobre a reencarnação, o karma, etc.

Apoiando o semeador Kardec, muitos degraus védicos enviaram seus graus aos solos dos conquistadores. A teosofia é um desses degraus.

Mas a religião que influenciou a religiosidade humana tanto quanto a hindu ou védica, mesmo extinta,também cumpriu sua missão redentora, pois continuou a orientar e reeducar

religiosamente os espíritos que por ela, num momento de seus ciclos reencarnacionistas, foram amparados.

Da ordem oculta egípcia originou-se a Kabala hebraica, a Ordem dos Guardiões do Templo, o grande oriente luminoso (astralino), a Maçonaria, a Gnose Rosacruz, etc.

A Ordem Rosacruz é regida pelo mistério “Isis”; a Maçonaria é regida pelo mistério “Hórus”, e tanto a Rosacruz como a Maçonaria Simbólica são regidas pelo degrau principal de Memon-Ghur yê, que se tornou um trono planetário, quando foi assentado para dar sustentação à religião semeada no “reino da Terra das Aguas”.

Dentro da Maçonaria Simbólica, o Guardião das Sete Portas Ptal-Rei yê é o responsável pelo sétimo grau, quando todo o iniciado maçónico recebe do astral um espírito que atuará à sua esquerda, velando pelos mistérios das Sete Portas negativas.

Mas na mesma “maçonaria” astralina, um iniciado nos mistérios da pirâmide simbólica, cuja hierarquia possui setenta e sete graus a serem galgados pelos seus membros, somente quando alcança o 33° grau é absorvido pelo mistério das Sete Portas negativas.

No plano material, os iniciados de sétimo grau sempre recebem um mentor, no mínimo um iniciado de 33° grau no astral, que irá conduzi-lo até que encerre sua presente encarnação, e seja direcionado para a luz ou para as trevas, sempre em conformidade com o princípio que rege os dois lados do astral: o positivo e o negativo.

Ptal-Rei yê tem essas condições, pois a coral da Lei, preta no embaixo, vermelha no meio e branca no alto, possui hierarquias no alto, no meio e no embaixo. E numa delas todo maçom, após desencarnar, poderá seguir adiante em sua longa jornada de “retorno” ao Um, pois em verdade, do Um, mais um todos nós somos, fomos e sempre seremos.

Quanto a Sépter-Real yê e Lahimá yê, assentaram seus degraus pentagonais no meio religioso semeado em solo hindu e, entre vários outros degraus completos, dão sustentação energética, mental e elemental à “ordem védica”.

A coral encantada emite seu “piado de alerta” a partir do meio hindu, enquanto a coral da Lei o faz a partir do meio egípcio, ambos astralinos.

Aqui não vamos nos aprofundar nesses mistérios pois, de tão vastos que são, somente superficialmente podem ser abordados numa sucinta “biografia” parcial, já que cada um desses personagens forneceria tantas revelações e conhecimentos que um simples conto simbólico não comporta.

Após essa consideração, acompanhemos mais um pouco, e agora mais fluida, a “biografia” do guardião das Sete portas.

Periodicamente os Guardiões se reuniam nos domínios de Soph-Mahar, o guardião do trono da Meia-Noite, responsável pelo mistério da “abertura” dos mistérios negativos aos encarnados. Ali, como de hábito, recebiam informações do mais embaixo ou do meio regido pelo tempo. E acertavam suas contas também!

Negociavam os conhecimentos arquivados na memória ancestral dos portadores de mistérios que eram reduzidos às suas sementes originais. E só as devolviam aos “magos” responsáveis pela reencarnação depois que haviam extraído tudo dos infelizes caídos através do mistério abstracionista das ilusões humanas. O local onde se reuniam passou, com o decorrer dos tempos, a ser chamado de “assembléia”. Vamos a alguns dos “diálogos” ali travados no decorrer da história da humanidade.

Certa vez estavam reunidos à espera da chegada do guerreiro e do cavaleiro da morte. O primeiro surgiu e já foi dizendo:

— Descobri no embaixo que um grande regente da luz vai encarnar no meio material regido pelo degrau de Memon-Ghur yê!

— Tem certeza, guerreiro? perguntou Ptal-Rei yê.

— Consegui a informação de um escravo de Lúcifer yê.

— Como confiar nos safados dos escravos dele?

— Pareceu-me que ele tinha um grande interesse que viessem a saber disso. Alguém tão poderoso quanto Lúcifer yê poderá ter uma fresta para assentar-se no embaixo da religião que Memon-Ghur yê sustenta com sua pirâmide energética.

— Infernos, eu sei quem é o safado! exclamou Meiman-Shur, que acabara de chegar.

Após ouvirem o nome do “candidato” a dominar o embaixo da pirâmide, todos trataram de cuidar de seus domínios e de vigiar possíveis “subidas” indesejáveis.

Mas a informação mais importante foi Sépter-Real yê quem ali “soltou”:

— O nosso mensageiro foi incumbido de recepcionar o portador da Luz do Amor. Mas, por ter tido uma formação religiosa abstrata, um ente negativo caído no embaixo, e que rege parte do embaixo da religião abstrata que o formou, irá tentar se estabelecer no embaixo da pirâmide de Memon- Ghur yê.

— Os safados não perdem a menor oportunidade para invadir os domínios naturais, falou o Guardião do Trono dos Sete Chifres. Esta vinda de um portador da Luz já era mais que necessária, porque o ilusionismo trazido pelos povos conquistados está se tornando uma praga no meio material. A vinda do “nosso” mensageiro para recepcioná-lo é uma coisa positiva, mas a presença desse caído prenuncia uma luta infernal. É melhor nos prepararmos.

De fato, o portador da luz do amor, que ficou conhecido como “Akenaton”, afastou parte da ilusão existente no meio material egípcio. Mas o preço foi uma revolta militar e religiosa que lançou o antigo Egito num “rio de sangue”, tantas foram as mortes.

Noutra reunião, quando foi espalhado por todo o astral que o mesmo portador da Luz do Amor reencarnaria portando também a Luz da Fé, muitas hipóteses os guardiões negativos levantaram.

— É, realmente estão todos atiçados no embaixo. - confirmou o guerreiro. — Só não entendi por que Lúcifer yê continua quieto no embaixo do império dos filhos da loba.

— O safado está enviando para a carne muitos dos seus escravos auxiliares, informou Meiman-Shur. — Só os grandes que o servem estão tendo vez por lá.

— Por que ele não invade o lado material do embaixo, onde o bode maldito está assentado? Afinal, se o portador traz o amor e a fé, os negativos abstratos são o ódio e a descrença: dois domínios dele, Lúcifer yê. E se o reencarne será no meio cujo embaixo o bode devorador está assentado, Lúcifer yê já deveria estar rastejando por lá, em vez de fortalecer-se no embaixo da "loba mãe dos gêmeos".

Esse diálogo foi travado por volta do ano 150 a.C.. Mas quando os romanos invadiram o Oriente, devastaram o Egito e dominaram a Judéia, eles, reunidos novamente, discutiram isto:

— Infernos, não deixamos que a ilusão estabelecesse seus domínios no embaixo da pirâmide, e agora o safado do Lúcifer yê envia seus maiorais encarnados para fechar o ciclo da religião natural que aqui está se encerrando.

— É isso mesmo! Por milhares de anos ele tentou dominar o embaixo, e porque foi rechaçado por nós, agora adentra com os encarnados, que trarão todas as ilusões ao meio material humano daqui e o do bode devorador.

— Bom, ao menos o bode vai sossegar um pouco em relação a nós, os naturais, e cuidar dos seus próprios domínios, antes que Lúcifer yê o lance na ilusão total. Há, há, há..., gargalhou Meiman-Shur, como de hábito, sempre a rir das desgraças em que os do embaixo se lançavam.

— Tenho uma informação, falou Ptal-Rei yê. Tatimét-Candór reencarnou em Roma.

— Como está o canalha traidor do nosso mensageiro?

— Rastejando aos pés dos Grandes dos domínios da ilusão. Como sempre!

— Isso já não me surpreende mais, falou Soph-Mahar.

— Quem é ele na carne, Ptal-Rei yê?, perguntou o Sentinela.

— O safado atende agora pelo nome de "Petronius".

— Mentalista como sempre, não?

— Vamos dar uma olhada nele depois, sugeriu Seph-Man, o Guardião do Trono das Sete Caveiras.

— Vamos sim. E o que eu puder fazer para lançá-lo em desgraça junto aos escravos de Lúcifer yê, não deixarei de fazer, prometeu Soph-Mahar.

Noutra reunião, foram informados de que o mensageiro deles iria mais uma vez recepcionar o portador da Luz do Amor e da Fé.

— Por que, Sépter-Real yê?, perguntou o Sentinela.

— Parece que os ancestrais Guardiões da Lei e da Vida o usarão para sustentar a nova semeadura no meio material romano.

— Não!!!, exclamou Soph-Mahar. Um guardião dos mistérios ancestrais vai auxiliar uma religião mental?

— Irá sim, Soph-Mahar. Tudo anda acontecendo muito rapidamente no meio material.

— Agora está explicado a confusão nos domínios do bode devorador. A descida de um purificador nos seus domínios infernais não será definitiva. Há, há, há... gargalhou Meiman-Shur. E tanto o ódio quanto a descrença já possuem campos vastos em seus domínios. Lúcifer yê mais uma vez iludiu-o. Há, há, há...

— De fato, a reação dos escravos encarnados do bode devorador à vinda do portador da Luz do Amor e da Fé foi a mais negativa possível. Mas tanto o mensageiro deles como outros mensageiros, tudo fizeram para protegê-lo e ocultá-lo da ira infernal dos escravos do bode, que tanto fizeram, que mais adiante conseguiram crucificá-lo. E junto com ele, crucificaram a "direita e a esquerda", em um acordo selado no embaixo com Lúcifer yê... e outros regentes tão poderosos quanto ele.

— Infernos!, exclamou Soph Mahar. — Ficamos de fora desta nova semeadura! Os malditos iludiram até a nós desta vez.

— Enganaram sim. Ou os encarnados ascenderão aos domínios do portador da Luz do Amor e da Fé, ou cairão direto aos domínios de todos os safados que regem o embaixo.

— É, parece que as coisas estão mudando nesta parte do planeta. Quero só ver como será a partilha pelos caídos na carne, falou Ptal-Rei yê.

— Desta vez você só vai ver, Ptal-Rei yê. Afinal, parece que se esqueceram de que um dia o elegeram árbitro natural para as "antinaturais" partilhas por eles realizadas. Há, há, há... gargalhou mais uma vez Meiman-Shur.

— Se o nosso mensageiro sustentou o alto, então a nossa direita ali ascenderá, sentenciou Sépter-Real yê.

— E a esquerda descerá, completou Soph-Mahar.

Realmente, a esquerda desceu nos domínios infernais do cristianismo, e acabou dominando vastos domínios, todos ao redor dos tronos caídos.

Uma mistura de mentalismo natural e naturalismo mental conviveu, lado a lado, no cristianismo nascente. Mas quando Roma Cristã começou a "queimar" os cultuadores naturalistas, estes desapareceram, e só os adeptos do mentalismo natural "reinaram" no meio material.

Mas como todo mentalismo é facilmente manipulável por aqueles que possuem mentais poderosos, logo começaram os excessos humanos dentro dos domínios da religião.

Para conter os excessos, nada como um cisma, e o Cristianismo já passou por dois.

O primeiro foi a divisão em igreja do ocidente, romana e igreja do oriente, ortodoxa; o segundo foi com o surgimento dos “protestantes”.

Todos esses acontecimentos acompanhando o forte expansionismo europeu, justamente em cima de solos dominados por religiões remanescentes do antigo naturalismo: Américas, África, Oceania, índia, Austrália e Sudeste Asiático.

Em todos esses solos, os exploradores cristãos encontraram povos profundamente religiosos e com toda uma cultura natural.

Para eles, os ilusionistas, abstracionistas e pregadores de um paraíso abstrato criado segundo concepções humanas geradas a partir de poderosos mentais criacionistas, foi fácil dominar tantas nações e raças, impossibilitadas de lidar com os enviados do senhor das ilusões: Lúcifer yê. Seus escravos encarnados escravizaram, torturaram, estupraram, perpetraram genocídios tão assustadores quanto o último “holocausto”, e tudo foi ocultado pelo mentalismo cristão.

O mesmo “padre” que hoje clama uma posição dos governantes pelos “excluídos”, ontem era o sacerdote que descia junto com os executores dos adeptos das religiões naturais.

O mesmo “pastor” que hoje, na mídia, prega a ambição material como uma conquista divina, é o mesmo que ontem pregava o mercantilismo e que, ao desembarcar na América do Norte, dizimou, em nome de Deus, toda a população indígena e naturalista que vivia naquele solo há milhares de anos.

Os escravagistas pilharam a África e deslocaram centenas de milhões de seres humanos, transplantando muitos para as Américas ou outras plagas, onde tiveram que abrir o solo para a semeadura da civilização européia, toda ela fundamentada no ilusionismo do senhor das ilusões: Lúcifer yê.

Tudo isso aconteceu sob o sol e sob a lua, tanto na luz quanto nas trevas. E os adeptos das religiões naturais foram envolvidos num pesadelo tão grande quanto aquele que envolveu toda a humanidade, mas de outra era, com o advento para o meio material e carnal do senhor das ilusões, do criacionismo humano e do abstracionismo: Lúcifer yê, o demiurgo humanizado e inimigo em potencial dos processos naturais.

Lúcifer yê é o anti natural por excelência. E tudo o que está demorando para morrer, ele apressa seu fim. E tudo o que está demorando para nascer, seu começo ele principia seu começo

O fato é que, se tudo isso comentamos aqui, é porque nos domínios cristãos recém-conquistados à custa da vida e da religião natural, os abstracionistas foram buscar o negro africano, cultuador dos orixás ancestrais africanos, que outros não eram senão os mesmos que regiam os mistérios naturais ancestrais defendidos, ocultados e protegidos pelos guardiões dos graus, tronos e degraus dessa nossa “história”.

Muitos dos “babalaôs” originais africanos trazidos para o solo brasileiro trouxeram também seus orixás e esu ou Exu Bombongira, etc. e os assentaram à esquerda de suas “roças” de candomblé.

Todo um “panteão divino” veio com o negro escravo.

Se o abstracionismo cristão semeava sua religião mental, o negro que o servia semeava sua religião natural e, lado a lado, ambas por aqui lançaram muitas sementes. A cristã, totalmente aberta, e a natural, fechada.

E de outra forma não poderia ser, pois o senhor era, e ainda é, o abstracionista cristão. Mas o escravo, por ser escravo, mostrou-se mais tenaz que o senhor e recorrendo aos métodos ilusionistas, iludiu o senhor e cultuou seu orixá dentro da imagem de um São Pedro, São Gerônimo, São Jorge, São Sebastião, Santa Bárbara, Nossa Senhora dos Navegantes, São Lázaro, Nossa Senhora Aparecida, etc.

Já que o negro não podia ter em seu Templo aberto, não se pejou de olhar para o Cristo Jesus e orar a Oxalá yê.

Mas tudo isso no plano material, porque no lado espiritual, tanto no astral positivo quanto no negativo, não havia guerra religiosa: quem é da luz o é em qualquer religião; quem não é, não adianta mudar de religião pois das trevas será.

E nas trevas, adivinhem quem estava? Eles mesmos! Os guardiões naturais dos mistérios sagrados.

Exus Sete Portas, da hierarquia de Ptal-Rei yê, uma de suas hierarquias negativas, já que ele possui setenta e sete só na “esquerda”, começaram a receber oferendas numa roça de candomblé em fins do século XVIII, na cidade de “Salvador”, capital da província da Bahia.

Ptal-Rei yê e incontáveis outros guardiões dos mistérios naturais já haviam completado seus degraus e atingido o grau de intermediador entre os homens e os orixás.

Mas mesmo entre os guardiões que ainda tinham tronos afastados dos seus pontos de forças originais, por aqui estabeleceram alguns graus já resgatados.

Exu, apreciador do meio humano por excelência, no novo “velho” meio humano se estabeleceu naturalmente.

Já os guardiões dos mistérios positivos encontraram certa dificuldade para se estabelecer. Mas aí, por uma emanação do lógos planetário, o demiurgo ordenou que todos os hierarcas dessem início ao despertar da serpente do arco-íris sagrado, porque uma nova religião nasceria no meio e do meio fecundo onde os “orixás africanos” eram cultuados.

A nova religião, a filha dileta dos orixás, a Umbanda Sagrada, nasceu discretamente, foi aleitada nos seios generosos de Iemanjá e formosa como uma Oxum já se encontra. Mas é tão aguerrida como uma Iansã, tão curadora como um Ossain, tão caçador de almas quanto um Oxóssi, tão justiceira como um Xangô, tão caridosa como um Obaluaiê, tão firme como um Ogum, tão punidora como um Omulu, ou mesmo tão consoladora como uma Nanã, o

arquétipo ideal da velha e amorosa negra escrava, sempre pronta a sorrir ao ver seus netos crescendo na senzala. Mas nem tudo se passou assim, tão “naturalmente”.

CAPÍTULO 24

ALGUNS COMENTÁRIOS ACERCA DA

HISTÓRIA DE ALGUMAS RELIGIÕES

Voltando um pouco no tempo, na reunião nos domínios de Soph-Mahar, que dizia:

— Viram agora como Lúcifer yê e os do embaixo fazem quando querem instalar um negativo abstrato?

— É verdade, Soph-Mahar. Os safados, quando desejam, é impossível a um encarnado resistir, mesmo este encarnado sendo o “nosso” mensageiro. Observem como os grandes de Roma rastejam aos pés dele, à espera das sobras de sua fortuna material.

O pior disso tudo é que o safado do mensageiro está gostando desse abstrato mundo das ilusões. E isso, caso não saibam, é um perigo para nós que a ele estamos ligados ancestralmente.

Mas o tempo passou, o cristianismo materializou-se e, em solo grego, o mensageiro retornou mas, numa reação natural, não conseguiu semear nada, sendo enviado de volta ao astral em péssimo estado.

E no ano 800 da era cristã, ele retornou à carne, mas em solo afegão, e portando na esquerda a espada da Lei, ainda invertida, e na direita o dom da cura. Isso foi objeto de muitas hipóteses nas reuniões entre os guardiões nos domínios de Soph-Mahar.

— O que será que os regentes querem com ele agora? Afinal, como explicar: um punidor com o dom da cura, ou um curador com a missão de punir?, perguntou o Sentinela.

— Não sei a resposta, Sentinela. Mas o que me preocupa é a ausência do alfanje da morte na direita. O que houve com ele?

A resposta surgiu com a chegada de Meiman-Shur, todo sorridente e feliz, que foi logo dizendo:

— A Sagrada Guardiã do Tempo, lá-sem-m-iim-bi-li yê, concedeu- me uma missão muito especial, irmãos de sina e destino!

— Qual?, foi a pergunta silenciosa de todos.

— Vou regressar ao meio temporariamente para assentar-me na direita do nosso mensageiro.

— O quê?!

— Vocês ouviram. Eu vou assentar-me na direita dele.

— Meiman-Shur!, você enlouqueceu? Um trevoso como você assentado na direita de um mensageiro? A ilusão já estabeleceu algum domínio no caos?, perguntou Sépter-Real yê.

— Olhem isso, irmãos surpresos!, exclamou Meiman-Shur, exibindo a espada simbólica ancestral dos guardiões dos mistérios Iá-sem-m-iim-bi-li yê.

Dos olhos de Sépter-Real yê, lágrimas correram em abundância, porque, se um cavaleiro da morte confinado no caos do tempo havia recebido uma espada daquelas, o sangue humano iria verter em abundância.

— O dom da cura é apenas uma dissimulação, irmãos de sina e destino. E eu pretendo fazer um bom serviço, sabem. Minhas hordas de cavaleiros da morte e fúrias do tempo já acamparam à direita do mensageiro.

— Quem provocou essa missão sangrenta, Meiman-Shur?

— Bem, parece que uns magos tibetanos invocaram a Senhora do Tempo da Morte para reaverem seu solo sagrado dominado pelos filhos do dragão alado. E para combater um ser assim, somente as fúrias aladas do tempo. E caso vocês não saibam, eu sou o comandante delas. Há, há, há...

— Quem mais está à direita dele?, quis saber Ptal-Rei yê.

— Pode revelar-se agora, guerreiro dos infernos!, ordenou Meiman- Shur ao seu irmão de estrela.

— Surpresa, irmãos de sina e destino! Há, há, há..., gargalhou o guerreiro dos infernos, surgindo ali também.

— Eu não acredito!, exclamou Sem-Pher, o Guardião do Trono dos Sete Chifres. Ninguém me avisou que iam trazer meu guerreiro para o meio.

— O sagrado Om-lu yê não avisa ninguém quando começa a atuar, Sem-Pher. Mas caso não concorde, sugiro que vá reclamar com ele, certo? falou Meiman-Shur.

— Você está louco? Eu ir reclamar de uma vontade do sagrado Om- lu yê? Que reclamem os malditos filhos do dragão alado! Há, há, há... se puderem ou “tempo” tiverem, certo? Há, há, há...

— Qual é a razão desta reação tão violenta contra os filhos do dragão, Meiman-Shur?, quis saber Sépter-Real yê.

— O fato é que os filhos do dragão alado estão tentando acabar com uma religião natural antes que ela tenha completado sua missão ou semeado seus princípios entre as outras, que levarão adiante sua mensagem divina e imortal.

Os monges magos estão acuados no plano material. De um lado os islâmicos estão avançando e varrendo todas as religiões que encontram,

matando todos os adeptos que não aceitem seus princípios. E do outro lado, os filhos do dragão alado desejam acabar com os monges magos, porque pressentem neles uma semente que pode florescerem seu solo.

E vocês bem sabem que, quando uma religião deve ser fechada, ninguém consegue sustentá-la aberta. Mas também sabem que quem tenta fechá-la antes do tempo, pagará o preço do desafio, certo?

O dragão alado pagará. Minhas fúrias do tempo e da morte já invadiram o embaixo regido por ele. Há, há, há... Para matar os dragões da ilusão, só os alados cavaleiros da morte. Quem quiser assentar-se à direita do mensageiro, siga-nos!

Como ninguém se pronunciou, o guerreiro falou a Meiman-Shur:

— É, acho que seremos só nós dois, irmão de estrela caída.

— Quantos guerreiros arregimentou nos infernos, guerreiro infernal?

— Todos, Meiman-Shur.

— Espere aí! Eu não vou ter cavalos da morte para todos os guerreiros caídos nos infernos. Isso não, irmão!

— Você prometeu os cavalos negros do seu mistério negativo. Logo, ou honra sua palavra ou...

— Tudo bem. Mas quero-os de volta assim que nossa missão terminar. E pacifícamente, senão vou descer para buscá-los, irmão!

— Eu empenhei minha palavra com alguns infernais amigos, Meiman- Shur. Você vem com condições posteriores!

— Eu não disse que ia “dar” cavalos negros aos seus guerreiros infernais. Como você vai doando os únicos cavalos que esmagam a cabeça das serpentes, partem os crânios dos cães dos infernos e ainda resistem ao fogo dos dragões dos infernos? Esses cavalos são muito especiais, irmão de estrela caída! Os negros são meus e os brancos são dos guerreiros da lei, por empréstimo do mistério do mensageiro, certo?

— Só agora você me revela isto? Safado desgraçado! Eu sou uma estrela e poderia ter descido montado num destes cavalos únicos!, Meiman- Shur! Um dia...

— Não diga mais nada, irmão. Olhe nossas estrelas, certo? Não empenhe nunca sua palavra contra um irmão seu.

— Você não devia ter me negado esta informação.

— Seu destino está nas mãos de Sem-Pher. Logo, se isso eu tivesse aberto a você, ele mais que depressa iria se apossar desse mistério. Mas quando o mensageiro reassumir seu destino, prometo abri-lo a você. Está bem assim?

— Mas, e quanto à minha palavra empenhada?

— O que você empenhou?

— Apenas prometi um cavalo negro a quem me acompanhasse.

— Só isso?

— Só.

— Nada mais mesmo?

— Onde você quer chegar, Meiman-Shur?

— Está bem. Você os presenteia com um cavalo do meu mistério, mas quando a missão terminar, você presenteia o senhor do mistério desses cavalos com o destino deles, e tudo ficará bem para mim.

— Todos os destinos que eu receber tenho que depositar aos pés do senhor do trono dos Sete Chifres, Meiman-Shur. Aí quem ficará mal serei eu.

— Reflitamos, irmão! Você os deposita nas mãos de Sem-Pher. Ele, que tanto pode aceitar como recusar, pois é o guardião daquele trono, irá recusá-los, certo? Aí, você os oferece a mim.

— Quem lhe disse que irei recusar o destino de tão carentes e desprotegidos guerreiros caídos nos infernos?, perguntou Sem-Pher.

— Sem-Pher, irmão de sina e destino!, você irá recusar dar-me uma ajuda numa missão incumbida diretamente pela senhora do tempo?

— Nem pensar, Meiman-Shur. Ficarei apenas com os guerreiros. Os cavalos negros serão devolvidos a você.

— Só os cavalos não posso receber de volta, Sem-Pher. Terá que ficar com eles em seus domínios.

— Por que tanta generosidade, Meiman-Shur? Você nunca foi assim antes!

— Não é nada não, irmão de sina e destino.

— Você está ocultando alguma coisa. O que é?

— Eu já disse: não é nada Sem-Pher!

— Sépter-Real yê, pediu Sem-Pher. — O que é que Meiman-Shur enviará aos meus domínios junto com aqueles cavalos que só obedecem às caveiras que os montam?

— Prefiro ficar fora deste acerto entre vocês, respondeu Sépter-Real yê.

— Ptal-Rei yê!, você pode ver o que não vejo. O que ele já adicionou àqueles cavalos malditos?

— Uma de nossas regras é não discutirmos assuntos entre irmãos de sina e destino, certo?

— Vocês não podem me abandonar numa hora dessas, gemeu Sem- Pher, temendo o pior. — Meiman-Shur, o que você quer para levar seus cavalos?

— Eu já não os quero, Sem-Pher. São seus desde já.

— Tanto posso aceitá-los como recusá-los, certo?

— Sim.

— Eu não os aceito... e pronto...

— Mas eu não os receberei de volta sem os guerreiros que os montarem e... mais as lâminas que você irá fornecer a eles para que combatam os escravos do dragão alado.

— Infernos! Mil infernos! Mais uma vez fui induzido a uma armadilha. Minhas lâminas somente os meus, e nos meus domínios, as usam. Assim como estes cavalos negros pertencem ao senhor do seu mistério, estas lâminas pertencem ao senhor do meu mistério.

— Tudo bem, irmão de sina. Eu empresto meus cavalos aos guerreiros caídos nos infernos, e você empresta a eles suas lâminas, mas só até a missão terminar. E aí, os que desejarem ficar com meus cavalos seguirão comigo ao meio, e os que preferirem suas lâminas ficarão em seus domínios.

— É uma boa oferta, concordou Ptal-Rei yê.

— Considero isso o acerto final, sentenciou Sépter-Real yê.

— Droga, perdi mais uma vez, esbravejou Sem-Pher.

— Não creio, falou Soph Mahar. — Om-lu yê requisitou seu guerreiro e nem deu a você a menor satisfação. Logo, você deve estar com algum débito nos domínios regidos por ele. Mas se cooperar nesta missão, com certeza se redimirá aos olhos dele, que desviará a ponta do alfanje da morte para outra direção, ou o descansará quanto a você.

— O que eu fiz de errado, Soph-Mahar?

— Não sei não, Sem-Pher. Isso é entre Om-lu yê e você, certo?

— Mas você, no ponto da Meia-Noite, anota todos os débitos dos que erraram inconscientemente, certo?

— Bem, isso é verdade.

— E mesmo eu estando com você aqui, em seus domínios, e sendo leal para com você, não me alerta que o alfanje do sagrado Om-lu yê está voltado contra meu peito? Que droga de irmão de sina é você, Soph-Mahar?

— Sem ofensas, Sem-Pher. Não precipite uma sentença que ainda não foi proferida. Eu acabei de lhe dizer como deve proceder para afastar aquele alfanje do seu destino, certo?

— Tudo bem. Eu me exaltei e peço desculpa, Soph-Mahar. Você está sendo mais leal do que lhe permite a Lei.

— Estou sim, Sem-Pher. E isso me preocupa sabe? Acho que cometi uma asneira, pois o alfanje agora está voltado contra meu peito, falou Soph Mahar, muito triste.

— Onde eu havia errado, Soph-Mahar?

— Você invadiu um domínio do sagrado Om-lu yê.

— Eu? Quando?

— Você ordenou ao seu guerreiro infernal que destronasse a ocupante do trono das Sete encruzilhadas da morte caído nos infernos, não?

— Sim, ordenei isso.

— Pois é. Ela era a ocupante natural dele, e se lá estava, apenas atendia a uma ordem do sagrado Om-lu yê, que ordenara a ela que o ocupasse e nele se assentasse, não importando onde ele viesse a estar.

— Droga de infernos. Eu pensei que estava fazendo um bem desocupando aquele trono caído nos domínios do bode devorador.

— Nos domínios do bode, ela servia o sagrado Om-lu yê, Sem-Pher.

— Até para nós, os guardiões naturais, as trevas estão ficando confusas, Sem-Pher, advertiu o Sentinela.

— O que podemos fazer para ajudá-lo, Soph-Mahar?

— Nada podem ou devem fazer, irmãos de sina e destino. Deixem-me a sós.

O fato é que Meiman-Shur, assentado na direita do mensageiro “deles”, logo incorporava sua missão e cavalgava com sua horda de caveiras da morte ao lado de uma mortal cavalaria de guerra formada no plano material.

O sangue correu tão abundantemente que os do alto desviaram seus olhos para não presenciarem tamanho horror humano, enquanto todos os do embaixo calaram-se devido à espada empunhada pelo mensageiro e pelo espírito que incorporava nele, com cavalo e tudo, durante as batalhas travadas.

Os filhos do dragão assustaram-se tanto com a fúria lançada contra eles pelos monges magos tibetanos, que desistiram de incomodá-los por mais de um milênio. E se agora voltaram a

dominá-los, no entanto não desejam mais destruir a religião sustentada por eles. Querem apenas possuí-la, e nada mais.

E irão, porque desejos costumam ser atendidos, mas às avessas. Pela religião dos monges magos ainda haverão de ser possuídos.

O “tempo”, que é guardião daquela religião, não nega tais “desejos”.

Meiman-Shur serviu tão bem à Guardiã do Tempo, que reconquistou o direito de, de tempos em tempos, adentrar no meio humano para saciar a sede da fúria da morte que um dia o havia possuído. Mas ao meio caótico continuou “preso”.

Quanto ao guerreiro, invadiu com suas hordas o embaixo dos domínios do dragão alado e reduziu tantos dragões humanos, ou desumanos, às suas sementes originais que Om-lu yê o armou com um de seus mortais e mortíferos alfanjes da morte, nomeando-o para ser o guardião de um de seus mistérios mais ocultos, e que não revelaremos, é claro.

Quanto a Soph-Mahar, bem, foi punido por Om-lu yê e teve que deixar o trono do mistério da Meia-Noite e... reencarnar na pele de um papa romano que ficou muito conhecido por ter combatido um certo príncipe alemão, auto-intitulado imperador do sacro império romano. O nome dele? Gregório!

O mensageiro desceu às trevas à procura de Lúcifer yê, pois o julgou, e com razão, o culpado de ter sido mergulhado no sangue humano até os ossos .

Mas quando teve, finalmente, a hidra dos sete sentidos do mal diante de sua lâmina simbólica ancestral, descobriu-se portador do mistério mais desejado pelos possuídos pela ilusão e virou as costas a Lúcifer yê, irritando-o ainda mais, porque nunca antes ele tivera ao alcance de suas ilusões um mensageiro divino.

O novo ocupante do trono do mistério da Meia-Noite tratou de acabar com aquelas reuniões em seus domínios, pois só de saber que o antigo e natural guardião dele voltava ao ciclo reencarnacionista porque havia cometido uma “inconfidência”, temeu envenenar-se com aquele numeroso e, aparentemente, unido grupo de Guardiões da Lei nas trevas.

O mensageiro, tendo sido jurado de morte por Lúcifer yê, ganhou o direito de retornar à vida na carne, acabando envolvido por uma tal de Ordem dos Guardiões do Templo. Era o bode devorador tentando entrar no embaixo da religião cristã, todo ele sob o domínio dos escravos auxiliares do senhor das ilusões, que reagiu a essa invasão dos seus domínios instigando os bispos romanos a criarem os tribunais da inquisição.

De posse desse recurso material, acabou com a Ordem dos Guardiões do Templo, os Templários, e de quebra, acertou umas contas pendentes com os adeptos da religião cujo embaixo é regido pelo bode devorador, mas que Lúcifer yê prefere chamar de bode maldito.

Enfim, às custas de vingar-se do mensageiro, e usando-o como pretexto, acertou suas contas particulares com o bode devorador arrastando na ilusão muitos de seus escravos auxiliares, encarnados para devolverem a lei os domínios do Templo erigido por Salomão, o mago auxiliar preferido dos ocultistas mentais.

E após acertarem suas contas e se acertarem quanto à partilha dos domínios do embaixo, uniram-se para dar um fim às já exauridas religiões naturais americanas.

Lúcifer yê forneceu seus mais ambiciosos escravos auxiliares, seus mais tenebrosos sacerdotes e seus mais cruéis guerreiros. O bode devorador entrou com seus escravos auxiliares mais ricos, gananciosos, astutos e dissimulados. E quando a ilusão e a dissimulação se unem, que se cuidem os naturais!

Pois foi isso o que fizeram os naturais, os guardiões dos mistérios sagrados ancestrais originais: enviaram às Américas, junto com o elemento natural africano, os negros!, o culto aos orixás, a mais natural das religiões já surgida na face da Terra. E junto com as vagas de negros escravos, enviaram seus mais aptos semeadores de religiões naturais.

Mas numa medida diversionista, enviaram o mensageiro daqueles guardiões aqui "retratados", justamente ao maior ninho de serpentes da inquisição: a Espanha. E como padre inquisidor. Pode?!

Mas, quando os escravos auxiliares de Lúcifer yê, todos os assentados nas dependências do santo ofício espanhol, viram que ou o anulavam ou ele os levaria à fogueira, reinvertendo as coisas e recolocando-as em seus estados naturais, trataram de livrar-se dele discretamente, porque quem o protegia era o próprio Om-lu yê.

Num acordo mais ou menos flexível, Om-lu yê concordou em retirá lo do meio dos domínios de Lúcifer yê, mas desde que a nova semeadura não fosse submetida à inquisição em solo brasileiro. Acordo selado, e Om-lu yê conduziu o mensageiro até o solo brasileiro, onde alguns semeadores já o aguardavam desesperados.

Mal aqui acabou aportando, e logo deu início à proteção dos semeadores vindos desde o solo africano.

Mas Lúcifer yê, ao que parece, tentou ativar os seus escravos auxiliares contra os negros praticantes de suas religiões ancestrais, e todos os

escravos que fossem pegos reverenciando os orixás eram açoitados até a morte, porque eram tidos como feiticeiros.

Numa reação natural, os orixás ancestrais emitiram uma ordem: que todos os guardiões invadissem todo o embaixo, de todas as religiões, e resgatassem todos os tronos naturais já assentados e servindo à Lei nas trevas.

A descida aconteceu nos dois lados espirituais naturais: à direita (positiva) e à esquerda (negativa).

Como não podia deixar de acontecer, lá estava o mensageiro, que reuniu à sua volta todos os "seus" em condições de segui-lo naquele mergulho às trevas.

Até Soph-Mahar, já como um certo barão, recém-reconduzido pelo mensageiro no trono da Meia-Noite recolhido aos domínios de Om-lu yê, aproveitou para descer e acertar algumas contas pendentes.

Todos desceram empunhando suas lâminas simbólicas ancestrais portadoras de mistérios naturais, destruidoras de tudo o que for antinatural.

Assim, uma religião que já existia, o culto aos orixás, acabou dando origem a outras duas, ambas afins entre si e com as suas raízes.

Candomblé e Umbanda, numa simbiose única na história recente, resgataram todos os mistérios da natureza originais e ancestrais, e de quebra absorveram os guardiões naturais assentados há milênios em solo brasileiro, veladores da religião dos indígenas que por aqui evoluíram naturalmente.

Os antinaturais caídos cederam, e a perseguição aos escravos negros praticantes do culto aos orixás arrefeceu, e até a libertação dos escravos aconteceu do modo mais natural possível: sem grandes derramamentos de sangue.

Da simbiose inicial, com o tempo, o ritual puro (Candomblé) seguiu uma vertente, e o ritual misto (Umbanda) seguiu outra. Mas tanto Lúcifer yê quanto o bode devorador acabaram sendo absorvidos pelo Ritual de Umbanda Sagrada, pois concordaram em, finalmente, abrir seus domínios aos Guardiões da Lei nas trevas ou na luz. Pelo menos nos embaixos cristãos brasileiro e africano.

Os naturais acham que, se começarem a abrir centros de Umbanda em solo europeu, também entrarão no embaixo por lá existente. Mas como o cristianismo tem somente dois mil anos de existência, e terá que durar mais cinco milênios para completar seu ciclo e missão na face da Terra, é melhor deixar esta pretensão mais para o “futuro”.

Afinal, a taxa de cristãos que “não sobem” é de setenta por cento. E assumir o meio caótico ou o embaixo infernal coalhado de iludidos de que podem “comprar” Deus ou uma morada na luz não é missão muito natural. Logo, que Lúcifer yê, o senhor das ilusões, os receba, porque o que Exu ou Bombongira mais odeia são os idiotas que se julgam salvos e já com um lugar no “céu”. Que Lúcifer yê os esgote em seus domínios!

Muito melhor é punir naturalmente um filho-de-santo ou de-fé, agri- lhoando-o às linhas de esquerda regida pelo naturalismo, que ficar tentando esclarecer um tolo iludido de que o dinheiro que ele dava para o seu tão eloqüente “pastor”, estava em verdade enriquecendo um bando de escravos auxiliares do bode devorador, travestidos de “ovelhas singelas” propagadoras de que o céu está à venda por um punhado de moedas.

O próprio portador do Amor e da Fé conhece muito bem os métodos dos escravos auxiliares dele, pois até a ele, o Cristo Jesus, um falso apóstolo, vendeu. E, se o Cristianismo começou com a venda do portador da Luz e da Fé, já evoluiu bastante, porque até o perdão eletrônico televisivo já estão vendendo!

Se a evolução for acelerada pelos “falsos pastores”, logo, logo estarão vendendo o céu e, quem sabe, até Deus eles venderão.

Mas isso o naturalismo explica:

Um dia Jesus Cristo expulsou os vendilhões do Templo..., e em religião as coisas funcionam sempre ao contrário. Ele apenas assumiu o destino deles, trazendo-os para o Cristianismo praticado na base do comércio do perdão e das indulgências. Paciência, pois em religião nem tudo acontece como os semeadores esperam.

Logo, com isso esclarecido, os falsos pastores logo, logo descobrirão que, ao expulsarem Exu de suas casas de comércio, digo, de suas igrejas..., apenas os absorveram e os "universalizaram", he, he, he...

— E quem riu aqui fui eu, Pai Benedito de Aruanda, o inspirador deste livro ao meu dedicado escriba no plano material. Afinal, eu descobri o mistério dos antinaturais: quando possuídos pelo Senhor das Ilusões, tudo o que dizem funciona ao contrário. Se amaldiçoam Exu, os estão abençoando, e estão amaldiçoando a si mesmos. E tudo o mais também funciona assim.

Mas, voltando um pouco no tempo, o fato é que depois que Soph Mahar, o Guardião do Trono da Meia-Noite, cometeu uma inconfidência, as reuniões voltaram a acontecer nos domínios de Sem-Pher, o Guardião do Trono dos Sete Chifres, os sete raios negativos. E Meiman-Shur voltou até ele para cumprir com o que haviam "tratado".

Os acertos se realizaram sem problemas, até que Sem-Pher pediu:

— Meiman-Shur, você está se esquecendo de devolver uma das minhas espadas simbólicas negativas!

— Impossível, Sem-Pher! Eu pessoalmente as recolhi.

— Meiman-Shur.

— Sem-Pher, tenho certeza!, recolhi todas. Será que algum canalha encontrou uma lâmina parecida com as suas e a trocou?

— Meiman-Shur, que droga de infernos! Por acaso sou um tolo?

— Quem ousou chamá-lo de tolo, Sem-Pher? Apenas me dê um tempo que vou descobrir o que houve com sua lâmina e a devolverei, certo?

— Tudo bem, irmão de sina e destino. Tudo bem!

— Espere aí! O que você está dizendo?

— Nada, nada.

— Sem-Pher, qual é o problema? É só uma mísera lâmina que se alimenta das energias humanas dos caídos. Se você quiser, dou a você uma dessas lâminas do tempo da morte em garantia, até que eu tenha condições de devolver-lhe a do seu mistério.

— Não, não. Caso você encontre o "canalha" que se apossou da "minha" lâmina, diga a ele que já a direcionei contra o pescoço dele.

— Não!? Você teve coragem de fazer isso com o infeliz, Sem-Pher?

— Claro. Afinal, você mesmo disse que ele era um canalha, não foi?

— Bem... eu...

— Nós sempre concordamos que os canalhas haverão de perecer no fio de nossas lâminas, certo?

— Eu...

— Meiman-Shur, chega de falar sobre minhas lâminas e falemos dos seus magníficos cavalos negros esmagadores de crânios dos caídos. Qual é o mistério desses cascos rubros que, se tocam num mental, imediatamente esgotam todo o negativismo dos devedores da Lei e da Vida?

— Sem-Pher, você acha que se eu lhe emprestar um dos meus cavalos você anularia a ordem mental dada ao mistério das suas lâminas?

— Quem disse que os quero emprestados?

— Não foi isso que ouvi você insinuar?

— O tempo lá no caos não tem feito muito bem a você, Meiman-Shur. Eu os quero para todo o sempre, e sem pré-condições ou exigência alguma em troca.

— Espere um pouco. E só uma lâmina, certo?

— Sim, só uma.

— Então..., por que você está dizendo “os quero”? “Os” é mais que um, não?

— Você não pensou que eu iria anular a ordem dada à lâmina para que ela ceifasse o pescoço do canalha automaticamente, assim que ele estivesse fora dos meus domínios por um cavalo, pensou? São só dois: um para mim e outro para meu fiel e leal guerreiro dos infernos.

— Dois dos meus terríveis e tenebrosos cavalos negros por uma de suas míseras lâminas, Sem-Pher? Foi isso que ouvi?

— O tempo está deixando você confuso. Eu não disse? Um é pela minha “mísera” lâmina. Mas o outro é pelo pescoço de um miserável irmão de sina e destino que tentou enganar o mistério que rege essas “míseras” lâminas. Certo? Ou não?

— Tudo bem. Dois cavalos, de acordo?

— Sem pré-condições ou exigência alguma?

— Já anulou a ordem mental ao mistério que rege suas encantadoras lâminas?

— Só se você concordar com meus termos. Afinal, você sabe quanto vale para o tal canalha aquele seu mísero pescoço, não?

— Sem pré-condições ou exigências, Sem-Pher. Acordo fechado?

— Acordo fechado, irmão de sina e destino.

— Todos assistiram às negociações e à conclusão dela?, perguntou Meiman-Shur, como era de hábito, a todos os que ali se reuniam periodicamente para “acertos de contas”.

— Sim!, responderam todos os ali presentes.

— Ótimo!, exclamou Meiman-Shur. - Irmão Sem-Pher, irmão guerreiro, os cavalos são de vocês, finalmente!

— Por que tanta alegria em pagar pela minha espada encantada e pelo seu pescoço?

— Bem... é que eu havia recebido ordem do senhor do mistério desses cavalos negros..., e ele calou-se.

— Que ordem?, perguntaram Sem-Pher e o guerreiro, ao mesmo tempo.

— Bem... era para presenteá-los com um desses cavalos, um para cada um. Mas como imaginei que talvez vocês não os aceitassem de graça, resolvi trocá-los por uma dessas terríveis lâminas que vocês usam, sabem?

— Meiman-Shur, seu safado! Tive que lhe dar uma de minhas imortais lâminas consumidoras de caídos humanos em troca do que já nos havia sido dado? Que infernos! Eu não disse que o tempo está deixando você confuso? Isso será reparado um dia, certo?

— O que acham de duas dessas lâminas da Senhora do Tempo da Morte?

— Ela ordenou-lhe que nos presenteasse também?

— Ainda não. Mas posso dar um jeito, caso vocês esqueçam a reparação, certo?

— Uma para cada um de nós? Foi isso que ouvi de você, Meiman-Shur?

— Foi sim, Sem-Pher. Mas nada de reparações, de acordo?

— De acordo!

E dirigindo-se aos presentes, confirmou o acordo, e disse:

— Nada mal, hein guerreiro? Duas lâminas do tempo por uma lâmina que o senhor do meu mistério havia ordenado que presenteasse nosso irmão, Meiman-Shur.

— Infernos!, exclamou Meiman-Shur. — Fui iludido o tempo todo!

— Você mereceu, sentenciou Ptal-Rei yê. — Afinal, quem deu início à ilusão por aqui foi você, certo?

— Bem...

— Por que tentou ficar com a lâmina do mistério de Sem-Pher, se o acordo dizia que “todas” seriam devolvidas?, perguntou o Sentinela.

— Você merece uma punição, Meiman-Shur!, sentenciou Sépter-Real yê.

— Esperem aí! Onde querem chegar?

— Você sabe o que queremos, Meiman-Shur, falou o Mago da Pedra

Azul.

— Eu sei? Do que eu sei?

Todos se aproximaram e Sépter-Real yê foi quem falou:

— Já sabemos que você conseguiu uma semente original que traz a chave de acesso aos mistérios negativos do dragão alado. Logo..., cadê o mísero ovoide para que finalmente viremos às avessas aquelas terríveis criaturas?

— Droga! Quem será que os avisou que eu havia conseguido isso? Que infernos falantes!

— Meiman-Shur!, censuraram os ali reunidos.

— Tudo bem... aqui está a chave do mistério negativo do dragão alado. Mas não vou ganhar nada em troca?

— Nós conseguimos dos nossos regentes uma permissão para você sair do meio caótico sempre que desejar, falou Sépter-Real yê.

— Irmãos!!!, exclamou Meiman-Shur, gargalhando a seguir.

— Mas cuidado desta vez, hein, advertiu Ptal-Rei yê.

O fato é que aquela assembléia nunca perdeu sua animação. Em outras reuniões, discutiam o que estava acontecendo no meio material, tentavam imaginar o que estava acontecendo no embaixo, ou o que o alto estava preparando.

Numa das discussões, Ptal-Rei yê comentou:

— O “nosso” mensageiro está de volta ao meio natural.

— Quem o reconduziu?, perguntou Sépter-Real yê.

— O sagrado Om-lu yê, e mais alguns regentes naturais.

— Quais?, perguntou Meiman-Shur.

— Todos, acho eu, respondeu Ptal-Rei yê.

— Acha ou tem certeza?, quis saber o Guardião do Trono das Sete Caveiras.

— Bem, ouvi dizer que vários semeadores naturais estão sendo conduzidos para a terra onde Lúcifer yê e o bode devorador estão fechando uma religião que já cumpriu sua missão no tempo. Uma outra, sustentada nos mistérios dos orixás africanos, por lá será semeada para que os naturais lá continuem a evoluir, mas com outra mentalidade.

— E o nosso mensageiro já está por lá?, perguntou Sépter-Real yê.

— Já, mas nós não fomos convidados. Não ainda!

— Que droga!, exclamou Sem-Pher. — Uma nova religião sem nós não será tão natural assim.

— Calma, irmãos de destino e sina, pediu Ptal-Rei yê.

— Como podemos ter calma? Ele, se conseguiram retirá-lo do abstracionismo, à nossa guarda, deveria ter sido confiado falou o Sentinela.

— Tenham calma, porque são os próprios regentes naturais que o estão guardando. Querem melhor guarda que a dos senhores dos mistérios onde somos apenas guardiões?, argumentou Ptal-Rei yê.

— Não podemos ao menos ir dar uma olhada nele?, perguntou Sépter- Real yê.

— Isso ninguém me proibiu, respondeu Ptal-Rei yê.

— Infernos!, exclamou Sem-Pher. — O que você está revelando e o que não está, Ptal-Rei yê?

— Bem, acho que ele entrou em desequilíbrio e os próprios regentes estão reconduzindo-o de volta ao naturalismo.

— Droga! Eu bem avisei a vocês que um mensageiro natural só tem a perder, se vive muitas encarnações no meio dos abstracionistas. Olhem só o coitado do Soph-Mahar! Foi ser papa, e agora está todo envolvido pelos escravos de Lúcifer yê e do bode devorador, falou Meiman-Shur.

— É, vai saber quando é que ele irá se safar das amarras emocionais que prepararam para o coitado do nosso irmão de sina e destino.

— Será que se devolvêssemos alguns daqueles escravos auxiliares dele, eles facilitariam as coisas para Soph Mahar?, perguntou o Sentinela.

— Devolvê-los? Você está louco?, perguntou Meiman-Shur. — Depois do trabalho que o guerreiro teve para reduzi-los às suas sementes originais?

— Soph-Mahar é um dos nossos!, argumentou o Sentinela.

— Se os devolvermos, logo voltarão a infernizar os cristãos, sentenciou Sépter-Real yê. — E além do mais, Soph-Mahar, sendo como é, logo dominará todos aqueles caídos dominados pelos mistérios negativos dos tronos naturais caídos nos domínios da ilusão e da ambição.

O tempo correu, e numa outra reunião, o mensageiro voltou a ser o assunto.

— Onde está ele agora, Sépter-Real yê?, perguntou o Sentinela.

— Os magos da luz o estão reequilibrando em espírito, irmão Sentinela.

— Foi tão intenso o desequilíbrio emocional?

— Só pude vê-lo muito rapidamente, num Templo base em solo chinês. Mas pareceu-me bem melhor!

— E nós continuamos afastados, certo?

— Tudo tem seu tempo, Sentinela. As coisas no plano material estão acontecendo muito lentamente. Vocês sabem como os regentes atuam, não?

— Tem razão. Com eles tudo tem de ser o mais natural possível.

Mais algum tempo, e nova reunião.

— O mensageiro adentrou em meus domínios para resgatar uns naturais caídos, foi logo dizendo o guardião das Sete Cobras.

— Como ele estava emocionalmente?

— Muito melhor. Até consegui envolvê-lo e ligá-lo aos meus domínios.

— Não!!

— Consegui sim. Consegui que ele levasse minhas filhas caídas para um dos domínios dele, na luz!

— Mas que mago..., ia dizendo Ptal-Rei yê, mas Sépter-Real yê ordenou:

— Cale-se, Ptal-Rei yê.

— Calma, Sépter-Real yê! Eu só ia dizer: que mago maravilhoso. Há, há, há...

— Eu sei que ia! Conte-nos o que descobriu, irmão Guardião do Trono das Sete Cobras.

— Não foi muito. Mas acho que a espada da Lei voltou a ser empunhada pela mão direita.

Uma aclamação de alegria tomou conta de todos os guardiões negativos ali reunidos.

Noutras reuniões, mais e mais guardiões diziam que tiveram seus domínios visitados pelo mensageiro.

—• O que está no alto está descendo!, exclamou Sépter-Real yê.

— O que está dizendo?, perguntou Ptal-Rei yê.

— O oráculo, irmão! Já se esqueceu?

Meiman-Shur, às gargalhadas exclamou:

— Até que enfim!

— Memon-Ghur yê! E isso! Vamos até Memon-Ghur yê, porque ele se lembra de tudo o que ouviu do oráculo, sugeriu Ptal-Rei yê.

— Só que, em vez de uma serpente dourada, quem anda com ele é uma temida cascavel; alertou o Sentinela.

— Não importa que não seja a dourada, no final, tudo é cobra, certo? falou o “mago”. - E eu já estou cansado de ostentar esta aparência de caveira.

— Isso demora pelo menos um ciclo mago, falou Ptal-Rei yê.

— Eu sei disso. Mas se não fizermos algo, a serpente dourada continuará oculta no íntimo dele, e aquela cascavel que não é nada encantadora, ficará lá para sempre. Nunca vi antes aquelas rastejantes furiosas tão felizes da vida!

— Será que a guardiã do trono que rege o mistério das cascavéis sabe de algo que não sabemos?, perguntou Sépter-Real yê.

— A nós ela não dirá nada, mesmo que saiba.

— E, não devíamos tê-la expulsado de nossa assembléia, falou o Sentinela.

Nesse momento, chegou o Guardião do Trono das Sete Porteiras, logo avisando:

— O mensageiro adentrou no embaixo da pirâmide de Memon-Ghur yê!

— Infernos!, exclamou Meiman-Shur. — Esse imobilismo está acabando com meus nervos!

— Que nervos?, perguntou Ptal-Rei yê, caindo na gargalhada.

— Droga, Ptal-Rei yê! Caveiras da morte também têm nervos, só que estão ocultos dentro dos nossos ossos.

— E, temos sim, concordou o Guardião do Trono das Sete Caveiras. Eu também estou impaciente com esse imobilismo todo. Nós aqui, ansiosos por uma palavra, e nosso mensageiro não desperta para nossa existência.

— Vamos até Memon-Ghur yê. Vamos ouvir o que ele tem a nos dizer sobre o oráculo, sugeriu Sépter-Real yê.

Após ouvirem Memon-Ghur yê, acalmaram um pouco seus “nervos”, e retornaram aos seus domínios.

Alguns anos mais e Sépter-Real yê, numa reunião da assembléia,

falou:

— O “nosso” mensageiro está “abrindo” domínios da luz nos domínios dos regentes africanos.

— Que mago maravilhoso!, exclamou Ptal-Rei yê. Isso significa que um dos oráculos já é uma realidade.

— A outra realidade é que está começando a acontecer muitas reuniões nos domínios naturais dos regentes africanos, falou Sépter-Real yê.

— A descida, quando acontecerá, Sépter-Real yê?, perguntou Meiman- Shur, para acrescentar. - Já estou com minhas hordas de cavaleiros da morte e do tempo preparadas. Nunca antes, em toda a minha vida, senti tanta sede!

— Acalme-se. Tudo terá de ser como os sagrados guardiões dos mistérios ordenaram que seja processado, avisou Sépter-Real yê.

— Minha lâmina está tremendo, falou o guerreiro.

— As sete cobras da Lei nas trevas estão sibilando o tempo todo, Sépter-Real yê. E você sabe como é isso, não?

— É, eu sei. A coral encantada já começou a rastejar pelos mais profundos abismos das trevas da ignorância. Seja o que for, será grande, irmãos de Lei.

— Ele ainda não veio até meus domínios, Sépter-Real yê, informou Ptal-Rei yê.

— Estive com o mago regente, e ele ordenou que todos vocês mantenham a calma. Logo, aguardemos o processo natural.

Era o ano de 1855 d.C.

Algum tempo depois, no ano de 1861 d.C., Ptal-Rei yê informou:

— Os do embaixo, tentando impedir o surgimento de uma nova religião natural, ofenderam os orixás africanos, irmãos de Lei. Alguns guardiões da Lei na luz já começaram a invadir os domínios do senhor das ilusões. Mas parece que não está sendo fácil resgatar os tronos caídos nos domínios dele.

— Eu ainda morro de sede!, exclamou Meiman-Shur. — E se não for de sede, esta miserável lâmina de Sem-Pher acabará ceifando meu pescoço, de tão faminta de energias dos caídos que ela está.

— Por que nosso mensageiro está tão calmo? isso não é natural nele. comentou o Sentinela.

— Acha que está com medo de invadir os domínios do embaixo? - perguntou o guerreiro.

— Não é isso, falou Ptal-Rei yê. — Ele me visitou e conversou demoradamente comigo. Ele está à espera de uma ordem, pois já tem formada toda uma legião de senhores de tronos deslocados dos pontos de forças naturais. Mas só se lançará ao resgate deles, caso tenha o amparo total dos regentes que velarão pela nova religião. Pareceu-me que ele está mais preocupado é em devolver alguns tronos estratégicos aos regentes naturais responsáveis pelo ritual africano.

— Por quê?, perguntou Sépter-Real yê.

— Acho que descobriu que é um mensageiro celestial e um semeador natural. Por isso está atuando mais no em cima que no embaixo, respondeu Ptal-Rei yê.

— Eu soube que ele reassentou Soph-Mahar no trono da Meia-Noite. Mas o reconduziu aos domínios naturais regidos pelo sagrado Iá-or-ri-fim- a yê. Por quê?, perguntou o Sentinela.

— Como saber, se ele é impenetrável?, respondeu Ptal-Rei yê.

— Você também tentou?, quis saber Sépter-Real yê.

— Tentei, mas não há como captar algo com os recursos de que disponho. E olhe que não são poucos, Sépter-Real yê!

— Eu sei que não são poucos. Comigo aconteceu a mesma coisa quando tentei penetrar visualmente no mental dele. E se não tivesse interrompido a tempo, teria sido absorvido pelo mistério que está nos “olhos” dele.

— Comigo aconteceu o mesmo. E tenho certeza de que ele já sabe quem somos nós na “vida” dele.

— Também tive esta impressão. O que mais me impressionou, é que à medida que eu mergulhava nos olhos dele, o cristalino foi mudando de cor até que, em dado momento, tudo escureceu e parecia haver um abismo negro, profundo e aterrador. Foi aí que recuei, porque senão seria tragado para o nada daquele vazio.

— Eu também temi aquele vazio. Que mistério será este, Sépter-Real

yê?

Alguns anos mais, 1867 d.C., para ser mais preciso, e estavam reunidos na assembléia quando, repentinamente, surgiu o mensageiro “deles”, que se limitou a saudá-los cordialmente e, depois de um angustiante silêncio, perguntou:

— Irmãos de destino e de sina, quem de vocês deseja ser reconduzido aos seus graus, tronos e degraus naturais ancestrais originais naturalmente, e regidos pelos ancestrais orixás sagrados regentes dos pontos de forças naturais, responsáveis pela evolução dos seres, os humanos incluídos?

Sem-Pher, como sempre, perguntou:

— Cavaleiro da Lei e da Vida, qual o preço a ser pago?

— Terão que assentar suas hierarquias; se positivas, à direita dos guardiões dos mistérios da luz. E se negativas à esquerda dos guardiões dos mistérios das trevas elas serão assentadas. E vocês receberão ordens de direito para atuar ativamente no meio humano, junto aos encarnados, onde responderão pelos erros ou falhas que seus auxiliares vierem a cometer.

— E pelos acertos, o que receberemos?

— A gratificante sensação de estarem servindo à Lei e à Vida com o melhor que a elas têm a oferecer: suas vidas, sua dedicação, seu amor aos processos naturais e às humanas criaturas.

— Só isso?, perguntou Sem-Pher.

— A mim, isso pareceu até muito mais do que eu esperava, irmão de sina, destino, Lei e Vida. Mais que isso, não estou autorizado a oferecer. A não ser que..., e o cavaleiro da Lei e da Vida calou-se.

— Infernos! Mil infernos! Por todos os infernos do mundo! O que mais pode nos oferecer, cavaleiro da Lei e da Vida?, perguntou Meiman- Shur, esfregando a “garganta” com suas “mãos” esqueléticas.

— A não ser que também desejem descer comigo às trevas mais profundas para, junto a mim e a meus irmãos de Lei e de Vida, devolvermos todos os tronos, graus e degraus deslocados de seus pontos de forças originais, regidos pelos sagrados orixás ancestrais.

— Quais os riscos dessa descida?, perguntou Sépter-Real yê.

— Todos os riscos possíveis, irmão do meu coração.

— E os benefícios?, perguntou o Sentinela.

— Em primeiro lugar, conseguirmos recuperar, pois já o localizamos, todos os tronos graus, assim como o trono regente do degrau das Sete Espadas da Lei e da Vida, irmão do meu amor à Lei. Seiman Hamisser yê, o senhor do “seu” degrau, já está apto a reconduzi-lo ao seu ponto de forças na natureza.

— Seiman Hamisser yê?

— Isso mesmo, irmão Sépter-Real yê.

— Mas ele havia desaparecido há milênios! Nós o procurávamos por tudo quanto era abismo, pântano ou vale da morte!

Neste instante surgiu, à direita do cavaleiro, outro cavaleiro da Lei e da Vida. O Sentinela olhou-o por algum tempo e, não resistindo à emoção, de seus olhos lágrimas começaram a correr. O senhor do degrau das Sete Espadas da Lei estendeu-lhe os braços e, puxando-o, abraçou-o forte, dizendo:

— É hora do retorno, irmão do meu coração! Vamos buscar todos os nossos, estejam eles onde estiverem. Só espero que você, o meu braço direito, já tenha reunido alguns deles durante meu longo retorno às minhas origens ancestrais.

— São muitos, meu senhor, respondeu o Sentinela, já soluçando.

O senhor do degrau das Sete Espadas da Lei e da Vida acariciou a cabeça do Sentinela demoradamente, enquanto de seus luminosos olhos corriam lágrimas cintilantes e multicoloridas.

Quando o Sentinela apercebeu-se, todo o lodo que o cobria havia desaparecido, e estava coberto com uma veste simbólica do degrau das Sete Espadas da Lei.

O cavaleiro perguntou:

— Quem deseja acompanhar-nos neste mergulho às mais profundas trevas da ignorância?

Como a aceitação era mais que esperada, e cada um ali possuía contas pendentes com os caídos no embaixo, imediatamente todos depositaram

seus destinos nas mãos dele, o Cavaleiro da Estrela da Lei e da Vida, da Fé e da razão, do amor e do conhecimento. O oráculo ia se realizar: a estrela ia descer! E não era uma estrela comum. Não, isso não. Aquela estrela, era a “estrela da guia!”

— Vamos até o degrau de Memon-Ghur yê, ordenou o cavaleiro. Lá, devolverão a ele os tronos graus que ainda não foram reocupados pelos seus graus originais, porque se algum de vocês descer e por lá resolver ficar, ao menos mais tronos não se perderão.

Quando chegaram, Memon-Ghur yê já os aguardava com seu degrau desdobrado, e segurava na mão esquerda a pedra preta que por milhares e milhares de anos permanecera dentro do triângulo que encimava seu trono regente.

— Por que, Memon-Ghur yê?, perguntou Sépter-Real yê.

— A hora de devolvê-la ao seu fundamento ancestral é chegada, irmão do meu coração. Vou depositá-la no ponto de forças regido pelo sagrado lá shan-ghor yê, que os encarnados já chamam de orixá Shango Yê.

— Sem o lado negativo de seu degrau? Isso contraria...

— Estes nossos irmãos de origem já reconduziram todo o lado negativo do meu degrau ao lado negativo do ponto de forças ancestrais regido pelo sagrado Iá-shan-ghor yê, irmão amado. E em meu degrau o “seu” grau atual continuará a ser ocupado por você.

— Eu não posso aceitar. Não sou merecedor, sagrado Memon-Ghur yê.

— É sim. Quero você e sua amada Lahimá yê comigo pelo tempo que durar essa nova religião, Sépter-Real yê. Sem sua ajuda, amor e dedicação, muitos dos graus originais dele ainda estariam caídos nas trevas da ilusão. E se todos ainda não foram recuperados, o sagrado Iá-shan-ghor yê sabe que não foi por nos faltar vontade em recuperá-los. Mas agora temos todo um ciclo religioso à nossa espera, amado irmão do meu coração!

— E nós os recuperaremos, sagrado Memon-Ghur yê!, prometeu Sépter-Real yê.

Após a devolução dos graus tronos do seu degrau, Memon-Ghur yê finalmente retirou sua pirâmide energética do astral religioso do reino da Terra das Aguas, o atual Egito, e a reconduziu ao ponto de forças planetárias regido pelo sagrado Iá-shan-ghor yê, o orixá Xangô, onde a assentou sobre o seu lado negativo, já como o Senhor Xangô da Pedra Preta.

E à sua direita, assentaram-se Sépter-Real yê, como o Senhor da Cobra Coral, e Lahimá yê, como a Senhora Iansã das Sete Pedreiras, porque ela há muito havia sido conduzida pelo sagrado Iá-shan-ghor yê ao ponto de forças intermediárias da regente natural Iá-sem-m-iim-bi-li yê, ou a orixá Iansã.

Há todo um mistério, pois no embaixo quem rege o fogo é a sagrada Iá-fer-mi-ghê-ka-li-iim ma hesh mi yê ou Kali yê. Mas no meio, este mesmo fogo é regido pelo orixá Iansã.

Os estudiosos do mistério dos orixás desconhecem esta peculiaridade antes nunca revelada aos umbandistas.

Intermediário não é um orixá que apenas intermedeia. Ele guarda mistérios voltados para o meio espiritual e material, onde rege as hierarquias naturais e as humanas erigidas em paralelo a elas.

Talvez, caso um dia venha a nos ser permitido, também este mistério abriremos ao lado material do Ritual de Umbanda Sagrada. Mas até lá, que tudo continue como está atualmente colocado.

Pois aqueles guardiões, tanto os da luz quanto os das trevas, mergulharam em todos os abismos, pântanos e vales da morte. E resgataram todo o degrau das Sete Espadas da Lei, e muitos outros.

Quanto aos que não conseguiram resgatar naquela primeira e bem organizada investida, muitos dos seus graus-tronos foram recuperados e reconduzidos aos domínios dos orixás sagrados, onde, ocupados por guardiões da Lei e da Vida, assentados, ocupados e desdobrados no esplendor de seus mistérios originais, deram início à formação de hierarquias humanas atuando no meio humano, sob a orientação direta dos sagrados orixás ancestrais e regentes naturais do Ritual de Umbanda Sagrada.

Dizem que há um Exu que, montado num cavalo negro, ronda os cemitérios portando uma caveira. Aos incautos, aos tolos, aos soberbos, aos sabichões, etc., informamos que ele outro não é senão o nosso querido Meiman-Shur yê. Sim, isso mesmo. O senhor Exu dos Cemitérios outro não é senão o cavaleiro da morte, que continua a elevar seus brindes à morte sempre que um blasfemo, apóstata, etc., cai em seus domínios.

Quem lá o assentou?

Oras, foi o “nosso” mensageiro.

Lá também, mas servindo à esquerda do sagrado Obaluaiê, está o senhor Exu da Meia-Noite, o nosso amado Soph-Mahar, ou simplesmente “o barão”, como ele prefere ser chamado.

Há no campo-santo, mas nos domínios do sagrado Om-lu yê, ou nosso amado senhor Omolu, um trono das Sete Caveiras da Morte, ocupado pelo nosso amado e querido “mago” Seph-Man.

Lá também encontraremos, sempre que por lá passarmos, um querido Senhor Exu Sete Espadas, que está assentado nos domínios do Senhor Ogum Megê, e que outro não é senão o nosso irmão do coração e de Lei, o “Sentinela”.

O nosso amado irmão de destino, sina, Lei e Vida Sete Cobras, o mensageiro conduziu aos domínios regidos pela nossa adorada Lahimá yê, que o assentou à sua esquerda.

Quanto a Sem-Pher, o Guardião do Trono dos Sete Chifres; Ptal-Rei yê, o Guardião das Sete Portas do inferno, e o guerreiro do inferno, preferiram aguardar o dia, ou a noite, em que o mensageiro voltará a assentar-se em seu trono celestial, já reconduzido ao seu lugar de origem no ponto de

forças planetárias regidas pelo divino Oxalá yê, pois descobriram que ele é o sétimo de seus Setenta e Sete guardiões sagrados, descobriram que ele é.

E até que esse dia chegue, estão servindo a todos os orixás, porque como sempre dizem, quem serve a um orixá, serve a todos, e quem serve a todos, ao “Um” da Umbanda serve!

Logo, encerro este livro repetindo as palavras ditas por Ptal-Rei yê, o hierarca Guardião do Mistério das Sete Portas do inferno: “Aqueles que descem, por aqui passam, mas os que sobem, esperam por aqui nunca mais voltar a passar, e tratam de se lembrar de mim o menos possível.”

— Por que, irmão hierarca?, perguntei curioso.

— Oras, se de mim começarem a se lembrar, logo os recolho aos meus domínios, pois finalmente, e graças ao Ritual de Umbanda Sagrada, e a um certo mensageiro que o senhor bem conhece, o mistério das Sete Portas e eu, num mistério único nos tornamos. Há, há, há...

O QUE SÃO “GUARDIÕES”

Guardião é um espírito portador de um ou vários mistérios naturais.

Por serem portadores de mistérios, movimentam energias, alteram magnetismos locais ou pessoais e irradiam padrões energéticos próprios de seus mistérios.

Existem guardiões que trabalham na luz (energias positivas), e os que trabalham na ausência dela (trevas), que movimentam energias negativas.

Ao contrário do que muitos imaginam, um guardião negativo não “vive” nas trevas, apenas traz em si recursos naturais que o habilitam a adentrar nas esferas negativas, e delas sair sem que seu corpo energético sofra qualquer dano ou alteração magnética, preservando-o da ação deletéria das energias circulantes nesses meios “densos”.

Guardião é aquele que guarda.

Mas, guarda o quê?

Se na luz, guardam domínios da luz (positivos), onde vivem os espíritos já despertos. Se nas trevas, guardam domínios sombrios, onde a Lei abriga os espíritos entorpecidos pelos vícios humanos.

Cada domínio possui um “ponto de forças”, cujo magnetismo, altamente atrativo, “puxa” os espíritos afins, magnética, energética e mentalmente.

No astral, ninguém é conduzido pela Lei a um domínio onde afinidades mútuas não existam, pois a falta de afinidade provoca choques e repulsões.

Cada “ponto de força localizado” possui um “trono”, ocupado ou não, responsável pela sua sustentação energo-magnética. E os guardiões guardam esses pontos, visando a preservá-los da ação de mentais poderosos mas desvirtuados que, caso deles se apossem, poderão alterar toda a afinidade ali existente.

Não nos aprofundaremos aqui, uma vez que só queremos que entendam quem são os guardiões neste livro.

Outras e mais detalhadas informações virão a público caso, um dia, o mago regente da Tradição Natural nos autorize a publicar o “Livro dos

Mistérios Naturais, no qual, no capítulo dedicado ao mistério “Exu”, tudo o que temos lido nos mais diversos autores cairá por terra, uma vez que desenvolvem o assunto “Exu” a partir de lendas, mitos ou criacionismo puro (salvo raras exceções, é claro).

OUTRAS EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

Os nomes mantrânicos identificadores de mentais planetários citados aqui neste livro citados são identificadores também dos sagrados orixás ancestrais regentes das hierarquias naturais responsáveis pela evolução de todas as “espécies” e de todos os seres naturais, incluídos aqueles no estágio humano de evolução.

São apenas parciais, e “sagrados”. Iá-hor-is-ra yê = senhor Oxalá; lá om-lu yê = senhor Omolu; Iá-or-ri-fim-a yê = senhor Obaluaiê; lá shan-ra- fim-gho-or-re em yê = senhor Xangô; Iá-fér-ag-iim-ior-hesh yê = senhor Ogum; Iá-fér-ni-ghe-ka-li-iim-ma-hesh-mi yê = Kali Iá-sem-m-iim-bi-li yê = senhora Iansã do Tempo; lá yê = senhor da Luz = Deus

Tal como em música temos a escala musical, em que cada nota tem uma entonação, dependendo do lugar que ocupa na pauta, acima dela ou abaixo, uma mesma nota é natural, uma oitava acima ou uma oitava abaixo, no nome mantrânico a entonação segue o mesmo processo: dependendo de onde se encontra a sílaba, altera-se sua significação, sua entonação e sua duração sonora, tal como nas notas musicais.

Logo, um nome mantrânico sagrado é um “canto” que encanta a quem o ouvir, porque a estrutura psíquica de quem o ouve sofre alterações imediatamente. E mais não revelamos, pois há um interdito quanto a este mistério da criação.

Salihed, Niyê hê iá luta ha iim!

Pai Benedito de Aruanda

Quando usamos a expressão “corpo”, ou “corpo espiritual”, entenda- se o corpo fluídico que envolve o corpo energo-magnético dos espíritos.

Se assim procedemos, é para uma melhor fluidez do conto, nada mais.

Quanto às formas plasmadas “desumanas” impostas pelos senhores dos tronos negativos, são apenas “prisões” temporárias onde espíritos desequilibrados emocionalmente são recolhidos para serem protegidos num meio energético altamente desarmonizador do “corpo energético” humano

Este livro se presta a três leituras:

1ª) como um conto místico;

2ª) como um livro em que mistérios são parcialmente revelados;

3ª) como um livro “ocultista”, em que mistérios serão vislumbrados, já que os diálogos, situações e cenários são mais simbólicos que reais.

Rubens Saraceni

APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS E CENÁRIOS PRINCIPAIS

Personagens:

Ptal: soberano que lançou os alicerces daquilo que mais adiante seria a mais esplendorosa das civilizações da Antiguidade: o Egito.

Hash-Meir: mago responsável pelos fundamentos que sustentarão, no futuro, a religião que se tornaria a fonte em que outras iriam saciar sua “sede” de saber.

Grande Mago da Luz Cristalina: preparador intelectual, iniciático, magístico e religioso de Hash-Meir.

Cenários:

Domínios das trevas: regiões escuras no astral negativo dominadas por poderosos espíritos ali assentados.

Tronos celestiais: tronos propriamente ditos, ocupados por seres celestiais regentes da natureza.

Tronos negativos: tronos celestiais conduzidos às esferas cósmicas devido ao magnetismo negativo de seus ocupantes, após ingressarem no ciclo reencarnacionista.

Degraus: hierarquias dos tronos regentes.

Graus: assentos à esquerda ou à direita dos tronos.

MAGIA DIVINA DAS VELAS, A

O Livro das Sete Chamas Sagradas Rubens Saraceni

Neste livro, você aprenderá: ativar velas de várias cores para resolver problemas; desmanchar magia negra; ativar a Justiça, a Lei e a Cura Divina com folhas de arruda e vela branca; firmar velas de várias formas; realizar magias para curar, anular negativismo, afastar inimigo encarnado ou obsessor espiritual, descarregar energias negativas da casa, limpeza energética de casas ou locais de trabalho, entre outras.

MAGIA DIVINA DOS GÊNIOS, A

A Força dos Elementais da Natureza Rubens Saraceni

Em A Magia Divina dos Gênios você verá a revelação dos mistérios desses seres da natureza e começará a ter contato com alguns procedimentos magísticos para evocar os gênios e favorecer-se do seu imenso poder. Aprenda com essa leitura a trabalhar com as forças sutis da natureza e a beneficiar-se com magias simples e fáceis de serem feitas.

LIVRO DA VIDA, O

As Marcas do Destino Rubens Saraceni

Em O Livro da Vida — As Marcas do Destino o leitor vai conhecer e viver toda a saga de Levi Ben Yohai, o protagonista da narrativa, e se comover com sua história. Vai viver de verdade todas as suas alegrias e tristezas. Vai parar, pensar e refletir sobre a própria vida.

GUARDIÃO DA MEIA-NOITE, O

Rubens Saraceni — Inspirado por Pai Benedito de

Aruanda

O Guardião da Meia-Noite é um livro de ensinamentos éticos, envolvendo os tabus da morte e dos erros vistos sob uma nova ótica. Nova porque somente agora está sendo quebrada a resistência da ciência oficial, mas que é, realmente, muito antiga, anterior aos dogmas que insistem em explicar tudo pela razão

extraída nos laboratórios.

PROTETOR DA VIDA, O

Viver a Vida: Um Ato de Fé

Rubens Saraceni inspirado por Pai Benedito de

Aruanda, M. L.

Este é um romance para ser lido com o coração; é uma obra que toca profundamente quem a lê, que mexe com sentimentos íntimos e profundos, que traz à tona uma emoção sincera, verdadeira, capaz de levar às lágrimas.

PRINCESA DOS ENCANTOS, A

Sob o domínio da paixão Rubens Saraceni inspirado por Pai Benedito de

Aruanda, M. L.

A Princesa dos Encantos é um romance que se passa há muito tempo e nos remete a uma época mítica, impossível de ser detectada nos livros de História. Rubens Saraceni, inspirado por Pai Benedito de Aruanda, nos mostra a lapidação de uma alma, tal qual um diamante bruto, e a sua trajetória rumo à Luz!

TEMPLOS DE CRISTAIS, OS

A Era dos Grandes Magos Rubens Saraceni

A luta do bem contra o mal foi travada num tempo em que um grande Mago da Luz Cristalina sustentou o bem e Leish Âmbar Yê, ou senhora do poder âmbar, disseminou o mal através do culto aos vícios. Foi uma época em que a Humanidade correu o perigo de ser lançada nas trevas da ignorância para sempre...

INICIAÇÃO À ESCRITA MÁGICA DIVINA

A Magia Simbólica dos Tronos de Deus Rubens Saraceni — Mentor Espiritual: Seiman

Hamiser Tê

Esta obra traz um assunto inédito no campo da magia. Trata-se do mistério das ondas vibratórias transportadoras de energias divinas, cujos “modelos” geram símbolos, signos e mandalas. Nenhum outro livro de magia riscada simbólica mostra algo sobre elas já que era

assunto fechado do astral superior e totalmente desconhecido por todos os que usavam a magia riscada.

O CAVALEIRO DA ESTRELA GUIA O Início da Saga Rubens Saraceni

Simas de Almoeda foi um juiz da Inquisição, que em sua existência terrena julgava o próximo de acordo com as leis humanas e que, de repente, viu-se diante do tribunal divino, sendo julgado por um juiz implacável: a sua própria consciência. Sua sentença: o tormento. Não se espante se, sem ao menos esperar, você se encontrar às lágrimas diante desta narrativa que mostra o início da saga deste Cavaleiro da Estrela Guia dos negros africanos trazidos como escravos para o Brasil, em meados do século XVII.

O CAVALEIRO DA ESTRELA GUIA A Saga Continua Rubens Saraceni

Por meio desta história, o leitor é levado a conhecer os diversos caminhos percorridos em nossas existências, seja em virtude da falta de amor, razão primária de todo desequilíbrio, seja pela vivência de amor, instrumento primordial para o resgate daqueles seres que nos são queridos e para o cumprimento daquilo que nos foi confiado pelo Criador. Isso é o que Simas de Almoeda busca compreender em sua saga, na qual o leitor caminha junto, vivendo intensamente cada acontecimento.

O CAVALEIRO DA ESTRELA GUIA A Saga Completa Rubens Saraceni

Neste livro, é narrada a saga completa de Simas de Almoeda, ou o Cavaleiro da Estrela Guia, homem perseguido por uma terrível história e por um implacável sentimento de culpa, apesar de suas ações e realizações maravilhosas. Por meio do desenrolar dessa narrativa, vários ensinamentos a respeito da realidade do “outro lado da vida” são revelados, dando ao leitor a exata dimensão dos atos humanos, colocando-o diante de situações que expressam os conflitos do homem do novo milênio, tais como religião, fé, riqueza, poder, alma.

GUARDIÕES DA LEI DIVINA, OS

A Jornada de Um Mago Rubens Saraceni

Os Guardiões da Lei Divina é um livro diferente, porque descreve uma sucessão de iniciações no campo da magia, em que cada uma delas é uma verdadeira aventura e uma abertura dos locais em que a Lei Divina se mostra atuante na vida dos seres alcançados pelas suas malhas.

DECANOS, OS

Os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda Coordenadores: Rubens Saraceni e Mestre Xaman

Esta obra é o resultado de um intenso trabalho de pesquisa, que homenageia os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda. São eles verdadeiros homens que carregam consigo a magia espiritual somada à experiência humana. Tudo está interligado a 12 figuras expressivas que são focalizadas neste livro, como fundamentos, magias, mirongas, mandingas, banhos, federações, cursos, entidades, cerimônias e segmentos.

As SETE LINHAS DE UMBANDA A Religião dos Mistérios Rubens Saraceni

As Sete Linhas de Umbanda permite ao leitor conhecer as minúcias dos mistérios dos sagrados Orixás. Por meio das revelações dos Mestres da Luz, Rubens Saraceni traz em uma linguagem clara e objetiva uma abordagem inovadora a respeito das linhas que atuam no Ritual de Umbanda Sagrada.

DOUTRINA E TEOLOGIA DE UMBANDA SAGRADA

A Religião dos Mistérios — Um Hino de Amor à

Vida

Rubens Saraceni

Esta obra desempenha a função de um manual que traz um verdadeiro curso para os umbandistas e simpatizantes da Umbanda. Tem por objetivo despertar os umbandistas para que desenvolvam uma consciência religiosa verdadeiramente de Umbanda e totalmente calcada em conceitos próprios.

gatai